

LÚCIA FALCÃO BARBOSA

O CASTELO DE ALECRIM:

INTELECTUAIS NO RECIFE, EM 21 DE ABRIL DE 1960

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Antonio Paulo de Moraes Rezende

Programa de Pós-Graduação em História da UFPE
Recife
2005

Barbosa, Lúcia Falcão

O castelo de Alecrim : intelectuais no Recife, em 21 de abril de 1960 / Lúcia Falcão Barbosa. – Recife :

O Autor, 2005.

340 folhas : il., fig.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2005.

Inclui bibliografia.

1. História – História cultural. 2. Historiografia –Projeto ético-estético, Recife (PE). 3. Intelectuais e artistas – Período pré-golpe militar – Projetos de cidadania – República moderna. 4. Personagens de obras literárias – Década de 50 – Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna e Osman Lins – Projetos de cidadania – Arquétipos. 5. Fundação de Brasília (21 de abril, 1960) – Ideal nacional desenvolvimentista –Movimentos políticos-culturais – Intelectuais do Recife. I. Título.

930.85

907.08631

CDU (2.ed.)

CDD (22.ed.)

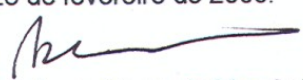
UFPE

BC2005-235

ATA DA DEFESA DA TESE DA ALUNA LÚCIA FALCÃO BARBOSA

Às 14:00 h do dia 28 (vinte e oito) de fevereiro de 2005 (dois mil e cinco), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pela aluna **Lúcia Falcão Barbosa** intitulada "**O Castelo de Alecrim: Intelectuais no Recife, em 21 de Abril de 1960**", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "**APROVADA COM DISTINÇÃO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Antonio Paulo de Moraes Rezende (Orientador), Antonio Torres Montenegro, Lourival de Holanda Barros, José Batista Neto, Geraldo Barroso Filho. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Assistente em Administração Marta Lopes Gomes, para os devidos efeitos legais.

Recife, 28 de fevereiro de 2005.



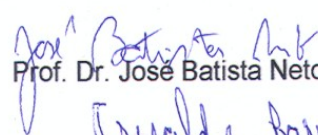
Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende



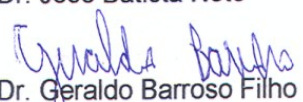
Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro



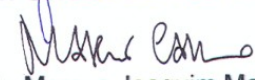
Prof. Dr. Lourival de Holanda Barros



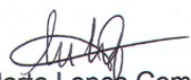
Prof. Dr. José Batista Neto



Prof. Dr. Geraldo Barroso Filho



Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho



Marta Lopes Gomes

Dedico essa história, hoje aqui narrada, à minha primeira contadora de histórias — engraçadas, bizarras, tristes, misteriosas, aventureiras... Como a história de uma menina que vivia sua vida numa redoma de vidro. Ou de outra menina que, de tão pobrezinha, havia adquirido o dom de se alimentar do hálito de café das amigas de escola. A história de um amor que apenas dormindo se realizava. Ou de embaixadores vindos de uma outra galáxia onde um Príncipe de Cabelos de Fogo pleiteava o amor de sua amada do Planeta de Terra e Água. Havia também as histórias do mundo cotidiano: das formigas que viviam sob os tacos de madeira de nossa casa. A história do sol e do Universo. Eu custava a lhe acreditar quando contava que ficávamos em pé sobre e não sob a terra sem cair no espaço. E ela, incansável, me explicava, re-explicava. Mas, cedo, muito cedo, tão cedo ainda, foi-se minha contadora de histórias. Deixou-me só; com a lembrança do seu sorriso e de seus olhos azuis que mudavam de tonalidade de acordo com a luz das manhãs. E a redoma se quebrou, e o mundo se partiu como uma casca vazia, de onde surgiu uma realidade menos azul, menos afetuosa, acinzentada. Entretanto, como as histórias nunca se acabam e tantos rastros se entrecruzam, outros olhos surgiram: negros, cinzentos, verdes, azulados, castanhos... Olhos amigos que, num mundo de muitas noites, são como lumes que vagam e clareiam meus caminhos. A todos esses olhos, luminares perpétuos, eu humildemente dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador e amigo **Antonio Paulo Rezende**. Pela orientação baseada no respeito à autonomia de seus orientandos. Pela paciência diante de meu peculiar ritmo de trabalho: cosendo e descosendo idéias, primando pelo inesperado, brincando entre caos e ordem. E pela confiança depositada em mim, apesar de tudo. Antonio Paulo é um dos raros acadêmicos que conheço que são realmente capazes de demonstrar — na prática da sala de aula — o que apregoam em teoria.

Aos meus entrevistados que, gentilmente, se dispuseram a contar-me a história de suas vidas, seus sentimentos, impressões, seus roteiros pela cidade, seus sonhos. Obrigada por compartilharem comigo — e com os personagens dessa tese — fragmentos das suas memórias. Muito obrigada a **Epitácio Vieira** e **Marluce Souza Leão, João Lopes** e **Jarbas Araújo**. Obrigada pela confiança, pela disponibilidade, pela solicitude e por toda a poesia, alma e carne que emprestam aos personagens hoje aqui narrados.

Ao corpo de professores do Curso de Doutorado em História. Sobretudo, aos professores **Montenegro** e **Durval** que, juntamente com Antonio Paulo, primam pela discussão franca, consistente e ousada acerca das teorias e fazeres da Historiografia.

Agradeço aos professores **Batista** e **Lourival** que participaram da minha banca de qualificação e contribuíram enormemente para a realização desse trabalho; se não fornecendo elementos para a restauração do meu *bom senso* — tarefa Hercúlea —, entretanto oferecendo lenitivos que garantiram o *élan* e o prazer em continuá-lo. Suas pontuações, seus questionamentos, suas solitudes, sem perder a ternura, foram fundamentais para que eu me sentisse fortalecida. Muito obrigada pela delicadeza aliada à consistência e ao rigor — mistura rara no ambiente acadêmico.

Ao **CNPq**, que me adjudicou uma bolsa de estudos, durante quatro anos.

Às funcionárias e pesquisadoras **Rosi** e **Graziela**, do Acervo Iconográfico da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife, pela sua diligência, bem como às bibliotecárias da FUNDAJ e aos funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Aos amigos e colegas do Departamento de História: a **Lucas Victor Ploc**, que gentilmente surruiu todos os livros de Hermilo Borba Filho, da coleção de seu pai, para emprestar-me. A **Sylvia Couceiro** que sempre esteve à disposição de nossas necessidades, no que diz respeito ao livre acesso ao manancial de informações da Fundação Joaquim Nabuco, e sempre demonstrou incansável alegria, solidariedade e confiança no trabalho de

cada um de nós — grupo de orientandos de Antonio Paulo. A **Fabiana Bruce** que compartilhou comigo manhãs inteiras no Arquivo Público e com quem dividi merendas, idéias e sentimentos. Graças a ela, fotógrafa profissional, esta tese possui imagens do Recife de hoje e de ontem. A **Jailson Silva** amigo querido com quem compartilhei repentes e seminários, bem como a toda sua família.

A **Luís Manuel** que, solidariamente, passou madrugadas sóbres ao meu lado, configurando texto, digitalizando fotos e ajudando-me a realizar as questões *materialistas* — bem ao seu gosto — de minha tese.

Ao amigo e colega de trabalho da Faculdade Pernambucana, **Waydson Ferraz**, que salvou-me no período de finalização do doutorado — momento em que todos os imprevistos acontecem — emprestando-me a sua superpoderosa e fantástica tela plana de 17 polegadas — Uau!!!. Sou capaz de garantir que nunca, antes, enxerguei tão bem o que estava escrevendo!

A amiga **Cida** a quem, juntamente com seu companheiro **Fio Lindo**, dedico grande amizade, admiração e amor. Aliás, há alguém que deve estar sorrindo de orelha a orelha, já que essa narração de um *único* dia do ano de 1960, quando ocorreu o primeiro clássico das multidões do ano, o *seu* time, inominado, ganhou de lavada do meu Santinha. Tudo bem, eu lhe quero um bem danado ainda assim. Obrigada a ambos por todo carinho e crença que me dedicam. Sentimento mais do que recíproco.

Aos amigos **Daniel** e **Camila**, em quem deposito enorme confiança e admiração — seja por sua amizade, por sua sensibilidade no que diz respeito à discussão teórica, por sua simplicidade e delicadeza — que se dispuseram a vir num sábado à noite apenas para discutir comigo o tema de meu trabalho quando ele era apenas ainda um esboço confuso em minha mente. E que, juntamente com **Helena** e **Henrique**, e outros ainda, formam o grupo lúdico de jogadores, personagens e contadores de histórias, nas madrugadas, se não ao redor do fogo, mas ao redor de mesas, tapetes, almofadas e dados de muitas faces.

Aos amigos queridos e dulcíssimos de longa data **Miguel** e **Sandrinha** — o casal único de *papagginos* do planeta azul. A **Katinha**, amiga de todas as horas: das alegrias, das confidências, das necessidades, dos carnavais. A **Abel** que, em seu desvelo em ajudar-me, quase transferiu toda a sua biblioteca para minha casa e apresentou-me aos quadros de **Tereza Costa Rêgo**, que ilustram este trabalho. Sou grata a todas essas demonstrações de carinho.

Agradeço ao amigo e interlocutor **Artur Perrusi**, que debateu comigo, muitas vezes apenas virtualmente, outras etilicamente, desde o meu pré-projeto de Mestrado em Antropologia, até a versão final da minha tese de doutorado. Admiro o enorme respeito às diferenças que ele, sociólogo e psiquiatra, demonstra ao continuar dialogando com alguém que certa feita, em meados de 1990, escreveu-lhe que *a realidade é apenas o veículo q.s.p. de algo mais primordial que é a fantasia!* Prova cabal de sua tolerância é que ele, apesar de tudo, nunca me deu uma guia de internação. Ainda. Tenha certeza de que, ao menos para mim, o diálogo com a diferença tornou-me mais forte, menos precipitada e ainda mais curiosa. Embora não menos teimosa. Obrigada por tudo.

Agradeço a **Família Baltar** — e cito-a como um conjunto — sobretudo, por crer ter tido a sorte de entrecruzar-lhes o caminho. Algumas coisas a gente escolhe, outras recebe como dádiva. As minhas famílias, desde que nasci, foram todas assim: dádivas do destino. Eu só tenho a agradecer o presente do acolhimento, do zelo, do incentivo, da constante presteza. Agradeço, principalmente, à constância — em sua magnitude. Obrigada, **Bia e Duda, Pá e Franck, Tetê e Lula, Lucinha e Luciano**. Dedico ainda um agradecimento especial a **Tetê** pela enorme paciência e disponibilidade em ser minha interlocutora na emergência e no desespero dos minutos finais desse trabalho.

A **Susan e Teca**, amigas com quem travei um acordo — no qual encontro-me na posição de retardatária: terminarmos nossas teses. Falta pouco agora. E o fim vem acompanhado de um re-começo. Todas as dores passam, os casulos se rompem, novas auroras surgem e podemos brindar ao sol de todo dia. Obrigada por todos os elogios — superlativos e mentirosos, à bem da verdade — mas sem os quais talvez eu não tivesse terminado essa tese. Obrigada também por outros tipos de ajuda — mais pragmáticos e não menos essenciais — para a realização desse trabalho.

Agradeço ao meu irmão-por-escolha, primo-por-acaso-da-vida, **Beto**. Aos dez anos de idade, ele foi o meu professor mais genial de redação ao dar-me uma receita de escrita da qual não esqueço: 1- não usar gírias que banalizem o texto, 2- contar, do cotidiano, o que lhe há de aventuroso, 3- terminar a redação com reticências, para lhe conferir um ar de mistério. Nos nossos dez anos, sua receita funcionou para mim como um sortilégio e, ao crescer, ele tornou-se professor de literatura. Para finalizar este já longo agradecimento, contudo justo, posto que convivemos desde o berço, torno pública uma confissão: Você lembra do seu primeiro livrinho — escrito por você e seu amigo quando cursavam a terceira série primária — que desapareceu misteriosamente? Aquele em que a protagonista da

história era uma casa que se despedaçava de tristeza, do telhado às janelas, pela ausência do seu dono que se alistava numa guerra? Eu apaguei linha por linha, rasguei em vários pedaços cada uma das páginas, joguei na privada e dei descarga. Não gostei do roteiro. Sonhava, para nossas vidas, algo com mais leveza e alegria. Papel de anjo da guarda. E, como você bem sabe, todo anjo é terrível...

Agradeço às várias crianças... Ops! Melhor dizendo, aos *pré-adolescentes* de minha vida, pois eles dão-me uma razão de ser: contar-lhes histórias. Todas as que eu for capaz de imaginar. Todas as que eu me lembrar. Todas as que nós conseguirmos criar em conjunto. Agradeço à minha sobrinha e afilhada **Lara**, de **Aolarin**, o melhor talismã que há — mais poderoso que o Aurin — até mesmo para se enfrentar os perigos do pântano da tristeza, onde sucumbiu o cavalo Atrax, quando a cada passada diminuía em esperança, fazendo-o entranhar-se na escuridão lamacenta e incerta. Ela foi a minha co-orientadora desde os sete anos — quando perguntava ansiosa ao telefone: “Titia Lucinha, quantas linhas você já escreveu hoje?” Tendo exercido sua função até o final da tese, quando, aos nove anos de idade, em janeiro de 2005, ela disse-me com ares de conselho: “Tia Lucinha, você escreva logo o que está faltando e não vá mexer no que já está feito, viu? Só mexa se der tempo.” Talvez ela seja uma das pessoas no mundo que mais me conhece. Ao meu sobrinho **João Miguel**, pequenino, tonalidade amorenada de pão doce assim que sai do forno, musical e buliçoso, nascido na gestão de meu doutorado e, portanto, a quem eu contei menos histórias. Não há de ser nada: separe todos os lápis de cor, todos os papéis coloridos, todas as fantasias, os brinquedos e fantoches, os livrinhos feitos por nós, porque estou voltando! A **Marcelinho**, de **Tlincoren**, sobrinho emprestado e não menos querido, aquele que, um dia, ao pedir-me para lhe contar uma história antes de dormir, quis saber o significado da palavra sabedoria...

Enfim, a todos os nomeados e inominados, amigos e familiares, professores e funcionários que, direta ou indiretamente, compuseram o cenário deste longo trabalho de cinco anos, eu ofereço o meu agradecimento.

RESUMO

O ideário nacional desenvolvimentista permeia a década de 50 e, no dia 21 de abril de 1960, tem o seu evento-síntese que é a fundação de Brasília. Neste período, no Recife, alguns intelectuais e artistas formam uma confraria heterogênea, engajada em movimentos políticos e/ou culturais. Ela representa a emergência de uma parcela social independente do poder e da dominação econômica, manifestação da qual depende a consolidação de uma esfera pública. Este trabalho pretende pôr em discussão a prática social desses intelectuais a partir da análise de três personagens da literatura produzida por autores presentes na cena cultural da cidade do Recife: **Deodato**, sacerdote cristão da obra “Os Caminhos da Solidão”, de Hermilo Borba Filho; **Cheiroso**, dono de um teatro de mamulengos da obra “A Pena e a Lei”, de Ariano Suassuna e **Celina**, professora da obra “O Visitante”, de Osman Lins. Eles servirão como três tipos-ideais a partir dos quais serão analisadas algumas cosmovisões delineadoras de projetos de cidadania que, no Recife pré-golpe, tentam resolver a equação incerta da República Moderna: defender o bem comum numa sociedade cuja prioridade é a realização de interesses privados.

Palavras-chaves: Recife; História; Literatura; Intelectuais, Esfera Pública.

ABSTRACT

The national developing ideology is present in the whole decade 1950 and culminates in the most important event for this time that is the foundation of Brasília, on April 21st 1960. In this period, in Recife, some intellectuals and artists formed a heterogeneous group, involved in either political or cultural movements. This group represents the emergence of a social category, independent of the institutional power and economic domination – demonstration on which depends the consolidation of the public domain. This dissertation intends to discuss these intellectuals' social practices from the analyses of three characters in the literature made by authors from Recife cultural scene: **Deodato**, a Christian priest, from the romance “The loneliness ways”, written by Hermilo Borba Filho; **Cheiroso**, an owner of a glove puppet theater, from the play “The Feather and the Law” written by Ariano Suassuna; and **Celina**, a professor from the romance “The Visitor” written by Osman Lins. They will be taken as three ideal-types from which will be analyzed some cosmological views that outlines citizenship projects that, in Recife, before the coup d'état, try to solve the uncertain equation of the Modern Republic: to defend the common wealth in a society which priority is the execution of private interests.

Key-words:: Recife; History; Literature; Intellectuals, Public Domain.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1. Fachada do Ed. Sertã.	110
Fig. 2. Entrada do Ed. Sertã.	110
Fig. 3. Banca do Gasolina.	110
Fig. 4. Banca do Gasolina e seu proprietário.	110
Fig. 5. Fachada do Salão Suez.	112
Fig. 6. Detalhe da Fachada do Salão Suez.	112
Fig. 7. Propaganda de aparelho de ar condicionado.	116
Fig. 8. Uma vista parcial da Rua Augusta.	127
Fig. 9. Outra vista parcial da Rua Augusta.	127
Fig. 10. Av. Dantas Barretos e alguns sobrados antes da demolição dos mesmos.	131
Fig. 11. Av. Dantas Barretos e o prédio da AIP no lugar de alguns sobrados.	131
Fig. 12. Construção da Av. Guararapes.	132
Fig. 13. Construção da Av. Guararapes.	132
Fig. 14. Rua 24 de Maio.	138
Fig. 15. Av. Guararapes com esquina da Rua da Palma.	141
Fig. 16. Propaganda da Ericsson utilizando a inauguração de Brasília como tema.	141
Fig. 17. Vista da Av. Guararapes da Ponte Duarte Coelho.	169
Fig. 18. A Botijinha na atualidade.	183
Fig. 19. Entrada do prédio onde estava localizado o Bar Savoy.	183
Fig. 20. Vista geral do calçadão e da marquise do prédio onde estava localizado o Bar Savoy.	183
Fig. 21. Ed. Arranha-Céu da Pracinha.	186
Fig. 22. Letreiro em alto-relevo do Ed. Arranha-Céu da Pracinha.	186
Fig. 23. Esquina do Complexo Chanteclair.	189
Fig. 24. Vista Geral do Complexo Chanteclair.	189
Fig. 25. Restaurante OK.	189
Fig. 26. Prédio onde ficava o bar As Galerias.	189
Fig. 27. Letreiro do prédio da Via Western.	190
Fig. 28. Fachada do prédio da Via Western.	190
Fig. 29. Detalhe do prédio da Via Western.	190
Fig. 30. Antigos telhados do Recife.	193
Fig. 31. Vista área da Av. Dantas Barreto.	200
Fig. 32. Carnaval de rua com um caminhão servindo de corso em frente à sorveteria A Botijinha.	201
Fig. 33. Prédio da Via Western.	205
Fig. 34. Uma rua de favela e seus mocambos.	208
Fig. 35. Frente de mocambo.	208
Fig. 36. Vista geral de uma favela e de seus mocambos.	208
Fig. 37. Rua 1º de Março com a Pracinha do Diário.	212
Fig. 38. Pátio de Terço com destaque para o Cinema Ideal à direita.	212
Fig. 39. Capiba (primeiro da esquerda para direita) na inauguração do novo edifício do Banco do Brasil, em 1960.	229
Fig. 40. Saída da Rua 1º de Março.	253
Fig. 41. Pátio do Terço.	253
Fig. 42. Shopping São José.	253
Fig. 43. Exemplo de ruas estreitas e antigas do Recife	254
Fig. 44. Casas antigas do Recife.	254

Fig. 45. Estacionamento onde funcionava uma casa de recurso ao lado do Cinema Ideal.	254
Fig. 46. Farmácia Homeopática Dr. Sabino Pinho.	256
Fig. 47. Casa de livros evangélicos no local onde funcionava o Cinema Ideal de Segunda.	256
Fig. 48. Localidade onde estava situada a casa de cômodos da Rua do Alecrim.	256
Fig. 49. Trecho da Av. Dantas Barreto na atualidade.	257
Fig. 50. Trecho final, em curva, da Rua 24 de Maio.	257
Fig. 51. Rua 24 de Maio, tendo ao fundo o cruzamento com a Travessa do Falcão que segue até a Igreja do Carmo.	257
Fig. 52. Rua 24 de Maio na direção da Rua Marquês de Herval.	258
Fig. 53. Final da Rua 24 de Maio com Igreja aos fundos.	258
Fig. 54. Rua Marquês de Herval.	259
Fig. 55. Rua da Palma, finalizando na Av. Guararapes.	259
Fig. 56. Mapa do bairro de São José, Recife, desenhado por Jarbas Araújo de acordo com as suas memórias.	261
Fig. 57. Passista no carnaval de rua do Recife.	267
Fig. 58. Multidão no carnaval de rua do Recife.	267
Fig. 59. Faculdade de Direito do Recife.	277
Fig. 60. Parque 13 de Maio.	277
Fig. 61. Foto que inspirou a marchinha carnavalesca <i>Me dá um dinheiro aí</i> .	284
Fig. 62. Mascarados no carnaval de Recife.	284
Fig. 63. Cinema São Luiz.	300
Fig. 64. Cinema Império.	300
Fig. 65. Cinema Boa Vista.	301
Fig. 66. Cinema Glória.	301
Fig. 67. Estrada de acesso ao Horto de Dois Irmãos.	304
Fig. 68. Açude do Horto de Dois Irmãos.	304
Fig. 69. Cisne à beira do açude do Horto de Dois Irmãos.	304
Fig. 70. Vista da Rua da Aurora.	308
Fig. 71. Vista da Rua da Aurora a partir da Rua do Sol.	308
Fig. 72. Vista noturna do Rio Capibaribe.	315

BIBLIOTECAS E ACERVOS DE PESQUISA

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

Biblioteca Central da UFPE

Biblioteca do Centro de Ciências Sociais da UFPE

Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Biblioteca do Centro de Artes e Comunicação

Museu da Cidade do Recife

Fundação Joaquim Nabuco

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
RESUMÉ	X
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	XI
BIBLIOTECAS E ACERVOS DE PESQUISA	XIII
APRESENTAÇÃO	
TRÊS ATORES, UMA AUTORA, ALGUNS RECIFES	16
INTRODUÇÃO	22
1. EM BUSCA DE UM PROJETO DE NARRATIVA HISTÓRICA	22
2. ELABORANDO PERSONAGENS	31
2.1. PADRE DEODATO – AIRÔN	31
2.2. CHEIROSO – JUCA	35
2.3. CELINA – ELEUTÉRIO	39
CAPÍTULO I – IN LUDERE	45
1.1. FABRICANDO UM PROJETO ÉTICO-ESTÉTICO DE HISTORIOGRAFIA	46
1.1.1. A EPISTEME MODERNA E A NARRATIVA HISTÓRICA	46
1.1.2. ALGUNS PARADIGMAS DA HISTORIOGRAFIA	52
1.2. FABRICANDO CONCEITOS	64
1.2.1. ESPAÇO PÚBLICO E CULTURA POLÍTICA	64
1.2.2. INTELECTUAIS/ARTISTAS: VOCAÇÃO E TRANSGRESSÃO	75
1.2.3. TRANSGRESSÃO E PROJETOS DE CIDADANIA	81
1.3. FABRICANDO UM CONTEXTO	90
CAPÍTULO II – ÁGAPE	
INTERLUDIUM 1	105
2.1. AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM	113
2.2. CIRCULANDO PELA CIDADE A CAMINHO DO TRABALHO	128
2.3. RINS AO MOLHO DE CERVEJA NO OFIR, DA RUA DA AURORA	150
2.4. PÔR DO SOL NO CAPIBARIBE E POLÍTICA NA RUA DA GUIA	166
CAPÍTULO III – AETERNITAS	
INTERLUDIUM 2	181
3.1. AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM	191
3.2. NOVO AMANHECER E FUTEBOL NO ESTÁDIO ADELMAIR DA COSTA CARVALHO	218
3.3. ANOITECER BOÊMIO	235

CAPÍTULO IV – EPHEMÉRIDES	
INTERLUDIUM 3	252
4.1. AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM	262
4.2. OUTROS AMANHECERES E BUMBA-MEU-BOI EM SANTO AMARO	285
4.3. PROCURANDO CAMINHOS	297
4.4. ALGUNS REENCONTROS	307
4.5. ANOITECER NO CASTELO DE ALECRIM	313
CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO IMAGENS	326
FONTES E BIBLIOGRAFIA	331

APRESENTAÇÃO

TRÊS ATORES, UMA AUTORA, ALGUNS RECIFES

Recife, 21 de abril de 1960. O dia amanhece. Os bordões dos vendedores ambulantes tornam musical o tempo nas ruas de nomes poéticos: rua do Sol, do Alecrim, da Aurora, das Águas Verdes. Os estudantes agitam-se em suas pensões. A perspectiva do primeiro clássico das multidões do ano, entre Esporte e Santa Cruz, anima as discussões no Café Nicola. *Manchete* grita as notícias de jornal enquanto percorre a Avenida Guararapes. *Marciolino* vende seus jornais do sul na Rua da Palma. E a cerveja corre solta na esquina da liberdade, no Savoi e em outros pontos de encontro em que intelectuais e artistas comentam a inauguração de Brasília; o bônus *bs* do projeto de *Cid Sampaio* para o desenvolvimento de Pernambuco; o sucesso das palestras de *Francisco Julião*, sobre as Ligas Camponesas, no Rio de Janeiro, para o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e algumas favelas cariocas, e os planos de um movimento de cultura popular para alfabetização de adultos proposto pela gestão de Arraes na prefeitura do Recife.

O **cenário** desta narrativa, devidamente anunciado, é a cidade do Recife. Contudo, o olhar recai sobre os bairros de São José, Santo Antônio, Boa Vista e o centro antigo. Sobre as artérias do Recife boêmio que se estendem num gigantesco “*quartirão madrugador*” até a praça Sérgio Loreto¹, cobrindo Santo Antônio e São José, “*de ruas de casas juntas, cariadas, mas de pé*” e “*de classe média arruinada, mas de gravata e até missa aos*

¹ **Diário de Pernambuco**, 02 de outubro de 1973, p. 03, 1º Caderno.

domingos, pois é bom ter alguma fe²”. Sobre a cidade sinuosa de ruas estreitas que guardam igrejas, pátios, bares e um mar de telhados banhado pelo luar que sobe do cais, onde dormem as “*alvarengas*³”. Um espaço de convivência entre os “*pecados diurnos e os noturnos pecados*⁴”: os bancos, a Associação Comercial, a Câmara Municipal, a zona de prostituição, as pensões, as casas de cômodo, os velhos sobrados, os trotes da faculdade de medicina e engenharia.

O **momento histórico**, 21 de abril de 1960, delimita o dia de fundação de Brasília — acontecimento que representa a realização da ideologia nacional-desenvolvimentista defendida pelos ideólogos do ISEB, durante a década de 50 — e a transição entre as décadas de 50 e 60, em que a existência de movimentos político-culturais, sobretudo, nos centros urbanos — como o CPC, UNE, MCP etc. — conferiram um clima de profetismo e vanguarda, de vibração **estético-política**, a toda uma ala de intelectuais e artistas, e foram capazes de suscitar esperança e admiração junto à intelectualidade do *primeiro mundo*, à qual esses movimentos teriam parecido um espetáculo de audácia, improvisação e força, dando a impressão de inventarem um caminho original, melhor que o *capitalismo* ou o *comunismo* (SCHWARZ, 1987: 127).

Os **atores sociais** desta história em particular, que ora apresento, são os moradores da pensão *O Castelo*, na Rua do Alecrim, no bairro de São José: “*Na Rua do Alecrim, n° 75, esquina com a Passo da Pátria, no bairro de São José, funcionava, no 2° andar, em cima de uma casa comercial, O Castelo, pensão que diferia das demais por ser uma espécie de república nos moldes das tradicionais repúblicas estudantis. Cerca de 10 rapazes, solteiros, comerciários, bancários e estudantes, reunidos, mantinham, como um condomínio informal, o imóvel alugado para moradia.*” (PARAÍSO, 2003 A: 235). A pensão *O Castelo* funciona entre o início da década de 50 e o início de 70, momento em que a Rua do Alecrim desaparece do mapa com a ampliação da Avenida Dantas Barreto, obra levada a termo em 1973, em nome do progresso, na gestão de Augusto Lucena⁵.

Entretanto, é dia 21 de abril de 1960, e a Dantas Barreto começa na Praça da República e chega apenas até o Pátio da Igreja do Carmo. As ruas do Alecrim e Augusta

² PENA FILHO, 1999: 139. **Guia Prático da Cidade do Recife.**

³ CARDOZO, 1947: 15. **As Alvarengas.**

⁴ PENA FILHO, 1999: 139. **Guia Prático da Cidade do Recife.**

⁵ **Diário de Pernambuco**, 14 de maio de 1973, p. 04, Primeiro Caderno, reportagem de Maria Luíza Rolin: “Dantas Barreto, o novo caminho para o sul”. Esta obra faz com que sumam ainda da paróquia de São José, as Ruas Augusta e Dias Cardoso. No Alecrim, 33 casas foram demolidas. Na Augusta, 66, e na Dias Cardoso, 19; na Peixoto e na São João, uma em cada.

seguem paralelas e estreitas até a praça Sérgio Loreto⁶. E, no *Castelo*, alguns rapazes preparam-se para aproveitar o feriado nacional dedicado às festividades e cerimoniais em homenagem à fundação de Brasília. Três deles são os mestres de cerimônia da nossa discussão. Entretanto, não quero enganá-lo, leitor: não os entrevistei ou conversei com seus familiares. Apenas os suponho. Sua compleição, nesta narrativa, advém de personagens da literatura produzida por autores presentes na cena cultural da cidade do Recife, na década de 50: **Deodato**, sacerdote cristão da obra “Os caminhos da Solidão”, de Hermilo Borba Filho (BORBA FILHO, 1987), **Cheiroso**, dono de um teatro de mamulengos da obra “A pena e a lei”, de Ariano Suassuna (SUASSUNA, 1985) e **Celina**, professora da obra “O Visitante”, de Osman Lins (LINS, 1955). Estas personagens emprestam aos três moradores da pensão *O Castelo*, aqui supostos, as suas estratégias de percepção do universo social, político e cultural em torno de si. Suas *apercepções* são acrescidas de fragmentos de autobiografias e biografias, artigos de jornais e entrevistas com intelectuais que vivenciaram esse momento histórico.

Ao escolher esse caminho, parto do princípio que as categorias de apreensão do mundo — como o tempo, o espaço e o sentido de finalidade — são componentes essenciais do imaginário social. O tempo, o espaço, a causalidade, a mudança, o número, a relação entre o mundo sensível e o mundo supra-sensível, do particular e o geral, do destino, da liberdade etc., ocupam um lugar de primeiro plano no modelo de mundo que caracteriza esta ou aquela cultura (GOUREVITCH, 1975: 263). O modo de percepção destas categorias revela tendências da sociedade e das classes, grupos e indivíduos que a compõem. Então, se podemos considerar a cultura como uma espécie de segunda natureza do homem, torna-se importante verificar os modos de percepção da formação das sensibilidades inerentes às culturas para se compreender um tipo historicamente particular de personalidade humana (GOUREVITCH, 1975: 263).

Embora você não conheça dos nossos pensionistas detalhes, como a cor de seus olhos e o cheiro de seus cabelos, não podemos deixá-los de todo nus: devemos, ao menos, conferir-lhes um nome. Eles serão **Airôn**, **Juca**, e **Eleutério** e representarão, respectivamente, Padre Deodato, Cheiroso e uma versão masculina de Celina. Estes talvez soem nomes um pouco estranhos. Contudo, eu peço que você, leitor, seja complacente e

⁶ Segundo Vanildo Bezerra Cavalcanti, a **Rua do Alecrim** seguia da Praça Sérgio Loreto até a Rua Passo da Pátria. A partir da Rua Passo da Pátria, como um prolongamento da Rua do Alecrim, a rua passava a ser denominada como **Rua Dias Cardoso**. Paralela a **Rua do Alecrim** e a **Rua Dias Cardoso** havia a **Rua Augusta**. CAVALCANTI, 1977: 221.

imagine-os como nomes/projetos. **Airôn** (aiôn) exprime, ao mesmo tempo, a eternidade considerada como tempo ilimitado e o tempo histórico visto como tempo limitado⁷. Juca é derivado de **jocus**, cujo sentido específico, gracejar, troçar, foi ampliado para o de jogo em geral⁸. **Eleutherius** significa aquele que é livre⁹. Eles representam três *tipos* ou *arquétipos* a partir dos quais farei a minha discussão acerca das *outras* personagens: aquelas que atuaram na cidade do Recife no período estudado.

A partir da *simulação* da vivência desse dia, pretendo problematizar um momento histórico em que movimentos culturais e/ou políticos tentam resolver a equação incerta da *república moderna*: defender o bem comum numa sociedade cuja prioridade é a realização de interesses privados. A pensão de estudantes e o bairro de São José representam um espaço da cidade aonde *circula* grande parte da classe média intelectualizada do Recife. O padre, o dono de um teatro de mamulengos e a professora, bem como os estudantes que aqui ganham vida, atores e personagens, representam a *emergência* de uma parcela social independente do poder e do exercício direto da dominação econômica, emergência esta da qual depende a consolidação da vida pública, e que acaba por colocar em xeque o domínio político tradicional, conferindo-lhe feições modernas (LAVALLE, 2004: 34). A minha proposta é que encarnemos essas personagens no dia que amanhece, confrontemo-las com os problemas e situações ocorridos nesse longínquo 21 de abril de 1960, explicitemos suas práticas sociais – suas sensibilidades, suas discussões, seus projetos, seus espaços de afetividade, a constituição de sua legitimidade enquanto cidadãos intelectuais e artistas formadores de opinião pública etc. –, e vejamos quais seriam as posturas políticas, humanas, éticas e estéticas, correspondentes.

Escolhi, dessa forma, pôr em discussão uma década de aparente esperança na cidade do Recife. Numa perspectiva em particular, que já pôde ser percebida pelo leitor paciente e atento: a dos intelectuais que julgavam ser responsáveis pelo *destino* ou pelo *futuro* da vida da cidade, no emaranhado ambiente boêmio, político e artístico reinante no Recife em fins da década de 50. Não pretendo falar em nome de uma *intelectualidade brasileira*, embora não me exima de dialogar com autores que o fizeram, nem tampouco pretenda perder de vista outras discussões teóricas que permitam a compreensão do intelectual que atua no Recife, contextualizando-o no Brasil e no mundo ocidental moderno. Só que esse diálogo deverá partir da peculiaridade da intelectualidade que atua no Recife, da sua prática social,

⁷ PATTARO, 1975: 204.

⁸ HUIZINGA, 1996: 42.

⁹ SANTNER, 1997: 187.

das suas obras e do discurso sobre uma identidade nordestina; bem como do ambiente boêmio, político e cultural da cidade, e da especificidade do momento político pelo qual passa o estado. Isso não significa dizer que eu vá fazer necessariamente um elogio aos intelectuais e artistas que atuaram na cidade antes do golpe de 1964. Tampouco criticá-los. Meu exercício aqui será tentar compreendê-los e situá-los.

Na **introdução**, procuro apresentar ao leitor os motivos, bem como os referenciais teóricos, que me levaram à escolha de um projeto ético-estético na elaboração dessa narrativa histórica que pretende proporcionar uma certa compreensão das práticas sociais dos intelectuais, no Recife, em fins da década de 50, a partir da simulação de um dia no cotidiano da cidade. No **primeiro capítulo**, coloco em jogo alguns conceitos-chaves utilizados no desenvolvimento deste trabalho: o conceito de história, de esfera pública e cultura política, de intelectualidade, bem como elaboro um contexto onde são apresentados, ao leitor, alguns movimentos dos quais tomam parte intelectuais e artistas, no período estudado. Os três capítulos subsequentes apresentarão a vivência do dia 21 de abril de 1960 na perspectiva desses três estudantes e amigos que dividem a mesma pensão no bairro de São José.

No **segundo capítulo**, a cidade apresenta-se na perspectiva de **Airôn**, jovem que terminou o curso de desenho industrial na Escola Técnica e trabalha para um escritório de arquitetura, na Avenida Guararapes. Nas horas vagas, ocupa-se com a decifração da aurora: o momento preciso em que a noite cede lugar ao dia. Bem como anda obcecado com a resolução de escrever uma autobiografia que abone o seu ingresso no Partido Comunista. Para tanto, tenta postular a conduta moral condizente a um espírito-de-partido. O **terceiro capítulo** apresenta o Recife de **Juca**, que se arrasta sofrivelmente no curso de Direito da Faculdade de Direito do Recife, do qual almeja apenas o diploma, pois tem o futuro garantido: é funcionário recém concursado do Banco do Brasil, no Recife Velho — ponto obrigatório para as mocinhas casadouras que observam os rapazes bons-partidos, charmosos nos seus terno-e-gravata, à saída do trabalho¹⁰. Além disso, ele gosta de escrever peças para teatro e desenha-se, em sua mente, um projeto arrojado: elaborar uma Obra Perfeita que consiga guardar a essência da cultura autêntica do povo, do mangue, que, no silêncio da noite, rumoreja, asperge e reclama o seu espaço na cidade. O mestre de cerimônias do **quarto capítulo** é **Eleutério**. Ele trabalha como escriturário na secretaria do colégio Ginásio Pernambucano, na rua da Aurora, e estuda artes dramáticas. Aficionado

¹⁰ BARBOSA, Lourenço da Fonseca. **Capiba**. O livro das ocorrências. Recife: FUNDARPE, 1985.

pelo retrato sem rosto de sua mãe, morta não muito depois do seu nascimento, teme que o mundo desbote em igual proporção: sem herança e sem sentido.

Mas essas são meras antecipações e, como tais, trazem-me o risco de dar-lhe a impressão de seguir um capricho metodológico gratuita e levianamente arriscado. Imagino você, leitor, dizendo de si para si: “- Ora, esses *tipos* ou *arquétipos* apresentados cairão com a gravidade de uma camisa-de-força sobre qualquer análise. Afinal, a personalidade do *homo sapiens sapiens* é um estado em construção e os *tipos* apresentados possuem qualidades que eventual e cotidianamente se misturam!” – Não lhe tiro a razão, sensato leitor. Mas lembro-lhe que esta é uma construção intelectual e, como tal, arbitrária – no sentido de tratar-se de uma elaboração segundo o arbítrio da autora que ora lhe fala. Os *tipos* apresentados tão somente representam três *sensibilidades* e *mundivisões* oferecidas por literatos presentes no *cenáculo* cultural do Recife, no período estudado, e servem como base para minha discussão acerca da prática social dos intelectuais e artistas que o compõem.

Peço-lhe, dessa forma, que me perdoe a antecipação e que, por sua vez, você não faça um julgamento apressado. A pressa é o mal dos fanáticos e elimina a possibilidade do afeto, da simpatia e do zelo. Tomemos, eu e você, como medida o mistério do mundo visível: perceba que o dia vagarosamente amanhece. Os dedos claros da aurora alcançam telhados que se confundem. Os ventos tangem os bordões dos vendedores ambulantes. Nas pensões, os estudantes desfolham suas janelas. Eu convido-o, leitor, a seguir-me por este caminho e vislumbrar um Recife em particular – ou melhor, três Recifes – dentre outros possíveis.

INTRODUÇÃO

1. EM BUSCA DE UM PROJETO DE NARRATIVA HISTÓRICA

Como a *simulação* da vivência de um dia pode tornar viável a compreensão das práticas sociais de um grupo de intelectuais e artistas num dado momento histórico? Como a compleição de três personagens, elaboradas na década de 50, por escritores presentes no cenáculo cultural da cidade do Recife, pode ajudar-nos a recompor este dia? Quais as bases e o alcance dessa recomposição? A forma escolhida para o desenvolvimento dessa narrativa teve como uma de suas motivações a tentativa de juntar sujeitos e objetos: ruas estreitas e sinuosas, pensionistas, sonhos e sonhadores, bares, poesia, discurso político, ações, futebol... Para tanto, escolhi partir da perspectiva de três estudantes da pensão *O Castelo*, situada na Rua do Alecrim, no bairro de São José: para que questões mezinhas e minuciosas do cotidiano fizessem parte desse exercício intelectual que é o desenvolvimento de um trabalho acadêmico.

Eu gostaria de, desde já, acordar com o leitor o projeto que constitui a base deste trabalho. Ao fabricá-lo, servi-me de alguns autores e obras como inspiração e referência. De cada uma dessas obras, retirei uma contribuição para constituição da minha narrativa, bem como algumas indicações de trabalho para com os vestígios¹¹ escolhidos para análise. A partir delas, infiro que é possível num trabalho historiográfico: **1)** Perfazer uma memória das sensibilidades e da formação das emoções a partir do lugar da cultura (BENJAMIN, 1985); **2)** Analisar pequenos acontecimentos de um único dia, como a ponta de um iceberg — onde as latências do acontecimento sirvam de vestígio (DUBY, 1993); **3)** Partir de expressões plurais sobre o mesmo tema, em que os indivíduos dissolvam-se em nome de

¹¹ Do latim **vestigiu**. Tem o sentido de sinal, rastro, pegada — qualquer indício de presença ou atividade. HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Novo Aurélio** — século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM. Versão Eletrônica 3.0.

uma memória coletiva, sem com isto maquiarmos a fragmentação das vozes, das posturas e dos gestos (ENZENSBERGER, 1987); 4) Utilizar a combinação entre literatura e história para promover a compreensão de processos históricos, onde a história seja apresentada como contos de vidas concretas (WILLIAMS, 1991).

O leitor solícito poderia objetar – e a solicitude é uma virtude à qual não podemos fazer ouvidos moucos – que estes são autores de sensibilidades teóricas suficientemente heterogêneas para que se possa juntá-los numa mesma proposta de trabalho sem que sua aplicabilidade teórico-metodológica pareça um bicho de sete cabeças ou, como é o caso, apenas um de quatro. Em minha defesa, teria a dizer que me importa, mais do que as diferenças que os separam, o que eu suspeito-lhes de comum. Eles exercitam, cada um a seu modo, uma **nova** forma de narrar a história. No texto de Benjamin, a narrativa histórica não é *cronológica*, pois parte da perspectiva intimista da memória¹². Enzensberger, por sua vez, constrói uma história do movimento anarquista espanhol a partir das memórias coletivas acerca de Durruti. Enquanto Williams cria uma saga literária do povo galês – da pré-história à invasão romana – como uma espécie de memória coletiva que subjaz à sombra das montanhas negras. Duby, que é contra as chamadas grandes narrativas explicativas, faz a história da lembrança de um acontecimento, pois: “*um acontecimento só existe pelo que dele se diz*”, ele “*é fabricado por aqueles que difundem a sua notoriedade*” (DUBY, 1993: 12).

São, de fato, bastante heterogêneas essas quatro historiografias. Mas veja, leitor, que Benjamin constrói sua narrativa através da observação da história e da temporalidade que se encontram concentradas nos objetos que fizeram parte da vida do narrador; dessa forma, essa memória vai além do sujeito, pois é atravessada pelo coletivo. Benjamin traça sua memória da cidade a partir dos cheiros, sabores, texturas e imagens do cotidiano. Os objetos e lugares — o desenho adivinhado no fundo do prato de sopa, o recanto úmido e escondido da lontra no zoológico, o trinco da porta, a pedra no cinto de sua mãe, a miniatura da mina de carvão no globo de vidro — são detalhes cotidianos nos quais Benjamin compreende uma significação histórica: a vida entre classes sociais distintas a partir da interdição de espaços da cidade, a necessidade burguesa de proteção e segurança, a ânsia de duração como uma certa experiência do tempo (BOLLE, 1984: 15). Ou seja, o

¹² Ao escrever sobre sua infância berlinense, Benjamin fala do passado a partir do lugar do presente: ele dedicou a seu filho uma memória da cidade antes que ela fosse destruída pela guerra. Isto delineia um projeto de historiografia: a transmissão de um patrimônio, a construção de um elo de continuidade de uma geração para outra (BOLLE, 1984: 12).

autor não fala apenas para lembrar de si, sua memória é ao mesmo tempo pessoal e coletiva. Dessa forma, o autor *restitui* a dimensão humana de cada objeto com o qual convive; devolve a eles uma memória: eles são produtos do trabalho, das relações e dos sonhos humanos. A memória coletiva também é a preocupação de Williams — seu projeto de historiografia trata da *simulação* de uma memória justamente para conseguir restituí-la enquanto conhecimento. A *construção* dessa memória é a preocupação de Enzensberger. Enquanto a problematização da memória que é construída coletivamente é a característica do projeto de Duby. Apesar dos diferentes objetos e metodologias, esses autores parecem ter algo em comum, uma certa solidariedade: eles distanciam a história da *ciência experimental*, que busca leis gerais verificáveis, e aproximam-na de uma *ciência interpretativa*, à procura de significados (GEERTZ, 1989: 316-318).

Assim, a historiografia aparenta aproximar-se de uma *hermenêutica* em busca de elaborar uma interpretação dos *processos históricos* que alimentam os acontecimentos, as experiências humanas, ou a memória. Todos os autores escolhidos fazem uma espécie de etnografia, onde buscam *situar* o outro (o objeto de sua análise) e atentar para o seu *comportamento*. A função interpretativa coloca uma situação à parte, no curso ordinário da vida, ergue-a dos assuntos cotidianos e cerca-a de uma aura de importância maior (GEERTZ, 1989: 315). A *verdade verificável*, em todos os casos apresentados, importa menos do que a *compreensão*: quer do passado berlinense, quer da memória de Bouvines, do romance das Montanhas Negras ou da vida do operário anarquista Buenaventura Durruti. E é neste sentido que os tomo: não pretendo aplicar as suas metodologias ou teorias diretamente neste trabalho, mas me inspirar em sua sensibilidade para compreender o meu tema de pesquisa.

O final da década de 50, na cidade do Recife, é cenário de vários movimentos político-culturais. Essas *inquietações* intelectuais modernas encontram-se, desde o final do século XIX até meados do século XX, em vários *cenáculos*¹³ urbanos — no Brasil e no mundo, o oásis espiritual de uma confraria heterogênea que busca, através de *valores culturais* e *sociais autênticos* — como a poesia, a arte, o humanismo, a solidariedade, a amizade, a boemia —, contrapor-se à *sociedade burguesa* — de *valores mercantis, desumanos* e *corruptos*. Ao final do século XX, esses *cenáculos* começam a desaparecer

¹³ Do latim **coenaculu**. Tem o sentido de um ajuntamento de indivíduos que professam as mesmas idéias ou visam a um mesmo fim. HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Novo Aurélio** — século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM. Versão Eletrônica 3.0.

ou a desempenhar um papel secundário, sendo substituídos por estruturas ou instituições mais políticas e de massa (LOWY, 1979: 246/247).

Parece que o *antiliberalismo* — tanto da chamada *crítica cultural do capitalismo* quanto da *práxis revolucionária do proletariado* — representa um engajamento em nome de um valor transindividual, em nome da esperança de uma **nova cultura autêntica**, da harmonia orgânica com o ser social. São reações diante da **condição moderna**: da dissolução da **cola social** que supostamente unia de forma mais eficaz as *comunidades não modernas*; da solidão e do isolamento dos indivíduos em meio à multidão, pois os símbolos de pertencimento estariam apoiados em relações abstratas e impessoais que transformariam o outro num desconhecido e, no extremo, resultaria em perda da identidade pessoal. Enfim, são respostas diante de uma *inquietação* que gera, para usarmos um termo de Paulo Cavalcanti — advogado, intelectual, membro do Partido Comunista, atuante em Pernambuco no período pré-golpe —, *ímpetus de inconformismo e rebeldia*¹⁴.

Nesse sentido, julgo ser possível inferir que: 1) se uma dada percepção do tempo é a base de um leque específico de lógicas causais; 2) se a *epistème* moderna coloca tudo na história — ou seja, mesmo que sobrevivam outras experiências temporais, como a circularidade dos rituais religiosos, o tempo progressivo e irreversível prevalece como principal cenário das vivências humanas; 3) se o sentimento histórico (a impressão do tempo que se esvai) traz um sentido de virtualidade — de teleologia, de projeção para o futuro — que sustenta a idéia de progresso; 4) se o progresso é associado a um conceito de valor: mudança para o melhor; 5) se a cultura modernista¹⁵, por sua característica plural, histórica, em movimento, debruçada sobre si mesma, de olho no outro, inclui entre os seus paradigmas o conceito de **crise**; 6) se o *status* de **intelectual** é-lhe conferido pela consciência do vir-a-ser, pelo ato de produzir consciência e ação sobre o real, pela sua capacidade de intérprete da cultura — o que termina por conferir-lhe uma legitimidade como porta-voz da esfera pública —, então é possível dizer que este *vir-a-ser* está

¹⁴ CAVALCANTI, 1978:107. Mesmo ilegal, o PCB continuou atuante em Pernambuco; seus afiliados, como Paulo Cavalcanti, garantiram sua elegibilidade através de partidos de fachada e mesmo o seu apoio era procurado nas eleições mais disputadas, onde serviam de fiel da balança — graças à sua entrada em grupos do eleitorado urbano.

¹⁵ Frederick Kalr usa o termo cultura modernista para se referir ao momento em que o modernismo pode ser compreendido num sentido muito mais amplo do que apenas um movimento literário, mas passa a denotar um modo de vida: instaura um turbilhão de idéias e novas sensibilidades (KALR, 1988: 26). Mesmo que a idéia do moderno tenha sido percebida em várias sociedades como, por exemplo, pelos antigos gregos (em Platão e nos autores trágicos), antes da modernidade o moderno era um elemento isolado que poderia ser assimilável com segurança a unidades mais amplas do pensamento tradicional. O moderno, como um fenômeno que engloba tudo, seria uma característica de nossa própria época.

relacionado à um projeto de realização que implica na suposição da *melhor sociedade* e do *melhor homem*; e que esta *realização* remete a um dado projeto de *felicidade* (no sentido de uma realização positiva). Seja esta uma busca possível — a realizar-se pela *técnica*, pela *revolução*, pela *política*, pela *solidariedade*, pela *cultura*, seja ela coletiva ou individual, ou ainda um referencial inatingível, perdido nas sombras do passado.

Poderíamos nos perguntar, então, qual o modelo ideal de *melhor sociedade* que embasa as práticas dos intelectuais no Recife da década de 50? Diante desta questão, você, leitor, com toda a razão, poderia perguntar: “Mas será que este modelo *iluminista/faustiano* de consciência pode realmente ser percebido entre os intelectuais no Recife?”. Ou ainda: “Qualquer que seja esta *melhor sociedade*, ela não estará ancorada num discurso de identidade?”, “E a identidade não é uma grande narrativa que apaga as discontinuidades?”, “E esta prática não está ligada menos às *mudanças* do que à *conservação*?”... Muitas das críticas feitas tanto à *geração isebiana* de intelectuais à *brasileira*, quanto à *geração de 45*¹⁶, no Recife, e à *estética terceiro- mundista*, afirmam que a utilização da identidade nacional, ou regional, como categoria central de reflexão, encobriria as diferenças de classe e elaboraria uma ideologia unificadora que juntaria, num mesmo balaio discursivo, dominadores e dominados, vencedores e vencidos.

De acordo com esta perspectiva, a geração de 45 teria utilizado, em suas obras, uma tonalidade de revolta, porém sobre os mesmos símbolos, emblemas e sinais dos filhos saudosos da oligarquia de 30 e dos políticos que, sob o mito da necessidade, organizaram um discurso capaz de angariar dividendos financeiros e políticos da União: um nordeste miserável, o ambiente acre e avaro do sertão e suas vítimas retirantes¹⁷. Mas, dizer que o

¹⁶ Enquanto o *romance regionalista*, da chamada *geração de 30*, tematiza a região Nordeste – o coronelismo, a decadência da sociedade açucareira, o cangaço, a seca etc. –, mas o faz apresentando um Nordeste *saudosista* dos seus tempos de glória, o *romance social*, da *geração de 45*, continua utilizando os *símbolos* eleitos pelos regionalistas para representar a região Nordeste, porém problematiza a má condição de vida do povo nordestino e enfatiza a necessidade de transformação da sua realidade, além de demonstrar uma preocupação com a arquitetura calculada da narrativa. (Para este tema ver ALBUQUERQUE JR, 2001).

¹⁷ Para este tema ver CASTRO, 1992 e ALBUQUERQUE JR., 2001. Segundo Iná Castro, a *Região Nordeste* é *inventada*: trata-se da estratégia encontrada pela *periferia* político-econômica para também ditar as suas regras e fazer exigências em troca do seu apoio ao *centro*. A elite, para preservar-se no poder, teria desenvolvido *estratégias de articulação com o poder local e central* através de uma *prática discursiva* que utiliza os sertões e seus retirantes como álibi político (CASTRO, 1992: 51). Para a autora, trata-se de uma prática discursiva que não poderia ter como objetivo a *real transformação* da sociedade, pois a conservação da elite nos jogos de poder dependeria da manutenção dessas relações sociais que lhe dão sustentação. Por sua vez, Durval Muniz afirma que não seria possível para a geração de 45 dar um salto qualitativo a caminho de uma *verdadeira transformação*, pois seu discurso reproduz e aprofunda o discurso que sustenta o poder e a fortuna da classe dominante que vive da exploração da miséria. Para o autor, a transformação cultural e política apenas pode ser alcançada a partir da mudança da visibilidade e dizibilidade da *região nordeste*, pois

discurso de identidade nacional/regional é *essencialmente* conservador (ou *essencialmente* revolucionário) não encobre as *diferenças* possíveis? Há apenas um discurso de nação e região? Na prática social voluntarista dos intelectuais no Recife, de final dos anos 50, em seu discurso plural, em sua cultura política boêmia, não há também uma vivência ou uma proposta alternativa de **cidadania** — aqui pensada, sobretudo, como um projeto social, político e cultural de relação entre **indivíduo** e **sociedade** — que tenta responder às inquietações modernas?

Para apreender alguns destes modelos de sociedade/comunidade ideais, escolhi partir de três *tipos* de percepções elaboradas por **Hermilo Borba Filho**, **Ariano Suassuna** e **Osman Lins** através de suas personagens. Ao escolher este caminho, levei em consideração que, na busca da realização da felicidade, há uma ênfase que varia entre um projeto coletivo, ou individual, entre princípios éticos, ou estéticos, ou ambos, ou nenhum. O que importa, a meu ver, é que essas ênfases têm ligação com uma dada noção de finalidade humana; e, ligada a ela, uma percepção do tempo, que gesta as finalidades. Através dessas personagens, discuto três experiências do tempo, presentes na sociedade moderna — o tempo teleológico, o tempo mítico e o tempo interior — e os possíveis projetos políticos implícitos a elas¹⁸.

Partindo dessa perspectiva, considero factível elaborar uma dada memória da cidade do Recife: **1) A partir de um único dia**: pois, segundo Duby, explorar o acontecimento não é somente plausível e útil, mas, sobretudo, necessário para alcançar os movimentos obscuros que fazem as bases da cultura deslocarem-se lentamente ao longo das épocas. Procurar os pequenos acontecimentos do dia e tirar deles o melhor partido é importante, pois “os simples fatos do dia, que nada têm de singular e se reproduzem sem fazer barulho, ‘podem ser os indicadores de uma realidade de grande dimensão (...)’”(DUBY, 1993: 10). O acontecimento sensacional assume, então, um inestimável valor ao historiador pelo que ele revela de *latências*, porque a sua irrupção provoca uma torrente de discursos: “Pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo de palavras que ele libera, vestígios que, se não nos detivéssemos neles, permaneceriam nas trevas,

depende de uma mudança de mentalidade, objetivo este alcançado posteriormente pelos *tropicalistas* (ALBUQUERQUE JR, 2001: 309).

¹⁸ A análise cultural do tempo permite-nos refletir sobre os ritmos e as cadências que marcam uma dada sociedade e uma dada cultura: *O tempo ocupa um lugar de primeira plana no modelo do mundo que caracteriza esta ou aquela cultura, tanto quanto outros componentes desse modelo (...)*. GOUREVICH, 1975: 263.

desapercebidos, os traços mais banais de que raramente se fala no cotidiano da vida e sobre os quais nunca se escreve” (DUBY, 1993: 11).

Sendo assim, esta narrativa será construída a partir da simulação de apenas um dia na cidade do Recife: 21 de abril de 1960, o dia de fundação de Brasília. Pretendo utilizar os pequenos fatos desse dia para discutir as questões debatidas no cenáculo cultural do Recife, dentre as quais, a própria problematização que os intelectuais fazem sobre Brasília. Esse dia será composto de fragmentos de notícias de jornal (que discutem Brasília, que anunciam o primeiro clássico das multidões do ano, que reclamam contra os buracos nas ruas da cidade e contra a falta de pão — em virtude do assoreamento do porto do Recife que impede a chegada do trigo) e de memórias (dos lugares, como a pensão de estudantes gerenciada por Dona Severina, na Rua do Alecrim, e dos roteiros diários mais freqüentemente apresentados nos livros de memórias etc.).

2) A partir dos cheiros, sabores, texturas e imagens do cotidiano construídas pelos intelectuais e artistas: Falar do lugar da cultura possibilita um tipo de conhecimento, de memória-compreensão, que coloca em perspectiva as suas experiências — a sua relação com os objetos e lugares, com os detalhes cotidianos —, e permite uma compreensão da significação histórica, da determinação de processos históricos, nelas implícitas: quais as necessidades dos intelectuais, como convivem entre classes sociais distintas, quais os espaços da cidade que consideram como seus, quais as suas experiências do tempo? Assim, restituo a dimensão humana de cada objeto e lugar com os quais convivem, devolvo a eles uma memória: eles são produtos do trabalho, das relações e dos sonhos humanos. A narrativa, desta forma, não deverá transmitir o *puro em si* da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela deverá mergulhar a coisa na vida dos narradores para, em seguida, retirá-la dela: imprimir na narrativa a marca dos narradores, “*como a mão do oleiro na argila do vaso*” (BENJAMIN, 1985: 205). A minha intenção é, através desta metodologia, poder discutir a *intelligentisia* do Recife a partir do lugar da cultura e ressaltar uma memória das sensibilidades e da formação das emoções. Entretanto, essa discussão não se dará através das histórias de vida de quaisquer desses intelectuais *em particular* — como Josué de Castro, Antonio Baltar, Osman Lins, Hermilo Borba Filho, Rostand Paraíso, Ariano Suassuna, Capiba, Paulo Cavalcanti, Francisco Julião, Joaquim Cardozo, Gilberto Freyre, Paulo Freire, Pelópidas Silveira, Miguel Arraes e tantos outros. Mas, a partir das cosmovisões apreendidas através de suas obras e biografias. Este é o material que fornecerá a textura dos três personagens: **Airôn, Juca e Eleutério**.

A escolha das *fontes* visou selecionar materiais que me permitissem fazer uma *descrição densa*¹⁹ do meio cultural da cidade, no período estudado; ou seja, os lugares, situações e objetos serão evocados a partir do momento em que permitam fornecer padrões de percepção e sensibilidade. Como fontes para desenvolvimento do meu tema, utilizo: a) biografias e memórias — permitem a apreensão do percurso desses intelectuais (tanto sócio-cultural — origem social, formação, envolvimento em iniciativas culturais e políticas —, quanto topográfico: o bairro de São José, os bares, cafés etc.); b) produções teóricas e literárias — tomo as obras de vários intelectuais/artistas não apenas como parâmetro para pensar o movimento cultural deste período, bem como para a apreensão de minúcias como a relação dessa categoria com os tempos e espaços na cidade do Recife; c) entrevistas com intelectuais que vivenciaram esse período — faço quatro entrevistas formais: com Jarbas Araújo, João Lopes, Epitácio Vieira e Marluce Souza Leão, cujas histórias de vida são aproveitadas como elementos de memória de **Airôn, Juca e Eleutério**, bem como de uma interlocutora feminina deste último personagem. Também realizo outras entrevistas, informais, durante um passeio pela cidade do Recife, ciceroneado por Jarbas Araújo, no qual conversamos com seu Antônio, garçom do Savoi, desde 1961; com seu João, barbeiro há muitos anos do salão Suez; com Marciolino, dono da Banca do Gasolina, aberta em 1960; e seu Gaspar, dono da antiga Copiadora Pernambucana, aberta em 1951. Personagens que encontramos ocasionalmente durante o nosso passeio pela cidade e que vivenciaram a cidade do Recife durante o período estudado. d) jornais — são utilizados apenas para a melhor compreensão do contexto em que esse material foi produzido (como as polêmicas políticas ou principais acontecimentos culturais); e) pelo mesmo motivo, utilizo a bibliografia de sociólogos e cientistas políticos que pesquisaram as organizações políticas, os movimentos sociais urbanos e/ou camponeses desse momento histórico — meu interesse por essa fonte reside, sobretudo, no envolvimento da classe média urbana intelectualizada com esses movimentos.

3) A partir da composição de uma memória de várias vozes acerca da vida dos intelectuais e artistas na cidade do Recife da década de 50: Esta metodologia torna possível que as impressões das biografias e livros de memórias, das entrevistas e das obras dissolvam-se em nome de uma *biografia coletiva* dos intelectuais. Contudo, a sua construção parece um quebra-cabeças cujas partes não se encaixam: “*É preciso insistir nas entrelinhas*” (ENZENSBERGER, 1987: 17). Dessa forma, pretendo compreender como os

¹⁹ GEERTZ, 1989: 315.

intelectuais pensam e agem sobre a cidade nesse período democrático delimitado por dois regimes totalitários e, ao mesmo tempo, vivenciam e alimentam, com seus projetos, trotes, peças, gestos de solidariedade, paixão pelo futebol, farras, poesias, romances, e histórias, um espaço quotidiano de discussão de questões consideradas públicas em que não se distinguem as esferas política, cultural e social.

Através dessa *biografia coletiva*, eu intenciono responder algumas *questões*: Quais as práticas sociais que legitimam o status de intelectual no Recife desse período? Quais as suas estratégias de ação? Qual a motivação e o alcance dos seus projetos sócio-político-culturais? Os intelectuais/artistas constituíram uma categoria social que lutou por conservar-se na elite? Ou encaminharam-se para uma revolução em busca de formas sociais alternativas ao capitalismo? Nós podemos aludir à existência de uma *esfera pública* de discussão e ação no Recife em fins dos anos 50? Caso a resposta seja positiva, qual o papel desempenhado por intelectuais e artistas na constituição desse espaço público?

Este é um conjunto de questões que animou e ainda anima alguns debates sobre estes atores sociais. As respostas normalmente levam-nos a figurar entre deuses ascetas que se sacrificam em nome de um ideal ou demônios manipuladores que confeccionam ideologias para ater-se ao poder e ocultar a sua origem ou situação decadente. Em ambas as alternativas, eles parecem ocupar um lugar notório na trama do destino de sua sociedade. Enquanto a maioria da literatura revisionista da década de 70 faz uma crítica, ou autocrítica, aos intelectuais *populistas* do período, outros autores, após a década de 80, tentam resgatá-los desse limbo político: eles poderiam ser considerados intelectuais bem intencionados, embora ingênuos, presos a um paradigma ideológico que os aprisiona; ou, ainda, revolucionários alimentados ideologicamente pela tradição iluminista do progresso e pela tradição romântica da nação²⁰. Neste trabalho, parto da *hipótese* de que o conceito de *cultura política*, assim como ele é utilizado por vários autores para caracterizar a produção intelectual brasileira, entre o largo período de 1920 a 1970²¹, não dá conta da peculiaridade e pluralidade da atmosfera intelectual do Recife pré-golpe. Isso porque esse conceito vem seguido de leituras generalizantes das obras produzidas nesse período classificando-as ora de *nacionalistas conservadoras*, ora *revolucionárias nacionalistas* ou ainda *estéticas/míticas*.

²⁰ Para este tema ver: MICELI, 2001; PÉCAUT, 1990; RIDENTI, 2000; SCHWARZ, 2001.

²¹ Para este tema ver: MICELI, 2001; PÉCAUT, 1990; RIDENTI, 2000; SCHWARZ, 2001.

4) A partir de uma junção assumida entre história e literatura: que possibilite a criação de um panorama da memória de um grupo de intelectuais e artistas que vivenciaram a cidade do Recife em fins da década de 50. Dessa forma, opto por simular o transcorrer do dia 21 de abril de 1960, na cidade do Recife, através da percepção de alguns estudantes da pensão *O Castelo*, na Rua do Alecrim, no Bairro de São José. A idéia de ‘simular’ aparece aqui no sentido de ‘*tomar o aspecto de*’ — para melhor dar a conhecer, de forma que as experiências de sobrevivência, socialização e cultura se interliguem e criem vida através de personagens. Pois, como diria Raymond Williams, conhecer os vestígios e aprender a interpretá-los só pode ser o começo da memória: “*um prolongado esquecimento, dizia-se, era a primeira condição da história; um descarte suficiente para que os detalhes essenciais pudessem ser lembrados*” (WILLIAMS, 1991: 23). Não se trata da confecção de um romance, mas de uma discussão que pretende resolver as questões propostas e, a partir delas, simular um dia na vida dos intelectuais no Recife.

2. ELABORANDO PERSONAGENS

Essas três personagens – **Padre Deodato**, **Cheiroso** e **Celina** — permitirão uma análise de projetos de cidadania existentes no período pré-golpe no Recife. Elas têm em comum o fato de viverem *sub specie temporis*, sob o tempo irreversível que escorre no imorredouro da história — característica dominante dos *tempos modernos*. Mas há nuances diferentes de percepção do tempo entre elas. Cada uma diz respeito a uma forma de lidar com as questões ao seu redor. Outras sensibilidades são-lhes emprestadas — das entrevistas, das biografias, de outras personagens. Essa é uma forma que me permite apreender como os intelectuais percebiam a cidade do Recife de ruas estreitas e escuras, quais eram os seus medos mais recônditos, quais os temas de suas paixões e os motivos de pequenas e cotidianas felicidades. A forma como estabelecem a causalidade das questões que propõem abordar, a resolução que lhes dão, são sensibilidades que definem seus projetos culturais, sociais e políticos. Esse caminho possibilita a apreensão de uma dada visão de *personalidade* histórica — no sentido de ser o modo pelo qual o indivíduo se integra na sociedade ou dela se marginaliza, numa dinâmica com o social, numa relação entre indivíduo e cultura — a adaptação que a cultura impõe a todos.

2.1. PADRE DEODATO — AIRÔN

Padre Deodato é personagem de uma das tramas secundárias do livro *Os Caminhos da Solidão*, de Hermilo Borba Filho, na qual o autor enfoca a relação conflituosa de um

Coronel — rico e poderoso fazendeiro — com o progresso defendido pelo Padre em palavras e ações. O Coronel Raimundo não quer saber de estradas de ferro do governo passando por suas terras e, por este motivo, bate de frente com Deodato. Para o *Coronel*, essas *novidades* só podem ser idéias do Padre Deodato, que vive falando em *civilização*, *cristandade* e *bons costumes* (enquanto vai *empapando as índias*). O padre e o coronel têm uma relação tensa, já que Deodato dá apoio aos engenheiros e técnicos do governo que querem implantar uma linha de trem nessas terras. De um lado do rio ficam as largas terras do coronel. Do outro, a vila indígena sob os auspícios do padre: uma carreira de casas de um só lado, com a igreja ao fundo e, junto a ela, uma casa maior do que as outras, com um jardimzinho na frente, onde mora Deodato. O seu rebanho consta, em grande maioria, de mulheres e crianças índias.

Para o religioso, o *progresso* deveria abrir novos caminhos e perspectivas à pequena vila: traria a civilização, proporcionaria um fácil meio de transporte para o açúcar, encurtaria distâncias, viabilizaria as usinas, maiores que os bangüês, e traria o governo público para a vila, que passaria a ser cidade. Para a realização dessas mudanças, seria necessária a presença repressora de tropas do governo. Estas deveriam defender o encaminhamento dos trabalhos contra a reação conservadora dos arrancadores dos trilhos, liderados por André Monte (protagonista do livro). Embora, ao fim e ao cabo, o Coronel perceba que o progresso poderia trazer-lhe vantagens — o que o leva a apoiá-lo e, em consequência, virar o prefeito da nova cidade —, antes, o padre incorre na sua antipatia.

No púlpito, seus sermões são cheios de explicações aos índios sobre o que significa uma estrada de ferro ali na povoação, “*que logo mais passaria a sede trazendo pessoas outras que poderiam interessar-se pela fertilidade do vale, entregando-se ao plantio*”. Deodato fala também de “*uma usina de açúcar já projetada para quando chegasse o trem*” que “*continuará, com o avanço dos trilhos, para a província vizinha, ligando as duas comunidades*”. Fala ainda “*da vinda de professores, padres como ele, para a instalação de uma escola destinada às crianças do lugar, dos benefícios da alfabetização*”. Tão enfáticos são os discursos de Padre Deodato que os índios, impressionáveis e impressionados, “*não mais podiam viver sem pensar no dia em que tudo se realizasse. Descuidaram-se das roças, da caça e da pesca, nem mais à igreja compareciam*”. Os *gentios* promoviam discussões em sua língua, faziam desenhos nas paredes e esculturas no barro, danças rituais e cenas de descontrole. Um dos engenheiros divertia-se dizendo que a civilização já começara (BORBA FILHO, 1987: 82/83).

Você, leitor, poderia perguntar-me qual o motivo de juntar uma personagem originalmente religiosa (Padre Deodato) com um jovem comunista (Airôn). Eu adianto-lhe que, de início, um ponto eles têm em comum: sua crença nos benefícios da *técnica*. Embora a Igreja católica tenha tradicionalmente demonstrado intransigência no que diz respeito à cultura, ao progresso e ao liberalismo moderno; embora ela tenha se recusado a compor com os princípios jurídicos e políticos modernos — afirmando que somente a Igreja constituía uma sociedade perfeita (meio-terrestre, meio-divina), salva das contingências que afetavam as sociedades políticas expostas ao acaso das mudanças (eleições e revoluções) —; apesar de todas essas questões, a Igreja pôs-se simpática à dimensão tecnológica da modernidade²². Quantos padres e papas não abençoaram inovações tecnológicas?

Os novos meios técnicos eram aceitos pela Igreja enquanto possibilidade de diminuição do sofrimento dos homens. Condenável era apenas qualquer tipo de sofrimento causado ou acentuado pelo progresso técnico, pois a pessoa humana deve sempre prevalecer sobre a máquina, sobre a matéria (LAGRÉE, 2002: 489). Enquanto o catolicismo combateu a *modernidade política e ideológica* — que ameaçava a comunidade religiosa perfeita —, ele conferiu legitimidade à *técnica*, prova da centelha divina existente no homem e capaz de diminuir o sofrimento humano (LAGRÉE, 2002: 490). Dessa forma, a proteção oferecida pelo Padre aos índios/crianças e a briga com o poder local ocorrem pela mesma finalidade geral: o engajamento numa luta em favor do benefício universal da civilização, mas baseada no que ela considera como uma comunidade ideal — a comunidade cristã, da qual sente-se responsável pelo seu destino.

Afora o apreço pela técnica, há mais dois pontos em comum entre Padre Deodato e Airôn — o aspirante a comunista: a idéia de *eleição* (ou vanguarda) e a idéia de uma *comunidade ideal*. Para ambos, suas ações são pautadas por um fim supremo que é a felicidade da humanidade. O leitor poderia objetar que, para o comunista, diferentemente do padre, essa felicidade só se alcança através da *comunidade política*. Ao que eu devo concordar. Contudo, o horizonte utópico do comunismo é a supressão do Estado e, conseqüentemente, da política — já que não restará conflitos. Nesse sentido, creio poder dizer que, para o ideal comunista, a política não é o *fim* da humanidade em *si mesma*, mas é o *meio* encontrado por uma humanidade cindida em classes antagônicas para superar essa cisão. E, nesta humanidade cindida, a classe operária é portadora dos fins coletivos.

²² Para este tema ver LAGRÉE, 2002.

Contudo, o alcance do ideal significa o fecho do horizonte histórico. Dessa forma, o padre e o aspirante a comunista tocam-se novamente: o fim da cisão pode significar também o fim da política e da história.

O pensionista Airôn, inspirado em padre Deodato, identifica-se com o arquiteto, o planejador: em seu discurso e ações ele pretende produzir consciência e cura para a sociedade humana através do planejamento e da negação da escuridão. Sua postura está vinculada a um projeto de transformação. Ele tem saudade do futuro, tempo em que os seus projetos realizam-se. O tempo histórico, para ele, tem uma lógica e o *indivíduo eleito* tem uma responsabilidade social. Nesse esquema, ele é dotado de um *status* inteligível, já que possui um mandato simbólico: o conhecimento, o planejamento, a utilização da técnica, o trabalho, são ações que compartilham de uma *essência* que transcende o indivíduo e amalgama a comunidade. Assim, ele insere-se na trama do destino: através de seu sentido de *vocação*. A implicação dessa forma de lidar com o mundo pode variar entre uma *ênfase na ordem*, em que as regras de funcionamento importam mais do que a comunidade, ou uma *ênfase na bem-aventurança* comum.

Algumas sutilezas peculiares à personalidade de Airôn são retiradas de outras personagens de Hermilo Borba Filho — como a sua obsessão pela decifração da aurora e seu jogo de desejo e candura frente às mulheres livres da rua da Guia, postura que lhe granjeia o apelido de *não-me-querer*²³. O medo de corredores longos e escuros — como símbolo de movimento, tristeza, isolamento, escuridão e mistério — é-lhe emprestado por uma vivência de Joaquim Cardozo. A simulação do dia 21 de abril de 1960, dessa forma, inicia-se pela escuridão da noite *onde*, ou melhor, *quando* o mundo é apenas suposto e sugerido — **Airôn** sonha e o ambiente do sonho é retirado do conto **Brassávola**; pois, da casa em que morou na rua 24 de Maio, o que mais impressionava Joaquim Cardozo era o corredor, no qual ele “*descobria na sua escura e larga e longa penetração até à sala de jantar, qualquer coisa de esquisito e fantástico*”. Era do corredor que lhe vinha uma sensação de tristeza e isolamento, mistério e realidade: “*Ao longo das suas paredes sem aberturas para os dois quartos da casa reinava sempre um silêncio, dentro de uma escuridão mais espessa quando, com as chuvas, mais cedo anoitecia. (...) Representava para mim uma aventura percorrê-lo*”. (CARDOZO in GALLINDO, 1988: 76/77).

O passado de Airôn é-lhe concedido por Jarbas Araújo (entrevistado) — professor aposentado do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco,

²³ Hierarquia (BORBA FILHO, 1975).

nascido em 1935, na Paraíba, e vindo ainda pequeno para a cidade do Recife, acompanhado dos pais e da irmã mais velha. De Jarbas, Airôn compartilha a sua formação na escola técnica, sua família itinerante, de vida financeira apertada e incerta, o estudante que morava em pensões, o trabalho num escritório de arquitetura na Avenida Guararapes e sua paixão pelo Esporte Clube do Recife. A fé de Airôn no desenvolvimento social alcançado através do progresso tecnológico e do planejamento urbanístico — por meio dos projetos técnicos da SUDENE e dos projetos dos planos pilotos das cidades — é retirada das memórias do economista Celso Furtado e da tese de concurso de cátedra do urbanista Antônio Baltar. No que diz respeito à Brasília, Airôn compartilha dos sonhos dos arquitetos (alguns marxistas, como o próprio Oscar Niemeyer) encantados com a monumental cidade. Sua visão otimista acerca de Brasília — enquanto cidade arquitetônica e modelo capaz de promover transformações sociais — é questionada por seus interlocutores (que assumem outros discursos como, por exemplo, de Cid Sampaio ou de articulistas de jornal contrários às suas posições políticas). Em sua aspiração a filiar-se ao PCB, Airôn dialoga com documentos produzidos pelo partido; bem como se ancora nas vivências das querelas políticas narradas pelo comunista Paulo Cavalcanti e ambientadas na cidade. Seus valores de espírito-de-partido são questionados por outros discursos produzidos no período e que também propõem formas de transformação da sociedade — como o discurso de Francisco Julião. Airôn dialoga com os acontecimentos de seu tempo, como a revolução cubana, o castrismo e o guevarismo, a leitura da realidade nacional através da história econômica marxista e a hegemonia stalinista nas posições do Partido Comunista Brasileiro²⁴.

2.2. CHEIROSO — JUCA

Cheiroso, por sua vez, é dono de um teatro de mamulengos (atores bonecos de teatro nordestino). Ele e Cheirosa são os mestres de cerimônia que apresentam e atuam na peça em três atos intitulada no geral de A Pena e a Lei. Há uma rubrica do autor — Ariano Suassuna — propondo que os atores imitem caricaturalmente bonecos de teatro nordestino para indicar que “*enquanto estivermos aqui na terra somos seres grosseiros, mecanizados, materializados*” (Cheirosa, SUASSUNA, 1975: 88); embora, no decorrer da encenação,

²⁴ Segundo Lowy, o marxismo na América Latina foi ameaçado por duas tentações opostas: o excepcionalismo indo-americano — *que tende a absolutizar a especificidade da América Latina* — e o eurocentrismo — *que se limita a transplantar mecanicamente para a América Latina os modelos de desenvolvimento socioeconômico que explicam a evolução histórica da Europa ao longo do século XIX* (LOWY, 2003: 10).

eles devam ir ganhando ares mais humanizados²⁵ (SUASSUNA, 1975: 29). Nos dois primeiros atos é demonstrada, sobretudo, a esperteza do negro Benedito — gente do povo, sem posses financeiras ou sociais, mas dono de um ardil popular. No terceiro ato, Auto da Virtude da Esperança, Cheiroso representa o papel de Deus. A peça se passa na sexta-feira da paixão, dia da morte de Cristo. Além dessa personagem, estão presentes: o fazendeiro Vicentão Borrote, o negro esperto Benedito, o caminhoneiro Pedro, a mulher da vida Marieta (representada por Cheirosa), Padre Antônio, o ajudante do cabo Rosinha na delegacia — Joaquim e o poeta João Benício. Nesse ato, cada um deles morre por um motivo específico. Quando suas almas encontram-se no além, eles aos poucos descobrem que morreram um por causa do outro. Os ex-viventes deparam-se então com Cheiroso/Deus que aparece para julgar a todos. Cheiroso argumenta que a intenção deste roteiro é acentuar, com a morte, a miséria dos personagens, como a ganância do fazendeiro Vicentão, o rancor de Benedito por não ser rico, o descaminho de Marieta e o vício de Joaquim.

Cheiroso/Deus é acusado por Benedito de ser responsável por toda a confusão causada por suas misérias: “*Vossa Excelência vai me desculpar, mas, antes disso, quem deve ser julgado é Vossa Excelência, Vossa Eminência, Vossa Mamulenguência! Antes de fazermos qualquer coisa, o senhor criou a gente e inventou a confusão toda, de modo que deve ser julgado primeiro*” (SUASSUNA, 1975: 196) Ao que Cheiroso/Deus aquiesce: “*Serei então julgado por vocês, que farão um inventário de seus infortúnios e dirão se valeu à pena ter vivido ou não. Será assim julgado o ato que Deus praticou, criando o mundo*” (SUASSUNA, 1975: 196). Ele mesmo serve de acusador, formulando as perguntas fundamentais do processo. Depois de observar que cada um morreu por causa do outro, ele define a primeira acusação do processo: os homens morrem do convívio dos demais: “*Se vocês não herdassem o pecado e a morte, se não fossem obrigados às injunções de um só rebanho, não morreriam, e Deus não seria acusado nesse ponto. Será que o Cristo vai ter que morrer novamente, por isso?*” (SUASSUNA, 1975: 198-199).

²⁵ O primeiro ato de ‘A Pena e a Lei’ denomina-se ‘A Inconveniência de Ter Coragem’. Deve ser encenado como se tratasse de uma representação de mamulengos, com os atores caracterizados como bonecos de teatro nordestino, com gestos mecanizados e rápidos. No segundo ato – que se chama ‘O Caso do Novilho Furtado’ – os atores já representam num meio-termo entre boneco e gente, com caracterização mais acentuada, mas ainda com alguma coisa de trôpego e grosseiro, que sugira a incompetência, a ineficiência, o desgracioso que, a despeito de sua condição espiritual, existe no homem. Somente no terceiro ato é que os atores aparecem com rostos e gestos teatralmente normais – isto é, normais dentro do poético teatral – para indicar que só então, com a morte, é que ‘nos transformamos em nós mesmos’ (de acordo com uma frase de Luiz Delgado). (SUASSUNA, 1975: 29).

A partir desse momento, eles passam a representar a Paixão de Cristo. Contudo, a rubrica do autor recomenda que essa representação deve ser feita com um *matiz de escárnio*, como se tudo fosse uma *palhaçada* (SUASSUNA, 1975: 200). Enquanto segue essa encenação, o acusador faz suas perguntas: *Vale à pena fazer parte da vida sabendo que a morte é inevitável? Vale a pena ser mergulhado nesse espetáculo turvo e selvagem, sabendo que o mal assim marca o sol do mundo? Vale a pena viver, sabendo que a vida é um dom obscuro, que nunca será inteiramente entendido e captado em seu sentido enigmático? Estão vocês dispostos a aceitar o mundo, sabendo que o centro dele é esta Cruz? Que a vida importa em contradição e sofrimentos, suportados na esperança? Se pudessem escolher, viveriam de novo?* Todos aceitam viver novamente, inclusive Benedito; sobretudo diante da perspectiva de que têm o direito de lutar para melhorar de vida. Cheiroso/Deus, então, acentua a virtude da esperança em oposição à importância dada ao desespero. Diante do julgamento favorável a Deus, da aceitação do mundo e da vida, Deus também perdoa os homens por seus erros, cegueiras, embustes, enganos, traições e mesquinharias: *“Tudo o que foi a trama de suas vidas perde a importância de repente, diante do fato de que acreditam em mim e diante da esperança que acabaram de manifestar”* (SUASSUNA, 1975: 205). Todos nasceram na fé, viveram na esperança e foram salvos pela caridade, que é um dos nomes divinos do Amor.

Juca (Cheiroso) é devoto do otimismo e entusiasta da comunidade. Para ele, as diferenças e misérias humanas, como a ganância dos fazendeiros e o rancor dos pobres, não passam de questões da vida material e grosseira, menos importantes do que algo mais fundamental e transcendente, algo que, ao fim e ao cabo, une a todos nós. O tempo, sublinhado por **Juca**, é o eterno: momento em que a trama das vidas particulares perde importância de repente. Eu ousaria dizer que Juca sublinha a permanência da dimensão ideal e perfeita, da qual somos apenas um eco rude. Dessa forma, as personagens do *Theatrum Mundi Moderno* esquematizam a repetição das tragédias gregas: não podem fugir delas, pois se repetem sempre, sempre e sempre. Contudo, a repetição é uma forma de se parar o tempo. Uma outra estratégia utilizada por ele para conviver com o tempo que muda é a *astúcia* ou *esperteza*: de confundir, de misturar, de encenar, de recontar a tragédia através da brincadeira de personagens lúdicos — como os palhaços risíveis e risonhos, mesmo em sua miséria.

As implicações da vivência temporal de **Juca** podem resultar em diferentes nuances de postura em relação ao coletivo. Ele tanto pode: 1) ser contrário à idéia de *progresso* e

demonstrar preocupações com a *essência* da nordestinidade e/ou brasilidade (podendo tornar-se eventualmente um revolucionário romântico lutando em nome de uma comunidade ideal); 2) quanto um conservador, no sentido de querer conservar o passado por algum motivo idílico (o passado glorioso e/ou instituinte de um sentido essencial), 3) ou não se importar exatamente com a dimensão política comezinha do cotidiano e sim com a dimensão mítica da sociedade em que vive: uma comunidade ao mesmo tempo particular e universal. Sua postura contrapõe-se ao *humanismo* de Airôn, que ele critica como sendo de um *essencialismo* tão abstrato que se torna incapaz de levar em consideração as particularidades culturais de cada agrupamento humano. O que ele não percebe é que ambos, culturalismo e humanismo, são essencialistas, embora partam de perspectivas distintas.

O seu jeito gaiato e boêmio, bem como o seu curso de direito e seu emprego no Banco do Brasil, é inspirado na biografia de Capiba. As descrições que ele faz da cidade noturna, com seus cheiros, sombras e fantasmas, são retiradas de peças de Joaquim Cardozo — dessa forma, o amanhecer na cidade do Recife é apreendido através de suas menções aos símbolos da cultura popular, como o bumba-meu-boi. **Juca** é encantado pela estética popular. Ele tem uma personalidade brincalhona inspirada nas personagens principais de Ariano Suassuna. E, como Ariano, ele defende a autenticidade e o misticismo da cultura do sertão — essência de uma nação de cabreiros — que seriam, segundo o autor, muito mais interessantes do que o *artificial e falso desenvolvimento industrial*. Em sua crítica ao projeto da cidade de Brasília, ele assume o discurso de Gilberto Freyre — para quem não convém que se desenvolva no Brasil uma civilização voltada só para o futuro e esquecida da experiência especificamente brasileira que lhe confere *autenticidade*; bem como não convém que ela torne-se uma civilização exclusivamente urbana, inimiga do valor rural (FREYRE, 1960: 183). O passado de **Juca** — sua infância no bairro de Santo Amaro, com cheiro de mangue e feiras de mangaio — é-lhe conferido por João Lopes de Melo (entrevistado) — nascido em abril de 1949, formado biólogo, mas nunca tendo exercido sua profissão, participante do PCBR, em 1968, e convencido a deixar a luta armada por seu pai, Amaro Lopes de Melo (homem austero, linotipista, um dos fundadores do Sindicato dos Gráficos, na cidade do Recife, e integrante da célula do PCB, no bairro de Santo Amaro).

Para **Juca**, o mundo parece-lhe uma cavallhada: os grandes comerciantes de fora montam nos de dentro; os de dentro, nos fazendeiros; os fazendeiros, nos vaqueiros; os

vaqueiros, nos cavalos e os cavalos no chão; ou seja, ele tem consciência que existe injustiça, miséria e sofrimento no mundo (SUASSUNA, 1959: 154). Diante disso, ele *dialoga* com uma proposta cultural e política que se fundamenta no discurso pedagógico de Paulo Freire — baseado numa intimidade com o **povo**, através do seu chamamento ao debate não só dos problemas comuns, como dos problemas do seu bairro, da sua cidade. Esta é uma proposta de experiências de participação popular que faz com que o povo vá alargando as áreas de sua interferência (FREIRE, 2000: 17). Dessa forma, **Juca** pode vir a engajar-se no MCP — por ver nele um trabalho comunitário que envolve a transmissão dos aspectos da **cultura popular** a adultos e crianças. E aproxima-se do movimento artístico presente na cidade do Recife — como os grupos de teatro e o movimento do gráfico amador. Para ele, a estética popular e a cultura são os elementos fundamentais de transformação da sociedade.

2.3. CELINA — ELEUTÉRIO

Já **Celina**, professora e protagonista no romance de estréia de Osman Lins, *O visitante*, tem por volta de quarenta anos de idade e trabalha dando aulas particulares, em sua própria casa, onde mora sozinha há dezessete anos. O cotidiano de Celina parece comum — uma existência que não é grandiosa, contudo não permite que ela torne-se uma pessoa sem rumo. Possui um diário — *árido* e *sem atrativos* — que dá conta de sua necessidade de falar sobre a ausência dos pais, das suas lembranças e dos seus sentimentos. Todas as personagens citadas no início do romance (os pais, o irmão, a cunhada) ressaltam a *solidão exasperante* que caracteriza a vida emocional da personagem. A amiga — Rosa — parece amenizar sua solidão. E a convivência com os alunos inspira nela a terna impressão de formarem uma grande família. Afora as visitas da amiga e dos alunos, Celina costuma ir à missa e confessar-se, e é presença constante nas reuniões da Igreja, bem como nas visitas caritativas ao Abrigo Cristo Rei, aonde costuma ir para exprimir sua piedade. Ela é religiosa praticante e acredita na caridade e na preparação para vida eterna.

Entretanto, um visitante inusitado acerca-se da vida de Celina: Artur, um homem sem atrativos físicos ou espirituais, casado, professor nas mesmas escolas de Rosa. Ele aparece com o pretexto inicial de colocar o seu filho mais novo nas aulas particulares de Celina, mas acaba por tornar-se uma visita constante. Com seu jeito irônico e pessimista, ele faz com que ela se sinta perturbada e desamparada. Artur exerce sobre ela uma ação devastadora. Espolia-a de tudo. Infelicita-a. Faz dela mais solitária do que antes — uma

criatura pobre, sem esperança de reabilitação. Suas disposições para com Artur alternam-se: ora Celina devolve-lhe sua categoria humana – e seu jeito desamparado e aflito leva-a a amá-lo e sentir a necessidade de levar-lhe ternura, socorrê-lo; ora ele parece-lhe a serviço de poderes obscuros, com uma **predestinação malévola**, e ela tem a sensação de que essas trevas fazem-lhe a corte. Diante dessa situação, Celina chega à conclusão que se entregar à necessidade que tem do homem pode ser uma oportunidade de vencer a escuridão, de acolhê-la, superá-la, absorvê-la, aquietá-la e extingui-la. Contudo, ela simplesmente entrega-se à escuridão e sente que uma sombra imensurável e espessa desce lentamente sobre ela cheia de ameaça e apaziguamento.

Depois da atuação de Artur, Celina é devolvida a um mundo ao qual não pode mais participar nem fugir. Tudo o que antes acordava em seu espírito disposições felizes, desaponta-a; os objetos, que antes lhes faziam companhia, parecem irreais, vazios e inertes à sua volta. Os rostos de seus alunos parecem despojados de um secreto valor. Ela passa a sentir-se aliviada quando os alunos vão embora. Não consegue mais se concentrar nas suas orações. Deixa de freqüentar as reuniões da Igreja, sobretudo o confessionário, e as visitas caritativas ao Abrigo Cristo Rei. A sua amizade com Rosa perde a *autenticidade*: ela passa a sentir necessidade de fingir diante da amiga. Nada mais ao seu redor parece-lhe **autêntico**. Deus surge-lhe despido de qualquer mistério, frágil e desencantado. Sua fé é abalada e substituída por uma desconfiança apática. Ela perde a capacidade de discernir as próprias inclinações.

Contudo, é nesta nova vida sem júbilo — convivendo com a sensação de perda, com o desejo de retorno a alguma situação que não percebera a tempo, em que tinha a impressão imprecisa de que lhe fugiu o encantamento, de que cruzou a fronteira dos cânticos — que Celina percebe em si uma nova acuidade: ela é capaz de perceber nuances jamais avistadas. Artur era um ser misterioso e cheio de trevas, do qual, entretanto, veio a sua iluminação: ele revelou-lhe as mentiras e fraquezas dos seres humanos. Diante dessa descoberta, o final do livro prenuncia uma atmosfera de renascimento e perdão, de promessa universal de bem-aventurança à qual se chega pelos caminhos da *humildade*. A partir daí nós podemos voltar à pequenina epígrafe disposta na página inicial do livro: “*Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer*”²⁶.

Eleutério (Celina) parece purgar uma suposta *crise moderna*, sendo o mais desarticulado da comunidade a qual pertence. A comunidade já não pode ser vivenciada

²⁶ **Novo Testamento**, Coríntios, capítulo 15, versículo 36.

como valor extremo: a sua realidade não é mais considerada como um todo simbólico e doador de sentidos e certezas. Sua fé foi abalada e ele encarna os dilemas e impasses do poder e autoridade simbólicos. Podemos imaginar que, em consequência, os atos que dependem de uma investidura simbólica tornam-se mais *mecânicos*, mais *burocráticos*, o que influenciaria, por exemplo, a dissolução do seu sentido de vocação. O que ele pode ensinar, se não possui certezas, se tudo deixou de ser autêntico e passou a aparentar uma farsa? Ele próprio não seria uma farsa? Um sujeito representando um papel esvaziado de sentido? Em relação a **Airôn** e **Juca, Eleutério** expõe uma percepção interiorizada dos objetos, pessoas e situações que lhe envolvem. Contudo, esse mundo interior já não parece mais garantir uma possibilidade de transcendência mítica/religiosa.

Isto não significa que não tente, assim como as outras percepções, uma escapatória simbólica do tempo histórico fugaz. Essa personagem baseada na professora Celina, de Osman Lins, tenta criar um caminho para superação da fugacidade do tempo através de uma comunhão com os objetos, na qual podem convergir movimento e estabilidade, tempo e eternidade. Talvez ela tente pôr-se a salvo do tempo histórico paradoxalmente chafurdando nele. Dá-se, dessa forma, a criação de um tempo sutil. As transformações não são negadas, mas reconduzidas a dimensões minuciosas, milimétricas, instantâneas do tempo²⁷. A imortalidade não está mais assegurada pelo cumprimento dos ritos e dos cânticos. Estes são rituais que se impõem do exterior e propõem um movimento de transcendência. Enquanto o tempo sutil deve impor-se do interior em comunhão com o mundo da matéria num movimento que propõe imanência.

Seu sofrimento permite uma atitude de retificação que não é um retorno à ordem inicial, mas proporciona uma apercepção própria: luz e escuridão se mesclam e geram uma sabedoria melancólica, sombreada, que dramatiza a queda no tempo. A sua sabedoria é cinza. A postura desta personagem em relação à sua comunidade pode ser pessimista ou não otimista quanto a um projeto de redenção coletiva, seja este de ordem política ou religiosa, ou ambos. Mas **Eleutério** também pode reagir dentro da medida do possível, sem grandes ilusões quanto a uma grande transformação idílica, comportando-se como uma

²⁷ Bettina Balmer, ao falar da apercepção empírica do tempo indiano, cita uma história do Vishnudharmottara Purâna que, segundo a autora, representa as divisões extremamente sutis do tempo que, desde os tempos antigos, são concebidas na Índia: *se alguém perfura 1.000 pétalas de lótus com uma agulha, o tolo crê que elas foram furadas sucessivamente, e a diferença subtil entre os instantes durante os quais as pétalas sucessivas foram perfuradas representa a sutileza do tempo*. (BALMER, 1975: 96). Essa sutileza também representa uma estratégia de vencer o tempo.

espécie de herói sem qualidades, assim como o homem sem qualidades de Musil²⁸. O seu sentimento de fragmentação permite que assuma a própria fragilidade e possa trilhar o caminho da solidão à solidariedade, reconhecendo no outro a sua dor.

A história de **Eleutério** — seu emprego como escriturário no Ginásio Pernambucano, seus estudos de artes dramáticas, bem como a perda muito cedo de sua mãe — é baseada na história de vida do próprio Osman Lins. Seu passado é-lhe emprestado também por Eptácio Vieira (entrevistado) — professor aposentado da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Filho caçula de uma família de inspiração protestante, do interior do Ceará, Eptácio chega à cidade do Recife, em março de 1960, durante o período de carnaval, para estudar como aluno interno de um Seminário. No decorrer de seu amadurecimento intelectual, entra em crise vocacional ao perceber que seu pensamento social, político e existencial não têm espaço no meio evangélico no qual fora criado.

Em plena crise, o personagem **Eleutério** encontra uma interlocutora, cuja personagem ancora-se nas memórias de Marluce Souza Leão (entrevistada) — também professora aposentada da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Marluce fez o curso clássico no Colégio Americano Batista. Seu pai era pastor evangélico e comerciante. Sua mãe era enfermeira do SESC e, a partir de 1958, participa de reuniões para criação e organização de comunidades de bairros, onde trabalha como voluntária nos postos de saúde, durante um período do dia, aplicando injeções e fazendo curativos. Com sua mãe, motivo de escândalo na comunidade evangélica por seu modo avançado de vestir-se e portar-se, Marluce frequenta manifestações populares como pastoris, xangôs, fandangos, reisados e congadas. No Colégio Americano Batista, durante o secundário, Marluce participa do grêmio estudantil através do qual — rara mulher num meio masculino — discute sobre a entrada invasiva da cultura americana nos hábitos brasileiros, debate clássicos da literatura nacional e mundial e admira a Revolução Russa.

A sensibilidade de **Eleutério**, a forma como interage com os espaços da cidade, com os objetos ao seu redor, com a sua comunidade, são igualmente retiradas de personagens presentes na obra de Osman Lins. Sua proposta política recebe o reforço do discurso de Josué de Castro — para quem o mundo não se tem revelado à altura de circunstâncias

²⁸ Esta ligação entre Celina e Ulrich foi-me sugerida — indiretamente — por Lourival Holanda, literato e estudioso da obra de Osman Lins. Ulrich, o herói sem qualidades herdadas, sem vínculos imutáveis, deve fabricar para si o que quer que deseje possuir, sabendo de antemão que quaisquer dos vínculos e qualidades são e continuarão sendo inconsistentes e frágeis num mundo propenso às mudanças. Diferentemente do ideal do sujeito iluminista, que se faz e legisla a si próprio (*auto nomos*), este sujeito tem noção da fragilidade e fugacidade de sua construção — propensa às ruínas.

imperativas como a miséria e a fome da humanidade (CASTRO, 1966: 49). Nesse sentido, ele sente a necessidade de um **novo pensamento** que deve ser profundamente *realista* e excluir não todo ideal, mas todo **idealismo**. Para **Eleutério**, talvez sua primeira missão seja buscar verdades que possam vir a captar de novo a *confiança perdida* — a sua e a de todos os que se tornaram céticos e descrentes do futuro; para quem só há um heroísmo possível no mundo, que é ver o mundo tal qual é e amá-lo assim mesmo (CASTRO, 1966: 12). A partir desse momento, **Eleutério** dialoga também com o discurso de Paulo Freire — para quem o que precisamos fazer é *mudar de atitude*: precisamos de **cooperação** e **colaboração**, a única solução digna que nos resta para tentarmos caminhos de **humanização** do homem (FREIRE, 2002: 42).

(...) A silhueta furtiva, talvez lendária, desses faladores que com o simples e antiquíssimo expediente - trabalho, necessidade, capricho humano - de contar histórias, eram a seiva circulante que fazia dos machiguengas uma sociedade, um povo de seres solidários e comunicados, comoveu-me extraordinariamente. (...) São uma prova palpável de que contar histórias pode ser algo mais que uma mera diversão – ocorreu-me dizer-lhe. – Algo mais primordial, algo de que depende a própria existência de um povo. Talvez tenha sido isso o que me impressionou tanto. A gente nem sempre sabe as coisas que nos comovem, Mascarita. Tocam em uma fibra secreta, e pronto.

Mário Vargas Llosa, in *O Falador*.

Das muitas fábulas maravilhosas que o Mouro me contou, a mais maravilhosa, a mais deliciosa foi a de ‘Hans Rockle’. Ela durou meses, era uma série inteira de histórias... O próprio Hans Rockle era um mágico tipo Hoffmann que tinha uma loja de brinquedos e que estava sempre ‘duro’. Sua loja estava cheia das coisas mais maravilhosas – homens e mulheres de madeiras, gigantes e anões, reis e rainhas, servos e mestres, animais e pássaros tão numerosos quanto os que entraram na arca de Noé, mesas e cadeiras, carruagens, caixas de todos os tipos e tamanhos. Embora ele fosse um mágico, Hans nunca conseguia cumprir suas obrigações seja para com o demônio seja para com o açougueiro, e era, portanto – muito contra sua vontade – constantemente obrigado a vender seus brinquedos para o diabo. Esses brinquedos passavam, pois, por maravilhosas aventuras, terminando, sempre, por retornar à loja de Hans Rockle.

Eleanor Marx (filha de Karl Marx), in *Memórias*.

Ludus abrange os jogos infantis, a recreação, as competições e os jogos de azar. Na expressão lares ludentes, significa ‘dançar’. Parece estar no primeiro plano a idéia de ‘simular’ ou de ‘tomar o aspecto de’. Os compostos alludo, colludo, illudo apontam todos na direção do irreal, do ilusório. Esta base semântica está oculta em ludi, no sentido dos grandes jogos públicos que desempenhavam um papel tão importante na vida romana, ou então no sentido de ‘escolas’. No primeiro caso, o ponto de partida semântico é a competição; no segundo, é provavelmente a ‘prática’. É interessante notar que ludus, como termo equivalente a jogo em geral, não apenas deixa de aparecer nas línguas românicas mas igualmente, tanto quanto sei, quase não deixou nelas qualquer vestígio. Em todas essas línguas, desde muito cedo, ludus foi suplantado por um derivado de jocus, cujo sentido específico (gracejar, troçar) foi ampliado para o de jogo em geral. É o caso do francês jeu, jouer, do italiano gioco, giocare, do espanhol juego, jugar, do português jogo, jogar, e do mesmo joc, juca. Deixamos aqui de lado o problema de saber se o desaparecimento de ludus e ludere se deve a causas fonéticas ou semânticas.

Huizinga, in *Homo Ludens*

CAPÍTULO I

IN LUDERE

Um exercício provocativo a qualquer indivíduo que se queira fazer historiador é fazer uma *genealogia* acerca do seu sentido herdado de história, pois que nos leva obrigatoriamente a desfolhar as camadas de uma **compreensão**, forjada no tempo e no espaço, que vai desde um formal **conceito** da história enquanto ciência, à **vivência** da história urdida entre a memória individual e social, o privado e o público, entre tantas vivências do tempo, e vários saberes, dentre os quais, o acadêmico — ainda que se toquem e se entrelacem. Diante dessa provocação, a minha primeira constatação, a mais óbvia, é a percepção das contradições entre o prazer desmedido em ouvir histórias/estórias — na infância ao pé da cama, em rodas de amigos, nos romances históricos — e o estranhamento diante de certas exigências formais externas de como enquadrá-las no universo acadêmico.

A segunda constatação, dessa vez mais sóbria, vem em forma de uma pergunta: — “O que nos leva a contar *histórias*? O que nos leva a certas escolhas? O que nos leva a certas estruturas narrativas e não outras?” E uma vozinha estridulante, ao fundo, alterca que, quaisquer que sejam as respostas, elas servirão menos para considerar-nos *extraviados* de outros caminhos possíveis, e não do único e verdadeiro, do que para compreendermos que para outras coisas não fomos paridos — como diria Guimarães Rosa, em “Grande Sertão Veredas”. Não por uma ilação cósmica, mediúnica ou iluminada. Mas, por questões mesmas da carne e no que nela vai-se sendo inscrito ao longo de nosso contexto, de nossos trajetos, engodos, amores, sonhos, encontros e desencontros.

A partir dessa provocação, decidi-me a aproveitar de minha pequena margem de liberdade para narrar uma história em particular — entretanto, de forma consciente e autocrítica, observando tanto a história a ser narrada, quanto a mão que a escreve. Assim sendo, no primeiro tópico deste capítulo, eu discuto sobre essa herança da modernidade que é a *experiência histórica* — uma vivência particular do tempo; nesse sentido, debruço-me sobre a teoria da história e, ao mesmo tempo, justifico a minha opção por uma narrativa ética-estética que, ainda assim, tenha como objetivo maior promover um conhecimento historiográfico. Após essa discussão mais abstrata sobre as mudanças epistemológicas produzidas na modernidade, eu analiso, no segundo tópico, a forma como é urdida a importância do *papel social* dos atores escolhidos para minha análise — os intelectuais e artistas que, no caso em questão, atuam na cidade do Recife pré-golpe—, discutindo os motivos que levam a intelectualidade a desempenhar uma função oficial de fornecedora de monumentos de lembrança e verdade, entrelaçando o mundo privado à esfera pública. Dessa forma, parto de uma discussão conceitual mais geral acerca da modernidade e da experiência do tempo histórico, bem como do aprofundamento da idéia de *sujeito*, para, em seguida, fazer uma ponte com o novo papel social que media o mundo privado ao mundo público. E, no terceiro e último tópico desse capítulo, apresento o Recife, no contexto da década de 50 — a cidade da Frente do Recife, do Congresso de Salvação do Nordeste, das Ligas Camponesas, das Oposições Unidas, das Associações de Bairro que exercem pressão sobre a Câmara dos Vereadores, do Movimento de Cultura Popular, do Projeto Piloto da SUDENE etc — e a parte que lhes cabe, intelectuais emergentes de classe média e, portanto, distantes do exercício direto do poder econômico, nesses movimentos.

1.1. FABRICANDO UM PROJETO ÉTICO-ESTÉTICO DE HISTORIOGRAFIA

1.1.1. A EPISTEME MODERNA E A NARRATIVA HISTÓRICA

A minha opção de narrativa histórica é forjar o passado sob o registro de uma *recordação*. *Recordar*, no limite de uma etimologia possível, significa colocar (de novo) no coração²⁹. Ajo como o vendedor de passados *Félix Ventura*, personagem do autor angolano José Agualusa³⁰, que elabora passados novos em folha, a partir de migalhas de

²⁹ (MENESES, 1991: 15).

³⁰ Félix Ventura, personagem de José Agualusa, possui nas prateleiras da sua biblioteca dezenas de arquivos onde guarda artigos de jornais e centenas de cassetes de vídeo. Ele gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia, pois ele trafica memórias, vende o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína. No seu cartão de visitas, lê-se: *Félix Ventura*.

acontecimentos políticos, artigos de jornal e noticiários, para indivíduos que querem reinventar a sua identidade; ou como o *investigador Deckard*, do filme *Blade Runner*³¹, que inventa elementos para que a *replicante* Raquel forje uma memória para si e, dessa forma, constitua uma identidade humana. Perceba, leitor, que neste jogo se entrecruzam alguns conceitos como memória, história, identidade, passado, presente, fato, invenção, objeto, sujeito. Qual o significado, a legitimidade e viabilidade de um tal projeto de historiografia?

Lembro-me de uma passagem linda da *Montanha Mágica*, de Mann, onde o protagonista afirmava que a vida: “*Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda d’água, e igual à chama*” (MANN). Creio que a memória, na leveza despreocupada de um início de conversa, também possa ser definida assim. Sua corporeidade delicada assemelha-se a fios de açúcar queimado que derretem na boca tão rápido que se pode dizer que o sabor reside mais na lembrança do gosto do que no gosto em si.

A aparente inconsistência da memória advém dela constituir-se num processo móvel de formação, seleção e reorganização de elementos que ocupam um lugar simbólico: a história que uma comunidade, um grupo, um povo, um indivíduo, uma nação conta de si. Somos contadores de histórias: tecemos histórias sobre todo nosso em redor. Urdiduras cujos fios são narrativas. E assim tentamos fixar as memórias em enormes tapeçarias que compõem intrigas: clímax, desenlaces, soluções, suspenses... A narrativa envolve – como o papel o presente – objetos, pessoas, sentimentos, tempo, espaço ou situações, como a morte. Ela não os desvela ou esconde. Seria pouco dizer que descreve. Ela inscreve tudo no reino do humano.

Entretanto, essa *mobilidade* possui também uma base material: se os *objetos* não *guardam* o tempo, *refletem-no*, como um espelho, na medida que nos servem como referenciais de memória; na medida em que a evocam, em que são frutos da ação humana e

Assegure aos seus filhos um passado melhor. Félix Ventura traça árvores genealógicas. Dá fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo. Alguém gostaria de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Alexandre Dumas? Ele vende esse sonho singelo (AGUALUSA, 2004: 17).

³¹ Filme de Ridley Scott (1982), em que andróides, ou replicantes, da fase Nexus, projetados para imitar os humanos, com exceção das emoções e com um prazo de vida de quatro anos, passam a desenvolver emoções próprias e invadem a terra com o objetivo de encontrar respostas acerca da arbitrariedade e finitude da sua existência. O teste para que os investigadores do filme descubram se um indivíduo é humano ou andróide é questioná-lo sobre o seu passado, pois o passado é a base para a emoção (experiência/ significação/ memória/ referencial/ experiência/ re-significação...) e um dos suportes da identidade humana. (Para este tema ver MENESES, 1991).

estão presentes nas suas experiências de vida. Apegar-se aos lugares, aos objetos, às pessoas, aos variados elementos referenciais de memória, significa apegar-se a si próprio. Significa apegar-se ao próprio passado e também ao futuro. Mas nossa vivência no presente é que lhes dá um sentido. Nós deixamos neles nossas marcas que nos retornam como códigos inscritos. Mas, não se engane, leitor: os fragmentos encontrados do passado – documentos, objetos, indícios – não falam por si, precisam de alguém que os narre, que lhes dê um significado. É isto o que eles são: fragmentos. Nós compomos uma totalidade através da narrativa. Ou seja, sujeito e objeto formam, juntos, o fenômeno — memória.

Nesse sentido, Le Goff discute a existência de utensílios de produção da memória social: os arquivos, os trabalhos científicos, as obras artísticas, as expressões folclóricas, a cultura popular, os meios de comunicação (rádio, televisão, imprensa), os atuais bancos de memória virtuais (como os disquetes e as CPU's) etc. Bem como a criação de lugares sociais legitimados para produção do discurso que institui uma memória *oficial*. Assim como os **narradores** das comunidades de tradição oral, os **poetas** e **mnemones**³² (funcionários da memória) na Grécia antiga, os **mártires cristãos**³³ e os **velhos** (homens-memória) na Idade Média, a modernidade por muito tempo garantiu ao **investigador** ou **intelectual** o lugar discursivo em torno do qual a memória cristaliza-se, enquanto agente instituinte de monumentos de lembrança (Le GOFF, 1984: 20).

Partindo dessa perspectiva, nós podemos nos perguntar: “De que lugar fala o narrador da história?” “Quem são os criadores e os denominadores da memória coletiva?” “Por que alguns *fatos* emergem e outros não em diferentes épocas históricas?” “Por que eles surgem enquanto problema?” Podemos problematizar a própria **materialização** da memória: a eleição de alguns temas e fatos históricos como constituintes da memória de uma determinada sociedade, em uma determinada época, em detrimento do que foi silenciado. Isto porque o discurso histórico não *refaz* o passado, mas o *re-apresenta* numa determinada perspectiva, ele dota-o de sentido. Ele é um elemento essencial do que se costuma chamar de **identidade**, seja individual ou coletiva.

³² O *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão de justiça. Pode ser uma pessoa cujo papel de ‘memória’ está limitado a uma operação ocasional. (...) Mas pode ser também uma função durável. (...) Na mitologia e na lenda, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lhe lembrar uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte. Os *mnemones* são utilizados pelas cidades como magistrados encarregues de conservar na sua memória o que é útil em matéria religiosa (nomeadamente o calendário) e jurídica. Com o desenvolvimento da escrita, essas ‘memórias vivas’ transformam-se em arquivistas (Le GOFF, 1984: 20).

³³ (...) [A memória cristã] a um nível mais ‘popular’ cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos. Os *mártires* eram testemunhos. Depois da sua morte, cristalizava-se em torno da sua recordação, a memória dos cristãos (Le GOFF, 1984: 26).

A memória coletiva, na modernidade, é lugar de reconstrução da *tradição* (que também é uma espécie de memória), pois a *modernidade* constrói-se a partir da negação da visão de mundo antiga, fabricando uma querela entre antigos e modernos, onde se encontra implícita a idéia de que para progredir é necessário criticar a história. A orientação da *sociedade moderna*, nos séculos XVI e XVII, institui uma rebelião edipiana contra a idéia de tradição. Dessa forma, a *cultura modernista* parte de um sentimento histórico, um sentimento que atribui à história uma dada significação: o desenvolvimento humano (KARL, 1988: 23/24). Como contraponto à sensibilidade hodierna, podemos pensar a cidade perfeita, imaginada por Platão, na República: ela é o espaço em que o homem realiza-se nas suas duas dimensões, social e individual, governado pela razão. Para esta cidade perfeita, a arte representaria o elemento desestruturador; e, por esse motivo, ela deveria ficar do lado de fora da cidade. É estabelecida, então, uma relação entre a sociedade perfeita, estruturada e, portanto, instauradora de uma tradição benéfica, fundada na autoridade e na razão, e o elemento transformador, que seria representado pela arte enquanto feminizadora da alma e adversária da autoridade. Aproveitando a imagem metafórica oferecida por Platão, posso auferir que é como se, na cultura moderna, desistíssemos da segurança da cidade perfeita e nos aventurássemos justamente fora de seu círculo de proteção: a abertura para o novo, para mudança, para o outro implica uma experiência particular do tempo — o tempo histórico: um trilho a seguir *ad infinitum* e *ad nauseam* um caminho no qual indivíduos isolados amontoam-se em vagões que rumorejam sob o sol. Ou seja, a forma como indivíduos e coletividades recompõem suas memórias — e elaboram suas identidades — tem como base suas experiências do tempo.

E essa é a primeira ***mudança epistemológica*** da cultura moderna: a experiência teleológica do tempo³⁴. Essa vivência temporal é herdada da concepção religiosa judaico-cristã. Os hebreus foram os primeiros a ultrapassar as visões circulares e cíclicas do tempo e dar a ele um sentido único. Eles produziram uma mudança substancial na compreensão do tempo: ele passa a ser vivenciado como irreversível, singular, com sentido e finalidade (REIS, 1994: 11). Segundo Neher (1975: 181), a concepção de tempo judaica, ao ligar a *criação* a um Deus único, estabelece entre eles uma relação histórica: Deus *começa* a criar e a criação distribui-se por sete dias. O ***gênesis*** é, portanto, uma *vocação* do tempo — no princípio era o espírito e o verbo: o *espírito* de Deus, criador, iluminado, suave, em

³⁴ José Carlos Reis, em ***Nouvelle Histoire e Tempo Histórico*** (1994), refere-se a três mudanças epistemológicas que caracterizariam o pensamento moderno. Eu as utilizo como premissa neste texto.

movimento constante, confronta-se com a *matéria* criada, desorganizada, opaca e imóvel³⁵. Cada palavra de Deus impõe um ritmo à Criação: o confronto entre espírito e matéria torna-se dialogal. A palavra é a história da Criação.

Dessa forma, a experiência do tempo judaico-cristão, presente nos textos religiosos, aprofunda a tematização da voz interior do sujeito: o espírito da criação em oposição à matéria criada (AUERBACH, 1994: 09/10). Os textos religiosos elaboram e expressam camadas simultaneamente sobrepostas da consciência dos seus personagens, apresentando um caráter evolutivo que lhes confere uma historicidade. Pode-se dizer que o tempo encontra-se na alma (S. Agostinho apud RICOEUR, 1994: 22-51). Mas, apesar da ênfase na experiência interiorizada do tempo, há uma subjugação do sujeito à força do tempo histórico. Além disso, a intenção religiosa condiciona a narrativa a uma exigência absoluta de *verdade* que tem como referencial o não-tempo, a eternidade, ou seja, a imutabilidade da esfera divina (AUERBACH, 1994: 11)³⁶. A partir do momento em que o tempo encontra-se separado da eternidade, a verdade não pode ligar-se ao tempo — não pode mudar com ele. A verdade religiosa não é temporal, não é histórica, em consequência, ela não muda, é eterna.

A concepção judaica erigiu o tempo numa história única, cheia de significado, que pôs em discussão o *destino* ou o *futuro* do homem. Para Neher, “*a bíblia soube fazer a história nascer de uma filosofia: por uma maiêutica aplicada não à totalidade do espírito humano, mas à unicidade da existência humana*” (NEHER, 1975: 178). Ao contrário da República de Platão, que recruta entre os filósofos os seus guardiões vigilantes, a lógica bíblica escolhe-os entre os *homens de ação*: os homens que fazem história. A bíblia relata a vida dos homens cuja tarefa é manter aberto o caminho da História: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi, Cristo. Dessa forma, a história se desenvolve através de etapas cuja progressão está ligada à aliança entre Deus e esses homens eleitos. Homens que encarnam, mais que outros, o espírito humano.

Nesse sentido, mais do que problematizar a razão moderna, Descartes, no século XVI, problematiza o *sujeito* moderno: seu método filosófico para alcançar a racionalidade crítica disciplinada finda por instituir a certeza — absoluta — da ***consciência individual***

³⁵ A explicação helênica da origem do mundo põe em jogo a reciprocidade de duas forças – matéria e energia, conteúdo e forma. O que permite uma relação diferente da cultura grega com a *matéria*. Para este tema ver AUERBACH, 1994 e LLOYD, 1975.

³⁶ Nesse sentido, Neher diz que a transcendência de Deus provém do fato de que nada do que é criado é contemporâneo de Deus – a criação realiza-se no tempo da História. A exterioridade de Deus em relação à criação é verdadeiramente absoluta (NEHER, 1975: 180).

como a base irrefutável para o conhecimento seguro (TARNAS, 2001: 300)³⁷. Esse **sujeito** teria como atributo essencial a razão, através da qual acessaria a verdade das coisas e de si mesmo (DESCARTES, 1962: 41-51). Descartes, em sua busca da verdade, esmera-se em um exercício de lógica que organiza o seu pensamento em torno de uma dúvida metódica. A partir daí, ele chega a algumas premissas: a prova da existência de Deus, o dualismo entre alma/corpo, espírito/matéria e o ato de pensar como prova de sua própria existência. Ele fala das *provas* da existência de um Deus que não é mais afirmado pela fé, mas pela razão, pois os sentidos enganadores não passam de uma visão imperfeita do mundo. O ato de pensar, de duvidar, partilha da **essência** e, conseqüentemente, da *perfeição* divina; ele torna-se a prova cabal da origem divina do *sujeito moderno*, a prova de que o *eu*, que pensa, existe (DESCARTES, 1962: 46-51).

A **segunda mudança epistemológica** da modernidade foi marcada pela convergência de duas significações do termo *história*: a compreensão da história como *realidade vivida* e como *conhecimento*. Consciência e ação unem-se. Isso significa dizer que, se para a teologia a história era universal e produzida do exterior, para a filosofia, ela é produzida pelo interior: a história pode ser feita pelos homens (REIS, 1994: 11). Ela está disponível à sua ação – deuses sobre a terra. A **episteme moderna** coloca tudo na história e o sentimento histórico guarda um sentido de virtualidade, de vir-a-ser, que sugere a idéia de **progressão**. As coisas progridem e têm uma meta: realizar o melhor homem e a melhor sociedade. Isto faz com que este vir-a-ser tome a forma de uma **promessa** ou de um **projeto de realização**. Distintamente da promessa religiosa, que garante uma realização na eternidade (o não-tempo divino alcançado após a morte), a promessa moderna compromete-se com uma realização no tempo dos homens: a história. Dessa forma, creio poder dizer que o projeto de uma melhor sociedade representa um **paraíso-em-construção**. Este paraíso é terrestre, o que não significa dizer que ele não tenha uma aura mítica ou simbólica. Apenas que esses lugares de realização do mundo moderno, tanto a *melhor sociedade* quanto a **identidade-em-construção** do sujeito moderno, ambos são um **ser-no-tempo**.

Entretanto, na passagem do século XIX ao XX, as ciências sociais promovem uma **terceira mudança epistemológica**: elas mantêm o objetivo de informar à ação, mas questionam os limites da concepção da história-conhecimento e, com ela, tornam duvidoso

³⁷ Para Tarnas, a fundamentação filosófica de Descartes articula a afirmação épica que define o *ego moderno* (TARNAS, 2001: 298).

o projeto de previsão, planificação e execução (REIS, 1994: 13). É o caminho da esperança às incertezas que marca a radicalização da episteme moderna. A busca da **consciência de si** e da **auto-realização** desenvolve um *modelo de consciência*, que põe em foco, ou transforma em problema, o conceito de **identidade** – seja ela coletiva ou individual. Esta afirmação sugere que os **problemas existenciais** do sujeito e da identidade são produzidos pela condição moderna. De acordo com algumas posições filosóficas, a história da subjetividade moderna seria a história de sua *desconstrução*: ela partiria de um sujeito mítico, demiurgo, para um sujeito que vai se interiorizar e perder seus referentes, sua autonomia, sua fixidez. A desconstrução do sujeito, a partir do distanciamento de sua semelhança divina, implicaria o surgimento da temática da identidade (PERRUSI, 2003: 95).

Não quero dizer com isso que a imputação de vínculos de pertencimento — que é a fabricação de uma identificação com o coletivo — seja uma ação exclusiva das modernas sociedades ocidentais. Ela é, isto sim, um ato comum às narrativas humanas. As ditas *sociedades tradicionais*, pré-modernas ou não-ocidentais, compartilham memórias e organizam-nas numa narrativa que formula seus mitos de ancestralidade comum. Como diria Walter Benjamin, “*a memória é a mais épica de todas as faculdades*” (BENJAMIN, 1985: 210). Mas as lealdades ou identificações costuradas nas sociedades não-modernas são geralmente relacionadas às tribos, povos, religiões ou às regiões as quais pertencem e não são problematizadas; enquanto, na modernidade, o **indivíduo** e a **história** afirmam-se. Com isso, há uma problematização da identidade que, posteriormente, inclui o conceito de **crise** (consciência, razão, memória, inconsciência, desrazão, instinto, esquecimento); e formula-se uma representação peculiar do **coletivo**: ele é formado por uma relação problemática do **eu** com o **outro** — que é a base da equação incerta da República moderna.

1.1.2. ALGUNS PARADIGMAS DA HISTORIOGRAFIA

Esta é uma digressão importante para determinação do fazer historiográfico, pois diz respeito ao paradigma ético e estético por trás do desenvolvimento de uma narrativa histórica. **Ético** porque o que chamamos de *fato* e/ou *vestígio*, está supervalorizado pelo conceito de *verdade*; ou seja, trata-se do elemento *verificável*, em torno do qual determina-se a função e a identidade do *historiador*: aquele que descreve o que *realmente* aconteceu. Ele representa, ao mesmo tempo, o seu objeto de trabalho e a garantia simbólica de acesso a um suposto *real passado*. **Estético** porque mesmo que a referência ao **real empírico** seja

importante ao historiador, que se debruça sobre **vestígios**, o passado só pode ser reconstituído pela **imaginação** (RICOEUR, 1984: 125): a disposição, numa narrativa, dos fragmentos encontrados do passado faz do historiador um narrador de histórias que *inventa* uma ordenação, uma lógica, através de um enredo que contextualiza e compõe uma textura para esses fragmentos.

Então, aparentemente, o historiador possui um tripé que alicerça o seu trabalho: **a) o tempo** ou, seria melhor dizer, uma experiência do tempo histórico, que não está presente apenas na preocupação com o passado (trocadilho involuntário), mas na forma como ele é analisado: qual a experiência temporal que embasa uma determinada análise do passado? Linear, evolutiva, ritual, circular, teleológica? Assim, o passado pode ser abordado como memória do tempo presente, ou como uma história do que realmente aconteceu, ou como uma perspectiva de futuro em que a utopia substitui a profecia; **b) a narrativa**, na qual inscrevemos fatos, objetos, vestígios, no reino do humano; o que significa dizer que nela está implícita uma relação causal que não apenas descreve, mas cria uma ordenação na disposição dos fatos/fragmentos/vestígios: ela pode ser construída de forma a que todos os fatos encaixem-se e expliquem-se *per si*, ou pode configurar um tempo fragmentado e múltiplo, com várias vozes, ou ainda pode *desconstruir* verdades cristalizadas etc; **c) e o projeto** que estabelece uma relação entre o *sujeito* historiador e o *objeto* fato histórico, e terá consequência na construção da *moral da história*: ela pode dizer a *verdade* sobre o passado, fazer da história um *legado* para gerações futuras, *interpretar* o processo histórico que resultou num fato etc.

Mas o *projeto* da historiografia é também histórico: a sua elaboração depende da relação entre o sujeito e sua concepção de tempo, de objeto, de ciência, de arte, de verdade. A relação entre as *artes memoriais*, na Grécia antiga, e o *passado* é diferente da relação entre a *ciência* e o *passado real*. Para os gregos, a memória pertence à parte da alma da qual brota também a imaginação: Mnemosyne é a mãe das musas que são responsáveis pela inspiração (MENESES, 1991: 11/12). Para os historiadores positivistas, o passado está no campo da verificação e do acúmulo de conhecimento. Entretanto, a *historiografia moderna* já declarou o sentido e a finalidade do tempo histórico teleológico; já restaurou o conceito de memória, revalorizou o esquecimento criador e relativizou a importância da verdade como valor superior; já questionou a validade do fato histórico, a identidade do historiador e o próprio conceito de realidade.

Enquanto o século XVII foi marcado pela esperança da substituição das ignorâncias antigas pelo racionalismo e o empirismo; pela visão ordenada de um universo que poderia ser matematicamente analisado; por um Deus tranqüilo e distante, em regalo, após a sua portentosa criação; pelo ato de duvidar, como a prova cabal da essência da origem divina do *sujeito moderno* que pensa, logo existe; este discurso de perfeição, provas e certezas, iria chafurdar nas dúvidas dos séculos seguintes³⁸. No século XVIII, enquanto a ciência reivindica o conhecimento seguro e legítimo, a filosofia alega que a experiência humana jamais chegará a tal conhecimento. Pois, se a base do conhecimento humano é o encontro entre a mente e o mundo físico, podemos perguntar “*Mas quem é esta mente que é capaz do conhecimento?*” Kant, na segunda metade do século XVIII, vai além e se pergunta “*Como é possível o conhecimento seguro num universo fenomênico?*” Com este questionamento, a relação mente-mundo, espírito-mundo racionalista é problematizada e criticada (TARNAS, 2001: 367).

O vitalismo – doutrina defendida por filósofos e cientistas entre meados do século XVIII e meados do século XIX – põe mais lenha na crise epistemológica do pensamento moderno quando afirma que o fundamento dos fenômenos vitais é uma força vital que não pode ser apreendida pela ciência, pois se trata da *essência* da vida (ABBAGNANO, 2000: 1005). Esse momento prefacia uma mudança na forma de pré-figurar o mundo, uma mudança no olhar para as categorias estruturadoras do mundo como tempo, espaço, a relação entre sujeito e objeto. Os produtores do discurso histórico entram em choque com a verdade científica universal ou universalizante; com isto, surgem críticas às noções de progresso, fato etc. (WHYTE, 1995: 17).

Durante todo século XIX, filósofos, historiadores e cientistas sociais perguntam-se “*O que significa pensar historicamente?*” (WHYTE, 1995: 17). Rickert, da Escola neo-kantiana de Baden, no final do século XIX, propõe uma distinção entre a Ciência da Natureza e a Ciência da Cultura. Segundo esse autor, faz-se necessária a construção do estatuto de uma Ciência da Cultura. Esta poderia eleger os mesmos objetos da ciência da natureza, mas deveria ter percursos e recursos metodológicos diferenciados, por se tratar de uma ciência que lida com valores humanos (RICKERT, 1943). Essas discussões põem em questão a forma de produção de conhecimento proposta pelas ciências da natureza. E é do campo da arte que vem o primeiro padrão de conhecimento contra o positivismo.

³⁸ Talvez porque, como disse um poeta, as provas cansam a(s) verdade(s)...

Para Schopenhauer, o labor científico é inferior à imediatês genial da **intuição artística**. A **música** fala algo mais sutil que o intelecto, pois o intelecto divide tudo, enquanto a **intuição** une tudo (Schopenhauer apud DURAND, s/d: 88-90). Para Bérqson, a **arte** poderia ir além das generalidades convencionalmente e socialmente aceitas, enfim, tudo o que esconde a **realidade**, para nos colocar face a face com a realidade mesma, a realidade autêntica e profunda; a imaginação poética, nesse sentido, não pode ser senão uma visão mais completa da realidade (BERGSON, 2001: 112-118). Segundo este autor, a **ciência histórica** estaria ligada ao que ele chama de classificação generalizante, sendo melhor então falar de **memória** para abordar a conservação do passado (BERGSON, 1997: 280/281). Essas são teorias filosóficas que falam de uma **força vital** que é negada pelo materialismo rude que tenta explicar os fenômenos da vida como vindos de forças físicas e químicas e estas pelos efeitos mecânicos da matéria (Schopenhauer apud DURANT, s/d: 37/38) ou de uma **realidade autêntica** e profunda, inapreensível por conceitos generalizantes (BERGSON, 2001: 117).

Enquanto Schopenhauer fala de uma **vontade vital** que arrasta tudo e todos e contra a qual luta o agente do conhecimento, Hegel anuncia a idéia de uma **história racional** que agiria como a realização de um plano regulador e condutor dos indivíduos: seria a astúcia da razão histórica universal que conduziria o espírito humano em direção ao progresso. A História Universal é racional e representa o processo humano de consciência de si. Os grandes homens da história – os heróis – são aqueles cujos fins particulares encerram o fator substancial que é a vontade do gênio universal: os homens históricos são indivíduos que apreendem uma proposição universal e fazem dela seu objetivo, em conformidade com a lei mais elevada do **espírito**, e “o espírito, ao dar este novo passo histórico, é a alma mais profunda de todos os indivíduos – mas em um estado inconsciente, pelo qual os grandes homens despertam para consciência” (HEGEL, 2001: 78-80). É por isso que os outros seguem esses **condutores de almas**, porque experimentam o poder irresistível de seu próprio espírito incorporado neles. Enquanto Schopenhauer critica a noção de progresso e enfatiza o **sujeito** agente do conhecimento e domador dessa **vontade vital** que seria *nada mais do que a vida*, uma espécie de **super-natureza**; Hegel enfatiza o **processo**, ao tomar o sujeito como mero ator de um papel a ser desempenhado no *Teatro da História*, um ator que não conhece o texto mas é indubitavelmente conduzido por ele. A história funcionaria como uma **super-razão**. Em comum a ambos, a idéia de uma correnteza que a todos arrasta. Uma é *racional* e outra, *vital*. Uma conduz ao progresso e outra, não conduz.

Contudo, a martelada mais dolorosa vem de Nietzsche. Para o autor, a civilização moderna, *histórica e evolutiva*, é niilista³⁹ porque ela nega a vida. O *homem moderno* arrasta consigo “*uma quantidade descomunal de indigestas pedras de saber, que ainda, ocasionalmente, roncam na barriga*” (NIETZSCHE, 1974: 70). O saber é adquirido sem a necessidade correspondente, e todo saber absorvido em desmedida, sem fome, já não atua mais como motivo transformador. Esta seria, a seu ver, uma característica do *homem moderno*: um interior que não corresponde a um exterior e um exterior que não corresponde a um interior. As subjetividades são esvaziadas até chegarem à eterna desvalorização ou à... *objetividade*.

De acordo com essa perspectiva, a objetividade é um estado humano em que os atos de criação, como a poesia e a música, já não são capazes de agir sobre as subjetividades. Diante de atos de criação as subjetividades esvaziadas ao invés de sorvê-los perguntam-se: “*Mas qual a história de seu autor?*”. A *cultura moderna*, dessa forma, não é uma cultura viva, efetiva, mas sim uma “*espécie de saber em torno da cultura*” (NIETZSCHE, 1974: 70). Os *homens modernos* não criam nada de seu, ao contrário disso, enchem-se e abarrotam-se com tempos, costumes, artes, filosofias e religiões alheios. (NIETZSCHE, 1974: 70/71). O que leva o autor a perguntar-se se os filósofos modernos serão homens ainda ou apenas *máquinas* de escrever e falar⁴⁰.

Todavia o *sentido histórico* considerado negativo pelo autor é tal como é tido na modernidade: cumulativo e sem esquecimento. Em que poderia ser útil ao homem a consideração monumental do passado? (NIETZSCHE, 1974: 69). Esse acúmulo de conhecimentos faz parte de uma *supertição científica* que nos torna cada vez mais

³⁹ Em **Sobre o Niilismo e o Eterno Retorno**, Nietzsche se pergunta: *O niilismo está à porta: de onde nos vem esse mais sinistro de todos os hóspedes?* E ele mesmo responde que o niilismo reside na interpretação moral cristã (NIETZSCHE, 1974: 387). Em **Genealogia da Moral**, Nietzsche define o *niilismo* a partir de suas três figuras principais: 1) o **ressentimento** - O outro é sempre culpado de tudo. 2) a **má-consciência ou sentimento de culpa** - Transformação, realizada pelo padre ascético, do ressentido em culpado. 3) o **ideal ascético** - o ascetismo religioso considera a vida um erro. Ele nega a vida e faz dela uma ponte para outra vida, a *vida verdadeira* (NIETZSCHE, 1974: 305-333). Marshall Berman afirma que o termo *niilismo* surge na geração de Marx: *foi cunhado por Turgueniev como o mote de Bazarov, o herói radical (mas, na verdade, um tanto ‘positivo’) de seu romance Pais e Filhos (1861). É elaborado de forma mais séria por Dostoiévski em Notas do subterrâneo (1864) e Crime e Castigo (1866-67). O tema perpassa todos os escritos de Nietzsche, mas é explorado em mais detalhe e profundidade em A vontade de potência (1885-8), principalmente no Livro I, ‘O niilismo europeu’. Raramente se menciona, mas vale notar que Nietzsche considerava a política e a economia modernas profundamente niilistas. (...) Algumas das imagens e análises que Nietzsche apresenta ali têm um quê surpreendentemente marxista* (BERMAN, 2001: 132).

⁴⁰ O medo do **saber mecânico** parece fazer parte dos pesadelos literários dos séculos XVIII e XIX. (para este tema, ver ROMANO, **Moral e Ciência**: a monstruosidade no século XVIII, 2003). Bérgeon, em **O Riso**, ao problematizar os mecanismos da comichidade, do risível, chega à conclusão que o riso é um gesto de reação à **mecanização** da vida (BERGSON, 2001: 35).

incapazes de engendrar devires. O autor tece, dessa forma, uma crítica ao sentido histórico irrefreado que solapa o que é vivo, destrói as ilusões⁴¹ e erradica o futuro. O **doente** de febre histórica tem apenas alguns espasmos de ação e, quando isto acontece, a sua opção é por dissecar o seu próprio ato⁴² (NIETZSCHE, 1974: 73). Dentro dessa argumentação crítica, o *esquecimento* não é uma fuga ou inércia ou superficialidade, é rebelião, dissidência e desorganização criativa. O esquecimento não é falta de memória, mas é a memória da vontade; é a capacidade de agir ao invés de ser agido.

É necessário esquecer, se expor ao erro, desafiar a morte, para correr o risco de gerar uma nova vida. O esquecimento é criador – e vê o devir como afirmação, como potência a-histórica: *“Um homem que não possuísse a força de esquecer, que estivesse condenado a ver por toda a parte um vir-a-ser, tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser”* Este homem, como o bom discípulo de Heráclito, *“mal ousará levantar o dedo”*: *“Um homem que quisesse sentir apenas historicamente seria semelhante àquele que se forcesse a abster-se de dormir, ou ao animal que tivesse de sobreviver apenas da ruminação e ruminação sempre repetida. (...) Há um grau de insônia, de ruminação, de sentido histórico, no qual o vivente chega a sofrer dano e por fim se arruína, seja ele um homem ou um povo ou uma civilização.”* (NIETZSCHE, 1974: 66). Para Nietzsche, todo agir requer esquecimento⁴³.

⁴¹ E a disposição à ilusão é o meio no qual o homem pode viver tudo o que quer viver: *Somente no amor, porém, somente envolto em sombras pela ilusão do amor, o homem cria, ou seja, somente na crença incondicional na perfeição e na justiça. A todo aquele que obrigaram a não amar mais incondicionalmente, cortaram as raízes de sua força: ele tem de se tornar árido, ou seja, desonesto. Nesses efeitos, a história é o oposto da arte.* (NIETZSCHE, 1974: 73).

⁴² Monsieur Teste, personagem de Valéry, parece personificar bem este estado de espírito. Segundo o Valéry, Teste foi engendrado durante uma era de embriaguez de sua vontade e em meio a estranhos excessos de consciência: *Eu padecia do mal agudo da precisão. Tendia para o ponto máximo do desejo insensato de compreender, e buscava em mim os pontos críticos de minha faculdade de atenção. (...) Rejeitava não só as Letras, como também a Filosofia quase inteira, entre as Coisas Vagas e as Coisas Impuras às quais recusava-me de todo coração. (...) Quem sabe a maioria desses pensamentos prodigiosos sobre os quais tantos grandes homens, e uma infinidade de pequenos, trabalharam durante séculos não passa de monstros psicológicos – Idéias Monstros – gerados pelo exercício ingênuo de nossas faculdades interrogativas que aplicamos em tudo um pouco – sem perceber que só devemos razoavelmente questionar o que pode realmente nos responder?* (VALÉRY, 1997: 7/ 12).

⁴³ Um exemplo literário dessa “doença do não-esquecimento” seria Funes, o memorioso, personagem criado por Jorge Luís Borges. Funes era capaz de reconstruir um dia inteiro, mas a reconstrução requeria um dia inteiro, pois ele lembrava-se de todo e qualquer detalhe. Desta forma, ele é capaz de guardar tudo na memória, mas incapaz de fazer uma seleção ou de abstrair a diferença entre os elementos lembrados. Sua memória era como um despejamento de lixo. Cada palavra tinha um sinal particular, uma espécie de marca, o que tornava os conceitos gerais supérfluos. Como suspeitou o próprio narrador do conto, Funes não era muito capaz de pensar: *Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes, não havia senão pormenores quase imediatos* (BORGES, 1999: 545). É interessante percebermos que, apesar de partilharem a crença na importância do esquecimento para produção do saber, enquanto Nietzsche critica a

Se a memória, na ordem do saber, é tida pelos iluministas como repetição, sendo, conseqüentemente, desvalorizada por não ser capaz de gerar autonomia do conhecimento⁴⁴, no século XIX ela é tomada na ordem dos *sentimentos* (Le GOFF, 1984: 43). O romantismo reencontra a sedução da **memória**. Para superar uma *história positivista*, há a valorização da *memória* em oposição à *história* tal como era produzida até então. Há uma expansão da memória no campo da filosofia e da literatura: Bergson realça os laços da memória com o espírito, com a alma; Proust recoloca a memória na cadeia mito-história-romance; André Breton propõe uma nova metamorfose das *arts memoriae*; e Freud, ao analisar o comportamento da memória durante o sonho, verifica que a memória específica do sonho é também escolha; ele problematiza, dessa forma, a *censura* da memória, que é uma idéia importante para avaliação das manifestações da memória coletiva⁴⁵ (Le GOFF, 1984: 43).

Segundo Julien Freund, dois fenômenos contribuíram para suscitar uma reflexão sobre a particularidade das ciências que chamamos hoje de *humanas*: por um lado, o desenvolvimento das ciências da natureza a partir dos trabalhos de Galileu (juntamente com as novas perspectivas que ofereciam); e, por outro, o dualismo da alma e do corpo, do espírito e da matéria, que Descartes desenvolveu na filosofia (FREUND, 1977: 12). Mas foi Galileu Galilei, após o sucesso do seu primeiro livro, *O Mensageiro das Estrelas* (1610), baseado nas suas observações da lua através do telescópio, quem criticou os fundamentos da física aristotélica, então dominante nas Universidades, baseada na evidência dos sentidos. Através da sua observação, Galileu comprovou que a teoria

generalização monumentalista e apregoa o esquecimento criador a partir da vivência do particular, do instante, sem ruminação, uma vivência feliz, Borges demonstra, através do caso de Funes, que o esquecimento é ato fundante da criação, porém o tipo de raciocínio proporcionado por ele é justamente o raciocínio... generalizante! Pois, quando o indivíduo esquece, ele esquece o particular. O excesso de memória é particularista e não é capaz de relativizar, colocar em perspectiva, comparar, ou seja, produzir conhecimento.

⁴⁴ Weinrich fala sobre a crítica iluminista à memória — tida como repetição improfícua: *Já a crítica à memória, no Iluminismo, substituiu o burro pelo papagaio como símbolo da ignorância e da burrice. Como exemplo disso, tome-se o trecho ‘Le jacó ou Perroquet cendré’, na Histoire naturelle, de Buffon, de 1779, onde essa espécie de papagaio é admirada pela sua memória, mas por outro lado, se diz com a astúcia da razão esclarecida que um papagaio desses, propriedade de um cardeal (!), aprendera a dizer sem erro o credo apostólico e outro até servira de padre a bordo de um navio recitando o rosário para os marujos, quer dizer, repetindo mecanicamente. Pois essa ave, segundo Buffon, é um virtuose da repetição.* (WEINRICH, 2001:203)

⁴⁵ As questões relativas à memória são fundantes da psicanálise. A partir de seu estudo sobre as histéricas, Freud chega à conclusão que o aparelho mental seleciona o que vai registrar. Assim sendo, a memória não é museológica, mas seletiva. Os sintomas neuróticos estão relacionados não diretamente com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejo e que se apresentam como recordações verídicas. Trata-se de lembranças encobridoras. Da mesma forma, o esquecimento dos sonhos é tendencioso e serve aos propósitos da resistência. A psicanálise freudiana fala das lembranças esquecidas/escondidas/encobertas por conta da repressão: histéricas, neuróticas e pessoas normais escondem-se no esquecimento (MENESES, 1991: 09-12).

aristotélica da incorruptibilidade dos corpos celestes era falsa, haja vista a *rugosidade* da lua com suas cadeias de montanhas. A polêmica proposta por seus experimentos não era apenas astronômica, mas, sobretudo, filosófica, pois ele questionava teses epistemológicas e metodológicas tradicionais, além sublinhar um compromisso científico com a verdade.

No *Ensaíador* (1623), Galileu discute uma alternativa metodológica baseada na observação e no experimento como principal critério de verdade. Seu método propunha uma distinção entre as qualidades primárias do objeto - forma, figura e movimento – que, segundo Galileu, não podem ser eliminadas do conceito de corpo físico e funcionariam como elementos racionais e quantitativos passíveis de tratamento matemático e geométrico; enquanto as qualidades secundárias - cores, odores e sabores – que possuem existência conferida pela subjetividade perceptiva, não seriam para ele mais do que nomes. Essa distinção tem como objetivo eliminar as qualidades subjetivas dos objetos, reduzindo a natureza a termos quantitativos passíveis do tratamento matemático (MARICONDA, 1988: XXI).

O mais curioso é que essa dualidade matéria/espírito, mente/corpo, tanto servirá de base para o **racionalismo**, que denega as qualidades subjetivas, quanto para o **culturalismo** que critica a *razão instrumental* e o *materialismo rude*. A questão é que a construção do sujeito moderno (*cogito ergo sum*) aparentemente faz-se a partir de uma **denegação**: a) denegação dos sentidos – pois estes impedem que o sujeito realize o projeto de autonomia; b) e também uma denegação dos objetos: é um erro opor um suposto materialismo absoluto das sociedades modernas a um não materialismo de sociedades passadas. Isso porque é justamente o projeto de sujeito transcendental – aquele que é constituído por nenhum lugar, por nenhum objeto, nenhuma superstição – que nega qualquer investimento nos objetos, que não seja da ordem financeira (STALLYBRASS, 2000: 62). Nesse sentido, Karl Marx elegerá a oposição radicalmente desmaterializada entre sujeito e objeto, entre o indivíduo e suas posses, como uma das oposições centrais das sociedades capitalistas (STALLYBRASS, 2000: 59).

Marx dedica os seus esforços à análise da perda sistemática da memória dos objetos, pois problematiza a mágica de transmutação operada pelo capitalismo: a **mercadoria** surge a partir da morte da **memória material**⁴⁶. O objeto torna-se uma mercadoria, um valor de

⁴⁶ Embora Marx, assim como Hegel, Darwin e Freud, aplique o modelo histórico e evolucionário de mudança, ele também demonstra esse desejo – romântico, modernista – de encontrar caminhos alternativos pelos quais a humanidade pudesse encontrar uma saída. Como opositor ao Estado Burguês, Marx acredita na dissolução do Estado através da qual o homem poderia ressurgir ou perecer. Para Lowy, o aspecto romântico

troca, quando é desnudado de sua particularidade histórica. Assim sendo, a memória não diz respeito apenas a **mentes**, mas também a **coisas**: elas são presenças materiais e imateriais, pois servem de códigos a outras presenças materiais e imateriais (STALLYBRASS, 2000: 39/40). Na relação de troca, é retirada do objeto a sua dimensão humana: seus traços – o puído da manga, a mancha do tecido, o amassado do brinquedo, o amarelado do livro –, suas memórias, denigrem o seu valor. Segundo Stallybrass, para Marx, o fetichismo não era o problema da sociedade moderna, mas, sim, o fetichismo das mercadorias que apagava as qualidades sensoriais dos objetos (STALLYBRASS, 2000: 57). Sobretudo, o corpo do trabalhador é reduzido a uma abstração. Nessa perspectiva, *O Capital* tentaria restaurar a “*memória material, uma memória literalmente corporificada na mercadoria, embora suprimida na memória*” (STALLYBRASS, 2000: 105)⁴⁷.

A constituição das ciências sociais dá continuidade a transformação da **memória**: a sociologia explora o conceito de memória coletiva e o conceito de tempo; a psicologia social, a memória ligada aos comportamentos; a antropologia serve-se do conceito de memória, melhor adaptado do que o de história, para as sociedades arcaicas; e a história conquista um novo objeto: as mentalidades. Há uma conversão do olhar histórico para a exaltação da memória coletiva através da busca da memória menos nos textos do que nas palavras, imagens, gestos, rituais e festas. A *nova história* se esforça para criar uma história científica a partir da memória coletiva, tomando como base: 1- uma problemática contemporânea e uma iniciativa retrospectiva; 2- a renúncia a uma temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos; 3- uma história configurada a partir do estudo dos *lugares* da memória coletiva (Le GOFF, 1984: 44). Nessa perspectiva, a memória é vista como um fenômeno enraizado no presente e este seria um lugar discursivo permissivo à existência de um projeto de construção deste presente e/ou do futuro. Assim sendo, o fazer historiográfico ganharia um projeto político-libertário: “*Devemos trabalhar de forma a que*

está presente de maneira indiscutível na obra de Marx e Engels: *Basta mencionar a simpatia de ambos pelos populistas russos e a esperança de ver a comunidade rural tradicional (obchtchina) servir de germe para o futuro socialista da Rússia* (LOWY, 1993: 72) Marx e Engels também problematizam as *forças destrutivas* emanadas pelo sistema capitalista.

⁴⁷ Sartre, em *A Náusea* (1938), opta por uma espécie de *partido das coisas*, ao redescobrir a força dos objetos. Roquentin é um historiador de 35 anos que faz pesquisas no Arquivo Público da cidade onde mora, Bouville. O protagonista começa a sentir um inexplicável e indefinível mal-estar a cada vez que interage com objetos ao seu redor: seja um seixo, uma faca ou mesmo um copo de vidro. Eis o que é a Náusea: a existência das coisas perdeu o aspecto inofensivo de categoria abstrata; a massa das coisas, em sua individualidade, sem o seu verniz, se revelou em uma nudez apavorante e obscena; as medidas – quantidade, altura – não têm mais como agir sobre elas. O mundo das explicações e das razões não é o da existência. Com isso, Roquentin supera o mundo das ilusões, das aparências. Contudo, a ilusão é causada pelos pensamentos abstratos e não pelos sentidos. Existir é contingência, é o absoluto, é a gratuidade perfeita; isto embrulha o estômago, isto é a náusea. Uma espécie de cumplicidade nas coisas.

a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le GOFF, 1984: 47)⁴⁸.

Se Bergson desenvolve sua fenomenologia da lembrança partindo da imagem simbólica da crisálida, da memória interior e subjetiva, a discussão epistemológica das ciências humanas, no século XX, será pautada pela sobre-determinação das *conjunturas*: lingüística, cultural, psíquica, histórica, social, econômica, arquetípica etc. Halbwachs desenvolve a sua sociologia da memória coletiva a partir, a meu ver, da imagem simbólica de um caleidoscópio formado por um conjunto de indivíduos, suas lembranças e relações; fragmentos que formam uma totalidade móvel. Para Halbwachs, o passado não é conservado, mas se reconstrói, está em **movimento**. Nós somos seres *socializados* – sobretudo através da mediação da linguagem – e aprisionados em quadros mentais de grupos sócio-culturais dos quais fazemos parte. O movimento da reconstrução da memória tem como base indivíduos socializados que suportam a memória coletiva⁴⁹.

Esse sujeito fragmento, dessemelhante de Deus, voltado para dentro de si mesmo, sofre de um aparente paradoxo: trata-se de um sujeito aprisionado em sua liberdade construída em meio a teias de relações sociais. É como se cada um de nós deixasse um rastro colorido único e peculiar, como se tivéssemos continuamente um rolo de fitilho colorido à mão que continuamente desenrolássemos em nossos inúmeros trajetos cotidianos, marcando o trajeto único de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, nos tornássemos incapazes de distinguir o nosso próprio fitilho em meio a tantos outros sem fim de existências - tantas cores, tantas direções - como se nossa passagem pelo mundo fizesse parte de uma enorme teia de fitilhos coloridos, tecidas não por uma enorme aranha, mas por milhares de bípedes como nós.

Desta forma, as questões que no século XIX eram tidas por historiadores, filósofos e teóricos sociais como passíveis de serem respondidas de forma inequívoca, no século XX,

⁴⁸ Talvez José Carlos Reis não concordasse com esta assertiva, já que para ele, *se o tempo da história sob a influência da filosofia foi compreendido e experimentado como uma aceleração otimista, revolucionária da história, o tempo histórico sob a influência das ciências sociais é uma desaceleração cautelosa – não se pode dizer reacionária, pois nesta palavra há um juízo de valor, embora tenha sido uma reação, de fato, à aceleração revolucionária da modernidade*. (REIS, 1994: 16)

⁴⁹ Halbwachs diria que se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (...) Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1990: 51).

processam-se numa atmosfera menos autoconfiante e diante do receio de que talvez não haja possibilidade de dar-lhes respostas definitivas: “*Pensadores da Europa Continental – de Valéry e Heidegger a Sartre, Lévi-Strauss e Michel Foucault – expressam sérias dúvidas sobre o valor de uma consciência especificamente histórica, sublinharam o caráter fictício das reconstruções históricas e contestaram as pretensões da história a um lugar entre as ciências*” (WHITE, 1995: 17). Se o passado é *mental*, feito de imagens e crenças (VALÉRY, 1999: 113), isto gera uma questão: “*Os fatos históricos existem independentemente da interpretação dos sujeitos?*”.

Há pelo menos três caminhos para respondê-la: 1) Sim. O objeto é dado em si mesmo, ou seja, o fato existe independente de ser *descoberto* (Rank); 2) Não. O objeto é construído pelo sujeito, isto é, ele só passa a existir a partir do olhar de quem o interpreta (Dilthey). 3) Uma terceira via propõe a superação dessa dicotomia matéria X espírito, objeto X sujeito: a) a produção de conhecimento é entrelaçada no complexo das relações sociais, havendo uma base material que forma a consciência, que é, portanto, histórica (Marx). b) o sujeito também é resultado do processo de conhecimento, nesse sentido, todo objeto é uma construção **histórica** e emerge como fato **histórico** através do olhar do sujeito, também *histórico* (Foucault). Ou seja, sujeito e objeto formam juntos o fenômeno **memória** e o homem não é apenas sujeito, mas **objeto** da história⁵⁰.

Nesse momento, os intelectuais vão questionar, sobretudo, o papel ou a vocação do historiador ou do filósofo da história. Questionar a existência do **fato histórico** é questionar a base sobre a qual a identidade do historiador foi constituída. Qual seria, então, a diferença entre a literatura e a história? Entre o escritor de ficção e o historiador? O que está em jogo nessa discussão é que a historiografia reivindica uma referência ao passado real através da busca de vestígios que servem, ao mesmo tempo, como objeto de análise e prova ou emblema de acesso a esse real passado. Há um compromisso com a verossimilhança: o projeto de reconstituição **tem** que ser convincente, **tem** que parecer verdade (RICOEUR, 1994: 253).

Contudo, a **narrativa histórica** só pode reconstituir o real passado pela imaginação, bem como a **narrativa ficcional** faz referência a traços do real (RICOEUR, 1994: 253). A ruptura entre as duas narrativas é epistemológica: 1) a produção da narrativa histórica ocorre a partir de regras que permitem o diálogo entre os pares historiadores. Elas dizem

⁵⁰ Para alguns críticos, a grande distinção entre Marx e Foucault será pautada por uma maior (Marx) ou menor (Foucault) liberdade do sujeito histórico diante das estruturas nas quais encontra-se inserido. Para este tema ver: PAIVA, 2000.

respeito aos procedimentos na construção da narrativa: a história faz referência ao real passado por meio dos vestígios; e por meio da utilização de entidades: enquanto a narrativa de ficção utiliza-se do personagem individual, a narrativa histórica põe no lugar do sujeito da ação entidades anônimas; 2) conceitualização – o historiador não apenas descreve, mas analisa e classifica; 3) e objetividade (RICOEUR, 1994: 254). Entretanto, para Ricoeur, ao utilizar o recurso da constituição imaginativa, que configura o provável curso dos acontecimentos, com a finalidade de compará-la com o curso real a partir dos vestígios, a história atua de modo análogo ao da configuração mítica, pois trabalha com entidades (quase personagens já que fazem uma referência oblíqua a indivíduos) que funcionam de modo semelhante ao indivíduo da narrativa; e leva em conta as múltiplas temporalidades que remetem à narrativa (RICOEUR, 1994: 254).

No contexto dessa discussão, no século XX, nós podemos perceber na produção do(s) discurso(s) histórico(s): 1) uma problematização do sujeito produtor do conhecimento (o sujeito deixa de ser visto como uma totalidade para ser pensado como resultado do processo de conhecimento; ele não é, portanto, a-histórico). 2) uma problematização do *fato histórico* (o objeto é uma construção **histórica** e emerge como fato **histórico**). 3) um outro “encontro” com o passado que faz aflorar as **experiências** do sujeito e leva o historiador para o terreno da **descrição densa** (GUERTZ, 1989: 315), como a descrição de Walter Benjamin de sua infância berlinense, na qual o sabor, as sensações, as emoções, enfim, a experiência é o elemento que compõe a sua narrativa (BENJAMIN, 1985). Creio poder dizer que o narrador da descrição densa é o *sábio* — no sentido fabricado por Nietzsche: “A palavra grega, que designa o ‘sábio’, está etimologicamente ligada a **sapio**, eu saboreio, **sapiens**, aquele que saboreia, **sisyphos**, o homem de gosto extremamente apurado; uma faculdade penetrante de saborear e de conhecer as coisas, uma aptidão notável de discernimento, constitui, então, segundo a consciência do povo, a arte genuína do filósofo” (NIETZSCHE, 1995: 30).

Da mesma forma que o literato, o historiador deve ter consciência de que a narrativa, assim como a música, dentre outras linguagens, é capaz de dilatar ou contrair o tempo, pode propor continuidades ou ressaltar interrupções, ela pode tomar a forma de uma fuga ou de um adágio... Sendo assim, não apenas os *fatos/fragmentos/vestígios históricos* são o instrumento de trabalho do historiador. A narrativa também o é. E nela está implícito o nosso condicionamento cultural de apreensão do tempo, do espaço, da causalidade, da finalidade etc. Para a elaboração de uma historiografia (auto) crítica faz-se necessária a

compreensão desses padrões de apreensão do mundo. É importante que façamos uso de nossos instrumentos de trabalho de forma consciente. Nesse sentido, também uma forma de arte: artes memoriais.

1.2. FABRICANDO CONCEITOS

O tema de minha pesquisa são as práticas sociais dos intelectuais e artistas de classe média que atuam na cidade do Recife, no período pré-golpe, mesmo que pretenda abordá-las a partir das *cosmovisões* que inspiram essas práticas para, através delas, dar textura a três personagens. A discussão travada neste tópico relaciona-se à forma como o papel de *mediador da esfera pública* é forjado e ganha status nos *cenáculos* urbanos. Apesar de haver uma certa denúncia de que a suposta *vocação* de mediador da esfera pública é *essencialmente* excludente e elitista, posto que exercida oficialmente, durante muito tempo, apenas por intelectuais e artistas advindos das camadas médias ou altas da sociedade — sujeitos capazes de realizarem a si mesmos de forma autônoma e de garantirem a sua autenticidade num mundo cada vez mais mecanizado — ou desencantado —, cercando-se de uma aura de nobreza; e sendo, no fundo, apenas indivíduos sequiosos por ascensão social; apesar disto, acredito que essa mediação entre o privado e o público é uma característica intrínseca das relações entre o eu e os outros, na modernidade, ocorrendo também — embora de forma não alardeada — em outras camadas da sociedade⁵¹. Existindo em todos os subgrupos culturais de uma forjada cultura nacional. Ou seja, a *vocação* de *mediador* não é um papel social elaborado ou usufruído apenas por classes médias em busca de ascensão social ou classes abastadas. Embora seus *cientistas* e *artistas* tenham adquirido maior dizibilidade e vizibilidade e tenham sido elevados ao status de porta-vozes oficiais da Nação⁵². Esta é a temática central travada a seguir.

1.2.1. ESPAÇO PÚBLICO E CULTURA POLÍTICA

Por que intelectuais e artistas ocuparam um lugar social distinto na discussão acerca de um melhor homem e de uma melhor sociedade? O que os legitimou? Quais eram as suas motivações e estratégias? Eles constituíram uma categoria social que lutou por conservar-

⁵¹ É bem verdade que eu poderia ter escolhido outros atores sociais. Poderia tê-lo feito dentre as classes populares, por exemplo; pois nelas também há os seus contadores de histórias: os seus cordelistas, seus poetas, seus cantadores, seus mestres de fandango ou bumbas-meu-boi; também há seus sábios e seus líderes políticos, suas parteiras ou rezadeiras, e demais figuras que se destacam na comunidade — e estas são personagens que também fazem uma ponte entre as vidas íntimas e a coletividade de uma comunidade.

⁵² Muito embora esses mediadores tenham sido substituídos, hoje, por novos mediadores mais midiáticos.

se na elite? Ou se encaminharam para uma revolução em busca de formas sociais alternativas ao capitalismo? Pode-se dizer que houve uma estética do terceiro mundo? Estas e outras perguntas já animaram, bem como ainda animam, o debate acerca dessa categorial social. Autores como Sérgio Miceli (2001), Daniel Pécaut (1990) e Marcelo Ridenti (2001) ocuparam-se da *intelectualidade brasileira*, embora em períodos históricos diferentes: entre 25 e 45; entre 25-45 e 54-64; entre 60 e início de 70, respectivamente. Roberto Schwarz, por sua vez, questionou a existência de uma suposta *estética terceiro-mundista*, no período pré-golpe (SCHWARZ, 1987). Todos estes autores trabalharam com uma idéia base: a de que o elemento de identidade dos intelectuais é a **cultura** — foi a partir da discussão da cultura brasileira que os intelectuais produziram ações políticas e tornaram-se responsáveis pelo debate público das questões nacionais.

O conceito de **cultura política** permeia esses quatro discursos, embora em cada um deles ele tenha uma implicação distinta: **1)** a cultura política consistiu na produção intelectual da elite burocrática — fundada em álibis nacionalistas — e teve como motivação minimizar os favores da sua cooptação pelo Estado⁵³ (MICELI, 2001); **2)** a cultura política foi a estratégia utilizada por duas gerações distintas para garantir seu *status* de elite e sua vocação para porta-voz nacional; ela forneceu a trama da vida política brasileira entre 54-64 e ganhou consistência num discurso ideológico que criou a ilusão do político e escondeu a origem de *classe média* dos intelectuais (PÉCAUT, 1990); **3)** a cultura política consistiu em práticas políticas e culturais socialmente embasadas nas classes médias urbanas que resultou num projeto alternativo de *sociedade melhor*, construído pelos intelectuais de esquerda animados por um romantismo revolucionário (RIDENTI, 2000). **4)** a cultura política, no período pré-golpe, foi uma prática reformista que retomou como paradigma o nacionalismo retrógrado da intelectualidade nacional, do século XIX, que cultivou um sentimento de mal-estar quanto ao caráter *inautêntico* da Nação e transformou este mal-estar num problema nacional; tratou-se, portanto, de uma falsa questão proposta pela elite brasileira (as pessoas bem educadas do país), que

⁵³ Sérgio Miceli se propõe analisar a relação entre os intelectuais e a classe dirigente no Brasil, bem como as estratégias de que os intelectuais lançaram mão para se alçarem às posições criadas nos setores público e privado do mercado de postos entre os anos de 1920 e 1945. Ele conclui que a trajetória dos intelectuais analisados por ele, entre 1920-1945, deveu-se tanto aos efeitos provocados pela experiência de declínio de antigas famílias dirigentes, quanto às perspectivas de expansão do mercado de trabalho político e cultural. Segundo o autor, o campo de produção cultural de São Paulo desenvolveu-se num contexto de crise social; isto porque os empreendimentos culturais, bem como o desenvolvimento de organizações radicais de direita, estariam relacionados às tentativas da oligarquia, no início da década de 1930, de recuperar o poder central. Nesta perspectiva, as causas das alterações das modalidades de colaboração dos intelectuais com o poder teriam sido as cisões políticas no interior da oligarquia.

mitificou, no plano da cultura, as disparidades políticas e econômicas.— embora esse paradigma pudesse desenvolver-se caso rompesse com sua prática reformista e reorientasse a sua relação com as massas (SCHWARZ, 2001)⁵⁴.

Nesse sentido, Roberto Schwarz ressalta a especificidade dos movimentos ocorridos na cidade do Recife e no estado de Pernambuco, no final dos anos 50 e início dos anos 60, como uma forma de superação da prática reformista condizente com o paradigma nacionalista; para Schwarz, alguns movimentos culturais conseguiram romper com o sistema de conciliação da máquina populista, entre eles, a **Liga Camponesa** ou o **Movimento de Cultura Popular** (MCP). Estes são considerados exemplos de movimentos que causaram disparidade entre a *prática reformista* e seus *resultados culturais*: “Com o público, mudavam os temas, os materiais, as possibilidades e a própria estrutura da produção cultural. (...) Era a produção intelectual que começava a reorientar a sua relação com as massas”. (SCHWARZ, 2001: 19/20). Marcelo Ridenti também faz um aparte à importância da cidade do Recife, no período pré-golpe militar: “[Recife] conhecida como cidade vermelha, pela sua tradição comunista em Pernambuco, que era governado por forças de esquerda, aliadas em torno de Miguel Arraes, por ocasião do golpe de 1964 – foi cenário de um amplo e diferenciado movimento popular, que merecia um estudo específico, como no caso do MCP, ligado à Secretaria de Educação” (RIDENTI, 2000: 74).

Cada um, a seu modo e em graduações diferentes, sublinha uma certa pluralidade de perfis ou ideologias dentro desta vasta categoria social. Contudo, creio ser possível, mesmo entre essas argumentações distintas, destacar alguns pontos em comum: **A)** Esses intelectuais/artistas não pertencem exatamente a uma *classe social*, já que eles podem advir tanto de oligarquias decadentes, quanto de uma recém classe média urbana favorecida pelo *boom* da indústria cultural, ou de uma classe média em vias de proletarianização, ou ainda de famílias com tradição de produção intelectual e política; sendo, portanto, melhor classificá-los como uma *categoria social* (MICELI, 2001). **B)** Esses intelectuais encontram-se, durante o século XIX, e grande parte do século XX, no centro do debate nacional,

⁵⁴ Há um artigo de Elide Rugai Bastos sobre a influência das idéias de Ortega y Gasset entre os intelectuais brasileiros. Segundo Rugai Bastos, as publicações deste autor tinham grande repercussão entre os intelectuais latino-americanos (Ortega Y Gasset publicava regularmente nos jornais argentinos), sobretudo suas teorias sobre a crise do Ocidente e o papel preponderante do intelectual em procurar uma saída para essa crise através de uma organização cultural e social que emancipasse o homem da alienação causada pelos avanços técnicos e pelo poder político avassalador e corruptor. Contudo, em seu artigo, ela circunscreve-se às influências deste autor entre os articulistas da revista **Cultura Política**, publicada entre março de 1941 e maio de 1945 (BASTOS et al, 2003).

produzindo discursos que explicam e instituem a Nação Brasileira (PÉCAUT, 1990). C) Os intelectuais têm, entre a prática social que os legitima, a crença de que suas ações podem alterar a **realidade** da nação brasileira e, dessa forma, pode-se dizer que essa categoria compartilha de um projeto nacional (RIDENTI, 2000).

Por trás das questões abordadas por esse grupo de autores — à exceção de Ridenti que tem como objeto de pesquisa os intelectuais *revolucionários* — existe uma interpretação acerca do moderno espaço público no Brasil, difundida ao longo do século XX: nela a constituição da vida pública nacional reduzir-se-ia a uma espécie de **pré-modernidade**. Sua característica principal seria *não-ser* universal, abstrata e impessoal. Nos diagnósticos dessas interpretações, o patriarcalismo, o familismo, o personalismo e a constituição do espaço público sob a égide do privado seria, no limite, uma forma pervertida de existência da vida pública, marcada pela primazia dos interesses senhoriais na vida política e pela **artificialidade** do mundo das formas institucionais, jurídicas, políticas e ideológicas (LAVALLE, 2004: 15-20). No extremo desse raciocínio, há a idéia de que a predisposição dos intelectuais a debater o nacional seria, portanto, motivada por interesses particularistas — o que não permitiria a formação de uma **autêntica** esfera pública de discussão.

Entretanto, o questionamento do espaço público moderno — e o papel nele desempenhado pelos intelectuais/artistas — não é exclusividade do debate acerca da formação sócio-econômica, política e cultural do Estado Nacional no Brasil. Curiosamente, há um debate mais amplo que permeia a análise da formação do **espaço público** que não diz respeito necessariamente à sua **autenticidade**, mas diz respeito à sua **solidez**: o espaço público ora é tido como inviável justamente em consequência da *evolução* da *condição moderna*, ora tratado como espaço *característico* da sociedade ocidental moderna.

No primeiro caso, trata-se de **um espaço que decai na modernidade**: **a)** seja em consequência dos meios de comunicação de massa — Sirinelli afirma que o refluxo dos debates públicos em meados de 70 seria devido a uma **crise ideológica** (a perda de modelos políticos de referência) e uma **crise identitária** (marcada pelo crescimento do poder da cultura da mídia, fazendo surgir progressivamente novos líderes de opinião) (SIRINELLI, 2003: 185-196); **b)** ou pela substituição do *político* pelo *social*: na modernidade, o *social* e não o *político* constituir-se-ia na instância de interação entre o

privado de um lado e o Estado do outro (Hannah Arendt)⁵⁵; **c)** ou ainda em virtude da atomização social e do egotismo individual da vida moderna, pois tanto o político quanto o social tornam-se um peso para o indivíduo que não admite ser oprimido pelo coletivo: a liberdade que conta é a do indivíduo⁵⁶.

No segundo caso, trata-se de **um espaço que floresce na modernidade**: **a)** seja pela garantia das leis que permitem uma cultura de diálogo público baseado em certos tipos de constrangimentos discursivos, como o da neutralidade (tradição liberal, Bruce Ackerman)⁵⁷; **b)** ou pela emergência de uma esfera pública autônoma de argumentação e debate, em que a participação política não se restringe mais a um campo político estritamente definido, mas pode realizar-se também na esfera social ou cultural, formando um espaço de debates públicos em torno dos interesses coletivos; ou seja, a ação comum torna-se possível a partir do discurso que se configura numa prática de interação intersubjetiva de cidadãos autônomos: conscientes, solidários e participativos (Modelo de espaço público discursivo de Jurgen Habermas)⁵⁸; **c)** ou ainda pela emergência de uma esfera não estatal de influência, que emerge do capitalismo e da industrialização, formada por grupos voluntários que formam uma sociedade civil (Hegel, Marx, Gramsci)⁵⁹.

Entretanto, há, em toda essa discussão, uma relação feita entre a existência de um espaço cotidiano de discussão de questões consideradas públicas, o fato de não haver uma distinção clara entre esfera política, cultural e social, e a menção aos intelectuais e artistas como uma espécie de condutores dessa discussão — muito embora o seu papel não seja sempre muito claro (condutores de almas, produtores do conhecimento puro, elite burocrática, intelectuais orgânicos, classe média urbana proletarizada) e as considerações sobre sua postura não sejam unânimes (autônomos, reacionários, ingênuos ou revolucionários). Geralmente, a eles é imputado um papel de *intérprete*: seja como exegetas da **verdade**, seja como hermeneutas da **tradição**. No primeiro caso, os intelectuais aparecem como uma categoria capaz de falar em nome da verdade: são os *experts* e/ou os *cientistas* que tomam o controle da realidade, que ocupam o lugar de produção do discurso acerca da *realidade* (que seria, segundo Larrosa, um conceito

⁵⁵ Para este tema ver VIEIRA, 2001.

⁵⁶ Esta visão encontra-se presente em algumas críticas culturais do liberalismo e do mundo moderno, como as feitas por Balzac, por exemplo. Embora a situação de **Ilusões Perdidas** possa permitir o surgimento de um cenáculo cultural de recusa apaixonada e vaidosa do mundo capitalista e da sociedade burguesa (LOWY, 1979: 245). Para este tema ver LOWY, 1979 e SEIGEL, 1992.

⁵⁷ Para este tema ver VIEIRA, 2001.

⁵⁸ Para este tema ver VIEIRA, 2001.

⁵⁹ Para este tema ver VIEIRA, 2001.

recente: não se traduz o termo para o grego ou para o latim clássico, nem se encontra fora da cultura ocidental; ou seja, é um invento moderno) (LARROSA, 1999: 157)⁶⁰. No segundo caso, intelectuais e artistas garantem a legitimidade da tradição no mundo moderno, pois esta não reside apenas no *modo como se fazia no passado*, mas na sua apropriação criativa com vistas aos problemas de sentido do presente (Habermas apud VIEIRA, 2001: 59/60)⁶¹. Nesse sentido, o conceito de **cultura nacional** é um dispositivo estratégico da modernidade para forjar uma cultura homogênea, através da criação de instituições culturais, símbolos e representações de caráter nacional. A nação é, ao mesmo tempo, uma unidade **cultural** e **política**: é uma entidade política e um *sistema de representação cultural* (HALL, 2001: 49). O Ocidente moderno é formado por nações construídas sobre comunidades étnicas, locais, religiosas etc., mas organizadas como uma comunidade cívica baseada em um código legal comum⁶². Portanto, a **nação** refere-se tanto ao moderno Estado-Nação, quanto a uma condição humana — não exclusivamente moderna — de *pertencimento*. Seus **indivíduos** são cidadãos legais que partilham de uma **idéia** de nação.

⁶⁰ Para Jorge Larrosa trata-se de um modelo positivo de verdade, um modelo que constitui a ciência moderna e nosso sentido comum, de acordo com o qual a ciência é a teoria do real e, por isso, o principal jogo do verdadeiro ou do falso relativamente à realidade. O autor faz uma crítica a este sentido de realidade ao afirmar que ele estaria desvinculado do dizer e da vida social, configurando-se como uma realidade independente e única, realmente real e objetivamente objetiva. Para o autor, nessa perspectiva, os meios de comunicação teriam um efeito pluralizador e dissolvente que, com algumas cautelas e reconhecendo os perigos, seria positivo. Trata-se da pluralização da realidade e, como correlato, da erosão do princípio de realidade, isto é, a dissolução da realidade como princípio (LARROSA, 1999: 153).

⁶¹ O autor Liszt Vieira não discute especificamente sobre uma *categoria* ou *classe social*, mas problematiza a fragmentação da *sociedade civil* frente à radicalização do processo de globalização econômica. Para ele, a emergência da economia globalizada gera uma convivência problemática entre a lógica do poder territorializado e a lógica do poder crescentemente desterritorializado do capitalismo globalizado. São novas condições da produção, do comércio e das finanças que diminuem as margens de autonomia dos Estados Nacionais, bem como o seu papel de garantidor da coesão e integração nacionais. As práticas e ideologias da globalização, neste sentido, restabelecem a separação entre a *economia* e o *domínio político*, o que poderia implicar, no limite, a própria morte da política, da cidadania e da democracia que historicamente sempre foram constituídas pelas lutas e discussões na esfera pública. Para o autor, o que se verifica é uma debilitação da democracia liberal reforçada pela fragmentação da sociedade civil e pelo enfraquecimento dos antigos componentes de identidade e organização coletiva. Mas, ao fim e ao cabo, Liszt Vieira tem uma perspectiva otimista dessa situação, pois consegue perceber a existência de *argonautas da cidadania* que navegam contra as vagas neoliberais, tecendo redes de solidariedade e recompondo os espaços de existência da sociedade civil a partir de novas formas de participação que vivenciam a multiplicidade cultural e experimentam as diferenças — trata-se de uma cidadania transnacional ou de uma sociedade civil globalizada, representada pelas ong's e pelos fóruns de debate como o Fórum Social Mundial (VIEIRA, 2001).

⁶² Para Albrow, que se baseia no conceito de Anthony Smith, o que nós chamamos de nação, enquanto uma experiência característica da sociedade moderna, tem raízes na **ethnie** ou comunidades étnicas: *O étnico torna-se um tipo de centro subsistente da modernidade, também pré-moderno e não-ocidental. O Ocidente, de outro modo, deu ao mundo a nação como comunidade cívica, e, em conjunto com o Estado, o mundo é visto agora como um sistema inter-nacional de Estados-nação, tendo a nação como unidade de lealdade política para o indivíduo.* (ALBROW, 1999: 25).

Ela diz respeito a um **modelo republicano** da sociedade, pois pressupõe uma sociedade de massa preocupada em reunir pessoas de todos os horizontes através de um bem comum: a **cultura** e o **estado nacionais**. Distintamente do ideal republicano da *civitas romana*, constituído sobre o sentimento de abnegação pessoal em nome do coletivo, a república moderna busca defender o bem comum numa sociedade cuja prioridade é a realização de **interesses privados** (RIBEIRO, 2001: 66). Ou seja, trata-se de uma proposta de equilíbrio entre o respeito ao coletivo e a realização pessoal. Isto possibilita a constituição de uma **esfera pública moderna** de discussão, orquestrada por indivíduos travestidos de uma legitimidade outorgada. Há, nesta lógica, uma associação entre uma suposta continuidade coletiva e a natureza individual que caracteriza o **essencialismo moderno**, do qual algumas personagens parecem recender mais que outras. A **esfera pública** é o espaço no qual a **essência nacional** torna-se **visível e dizível**.

O processo de elaboração da identidade nacional — pois, como já dito, a tradição não reside mais no modo como se fazia no passado — fundamenta-se sempre numa **interpretação** da Nação. Esta idéia de **construção** remete a uma outra noção: a de mediação de agentes que a constroem. Um elemento deve atuar como agente intermediário: eles desempenham esta tarefa de mediadores simbólicos e confeccionam uma ligação entre o particular e o universal, o singular e o global. O fragmentado passa a integrar um todo coerente ao ser mediatizado pela atividade intelectual. Este é um processo que reedita, reelabora, a realidadeomezinha e cotidiana de indivíduos isolados. É por meio desse mecanismo de reinterpretação que o discurso público do Estado, através dos seus intelectuais, se apropria das práticas populares para apresentá-las como expressões da cultura nacional. Eles descolam as manifestações culturais de sua esfera particular e articulam-nas a uma totalidade que as transcende — a *cultura nacional* (ORTIZ, 1986: 139).

Segundo Le Goff, “*é a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também ela a sua memória*” (Le GOFF, 1984: 36). Há um alargamento da **memória coletiva** com o surgimento de formas exteriorizadas de memória, como as enciclopédias e os dicionários; mas este é um modelo de memória coletiva fragmentada, alfabética e cumulativa, na qual cada engrenagem isolada contém uma parte da memória total. Esta memória coletiva é técnica, científica e intelectual — são os arquivos e bibliotecas, instituições públicas, que disponibilizam os documentos da memória nacional (Le GOFF, 1984: 38). As diferenças, sejam elas regionais, religiosas ou

étnicas, são gradativamente colocadas de forma subordinada a um caráter central. E quem centraliza a atribuição da nacionalidade é uma entidade abstrata: o Estado-Nação — pois embora a criação (e atribuição) de identidades seja um processo fluido, usado por pessoas, grupos ou instituições culturais, o Estado cria leis que regulam os seus conflitos.

Uma **nova consciência do espaço** surge diante da visão moderna da identidade: a cultura moderna, herdeira da tradição judaico-cristã — na qual a *criação* concentra todos os problemas do espaço —, *temporaliza* o espaço: ela faz do espaço o lugar da experiência histórica. Este é um jogo que reelabora a relação entre os espaços dos quais devem emergir a *essência* nacional. Ele faz emergir uma formação discursiva acerca das regiões. Da mesma forma que a identidade nacional, a identidade regional pretende articular, num discurso homogêneo, uma dispersão de experiências cotidianas, e oferecer o conhecimento da região em sua essência (ALBUQUERQUE JR, 2001: 41)⁶³. O **Nordeste**, de acordo com Durval Muniz, é uma identidade espacial construída entre o final da década de 10 e os esfuziantes anos 20, pois a formação discursiva **nacional-popular** provoca o surgimento de uma consciência regional generalizada. O *espaço discursivo* do **Nordeste** constitui-se sobre as ruínas e reelaborações das imagens e palavras enunciadas do antigo **Norte** (ALBUQUERQUE JR., 2001: 48).

Para a visão moderna, a identidade é uma *essência* que se opõe à *diferença*, vista como superficial. Contudo, a exequiabilidade da *nacionalidade* deriva-se não da *essência nacional*, mas da sua elaboração e atribuição por uma série de instituições, indivíduos e coletividades usando uma variedade de critérios aplicados por meio de vários procedimentos. Nas histórias que são contadas sobre a nação, nas fabulações de suas *memórias*, há uma elaboração de sentidos com os quais os sujeitos podem identificar-se e sobre os quais constroem suas identidades. A **nação**, dessa forma, é uma **comunidade imaginada**, uma grande narrativa histórica, na qual as pequenas narrativas podem agregar-se (HALL, 2001: 51). Apesar da *identidade moderna* ser um estado-em-construção, há tentativas de *fixá-la*: o discurso da identidade nacional pretende erigir fronteiras fixas. Na dimensão individual, a **vocação**, profissional ou religiosa, produz papéis sociais inseridos

⁶³ Segundo Durval Muniz, o **discurso regionalista** surge na segunda metade dos anos oitocentos, pois, diante do discurso de espaço nacional, há uma reação que parte de diferentes pontos do país. O **regionalismo naturalista** considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza: as variações do clima, a vegetação, a composição racial da população explicavam as diferenças (ALBUQUERQUE JR., 2001: 41). São essas sensibilidades — que olhavam o espaço brasileiro como natureza e tropicalidade exótica e viam o meio e raça como fatores determinantes para o atraso da sociedade brasileira, no final do século XIX, — as responsáveis pelo distanciamento das regiões **Norte** e **Sul** (ALBUQUERQUE JR, 2001: 51).

na trama do destino⁶⁴. Creio que assim constitui-se a eleição de *papéis sociais distintos* no *Theatrum Mundi Moderno*: intelectuais e artistas manejam a *realidade* e a *tradição* num mundo em mudança. Pois, se o universo humano é fenomênico e o conhecimento não é seguro, se ele é passível de embustes, enganos e esquecimentos, ele necessita de uma *apropriação crítica e criativa*, distanciada do *senso comum*. Esse exercício de distanciamento poderia ser efetuado através da *razão* científica ou da *intuição* artística e permitiria uma melhor compreensão, e conseqüentemente uma melhor realização, da sociedade.

Nesse sentido, a inspiração do *modernismo*, enquanto uma *visão de mundo moderna* (KARL, 1988), alcança a intelectualidade brasileira no momento em que é problematizada a *autenticidade* da nossa cultura. E esse momento não teria sido *fundado* com a semana da arte moderna paulista, mas teria emergido ainda no século XIX, período em que intelectuais em todo Brasil elaboram projetos de construção de uma comunidade imaginária como fundamento da alma nacional. A lógica dos racialistas, que pretende distinguir o *elemento nefasto* que impede o pleno desenvolvimento da cultura nacional, é um exemplo dessa inspiração *modernista*. O *meio* e a *raça* constituem-se as categorias do conhecimento que definem o quadro interpretativo da realidade brasileira pelos precursores das Ciências Sociais no Brasil: Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha etc. Surge um problema teórico fundamental para os cientistas sociais do período: como tratar a identidade nacional diante da disparidade racial? (ORTIZ, 1986: 20). Ou ainda a literatura

⁶⁴ Utilizo aqui a noção de **vocação** no sentido da elaboração de um papel social de *intérprete* — seja da **verdade**, seja da **tradição** — como já dito anteriormente. Utilizo-a no sentido de um papel social sobredeterminado pela responsabilidade ou pelo poder de fabricar monumentos de lembrança e/ou definir a identidade nacional. Vocação, do latim **vocatione** — ato de chamar; escolha, chamamento, predestinação; tendência, disposição, pendor (HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Novo Aurélio** — século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM. Versão Eletrônica 3.0.). De acordo com Abbagnano, a vocação é um dos conceitos fundamentais do cristianismo Paulino — *Quem for chamado numa vocação, nela permaneça*, (Coríntios, I, VII, 20). Embora seja, hoje, um conceito pedagógico que signifique propensão para qualquer ocupação, profissão ou atividade, para este autor, é algo diferente da aptidão, pois esta pode ser controlada objetivamente, enquanto a vocação é subjetiva: *A vocação pode, portanto, ser um beco sem saída (blind-alley vocation)* (ABBAGNANO, 2000: 1006/1007). Não deixa de estar incluída, nessa noção de vocação, a idéia de **destino** — *Destino é tudo o que nos escapa, que nos é exterior e que nos atinge no mais íntimo de nós mesmos. Na antiguidade, os gregos designam como ‘ananké’ a esse fenômeno capaz de constranger o indivíduo sem dó nem piedade, dobrando-o malgrado sua própria vontade e impedindo-o de desmontar todas as iniciativas que pudessem interceptar malefícios.* (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/08/2004, Caderno Mais, “Destino”, Mary Del Priori). Embora o iluminismo tenha cultivado a crença de ter enfraquecido a mística que o destino exercia sobre os indivíduos, graças à noção da autonomia, suponho que a idéia de vocação, por vezes, acerque-se de um halo de predestinação, embora não necessariamente trágica — afinal, essa é uma forma de pôr-se acima da massa comum dos demais mortais. Ou seja, a vocação traveste-se de um destino — embora não mais baseado numa eleição divina, mas numa escolha de realização de si mesmo: uma afirmação do ego no mundo, uma garantia de **autenticidade**. O sentido de vocação, dessa forma, faz uma intermediação entre a identidade do indivíduo e o seu papel social. Relaciona o privado à esfera pública.

e história do oitocentos que se pretendem *nacionais* e explicam a gênese da nação brasileira enquanto ressaltam as marcas da originalidade tropical⁶⁵.

A nova sensibilidade social em relação à **nação** traz a necessidade de se pensar em questões como a raça, o meio, o caráter nacional. Podemos fazer uma história da identidade e da cultura brasileira, que corresponderia à historiografia dos **conceitos** e **categorias** que emergem e fundamentam a explicação de cada momento nacional: a natureza exótica e idílica, o índio de bons modos, a raça, no oitocentos; o nacionalismo popular, nos anos 20, que elege o folclore e a cultura popular como categorias para construção do nacional; o conceito de cultura remodelado dos anos 50, em que os intelectuais privilegiam a história que está por ser feita, a ação social, e não os estudos históricos. Em que a **cultura** torna-se o elemento de transformação sócio-econômica, pois significa um vir-a-ser nacional⁶⁶. Durante a década de 50, a produção de conhecimento - o planejamento, a definição da identidade - está relacionada com a idéia de ação. O conhecimento da realidade = ação sobre a realidade = mudança = progresso.

Creio poder dizer que o surgimento de uma esfera pública brasileira – entendendo-se este espaço enquanto lugar de articulação e, ao mesmo tempo, de distinção entre os interesses particulares e públicos – está relacionado à idéia de *nação*. Essa esfera pública emerge no Brasil juntamente com a defesa e/ou problematização da *cultura nacional*. Ela delinea a função simbólica da *intelligentsia* na articulação entre os interesses particulares e públicos e no encaminhamento dos destinos da nação brasileira. Embora essa inspiração modernista já estivesse presente nas discussões teóricas da *intelligentsia* do oitocentos, a entronização do elemento moderno na cultura brasileira, para utilizar uma expressão de F. Karl, se estabelece a partir da vivência cotidiana de novas sensibilidades, como as que são

⁶⁵ A *bela natureza tropical* acaba transformando-se no elemento fundador do projeto histórico de construção de uma sociedade e de uma cultura de matizes civilizados. No final do oitocentos, os intelectuais se propõem à construção da identidade de um Estado que ainda não é (ORTIZ, 1986: 34). Das singularidades do meio e da natureza emerge a civilização brasileira; dessa forma, reduz-se o mal-estar frente a nação mestiça e ameniza-se a ausência de um passado glorioso. Além de elemento estético, a natureza assume uma dimensão étnico-cultural e sustenta as reflexões de genealogia nacional (PAZ, 1996). Para Paz, esta construção expressa influências tanto da “racionalidade” do pensamento clássico francês (que toma o **outro** como ponto de partida da reflexão sobre si mesmo), quanto do “gênio de um povo” da tradição romântica alemã (que desenvolve a sua busca pela identidade nacional a partir de suas próprias tradições). O índio, dessa forma, é o nosso bom selvagem na construção de um passado mítico. Trata-se da elaboração de um discurso que reafirma o sentido da nação brasileira e evidencia o direito brasileiro de pertencer ao conjunto da civilização (PAZ, 1996).

⁶⁶ Ou seja, o discurso da **identidade** é o resultado do jogo das relações apreendidas por cada autor, inserido em suas práticas sociais e em seu período histórico. É fabricado pelo ISEB um **ideário** nacionalista para se diagnosticar e agir sobre os problemas nacionais. A problemática da **cultura nacional** é pensada em novos termos: como um **projeto de ação** social e intelectual (ORTIZ, 1986: 46).

permitidas: **1)** Pelas grandes transformações urbanas e técnicas ocorridas no início do século XX, sobretudo na esfuziante década de 1920, com a velocidade dos carros e bondes elétricos, com a magia do zepelim e o encanto dos cinemascópios, com a visão do corpo/máquina a ser regulado pela disciplina da ginástica ou dos movimentos estudados, pela *descoberta* da **cultura popular** como nova essência da cultura brasileira etc. **2)** E pela paulatina radicalização do encontro entre a *intelligentsia* e o *popular*, que se realiza, sobretudo, em fins da década de 50. Uma radicalização que transforma o “esquerdismo” ético de uma difusa inspiração anticapitalista em “esquerdismo” político. Fenômeno que leva inúmeros intelectuais a aproximarem-se politicamente das camadas populares enquanto classe *verdadeiramente* portadora de princípios vitais e/ou transformadores da sociedade⁶⁷. Essa dita radicalização por vezes leva intelectuais/artistas a aproximações ambivalentes com o *povo*, mesmo porque as suas reações – que, sobretudo na década estudada, ganham visibilidade em ações políticas – são respostas às injunções de sua época, diante das quais, posturas simbólicas demarcam projetos políticos, desenham sensibilidades e podem parecer ambivalentes sem que haja uma intencionalidade no gesto.

Mas quais os motivos que levam alguns intelectuais e artistas a tornarem-se *revolucionários*? Minha suposição é que a atuação eminentemente política é menos causa do que consequência de uma situação específica: a transformação simbólica do *sujeito moderno*. Ao invés de tentarem resgatar a sua identidade simbólica, uma Subjetividade com “s” maiúsculo, esses intelectuais/artistas revolucionários mergulham mais a fundo na dimensão pulsional subjacente à crise da identidade. Nesse contexto de **crise**, intelectuais e artistas assumem-se enquanto **egos modernos**: eles dramatizam ou problematizam uma reação ao presente histórico, são arautos das controvérsias, participam do centro dos debates e constituem o grupo de atores sociais que contribui para modelar ou enunciar os assuntos dos debates públicos. São atores que reagem ao mal-estar diante do novo, das transformações, do esfacelamento ou elaboração das tradições. A cultura é o elemento de identidade dessa categoria social porque a apropriação da *tradição cultural* torna-se mais dependente da hermenêutica criativa dos seus intérpretes contemporâneos. E seu posterior afastamento da discussão pública significa (*também*) que sua profissão não corresponde

⁶⁷ Marcelo Ridenti percebe, numa análise temática dos três volumes de **Violão de Rua** — edições extraordinárias da coleção Cadernos do Povo Brasileiro —, uma maior correlação do conceito de *povo* com os *camponeses* do que com o *operariado*; e interpreta este fato como sendo uma idealização romântica do camponês pela sua ligação com o campo ou a natureza em oposição à cidade urbanizada (RIDENTI, 2000: 114/115).

mais a um mandato simbólico: o sentido de **vocação**; com isto, ele não encontra mais seu lugar na trama do destino.

1.2.2. INTELECTUAIS/ARTISTAS: VOCAÇÃO E TRANSGRESSÃO

A predisposição **vocacional** dos intelectuais na sociedade ocidental moderna parece-me ter como referência algumas questões: **1)** A primeira diz respeito diretamente à experiência do tempo. A sociedade moderna partilha do sentimento histórico da tradição judaico-cristã: o sujeito moderno vive *sub specie temporis*. A percepção linear do tempo torna-se dominante e permite uma distinção entre passado/presente/futuro. Existe um sentido de finalidade na história cujo ritmo, conteúdo e conclusão são predeterminados por uma *razão suprema*. Se para os cristãos esta razão é *Deus*, para os modernos ela variaria entre uma *Super Razão Histórica*, uma *Super Natureza*, um *Processo a Caminho da Evolução ou do Desenvolvimento* etc., todos coordenados por uma espécie de lógica intrínseca ao processo e muitas vezes extrínseca ao indivíduo. A História é o *lugar* onde se realiza o drama humano. O tempo é histórico e abstrai-se num caráter coletivo que encarna em termos gerais como **espírito humano**. Isto faz com que a sociedade ocidental moderna seja regida por um princípio metafísico que se realiza em conceitos como a *lei natural*, a *razão*, a *vontade geral*, o *povo* etc. Há uma passagem do antigo *princípio teológico* para o da suposta *ordenação imanente* do universo (ROMANO, 2003: 22).

2) Essa concepção de tempo — percebido como uma experiência interior da alma, uma parte integrante da consciência, esse tempo interior, psicológico e histórico — permite que o indivíduo tome consciência de si, enquanto um sujeito situado numa perspectiva temporal concreta⁶⁸. Ele não é mais um ser genérico, mas uma **individualidade**. Na religião existem dois planos temporais: 1) *o plano dos eventos empíricos e passageiros da existência* — que não têm um fim em si mesmos e só adquirem sentido a partir de outro plano temporal; 2) *o plano da realização* — que insere os eventos da existência numa

⁶⁸ O Cristianismo utiliza a concepção de tempo do Antigo Testamento: o tempo vivido como um processo escatológico, com início, meio e fim, em que a expectativa que condensa a história é a vinda do grande Messias. Mas, apesar de partilhar do escatologismo do Antigo Testamento, ele transforma essa representação e renova o seu conceito do tempo. Para os cristãos, o nascimento de Cristo significa um ato especial. Cristo aparece de acordo com um plano de Deus para realizar-se quando os tempos se cumprissem e esse momento é tido como a realização de uma plenitude. A consciência histórica é então: 1) a consciência cristã da intervenção ativa de Deus; 2) uma abertura do presente para o futuro; 3) a atribuição de um sentido ao presente através da evocação do futuro que se há de realizar graças à intervenção de Deus. O tempo é histórico, interior, psicológico, pois o homem deve estar pronto para comparecer diante do Criador (PATTARO, 1975: 199).

história sacramental⁶⁹. A eternidade, o tempo de Deus, confere sentidos: o homem individual participa do drama da história universal, onde ele decide, ao mesmo tempo, o destino do mundo e de sua alma — do *eu* e da *comunidade* na qual se insere.

Esta concepção, na modernidade, modifica-se, sobretudo, no que diz respeito à *eternidade*, pois o *tempo* foi separado dela. Entretanto, o presente ainda é um tempo efêmero e fugaz, enquanto o *passado* e o *futuro* têm maior valor em consequência dos seus potenciais realizadores e doadores de sentido⁷⁰. O *sujeito moderno* manipula com destreza a categoria *tempo* que, juntamente com a categoria *espaço*, adquire um caráter autônomo. O tempo, através dos instrumentos de medida, pode ser gasto, economizado, perdido. Assim, as categorias tempo e espaço podem ser utilizadas independente da referência a fatos determinados, sob uma impressão de afastamento: o tempo é a expressão neutra dos processos reais da vida (GOUREVITCH, 1975: 264). Contudo, a sociedade industrial moderna, apesar de dominar a técnica que mede, racionaliza e torna abstrato o tempo; apesar de não mais considerar o tempo como uma força misteriosa que rege todas as coisas, homens e deuses, ela deixou-se subjugar por ele. Ela dramatiza a dor e a delícia da irreversibilidade, velocidade e fuga do tempo.

3) A terceira questão é uma consequência dessa concepção do tempo e modelo de consciência histórica: se a história pode ser feita, qual seria um dos ofícios mais importantes para o desenvolvimento da sociedade? O ofício daquele que pode planejar o futuro, que pode dar sentido aos eventos passados e presentes, aquele capaz de iluminar a ação: o *filósofo da história* (REIS, 1994: 12). A vocação, dessa forma, parece estar ligada a uma experiência do tempo: dar sentido ao presente, planejar o futuro, fornecer monumentos de lembrança acerca do passado. O tempo histórico tem, então, uma nova finalidade: ele está relacionado ao projeto moderno de *conhecimento crítico* que pretende garantir a felicidade dos povos e dos indivíduos.

⁶⁹ O Novo Testamento manifesta a certeza de que Cristo é ao mesmo tempo o termo e a meta da história. O tempo, nessa perspectiva: 1) é diferente da eternidade: a eternidade é um atributo de Deus e não é mensurável, enquanto o tempo tem um princípio e um fim que limitam a duração da história humana e permitem a sua irrupção na realidade. 2) O tempo histórico adquire uma estrutura determinada — a história está em movimento: ela começa no ato da criação divina, passa pelo apogeu da vinda e morte de Cristo e segue até o juízo final (GOUREVITCH, 1975: 271). A especificidade da interpretação cristã reside no fato de que a vida e obra de Cristo são os acontecimentos fundamentais do Novo Testamento: tudo mais se desdobra em acontecimentos particulares ligados ao fato de Cristo ter vindo ao mundo (PATTARO, 1975: 200).

⁷⁰ Apesar do domínio exercido pela percepção linear do tempo, a história mostra união com suas outras percepções: cíclicas, míticas, poéticas, lúdicas. Além do mais, o tempo histórico não se libertou da concepção cíclica do tempo: a circularidade também está presente nos cerimoniais cristãos. O próprio tempo vetorial — que não chamamos de *mítico* por causa de sua *causalidade histórica* em oposição ao tempo aparentemente circular do *mito* — é sobrevalorizado por uma perspectiva religiosa.

A noção *iluminista* de felicidade pode ser generalizada na fórmula: **felicidade** = **progresso**. O **progresso** da civilização seria proporcional ao aumento da **felicidade** das sociedades e de seus indivíduos. E os vetores desse progresso seriam, sobretudo: **a)** a emancipação das mentes após séculos de opressão religiosa, superstição e servilismo, **b)** o avanço do saber científico, **c)** o domínio crescente da natureza pelo conhecimento racional e pela tecnologia, **d)** o aumento da produtividade e riqueza material, **e)** a transformação das instituições políticas em bases racionais e **f)** o aprimoramento intelectual e moral dos homens por meio da ação conjunta da educação e das leis (GIANNETTI, 2002: 23). Um **homem melhor** resultaria do **conhecimento verdadeiro**, e este homem melhor edificaria um **ambiente melhor**, uma sociedade justa, posto que baseada em leis imparciais, e próspera, já que as técnicas científicas promoveriam a produção de bens e riquezas. Esta tese tem como base uma crença iluminista na **perfectibilidade humana**: a bondade moral é suscetível ao aprimoramento da razão; ou seja, **razão** = **virtude** = **felicidade** (GIANNETTI, 2002: 25/26).

4) Eu acrescentaria ainda uma última questão em relação à mediação feita entre o sujeito privado (esfera do sentimento e do ego) e o papel social público do intelectual/artista: ela diz respeito à radicalização da episteme moderna e a conseqüente *desconstrução* do **sujeito** moderno — deificado. Pois, com isto, intelectuais e artistas aparecem como dramatizadores de uma **crise**. A desconstrução do **sujeito** envolve o desmascaramento da Razão, demonstrando as suas limitações: não existe mais uma essência pura da razão; a ilusão, a desrazão, o inconsciente fazem parte constitutiva da razão⁷¹. As áreas de conhecimento relacionadas ao humano – a história, a psicologia, o pensamento político, as ciências da cultura – tomam parte na problematização de vários objetos de pesquisa ou elementos incomuns às ciências *positivistas*: mente, espírito, intelecto, fantasma, espectro, culturas. Este é um momento em que a racionalidade e o positivismo começam a ser problematizados enquanto modelos de produção de conhecimento e substituídos por propostas de processos anti-rationais – associações, correspondências, encadeamentos ilógicos, demonstrações do EGO – que não constituem uma abdicação do pensamento, mas um reconhecimento de que o pensamento é mais amplo do que se acreditava até então⁷².

⁷¹ Para este tema ver PERRUSI, 2003.

⁷² Para este tema ver KARL, 1988.

O sujeito (pós?) moderno irá dramatizar o novo, a mudança. Mas a vivência subjetiva da mudança só pode passar pela dramatização de uma... *crise*. Pois se trata de um sujeito que se encontra em movimento constante, em liberdade profunda, mas uma tal liberdade que se vê aprisionado nela (PERRUSI, 2003). Esta suprema liberdade, conquistada pela radicalização da “consciência moderna”, pela radicalização da *crise* epistemológica e da identidade, geraria uma sensação de anomia e mal-estar que faz com que o século XX muitas vezes apareça representado como um século patológico. No campo da literatura, desde o final do século XIX, podemos encontrar várias personagens que sofreram alguma doença ou mutação com conseqüências morais (ou vice-versa) ou vivenciaram fisicamente a decadência e as incertezas da comunidade na qual estavam inseridas: Fausto (MANN, 2000) e Hans Castorp (*A Montanha Mágica*, MANN, 2000), Gregor Samsa (KAFKA, 2002), Oskar (GRASS, 1982), Irineu Funes (BORGES, 1999), Natanael (HOFFMANN, 1993), Antoine Roquentin (SARTRE, 2000) etc. Também houve, nas ciências, teorizações acerca da decadência da civilização ocidental, ou a vinculação entre doenças e valores morais, como a proeminência da sífilis, no discurso medicalizado do século XIX, relacionada aos judeus supostamente feminizados pela circuncisão. Há uma relação entre *doença – corrupção do indivíduo – corrupção do corpo político*, que concentra no corpo humano o envolvimento cognitivo, moral e existencial do **eu** com o **mundo**. O discurso médico forma um ideal de masculinidade que seria imune ao distúrbio psíquico e relaciona à *feminilidade* e ao *judaísmo* (entre outras minorias) uma sensualidade abjeta que impediria as faculdades da razão teórica e prática de atingirem os níveis de sublime abstração que lhes são próprios (SANTNER, 1997: 116)⁷³.

⁷³ Não podemos esquecer que a temática da *monstruosidade* causada pelo saber mecanizado, pelos excessos da medicina ou pela ausência de Deus, encontra-se presente mesmo em pleno *iluminismo* europeu no século XVIII. Roberto Romano afirma que existe uma espécie de fantasmagoria nos porões da consciência moderna que teria sido gerada nas lutas contra as práticas científicas, sobretudo no que diz respeito à medicina, *suposta fábrica de blasfêmias prometeicas, cuja meta seria usurpar os poderes divinos*. A medicina teria como supremo pecado *o objetivo de recriar o universo humano* (ROMANO, 2003: 11). Este monstro também pode ser apresentado na figura do *autômato*; Diderot anunciava: *Querem saber a história abreviada de quase toda a nossa miséria? Ei-la: havia um homem natural; foi introduzido no âmago desse homem um homem artificial, e ele desencadeou no interior da caverna uma guerra civil que se prolongará por toda a vida* (Diderot apud GIANNETTI, 2002: 104). Eduardo Giannetti, por sua vez, pontua que a avalanche dos protestos, lamentos, queixas e declamações do romantismo sobre a crise da razão, do progresso, do sujeito autônomo etc., seria um *sintoma* — e não um diagnóstico elaborado — do *mal-estar* e desconforto dos civilizados com sua civilização. Rousseau faz uma oração em seu **Discurso**: *Senhor todo poderoso, vós que conservais em vossas mãos todas as almas, liberai-nos das luzes e artes fatais dos nossos progenitores e restaurai-nos a ignorância, inocência e pobreza, os únicos bens que levam à felicidade e que são preciosos ao vosso olhar* (Rousseau apud GIANNETTI, 2002: 104).

Esse sentimento de *degenerescência* leva alguns teóricos a problematizarem uma *história secreta da modernidade*, que poderia ser explicada por uma *crise* no campo da autoridade simbólica ou por um *paradoxo fundamental* no cerne do projeto iluminista⁷⁴. Alguns desses discursos partem da premissa de que as sociedades humanas dependem de recursos simbólicos para garantirem a seus membros que eles são legítimos; para que os sujeitos possam habitar um mundo de instituições e fatos sociais que são vivenciados como reais e significativos. Os recursos simbólicos permitiriam um sentimento profundo e confiável de legitimidade existencial. Nesse sentido, a representação de Deus não apenas instituiu uma razão una, mas também uma autoridade social e institucional. Ou seja, existe uma dimensão teológica da autoridade política e social que entra em crise com a ausência de Deus⁷⁵.

A autoridade simbólica em estado de emergência é transgressora e o artista intelectual, no início da cultura do modernismo, mimetiza justamente os estilos de vida *marginais*, ou seja, transforma *abjeção* em *santidade*⁷⁶. Neste caso, eles estariam em busca da experiência do *desconhecido* (então relacionado à natureza humana e, mais especificamente, ao seu interior, que não pode ser medido ou observado diretamente): a alma/inferno, o silêncio, a melancolia, os sonhos, o inconsciente, os valores, as culturas, as revelações e epifanias. Já que não há um papel social a que o artista se adapte bem, ele escolhe o papel do *adversário*, cuja vida é um ato de hostilidade aos artefatos burgueses. Assim, ele dramatiza os conflitos inerentes à sociedade moderna. Nesta busca, os artistas modernistas dramatizam uma existência baseada na recusa da identidade social estável e

⁷⁴ De acordo com Foucault, o aspecto disciplinar da cultura iluminista ao mesmo tempo que possui um projeto ético, político e jurídico que visa produzir sujeitos capazes de pensar por si as coisas certas, representa uma ameaça ao seu próprio projeto na medida em que, ao invés de fomentar a capacidade de pensamento e volição independentes, podem acabar produzindo monstruosidades. Ou seja, o projeto pedagógico que pretende a conversão da heteronomia em autonomia deixaria um resíduo de heteronomia que retornaria para assombrar e perturbar o sujeito. A sexualidade surge, nesse contexto, como uma faceta definidora e essencial da vida humana, pois o poder disciplinar intensifica o *corpo*. Para Foucault, o domínio das funções, sensações, prazeres e perversões, conhecidos como sexualidade humana, seria o subproduto de uma vontade de saber institucionalizada que passou a se concentrar excessivamente no corpo, no século XIX (SANTNER, 1997: 104). Foucault, nesse sentido, reconhece a inovação de Freud e da psicanálise, mas ao mesmo tempo questiona o projeto psicanalítico de reinserção da temática da sexualidade no sistema da lei, da ordem simbólica e da soberania (SANTNER, 1997).

⁷⁵ Para autores que, como Santner, fazem uma leitura psicanalítica dos fenômenos políticos, o nazismo é lido como uma reação paranóica à crise da modernidade. A idéia de perigo de contaminação ou corrupção judaicas são fantasias sociais e políticas que atuaram no nazismo e seriam tentativas de elaboração de soluções diante da sensação da crise da modernidade. O colapso do espaço social e dos ritos da instituição liberaria fantasias sociais e políticas que teriam atuado no nazismo, por exemplo, onde o sentimento de *contaminação*, *degeneração* e *decadência* são identificados com a posição simbólica das figuras marginalizadas na sociedade moderna (SANTNER, 1997: 10).

⁷⁶ Para este tema ver SEIGEL, 1992. Ao analisar a boemia parisiense do início do século XX, Seigel afirma que o artista modernista opta por opor-se à identidade burguesa.

limitada; eles são o símbolo da subjetividade livre, devotados à sua própria imaginação e auto-desenvolvimento; encontram-se em busca de um caminho para atingir a exclusividade, a originalidade, a singularidade e autenticidade (SEIGEL, 1992: 19).

Os intelectuais/artistas, nessa perspectiva, muitas vezes representam uma reação contra as condições de vida na sociedade moderna capitalista (LOWY, 1979). Há uma reação de hostilidade — seja a uma dita *asepsia* do modo de vida burguês ou a seus *padrões de normalidade*, seja por uma recusa ao presente concreto e histórico. Trata-se de uma visão de mundo mais do que de um estilo literário: um olhar nostálgico para o que foi perdido e um olhar saudoso dum futuro sonhado além do capitalismo. Segundo Michel Lowy, há uma mentalidade romântica anticapitalista que seria nuançada em diversas tendências — passadista, fascista, revolucionária, aristocrática etc. —, mas todas as tendências dessa visão problematizariam características do capitalismo: a reificação, a fragmentação social, a sociedade competitiva, a solidão etc., podendo expressar-se em diversas manifestações culturais (LOWY, 1993). Os intelectuais e artistas modernistas, tanto quanto os pensadores do século XIX, aproximam-se de um universo de abjeção, mantendo, na maioria das vezes, uma distância segura dos sintomas da degeneração, enquanto os seus personagens literários entregam-se a eles. Caso contrário, assim como Nietzsche e Schreber, eles realizam em suas vidas essa forma histórica de angústia: a presença obscena e malévola que parece exercer um controle direto sobre o íntimo do sujeito⁷⁷.

Como se investidos de um **destino**, entre as práticas sociais que lhes legitimam encontra-se a transliteração do percurso da subjetividade moderna. O sentimento de **crise**, neste sentido, faz parte da **cultura moderna**. Com isso, também se torna factível a alusão a uma certa predisposição vocacional dos intelectuais em agir como as **gruas**⁷⁸ de Baudolino

⁷⁷ Nietzsche cujo surto ocorreu quase simultaneamente ao de Schreber, dedicou boa parte de sua vida à elaboração filosófica, justamente, desse segredo insultuoso (SANTNER, 1997: 187). O caso Schreber, por sua vez, analisado por Freud, Kafka, Foucault, Canetti, Benjamin, Santner, entre outros, foi abundantemente debatido, sobretudo, porque seus interlocutores julgaram que ele repercutia as crises sociais e culturais mais amplas de sua época. Schreber teve uma crise inaugurada a partir do momento em que foi investido no cargo de *senats-präsident* da Suprema Corte da Saxônia. Em sua crise, ele julgou que estava sendo transformado por Deus num judeu errante emasculado. Ou seja, ele estava sofrendo uma metamorfose que fundia sua identidade com as identidades de uma mulher e de um judeu.

⁷⁸ **Grua**¹ [Do lat. Vulg. Grua]. 1. A fêmea do **grou*** [Do lat. vulg. *gruu < lat. grus, uis, 'corvo']. 1. Zool. Ave pernalta, cultrirrostra (Grus cinerea): *grous e andorinhas passavam no céu anunciando a rispidez do inverno* (Alberto Rangel, Livro de Figuras, p. 236). 2. Astr. Constelação do hemisfério austral, próxima ao Índio e à Fênix. **Grua**² [Do cat. Grua ou do fr. Grue, ambos do lat. Vulg. Grua] 1. Aparelho usado para levantar grandes pesos. 2. Máquina que serve para introduzir água nas locomotivas. 3. Guindaste. 4. Cin. Telev. Espécie de guindaste com plataforma e assento nela fixado, para suspender câmera, operador

(ECO, 2001): ora anunciando no céu a rigidez do inverno, ora trinando sob os raios de sol nos guindastes do cais. Seu envolvimento com a **inovação cultural** e/ou a **política revolucionária**, no início do século XX, parece ter sido consequência de uma crença de que o pessimismo do final do século XIX poderia ser dissolvido pela possibilidade de **novas formas de ação** (SEIGEL, 1992: 369). Este foi o momento em que **cultura e política revolucionárias** aproximaram-se mais intensamente do que em qualquer época desde o final do romantismo⁷⁹.

Esta vida devotada ao distanciamento da sociedade convencional encontra alguns caminhos possíveis para a renúncia da estagnação: a **revolução**, o **anarquismo** e a **loucura** aparecem como experiências passíveis de suscitar desorganização; a **arte modernista** incorpora o anseio por uma forma transcendente de existir; a **boemia** constitui uma forma de experimentar a atmosfera moral do niilismo moderno, ou um espaço de dramatização do afastamento da vida burguesa — classificada como uma vida hipócrita e *não autêntica* (SEIGEL, 1992: 19/ 373-399). Como se pudéssemos falar de um *modo de vida burguês* em que cada ser humano agisse como se representasse um papel social pré-determinado e bem-comportado — *mecanizado* — e de uma angústia da qual partilham artistas e intelectuais revolucionários e levam-nos em busca de outro modo de vida possível — livre, original e autêntica.

1.2.3. TRANSGRESSÃO E PROJETOS DE CIDADANIA

Mas a **verdadeira transformação** deveria ser fruto de uma iniciativa **cultural** ou **política**? Ou uma implicaria necessariamente na outra? Ela deveria ser **coletiva** ou **individual**? **Revolucionária** ou **solidária**? Haveria um projeto de felicidade de **esquerda**, revolucionária, e outro de **direita**, conservadora? Qual o modelo de sociedade ideal atrelado a cada projeto de realização? Essa leitura traz nossa discussão para dentro do contexto dos regimes políticos do Estado Moderno e seus respectivos projetos de **cidadania**, que implicam numa relação contratual entre o **indivíduo** e a **sociedade** à qual

cinematográfico, diretor, etc. (HOLANDA, Aurélio Buarque. **Dicionário Novo Aurélio** — século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2004. 1 CD-ROM. Versão Eletrônica 3.0.).

⁷⁹ Para Seigel, os acontecimento do início do século XX, como a Primeira Guerra Mundial e o sucesso da Revolução na Rússia, após 1917, deram origem a uma mistura potente de **revolta** contra sociedade vigente que, para alguns, foi mesclada com a **fé** na possibilidade de sua transformação (SEIGEL, 1992: 369). Nesse sentido, Freud e Marx figurariam como referências para aqueles que viam na **modernidade** uma constelação de forças transformadoras: *invoca-las era exigir que a sociedade renunciasse a suas reivindicações de estabilidade* (SEIGEL, 1992: 372).

pertence — um projeto social, político e cultural de relação entre o *eu* e os *outros* na República Moderna.

A **felicidade** é o princípio da vida moral cristã. As *bem-aventuranças* são um projeto cristão de realização plena da vida. Em comum às noções de **bem-aventurança**, **eudemonia** e **beatitude**, há uma proposta moral embasada na *felicidade*. É eudemonista “qualquer doutrina que assuma a felicidade como princípio e fundamento da vida moral”⁸⁰. Na teologia, a bem-aventurança refere-se à **felicidade perfeita**, e eterna, que os santos gozam no céu⁸¹. O pensamento cristão dramatiza a existência terrestre sob o mote da alternativa paraíso/inferno (da qual o purgatório é uma espécie de ante-sala), e nos coloca constantemente sob o julgo divino. Logo, o *pathos* da salvação deve prevalecer sobre a preocupação com a felicidade mezinha (BRUCKNER, 2002: 23-27). Ou seja, para o ideal religioso, a felicidade deve ser etérea e transcendente, ao mesmo tempo em que se constitui numa atitude de reflexão interior, tratando-se de uma disposição interna da alma — a consciência humanista elogiada por Padre Paulo, traduzida numa sensibilidade ao coletivo que ele conceitua também como um sentimento de amizade.

Na modernidade, quando Deus é paulatinamente afastado enquanto paradigma intelectual, surge o problema da significação histórica e política da sociedade, que se torna *perfeitamente* moral através do exercício da atividade humana da razão. Há uma recusa da moral religiosa em favor da moral laica — a moral sem Deus. O *irracionalismo* da autoridade e da ordem absolutista, que tem como modelo Deus, deve ser substituído pelo refinamento da racionalidade mundana: o *logos*. A **ética social** exercida entre o eu e os outros deve ser racional e legalista. Esse é um princípio metafísico e político — a submissão de todos a uma só lei impessoal e universal — que constitui a definição de igualdade (ROMANO, 2003: 22). Esse princípio guarda proximidade com o *essencialismo* religioso, mas com base em outra perspectiva: a capacidade racional humana de autonomia.

Entretanto, a intangibilidade da felicidade é declarada, ainda no século XVIII, por Kant, para quem ela seria parte integrante do bem supremo: *a perfeita proporção entre*

⁸⁰ (ABBAGNANO, 2000: 391).

⁸¹ A escolástica de S. Tomás toma, como modelo, a doutrina aristotélica da felicidade, que seria própria da vida contemplativa; mas a bem-aventurança, embora sinônimo de felicidade, distingue-se desta por designar um estado de satisfação completa *perfeitamente independente das vicissitudes do mundo* (ABBAGNANO, 2002: 434/435). Deus, e não a felicidade, é o último fim do homem. Para Santo Agostinho, a felicidade só poderia existir na lembrança: *Todos nós nos lembramos de ter sido felizes antes da queda; e não existe felicidade a não ser na reminiscência, porque o que encontramos no fundo da memória é a fonte viva de Deus* (Santo Agostinho in BRUCKNER, 2002: 22).

moralidade e **felicidade**. Dessa forma, a **felicidade perfeita**, síntese da virtude, não seria realizável no mundo natural, já que não seria possível ao ser humano racional realizar todas as suas necessidades, inclinações, desejos e tendências. A felicidade, ao ser associada à noção de satisfação plena, torna-se, em consequência, irrealizável, pois **razão plena** e **felicidade plena** são **irrealizáveis** (Kant apud ABBAGNANO, 2000: 435)⁸². Para Kant, a felicidade não é o bem supremo da **vida ética** — aquele ao qual se subordinam as normas de moralidade. Mas isto não implica que a felicidade saia de cena: a expectativa é de que haja uma convergência entre a **autonomia** (esta, sim, o valor central da vida ética) e o **bem-estar** (GIANNETTI, 2002: 28). A ética Kantiana sustenta que os homens deveriam estar prontos a *sacrificar* o seu bem-estar em nome da felicidade de uma **comunidade ideal futura**, mesmo que eles jamais chegassem a presenciá-la (GIANNETTI, 2002:27). Ou seja, o paraíso é terreno, factível e está em construção através de pensamentos e ações dos homens autônomos.

Aos poucos, a noção de **felicidade** vai sendo abandonada pelos filósofos enquanto **fundamento da vida moral**. No século XIX, o **romantismo**, substituirá a noção de felicidade enquanto projeto humano; contudo, ao fazê-lo, ele não *inaugura* uma visão de mundo *oposta* ao iluminismo, mas enfatiza inquietações já existentes no conjunto heterogêneo do pensamento europeu do século XVIII. O romantismo, literário ou filosófico, no século XIX, critica mais sistematicamente o efeito **desumanizador** da ciência moderna, da tecnologia, da urbanização, e de tudo o que está associado ao **progresso** (GIANNETTI, 2002: 39). Dissemina-se a sensação vaga da perda de algo indefinível e sublime, da natureza em seu esplendor. O civilizado teria trocado uma parte das suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. E haveria, nesse processo, certa perda de **vigor** dos afetos e da alegria **espontânea** de viver, além de uma corrosão progressiva da **vitalidade** dos instintos e da possibilidade de algum tipo de **propósito transcendente** da existência, como a própria **virtude**. A vida perdera sua **autenticidade** e desbotara como um retrato esmaecido⁸³. Não existiria mais lugar para o êxtase, a não ser o êxtase artificial, tecnológico e profano, promovido pelas substâncias químicas.

⁸² Isto não lembra o embate entre o *Princípio de Prazer* X o *Princípio de Realidade* sugerido por Freud em sua obra **O Mal-Estar na Civilização?** (FREUD, 1997).

⁸³ O desencanto de uma vida que empalidece, como diz o poeta Charles Baudelaire, na década de 20, em seu poema O Retrato: (...) *Dos êxtases mais vivos que fulgores,/ Que resta? É horrível, ó minha alma! Nada/ Mais que um pálido esboço de três cores/ Que se extingue, como eu, na solitude,/ E que o Tempo, sem pressa e em toda parte,/ Vai roçando com asa amarga e rude...* (...) (BAUDELAIRE, 1985: 199).

O século XX é permeado por menções a crises: crise de identidade, ideologia, representação política. Há uma distopia presente nos discursos de final do século XX: um *button* ecológico dos anos 70 questiona: “*Tecnologia é a resposta! Mas qual é a pergunta?*” (GIANNETTI, 2002: 90). O potencial revolucionário, presente na revolução francesa, americana, industrial, mudando imaginários, derrubando igrejas, transformando costumes, teria entrado num período de desaceleração e perdido a sua força? Por que a promessa de felicidade do projeto iluminista não se cumprira? A modernidade não deveria criar um mundo de saciedade e alegria? Não deveria resolver todos os dramas humanos, como a dor, a fome, a escravidão? Por qual motivo, então, estamos vivendo um momento de várias inseguranças: financeira, ideológica, social, ecológica? Por que os homens estão cada vez menos solidários, menos interessados em causas coletivas, menos mobilizáveis para grandes questões? Teria o projeto de felicidade coletiva se degenerado? A crença no progresso continuaria digna de crédito? O mundo, de potencialmente utópico, ter-se-ia tornado distópico, perverso e sem sentido? Seria o mundo moderno irremediavelmente desencantado? Estaríamos vivendo em um mundo pós-moderno? Por vezes nos esquecemos que esse discurso de *crise* é uma presença constante nos debates intelectuais desde meados do século XVIII⁸⁴.

Entretanto, os discursos distópicos não excluem a problematização da cidadania. Nos países democráticos, o projeto de cidadania — princípio moral da autonomia — está sob o **regime liberal**, cujo modelo tem, como pontos centrais, os direitos individuais, as liberdades civis e os direitos de propriedade. Ou seja, a cidadania é **individualista** e **legalista**, pois se trata da imagem pública de indivíduo dotado de liberdade, cuja relação com a sociedade é, sobretudo, um *status de pertencimento*, já que baseada numa relação contratual entre direitos e obrigações, que garante direitos individuais em troca de uma ínfima contraprestação: impostos, voto periódico e serviço militar obrigatório. Dentro do

⁸⁴ Há uma sensação de **desconforto** que, segundo Giannetti, é problematizada por duas grandes linhas mestras do pensamento europeu, desde o final do século XVIII. São duas tendências que enfocam a não realização do ideal iluminista de felicidade como fonte do mal-estar moderno: **1) A tese da incompletude:** O iluminismo falhou em sua promessa de felicidade porque ele não completou o seu projeto transformador. Dessa forma, o desapontamento com os resultados alcançados, e o mal-estar reinante, seria um sintoma transitório de uma jornada incompleta. Nada que o avanço do processo civilizatório não possa sanar. A questão é dar seqüência prática à realização do projeto iluminista. Essa tese abarcaria as obras de Hegel, Marx, a Escola de Frankfurt, Bentham, Mill e os utilitaristas. **2) A tese da permuta civilizatória:** O iluminismo falhou em sua promessa de felicidade porque havia uma contradição na premissa de uma harmonia natural entre o avanço do progresso civilizatório e o aumento da felicidade. O processo civilizatório e o avanço da racionalidade têm custos substantivos e o preço é pago com a diminuição do bem-estar subjetivo. Ou seja, a equação iluminista não apresenta solução. Essa tese remonta a autores como Diderot, Rousseau, Nietzsche, Weber e Freud (GIANNETTI, 2002: 54).

modelo liberal do Estado Moderno, surgem projetos e/ou vivências alternativas de **cidadania** que contestam o *status quo* através de movimentos políticos e culturais que retomam, de uma forma ou de outra, as causas coletivas: **1) O movimento hippie**, em 1960, nos EUA, parte, ao mesmo tempo, de um drama de libertação individual, e de solidariedade a uma causa coletiva (no caso, o repúdio à guerra do Vietnã); ele constituiu-se, assim, numa ação cultural e política em que o projeto individual e o projeto coletivo parecem ser conseqüências do mesmo impulso (SEIGEL, 1992: 397). **2) O movimento feminista** inclui questões privadas na esfera pública, politizando-as, e pluralizando o modelo abstrato e homogêneo de cidadania⁸⁵. **3) O multiculturalismo** propõe novas direções a serem tomadas diante da acelerada erosão da homogeneidade nos limites do Estado-Nação. Ele propõe a ampliação da cidadania, baseada num **direito cultural**: um critério identitário que garanta a inclusão de indivíduos, sobretudo imigrantes, no corpo social, mantendo-se o respeito por sua cultura (LISZT VIEIRA, 2001: 37-50). **4) Ou ainda movimentos políticos** que reivindicam um **processo de democratização**, dentro do modelo liberal, visando expandir os **direitos** do cidadão comum⁸⁶. A **democracia expansiva** busca um equilíbrio entre os direitos individuais, os direitos dos grupos e suas obrigações. O cidadão deve ser um indivíduo participante das atividades da comunidade⁸⁷ (LISZT VIEIRA, 2001: 42).

Por sua vez, as teorias políticas e os regimes **comunitaristas**, priorizam a comunidade, a sociedade ou a nação e invocam a **solidariedade** e o **senso de destino comum** como fonte da coesão social. Ele surge como uma forma de crítica ao **liberalismo** do Estado, da cultura e da **sociedade moderna**: a humanidade, a comunidade ou a nação deveria sustentar-se pela ação e apoio dos grupos, contrariamente às decisões atomistas dos

⁸⁵ Para Stuart Hall, o feminismo: 1) questiona a clássica distinção entre o *dentro* e o *fora*, o *privado* e o *público* (o slogan do feminismo era *O pessoal é político*); 2) abre para a contestação política áreas inteiramente novas da vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.; 3) enfatiza como uma questão política e social o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genéricos; ou seja, ele politiza a subjetividade, a identidade e o processo de identificação homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas; 4) expande-se para a formação das identidades sexuais e de gênero; 5) e questiona a noção de que os homens e mulheres são parte da mesma identidade: a **humanidade**, substituindo-a pela questão da diferença sexual (HALL, 2001: 45/46).

⁸⁶ Além dos **direitos civis** (necessários para o exercício da liberdade), e dos **direitos políticos** (que garantem a participação pública no processo político), há nas reivindicações desses movimentos políticos uma luta pela expansão dos **direitos sociais**, adquiridos ao longo do século XX, que incluem a preocupação com um padrão mínimo de bem-estar para todos os cidadãos.

⁸⁷ Marshall, em **Cidadania e Classe Social**, 1949, vislumbrava a **cidadania** como o verdadeiro elemento da mudança social no contexto da realidade industrial e da experiência do Estado de bem-estar social do pós-guerra. Esta mudança seguiria uma lógica: 1) a garantia dos direitos já adquiridos, 2) a expansão dos direitos, 3) a incorporação de novos grupos ao Estado (LISZT VIEIRA, 2001: 42).

indivíduos, como acontece no âmbito liberal. O seu objetivo seria construir uma comunidade baseada em valores centrais como a identidade comum, a solidariedade, a participação e a integração. Nesse caso, a cidadania deixa de ser um simples status de pertença e torna-se uma **prática comunitária** em busca da bem-aventurança comum. Assim, ela ganha o caráter de **virtude**, já que as obrigações tornam-se dominantes em face dos direitos. Os indivíduos são membros de unidades maiores do que si mesmos, pois a comunidade política tem papel central neste modelo. Ela é a entidade que fornece ao cidadão: 1) a sua identidade, 2) a unidade social, 3) e o espaço para o exercício da **virtude** da participação. (LISZT VIEIRA, 2001: 41-45).

Alternativas de cidadania são oferecidas também por outras correntes críticas do **liberalismo capitalista** como o **nacionalismo romântico**, de caráter étnico, em que a Nação é vista como um corpo orgânico com vida própria. No início do século XX, na Alemanha, há uma corrente neo-romântica, sobretudo universitária, que promove uma nova versão do sentimento anticapitalista. Sua motivação central é a oposição entre **Kultur** e **Zivilisation**. **Kultur** define uma esfera caracterizada por valores éticos, estéticos e políticos, enquanto **Zivilisation** designa o progresso material, técnico-econômico, exterior, mecânico, artificial, de origem anglo-francesa (LOWY, 1979: 19). Segundo Lowy, esse anticapitalismo acadêmico assume ao menos duas formas principais: uma ortodoxia tradicionalista e reacionária e um conservantismo esclarecido ou modernista, como o ostentado por um grupo de universitários eminentes, que funda no final do século XIX, com a participação de Max Weber, um círculo intelectual em Heidelberg⁸⁸ (LOWY, 1979: 20/21). Esse grupo refutava igualmente o **marxismo** e o **liberalismo manchesteriano**, em nome dos valores éticos e supremos, da grandeza nacional, da harmonia social e da tradição cultural germânica. Seu programa propunha uma orientação ético-social da economia por meio de

⁸⁸ Lowy analisa, sobretudo, dois círculos de intelectuais: o círculo de Max Weber, em Heidelberg, e o Círculo do Domingo, de Lukács, em Budapeste. Segundo Lowy, *o principal centro de pensamento sociológico na Alemanha do início do século XX era Heidelberg, onde se reunia em torno de Max Weber uma plêiade brilhante de intelectuais e universitários. Entre os participantes regulares ou episódicos deste famoso 'Círculo Weber de Heidelberg' encontram-se, de 1906 a 1918: os sociólogos Ferdinand Tönnies, Werner Sombart, George Simel, Alfred Weber (o sociólogo da cultura, irmão de Max), Arthur Salz (membro do 'Socialistas de Cátedra'), Robert Michels (nesta época, 'sindicalista revolucionário'), Ernst Troeltsch (sociólogo das religiões, de orientação social-cristã), Paul Honigsheim (então jovem estudante); os filósofos neokantianos Wilhelm Windelband, Hugo Münsterberg e Emil Lask, os neo-hegelianos Ehrenberg (judeu tornado místico cristão) e Rosenzweig; o jurista George Jellinek; o esteta Friedrich Gundolf (amigo do poeta Stephan George); o poeta pacifista Ernst Toller; o psiquiatra e futuro filósofo Kierkegaardiano Jaspers; o especialista em Dostoiévsky Nikolai von Bubnov; e dois jovens dostoiévskianos escatológicos: Ernst Bloch e Gyorgy von Lukács...* (LOWY, 1979: 28/29).

reformas sociais realizadas através da intervenção do Estado. Os sociólogos alemães criticavam, dessa forma, os *vícios* do capitalismo (LOWY, 1979: 22).

Contudo, a cidadania civil e política, nos países de regime liberal, parecem obstar a ampliação dos direitos sociais: a equação **indivíduo + sociedade** não fecha. E, nos regimes totalitários, como é possível compatibilizar as minorias e a coesão da comunidade? Que projeto de **comunidade de cidadãos** pode ser oferecido efetivamente a uma sociedade multifacetada? Como é possível atingir o **bem-comum**? A equação **sociedade + indivíduo** também não fecha. Segundo Bruckner, a promessa de **felicidade**, enquanto ideal coletivo, no século XX, conhece, à grosso modo, dois destinos: **1)** O projeto de felicidade, nos países democráticos, degenera numa intimação individualista à euforia⁸⁹. **2)** Por sua vez, o projeto de felicidade, nos regimes totalitários, teria sido tragado pelo regime de bem-aventurança coletiva, que, embora em seu princípio revolucionário apresente um discurso humanista e/ou comunitarista, no seu decorrer conservador torna-se uma proposta de bem-aventurança imposta para todos e constitui-se em argumento para repressão e matanças⁹⁰.

Nesse contexto, como ficam os intelectuais e artistas que na modernidade afirmam o seu *status* enquanto vanguarda do coletivo? Há, entre os *intelectuais transgressores*, uma crítica ao individualismo burguês, ao utilitarismo materialista, ao *laissez faire* econômico e ao egoísmo dos empresários capitalistas. Há uma crítica ao *liberalismo* e ao fato dele apresentar um forte acento individualista. A problemática entre a comunidade **orgânica** e a sociedade **artificial** e **fragmentária** pertence ao universo mental *autocrítico* da civilização moderna e encontra-se no centro da obra de vários escritores, desde o século XVIII. De

⁸⁹ Para este autor, o projeto moderno de felicidade — criticado pelo **movimento intelectual e artístico** dos anos 60/70 — passa a ser considerado uma *ideologia pequeno-burguesa* baseada na pregação do consumismo e do bem-estar medíocre. O movimento de 68 coloca o **desejo** no lugar do **bem-estar** pequeno-burguês: o orgasmo, o prazer, a satisfação, deveriam ser o melhor meio de subverter a sociedade moderna. Como se o desejo pudesse reconduzir os homens aos seus instintos e, com isso, resgatar a sua **autenticidade perdida**. Nesta lógica, **desejo = prazer = instintos = virtude = moral**. Para Bruckner, essa crítica à **sociedade do consumo**, ironicamente, teria transformado o projeto de felicidade em uma **intimação à euforia**; a noção de felicidade **degenera** num apetite por prazeres e consumos desenfreados, pois, num mundo desencantado, as palavras de ordem do **desejo** acabam aplicando-se mais ao universo da mercadoria do que ao universo do amor, da amizade e da solidariedade ao humano (BRUCKNER, 2002: 60).

⁹⁰ Como no caso da ideologia de pureza racial do movimento nazista e sua criação de centros de extermínio dos judeus em escala industrial: Auschwitz, Belzec, Chelmo, Majdanek, Solibor e Treblinka; ou no imperativo moral comunista que se auto celebra como uma vitória do bem e cria um cotidiano de repressão política, civil e física, do mal, materializada em seus próprios campos de concentração, os Gulagui (para este tema ver BESANÇON, 2000). **Gulag**: 1 sistema penal institucional da antiga União Soviética, composto por uma rede de campos de concentração. 2 Derivação: por extensão de sentido. Campo de trabalhos forçados. Gramática: pl.: *gulagui* (em rus.). Etimologia: acróstico do russo: Glavnoie Upravlenie Lagueri 'Direção Geral dos Campos' (Dicionário Houass, versão eletrônica). Apesar dessa definição, fico impressionada com a semelhança com o termo **Kulak**, com que os russos referiam-se, de forma depreciativa, ao *camponês rico*, o *proprietário rural privado*: *Stálin estendeu o termo Kulak a qualquer camponês que se negasse a participar da sua coletivização forçada* (RIBAKOV, 2000: 138 – nota do tradutor).

acordo com essa visão, o declínio da solidariedade entre os cidadãos, bem como a ausência do senso de destino único, estariam na raiz dos grandes males da modernidade. O destino de alguns desses *intelectuais anticapitalistas*, durante o século XX, é variado: uns em algum momento simpatizam ou aderem ao nazismo e o facismo⁹¹; outros participam da resistência ao totalitarismo; outros ainda vêm a aderir ao marxismo⁹², aos movimentos anarquistas, ou engajam-se em movimentos culturais.

Essa *categoria social* já representou a realização do projeto iluminista do *sujeito autônomo*; também já mimetizou os estilos de vida marginais, dramatizando os conflitos da sociedade e do sujeito modernos. Em ambos os casos, sua *identidade* construía-se a partir de uma *vocação*: exegetas da realidade e hermeneutas da cultura. Hoje, essa categoria encontra-se afastada dos espaços de discussão pública, bem como do sentido de *vocação* e *destino* que acompanhava a sua profissão e levava-a a desenvolver projetos solidários para com a sociedade⁹³. Essa ausência (que também é ausência de sentido, de missão, de projeto comum, de ideal) é acompanhada pelo aumento de uma autoreflexividade; de um questionamento sobre a crise de sentidos e identitária. O sujeito autônomo e transcendente em sua razão torna-se um leque de identidades nas quais desempenha papéis sociais: pai,

⁹¹ Não é incomum encontrarmos, entre os intelectuais adeptos do marxismo, alguns que tenham sido anteriormente simpáticos à causa *nacional-democrática* da Alemanha, antes das denúncias dos campos de concentração nazistas. No Recife, Paulo Cavalcanti, membro do PCB no período do golpe militar de 64, conta em sua autobiografia que, durante sua juventude, na década de 30, chegou a fazer parte do movimento integralista brasileiro: *Em 1933, a Ação Integralista Brasileira andava em plena campanha de proselitismo. Isso coincidia com a minha fase de desencanto com a Revolução de 30 e o catolicismo. O integralismo acenava-me com idéias novas, de combate ao capitalismo, às oligarquias, aos processos políticos antiquados. 'O capital ensaia a sua tirania na forma dos grandes trustes, dos monopólios, dos grupos financeiros', dizia um livro de propaganda da Ação Integralista Brasileira. 'Nenhum país, mais do que o Brasil, precisa neste momento de fortes injeções de nacionalismo que constitui hoje em dia a suprema salvação de todos os povos!' (...) Tudo ensaiado, filiei-me à AIB, em cerimônia simples. A sede dos 'camisas-verdes', nesse tempo, era na Rua Barão de São Borja, nome pomposo para uma artéria que o povo apelidava de Rua do Sebo (...)* (CAVALCANTI, 1978: 108/109)

⁹² Segundo Lowy, na trajetória intelectual de Lukács, sua *nostalgia do passado* transmuta-se numa apaixonada e messiânica *esperança do futuro*: o proletariado cumprirá, pela revolução, a redenção do mundo. O proletariado é o portador da nova harmonia da totalidade reencontrada, da universalidade realizada, da unidade reconstituída entre o sujeito e o objeto, a ética e a práxis, o indivíduo e a coletividade (LOWY, 1979: 156).

⁹³ Para Sirinelli, a mudança no papel do intelectual estaria marcada pela transformação do próprio espaço público de discussão; essa transformação seria caracterizada: 1) pelo derretimento das grandes ideologias; 2) pela crise de representação política; 3) pela influência crescente das emoções midiáticas na sociedade, situação em que o *pathos* supera o *logos* e os *mercadores de emoção* superam os *antigos líderes de opinião* responsáveis por desenhar horizontes de esperança através da análise racional dos problemas induzidos pela representação política e seus conflitos (SIRINELLI, 2003: 193-196). Nessa perspectiva, a crise ideológica contribuiria para a crise de identidade, já que os intelectuais encontrar-se-iam despojados de sua densidade ideológica para animar as controvérsias. Assim, os intelectuais perdem o seu papel de arautos das grandes controvérsias nacionais, suplantados por sujeitos mais midiáticos. Afora que a definição de cultura estaria ameaçada, enquanto elemento de identidade dos intelectuais, de se diluir no contexto de relativismo cultural proporcionado pelos meios de comunicação de massa.

filho, homem, professor, negro, marido, vizinho, paciente etc. A vocação do intelectual — que parecia estar ligada a uma experiência do tempo: o tempo histórico — hoje parece ter diminuído: ele não mais prevê o futuro, nem o planeja com exatidão. Não é mais responsável por fabricar monumentos de lembrança ou definir a identidade nacional⁹⁴.

Embora alguns membros da Escola de Frankfurt, como Benjamin, Adorno, Marcuse, e alguns de seus seguidores julguem a *cultura modernista* incapaz de efetuar *verdadeiramente* a transformação da sociedade moderna⁹⁵ — porque, segundo estes autores, apesar de desafiar de forma revolucionária a vida existente, a **arte modernista** fracassaria em levar até o fim o processo político, seja: a) por retomar a vida existente quando se submete ao poder do comércio; b) por desvanecer-se nas atitudes contraditórias dos próprios artistas; c) pela fragilidade de sua identificação com as possibilidades revolucionárias: ela não seria de todo sincera ou completa (SEIGEL, 1992: 395) — não podemos esquecer que, diante da autoridade simbólica em estado de emergência ser transgressora (como já dito anteriormente), intelectuais e artistas aderem a uma *postura infratora* que muitas vezes é ao mesmo tempo cultural e política, ética e estética etc. Estas são posturas que delineiam uma **cultura política** revolucionária. São novas formas de participação que envolvem a quebra das **tradições** — marca da modernidade. A **nação** é ao mesmo tempo uma entidade cultural e política e a **transgressão** pertence a ambas esferas.

É nesse sentido que o conceito de *cultura política*, utilizado por autores como Miceli, Pécaut, Ridenti e Schwarz para caracterizar a produção intelectual brasileira, entre o largo período de 1920 a 1970, é muito útil para o diálogo com o meu objeto de pesquisa: na medida em que problematiza a existência de um espaço cotidiano de discussão de questões consideradas públicas em que não se distinguem a esfera política, cultural e social; mas ele não dá conta da peculiaridade e pluralidade da atmosfera intelectual do Recife pré-golpe, momento em que essa categoria social pensa e age sobre a cidade, pois faz uma leitura generalizante das obras produzidas neste período classificando-as ora de *nacionalistas conservadoras*, ora *revolucionárias nacionalistas* ou ainda *estéticas/míticas*

⁹⁴ A meu ver, resta-lhe ainda um projeto: dar sentido aos fatos, vestígios, acontecimentos e eventos. Contar histórias. Este não é um dos ofícios considerados mais importantes para o desenvolvimento da sociedade industrial moderna, afinal, o mercado está superfaturado de informação. Somos a sociedade da informação. Mas quem conta histórias não apenas informa; também cria significados.

⁹⁵ Eles chegam a ver a **cultura modernista** como o suporte dos valores que põem em dúvida as práticas sociais dominantes, mas julgam-na incapaz de efetuar *verdadeiramente* a transformação da sociedade moderna.

(herdeiras do nacionalismo retrógrado podendo *desenvolver-se* se postas a caminho das massas).

1.3. FABRICANDO UM CONTEXTO

Embora, hoje, a cidade do Recife seja quase nua desses vestígios, o período pré-golpe é um momento histórico em que a capital de Pernambuco apresentava-se como um centro cultural que, sob certos aspectos, possuía, no dizer de Rostand Paraíso, um *certo espírito cosmopolita*, na medida em que atraía uma série de *estrangeiros* — do interior do estado e de estados vizinhos (PARAÍSO, 2003:183). Atraídos, dentre outros motivos, por sua efervescência cultural; por suas três grandes escolas: a Faculdade de Direito, a de Medicina e a Escola de Engenharia, além de um sem número de bons estabelecimentos de ensino secundário, dirigidos por educadores conceituados. Criando um clima de pensões estudantis espalhadas pelos vários bairros do centro da cidade, onde se concentravam os colégios e escolas superiores (PARAÍSO, 2003: 183). Trata-se, também, de um momento histórico em que intelectuais de classe média, em seu papel de mediadores do espaço público, radicalizam a sua aproximação com as classes populares e elaboram, apuram, promovem projetos de cidadania — enquanto uma questão moral da autonomia do humano demasiado humano — que dialogam sobre novas sociedades e novos homens.

Esse sentimento de atuação, ou efervescência, relacionado a iniciativas no campo da produção intelectual ou artística, às iniciativas culturais, aos debates acalorados, não é estranho aos centros urbanos no Brasil durante o século XX. O Recife dos anos 20 teria tido seus *cenáculos* de debates sobre o modernismo e o tradicionalismo⁹⁶. Nos anos 30 e 40, a cidade presenciou a resistência de estudantes e intelectuais à interventoria estadonovista de Agamenon Magalhães⁹⁷. Mas, além de debates acalorados, entre o fim do Estado Novo, em 1945, e o Golpe de 1964, a cidade do Recife foi cenário de um período de mudanças políticas. O Partido Social Democrata, de Agamenon, que se havia estruturado e fortalecido no poder durante o governo Vargas, manteve-se como a maior força partidária do Estado de Pernambuco até a sua primeira grande derrota política com a eleição do industrial e usineiro Cid Sampaio, em 1958, apoiado pelas Oposições Unidas de

⁹⁶ Para este tema ver: AZEVEDO, 1996; BARROS, 1985; REZENDE, 1997.

⁹⁷ Para este tema ver: PANDOLFI, 1984; PONTUAL, 2001.

Pernambuco (UDN, PCB, PSB, PTB e outros partidos de menor expressão)⁹⁸. A mudança ficou também a cargo da autonomia política da cidade do Recife, restabelecida em 1955, através do projeto de lei sancionado por Café Filho, em janeiro. A eleição para o prefeito da cidade ocorreu, ao final do ano, em 3 de outubro, juntamente com as eleições presidenciais que elegeram JK. Foi a primeira eleição direta para prefeito da cidade, no século XX.

Segundo Roberto Aguiar, desde a chamada **geração de 45**, começou a ganhar corpo, entre os intelectuais, artistas, estudantes, padres, professores, políticos e industriais, a idéia de que o empobrecimento crescente da região não era determinado apenas pelos fatores climáticos, como as secas ou as cheias, mas também por questões sociais e econômicas (AGUIAR, 1993: 145). O Nordeste aparece representado como uma região de sofrimento, lamento e choro — houve uma problematização da situação social da população da região: surgiram temas como a fome, a desnutrição ou subnutrição, o analfabetismo, o problema das migrações constantes, a miséria, os baixos salários. Problemas que expressavam uma estrutura social injusta e a necessidade premente de reformas. As reformas sociais, os problemas sociais e as estratégias de resolução eram temas de debate nas entidades profissionais, nos sindicatos, na Igreja, nas associações, no PCB — estes são núcleos que proclamam a necessidade de uma reforma social em meados dos anos 50 (AGUIAR, 1993: 145).

Em sua biografia, Paulo Cavalcanti faz menção à frequência de realização de seminários e encontros realizados no período pós-segunda guerra⁹⁹. O **Congresso de Salvação do Nordeste** foi apenas um desses encontros, mas um dos mais alardeados, além de ser um dos encontros mais heterogêneos: reuniu comunistas, anticomunistas, usineiros, sindicalistas, camponeses, comerciantes, intelectuais e artistas, representantes da UDN, PCB, PSB, PTB e PDS. Um grupo de deputados estaduais e vereadores publicou, em 12 de maio de 1955, um **manifesto** que anunciava os objetivos do Congresso de Salvação do Nordeste a ser realizado em agosto¹⁰⁰. Era assinado por 59 pessoas: a maioria políticos,

⁹⁸ De forma distinta ao que acontecia no cenário político nacional, a UDN, no estado de PE, fez oposição ao PSD e coligou-se com os comunistas (ainda que ilegais), socialistas e trabalhistas. Para este tema ver: SOARES, 1986, 1982 e CAVALCANTI, 1978.

⁹⁹ Para este tema ver CAVALCANTI, 1978; 1980; 1982; 1985.

¹⁰⁰ Segundo Paulo Cavalcanti, o Congresso começou a ser preparado bem antes da sua realização, através das discussões nos sindicatos operários e nas associações de bairros, através da divulgação dos deputados ligados aos grupos nacionalistas e aos partidos de esquerda na Assembléia Legislativa, através da propagação do encontro através de enquetes de opinião com a classe média, promovidas por comerciantes e industriais (CAVALCANTI, 1985: 50-71).

professores, economistas, advogados e engenheiros, ou seja, pertencentes às classes média e alta da sociedade. No início de agosto, foi lançada uma campanha publicitária a fim de atrair o apoio popular. Apesar de, na ocasião, haver quem dissesse que o encontro era coisa de comunistas e que estava sendo organizado pela Liga de Emancipação Nacional — sob influência do PCB —, ele recebeu apoio do Governador do Estado, General Cordeiro de Farias, que era um anticomunista, e vários outros anticomunistas ou não-comunistas tiveram participação ativa no Congresso, inclusive representantes do governo dos outros estados da região. Bem como a direita política oposicionista no estado (UDN) também participou das reivindicações por reformas sociais (AGUIAR, 1993: 148-156)¹⁰¹.

Questões sobre o desenvolvimento do estado e do Nordeste dominam o clima intelectual e político e constituem um tipo de prática social entre os intelectuais e artistas. Forma-se uma consciência pública de que o Nordeste tem problemas, bem como o Brasil, mas que eles têm soluções. Há uma mudança de perspectiva acerca da postura a ser assumida em relação ao Nordeste, sobretudo no que diz respeito à mentalidade do Nordeste vítima exclusivamente de fatores climáticos — assim teriam agido as *oligarquias nordestinas* à espera dos incentivos fiscais. A desigualdade regional seria, isto sim, consequência do desenvolvimento diferenciado entre as regiões do Brasil. E, para que se realizassem mudanças, seriam necessárias: 1) a união do povo nordestino; 2) a iniciativa do governo federal, que não pode fugir à sua função de mediador equânime. Criou-se, no período do Congresso de Salvação do Nordeste, uma prática discursiva que afirmava a necessidade de uma campanha de solidariedade entre camponeses, políticos, industriais, comerciantes, estudantes, professores, sindicalistas e associações de bairro. Pregava-se a união de todas as camadas sociais e correntes políticas interessadas nos problemas regionais.

O resultado final do congresso com tantos e tão díspares participantes foi o lançamento de uma proposta central apresentada na ***Carta de Salvação do Nordeste***. A Carta atestou que as calamidades naturais periódicas entravavam o desenvolvimento da região, mas que, ao flagelo das secas, juntavam-se os males do latifúndio. E que as

¹⁰¹ A tese de Roberto Aguiar é que entre as reformas sociais clamadas por comunistas e pelos acólitos da UDN, há uma distinção teórica: uma de paradigma marxista (a interpretação oficial do PCB para realidade brasileira prevalecia na esquerda entre socialistas e comunistas) e outra, dos seguidores da doutrina da CEPAL (abordagem presente no discurso de diversos partidos políticos, especialmente dentro da ala progressista da UDN). Ambas as teorias de reforma social concordavam com a estratégia da industrialização como substituição da importação. A idéia de que esse atraso era causado pela seca foi substituída pela idéia de uma estrutura social regional arcaica que precisava ser superada. E a industrialização parecia ser o melhor caminho para superação do desequilíbrio (AGUIAR, 1993: 213-220).

condições de atraso do Nordeste mantinham em *planos de vida inferiores* todos os habitantes da região. Na carta, eram apontados como entraves ao desenvolvimento regional: as concessionárias estrangeiras de serviço público, o efeito das secas e o regime da grande propriedade improdutiva. E dentre as soluções propostas para esses entraves figuravam a ampliação dos mercados exteriores (China e Leste Europeu), o exercício pleno da democracia, e a reforma agrária (CARTA DE SALVAÇÃO DO NORDESTE¹⁰²).

Esse evento terminou por impulsionar a esquerda em Pernambuco: comunistas, socialistas e nacionalistas fizeram um acordo político e formaram a **Frente do Recife** (união do PCB, PSB, PTB, entre outros pequenos partidos), que lançou o socialista Pelópidas da Silveira como candidato à Prefeitura. Pelópidas — caracterizado por Paulo Cavalcanti como um “*engenheiro civil, filho de renomado professor de humanidades, sem a menor tradição de vida política, sem filiação partidária, apenas voltado para solução dos problemas urbanos*” (CAVALCANTI, 1978: 252) — ganhou visibilidade política no Congresso, durante o qual defendeu idéias acerca da participação popular na administração da cidade por intermédio das associações de bairros (CAVALCANTI, 1978: 252). A gestão de Pelópidas na Prefeitura do Recife realizou a promessa de campanha: as associações de bairro proliferaram, principalmente nos bairros mais carentes da cidade, e tiveram uma relação de proximidade com o Executivo Municipal, através de reuniões com o prefeito e seus auxiliares, em que elegiam as prioridades de cada área urbana. No Teatro Santa Isabel, o prefeito e sua equipe ouviam diretamente a população, suas reclamações e propostas, a cada quinzena (CAVALCANTI, 1978: 258). Em mensagem à Câmara Municipal, publicada no Diário Oficial em 13/03/1956, Pelópidas Silveira ressaltava a importância de associações apartidárias que discutissem as necessidades públicas:

Durante a nossa campanha eleitoral, preconizamos e incentivamos a criação, nos diferentes bairros, de associações apartidárias que traduzam os interesses desses núcleos de população. Preocupava-nos o divórcio sempre existente entre as administrações e as vastas camadas populares, deixando as primeiras sem uma visão de conjunto de nossa realidade e as segundas relegadas ao mais cruel desamparo (...). Abre-se, assim, uma nova era para o Recife, onde as camadas mais sofredoras do povo podem fazer ouvir a sua voz, junto aos responsáveis pela coisa pública, de forma organizada e sem os prejuízos dos sectarismos de partido ou de facções”. (Mensagem de Pelópidas Silveira à Câmara Municipal, Diário Oficial, 13/03/1956, citado por PONTUAL, 2001: 135 e 202).

¹⁰² Este documento encontra-se em anexo no livro de Roberto Aguiar (AGUIAR, 1993: 222-242).

Segundo Paulo Cavalcanti, nunca antes o povo do Recife havia sido chamado a cooperar com o poder público como neste momento¹⁰³. A Câmara dos Vereadores combateria esse relacionamento direto entre as associações de bairro e a Prefeitura, dizendo que essa forma de ação marginalizava o poder político. No Jornal Diário de Pernambuco, de 1^o de Janeiro de 1957, entre os acontecimentos mais importantes do ano de 1956, os jornalistas elencam a querela entre o Prefeito Pelópidas e a Câmara Legislativa: *“O primeiro episódio da crise entre o prefeito Pelópidas e os vereadores ocorreu a 12 de janeiro [1956]. Antes, os legisladores municipais haviam demonstrado desconfiança quanto ao seu programa administrativo. Um projeto enviado à Câmara regulamentando a lei que oficiava o Carnaval serviu de pretexto para o rompimento”* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1^o de Janeiro de 1957). Os comícios realizados por Pelópidas Silveira, nos subúrbios, também são motivo de descontentamento, pois são considerados pelos vereadores como interferências em seus redutos eleitorais e as associações de bairro são acusadas de serem, na verdade, células comunistas estimuladas pelo Prefeito: *“Uma campanha de ataque e contra-ataque no plenário da Câmara é francamente aberta. (...) A Câmara acusa-o de comunista, apontando como células as associações de bairro por ele criadas”* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1^o de Janeiro de 1957).

Nas eleições seguintes, Miguel Arraes substituiu Pelópidas na Prefeitura, quando este se elegeu ao cargo de vice-governador de Pernambuco – compondo com Cid Sampaio (UDN), na primeira grande derrota do PSD. Essa aliança entre UDN, PCB, PSB (entre outros partidos de oposição) foi feita durante a campanha de combate ao projeto do **Código Tributário**, em 1956. As **Oposições Unidas** formaram um acordo eleitoral, com base em um programa desenvolvimentista que seguia as propostas da Carta de Salvação do Nordeste, para opor-se à situação política imposta pelo governo do PSD, de Cordeiro de Farias. O PSD, por sua vez, fugiu dos temas econômicos e políticos e partiu para polarização ideológica das candidaturas. No jornal Diário de Pernambuco, de 1^o de Janeiro

¹⁰³ *Em cada encontro de moradores e autoridades, estava presente o vereador do bairro, fosse qual fosse o seu partido, o médico, o padre, a professora, o pastor evangélico – num clima geral de concurso de vontades para atacar as obras prioritárias. (...) Muitas obras de subúrbio se realizaram em regime de mutirão, a prefeitura entrando com instrumentos de trabalho e veículos, o povo, por seu turno, fornecendo mão-de-obra (...). Muitos planos de urbanismo e engenharia foram enriquecidos com sugestões adequadas, nessas reuniões de técnicos e leigos. Auscultava-se a voz de quantos tivessem o que oferecer ao governo.* (CAVALCANTI, 1978: 257/258).

de 1957, entre os acontecimentos mais importantes do ano, figurava a discussão do Código Tributário na Assembléia Legislativa:

Foi, sem dúvida, o acontecimento mais importante do ano [1956] no setor da administração estadual, principalmente pelas suas repercussões políticas. E também pelas conseqüências de ordem econômica. Estabeleceu-se um clima de crise entre as classes produtoras e o Governo (...). A crise teve início nos primeiros dias de novembro, quando a Assembléia Legislativa iniciou a discussão do projeto enviado pelo Governador Cordeiro, juntamente com o plano de reclassificação, reestruturação e aumento do funcionalismo. Do projeto \$45 a Comissão de Leis Complementares separou três materiais: a reforma da legislação fiscal, a criação do Fundo de Desenvolvimento Econômico (projeto \$81) e do Fundo de Fomento à Produção (\$82)". (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1º de Janeiro de 1957).

A discussão na Assembléia levou as classes produtoras a declararem uma **greve de protesto pacífico**. Num discurso feito ao microfone da Rádio Jornal do Comércio, como mensagem de Ano Novo, e publicado no Jornal Diário de Pernambuco, em 1º de Janeiro de 1957, Cid Sampaio, presidente do Centro das Indústrias, comemora o sucesso do protesto pacífico da *sociedade recifense e pernambucana*: "*O comércio fechou as portas no dia 9 de novembro! Desde os grandes armazéns e magazines até as pequenas lojas, barracas e até fiteiros de subúrbio. Greve semelhante somente foi registrada em Pernambuco há 35 anos, em 1921, provocada, também, por uma resolução do governo, majorando os tributos (...)*". As classes produtoras, dirigidas por Cid Sampaio, em notas oficiais através dos jornais, conclamavam os **pernambucanos** a congregarem-se num movimento com o fim de estudar os problemas e buscar soluções justas e planos exequíveis que satisfizessem às aspirações da **comunidade**: o progresso e o bem-estar de todos, norteados por princípios austeros e morais (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1º de Janeiro de 1957).

O próprio Miguel Arraes, que nesse período era deputado estadual, ganhou visibilidade política através de sua atuação como um dos comandantes da campanha do Legislativo, sendo apontado por Paulo Cavalcanti como líder da bancada oposicionista. Em 9 de outubro de 1956, o discurso de Arraes selou a unidade dos parlamentares com a burguesia para derrotar o projeto de lei 349 que modificava a legislação fiscal do estado (CAVALCANTI, 1978: 271). Quando Arraes posteriormente chegou à Prefeitura do Recife, deu continuidade a gestão popular de Pelópidas Silveira, criando o Movimento de Cultura Popular (**MCP**). E quando obteve sucesso na eleição para governador, Pelópidas

voltou à prefeitura. Era a vitória majoritária da Frente do Recife (CAVALCANTI, 1978: 305-312).

O ano de 1955 foi também o primeiro em que os camponeses desfilaram pelo centro da cidade do Recife trazendo literalmente para o cenário da *urbs* as questões do sertão. Foi durante a realização do ***I Congresso Camponês do Recife***, realizado logo após o Congresso de Salvação do Nordeste, em setembro. O Congresso contou com a participação de três mil camponeses e trabalhadores rurais, sob a presidência de Josué de Castro (AZEVEDO, 1982: 67). Durante esse encontro, foi formada a estrutura orgânica das ***Ligas Camponesas***, como vieram a ser conhecidas nacionalmente. As primeiras Ligas haviam sido constituídas por iniciativa do PCB recém legalizado, após a redemocratização de 1945. Uma das intenções do partido comunista era então neutralizar o poder dos currais eleitorais sob o domínio das oligarquias coronelistas. Mas esses objetivos eleitorais deviam ser mediados pela mobilização dos camponeses e trabalhadores rurais a partir dos seus interesses imediatos. Contudo, as Ligas, então registradas como associações civis, esbarravam na resistência dos grandes proprietários e da ausência de legalização do trabalho rural. Depois do retorno do PCB à ilegalidade, as ligas foram reprimidas, sem terem conseguido criar uma base ou um líder de maior expressão (AZEVEDO, 1982: 55-59).

Porém, desde o início da década de 50, os comunistas e militantes das associações rurais tentavam rearticular e recriar as Ligas Camponesas, sob novas denominações. A SAPPP, Sociedade Agrícola dos Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco, criada pelos trabalhadores rurais do Engenho da Galiléia, arrendado do seu proprietário em regime de foro, surgiria desse esforço. Mas, entre os seus objetivos principais, constavam apenas algumas conquistas assistenciais, como um fundo para assistência médica e jurídica, a criação de escolas e de uma caixa funerária para os seus associados (AZEVEDO, 1982: 60). Diante do aumento das pressões do proprietário, dos usineiros e da própria polícia estadual, que tentavam intimidar os arrendatários, é que a SAPPP veio a procurar resistir buscando respaldo jurídico e político fora dos limites do Engenho da Galiléia.

Os *galileus* tentaram auxílio com vários advogados da capital, até chegarem ao advogado Francisco Julião, que passou a representar judicialmente os interesses dos foreiros e a ajudar na formação de um comitê político interpartidário composto por deputados de quase todos os partidos oposicionistas do governo do estado: a UDN, o PTB, o PST e indiretamente o PCB. O comitê denunciava nas tribunas e na imprensa a situação

do Engenho da Galiléia, visando impedir dessa forma que a repressão se abatesse sobre os galileus. A imprensa conservadora denominava a SAPPP de *Liga Camponesa da Galiléia*, em alusão às antigas Ligas Camponesas do PCB; mas o fato é que a questão agrária começou pouco a pouco a deixar de ser vista como apenas uma demanda policial para tornar-se política e social.

A formação das **Ligas Camponesas**, a partir de 1955, ampliou a ligação do movimento rural com agitação política e cultural da cidade do Recife: os setores mais progressistas da capital passam a formar uma base de apoio para a ação política da área rural, seja através da adesão de voluntários que seguiam para o campo, sobretudo de estudantes, seja pelo suporte jurídico e político, ou ainda pelas campanhas de denúncia e agitação da questão agrária e a luta pela **reforma agrária** (AZEVEDO, 1982: 67). Em 1959, o então governador do estado, Cid Sampaio, eleito pelas Oposições Unidas, viu-se pressionado a desapropriar o **Engenho Galiléia** e doá-lo aos trabalhadores foreiros. O impacto da desapropriação não se ateve apenas à imprensa local. O Jornal Estado de São Paulo, em 18 de fevereiro de 1960, reagiu com um editorial intitulado “*Demagogia e Extremismo*”, afirmando que o governo udenista de Cid Sampaio, em Pernambuco, estaria incentivando a **revolução**:

Ao criticarmos, não faz ainda muitos dias, a absurda iniciativa do governador Cid Sampaio, de desapropriar as terras do Engenho Galiléia para, num ilícito e violento golpe no princípio da propriedade, distribuí-las aos empregados daquela empresa, prevíamos o que disso poderia resultar. A violência seria, como foi, considerada uma conquista das Ligas Camponesas, e acenderia a ambição dos demais camponeses assalariados, desejosos de favores idênticos (...). O movimento ganhará novas proporções, atingindo as classes proletárias das cidades, com invasão de oficinas, com o apossamento violento das fábricas, com assaltos a casas de residências, com depredações de bancos e estabelecimentos comerciais. A revolução é assim. E o que, com sua cegueira, o Governo pernambucano incentivou foi a revolução” (JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 18 de fevereiro de 1960, citado por AZEVEDO, 1981: 71).

Em setembro de 1959, o escritor e jornalista Antonio Callado, estaria em Pernambuco fazendo reportagens sobre a situação da seca e do conflito pela terra no Nordeste, para o jornal carioca Correio da Manhã. Há uma suposição de que as reportagens de Callado sobre o Nordeste teriam sido consequência de uma iniciativa velada de JK, que tinha a intenção de, com isto, deslanchar a Operação Nordeste (OPENO) anterior à criação da SUDENE. O diretor do Correio da Manhã, Paulo Bittencourt, teria sido procurado e teria aceitado apoiar a OPENO. O jornal fez uma entrevista de primeira página com Celso Furtado, antecipando as linhas gerais do projeto, e publicou uma série de editoriais

aprofundando alguns pontos da operação. Além disso, enviou Antonio Callado como repórter para observar a situação da região nordeste e as consequências desastrosas das políticas que vinham sendo seguidas até então. Com essas publicações num dos jornais de maior importância no país, o projeto de uma nova política para o Nordeste ganhou peso no debate nacional¹⁰⁴.

A partir desse momento, a situação dos camponeses também passou a ser de domínio nacional, sobretudo a história dos camponeses do Engenho Galiléia e do advogado Francisco Julião (deputado pelo PSB) que os defendia. Callado comparou o trabalho dos camponeses ao trabalho escravo e falou sobre os industriais da seca em Pernambuco. Depois da publicação dos artigos de Callado, Francisco Julião, em 1960, na volta de uma viagem a Cuba, foi para o Rio fazer palestras no ISEB, na Faculdade Nacional de Direito e até em favelas cariocas a convite dos seus moradores (Viagem noticiada no DIÁRIO DA NOITE, em 20 de abril de 1960 e no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, em 23 de abril de 1960). Segundo Paulo Cavalcanti, “*de volta de uma viagem a Cuba, Julião transformou-se no líder máximo da Ligas Camponesas, pregando uma reforma agrária ‘na lei ou na marra’. Misturando Marx, Lênin, Chaplin e Jesus Cristo, Julião ganhou enorme popularidade na massa rural, com reflexos nas camadas médias da intelectualidade*”. (CAVALCANTI, 1978: 297).

Em novas reportagens, dessa vez para o Jornal do Brasil, entre 1963 e 1964, Callado afirmou que o panorama em Pernambuco era de infundir esperança. A experiência bem sucedida de cooperativas entre os camponeses, substituindo a estrutura dos latifúndios (como o exemplo da Tiriri); os projetos da Sudene de tirar água de rocha; o plano de alfabetização empreendido por Paulo Freire, e a humanização da polícia executada pelo Governo de Arraes, eram os elementos que, para o autor, marcavam a *revolução à brasileira* em Pernambuco (CALLADO, 1980: 129/130). Havia um clima pernambucano de liberdade que seria embasado: 1) num movimento de agitação das massas que preencheu em poucos anos o papel da educação que essas massas nunca tinham tido; 2) na eleição para o Governo do Estado de um homem do povo: Arraes, segundo o autor, o primeiro homem do povo a dirigir uma das unidades de maior atraso mental e mais arraigadas pretensões aristocráticas do Brasil; 3) na realização de uma espécie de revolução-piloto do Brasil na Zona da Mata de Pernambuco (CALLADO, 1980: 45-61).

¹⁰⁴ Para este tema ver: FURTADO, 1989 e VANDECK SANTIAGO, s/d, in Perfil Parlamentar Século XX, apresentado pela Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, disponível na Internet, no site: <http://www.alepe.pe.gov.br/perfil/parlamentares/>. Acesso em: 28 set. 2004.

Segundo Callado, duas questões caracterizavam Pernambuco e dificultavam qualquer opinião definitiva sobre o que se passava e o que viria a acontecer no estado: tudo era novo, fluido e acelerado e tudo era empírico. Pernambuco nem se parecia com **Cuba** e nem com a **URSS**. Por outro lado, já não se parecia muito com o resto do **Brasil**:

Sua pobreza continua enorme, mas sua atividade revolucionária, sua busca de soluções em todos os terrenos dão-lhe uma vitalidade maior que a de qualquer outro estado. As franquias democráticas são totais. Lá estão os padres que não vêem nada demais no trabalho que fazem os comunistas entre os homens do campo, lá estão as Ligas Camponesas pregando guerrilhas sob a invocação do padre Cícero de Juazeiro e lá está uma nova geração que trabalha até de graça para a Assessoria Sindical” (CALLADO, 1980: 51).

Arraes, já do exílio, em entrevista a Cristina Tavares e Fernando Mendonça (MENDONÇA, 1979), afirma que, apesar de ser um dos oito brasileiros considerados de maior periculosidade a ponto de não poderem voltar ao Brasil — dentre os quais, outro pernambucano: Paulo Freire —, estranha o fato de a sua condenação ser efetivada por *subversão*, já que nunca atuou fora dos limites legais e constitucionais: *“Não há nenhuma prova sequer de que eu tenha cometido algo fora da lei, contrário à lei. A própria denúncia final que consta do processo que me condenou a tantos anos de prisão, é de um extremo ridículo. Sou apenas classificado como marxista-leninista do ramo guatemalteco, corrente ou tendência da qual jamais ouvira falar em minha vida (...)”* (MENDONÇA, 1979: 46). Ponderação essa que parece confirmar-se quando Paulo Cavalcanti — seguidor das posições do Partido Comunista no período pré-golpe sendo, portanto, contrário à revolução armada — afirma que a gestão mediadora de Arraes, à frente do Governo do Estado, controlava não apenas os exageros das classes produtoras, bem como também os exageros cometidos pela sua contraparte, sobretudo pelos partidários das Ligas Camponesas, estes últimos, sim, inspirados na Revolução Cubana, favoráveis à reforma agrária *na lei ou na marra*:

É irrefutável que as Ligas Camponesas criaram tropeços ao governo de Pernambuco, notadamente depois da tentativa de invasão pela CIA da ilha de Cuba, quando Fidel Castro, na fase infantil do comunismo antilhano, aceitou a tese da exportação da revolução. A começar de seus mais destacados dirigentes, Francisco Julião e Clodomir Moraes, as ligas viveram a ‘idade de ouro’ da aventura guerrilheira, escudando-se em intelectuais e universitários que aceitavam a luta armada como única alternativa válida para a conquista de reformas sociais, ‘na lei ou na marra’.

(...) Quando as ligas, por exemplo, ordenaram a invasão do Engenho Serra, de Alarico Bezerra, em Vitória de Santo Antão, em desrespeito a um mandado judicial de desocupação, Arraes jogou na mesa o peso de sua influência, ficando ao lado da Justiça, sem deixar de criticar-lhe a decisão.

Entre a palavra-de-ordem das ligas, de ocupação forçada da propriedade pelos camponeses, e o apelo do governador, de obediência a um mandado da Justiça, optou-se pelo acatamento a Arraes. E o foco de provocação se esvaziou como por encanto”. (CAVALCANTI, 1978: 325/326).

No discurso de posse do cargo de Governador do Estado, na Assembléia Legislativa, Arraes falou de um **tempo brasileiro** nem de pessimismo nem de otimismo, nem de desencanto nem de ilusão, mas um tempo de “*vontade de fazer e de trabalhar, da determinação de descobrir, de estudar, de planejar, de construir, num processo de mudança de que somos autores e atores ao mesmo tempo*” (Arraes apud CAVALCANTI, 1978: 307). E apregooou um discurso de **união interclassista**, um trabalho que deveria estar centrado no projeto de fazer o **homem brasileiro** sobreviver e ascender à condição de consumidor e criador de riquezas:

Dentro do processo de Revolução Brasileira, prego um humanismo autenticamente brasileiro, humanismo que não decorra da assimilação de posições transplantadas, porém que nasça do sofrimento de ver, de sentir, de viver intensamente o drama de querer ser brasileiro neste tempo. Ao assumir o governo de Pernambuco, concito cristão ou ateu, socialista ou capitalista, a ser militante desse humanismo. Solicito o concurso de todos os pernambucanos indistintamente. Por tudo isso é que aqui me apresento para pedir ao povo que se dedique ao trabalho e que me ajude a trabalhar”. (ARRAES in CAVALCANTI, 1978: 307)¹⁰⁵.

Na percepção de Arraes, a razão da periculosidade desses oito brasileiros exilados consistiria, sobretudo, em sua “*audiência maior junto à população, não em razão de suas pessoas, mas por motivos históricos, que as tornaram conhecidas e que permitiram a mobilização de setores populares no país*” (ARRAES in MENDONÇA, 1979: 46). Para Arraes, todas as medidas — de caráter novo — tomadas pelo seu governo estavam relacionadas a questões práticas como: 1) a criação de um serviço de fabricação de remédios num laboratório que produzia abaixo dos preços das grandes companhias multinacionais, 2) a distribuição de cinco ou seis gêneros de alimentos, considerados básicos para a população, abaixo do preço do comércio local, 3) a defesa de garantias trabalhistas aos trabalhadores dos engenhos (como o pagamento do décimo terceiro salário, a assinatura da carteira de trabalho e a instituição do salário mínimo): “Era preciso, portanto, que os trabalhadores fossem ao menos tratados como pessoas humanas e muitos daqueles que tinham mentalidade senhorial não se conformavam com o simples fato de que os trabalhadores fizessem greves, reivindicassem salários mais justos ou de melhoria de condições de trabalho” (ARRAES in MENDONÇA, 1979: 25).

¹⁰⁵ Este discurso encontra-se na íntegra no livro **Memorial do Movimento de Cultura Popular** (1986).

Na análise feita por Arraes, ainda no exílio, o impacto dessas iniciativas não era exatamente econômico, já que os donos de engenho não tiveram nenhum prejuízo naquela época, muito pelo contrário, até ganharam mais dinheiro. O impacto era causado pela mudança de relacionamento dos trabalhadores com os usineiros, pois aqueles que antes eram tratados como pessoas inferiores, e não como pessoas humanas iguais às outras, apareciam agora falando e reclamando direitos e, o pior de tudo, assegurados pela lei. (ARRAES in MENDONÇA, 1979: 26). A maioria dessas medidas práticas, às quais alude o ex-prefeito do Recife e ex-governador de Pernambuco, envolvia, em grande medida, as ações do voluntariado de diferentes correntes políticas e ideológicas unidas em tarefas populares. Arraes ressalta as ações de estudantes universitários — além de alguns médicos e dentistas — que percorriam o Estado num plano de assistência médica itinerante para tratar da população e capacitar alguns moradores dos locais percorridos a prestarem alguns serviços de assistência e acompanhamento do tratamento dos doentes (ARRAES in MENDONÇA, 1979: 23):

Um dos grandes motores de várias medidas tomadas pelo governo de Pernambuco foram acionados pelos estudantes universitários que se mobilizaram, que se deslocavam, por sua própria conta às vezes, para o interior, que perdiam os seus fins de semana para realizarem tarefas ligadas seja ao Movimento de Cultura Popular, seja para o esclarecimento das populações do agreste do Estado, em relação aos empréstimos que tinham sido obtidos seja no campo da saúde, de que muitos estudantes também participavam” (ARRAES in MENDONÇA, 1979: 24).

Posso compreender, dessa forma, porque **Luis Costa Lima**, em sete de dezembro de 2003, demonstrou, num artigo na coluna *Brasil 504 d.C.*, no Jornal Folha de São Paulo, sobre a morte de Sebastião Uchoa Leite (1935-2003), que se de tudo resta um pouco, após o golpe de 1964, na cidade do Recife restou apenas o tédio da nova ordem. A diferença chega a ser insustentável, para alguns, entre a *cidade efervescente* do serviço de extensão cultural, da revista, do rádio e do método de alfabetização de Paulo Freire, do Gráfico Amador e a *cidade restaurada*:

Conheci **Sebastião**, por volta de 1957, nos corredores da Faculdade de Direito de Recife. Estranhava sua figura alta e magra, de luto fechado e poucas palavras. Aproximou-se de mim, uma vez, e, para meu espanto, queria saber quais os pontos da prova do dia seguinte. Reencontramo-nos depois em um vestibular para filosofia, em que uma caixinha de fósforos levava pequenos lembretes, datas, nomes de obras. E, depois, em um ambiente de mais larga duração e conseqüências impensáveis: no *Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal de Recife*, recém-fundado por um reitor que pretendia inovar e dirigido por **Paulo Freire**. **Sebastião** tornou-se freqüentador assíduo das conversas e dos sonhos da revista e da rádio, partes do Serviço de Extensão, e da preparação do curso

de alfabetização idealizado por **Paulo**, para horror d'as grandes famílias espirituais da cidade', que nos acusavam de preparar eleitores para candidatos comunistas. Por seu intermédio, tive acesso a amigos seus mais maduros - **Gastão de Holanda, José Laurênio de Melo, Orlando da Costa Ferreira** - ou cresceram laços com amigos de nossa idade, **Gadiel Perruci, João Alexandre Barbosa, Jorge Wanderley**. Foi na tipografia artesanal do *Gráfico Amador* que se imprimiria, em 1960, seu livro de estréia, 'Dez Sonetos sem Matéria'. Poucos anos depois, o golpe de 1964 destruía a cidade que fora nossa. Passava a haver os que, depois de presos, se tornavam os grandes exilados, os que, depois da cadeia, haviam de sair de Recife e se agarrar como ostras a pequenos empregos ou os que, provisoriamente, vagavam pela cidade 'restaurada'. Sebastião não agüentaria o tédio da nova ordem. Em 1965, emigraria para o Rio" (FOLHA DE SÃO PAULO, Luis Costa Lima, coluna *Brasil 504 d.C.*, 07/12/2003).

Muitos intelectuais, no Recife, em fins da década de 50, estavam relacionados a alguma iniciativa política e/ou cultural. **Antônio Baltar**, urbanista e professor, era associado ao Foto Cine Clube, à Sociedade de Cultura Musical, chegou a ser presidente do Esporte Clube do Recife e era filiado ao PSB. **Ariano Suassuna**, escritor, encenador, professor, fez parte do Teatro de Estudante de Pernambuco e do Teatro Popular do Nordeste, e conviveu com o grupo da tipografia artesanal do *Gráfico Amador*. **Francisco Julião**, advogado e escritor, representava as Ligas Camponesas e era filiado ao PSB. **Carlos Pena Filho**, poeta e jornalista, também foi filiado ao PSB. **Paulo Freire**, professor e pedagogo, fez parte do Movimento de Cultura Popular, do Movimento Eclesial de Base e foi responsável pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal. **Josué de Castro**, médico, geógrafo e professor, era filiado ao PTB, presidia o conselho da FAO (ONU), e liderou um movimento mundial de luta contra a fome. **Hermilo Borba Filho**, escritor e encenador, fez parte do Teatro Operário do Recife, do Teatro de Estudantes de Pernambuco, Teatro Popular do Nordeste e do MCP. Quatro dos intelectuais citados são constrangidos ao exílio: Antonio Baltar, Francisco Julião, Paulo Freire e Josué de Castro — este último morre de depressão no exílio e não chega a alcançar a anistia. Carlos Pena Filho morre num acidente de carro ainda em 1960. Ariano e Hermilo (bem como Osman Lins) não são perseguidos pelo Governo Militar, mas assistem à desarticulação da atmosfera de agitação da cidade.

Trata-se de um Recife sob uma nova ordem — sem a efervescência cultural e política emoldurada pelos espaços da cidade: os passeios de família nas **Sorveterias Guemba, Estoril e Botijinha**, as discussões de futebol no **Café Nicola**, os debates políticos na **Sertã**, as danças no **Moulin Rouge (Chanteclair)**, o glamour nos programas de rádio, a boemia no baixo meretrício, a agitação nas pensões estudantis e o ambiente familiar

socializado nas casas de cômodo, aos quais alude Jarbas em seus depoimentos. No Recife de hoje, os *referenciais de memória* da experiência boêmia, cultural e política da cidade, do período pré-golpe, parece terem-se perdido para as novas gerações. Sumiram os cafés e os sobrados, substituídos por lojas de comércio e prédios *restaurados*. Os parques, como o Parque 13 de Maio, ainda existem, mas que elementos guardam das Festas da Mocidade? Quais vestígios da efervescência política e cultural da década de 50 restam na memória coletiva? A impressão que fica é que o senso comum guarda algumas referências vagas como o mito frágil de que Pernambuco é um estado tradicionalmente de esquerda (que não resiste à análise dos resultados das eleições — para este tema ver AGUIAR, 1993) e o grito lançado pela propaganda de uma rede de supermercados (estrangeira) sobre um suposto *orgulho de ser nordestino*. E, eu arriscaria acrescentar, restou uma paixão, esta *ainda* não domesticada pelos meios de comunicação de massa, pelos seus times de futebol¹⁰⁶.

Quando eu pergunto a **Jarbas Araújo**, um dos meus entrevistados, sobre a principal mudança na atmosfera da cidade, ele pensa um pouco e diz: “*A cidade mudou nisso: na efervescência política, eu acho*”. “*Tinha uma maior participação da sociedade na discussão das coisas*”. Mas a **dimensão política** a qual ele alude reside, sobretudo, num sentimento de participação, de **atuação**, que se realiza nos trotes estudantis ou nas discussões nos cafés: “*Toda noite a gente estava na esquina da Sertã para discutir política*”. “[Os trotes] *eram uma crítica política. Os melhores trotes dos calouros eram de engenharia e medicina porque eram trotes políticos*” (Jarbas). Ou seja, esta *efervescência* está presente nos roteiros e trocas do cotidiano, na vida cultural, cujos cenários eram os pontos de encontro freqüentados na cidade: as pensões estudantis, os espaços de boemia, os cafés. E não necessariamente numa política partidária: “*Eu participava de política sem ser filiado. Sempre me considerei de esquerda porque sempre votava nos candidatos mais à esquerda*” (Jarbas).

¹⁰⁶ Bem sei, querido leitor, que você há de me apontar o dedo e dizer: *Mas quem fala agora é a torcedora de futebol!* Concordo que haja outras paixões sociais possíveis. Arriscaria, inclusive, apontar o movimento musical como uma delas. De qualquer forma, peço desculpas pela minha parcialidade apaixonada e prometo tentar emendar-me no decorrer do caminho.

*Os deuses não têm comércio com os homens. Pelos gênios é que se fazem, no sono ou na vigília, todas as comunicações entre aqueles e estes. Ao que é sábio e entendido nestas coisas, chamamo-lo inspirado; ao entendido em qualquer outra arte ou ofício, apelidamo-lo operário. Esses gênios são numerosos e de várias espécies. O **Amor** é um entre eles.*

Platão, in O Banquete.

INTERLUDIUM 1

Era dia 10 de novembro de 2003. Eu havia marcado um encontro no centro do Recife com Jarbas, um grande amigo. O motivo não era casual: ele seria meu guia pela cidade. Não que eu não a conhecesse. Moro aqui desde 08 de fevereiro de 1988. Mas queria percorrer suas ruas a partir de outras memórias. Sobre tudo daqueles que a vivenciaram em fins dos anos 50. Jarbas é hoje professor aposentado do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Nascido em 1935, na Paraíba, ele veio para cidade ainda pequeno, acompanhando os pais e a irmã mais velha. A mãe, dona de casa, adorava assistir aos programas de auditório aos quais vez ou outra levava os filhos pela mão. O pai, jogador profissional, dependia da ebulição dos cassinos dos grandes hotéis para garantir a sobrevivência da família. No ano de 1960, com 25 anos, ele trabalhava fazendo desenhos técnicos para um escritório de arquitetura, na Avenida Guararapes, cujos donos eram dois irmãos judeus. Depois de 1964, chegou a ser preso político pelo fato de ter respondido uma carta a Leonel Brizola, oferecendo-se para fazer parte do *grupo dos 11*. Nunca fez política partidária ou pegou em armas. Mas teve uma carta interceptada. E também o foi.

Vários meses antes de combinarmos esse passeio, eu havia feito uma entrevista com ele¹⁰⁷. Duas horas de gravação. Não fui capaz de prever que precisaria de muitas outras fitas numa única conversa de final de tarde. Cheguei em sua casa por volta das seis horas da noite. Logo após explicar em poucas palavras o assunto da minha curiosidade, gravador a postos, começamos a conversar. Ou melhor, eu fiz uma ou duas perguntas pontuais para deslanchar o assunto e meu entrevistado começou. De vez em quando, Cida – sua companheira e outra pessoa que me é muito querida – da cozinha, lembrava algum detalhe ou situação que já lhe tinha ouvido contar. Dei uma pausa no gravador enquanto

¹⁰⁷ Entrevista realizada em maio de 2002.

jantávamos, embora se mantivesse a conversa. Depois, Jarbas levaria Cida de carro até a Universidade Federal, onde ela, professora de antropologia, tinha uma aula a dar. Resolvemos que eu iria com eles e, enquanto Jarbas esperava, nós continuaríamos a nossa *entrevista*. E assim ficamos até as dez horas da noite. Quando Cida nos encontrou, ao fim de sua aula, Jarbas estava cantando os bordões mais famosos e as propagandas de rádio das quais se lembrava.

Na sua apreciação, a década de 1950, no Recife, nem de longe estava bem representada pelas imagens globais de *anos dourados*. Era grande a propaganda do desenvolvimentismo, dos cinquenta anos em cinco, das grandes obras e indústria de carro. Mas o desenvolvimentismo nacional era maculado pela desconfiança de corrupção, de um *mar de lama* que, contudo, não respingava no projeto da SUDENE, “*o grande apanágio do desenvolvimento do Nordeste*”, o símbolo da grande esperança. A situação na cidade era difícil: inflação, pouco dinheiro. Mas, apesar de tudo, a cidade fervilhava. Na expressão artística local, que era muito forte; nos programas das rádios ou da jovem TV, que se iniciava em 1960, ambos produzidos na cidade — diferente de hoje, onde os programas são produzidos no Rio e em São Paulo para todo o Brasil. Fervilhava no carnaval onde praticamente cada rua do centro da cidade tinha a sua própria agremiação desfilando em cores e letras distintas, sendo a premiação feita por uma federação. Jarbas chegou a fundar com alguns amigos a Escola de Samba “*Estudantes de São José*”, de cores vermelha e branca.

Nessa época, a moradia de jovens como ele, sozinho na cidade depois que seus pais e irmã haviam voltado a Paraíba, ou era a Casa de Estudante ou as diversas pensões espalhadas pelo Recife. Por volta de meados de 1950, ele morou na Rua da Glória, um *gueto de judeus*. Morou também em uma pensão na Rua da Imperatriz e noutra, atrás do Ginásio Pernambucano, na Rua da União, para onde voltava correndo, todas as noites, da boemia do Bairro de São José, com medo das *almas*. Os namoros ficavam por conta do “quem me quer”, caminhadas de infundáveis vai-e-volta, na ponte dos Correios (entre a Conde da Boa Vista e a Avenida Guararapes), no horário de saída do comércio ou durante os finais de semana; também se namorava nos bailes dos clubes e nos assustados nas casas de família. As diversões diárias variavam: nos cafés freqüentados por compositores, poetas, artistas, estudantes, políticos e intelectuais, ou nos ambientes menos recomendáveis freqüentados por intelectuais e prostitutas na zona política boêmia e cultural da cidade do Recife.

Em sua memória, havia uma “*maior participação da sociedade nas coisas*”. Na movimentação que os estudantes faziam na cidade com a Festa da Mocidade, organizada pela Casa dos Estudantes de Pernambuco, no Parque 13 de Maio; nos trotes públicos, aplicados nos calouros das faculdades, que atraíam anualmente famílias e moças casadoiras à Avenida Conde da Boa Vista: sempre uma oportunidade para os estudantes fazerem críticas políticas. Na campanha eleitoral de Cid Sampaio, “*quando todos acharam que a oligarquia rural havia saído de cena*”, ao som de “*Pernambuco imortal, imortal!*” — as rádios, no período de proibição da propaganda política, sibilavam o seu refrão e o maestro Nelson Ferreira fez a marcha campeã do Carnaval Nacional: “Quando o povo decide cair na frevança”. Nos cafés e carnavais, onde se brincava e discutia, onde se jogava jocosamente com as questões políticas. Onde a bebida – cuba livre – ou o lança perfume eram sinônimos de transgressão. Para Jarbas, a arquitetura da cidade de sua infância e início de vida profissional começou a ser destruída no transcorrer dos anos 60. Sumiram os cafés, a sapataria inglesa, a Joalheria Louvre, a Casa Sloper, a Fábrica da Frateli Vitta, na rua Nunes Machado... Enquanto ele falava, chegamos em frente ao meu prédio: atarracado, com seus seis apartamentos, no bairro da Torre. Eles deixaram-me em casa por volta das onze horas da noite. Demoraria alguns meses de leitura e contratempos antes que ele pudesse guiar-me através da *sua cidade*.

Marcamos de nos encontrar em frente ao Cinema São Luís. Cheguei adiantada. Encostei-me a uma das grossas pilastras frontais do cinema e fiquei aguardando. Uma sessão estava para começar; o movimento cresceu na bilheteria e em torno do carrinho de pipoca. Quem seriam aquelas pessoas que vinham numa segunda-feira, no horário do almoço, assistir um filme? Alguns estudantes, talvez. Muitos jovens. Alguns casais. O São Luís faz parte hoje de um circuito de cinemas alternativos – ou seja, fora dos caros e movimentados Shoppings Centers. Os outros são os cine-teatros do Parque, da Fundaj e do Apolo. Todos a preços populares: um, dois e cinco reais; o mais *caro*, é quase um terço do preço dos “multiplex”. A cidade, dessa forma, ainda resiste à tirania dos cinemas aglomerados em centros comerciais de estufa. Mas quem, dessa nova geração, há de imaginar que a cidade já teve 38 cinemas anunciados num dia de jornal? Mais de 40 opções de filme se contarmos as sessões de matinê. Cinemas descentralizados, espalhados pelos seus subúrbios. Antes de sair de casa tive a curiosidade de olhar os meus arquivos de jornal: no dia 21 de abril de 1960, no Cinema São Luís, estava passando um filme de

Oscarito, “Pintando o Sete”. Com seis sessões de apresentação: 13:10, 14:50, 16:30, 18:10, 19:50, 21:30. Hoje, no São Luís, passava “Matrix Revolution”.

O horário marcado para o início do nosso passeio pela cidade era 14:00. Eu estava lá desde as 13:43. Momento em que lembrei de olhar o relógio. Antes de chegar ao ponto de encontro, desci do ônibus na rua Conde da Boa Vista e fui em direção a uma loja chinesa de variedades (sua sacola plástica com quatro bojos vermelhos, à moda oriental) que fica na Rua 7 de Setembro. Passei por lá para comprar uma caixa com dez fitas cassetes de 60 minutos e um par de pilhas alcalinas para o gravador. Antes de sair de casa, eu já havia preparado um mapa dos Bairros da Boa Vista, São José, Santo Antônio e Recife Velho, arrancando duas páginas do catálogo telefônico: o mapa 27 e 28, devidamente unidos e colados num pedaço de cartolina. Além disso, levei também o meu velho gravador, aquisição da época do mestrado em antropologia, um caderninho de notas, duas canetas e o percurso da cidade traçado por Joaquim Cardozo, em seu conto “*Brassávola*”, acrescido de outras memórias da cidade: Capiba, Paulo Cavalcanti, Osman, Hermilo, Ariano, Julião, Rostand... Queria poder reconhecer os lugares de encontro, dos namoros furtivos, das iniciativas culturais, das práticas políticas, da boemia, da troca.

Em seu conto, Joaquim Cardozo fala da época em que morou sozinho num dos sobrados da Rua 24 de Maio, uma rua aberta sobre o Cemitério do Convento dos Carmelitas, e por isso chamada, primeiramente, de Rua dos Ossos: “*Apagaram-se os nomes das pedras das sepulturas, apagaram-se, nas memórias, as recordações. E toda a saudade se perdeu no meio daqueles ossos revolidos. Era uma rua estreita e triste, que apesar de tudo, estava impregnada de uma lembrança vaga e incerta, desconhecida ou indeterminada; impregnada de uma saudade imperceptível e mutilada, de uma nostalgia secreta e longínqua*”. O sobrado da Rua 24 de Maio era o local aonde ele voltava apenas para ler ou dormir. Durante o resto do dia, incluindo o horário das refeições, ele encontrava-se nos cafés, restaurantes ou no colorido do baixo meretrício. Este parece ser um trajeto comum traçado nos livros de memórias dos intelectuais que vivenciaram esse período no Recife.

Jarbas chegou às 14:02. Saímos do Cinema São Luís que fica na Rua da Aurora, no cais Dr. José Mariano. Teve início o nosso passeio pela cidade com seus tempos superpostos: A Rua da Aurora da **Sorveteria Guemba** que por vezes de tão cheia servia aos seus clientes nos próprios carros estacionados à beira da calçada. Atravessamos a Ponte Duarte Coelho e desembocamos na Avenida Guararapes. Na sua margem direita, de acordo

com quem se encontra de costas para a Ponte e indo à direção do mar, Jarbas mostrou-me onde existia o **Cinema Trianon** — na esquina entre a Avenida Guararapes e a Rua do Sol. Hoje funciona uma loja de móveis. Continuando a descer a Guararapes, encontramos a entrada do **Prédio Sertã**. Ao lado esquerdo da entrada, onde hoje há uma loja de sapatos, havia funcionado o **Café A Sertã**. Neste café aconteciam acaloradas discussões sobre política, por volta dos anos 60. *“Era aqui que funcionava A Sertã. Nós chamávamos esta esquina de esquina da liberdade ou da democracia porque aqui nós discutíamos a situação política do Brasil, do Recife, e às vezes ouvíamos os políticos que também apareciam”*. Ficamos os dois parados em frente à loja de sapatos. Ele falando, eu ouvindo. Ouvindo e fabricando uma memória para mim.

Dobramos à direita na rua da Palma. *“Está vendo aqui nesta parede?”* Hoje há apenas uma marca, deixada provavelmente por um antigo letreiro arrancado, anunciando em letras bem desenhadas: **Casa dos Frios**. Seguindo a rua, ele apontou para uma Banquinha simples, na calçada, com cordéis e algumas bugigangas. Um senhor de cabeça branca vendia algo para uma senhora. Jarbas esperou e, quando o senhor terminou a venda, ele anunciou *“Esta aqui é a famosa **Banca do Gasolina**”*. O senhor riu e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Quantas vezes eu já passei por aqui? Não havia reparado ainda o nome inscrito acima da banca. Ela tem um título: anuncia-se. Mas meu olhar não o havia percebido em todos esses anos. Precisou de um guia. O nome de Gasolina é Marciolino. Vestido em sua camisa do Sport Clube do Recife, ele afirmou estar nesta rua há 43 anos, desde 1960, quando era o único a vender jornais do sul. Disse com orgulho que era muito procurado na cidade. *“Todo mundo que queria comprar os jornais do sul vinha aqui!”*.

Hoje é uma pequena banca que vende cordéis e revistas. Quase cego, e sem dinheiro, Gasolina teve que fazer uma cirurgia de catarata financiada por colaboradores. Ele reclamou, monologando, sobre uma outra Banca, da perda dos jornais. Eu não compreendi. Antigas intrigas. Intrigas que morrem no curto tempo de suas gerações. Jarbas tem que me explicar a história: um jornalista, que trabalhava no Jornal do Comércio, abriu uma Banca, passando a monopolizar a venda dos Jornais do Sul. E Gasolina e as outras bancas da rua entraram em decadência. Fico imaginando... Como teria sido o jovem Marciolino, torcedor do *Esporte* Clube do Recife? Quem eram as pessoas que vinham atrás das notícias do sul? Como teria sido sua Banca de Jornal antes de encontrar-se escondida e solitária em meio a barracas de frutas e cabelos brancos?



Fig. 1. Fachada do Ed. Sertã.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 2. Entrada do Ed. Sertã.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 3. Banca do Gasolina.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 4. Banca do Gasolina e seu proprietário.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

Jarbas apontou para mim e brincou: “*Esta daqui, Marciolino, é torcedora do Santa Cruz*”. Um homem com aparência de cinqüenta anos que passava no local, vestido com a camisa do Santa Cruz, interferiu: “*Ela sabe o que faz! A minha cruz é Santa!*”. Rimos. Nos despedimos de Gasolina e continuamos o nosso caminho.

Depois de algumas andanças, continuando na margem direita da Avenida Guararapes, passamos pelo **Salão Suez** e entramos. Jarbas abordou um senhor: seu João, era o nome. “*Esse salão já existe há muito tempo, não é?*” Seu João contou que este salão funcionava desde 1942. Hoje é administrado pelos netos dos donos originais. A caixa registradora é antiga, os espelhos são manchados, as cadeiras de couro negro – parece uma viagem no tempo. Lembrei de ter lido no Diário de Pernambuco, num primeiro de janeiro da década de 50, a entrevista de um repórter do jornal com um barbeiro do Salão Suez sobre as suas esperanças para o ano que começava. Ele falou algo sobre aprender novas técnicas para desenvolver sua arte. Jarbas marcou com seu João de voltar amanhã para cortar o cabelo com ele.

De lá, seguimos para o **Bar Savoy**, aberto desde 1944, onde encontramos seu Antônio, que trabalha de garçom ali desde 1961, “*Sem nunca ter tirado férias*”, ele anunciou. Sentamos no balcão para conversar. Seu Antônio e Jarbas se animaram percorrendo outros tempos da cidade que eu me esforçava para acompanhar. Ameacei pegar o gravador, mas desisti. Não quis correr o risco de perder o fluxo da conversa. Seu Antônio falava dos poetas, dos chopes, da boemia, do café expresso, da coxinha de galinha mais famosa da cidade: a única feita com a coxa inteira, com osso e tudo. Ele disse que nesta semana ficou entristecido ao ver que a tradição está se perdendo: “*Essa semana veio uma senhora com seu filho, sentou numa dessas mesas e pediu duas coxinhas de galinha. Depois ela veio reclamar que havia achado um osso dentro da massa! Veja se pode? Eu fiquei triste!*”. E falou sobre **Manchete**: “*Você se lembra do rapaz que anunciava as manchetes dos jornais pelas ruas da cidade?*” – perguntou para Jarbas, que por sua vez respondeu: “*E que era torcedor do **Clube Náutico Capibaribe**?*”. Seu Antônio contou que teve notícias de que hoje Manchete encontra-se mendigando nas ruas do bairro de Boa Viagem.



Fig. 5. Fachada do Salão Suez.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 6. Detalhe da Fachada do Salão Suez.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

CAPÍTULO II

ÁGAPE

2.1. AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM

Estou num corredor e tenho medo. Ao longo das suas paredes sem aberturas reina um silêncio de escuridão espessa. O mistério recende como tinta fresca. Tenho certeza que devo percorrê-lo. Mas dele me vem uma sensação de tristeza e isolamento¹⁰⁸. Algumas palavras roçam em minha pele, ciciadas, como se vindas por longo caminho através do vento que escorre entre frestas que não vejo. Cadê o rádio? Cadê o rádio? Ele deveria estar ali com o resto da casa! Sinto gotas de suor brotando em mim como se tivesse sido deixado nu sob o orvalho da torrente do *Lete*. Estou só. Porém vejo outros que, como eu, percorrem o corredor que não acaba. Sigo-os, como um autômato. O primeiro deles veste longa batina negra. Uma aura trêmula vinca-lhe um ar melífluo e eu já não sei se é a luz ao seu redor ou se é ele que treme ligeiramente, embora sustente uma aparente calma. Outro traja cores que confundem a escuridão e traz consigo uma caixa quadrada – nela inscrita a frase: ordem, respeito e divertimento - de onde acenam alguns pequenos mamulengos. Mais afastada, caminha uma mulher. Ela retém um eco de glória, mas suas feições não podem ser definidas; recobertas que estão por dobras de um véu de sombras.

¹⁰⁸ CARDOZO in GALLINDO, 1988: 79. *Era o corredor, aquele fantástico corredor que voltava a assumir a sua condição de mágica influência sobre mim, como há meses passados, [quando] transido de medo pensei em me esgueirar pela porta da rua, mas me veio ao pensamento que alguém iria pôr a mão no meu ombro; meio alucinado, supus até que algum desconhecido estava diante de mim.*

Eles não demonstram importar-se com a minha presença. Falam todos ao mesmo tempo; cada um num ritmo. Cada um com suas intrigas interiores. O primeiro parece pregar para um público imaginário com exclamações e abrir de braços. Gorjeia o progresso. Seu rebanho, formado nas sombras da parede, olha, com olhos inexpressivos, coçando suas barrigas com unhas sujas. O homem as incita, as sombras homens. Chama-lhes a fazerem perguntas e responde a todos com zelo e detalhes; fala do trem e do fim da escuridão. Começam a aparecer desenhos como se feitos por tições apagados; desenhos que exprimem o progresso. Porém mais se assemelham a pássaros estranhos ou peixes nunca vistos¹⁰⁹.

O outro, alegre, colorido, trágico; mutante, sob suas luzes, como um caleidoscópio – *“Muito bem, muito bem, respeitável público!”* – dirige-se aos bonecos em sua própria caixa. *“Desta vez eu entro diretamente no jogo para representar o papel Dele! Mas vocês acham que eu convenço como Ele? Se Ele veio como carpinteiro, que era coisa melhor, e ninguém nunca acreditou, quanto mais aparecendo como dono de um mamulengo!”* Tamborila dedos musicais em sua caixa, como quem pensa. *“Vou fazer o seguinte”,* — ele diz — *“vou deixar este manto aqui; se ninguém me levar mesmo a sério, eu coloco o manto em meus ombros. Um manto é sempre um manto: dá idéia de importância e dignidade. Assim, pode ser que me ouçam. Muito bem, muito bem, respeitável público!”*¹¹⁰.

A mulher, caso dirija-se a alguém, a outros, estes não aparecem. Como um oráculo que dobra sobre si mesmo, ela diz *“Há uma espécie de fé que nos torna fortes. Não haverá uma outra que enfraquece? Isso é insuportável. Não posso aceitar com serenidade a suposição de abrigar sentimentos sagrados – como a compaixão e a piedade da fraqueza alheia – mas cheios de armadilhas e capazes de fazer-me sucumbir...”*¹¹¹.

Os três falam ao mesmo tempo. Sinto-me naufragado numa multidão de vozes, timbres, ecos — fragmentos de vozes não as ouço por inteiro sinto ânsias de vômito estou tolo zozzo tonto a escuridão me envolve num manto denso de palavras descarnadas elas se colam em minha pele rasgam-na sinto que estou escorrendo toca um som estridente acho que é uma cigarra ela gargalha e canta *“Todo gordo quer emagrecer, todo magro quer engordar. Para o gordo não tem o que fazer, para o magro biscoito Pilar!”*¹¹²

¹⁰⁹ BORBA FILHO, 1987: 83.

¹¹⁰ SUASSUNA, 1975: 142/143.

¹¹¹ LINS, 1955: 164.

¹¹² Propaganda de rádio dos biscoitos Pilar.

Ele abre os olhos, assustado. – “*Pensei que estivesse caindo!*” – diz, meio encabulado. Mas ninguém responde. Em algum lugar um rádio toca, talvez na sala. O dia amanhece. **Airôn** fecha o livro caído ao longo do corpo e continua deitado. O dia sempre o acorda de sobressalto. Ele consegue sentir nos ossos que está amanhecendo. Não é exatamente uma sensação térmica, já que não mora num local frio; muito pelo contrário, mora nos trópicos, como gosta de sublinhar um certo intelectual famoso na cidade. Talvez sejam as contumazes noites insones que lhe dão essa sensibilidade aos dedos róseos da aurora. Tendo em vista que a maior parte dessas noites insones é passada no baixo meretrício – apenas pelo alegre colorido das ruas¹¹³ –, uma língua mordaz poderia completar: da Aurora, de Severina, de Amara... Com suas bacias de ágata e jarros de água, Beatrizes de formatos e cores distintas, o que é muito justo, pois distintos também são os Virgílios em questão. São outros os campos de batalha, onde as sacerdotisas de Tlazolteotl – a deusa asteca da luxúria e da vergonha que recolhe toda a sujeira do mundo e a transforma no mais puro ouro –, agachadas sobre suas bacias brancas, lavam humildemente a si mesmas e aos seus homens antes e depois do ato.

Airôn mantém-se imóvel na cama. Imóvel até mesmo para os mosquitos fluviais — daqueles que azucrinam na danação maior da musiquinha cabulosa e procuram as cavernas carnudas. Os ditos mucuins, borrachudos, pixilingas, muriçocas, maruins e mutucas. A pele do sonilundo apenas tremendo como anca de cavalo na picada, só que sem rabo¹¹⁴. Ele continua deitado, olhos abertos, enquanto conta os minúsculos demônios alados pousados no branco duvidoso da parede exibindo, saciados, seus súcubos. Ele espera que, dessa vez, a campanha da saúde pública iniciada com o apoio do DNER dê resultados. É um alento, pois, para combater esses mosquitos, só mesmo acabando com as sujeiras e alagados da cidade. Há três meses o Recife está sofrendo com esse problema. Enquanto a inocência popular – pensa **Airôn** – explica esse fenômeno pelo ‘tempo’ de semana santa, já há publicitários aproveitando-se da situação para vender ar condicionado! Nos jornais, eles simulam um telegrama do Recife para Brasília – “*O problema tão irritante da muriçoca*

¹¹³ Oscar Niemeyer, num artigo que escreveu pouco depois do falecimento de Joaquim Cardozo, conta sobre suas incursões ao baixo meretrício no Recife: “*Há mais de um ano meu amigo se foi. Magoado com a vida e com os homens. Magro, quase de vidro. Lembro-me, quando doente e ofendido, ele me telefonou do Recife: ‘Oscar, manda alguém me buscar!’ Atendi-o, hospedando-o no Hotel Miramar, perto do escritório, onde todas as manhãs o apanhava. E Cardozo passava o dia inteiro entre nós, com a memória mais fraca, mas ainda sorrindo, contando histórias do Recife, do Bar Gambrino, do velho meretrício, onde gostava de passear, explicando: ‘Só para ver o colorido!’...*” (Niemeyer in MORAES NETO, 1983).

¹¹⁴ BORBA FILHO, 1975: 60.

acabou completamente para quem instalou o condicionador WESTINGHOUSE O MELHOR”¹¹⁵.



Fig. 7. Propaganda de aparelho de ar condicionado.

Fonte: **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 02.

Deitado de barriga para cima, nosso protagonista circunstancial desfruta o teto do quarto coletivo, em seus pomos disformes de cimento e cal, enquanto ouve o rressonar pesado de **Juca** na cama ao lado. Rressonar que é silenciado abruptamente quando o seu conduíte é sacudido como um fardo:

Eleutério: “Acorda, peste! Você não vai trabalhar, não? Já é manhã alta, acorda que você está atrasado!”.

Juca embola na cama com um ar de quem não atina para o que está acontecendo. **Eleutério** emenda: “Arreda o pé que você está atrasado para o emprego! Avia, avia, homem de Deus!” **Juca** havia chegado com o raiar do dia; ainda não tinha dado tempo sequer de esquentar os lençóis. Com a cara confusa, ele levanta-se tropeçando nas roupas dormidas ao lado da cama, pula e enfia as calças, sem um bom-dia, e sai correndo pela casa em direção à escada. Vai sendo tangido pela voz insistente de **Eleutério**: “Só faz farra na quarta-feira à noite quem pode dispensar a manhã da quinta! Mas, rapaz, você é um funcionário precário que não pode perder o emprego! Tais pensando que é gente só porque trabalha no Banco do Brasil?!”¹¹⁶

A porta bate e **Airôn** distingue dois movimentos: uns passos apressados e trôpegos que se distanciam descendo a escada e um riso seco precedendo o vulto de **Eleutério** que entra no quarto. **Juca** é funcionário concursado na carreira de bancário, sendo, ainda,

¹¹⁵ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 02.

¹¹⁶ Situação inspirada num trote aplicado em Capiba por amigos da pensão onde morava e relatado em uma de suas autobiografias. (BARBOSA, 1992: 57-63. VIII História: 8 horas da madrugada).

apenas um quarto escriturário a título precário do Banco do Brasil em período probatório. Isso explica a sua reação entre desesperada e automática. O algoz dos seus piores pesadelos é um porteiro dos infernos: longelíneo, quase ao teto, menor apenas que os tiquetaques do relógio que paira sobre sua cabeça, agarrado com esgares ao livro de ponto com as duplas letras douradas *BB*. Trabalha bastante, mas, em compensação, é um dos companheiros mais abonados. Ser funcionário do Banco do Brasil significa um ótimo emprego: bom ordenado, serviço médico, direito a férias, gratificação de seis em seis meses, status com as moças casadouras que assistem à saída dos elegantes bancários ao final do expediente, e proximidade geográfica com os cabarés¹¹⁷.

Amanhece na Rua do Alecrim, número 75, esquina com a Passo da Pátria, no bairro de São José. No segundo andar, acima de uma casa comercial, fica o Castelo, de onde **Airôn** recepciona o dia. “Castelo” é como geralmente são chamados os alojamentos dos portugueses recém-chegados à cidade. São segundos, terceiros ou quartos andares de casas de tecidos, ferragens ou de estivas dos seus contrerrâneos já bem instalados na terra, que, como pagamento do trabalho nas lojas, garantem-lhes refeição e moradia sem nenhum conforto: divisórias de madeira, banheiro coletivo e sopas de aspecto duvidoso ao final do dia¹¹⁸. Mas não é o caso em questão, pois se trata de “**O Castelo**” – pensão cuidada por dona Severina, na Rua do Alecrim, há menos de uma dezena de anos. Dona Biu, como carinhosamente a chamam. O Castelo funciona como uma espécie de república: os estudantes alugam o imóvel e dona Severina, que mora do outro lado da rua, arruma a cozinheira, arrumadeira e lavadeira. Ao final do mês, eles cotizam as despesas¹¹⁹. Não

¹¹⁷ Capiba trabalhou no Banco do Brasil, agência centro, no Recife, de setembro de 1930 até fevereiro de 1961. De acordo com seu depoimento, *Por essa época, os rapazes do Banco do Brasil S/A tinham tanto prestígio e andavam tão impecavelmente bem vestidos, que as moças da melhor sociedade recifense iam ao bairro do Recife, assistir do outro lado da rua, à saída dos funcionários em seus ternos impecáveis*. CAPIBA, 1985: 235. Quanto ao livro de ponto, Capiba relata: *Todos os dias quando a gente assinava o livro de ponto que ficava sob a guarda do Dr. Lindolfo Pereira, subcontador da agência, nos reuníamos em grupinhos (...). Ficávamos também apreciando (...) a pose do Dr. Lindolfo Pereira sempre a olhar para o relógio que ficava bem em cima, ou melhor, uns dois metros acima da mesa onde ficava o livro de ponto. E, quando os ponteiros iam se aproximando da hora do encerramento do ponto, o Dr. Lindolfo ia ficando nervoso até que se aproximava do livro e ficava mais atento ao relógio a fim de que ninguém assinasse o ponto depois de passado nem um segundo, quanto mais um minuto, da hora de encerramento. E, quando chegava a hora, a fila podia estar no meio da rua, ele fechava o livro e desaparecia com o mesmo, entrando na caixa forte para que ninguém alegasse que estava dentro do Banco etc. etc. Não havia pedido. Quem estivesse dentro do Bando e não tivesse assinado o tal livro, trabalhava de graça, sem chiar*. (BARBOSA, 1992: 29/30).

¹¹⁸ PARAÍSO, 2003: 235/236.

¹¹⁹ Segundo Rostand Paraíso, a pensão “O Castelo” funcionou entre o início da década de 50 e o término da década de 70, quando, para a abertura da Avenida Dantas Barreto, a Rua do Alecrim desapareceu: *Lembra-me Marinaldo Peixoto que, na Rua do Alecrim, nº 75, esquina com a Passo da Pátria, no bairro de São José, funcionava, no 2º andar, em cima de uma casa comercial, O Castelo, pensão que diferia das demais por ser*

deixa de ser também um espaço de desterro, já que a maioria desses companheiros é do interior do estado ou de estados vizinhos e têm que se virar para sobreviver. **Airôn** não é exceção. Como diria o poeta Carlos Pena Filho bebendo seus copos de chope, lá pelas bandas do bar Savoy, na avenida Guararapes, nas folgas do seu trabalho no Jornal do Comércio: “*Bairro de São José, de ruas de casas juntas, cariadadas, mas de pé. De classe média arruinada, mas de gravata e até missa ao domingo, pois sempre é bom ter alguma fé. Bairro português que outrora foi de viver e poupar, nascer, crescer e casar naquela igreja chamada São José de Ribamar*”¹²⁰.

Ele não consegue mais dormir, então fica cismando. Já morou nessa mesma rua, com a sua família que veio tentar melhor sorte na cidade do Recife. Eles moravam, então, na casa de Dona Linda e seu Benedito Alírio¹²¹. Estes alugavam quartos, onde residiam famílias inteiras; *casa de cômodos* — é como chamam essas residências. No caso de **Airôn**, moravam seus pais, ele e sua irmã, num dos quartos daquela casa. A cozinha e o banheiro eram coletivos. Seu pai saía todas as noites, pois era jogador profissional e dependia da ebulição dos cassinos dos grandes hotéis para ganhar o sustento da família. No ambiente de jogatina, a nuvem da fumaça dos cigarros era de cortar de faca e ninguém falava em volta da mesa redonda outra coisa que não: Jogo, não, dobro, seus cinco mais cinco, vejo, trinca, de quê? Damas, ases; o suplicante penaroso vendo as fichas sumir no sonzinho atentatório, o suplicado coçando os culodinos, emitindo gases por cima ou por baixo, espichando-se qual gato, risinhos vilão próprio do ganhador. Ninguém erguia os olhos e as cartas voavam para as mãos dos cinco, dedos hábeis, maneжadores no choro das pontas de cima ou no esfrega dos cantos dos lados; menos um, que abria as cartas como um

uma espécie de república nos moldes das tradicionais repúblicas estudantis. Cerca de 10 rapazes, solteiros, comerciários, bancários e estudantes, reunidos, mantinham, como um condomínio informal, o imóvel alugado para moradia. (PARAÍSO, 2003: 235).

¹²⁰ PENA FILHO, 1999: 139. Carlos Pena Filho morre alguns meses depois, em primeiro de julho, em consequência de um acidente de carro. Em 27 de junho de 1960, Carlos Pena Filho sofreu um acidente de automóvel, no Largo das Cinco Pontas, ficando três dias em estado de coma. Morreu no hospital, à uma hora da manhã de 01 de julho de 1960. No ano seguinte (1961), a União Brasileira de Escritores instituiu o Prêmio Carlos Pena Filho de Poesias. **Diário de Pernambuco**, 01 de janeiro de 1961, p. 06. “Mundo Social”: *Do ano ontem findo, alguns acontecimentos importantes, do mundo social recifense, foram, salvo melhor juízo, os seguintes: (...) Ao lado de alegres e brilhantes fatos, um triste, dolorosíssimo, houve a registrar: a morte, cruel, de Carlos Pena Filho. Era poeta, amigo excelente, dessas figuras que rareiam. Mas, poeta genial e pessoa de rara inteligência, tinha o comportamento de qualquer cidadão normal: bebia seu uísque, freqüentava as festas em clubes e na casa dos amigos. Era por toda a sociedade requestado e querido. Embora discordasse de muitos exageros e do mar de futilidade da vida na sociedade, dela não desdenhava, nem se julgava importante demais a ponto de considerar a todos burróides ou se arrogar genialidade. Por isso todos lhe tinham bem querer e o seu desaparecimento foi chorado não só pelos seus amigos, mas por todos os do mundo social que tiveram a chance de conhecê-lo.*

¹²¹ Entrevista com JARBAS.

leque, irritante, fora das regras, mas ganhador, na vantagem de não deixar verem pregas do rosto se dobrando ou ventas se acendendo ou comissuras labiais se comprimindo, nem sequer lampejos visuais ou testa vincada, tanto podia ser como não, nenhuma distinção, cara a mesma de sempre¹²².

Segundo seu pai, era receber as cartas, com um nopró na garganta na primeira emoção e a partir de então eram chistes, potocas, mugangas, cachaça, tira-gostos, racha-peitos e etc e tal¹²³. Os cinco em volta da mesa, despanaviados profissionais de longo curso; o resto do dia, espalhados, visitavam o derredor para rodinhas de pôquer, muito bem educados, no fingimento, conhecidos como sortudos, já que cada um se apresentava com profissão atestada, jamais supostos proprietários do baralho, equilibrando sabiamente as paradas, contentando-se com lucro mais modesto e seguro, pecúlio garantido, certo, arrimo de família¹²⁴. E à noite, tudo ia se repetir, no antegoço se aproximando da roda¹²⁵. Aos olhos de criança, assemelhava-se a um mundo mágico, enevoadado, misterioso, mundo de homem.

Naquela época, **Airôn** tinha um broche e uma carteirinha de sócio do Clube Águia de Prata, do programa de rádio de Aluísio Pimentel, patrocinado pelo biscoito Pilar. Era só mandar o recorte do pacote para se associar. Ele cantarola baixinho a propaganda da rádio: *“Todo gordo quer emagrecer, todo magro quer engordar, para o gordo, não tem o que fazer, para o magro, biscoito Pilar”*¹²⁶. **Airôn** tem saudade dos passeios em que sua mãe levava-o aos programas de auditório para assistir os calouros, as esquetes, tentar os prêmios. Uma vez, foi premiado com uma lata de feijoada e chegou em casa como se carregasse um troféu¹²⁷. Ele tem saudades até mesmo de um estúpido coelho cinza, criado por sua irmã, que costumava esconder-se embaixo da mesa do rádio. Ele ri de sua inocência: ela cismava que o coelho gostava de acompanhar as novelas e ouvir as músicas da moda. O rádio ainda toca novelas e os programas de auditório continuam a fazer

¹²² BORBA FILHO, 1994: 127.

¹²³ BORBA FILHO, 1976: 34.

¹²⁴ BORBA FILHO, 1994: 127.

¹²⁵ BORBA FILHO, 1976: 34.

¹²⁶ Entrevista com JARBAS. Rostand Paraíso também faz menção a essa propaganda: *A Pilar lançava uma propaganda que ocupava quase meia página do nosso matutino e que dizia: ‘Biscoitos Pilar: na paz ou na guerra, uma raça forte alimenta-se bem’*. E, na PRA-8 ouvíamos, várias vezes ao dia, uma musiquinha que ficou famosa e que todo mundo cantarolava: *‘Todo gordo quer emagrecer, / todo magro quer engordar, / para o gordo, não tem o que fazer, / para o magro, Biscoito Pilar. / A Nanete era tão magrinha, / não achou com quem se casar, / perguntou a Cinderela, / o que fazer para engordar. / Então, disse a Cinderela, / um conselho eu vou lhe dar: / todo gordo quer emagrecer, / todo magro quer engordar, / para o gordo, não tem o que fazer, / pra o magro, Biscoitos Pilar...’* (PARAÍSO, 2003: 196).

¹²⁷ Entrevista com JARBAS.

sucesso —embora já andem a anunciar para agosto o início dos testes de transmissão do aparelho eletrônico de televisão, e embora os cursos para técnicos e atores de tv já estejam sendo oferecidos a todo vapor, para quem se candidate¹²⁸ — mas, hoje, **Airôn** divide a sorte com outros nove amigos, enquanto sua família foi tentar novamente a Paraíba. Uma família de itinerantes urbanos.

O dobre de um bordão, cantado lá embaixo, lembra-lhe que o dia levanta e é quinta-feira: “*Macaxeira, macaxeira rosa. É rosa e Bahia, e cozinha na água fria, dona Maria!*”. Não demora muito e outros bordões vêm se juntar à sinfonia. O homem das vassouras mais parece um embolador, quando canta num só fôlego “*Vassoureiro! Eu tenho vasculhador, espanador, esteira de angola, colher de pau, rapa coco, gréia e quartinha...*” Pode-se dizer que esta é uma cidade musical; podemos compassar o dia pelo itinerário diário de cada vendedor ambulante: “*Olha a ostra, é chegada agora!*”. Dobram os bordões pelo dia que se inicia¹²⁹. A cabeça de **Eleutério** na porta do quarto interrompe a cisma de **Airôn**: — “*Ele está voltando!*”. Eles seguem para sala. Forma-se uma pequena comitiva.

Quando **Juca** abre a porta e dá com todos ali, esperando por ele, careteia um risinho cínico, fulo da vida, mas levando na esportiva. Logo explodiu, primeiro a gargalhada de fulano, estentórica, depois a dos irmãos, cascadeante, e dos outros, cada um à sua maneira, mas todos em coro, sem poderem parar, e quem chegava ria e quem não ria sorria, mas era raro o recém-chegado por contágio não estourar na gaitada, só **Juca**, sorriso ameno, esperava que tudo serenasse e tudo só serenou depois que esvaziaram as bexigas, escarraram o que tinham de escarrar, enxugaram as lágrimas, curaram as dores de barriga com o que havia de elixir paregórico; e depois entraram nos reconstituintes e nas gemadas, recuperaram as forças, foi então que **Juca** falou que estava tudo bem, cada um tinha a besteira que merecia¹³⁰. Não vai dar o braço a torcer, sabe que se engolir a corda aí é que não se livra mesmo da gozação. Está completamente ciente de que foi alvo de um trote para ninguém botar defeito. Hoje é quinta-feira, sim, mas 21 de abril de 1960, feriado

¹²⁸ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 03. TV Rádio Clube: Programas em Circuito Fechado: O curso de preparação de equipes de TV — classe de realizadores — da Televisão Rádio Clube chega à fase final com a efetivação de programas em circuito fechado. (...). **Diário de Pernambuco**, 01 de janeiro de 1961. (Sem paginação — antecede a página 03 e sucede a página 13 pós-esportes. O mesmo formato de última página). A vitória de JQ no Recife o maior acontecimento de 1960 em Pernambuco: A entrada de Pernambuco na era da televisão foi o segundo maior acontecimento do ano. Duas emissoras instalaram-se em junho, e o novo veículo de divulgação empolgou o Estado e o Nordeste. A TV Rádio Clube, depois de formar em cursos intensivos uma primorosa equipe, foi inaugurada no dia 4 de Junho e desde logo firmou seu conceito no seio de todo público telespectador nordestino. (...).

¹²⁹ GILVAN CHAVES, **Pregões do Recife** — adaptação musical de Gilvan Chaves, Selo Mocambo, Gravadora Rozenblit, série arquivo, Volume 2, gravado em 1975.

¹³⁰ BORBA FILHO, 1976: 94.

nacional pela inauguração de Brasília. É uma gaitada geral. Ele apenas balança a cabeça e mostra a palma da mão aos companheiros, como quem diz *“Essa tem volta!”*. A partir de agora, está todo mundo de sobreaviso: na primeira oportunidade, vai ter revanche; e será com o primeiro que cometer um descuido.

Maria passa com o bule de café pelo meio da algazarra, o vapor saboroso subindo e se espalhando ao redor. A mesa está posta. **Juca** não perdoa: *“Quer dizer que a senhora, dona **Mariazinha**, estava sabendo dessa armação, não é não?”* E **Maria**, com um riso sem dentes, responde: *“Oxe, eu tenho nada com isso não, doutor **Juca**. Eu mesma sabia de nada”*. Maria é uma senhora, já, ou pelo menos assim lhes parece. Nenhum deles chegou a perguntar-lhe a idade correta. Seu marido, funileiro de profissão, com os flandres, as latas, os canecos, as xícaras, no remendo das caçarolas, também artesão para toda obra que se chamasse de doméstica, de cozinha à dentro, de trato afável, apreciador de uma boa cana e de uma boa xepa adubada no bar de Guará, apreciador também dos baques e dos fuás, vivia sem dar satisfação a ninguém. De casa em casa, nas lides do ofício, soldando painéis, frigideiras, papeiros, tachos: Lonico-soldador¹³¹. Ela, nas prendas domésticas. Maria aparece bem cedo, pela manhã, trazendo pão fresco da padaria, prepara o café, e tenta dar uma ordem na bagunça de dez marmanjos depois que saem. E geralmente deixa uma sopa pronta para o fim do dia. Não é preciso muito mais, pois a maioria deles vira-se pela rua. Mas, hoje, há apenas café e macaxeira sobre a mesa.

Juca continua a aperrear-lhe: *“E cadê o pão, Maria?”*. *“Hoje tinha pão não nessa padaria daí”* — ela responde apontando num gesto largo em direção à rua com a mão livre em concha retendo um vestígio de água nas dobras ásperas dos dedos.

Juca: “E como é que não tem pão na padaria? Onde já se viu um disparate desse? Dona Maria, Mariazinha, você tem um plano secreto para me enlouquecer hoje, não é? Diga de uma vez, mulher de Deus!...”

Maria, entre risos: “Sei não, senhor. Foi o moço da padaria quem disse. Hoje tem pão não”.

Juca: “Mas será possível que tenham carregado tudo para inauguração de Brasília? Não basta terem transformado os nordestinos em operários candangos?”

Maria fica olhando para ele, meio atrapalhada, com a sombra de uma palavra ancorada na boca. **Airôn** pergunta-se se ela sabe o que significa “candango” ou se está imaginando um bando de calangos costurando no barro seco ao lado de roupas

¹³¹ BORBA FILHO, 1976: 76.

vazias como fantasmas. Ele resolve intervir: “*A questão não é bem Brasília, o problema é outro: o porto não pode acolher o navio que transporta o trigo, pois este é pesado demais; e, sem trigo, não tem pão*”.

Juca: “Como é que é essa história, **Airôn**?”

Airôn: “Os panificadores andaram reclamando durante a semana inteira sobre o racionamento da farinha feito pelo Moinho. Dizem que ele está fornecendo apenas 40% das cotas estabelecidas pelas autoridades federais. O caso é que o navio que trás trigo para o Recife tem 30 pés de calado e não pode atracar no porto daqui por causa do assoreamento. Resultado: desde ontem que em alguns bares e padarias já começou a faltar pão. E, caso não resolvam, por volta da segunda ou terça-feira da semana que vem não haverá pão em lugar nenhum da cidade¹³². Não é à toa que a SUDENE decidiu como programa prioritário de obras a construção de rodovias integrando o mercado regional, o investimento no setor energético e as obras nos portos. As instalações portuárias nas regiões urbanas litorâneas do Nordeste são precárias. Os embarques e os desembarques sendo feitos em ultrapassadas alvarengas, com grandes perdas¹³³”.

Juca: “Pois muito bem, senhor **Airôn**, com esta eu vou dormir.”

Eleutério: “E não vai tomar café?”

Juca: “Eu já tomei um maltado, nas Galerias, lá perto do Banco para não perder a viagem!”

Airôn: “Então você está superalimentado. Eu aposto como foi o segundo do dia. Vai dizer que já não tinha passado por lá depois da farra?”

Juca: “Passei apenas porque o maltado é a única coisa não etílica com sustância que se pode beber nessa hora do dia. E também porque ‘As Galerias’ é o único local que nunca fecha”.

Airôn: “Mas você vai acordar para ir ao clássico?”

Juca: “O primeiro clássico das multidões do ano! Você acha mesmo que eu ia perder de apreciar a cobra coral digerir um leão, mais um ano seguido?” — ele recebeu uma vaia dos rubro-negros presentes e aplausos dos tricolores do Arruda — “Que horas vai ser o jogo?”

¹³² **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960. “Abastecimento de pão em colapso por falta de trigo”.

¹³³ FURTADO, 1989: 59.

Airôn: “O jogo principal, Esporte e Santa Cruz, vai ser às três e meia, na Ilha do Retiro. A prévia começa as quinze para as duas da tarde com Condor X FAPE”.

Juca: “Eu passo antes no Café Nicola para o esquentado e de lá sigo para a Ilha.”

Airôn: “Eu acho que passo no Nicola, também, pois vou estar na Guararapes. Vou ter que dar um pulo lá no escritório agora no final da manhã”.

Juca: “Menino, teus patrões judeus não perdoam, hein?! Brasília, o acontecimento do século!” — diz, como gostava de fazer nas horas vagas, imitando a voz de um radialista. “Eles não sabem que hoje é feriado nacional?”

Airôn: “Eu tenho que finalizar um desenho que estou fazendo sob encomenda de uns engenheiros. E saiba você que eu tenho é sorte por trabalhar nesse escritório. Geralmente os arquitetos desconhecidos só ganham pelos desenhos quando eles são aproveitados pelas construtoras. Eu recebo por desenho independentemente dele ser aceito ou não. E hoje, no final da manhã, estou livre”.

Juca: “Livre para o mundo, para **Lindalva**, para o Savoy, para Rua da Guia, e para as táxi-girls do Moulin Rouge! Quem quiser que acredite que *não-me-queres* é um rapaz sério. Esse **Airôn** é, na verdade, um cabra safado!”

O apelido de *não-me-queres*, **Airôn** ganhou das quengas do baixo meretrício por ele lhes ser indiferente em sua auto impingida castidade. Nas madrugadas, apreciava sentar diante de **Patativa**, mulher da vida que nos sonhos gostava de ser cantora de rádio. **Airôn** dizia-lhe que era sua fornecedora de pétalas: da sua garganta saíam, aveludadas e perfumadas, em várias tonalidades indo do vermelho escuro ao chá, e caíam numa bacia de louça, enchendo-a e transbordando. Enquanto a mulher calmamente abrindo e fechando a boca tal qual passarinho alimentando o filhote, pétalas despencando em chuva, *não-me-queres* tentava pela milionésima vez a decifração, não das pétalas que brotavam da garganta da mulher, mas da hora em que a noite cede lugar ao dia, o precioso instante, quando se poderia dizer com toda precisão é dia agora, agora e não mais, pois quem suspira pétalas bem que pode conhecer a precisão matemática da passagem. E, neste ápice, ele largava de mão o bem mais precioso, a decifração da madrugada, e voltava para casa¹³⁴.

Amara, que ao acordar chamava-se **Aurora**, gracejava: “*A castidade é uma agonia inútil, eu corrijo-a com prazer*”. Nosso protagonista declinava, sorriso pouco firme. Imaginava-a com outro homem. Via seu pai, as mãos poderosas, a voz de homem maduro a estalar, chula, em sua pele sob o vestido, ancas largas. Sentia asco. **Amara-Noites-e-Dias**

¹³⁴ BORBA FILHO, 1975: 13.

só fazia dizer, com sua vozinha de pintassilgo, volte logo que amanhã não tem mais¹³⁵. Mas **Airôn** tem mais com que se preocupar: sua biografia. Como escrevê-la? O que ressaltar de sua vida? Anda pensando seriamente em regularizar a sua presença no Partido. Chega de ficar sobre o muro. Deve apresentar-se a si de forma apropriada¹³⁶. O que é a moral para o membro do Partido? É tudo o que contribui para a destruição da atual sociedade e a construção de uma nova sociedade.

A moral exprime o que há de mais nobre e elevado na Humanidade: — “É necessária uma dedicação sem limites ao Partido. Devemos desenvolver o espírito de abnegação. O Partido passa a ser nossa família, nosso lar, nossa razão de ser. Tudo o que fazemos pela revolução é pouco. E quem não domina o impulso sexual dentro do Partido não pode ser um revolucionário. Devemos desenvolver o respeito pela mulher. O Partido não é contra o divórcio, mas devemos dar exemplo de fidelidade conjugal. Devemos enquadrar toda a nossa vida de acordo com os interesses do Partido e o Partido passa a ser mais necessário que o ar que respiramos. O Partido passa a ser tudo. E comungados nele devemos desenvolver o amor ao nosso povo, a solidariedade aos outros povos. Devemos ter firmeza diante dos inimigos de classe. Devemos lutar pela felicidade do homem e esmagar tudo o que se oponha a este objetivo”¹³⁷. — Para **Airôn**, todos os militantes e dirigentes do Partido devem dar seu exemplo pessoal e desenvolver seu trabalho com abnegação para unir ainda mais todo o Partido como uma grande família coesa: “*Nosso Partido é indestrutível e invencível*”¹³⁸.

¹³⁵ BORBA FILHO, 1975: 03.

¹³⁶ Segundo Brayner, *o processo de qualificação da militância do PCB de 50 era da responsabilidade das Escolas de Capacitação Política que funcionavam como órgãos independentes do Partido, mas sob a orientação do Comitê Regional, ministrando diversos cursos, desde aqueles de férias para a Juventude Comunista, até os Cursos Stalin, determinados pelo Comitê Central* (BRAYNER, 1989: 34). E as normas para funcionamento das Escolas do PC estavam previstas em documentos distribuídos pelo Comando Central. O mesmo documento estabelecia que as Escolas tinham uma dupla finalidade: uma *função instrutiva* (ensino de teoria marxista aplicada à realidade nacional) e uma *função educativa* (formação do caráter). O critério de seleção dos quadros que iriam participar dos cursos incluía a exigência de uma **biografia** que seria examinada pela direção (BRAYNER, *idem*). Anatoli Ribakov (1987), em seu romance *Os Filhos da Rua Arbat*, ao descrever o cotidiano da União Soviética sob o domínio político de Stálin, também fala das autobiografias escritas pelos jovens participantes da Juventude Comunista — o Konsomol. Eu não sei se, em 1960, ainda era ministrado um **Curso Stalin** — já que houve a divulgação e difusão, no mundo ocidental, do relatório apresentado por Nikita Khrushchev, no XX Congresso do PC, em 1956, tornando pública a repressão política exercida durante o período stalinista. Todavia, para João Quartim de Moraes (in REIS FILHO et al, 1991), no Brasil, a sobrevivência de Stalin como teórico (mais do que como dirigente político) manteve-se no PCB, como em boa parte dos demais partidos comunistas ligados ao PC soviético.

¹³⁷ Texto intitulado **A Moral Comunista**, divulgado pelo CC, em 1955, em todas as bases do Partido (BRAYNER, 1989: 40/41).

¹³⁸ Texto divulgado pelo Comando Central, em abril de 1957 (BRAYNER, 1989: 41).

Contudo, no antes de virar comunista, a vida no Recife era boêmia, desfilando pensões e fichas nas noites de roleta e bacará¹³⁹. À frente de uma turma da pesada, figura lendária, comandando, na formação clássica o ataque do time do Alecrim de São José, primeiro em putas, bebidas, charivaris:

Marinheiro

Tibúrcio — Foninho

Boris — Mão-de-Ferro — Veloso

Barbosinha — Bombeiro — Airôn — Garatuna — Mindo¹⁴⁰

O time famoso permaneceu invicto durante várias temporadas boêmias, mesmo quando dois ou três reservas substituíram os titulares em seus impedimentos. Aos poucos, no entanto, todos se dispersaram atraídos por melhores promessas, perdendo a forma física¹⁴¹. Na rotina do comer e do beber, do trabalhar e do conversar, iam-se os anos, só que a barriga de uns crescia mais, um despropósito: — “Faz bem três anos que **Tibúrcio** não vê a bilola” —, diziam na galhofa. Cinturão largo, capaz de arrodar um boi¹⁴².

A mudança de conduta de **Airôn** começou desde que quis ingressar no Partido. Pois, antes, bebia muito, era dado a mulheres etc. Ele transformou-se de modo completo, a ponto de angariar a confiança de **Lindalva**. Apenas um vício conservava: fumar excessivamente¹⁴³. Obra de um ano e seis para oito meses durava o namoro. **Airôn**,

¹³⁹ BORBA FILHO, 1975: 60.

¹⁴⁰ BORBA FILHO, 1994: 75.

¹⁴¹ BORBA FILHO, 1994: 75.

¹⁴² BORBA FILHO, 1994: 71.

¹⁴³ Documento de Álvaro da Costa Lima, conteúdo autobiografias de integrantes (ou almejantes) do PCB, apreendido pela Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, em 1956. Segundo Brayner, com a vivência da nova dimensão política alcançada em 1955 — até então inusitada no movimento comunista de Pernambuco — houve negligenciamento da segurança interna do Partido. Agentes infiltrados entregaram todo o Comitê Regional à polícia. O golpe sofrido significou a prisão de 550 militantes para audiências; a desarticulação da Comissão sindical; atingiram-se vários Comitês de Empresas (Moreno, Macaxeira, Camaragibe, Porto etc.). Caíram os dois aparelhos mais importantes da direção onde estavam guardadas: 1) todas as atas da Conferência do IV Congresso, desde as do Comitê Regional, Comitê Zonal e Comitê Distrital; 2) aproximadamente 380 autobiografias; 3) Relatórios do Plano Stalin — segundo relatório preparado pelo Comando Regional provisório, inventariando os danos ao Comitê Regional do Partido. Segundo Brayner, a duras penas tenta-se uma rearticulação através de um Comitê Regional Provisório. Mas, em 04 de maio de 1956, uma nova investida da polícia obriga a volta dos líderes nacionais para o Rio e o Comando Central corta suas ligações com PE, em razão de sua própria segurança. A queda coloca em questão não apenas a segurança interna do Partido, mas também a necessidade de ampliar as bases sociais do partido, encontrando alianças políticas que garantam um maior raio de ação legal e dificultem as ações policiais. Entre o final de 1957 e 1958, as ações de conhecidos militantes vão-se tornando cada vez mais públicas — e, como agiam em comum participação com partidos e forças sociais legais, a polícia não tem muito espaço de atuação repressiva contra os comunistas (BRAYNER, 1989: 63-67). Apesar de utilizar aqui o expediente da autobiografia — Airôn está preocupado com a sua — não sei se, depois dessa experiência de 1956, o PC de Pernambuco continuou com a prática de exigir autobiografias dos candidatos aos cursos de capacitação.

conhecido como **Não-me-Queres**, era par de **Lindalva**, moradora da Rua Augusta, em cuja janela se debruçava todas as noites, às sete, saindo às oito, antes **Airôn** entregando-lhe o mimo do dia: sabonete Dorly nas segundas-feiras, brilhantina Flor de Amor nas terças, colônia Royal-Briar nas quartas, talco Ross nas quintas, esmalte para as unhas nas sextas, nos sábados uma lata de goiabada marca Peixe e nos domingos um pão-de-ló feito por **Maria**. Sem contar os das quatro festas do ano, no Carnaval um frasco de lança-perfume, pelo São João fogos-de-bengala, na festa da padroeira em conta as frutas da estação e outras bugigangas tais como birilos, fitas, meias, batons, ruges, marrafas, anéis de feira, pulseiras de vidro, brincos de fantasia, até mesmo um corte de fazenda. Nunca falhara uma só noite nos todos os dias que se decorreram em bem um ano e seis ou oito meses. Sempre por artes mágicas os caraminguás apareciam e o presente saía¹⁴⁴.

Sete da noite, ele apontava na esquina e ao soar a última badalada estava estendendo a mão para **Lindalva** que justo naquele momento debruçava-se na janela e estendia a sua para, antes, receber o presente, muito agradecida, colocando-o num canto, novamente estendendo a mão que **Não-me-Queres** aninhava nas suas, contemplando o generoso decote, mas jamais avançava um centímetro além da mão, seria sua esposa um dia, tinha empregos prometidos, aventuras de corpo ficavam para depois, nem sequer despertava fisicamente para **Lindalva**, por enquanto, dizia, era o respeito, ficaria para a noite nupcial, **Lindalva** parece que não ficava muito satisfeita com todos aqueles propósitos de castidade mas curvava-se à devoção e aos presentes. E conversavam, sobretudo, sobre os afazeres domésticos dela, os achaques da mãe e o reumatismo do pai, o tempo com chuva ou sol, o filme do Cinema Ideal, das sete às oito, longas pausas de entremeio, as mãos suadas sem se mexerem, **Não-me-Queres** de pescoço doído de olhar para cima e de braço dormente da posição, **Lindalva** de cotovelos escalavrados, mas firme na noite, das sete às oito, todas as abençoadas noites estivais ou invernosas, nestas **Não-me-Queres** metido num capote, suando em bicas, mas enxuto, somente os pés molhados, a chuva martelando e ele agarrado nas mãos de **Lindalva**, das sete às oito¹⁴⁵.

¹⁴⁴ BORBA FILHO, 1976: 16/17.

¹⁴⁵ BORBA FILHO, 1976: 17/18.



Fig. 8. Uma vista parcial da Rua Augusta.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 9. Outra vista parcial da Rua Augusta.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

No de agora, 21 de abril de 1960, manhã começando, **Juca** despede-se, vai dormir. Os restantes sentam-se à mesa para tomar o café da manhã. Café forte de cortar de faca. Numa larga mesa de madeira tosca, onde toda manhã eles jogam conversa fora antes de sair do Castelo. Hoje são menos, pois alguns deles foram em caravana assistir à inauguração de Brasília. Outros ainda não voltaram da farra. **Maria** aquietou-se lá pela cozinha. No depois do café, **Airôn** arruma-se para sair. A essa altura, eram quase nove horas, foi ao banho frio, barbeou-se cuidadosamente, a navalha passeando no esmeril, nas duas operações gastando bem quase uma hora, foi ao quarto onde estavam as coisas que deveria usar: o terno de linho branco Diagonal S120 brilhando de goma estendido na cama, ao lado a camisa, justamente esta, a cor-de-rosinha, as meias brancas enfiadas no sapato marrom, a gravata azul-marinho pendurada no espelho da cama, tudo à mão, as abotoaduras douradas — herdadas do avô materno, os botões de osso do colarinho, o lenço com água-de-colônia Royal-Briar, a carteira, o relógio, o maço de cigarros Continental e a caixa de fósforos; brilhantina Glostora no cabelo meio especado, rebelde ao pente, operação de bem quinze minutos, já de ceroulas diante do espelho de corpo inteiro do guarda-roupa, estava suando, deu por finda a trabalhadeira e começou a vestir-se¹⁴⁶.

2.2. CIRCULANDO PELA CIDADE A CAMINHO DO TRABALHO

Eram nove e meia da manhã quando saiu de casa — teria tempo: dali à Avenida Guararapes não gastaria trinta minutos. **Airôn** desceu a escada de madeira, íngreme e de espaços estreitos, com seu ranger familiar, e apontou na calçada. Indo em direção à Praça Sérgio Loreto, na proximidade da Rua São João, ficava a casa de cômodos de **Dona Linda**. **Airôn** seguiu em sentido contrário: todo nos trinques, cheiroso. Nessa direção, a rua Dias Cardoso terminava na largura da Avenida Dantas Barreto — obra inconclusa, idealizada e começada pelo Governo de Novais Filho — prefeito do Recife durante todo o Estado Novo. No caminho até lá ainda havia sinais de demolição. Os últimos edifícios coloniais demolidos, onde funcionava a Associação da Imprensa de Pernambuco, foram postos abaixo para transformar-se na nova sede dos jornalistas — um edifício moderno com 13

¹⁴⁶ Quanto à forma de vestir-se, o modelo foi retirado de um personagem de Hermilo Borba Filho (BORBA FILHO, 1976: 33/34). Quanto às marcas dos produtos — terno, cigarro, brilhantina, água de colônia — as informações foram retiradas das entrevistas com Jarbas Araújo e João Lopes, além da citação em autobiografias.

pavimentos, em fase de construção¹⁴⁷. A sede antiga da AIP foi “desapropriada” nos dois sentidos — política e fisicamente — pelo governo estadonovista para Abertura da Dantas Barreto. Com a volta da democracia, os jornalistas travaram uma batalha judicial para recuperar o patrimônio e voltaram a reunir-se no antigo prédio até começarem uma campanha para construção da nova sede¹⁴⁸.

No início da década de 40, **Airôn** era apenas uma criança. Mas ouviu de seu pai que a abertura das Avenidas Dantas Barreto e Guararapes, no início da década de 40, foi o símbolo maior do Estado Novo em Pernambuco. As demolições puseram abaixo, entre outras construções, a Igreja Nossa Senhora do Paraíso, o Hospital São João de Deus, o Quartel do Regimento de Artilharia e a Academia do Paraíso, reduto do movimento de 1817, e as ruas coloniais presentes nos bairros de Santo Antônio. As modificações atingiram, a partir da Praça da República, as Ruas da Florentina, Quartel da Polícia da Guarda Palaciana, Largo do Rosário, Trincheira, Laranjeira, Santa Tereza... Trechos cobrindo Santo Antônio, casas comerciais, residências, bares, velhas igrejas e pátios da época colonial¹⁴⁹ — e com planos de atingir São José¹⁵⁰.

Durante o Estado Novo, em cada edição diária de seu jornal, Agamenon Magalhães publicava um artigo — estilo simples, meio colegial, com frases curtas. Para ele, o sufrágio

¹⁴⁷ **Diário de Pernambuco**, 3 de abril de 1960, p. 13. “Visita às obras do Edifício AIP — a associação promoverá visita dos seus associados”.

¹⁴⁸ Segundo Paulo Cavalcanti, num almoço comemorativo do Dia da Imprensa, em 10 de setembro de 1931, realizado no Bar Máximo, no Pina, o jornalista Domício Rangel, do corpo redacional do Diário da manhã, lançou a idéia da fundação, no Recife, de uma entidade que reunisse os jornalistas pernambucanos, à semelhança do que já ocorrera no Rio com a Associação Brasileira de Imprensa, a ABI. Dois dias depois, formalizou-se num salão do Diário de Pernambuco a sugestão de Domício Rangel. Contudo, implantado o Estado Novo, as atividades da instituição caíram na inércia, pois a direção da AIP foi exercida por agentes da ditadura. Com a queda do governo Vargas e a retomada do processo democrático, os jornalistas de Pernambuco movimentaram-se para fazer da AIP um órgão de classe independente. E o primeiro passo foi o de fundar, em 1947, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Através da aglutinação em torno do Sindicato, possibilitou-se a criação de ambiente favorável ao revigoramento da AIP. A tarefa foi relativamente fácil. O mais difícil tornou-se recuperar o patrimônio, um terreno desapropriado há anos na Avenida Dantas Barreto. Uma campanha foi liderada nesse sentido: pensou-se em construir no terreno desapropriado, um novo edifício para instalar a AIP, com a ajuda dos governos de Barbosa Lima Sobrinho, Cordeiro de Farias e Cid Sampaio. Criou-se para tanto, uma comissão pró-construção da sede própria, da qual Paulo Cavalcanti foi relator e Mário Melo presidente. (CAVALCANTI, 1980: 340).

¹⁴⁹ **Diário de Pernambuco**, 2 de outubro de 1973, p. 03, 1º Caderno.

¹⁵⁰ A abertura da Avenida 10 de Novembro (Avenida Guararapes) iniciou-se a partir da aprovação do Plano da Comissão da Cidade, em 23/04/1938, com as desapropriações, vendas e doações dos lotes lindeiros à Avenida, estabelecendo a ligação entre as Praças da Independência e Duarte Coelho. Dando prosseguimento à remodelação do centro da cidade, Novais Filho iniciou os trabalhos para a construção da Avenida Dantas Barreto, prevista por Ulhôa Cintra como parte do perímetro de irradiação que articularia os bairros da Boa Vista, Santo Antônio e Recife. Em 1943, as demolições foram iniciadas, o que fez desaparecer várias edificações. Entretanto, Novais Filho não concluiu a Dantas Barreto. Apenas demolições foram realizadas e, em 1946, a Comissão do Plano da Cidade modificou o traçado inicialmente proposto. Para este tema ver PONTUAL, 2001: 85-86/94.

universal era uma **anemia**, uma **doença** que foi enfraquecendo lentamente os povos. Para ele, o que as Nações precisavam era de chefes políticos que encarnassem as necessidades do **povo**. Dentre as quais, estava livrar a cidade da feiúra da miséria. Os favelados dos mocambos da área urbana do Recife que fossem viver de “Macacos para lá” — alusão às matas de Beberibe. Os casebres eram içados de uma hora para outra pelos homens do Serviço Social Contra o Mocambo, limpando a paisagem urbana de suas imundas moradias¹⁵¹. As obras, no Estado Novo, deveriam conferir monumentalidade ao grande cenário político e econômico de Pernambuco — o Recife — através da verticalização arquitetônica da cidade.

A Dantas Barreto chegou a ser continuada por Pelópidas Silveira, em seu breve governo à frente da Prefeitura do Recife, entre fevereiro e agosto de 1946, com desapropriações e demolições¹⁵². E, nos anos 50, a abertura de largas avenidas ainda simbolizava **progresso** em contraposição à arquitetura colonial de ruas sinuosas e estreitas — símbolo de **pardieiros infectos**¹⁵³ que precisavam ser disciplinados pelo saber urbanístico. Todavia, na gestão de Pelópidas neste período democrático, graças a uma nova concepção de urbanismo, com outros projetos — como o de descentralização do tráfego ou seu desvio para periferia —, a urgência que fez nascer a Dantas Barreto deixou de ser prioridade. Nesta segunda metade da década de 50 — com o Prefeito eleito pelo voto popular, filiado ao Partido Socialista Brasileiro, apoiado pela Frente do Recife, na qual o Partido Comunista tem grande peso — não ocorreram aberturas de avenidas destruidoras do tecido urbano pré-existente; apenas o alargamento, retificação e alinhamento dos leitos das vias. As principais intervenções foram realizadas no bairro da Boa Vista, e nos subúrbios em que a ocupação do solo não era consolidada. E as demolições foram de pequenas proporções, provocando menos impacto na configuração da cidade¹⁵⁴.

¹⁵¹ CAVALCANTI, 1978: 178-180.

¹⁵² Com o final do Governo de Novais Filho, em 1945, o Recife teve como prefeitos indicados: Pelópidas Silveira (1946), Clóvis de Almeida Castro (1946), Antônio Pereira (1947), Manoel Cezar de Moraes Rêgo (1948), Antônio Pereira (1951), Jorge Martins (1952), José do Rego Maciel (1953) e Djair Brindeiro (1955). Após o que voltou o pleito democrático que elegeu Pelópidas da Silveira (1955 a 1959). E, posteriormente, Miguel Arraes. Seguido novamente por Pelópidas Silveira que teve sua gestão interrompida pelo golpe militar de 1964.

¹⁵³ *Mas, tão somente em nome desse progresso, apelamos para o Prefeito Pelópidas da Silveira e para a Câmara Municipal do Recife, no sentido de ser encontrada uma solução capaz de determinar o prosseguimento da Avenida Dantas Barreto e a derrubada, o quanto antes, do entrave, que outro não é senão aquele bloco constituído de pardieiros infectos (...) já que estão em jogo não o interesse político de grupos, mas o progresso da cidade, a sua modernização, a sua urbanização* **Diário da Noite**, 10 de abril de 1957 (citado por PONTUAL, 2001: 187/188).

¹⁵⁴ PONTUAL, 2001: 188/189.



Fig. 10. Av. Dantas Barretos e alguns sobrados antes da demolição dos mesmos.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 11. Av. Dantas Barretos e o prédio da AIP no lugar de alguns sobrados.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

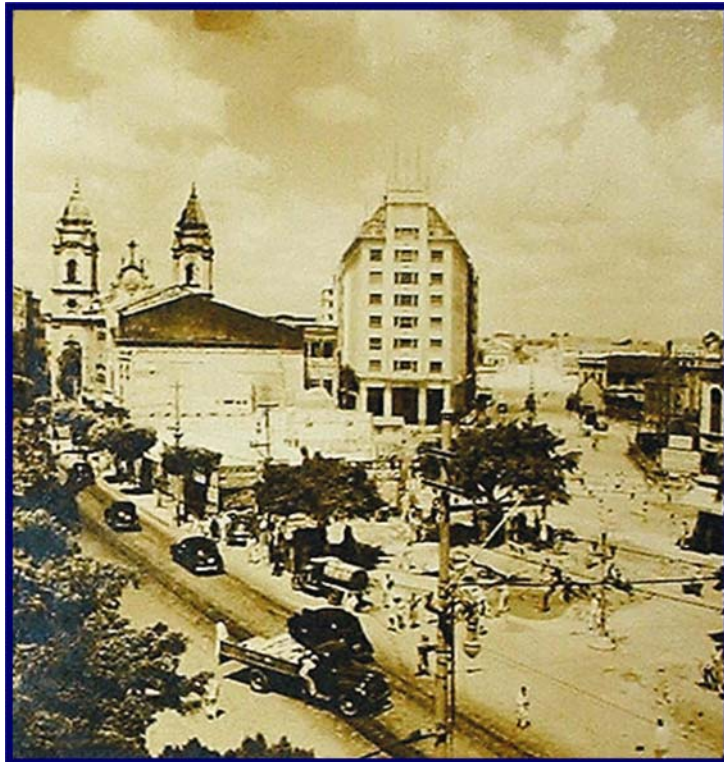


Fig. 12. Construção da Av. Guararapes.
Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.

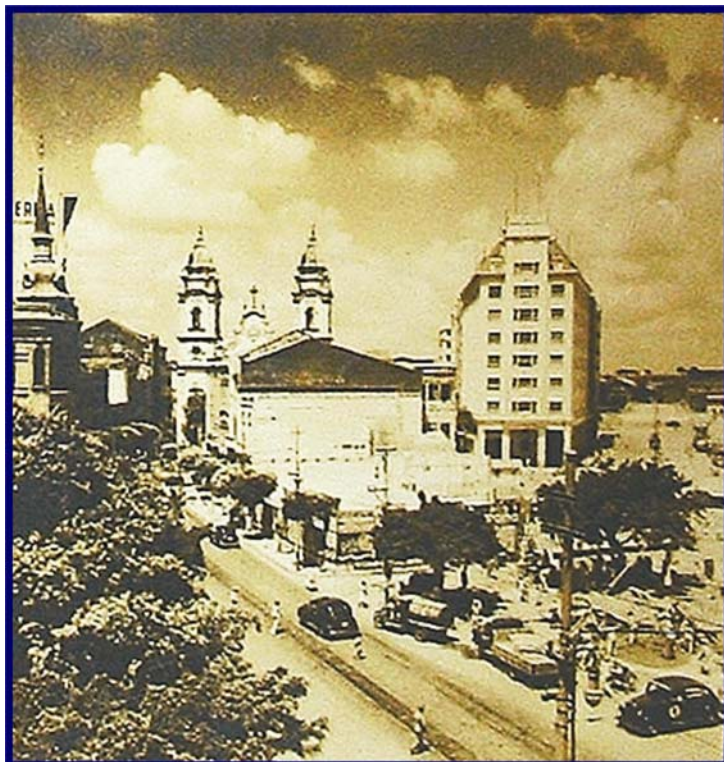


Fig. 13. Construção da Av. Guararapes.
Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.

Com Pelópidas, a **Frente do Recife** contou com a participação e a adesão de setores da burguesia e da classe média, a despeito de Pelópidas ser um líder político à esquerda do centro. Recém saídas do Estado Novo, as forças democráticas da Frente do Recife marchavam na direção de um governo de raízes populares, abrangentes, opondo-se ao velho e emperrado PSD de Agamenon Magalhães e Etelvino Lins. O programa apresentado ao eleitorado pelo candidato da Frente do Recife refletia um leque de formulações liberais, sensíveis a camadas ideologicamente diferenciadas, que formavam um elenco de forças contrapostas aos resquícios da ditadura de Vargas¹⁵⁵. Ele atualizou códigos e posturas, adotou normas modernas de urbanização, instituiu concursos para provimento de cargos públicos, moralizou a administração, estimulou a criação de associação de bairros, discutiu em praça pública os problemas da cidade, aplicou com absoluta severidade os recursos públicos, combateu a corrupção e a burocracia¹⁵⁶. Aos comunistas que fizeram parte da equipe da PCR, na gestão de Pelópidas, até o ano passado, 1959, coube deixar a marca da sua identidade política na administração, erradicando velhas práticas que caracterizam os governos burgueses¹⁵⁷.

Não é que o saber urbanístico não seja necessário, ao contrário. O saber urbanístico anda tão em alta a ponto de Gilberto Freyre, ressentido, perguntar se não há outros saberes válidos além dos promovidos pelos arquitetos e urbanistas¹⁵⁸. Mas é que, para homens ao mesmo tempo **práticos** e com **sensibilidade humanista**, como **Airôn**, diante dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos que se desenrolam na nossa atualidade, há apenas duas atitudes distintas: ou repelir o **planejamento** como um caminho à servidão — é o que fazem os pensadores de tendências liberais que crêem que os acontecimentos tendem **naturalmente** a promover o progressivo e generalizado bem estar material e espiritual; ou defender o **planejamento** como uma necessidade de interferência consciente e racional do homem, como o fazem os pensadores marxistas-leninistas¹⁵⁹. Este raciocínio parte da lógica que muitas cidades atingiram uma situação crítica e **patológica**. São cidades afetadas por um crescimento **doentio**, por uma espécie de gigantismo, e estes

¹⁵⁵ CAVALCANTI, 1985: 93.

¹⁵⁶ CAVALCANTI, 1985: 80.

¹⁵⁷ CAVALCANTI, 1985: 81.

¹⁵⁸ FREYRE, 1960: 180. *Será que no Brasil se não vem estudando tais problemas — os complexamente sociais — de modo sistemático? Será que o Brasil de hoje não possui, além de economistas, ecologistas ou cientistas sociais, senão da mesma categoria dos seus arquitetos, quase dessa categoria, espécie de parentes pobres, mas parentes, desses príncipes, hoje, entre nós, da mais alta nobreza, com os quais eles pudessem se entender em família?*

¹⁵⁹ BALTAR, 2000: 07.

acontecimentos patológicos conduzem a vida urbana à decadência e à decomposição¹⁶⁰. É quando a civilização perde o **equilíbrio** próprio da natureza humana — ela perturba-se com a maneira de viver característica dessas imensas cidades contemporâneas. Suas condições gerais da vida tendem a não permitir uma distribuição eqüitativa de bem estar material e de **saúde espiritual** à maioria de seus habitantes. Se alguns deles gozam desse bem estar, decorrente da concentração do progresso técnico na estrutura urbana, é sempre à custa da privação desse gozo reservada à maioria da população¹⁶¹.

Dessa forma, o bem-estar das comunidades é o verdadeiro problema do planejamento urbano. O rompimento de suas condições de equilíbrio vital é consequência do *laissez faire* do urbanismo monumental e cenográfico. E são vários os **obstáculos** que se opõem à aplicação dos **remédios** necessários para cura da cidade; são várias as dificuldades naturais e institucionais que enfrenta a execução de um plano de remodelação. Entre as causas dos obstáculos está a oposição ferrenha dos interesses individuais — **nocivos** ao bem público. Estes interesses individuais quebram lanças para manutenção dos privilégios ameaçados¹⁶². Mas todas as **necessidades coletivas** devem ser providas de forma equilibrada¹⁶³. E o **poder público** tem o papel de afastar os obstáculos que representam a permanência do interesse privado contrariando o **bem comum**. Provado o interesse coletivo, a municipalidade tem que assumir uma posição ativa no planejamento urbano e rural¹⁶⁴.

Segundo essa perspectiva, o **progresso técnico** aliado ao **humanismo** pode **curar** e **salvar** as cidades do caos em que se encontram. O que a cidade precisa é de um trabalho de **harmonização** — do fato ecológico, econômico, cultural e técnico. Por isso, a partir de agora, ao verdadeiro urbanista não pode ser estranha a preocupação de preservar tudo aquilo que, no corpo da cidade, der testemunho de sua vida passada e faça parte integrante de sua cultura¹⁶⁵. Inclusive as estreitas ruas coloniais. Com o progresso da cidade, o melhor será preservar, quando possível, ambientes tradicionais completos, ruas, pátios, ou quarteirões antigos selecionados por um critério cultural elevado tendo em vista qualidades reais, arquitetônicas e paisagísticas¹⁶⁶. Uma sociedade urbana cujo **bem-estar material**

¹⁶⁰ BALTAR, 2000: 14.

¹⁶¹ BALTAR, 2000: 22.

¹⁶² BALTAR, 2000: 15.

¹⁶³ BALTAR, 2000: 27.

¹⁶⁴ BALTAR, 2000: 28.

¹⁶⁵ BALTAR, 2000: 32.

¹⁶⁶ BALTAR, 2000: 33.

tivesse sido assegurado, através dos melhoramentos executados na cidade, mas que tivesse perdido todo o seu patrimônio de cultura não poderia ser uma **sociedade feliz**¹⁶⁷.

Como estava adiantado, **Airôn** resolveu entrar à esquerda na rua 24 de Maio. Dali sairia na Marquês de Herval, pegaria pela Rua da Palma até chegar na Avenida Guararapes. Ao entrar na 24 de Maio, **Airôn** observou as paredes sujas, o povo pela rua, um caminhão que atravança o caminho. Na rua, pessoas conversam, pessoas andam. Um garoto de camisa listrada olha curioso à sua passagem. Algumas sacadas ainda encontram-se fechadas. A gráfica abriu as portas, parece ignorar o feriado. As pequenas casas dessa rua, quase todas de porta e janela, têm dimensões exíguas. E apenas um arremedo de calçada. Contudo a rua é pavimentada. O governo de Pelópidas cuidou da pavimentação das ruas. Foram pavimentadas vias na Boa Vista, São José, Santo Amaro e Santo Antônio, bem como na área norte da cidade — nos subúrbios, onde a carência desses serviços era premente. Algumas vias foram pavimentadas com paralelepípedo, como a Augusta e a Alecrim, outras com pré-misturado asfáltico, como a 24 de Maio.

O centro do Recife foi bastante contemplado com a pavimentação da Conde da Boa Vista, da Rua da Aurora e da Avenida Dantas Barreto. A Conde da Boa Vista foi aberta ao tráfego no final do mês de agosto de 1959, tendo levado mais de dez anos para ser concluída, em virtude das desapropriações que se fizeram necessárias, muitas resolvidas judicialmente¹⁶⁸. A Aurora teve ampliação e pavimentação no seu trecho final. Sua remodelação centrou-se na verticalização arquitetônica, alargamento e construção de vias e paisagismo. Edifícios modernos — verticais, de 14 andares, afastados entre si — substituíram velhos sobrados. O aterro das margens do Capibaribe serviu para parqueamentos de veículos e jardins. Outras vias ganharam prioridade por ligar a comunicação e acesso entre bairros dos subúrbios, como a Avenida Norte, o Canal Derby – Tacaruna / Parque Amorim, Casa Amarela/Beberibe, Afogados/Prado e Estrada da Imbiribeira.

A Iluminação pública também foi instalada. O critério de seleção dos logradouros a serem beneficiados com a iluminação pública foi a importância urbanística da via e a densidade demográfica da localidade, resultando na iluminação de cerca de 500 logradouros públicos. O governo municipal não realizou o serviço diretamente, mas autorizou à Companhia Pernambuco Tramways e aos Serviços Industrializados de luz e

¹⁶⁷ BALTAR, 2000: 33.

¹⁶⁸ PONTUAL, 2001: 183.

Força de Beberibe a fazê-lo¹⁶⁹. Assim, iluminada e pavimentada, não há quem lembre que a 24 de Maio é uma rua que há vários anos foi aberta sobre o Cemitério do Convento dos Carmelitas, e por isso se chamou, primeiramente, Rua dos Ossos. Ao lembrar disso, **Airôn** sente como que um dedo frio correr-lhe o espinhaço. A atual 24 de Maio é, assim, traçada sobre terra ocupada por gente morta, há muito tempo, e de quem não mais se tem qualquer lembrança dos parentes e amigos. Nas catacumbas demolidas, nos túmulos desmoronados, foram em dias muito remotos, encerrados os corpos de frades do convento; irmãos membros da ordem terceira, das irmandades e confrarias; homens, mulheres e crianças que teriam morado nesse bairro ou nas suas proximidades, como era de hábito¹⁷⁰.

Airôn já apontava na esquina da Rua da Palma, quando se esqueceu finalmente das histórias de assombração. Querendo consultar o relógio, o seu pateque de velha estimação, metido no bolsinho da calça, deu trabalho levantar a aba esquerda do paletó — diabo de goma mais sem jeito que nunca viu tão dura — já então faltavam quinze minutos. Sempre fazia hora, chegava justo o relógio em cima das dez. Apressou o passo, cruzou toda a Rua da Palma e parou na **Banca do Gasolina** para comprar o Diário. A banca, aberta este ano, estava tornando-se lugar onde algumas figuras faziam ponto. **Airôn** era um deles:

- Bom dia! Qual o palpite pra hoje, Marciolino?
- Bom dia, doutor! Olhe, eu acho que, dos dois, quem ganhar hoje fecha o torneio início e leva o campeonato. E eu tenho para mim que a gente leva essa taça,

¹⁶⁹ PONTUAL, 2001: 193.

¹⁷⁰ Brassávola (CARDOZO in GALLINDO, 1988).

doutor!¹⁷¹ Veja o senhor, que os dirigentes alvi-rubros estão de implicância com o técnico deles, o Ricardo Diez. Está o maior clima nos Aflitos. E a crise, no Arruda, é briga de cachorro grande: entre os ex-presidentes e Odívio Duarte¹⁷².

- E já deram a escalação dos times?

- Estão fazendo suspense, mas os dois vão jogar num 4-3-3. O técnico Palmeira fez algumas improvisações no treino de ontem, inclusive experimentando Alemão como zagueiro central, para substituir Sinval que, sem contrato, nem mesmo concentrou. E Ney Andrade também não tem retorno assegurado; vai fazer um teste de campo, esta manhã, juntamente com Traçaia. Eu tenho para mim que hoje joga Cazuza, Bria e Alemão (ou Tomires); Zé Maria, Tomires (ou Prêta) e Ney (ou Dedé); Ramos, Djalma, Traçaia (ou Jandir), Bittencourt e Elcy¹⁷³.

- E o Santa Cruz?

- Ricardo Magalhães está com um time diferente do que conquistou o título de campeão o ano passado —ficaram Gerôldo, Biu, Clóvis, Dodô, Hamilton e Moacir. As novidades são Zé Maria e Caboclo. Talvez eles tragam Joca, ex-defensor do Ferroviário e Nenzinho, campeão brasileiro. Mas hoje devem jogar Zé Maria, Gerôldo e Nenzinho; Biu, Clóvis e Dodô; Gildo II, Caboclo, Hamilton, Moacir (ou Carvalho) e Jorginho¹⁷⁴. Vai pro jogo, doutor?

- Hoje, não, Marciolino!

- Vai deixar para ir ao **Torneio Início** no domingo, não é, doutor? Participar da festa, ver os desfiles e participar dos sorteios...

- Quem sabe!? — responde Airôn de forma evasiva.

¹⁷¹ Apesar da animação do rubro-negro Marciolino, quem ganha o campeonato estadual no ano de 1960 é o clube Náutico Capibaribe. Começa, neste ano de 1960, o inferno astral do Santa Cruz Futebol Clube que passa nove anos consecutivos sem ganhar um campeonato estadual. Mas este inferno astral precede o seu oposto: o paraíso astral que foi a década de 70, permeada de vitórias. **Santa Cruz** — Campeão estadual 23 vezes (1931, 32, 34, 35, 40, 46, 47, 57, 59, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 83, 86, 87, 90, 93 e 95). **Sport** — Campeão estadual 34 vezes (1916, 17, 20, 23, 24, 25, 28, 38, 41, 42, 43, 48, 49, 53, 55, 56, 58, 61, 62, 75, 77, 80, 81, 82, 88, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 2000 e 2003). **Náutico** — Campeão estadual 21 vezes (34, 39, 45, 50, 51, 52, 54, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 74, 84, 85, 89, 2001, 2002, 2004). Informação presente no site: Disponível na Internet, em <http://www.jc.uol.com.br/>. Acesso em 22 set. 2004.

¹⁷² **Diário de Pernambuco**, 07 de abril de 1960. “Odívio Duarte: a crise passou no Santa Cruz, vamos cuidar da conquista do bicampeonato” — artigo de Viriato Rodrigues.

¹⁷³ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960. “Esporte desfalcado, e Santa Cruz reforçado no primeiro clássico das multidões de 1960”.

¹⁷⁴ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960. “Esporte desfalcado, e Santa Cruz reforçado no primeiro clássico das multidões de 1960”.



Fig. 14. Rua 24 de Maio.

Fonte: Acervo da Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

Ele tem evitado freqüentar os estádios. Muitos dos dirigentes do Partido não são vistos em festas de carnaval, de natal, de ano-novo, de aniversário, nas praias, nos cinemas, nos campos de futebol, nos teatros, nas reuniões sociais — nada¹⁷⁵. Eles falam apenas de política, só discutem política. Diante de tal dedicação, como proceder? — **Airôn** questiona-se freqüentemente. Mas, à carranca de certos camaradas da direção, ele contrapõe a bonomia de outros companheiros de base: operários e camponeses, o povo. Para **Airôn**, ele deve-se nutrir da integração desses altos e baixos, tirando a média do comportamento humano. A própria sociedade é cheia desses altos e baixos. Exigir do PC uma postura diversa da que a sociedade ambiente oferece é um pouco demais. As **enfermidades** que fazem combalir todo o corpo social, **infectando** suas reservas orgânicas, desbordam muitas vezes sobre as resistências ideológicas de cada um. E todos passam a ser, mais ou menos, **doentes crônicos** dessas mazelas — enquanto uma ordem social iníqua contamina a todos, marca o compasso de sua feroz competição.

Mas há os de natureza **pura**, por suas origens de classe: aqueles que ingressam no partido como Deus os há criado, matéria bruta de uma consciência ideológica que antes de ser plasmada pela razão, brota, espontânea de sua própria natureza íntima. Para esses, o marxismo não decorre de elaborações mentais, da assimilação de leituras. Nasce de suas próprias intuições, das experiências de sua vida, da rotina da fábrica ou da labuta do campo. Matutando mais do que raciocinando, esses companheiros **puros** assumem os riscos das lutas políticas. “Nós não” — **Airôn** pensa — “Somos levados ao Partido por outras vias. Para muitos de nós, a filiação traduz um sentimento de identificação com o sofrimento do **povo**, uma adesão afetiva à causa dos operários. No fundo, somos amigos do povo, sem perder as características de classe originais”¹⁷⁶.

Airôn despede-se de **Gasolina**, põe o seu Diário embaixo do braço e atravessa a Avenida Guararapes, enquanto **Manchete** passa gritando: — “Rio: último dia como capital!...” **Airôn** atravessa a Avenida Guararapes. Ao lado dos Correios, no princípio da Rua Cleto Campello, fica a entrada do Edifício Arnaldo Bastos. Entrada imponente, portal alto. Dois elevadores de porta de madeira escura. As escadas em mármore fazendo um caracol, firmes e silenciosas. Ele chega ao segundo andar e atravessa o portal da sala exatamente às dez horas. Foi só tirar o paletó, arregaçar as mangas, afrouxar a gravata,

¹⁷⁵ CAVALCANTI, 1985: 200.

¹⁷⁶ CAVALCANTI, 1985: 200-204.

acender o cigarro¹⁷⁷. Das amplas janelas ele avista o **Salão Suez** do outro lado da Avenida, onde o barbeiro fala pelos cotovelos; e mais até: pelo corpo todo, gesticulando, se balançando, cuspidando, colocando o freguês entre os perdigotos e a almofada da cadeira em couro negro de barbeiro — que barbeiro é de profissão — e nos dias que não tem muito o que fazer, mergulha nas leituras do Cruzeiro, Seleções, Grande Hotel e um jornal diário — sebentos, lidos e relidos¹⁷⁸.

Airôn sai da janela, mas, antes de iniciar o trabalho, ainda folheia o jornal, passando uma rápida vista sobre as manchetes: notícias de Brasília, telegramas de congratulações de todo o mundo — América Latina, E.E.U.U., Europa, Ásia — e propagandas variadas de indústrias homenageando a nova capital do Brasil. Em Los Angeles, o cônsul do Brasil disse que Brasília aumentou enormemente a curiosidade do povo americano sobre o Brasil: ele tem atendido a pedido de informações das mais diversas¹⁷⁹. Em MILÃO, num jogo FIORENTINA x MILÃO, com 45.000 espectadores, os alto-falantes soaram uma saudação a Brasília: bombas foram soltas para celebrar o acontecimento e o cônsul do Brasil entregou duas placas artísticas em comemoração aos capitães¹⁸⁰. O papa João XXIII iniciou, aos 40 minutos de hoje, uma bênção em português pela Rádio do Vaticano à inauguração de Brasília, falando de novas perspectivas de esperança e de progresso para o povo brasileiro¹⁸¹. O presidente do Banco da Nação Argentina, em Buenos Aires, disse que os técnicos argentinos deveriam ir à Brasília para ver como as coisas podem ser feitas com pressa e bem; ele disse que a nova capital é uma prova da solidariedade social e da fé do povo na sua capacidade de realização¹⁸². — **Airôn** balança a cabeça, satisfeito, termina o cigarro, afasta o cinzeiro e segue para sua prancheta de trabalho.

¹⁷⁷ BORBA FILHO, 1976: 33/34.

¹⁷⁸ BORBA FILHO, 1976: 72/73.

¹⁷⁹ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 09, “Brasília está causando sensação”.

¹⁸⁰ **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960, p. 02, “Inauguração de Brasília é efeméride internacional”.

¹⁸¹ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960. Matéria de Capa.

¹⁸² **Diário de Pernambuco**, 23 de abril de 1960, p. 04. “Significação de Brasília”, José A. Vieira.



Fig. 15. Av. Gururapes com esquina da Rua da Palma.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



a voz de Brasília...

Brasília surge hoje perante o mundo como a nova Capital do Brasil. Magnífica realização de um povo, formidável empreitada de civilização do interior e altivo monumento ao gênio criador da arquitetura e do urbanismo brasileiros, Brasília é o mais expressivo símbolo do Brasil moderno.

Os diretores, funcionários e operários da Ericsson do Brasil orgulham-se de terem prestado também sua colaboração a Brasília — que está hoje ligada ao país e ao mundo pelo telefone — através da instalação de:

- ★ 1 centro provisório com 60 km de rede, colocado no tempo record de 90 dias;
- ★ 26 terminais para o circuito de rádio entre Rio e Brasília, inaugurado em fevereiro;
- ★ 1 central telefônica de 5.000 linhas e 8 sub-estações completamente automatizadas;
- ★ mesa interurbana de 20 posições;
- ★ rede urbana de cabos telefônicos para 10.000 linhas;
- ★ 23 mesas PBX para os principais edifícios públicos com 4.120 ramais;
- ★ 576 terminais para o sistema de micro-ondas entre o Rio, J. de Fora, B. Horizonte, Araxá, Uberaba, Uberlândia e Brasília (tornando possível converter futuramente todo o sistema para Discagem Direta à Distância);
- ★ 48 terminais para circuitos telegráficos entre Rio e Brasília, através do sistema de micro-ondas.

Ericsson
 DO BRASIL COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

Fig. 16. Propaganda da Ericsson utilizando a inauguração de Brasília como tema.
Fonte: Diário de Pernambuco, 21 de abril de 1960.

Ao final da manhã, chegam **Isaac** e **Jacob** — os donos do escritório. Tapinhas nas costas, **Airôn** acende outro cigarro, pega o cinzeiro sobre a mesa e acomoda-o no colo. Não havia mentido para **Juca** logo cedo. Ganhava por cada desenho feito. Mas tinha ainda outra questão que o impelia a trabalhar com afinco. Para **Airôn**, a chegada ao socialismo devia partir de um compromisso com a dignidade. O acúmulo de exemplos de probidade pessoal seria o caldo de cultura para a conquista de uma imagem melhor na atuação dos comunistas, visando ao futuro. Enfim, sua tese era a de que, na prática da vida, os comunistas deviam mostrar-se diferentes dos outros, sem se isolar do povo, ao contrário, identificando-se com suas aspirações, mas servindo de modelo aos seus anseios de transformação social. Ou seja, deviam, por sua conduta individual, marcar o compasso de suas posturas e composturas políticas. Isso lhe valia a incompreensão, quando não a chacota de alguns companheiros. E lá vinham os apelidos e as chulas denominações de “vestal”, de “udenista de lenço branco”, de “honesto demais”, de “moralista pequeno-burguês”. No fundo, era uma simples questão de despeito de companheiros que, tentando justificar suas próprias falhas, queriam vê-las passar por “normais” ou “comuns” na convivência entre os homens, nivelando-os por baixo¹⁸³. Tão logo dados os bons-dias e as informações de costume, **Airôn** comenta com grande animação:

AIRÔN — Vocês viram? São **700** jornalistas estrangeiros em Brasília cobrindo a inauguração!¹⁸⁴ Brasília ocupou espaço dos maiores jornais do mundo — e a imprensa é unânime na exaltação da mais nova capital!¹⁸⁵. Escutem o que lhes estou dizendo: os olhos do mundo estão postos sobre nós nesse momento! E eu gostaria de estar lá partilhando deste acontecimento histórico.

ISAAC — Pois eu, quando soube que nessa festa de inauguração um sanduíche de carne de porco estava custando 80 cruzeiros, também tive vontade de ir a Brasília, mas apenas para ver de perto de que era feito esse pão e em que manteiga, banha ou óleo, era assada essa carne. Confesso que até o momento ainda não me deu o desejo de ir ver a Praça dos Três Poderes, nem o luxuoso Palácio da Alvorada. Não por falta de amor a Brasília, mas porque nunca me abalo para ver outros viventes que não estes que aqui moram, caindo nos buracos de dia e sendo mordidos pelas muriçocas à

¹⁸³ CAVALCANTI, 1985: 96.

¹⁸⁴ **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960. Matéria de capa.

¹⁸⁵ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p.. 02. “Todos os Povos Ressaltam Brasília”.

noite. Mas juro por Deus como tive vontade de ir hoje à Brasília só para ver esse tal sanduíche de 80 cruzeiros¹⁸⁶.

JACOB — Ah, nem se preocupe com isso, pois com a prometida falta de trigo no Nordeste, e com o mau exemplo dado pela NOVACAP, você nem precisará ir tão longe para ver essa preciosa fatia de carne e tais lâminas de pão. Aqui mesmo, e muito em breve, teremos sanduíches à Brasília. Sim, porque há uma semana atrás eu me encontrava num restaurante na Rua Cruz Cabugá — na hora em que o rádio transmitiu a notícia dos preços de sanduíche que estavam sendo preparados para o dia da inauguração de Brasília — e o proprietário da casa providenciou logo o aumento de 50 cruzeiros no pão com carne que eu havia acabado de comer e que me fora vendido na noite anterior por 20 cruzeiros além da gorjeta do garçom. E confesso que diante da notícia, fresquinha da silva, que acabara de ouvir, ainda dei graças a Deus pelo dono do bar haver sido tão comedido na sua majoração¹⁸⁷.

AIRÔN — Vocês ficam aí brincando. Eu estou falando sério! O Brasil, pela primeira vez, está sendo visto como uma Nação Civilizada. Até então, o país era apresentado ao mundo sob o ângulo do pitoresco — através de macumbas, bumbas-meu-boi, carnaval, pão-de-açúcar. Esse novo enfoque traz conseqüências para nossa industrialização. Vejam o exemplo da indústria brasileira de tecidos de algodão que estava concorrendo com as melhores indústrias do mundo para atingir o mercado norte-americano e conseguiu vencer a concorrência. Por causa de Brasília, os tecidos de algodão da Indústria **Bangu** inspiraram uma reportagem na revista LIFE, com 11 páginas coloridas, falando do esplendor da moda brasileira inspirada na nossa arte, na nossa arquitetura, na nossa história, na nossa natureza — coisas que a partir de agora vão inspirar os desenhistas americanos na execução dos modelos à base de algodão¹⁸⁸.

ISAAC — Pois de um comerciante aqui no Recife eu já ouvi, sem nenhum tom de *blague*, que para contrabalançar os prejuízos provocados no comércio pela instituição do *bônus BS*¹⁸⁹ só se vendendo pela tabela BSB¹⁹⁰.

¹⁸⁶ **Diário da Noite**, 14 de abril de 1960.

¹⁸⁷ **Diário da Noite**, 14 de abril de 1960.

¹⁸⁸ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 03. “O Brasil aparece como nova capital no mundo da moda”. A edição da revista **Life** a qual refere-se o artigo é de 07/03/1960, autoria de Sally Kirkland: “Resplendor Brasileiro em Moda”.

¹⁸⁹ Taxa adicional de 0,5% sobre os produtos, criada pelo governo de Cid Sampaio para arranjar fundos para instalação da fábrica de borracha sintética e promoção da industrialização de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1960, Os dez maiores acontecimentos do ano.

AIRÔN — Podem ironizar o quanto quiserem. Mas não há quem possa fugir ao sortilégio de Brasília. A nova capital é uma explosão de confiança no futuro. Até o poeta francês **André Malraux** disse que Brasília deve ser — e não só para o brasileiro como para o homem moderno — uma cidade-esperança; um lugar onde a Esperança, e não a Tradição, seja a principal característica¹⁹¹. Acreditem, esta é uma nova fase na vida do Brasil, sobretudo administrativamente. Os métodos que são hoje normais no Rio vão parecer obsoletos e desajustados em Brasília. O que no Rio parecia uma ousadia, um abuso, lá surgirá como uma necessidade, uma decorrência dos acontecimentos. Nessa nova capital, haverá durante muitos anos ainda um espírito pioneiro, uma vontade própria de superar os obstáculos. E é preciso generalizar essa mística, essa vontade de realizar, que até o mais humilde dos candangos de Brasília ostenta de forma tão evidente¹⁹².

ISAAC — Oh, e agora com vocês os fabulosos candangos! — Ele diz como se anunciasse um programa de calouros. — Agora é uma tal de ode aos candangos, missa aos candangos, discurso aos candangos, estátua aos candangos! Há políticos por aqui pelas cidades do Nordeste dizendo que os candangos são basicamente nordestinos e que, portanto, os nordestinos construíram Brasília! Pois saiba o senhor que estes candangos operários mais de uma vez atrasaram os trabalhos, para desespero da administração, que não teceu loas naquela ocasião. No carnaval, mesmo sem permissão, eles resolveram suspender os trabalhos para brincar a folia, das 12:00 horas de segunda-feira até às 12:00 horas da quarta-feira de cinzas — JK ficou enlouquecido e viajou para Brasília para verificar as desordens, apesar das recomendações médicas em contrário¹⁹³. Outro problema foi com a sexta-feira da paixão: os candangos resolveram simplesmente não trabalhar. Israel Pinheiro, quase arrancando os cabelos, ofereceu o triplo da diária aos operários para que trabalhassem no dia santo. Alguns trabalharam, outros não. Teve quem dissesse que na sexta-feira da paixão não trabalhava nem para própria mãe¹⁹⁴. E os jornalistas entrevistaram um José candango, um migrante do Crato, no Ceará, e ele não aparentava ter entusiasmo algum com a nova cidade; e olhe que ele trabalha como

¹⁹⁰ **Diário da Noite**, 14 de abril de 1960.

¹⁹¹ FREYRE, 1960: 182.

¹⁹² **Diário de Pernambuco**, 23 de abril de 1960, p. 04. “Significação de Brasília”, José A. Vieira.

¹⁹³ **Jornal do Commercio**, 4 de março de 1960, p. 01. “Brasília na ordem do dia”.

¹⁹⁴ **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960, p. 10. “Atividade Febril em Brasília às Vésperas da Inauguração Oficial: sobem os preços”.

garçom no King's Bar e, entre ordenado e gorjeta, ganha aproximadamente 15.000 cruzeiros mensais — o que é uma quantia razoável. Mesmo assim não está satisfeito — e você sabe o motivo? Ele diz que a nova capital é “**terra de loucos**” — faz um frio de rachar e todo mundo parece maluco, correndo para cima e para baixo. Além do que ele não gosta de ser chamado de *candango*. Enfim, Zé, candango do Crato, garante que corre realmente muito dinheiro na nova capital, mas ele não fica lá nem que o Dr. Juscelino lhe dê um emprego no Palácio da Alvorada¹⁹⁵.

JACOB — Esses coitados nada têm a ver com Brasília. Se a cidade já estivesse realmente construída, a sua marcha triunfal seria a marcha da despedida. Porque uma vez acabada Brasília não haverá lugar para eles — essa é a verdade. Talvez por isso cuidem de lhe beatificar e erguer um monumento: porque só em efígie ele poderá ficar. Pois o candango não é, meu Deus do Céu, uma invenção de Brasília. É a coisa mais antiga que já existiu no Brasil: é o homem da terra que não tem terra, é o trabalhador braçal que vai aonde lhe pagam mais, fugindo à própria miséria. E ele continuará erguendo cidades, derrubando matas, formando cafezais e montando usinas, abrindo estradas e acampando em favelas. Ele é o pária, o homem do campo, o braçal ambulante, o eterno mendigo de trabalho, que na hora de morrer muitas vezes implora em vão o mais sórdido leito de um hospital qualquer. Não, o pobre candango não é uma invenção de Brasília: ele é o próprio retrato do Brasil¹⁹⁶.

AIRÔN — Mas vocês não estão levando em consideração que, independentemente dos discursos oficiais, Oscar Niemeyer, arquiteto e comunista, na arquitetura da nova capital não se preocupou apenas com a rapidez ou a originalidade, e sim com o **social**¹⁹⁷. Brasília foi projetada para ser uma cidade reta — a retidão da forma sendo formalmente capaz de promover uma sociedade mais prática, mais justa, incorruptível. Para mim é ilustrativo o fato de que, para a realização da nova cidade,

¹⁹⁵ **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960, p. 10. “Atividade Febril em Brasília às Vésperas da Inauguração Oficial: sobem os preços”.

¹⁹⁶ **Diário da Noite**, 29 de abril de 1969. “Até Amanhã”, Rubem Braga.

¹⁹⁷ **Revista Acrópole**, N° 237, julho de 1958. Em depoimento, diz Niemeyer: *As obras de Brasília marcam (...) uma nova etapa no meu trabalho profissional. Etapa que se caracteriza por uma procura constante de concisão e pureza, e de maior atenção para com os problemas fundamentais da arquitetura. Essa etapa, que representa uma mudança no meu modo de projetar e, principalmente, de desenvolver projetos, não surgiu sem mediação. Não surgiu como fórmula diferente, solicitada por novos projetos. Decorreu de um processo honesto e frio de revisão do meu trabalho de arquiteto. Realmente, depois que voltei da Europa, após haver — atento aos assuntos do ofício — viajado de Lisboa a Moscou, muito mudou a minha atitude profissional. Até aquela época, costumava considerar a arquitetura brasileira, apesar de suas qualidades inegáveis, com certas reservas. Acreditava, que sem uma justa distribuição da riqueza (...) o seu lastro social estaria sacrificado e a nossa atuação de arquitetos relegada apenas a atender aos caprichos das classes abastadas (...).*

ele tenha contado com os cálculos de um poeta/engenheiro como é o caso do nosso Joaquim Cardozo. Para Cardozo, não existe contradição entre a poesia e a arquitetura. E Brasília foi o seu maior poema!¹⁹⁸ Essa é a questão: contrabalançar o materialismo e a mecanização das coisas com a necessidade de procurarmos apoio moral nas obras da natureza¹⁹⁹. A forma influencia o conteúdo. O ambiente influencia a personalidade. É precisamente desse princípio coordenador que necessitamos²⁰⁰. A tarefa da nossa geração consiste em resolver o desequilíbrio entre o atraso econômico-social e o progresso da técnica. Por isso, a arquitetura é a expressão da nossa época! Trata-se de um humanismo de dimensões cósmicas: o cliente do arquiteto contemporâneo é a sociedade²⁰¹.

JACOB — Sei... Se o humanismo foi a razão de ser de Brasília para Niemeyer, posso lhe garantir que para JK ela se deve mais à vaidade e à fama. Não creio que num país como o Brasil, cheio de problemas, a construção de uma nova capital fosse prioridade. Há outros assuntos muito mais urgentes²⁰². E diz-se que Brasília é uma cidade tão planejada, mas o que há de deputados protestando por falta de móveis no apartamento — ou mesmo de apartamento —, e elevadores que não funcionam, não está no gibi. Alguns repórteres estão caçoando muito dos deputados que estão protestando. Há quem ache pouco patriótica essa exigência de conforto, enquanto o candango, o homem rude, construtor de Brasília etc. etc. Pois eu acho que os deputados que se queixam têm razão. Não havia, afinal de contas, nenhum motivo sagrado para a mudança ser feita no dia 21 de abril; porque não se adiou a festa, vamos dizer, para o dia 7 de setembro? Porque exigir fraque ou casaca em festa ainda cercada de poeira ou lama? Quantos quilos dessa poeira não se vão juntar nos altos penteados das altas senhoras de vestido de baile? A meu ver não pode haver muita dignidade onde há tanta afobação; e tudo está ocorrendo num atropelo que fica entre o solene e o ridículo, o pomposo e o cafajeste²⁰³. Vocês sabiam que além da falta de luz, falta de condução e excesso de poeira, a água da nova capital é tão clorada que causa distúrbios intestinais nos visitantes? E em geral distúrbios muito dolorosos.

¹⁹⁸ CARDOZO in MORAES NETO, 1983: 138/139. Entrevista realizado no Recife em agosto de 1977.

¹⁹⁹ **Revistas Acrópole**, N° 240, Outubro de 1958.

²⁰⁰ **Revista Acrópole**, N° 231, boletim mensal N° 47 do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Janeiro de 1958.

²⁰¹ **Revista Acrópole**, N° 232, fevereiro de 1958. Tese apresentada por ocasião do III Congresso Internacional de Arquitetos acerca da posição social a ser assumida pelos adeptos dessa profissão.

²⁰² **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 04. “Brasília”, Aníbal Fernandes.

²⁰³ **Diário da Noite**, 29 de abril de 1969. “Até Amanhã”, Rubem Braga.

Agora realmente é uma cidade democrática: desses males não têm escapado ministros, senadores, deputados e funcionários que, no dia seguinte após a sua chegada, estão sempre à procura de chá de erva doce ou de vacinas²⁰⁴.

AIRÔN — O Sr. **Josué de Castro** fez declarações entusiásticas sobre Brasília estando com os mesmos problemas dos seus colegas²⁰⁵. O que são móveis diante do que verdadeiramente importa? Por que vocês não observam o que disseram outros políticos? **Pelópidas** acha que a nova capital representa um marco histórico da nossa atual política de desenvolvimento e do impulso de emancipação nacional²⁰⁶. Para **Arraes**, nenhuma solução corresponde melhor ao anseio de unidade nacional do povo brasileiro. Vocês não estão percebendo que Brasília representa a nossa capacidade construtiva e abre ao país perspectivas novas de projeção e prestígio entre as outras nações do mundo!²⁰⁷

Airôn acende seu terceiro cigarro e aponta na direção de **Jacob** — Você diz que os candangos nada têm a ver com Brasília, mas parece estar fazendo questão de ignorar que uma multidão incalculável, de todas as condições sociais, encontra-se lá, desde ontem, concentrada na Praça dos Três Poderes — carroças ao lado de automóveis. Num espetáculo inédito no Brasil, centenas de carros reboques, iguais àqueles que aparecem nos filmes de Hollywood, invadiram a cidade, formando acampamentos — seus ocupantes festejando alegremente a criação da nova capital federal. Desde as primeiras horas da noite de ontem, populares entusiasmados, cantavam e dançavam, enquanto armavam seus acampamentos para passar a noite histórica e aguardar a chegada da aurora de 21 de abril de 1960. E vocês sabem por quê? Porque uma cidade se faz com cálculos — **Airôn** diz enquanto bate com a mão livre em seu desenho sobre a prancheta enquanto a outra segura cigarro e cinzeiro — mas também com mitos. A humanidade faz a cidade com suas catedrais, seus quartéis, museus, galerias e mercados, seus hospitais, cinemas e necrópoles, com seus loucos e seus falsários...²⁰⁸. E a tarefa do planejador é apreender a paisagem, é analisar os fatores econômicos e sociais, e utilizar a **técnica** em seu **papel cultural**: na preservação

²⁰⁴ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 05. “Brasília não dormiu ontem: milhares de pessoas aguardam na rua a inauguração”.

²⁰⁵ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 09.

²⁰⁶ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 03. “Brasília, marco do desenvolvimento do país: repercute no estado a inauguração”.

²⁰⁷ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 03. “Brasília, marco do desenvolvimento do país: repercute no estado a inauguração”.

²⁰⁸ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960. Poesia de César Leal.

ambiental, no desenvolvimento social, na proteção à história²⁰⁹. Como diria um poeta, até o ouro dos homens, ao associar-se a uma realização coletiva, adquire as mais ativas virtudes do espírito²¹⁰.

JACOB — Virtudes do Espírito, não é? Vou me lembrar disso na hora de pagar o seu salário.

ISAAC — Então vamos associar o nosso precioso metal a uma realização coletiva no **Ofir**, na Rua da Aurora? Há um conhecido nosso que eu gostaria que você nos ajudasse a ciceronear, **Airôn**, pois, entre outras coisas, temos um compromisso no final do dia que nos impede de dar a ele a devida atenção. Trata-se de um jornalista que veio ao Brasil conhecer a nova capital — e já o fez antes da inauguração. Agora se encontra aqui no Recife. Nós vamos pegá-lo na Sorveteria Guemba e levá-lo no **Ofir**. Vamos conosco? Além do mais, você anda precisando ouvir uns conselhos de quem tem mais experiência! Aonde já se viu: um bocó aspirante a comunista depois de tudo o que a imprensa já denunciou acerca das tantas monstruosidades e da dureza da repressão soviética...²¹¹

AIRÔN — Os jovens sabem que é próprio dos velhos darem bons conselhos quando já não podem dar maus exemplos. É que a virtude não é deles: é da natureza²¹². O que não é o caso em questão, pois, sem sombra de dúvida, de nós dois é sua natureza cáustica quem dá maus exemplos. — **Airôn** ri. — Mas eu quero deixar claro que há um exagero na desestalinização da União Soviética²¹³. Não que eu queira desculpar o todo-poderoso chefe soviético de seus graves erros ou até de seus crimes. Só acho que foi o culto de Stálin o responsável pelo seu reverso: o ódio; e ambos são apreciações extremadas. Se o nome de Stálin, para a imprensa ocidental e para os soviéticos, com as devidas distinções, recorda um passado de erros e injustiças, até de crimes, eu quero ressaltar que para o resto do mundo ele continua a lembrar algumas das melhores páginas da resistência ao nazismo, como a Batalha de Moscou, a de Leningrado e, principalmente, a de Stalingrado, marco da virada do conflito mundial²¹⁴. O maior acontecimento político vivido por nossa geração foi a Segunda Guerra Mundial. Foi sob a bandeira do anticomunismo que Hitler chegou ao anti-

²⁰⁹ BALTAR, 2000: 32.

²¹⁰ VALÉRY, 1996: 173.

²¹¹ **Diário de Pernambuco**, 3 de janeiro de 1957, p.. “E agora, bocós?”, José Lins do Rego.

²¹² **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960, p. 04. Olívio Montenegro, “Folhas ao Vento XIX”.

²¹³ Airôn refere-se ao período desde o relatório de Krushev, no XX Congresso dos PCUS.

²¹⁴ CAVALCANTI, 1982: 245-248.

semitismo, de tabela²¹⁵. Foi a entrada da URSS na guerra que transformou um típico conflito mundial de interesses capitalistas contrariados numa ampla e generalizada guerra contra o nazi-facismo, pela Liberdade e pela Democracia. Lênin tinha razão quando dizia que em todas as guerras a vitória depende afinal do estado de espírito das massas que derramam seu sangue sobre os campos de batalha²¹⁶.

ISAAC — Você está enrolando porque sabe que os nossos viajantes à convite de Moscou enchiam a boca para falar da paz bucólica das fábricas felizes, do povo em festa, com bailados floridos. E agora todos nós sabemos que a dureza da repressão soviética não teve limites. Matou-se a valer, arrancaram-se crianças e velhos dos lares arrasados. Tudo isso com receita do Kremilin, com todos os aços e explosivos dos conquistadores. E os tais cavalheiros inocentes estão agora com o rabo entre as pernas²¹⁷. Você tem que se convencer que o mundo de hoje é americano não só pela sua riqueza, mas pelos ideais de seus grandes homens mortos. Há uma lição americana que há de vencer pela generosidade de condutores idealistas. Os americanos têm responsabilidades que não se confundem com as cotações da bolsa²¹⁸.

AIRÔN — O que eu sei é que tanto quanto a União Soviética, no plano internacional, o PCB, no plano interno, é o alvo preferido das forças obscurantistas na batalha de todos os dias da comunicação de massas. Desde sua fundação, o PCB vem lutando por colocar na pauta dos debates políticos uma série de questões do maior interesse para o nosso futuro, como nação e como povo. Cabe ao PCB a primazia de haver sido o primeiro partido político brasileiro a inscrever no seu programa e nas suas atividades a luta pela reforma agrária — **Airôn** numera com os dedos enquanto fala —, o direito de greve, a limitação da jornada de trabalho, o reforço da vida sindical pela unificação das entidades associativas, a supressão dos resquícios feudais na economia e nas relações de produção, a libertação da tutela estrangeira, o combate a todas as formas de contenção da liberdade de pensamento, o voto livre e soberano, a luta contra a guerra, a busca de raízes populares como fonte de inspiração da criação artística, a defesa do índio, o divórcio, a nacionalização dos

²¹⁵ CAVALCANTI, 1982: 298.

²¹⁶ CAVALCANTI, 1982: 308/309.

²¹⁷ **Diário de Pernambuco**, 3 de janeiro de 1957, p.. “E agora, bocós?”, José Lins do Rego.

²¹⁸ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1957, p. 04. “Homens Coisas e Letras — A paz do ocidente”. José Lins do Rego.

nossos recursos naturais, o monopólio estatal do petróleo, as franquias democráticas, o anti-semitismo e, afinal, a conquista do socialismo²¹⁹.

Contudo, **Airôn** ri: “Mas, claro. Vamos, sim ao Ofir. Eu terei prazer em conhecer esse jornalista que esteve pessoalmente em Brasília. Além do que, eu não vou perder um almoço pago por vocês!”. — Guarda o desenho, desdobra as mangas da camisa, coloca o paletó, endireita a gravata e segue com os donos do escritório onde trabalha. Eles descem na Guararapes, atravessam a Ponte Duarte Coelho e dobram na Rua da Aurora. Encontram o jornalista na calçada, sentado nas mesinhas da sorveteria Guemba e todos seguem juntos para o restaurante Ofir, onde, hoje, estão servindo rins ao molho de cerveja²²⁰.

2.3. RINS AO MOLHO DE CERVEJA NO OFIR DA RUA DA AURORA

Eles chegam ao Ofir, na Rua da Aurora. Abancam-se na massa das gaitadas e do ruído de garrafas e talheres; nos aromas dos guisados e dos assados; na fumaça e no cheiro da cerveja. Um deles grita pela garçonete e eles esperam, abancados. Sem demora, ela chega²²¹. Eles pedem o almoço: rins ao molho de cerveja²²² — escolha do visitante, aparentemente um *connaisseur* em vísceras. De entrada, uma sopa para dar sustança. E não tiveram que esperar muito para tragar o cálice d’Ela, engolindo o cuspe grosso e batendo com exagero na caixa dos peitos, a mão espalmada. Antes, um bocado para o santo. O mais velho avisou, paternal, ao homem de fora:

Jacob — Jogue um pouco sobre os talheres.

Jornalista — Isso é outro tipo de sortilégio local?

Jacob — Não, é que um professor da Universidade, no início do mês, escolheu um grupo de dez restaurantes do Recife, alguns ditos de primeira classe, e ao submeter pratos, garfos e facas limpos a exames de laboratório constatou a presença de germes de tuberculose, difteria e disenteria, entre outros²²³.

O **jornalista**, olhando entre desconfiado e desanimado para os seus talheres, diz: “Mas o que você está relatando é muito grave. Agentes de doenças que podem matar presentes na louça e talheres de restaurantes, inclusive, de primeira classe!”

²¹⁹ CAVALCANTI, 1982: 311.

²²⁰ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960. Coluna “Prato do dia”. P. 07.

²²¹ HERMILO, 1976: 75.

²²² **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 07. Coluna “O Prato do Dia” — com indicações para o os Bairros de Santo Antônio, Boa Vista e Boa Viagem.

²²³ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. “Quebrar os pratos”.

Airôn — E se isso ocorre em casas abertas ao público no centro da cidade, avalie o que não acontece nessas espeluncas de servir cachorro quente e sarapatel, instaladas em quase tudo quanto é beco de esquina. É por esse motivo que os antibióticos e outras terapêuticas modernas são insuficientes para conter as doenças infecto-contagiosas²²⁴. Há menos de três anos atrás, em outubro de 57, a **gripe asiática**, com o vírus **A-Singapura**, depois de correr meio mundo, chegou ao Brasil a bordo de um luxuoso pacote, contaminando de início apenas uma freira e cinco alunas de um colégio, no Rosarinho. Mas, imediatamente, a moléstia tomou conta da população da capital, tendo atingido durante o período da sua incidência — mais de um mês — por volta de 290 mil pessoas, com cerca de 250 óbitos²²⁵.

- E somente agora é que está sendo concluído o novo **código de higiene** do Estado. — continua **Airôn** — Ele vem sendo elaborado pelo Departamento de Saúde Pública, cujo secretário é Bertoldo Kruse, e modificará radicalmente os velhos processos de vistoria e fiscalização dos alimentos. O código atual foi elaborado em 1923, há 37 anos! Hoje existem novos métodos profiláticos que devem ser levados em consideração²²⁶.

Isaac — Você tome outra lapada de pinga com limão, que previne contra tudo — Ele anima o jornalista enquanto vai chamando a garçonete: — Traga mais uma rodada e umas rodela de limão!

Jornalista — E o que pretendem fazer os agentes sanitários além de estimular o consumo de cachaça com limão?

Isaac — Ah, até agora, nós temos uma **polícia sanitária** muito original. Lá, uma vez ou outra, ela aparece e faz um reboiço no setor de restaurantes, denuncia cozinhas ligadas a mictórios, panelas imundas, sebo na manteiga, ovos podres nos omeletes e no bife à cavalo. Mas nenhuma providência efetiva é associada à denúncia. Surgem os apadrinhamentos e tudo fica do mesmo jeito. O dilema é eliminá-los — os germes e não os agentes sanitários — ou permitir o envenenamento coletivo²²⁷.

Airôn — É... Os progressos na luta contra as doenças infecciosas têm permitido a sobrevivência de um número cada vez maior de pessoas. Por outro lado, essa complexidade crescente da vida moderna, numa sociedade dominada pelos valores

²²⁴ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. “Quebrar os pratos”.

²²⁵ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1958. Última página. “Os dez mais”.

²²⁶ **Diário de Pernambuco**, 26 de abril de 1960, p. 03. “Quase concluído o novo código de higiene do Estado”.

²²⁷ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. “Quebrar os pratos”.

da técnica e esquecida das medidas verdadeiras do homem, cria oportunidades sempre mais freqüentes de **stress** físico e emocional, capaz de pôr em risco o **equilíbrio** psíquico de qualquer pessoa.

Jacob — Como você pode ver, o nosso humor é um tipo de sortilégio local.

Airôn — Mas estou falando sério. Nós estamos falando de saúde, mas qual tem sido o papel desempenhado pela **técnica** na psicologia do homem até agora? Apesar dos avanços, a humanidade não foi capaz de dominar completamente a utilização da técnica em **benefício geral**²²⁸. Se não retomarmos a humanidade como medida, o resultado será sempre o **desequilíbrio**. Não por acaso, 1960 está sendo considerado o ano da **Saúde Mental**. No início de abril, começaram as festividades comemorativas. Professores universitários discutiram acerca das **neuroses** da vida moderna — com objetivo de trazer à compreensão do grande público os mais sérios problemas de saúde pública da atualidade: o aumento progressivo de **distúrbios mentais** de todos os tipos²²⁹. Equilíbrio — é o que nós precisamos buscar. E este equilíbrio está relacionado com o retorno da medida do humano.

Enquanto conversavam, chegou a sopa fumegante, rica, grossa, a gordura boiando, a verdura colorindo, o osso apontando, o osso da sustança já sem tutano, derretido. Airôn sorveu as primeiras colheradas com os olhos rasos d'água de satisfação, parou para respirar, o suor correndo pela testa vermelha, com a ponta dos dedos apanhou o osso, ergueu-o à altura dos olhos, viu-o: era um osso amarelado com uma dobradura para o canto direito se virando para a direita; a dobradura indo para a esquerda se virando para esquerda; viu-o, largou-o na sopa, não boiou mais, foi ficando cada vez mais só no prato, até que não havia mais sopa, ficou só²³⁰.

Airôn — Eu acho que daqui a três dias a gente pode reconhecer este osso na próxima sopa. Vou tratar de voltar aqui e, mais ainda, vou prestar atenção à sopa dos outros, olhando os ossos de prato em prato, ora nesse, ora naquele. Nós podemos até acompanhar a vida do osso pela cidade: na sopa, no chambaril, no cozido, na mão-de-vaca. Na cozinha do prefeito, no boteco, na cozinha do padre. Fingindo ser rico, mas sem mais sustança²³¹.

²²⁸ BALTAR, 2000: 16/17.

²²⁹ **Diário de Pernambuco**, 3 de abril de 1960, p. 14. “Pernambuco na cruzada pela preservação da saúde mental”.

²³⁰ HERMILO, 1976: 75.

²³¹ HERMILO, 1976: 76.

Puxou o canivete e gravou, na lasca do osso, um VV que para ele significava vai-e-volta; e comeu tudo sem a menor indisposição, até achando graça na picardia, sem o osso rico dando uma de guaxumé, na sopa sem guaxumé, levado em pouco pela garçonete. Chega o prato de rins ao molho de cerveja, acompanhado de pimenta-malagueta-se-não-suar-não-paga e mais cerveja. Nesse mundo mergulharam eles sem se preocupar com problema algum. O jornalista suficientemente concentrado na comida para deixar de lado sua desconfiança na louça pouco católica. Afora o que — de acordo com os amigos — nada que uma lapada com limão não cure. **Airôn**, que deixado há mais de um ano de ser beberrão, bebe, social e comedidamente, um copo de cerveja: hoje é feriado nacional em homenagem a Brasília! É um dia especial!

Já satisfeitos, o jornalista quer saber a quantas andam as questões locais. **Airôn** demonstra-se animado: para ele, o país se encaminha na trilha da revolução pelo voto; pois uma situação política que dominou 20 anos foi substituída por outra pura e exclusivamente pela vontade popular expressa através do sufrágio universal²³². Visão que é compartilhada por seus companheiros de mesa, para quem se esta não é a melhor e mais amena era do Brasil, é, contudo, a mais democrática e a mais humana; pois há um arejamento de liberdade que sopra pelo Brasil inteiro: ninguém é exilado, perseguido, perturbado na sua vida, seja branco ou preto, católico ou protestante, neo-facista ou liberal ou comunista.

Airôn — Estamos demolindo uma situação política de tendência oligárquica pelo voto. E em Pernambuco, onde as agitações político-partidárias sempre foram violentas! Tenho falado mal da Revolução de 30 pelos seus insucessos, em todos os ramos, mas a justiça eleitoral está destinada a assegurar em toda a parte a revolução pelo voto. E essa foi uma boa conquista²³³. Está passando o tempo da *Sorbonne* da Rua da Aurora — a delegacia política que empastelava jornais, prendia gráficos, estudantes e cujos chefes de polícia podiam ser encontrados fornicando depois de haver lido os anúncios e a seção fúnebre dos jornais, pois para eles não devia haver nada mais sacana e próprio para levantar que as notícias reveladoras dos mais íntimos segredos da humanidade despojada na morte e na moradia. Coisa de muito na base do sutil porque não se entende muito bem onde está a sacanagem, mas cada um se excita da maneira que melhor lhe convém²³⁴. Essa história de justiça,

²³² **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1959, p. 04. Editorial: “Ano Velho e Ano Novo”.

²³³ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1959, p. 04. Aníbal Fernandes, “Considerações Sobre o Ano que Passou”.

²³⁴ HERMILO, 1975: 19.

igualdade, liberdade, fraternidade... Tudo isto para eles eram metáforas e eles só lidavam com metástases²³⁵. Nas mãos deles, Zumba Dentão — um popular analfabeto bolchevista — virou Zumba-sem-Dente. Zumba Dentão foi um dos primeiros populares a se preocupar com os operários da **Great Western** e os trabalhadores do eito. Ele fez o seu primeiro comício trepado num caixão de **Querosene Jacaré**, e juntou foi gente²³⁶. Só que o Gerente da **The Great Western of Brazil Railway Company Limited**, fumando o seu cachimbo, tomava uma talagada, com aguarrás e alcatrão, pegava todos esses políticos e altos funcionários do Estado num punhado, botava num caldeirão, mexia bem mexido, e comia com pirão²³⁷. E Zumba Dentão comeu muita cadeia, maus tratos, e assim perdeu o apelido para ganhar outro, pois, a bruto, arrancaram-lhe o dentão, na ânsia de arrancarem-lhe também uma confissão sem que confissão houvesse a fazer, e passou a chamar-se Zumba-sem-Dente da noite pro dia²³⁸.

Jacob — Bom, é certo que sempre será difícil governar um Estado pobre como Pernambuco, onde os problemas são muitos e os recursos são minguados. Além do que, as coisas são agravadas por um sistema democrático excessivamente caro e sob o signo da demagogia — com os gastos astronômicos com o funcionalismo eleitoralista; com o desregramento legislativo; com a falta de senso comum de assembléias e câmaras, formadas sem o devido critério seletivo, e ainda crentes de que a política é a arte de servir-se e não de servir. Tudo isso ainda são tremendos obstáculos a vencer. Contudo, o principal é vencer a miséria e criar fontes de riqueza onde só há desolação e ranger de dentes²³⁹. Nesse sentido, a eleição de Cid Sampaio, em 3 de outubro de 1958, alterou os quadros do governo; e deu chance a novas figuras ainda não gastas pelo poder.

Jornalista — O rotativismo, certamente, é uma boa fórmula democrática.

Jacob — E nós andamos por aqui tão escarmentados de políticos e por políticos. — ao contrário do bem público e do interesse público, que quando se diz: Fulano é um político, logo se conclui: Fulano é um aproveitador. Mas há agora uma geração de rapazes estudiosos que não são políticos, são homens públicos que servem ao país,

²³⁵ HERMILO, 1975: 70.

²³⁶ HERMILO, 1975: 45.

²³⁷ HERMILO, 1975: 25.

²³⁸ HERMILO, 1975: 43.

²³⁹ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1959, p. 04. Aníbal Fernandes, “Considerações Sobre o Ano que Passou”.

cada qual no seu ramo²⁴⁰. Durante anos a fio os coronéis tiveram poderes ilimitados: casando e batizando, mandando e desmandando; e o que fizeram, porém, no interesse coletivo? Muito pouco ou quase nada. Toda sua política, em regra, consistia em nomear e amparar a parentela; em remover funcionários que se lhes não curvassem à vontade soberana, dominar a justiça, o fisco, o ensino, e, sobretudo, a polícia. Os cargos públicos locais eram distribuídos entre a família. O signo era de “Mateus, primeiro os teus”. Quase nunca fazendo valer seu prestígio em favor de obra de interesse coletivo — uma estrada, uma ponte, um hospital, uma escola. Daí porque estamos assistindo à substituição lenta e progressiva desses fantasmas por afirmações de valores novos que assinalam, antes de tudo, a reação contra esses processos superados e gastos. Hoje, eu tenho a impressão de que o coronel pode ajudar, mas não decide em definitivo uma eleição e muitos são batidos em suas próprias cidadelas. Há na política, hoje, uma verdadeira invasão de novos bárbaros²⁴¹.

Airôn observa a conversa. Às vezes, ele sente um incômodo difuso, como se sua postura beirasse a condescendência. Nesses momentos é como se ele conseguisse sair de si e observar a cena de fora: um observador ausente, passivo. Sente-se viscoso e imagina — de forma desconfortável — se por trás desse silêncio não há uma ponta de fraqueza. Contudo, ele tenta dissipar esse pensamento e convencer-se que essa é uma falsa questão de cunho pessoal. Afinal, ele não questiona ou duvida das posturas do partido. É que silenciar e balançar a cabeça, não se postar de forma mais firme, não assumir o confronto, causa-lhe uma certa náusea e uma sensação de frouxidão interna. Ele sente-se como um papel molhado, mole, que se desfaz aos pedaços. Para acalmar-se, Airôn busca sobrepujar suas incertas impressões pessoais pequeno-burguesas com as certezas comunitárias do Partido. Afinal, a vitória das Oposições Unidas, para o governo do Estado, representou o término do domínio pessedista. Isso não apenas pelo fato de os oposicionistas terem derrotado o PSD, mas, sobretudo, porque conseguiram reformar os quadros dirigentes de Pernambuco derrubando do poder o grupo político que dominava o Estado há mais de 20 anos.

E essa foi uma reviravolta sensacional imposta através da revolução pelo voto, graças à insatisfação popular, ao espírito de equipe que presidiu a campanha eleitoral da oposição, à campanha do TRE para escoimar o pleito de qualquer vestígio de fraude e à atuação do

²⁴⁰ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1957, p. 04. “O Secretário Apolítico” — Aníbal Fernandes.

²⁴¹ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. P. 04. “Crise Também, das Chefias Locais — o povo começa a abandonar os que cuidavam de si mesmos — Uma nova invasão de bárbaros”.

Exército garantindo, pela primeira vez, a liberdade do pleito²⁴². Não se pode dizer ainda que foi o fim do coronelismo, mas certamente, o coronelismo está entrando em lenta agonia; ele caminha para figurar como aquelas saudosas coisas do passado: as serenatas, as cavalhadas, os circos de cavalinho, as santas missões, os lobisomens, o caixeiro viajante, entrudo, zabumba, os cantadores, os valentões... As novas condições sociais e políticas do país estão espavorindo o coronel que, ou se renova, mudando de rumos, ou desaparece. São muitas mudanças: as facilidades de intercomunicação, as estradas, o avião, o rádio, a imprensa, o voto secreto, a justiça eleitoral. As velhas chefias locais estão caindo de podres, como jenipapos maduros que se espapaçam no chão, e o povo começa a sentir o malogro de sua antiga direção onipotente²⁴³. Ainda sonilundo e pensando sobre tudo isso, Airôn diz em voz alta:

Airôn — O que nosso amigo aqui chama de **novos bárbaros** são, na verdade, elementos saídos do povo, da massa, o povo lutando para tomar lugar na direção da política. Já não se pode dizer que no Brasil não existe povo. Começa a haver. E começa a conduzir-se em termo de fazer valer a sua vontade. Há, latente, uma ânsia de mudar, de arriscar no futuro, buscando-se algo novo. Tendo sido enganado a vida toda, o povo começa agora a reclamar fatos positivos, não se contentando mais com promessas ou sonhos. A grande revolução que se está operando no país é esta: o que antes não atuava começa a agir e pesar na vida política²⁴⁴.

O **jornalista** mostra uma certa curiosidade em relação às coligações políticas que foram feitas, em Pernambuco, entre as classes produtoras e classe trabalhadora, ou melhor, entre o partido das classes produtoras e os partidos de esquerda. Ele pontua que, aparentemente, o ponto em comum entre seus discursos é a tônica entre os homens públicos e bens públicos, o desenvolvimento político e econômico do Estado, e da Região Nordeste, ou do Povo Brasileiro, como no caso de Brasília — a nova capital do Brasil.

Jacob — O que acontece é que, apercebidos dos problemas do Estado, nós — profissionais liberais, industriais, comerciantes, agricultores, e trabalhadores —, chegamos à conclusão de que devemos, unidos, nos determinar obstinadamente a recuperar Pernambuco. Nós estamos num momento histórico em que os

²⁴² **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1959. Última Página. “Os dez fatos de mais intensa repercussão em Pernambuco, no ano que ontem findou”.

²⁴³ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. “Crise Também, das Chefias Locais — o povo começa a abandonar os que cuidavam de si mesmos — Uma nova invasão de bárbaros”.

²⁴⁴ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. “Crise Também, das Chefias Locais — o povo começa a abandonar os que cuidavam de si mesmos — Uma nova invasão de bárbaros”.

pernambucanos devem congrega-se num movimento com o fim de estudar profundamente os nossos problemas e buscar soluções adequadas, justas, equânimes e traçar planos exeqüíveis que, postos em prática, satisfaçam as aspirações da **comunidade** — ela é quem deve ser a expressão da vontade consciente de todo o povo; e suas necessidades devem se sobrepor aos interesses de indivíduos e de grupos²⁴⁵.

Nós temos que tomar pé, tomar conhecimento — ele retoma depois de dar um grande gole em sua cerveja — e debelar os nossos problemas. Além da produtividade agrícola em nosso Estado ser prejudicada pela pobreza do solo e condições climáticas desfavoráveis, o que temos assistido é o eixo político conduzir a questão econômica para o sul, proporcionando um desequilíbrio que cada dia mais acentua as diferenças de possibilidades das diversas regiões. Quando o governo federal emite e financia novas indústrias para propiciar o desenvolvimento econômico do país, sacrificando uma geração inteira com um surto inflacionário só comparável ao da China em 1949, e quando se observa que todo esse desenvolvimento se processa em apenas meia dúzia de Estados, não há dúvidas de que fica comprometido não só o presente, mas o futuro de toda uma região. Assim, o Brasil do Sul terá amanhã suas indústrias, fabricará os seus tratores, automóveis, locomotivas, plásticos, refinarias de petróleo, laminados de aço, motores diesel, enquanto o Nordeste para processar suas trocas com os outros estados, não terá nem mesmo o açúcar. Certamente, não é se entregando às disputas e pequenas vantagens individuais, mas com visão ampla dos problemas da comunidade, que os homens superam o estágio do subdesenvolvimento. Não será por altruísmo que se irá processar a uniformidade desse desenvolvimento. Isso terá que ser arrancado à pulso político. Por esse motivo, a Região e o Estado exigiram do governo federal uma programação que proporcionasse, a Pernambuco, verbas na paridade do que recebem outras unidades melhor aquinhoadas, caso contrário, assistiríamos ao crescimento progressivo de nossa miséria, ao mesmo tempo em que se constroem obras suntuosas como Brasília, que na realidade não condicionam nem alteram a situação econômica de Pernambuco ou do Nordeste²⁴⁶. E esse deve ser o papel da SUDENE: exigir no cenário nacional

²⁴⁵ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1957, p. 03. “Mensagem de ano novo ao povo pernambucano”. — declarações de Cid Sampaio.

²⁴⁶ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1958, p. 03. “Pernambuco precisa fazer das aspirações do seu povo o programa do seu governo”. — declarações de Cid Sampaio.

um planejamento que assegure a possibilidade de progresso equivalente às das outras regiões.

Airôn sabe muito bem que o projeto do Plano Diretor da SUDENE, em vias de finalização neste mês de abril²⁴⁷, tem criado uma grande expectativa entre os governadores que ainda têm pela frente mais da metade de seus mandatos, por causa da massa de obras que prevê e por sua abrangência²⁴⁸. No final dos anos 50, começou a fazer parte do discurso político dos líderes da Região Nordeste a opinião de que a industrialização nacional estava sendo utilizada em benefício de certas regiões com sacrifício de outras²⁴⁹. Os governadores, dessa forma, falavam a linguagem desenvolvimentista do governo JK, contudo dando mais acento ao social e dirigindo-se contra o próprio JK²⁵⁰. Brasília, nesse sentido, abria margem a dois discursos: ao mesmo tempo em que simbolizava o desafio de mudar o destino do Brasil, abrindo-lhe novos horizontes, representava também um escoadouro de investimentos públicos — com a redução dos investimentos sociais, baixa de salários reais, maior pressão inflacionária, acumulação da dívida externa. O discurso *regionalista* oficial no Congresso Nacional era de que o Nordeste era uma região preterida, vítima da política de tudo-para-Brasília.

O caso é que a política federal protecionista do desenvolvimento industrial nacional obrigava o Nordeste a se abastecer com compras no centro-sul, onde os preços haviam triplicado em relação às importações no exterior²⁵¹. Dessa forma, no Nordeste, o quadro inflacionário era ainda mais severo do que no restante do país. Afora que o pouco dinheiro disponível para ser aplicado na região estava comprometido com obras no gênero da barragem de Orós — destruída pelas cheias — ou em trabalhos emergenciais improvisados para dar assistência à população flagelada pela seca. Ou seja, os investimentos públicos no Nordeste dissolviam-se em obras assistenciais pouco contribuindo para criar capacidade

²⁴⁷ **Diário de Pernambuco**, 23 de abril de 1960, p. 09 pós-esportes. “Plano da SUDENE em vias de conclusão: técnicos trabalham dia e noite”: *O Superintendente e a secretaria executiva da SUDENE estão trabalhando, dia e noite, para concluir, até fins do corrente mês, o ‘Plano Diretor’ que será submetido à próxima reunião do Conselho Deliberativo — integrado pelos nove governadores do Nordeste e representantes ministeriais e de organizações oficiais de crédito — marcada para 04 de maio, no Recife. O ‘Plano’ contém um estudo particular sobre a estrutura econômica regional e um orçamento discriminativo dos principais investimentos federais que a SUDENE pretende realizar, no Nordeste, a partir de 1961, quando efetivamente começará a ser aplicado. Depois de ser examinado pelo Conselho (possivelmente em duas reuniões sucessivas), o ‘Plano Diretor’ será remetido ao Presidente da República que, logo, o encaminhará ao Congresso, em Brasília.*

²⁴⁸ FURTADO, 1989: 87.

²⁴⁹ FURTADO, 1989: 32.

²⁵⁰ FURTADO, 1989: 35.

²⁵¹ FURTADO, 1989: 54.

produtiva e de emprego²⁵². E os poucos recursos federais perdiam-se nos meandros da política local.

A vitória da oposição nas eleições para o governo estadual, em 1958, na Bahia e em Pernambuco, ao mesmo tempo em que demonstra o descontentamento popular, significa que as vagas do poder público são um instrumento de pressão por mais investimentos federais. A atividade política polariza-se em torno das disputas de verbas do governo federal aplicadas na região. Daí a valorização da representação parlamentar e o empenho dos congressistas da região nordeste em ocupar posições-chaves no parlamento nacional²⁵³. Apesar da vitória da Frente nas campanhas majoritárias, nos pleitos proporcionais ela não conseguiu ainda igual sucesso. Na Câmara Federal, o PSD até o último pleito, em 1958, manteve a maioria das vagas, apesar de perder pela primeira vez, em 20 anos, o governo do Estado. No Senado, desde a retomada do processo democrático, em 1945, apenas na última disputa, em 1958, é que as Oposições Unidas conseguiram desbancar o candidato do PSD, elegendo Antônio Barros de Carvalho apoiado pelo PTB, UDN e PSP. Sendo seu vice Antonio Baltar, do PSB²⁵⁴. Essa sanha pela representação parlamentar é porque através dela é que os recursos federais são concedidos ao poder público local. E são esses recursos que abrem portas a irregularidades que aparecem na grande imprensa nacional — sobretudo com as reportagens de Antonio Callado denunciando a **indústria da seca** no Nordeste. Callado demonstrou que existe no Nordeste uma classe social *sui generis*: os industriais da seca — uma classe que dispõe de importante bancada no Congresso Nacional.

Para **Airôn**, a SUDENE é, isto sim, fruto da grande vitória do Congresso de Salvação do Nordeste absorvido pelo governo federal que adota as suas principais resoluções como contribuição para o estudo dos problemas do setentrião brasileiro. A idéia do certame transforma-se em força levando o governo a abandonar uma postura de passividade quanto às questões que interessavam a uma enorme população de brasileiros, marcados pela tragédia do seu sofrimento²⁵⁵. O CSN exerceu enorme papel no enfoque das questões nordestinas, despertando consciências e levando o Governo Federal a movimentar-se no sentido de encará-las de maneira séria. Logo depois do CSN, os bispos da Igreja Católica se reuniram em Campina Grande, em certame semelhante, reivindicando tratamento

²⁵² FURTADO, 1989: 54.

²⁵³ FURTADO, 1989: 40.

²⁵⁴ Para este tema ver PANDOLFI, 1984.

²⁵⁵ CAVALCANTI, 1985: 69/70.

especial para a sofrida região brasileira. Outros encontros ocorreram em diversas regiões de Pernambuco — como os encontros de Salgueiro e de Garanhuns, debatendo as questões das secas e da situação econômica, entre outras. A Superintendência é o primeiro grande empreendimento oficial de supervisão e estudos dos problemas seculares da região nordestina, dentro de uma filosofia moderna de desenvolvimento englobado²⁵⁶. Para **Airôn**, a SUDENE é uma consequência das lutas da responsabilidade dos comunistas como vanguarda das lutas do povo brasileiro por sua independência.

Essa superintendência deverá liberar a aplicação dos recursos federais da politicagem local operando com transparência através da imprensa. Nada de improvisação e amadorismos: as proposições deverão basear-se em dados quantitativos e análises consistentes²⁵⁷. Ela deverá eleger um programa prioritário de obras: obras rodoviárias (para integrar o mercado regional), obras portuárias e investimento no setor energético. Bem como elaborar uma lei regulamentando o uso das águas e das terras nas bacias de irrigação beneficiárias do investimento público — visando atacar de frente a cidadela da indústria da seca —, além de fazer um mapeamento da área das secas para consequente delimitação das áreas de falsa seca de onde surgem gritos levianos de alarme. A SUDENE deverá, sobretudo, comprometer os governadores e colocá-los diante da alternativa de desgastar-se em face da opinião pública ou ter de se engajar no movimento reformista. Neste mês de abril, o Conselho Diretor da SUDENE tem como primeira tarefa armar o Plano Diretor com base no abundante material reunido que deverá encaminhar ao Congresso Nacional²⁵⁸.

Afora que, graças à crescente visibilidade e prestígio que a SUDENE obtém no exterior, aflui de todos os lados um potencial de ajuda externa. O governo japonês encarregou-se de instalar e equipar um centro de treinamento técnico para indústria têxtil, e a Fundação Ford nos concedeu quarenta bolsas de estudos, sobretudo para jovens técnicos que participem do submédio São Francisco e do programa de hidrogeologia. O desafio é como bem utilizar esse potencial das técnicas modernas. Para isso, seriam necessários bons técnicos e o levantamento feito por Celso Furtado acerca do desempenho das escolas superiores mantidas pelo governo federal deixou-o alarmado. A Universidade Rural, localizada nas proximidades do Recife, tem menos de dez alunos cursando o primeiro ano de agronomia. E a origem social dos agrônomos trabalhando na região para o governo federal, em sua totalidade, é de famílias de grandes proprietários de terras e coisas afins. E

²⁵⁶ CAVALCANTI, 1978: 235.

²⁵⁷ FURTADO, 1989: 56.

²⁵⁸ FURTADO, 1989: 82.

estes não são os agentes mais adequados para conceber e executar um programa de reforma agrária. Dentre os planos de mudar o Nordeste passa, então, a constar a organização de um programa de treinamento preparatório para o vestibular de agronomia que deverá recrutar alunos do interior entre jovens de origem modesta e conceder-lhes bolsas que, em seguida, serão mantidas, caso esses jovens ingressem nas escolas superiores. Esse programa possibilitará o contato com a população universitária e deverá despertar o interesse de mantê-la na região e integrá-la na luta em prol de sua modernização²⁵⁹. A opinião pública é entusiástica com a SUDENE.

Enquanto **Airôn** silencia, **Jacob** continua com seu discurso desenvolvimentista:

Jacob — A campanha de industrialização promovida pelo governador Cid Sampaio visa tornar Pernambuco um grande centro fabril. Essa foi a principal meta anunciada na sua campanha de candidato. O **bônus** **bs** foi uma idéia de Cid para desenvolver a industrialização no Estado. A lei que criou o adicional de 0,5% para a instalação da fábrica de **borracha sintética** somente entrou em plena vigência no começo deste ano. Sua importância vai ser decisiva para vida econômica e administrativa de Pernambuco — primeiro, porque Cid assumiu o governo com os cofres da fazenda praticamente vazios, a receita comprometida não só por uma despesa do funcionalismo quase absorvente de toda arrecadação e o vergonhoso testamento deixado por Cordeiro de Farias²⁶⁰. Segundo, porque o Recife é uma cidade superpovoadas, cheia de desempregados e com alto índice de delinquência. Varia entre 12 e 18 anos a idade de 80% dos assaltantes que infestam a capital, sobretudo a zona do centro²⁶¹. Impõe-se arrumar ocupação para tanta gente. Outro problema grande na cidade é o dos vendedores ambulantes. A prefeitura deixou que se formasse um **quisto** no Mercado do Cais de Santa Rita com a ocupação dos ambulantes: um **foco de imundície** e das mais descabeladas porcarias, onde não há **higiene** de espécie alguma e de onde se desprende o mais horrível mau-cheiro. E novos ambulantes surgem: há ambulantes na Pracinha, no Passo do Mercado, na Rua da Penha, em plena Rua Nova! O financiamento da **Fábrica de Borracha Sintética** deverá ajudar uma cidade como a nossa. A criação de novas fábricas melhoraria as coisas, porque daria trabalho para toda essa leva de desempregados atraída para a

²⁵⁹ FURTADO, 1989: 86.

²⁶⁰ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1961, (sem paginação — antecede a página 03 e sucede a página 13 pós-esportes. O mesmo formato de última página). “A vitória de JQ no Recife o maior acontecimento de 1960 em Pernambuco”.

²⁶¹ **Diário de Pernambuco**, 1 de abril de 1960, p. 04. “Campanha sem tréguas”.

capital. Não se pode negar que há um interesse acentuado de enveredar Pernambuco por um novo rumo, não somente por parte do governo, mas dos particulares²⁶². E os consumidores têm respondido ao apelo do governo participando da fiscalização das rendas ao exigir os bônus em todas as compras. O primeiro posto de troca de cautelas foi instalado em 10 de fevereiro deste ano, na Rua Diário de Pernambuco, e teve um intenso movimento. É claro que a receita do adicional de 0,5% quase nada significa se comparada ao grande aumento que acarretou na arrecadação de todos os tributos beneficiando inclusive as Prefeituras²⁶³. O próprio presidente JK, em conferência que manteve com Cid Sampaio, revelou que não cogita de proibir os sorteios dos **Bônus BS** porque vê como positiva a instalação da fábrica de Borracha Sintética e a importância que ela assume para a economia nacional²⁶⁴.

Airôn permanece sem tugar nem mugir e guarda seus pensamentos para si. Para ele, a burguesia utiliza-se do discurso da consignada **industrialização** apenas para aumentar seus ganhos, nas águas das isenções e de outras medidas incentivadoras da **economia regional**. A esse expediente o poeta **Carlos Pena Filho** chama de “indústria da industrialização”, satirizando, lá pelas bandas do bar Savoy, o “nacionalismo” de empresários que, antes de tudo, vêm de perto os seus interesses imediatistas, mais que os do Estado. Em 58, na briga das classes produtoras contra o novo código tributário proposto pelo governo de Cordeiro de Farias, elas capitalizaram prestígio entre o povo, aparecendo como guardiãs da economia do Estado contra o avanço das multinacionais, na batalha em que se procurava distinguir o que era produto similar ou não, para efeitos de permitir, por exceção, a entrada de mercadorias estrangeiras no mercado consumidor interno. Mas, no fundo, **Airôn** achava que os comerciantes e industriais não se sensibilizavam com a elevação desmesurada dos tributos, cujos índices de majoração eles tranqüilamente repassavam para o consumidor. O que lhes inquietava eram os instrumentos de fiscalização, o poder que o erário dava ao inspetor de rendas — candidato não reeleito do PSD — para manusear os livros da escrita contábil, apurando os fabulosos lucros em cima do povo²⁶⁵.

²⁶² **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960, p. 04. Aníbal Fernandes, “Enfim, o aval”.

²⁶³ **Diário de Pernambuco**, 1 de janeiro de 1961, (sem paginação — antecede a página 03 e sucede a página 13 pós-esportes. O mesmo formato de última página). “A vitória de JQ no Recife o maior acontecimento de 1960 em Pernambuco”.

²⁶⁴ **Diário de Pernambuco**, 12 de abril de 1960, p. 03.

²⁶⁵ CAVALCANTI, 1985: 189.

Para **Airôn**, as aclamadas **classes produtoras** nada mais são do que a burguesia vacilante do Nordeste. A diferença é que, pela primeira vez, a burguesia urbana, organizada no Centro das Indústrias de Pernambuco e nos outros órgãos de defesa dos interesses de classe, buscou o poder político. A indústria da industrialização despertou o apetite dos capitalistas para a política em causa própria através de reivindicações eminentemente políticas, da conquista dos postos de direção para si mesmos. Sua proclamação pelo Tribunal Regional eleitoral transformou-se numa gigantesca festa popular, o Carnaval da Vitória, o delírio tomando conta das ruas do Recife. Mas pouco tempo depois seu prestígio começava a declinar. Seus métodos de ação, à frente do governo, repetem, monotonamente, os mesmos postos em prática pelo PSD, ao longo de seu reinado. Já nos primeiros meses de mandato, ninguém tinha mais dúvida de que o industrial Cid Sampaio repetiria os vícios do velho pessedismo²⁶⁶. O acordo do PC com as classes produtoras em torno da escolha de Cid Sampaio para governador do Estado, diz respeito apenas, numa visão de futuro, à manutenção das forças populares e de esquerda que devem permanecer coesas em Pernambuco. A unidade com a burguesia não lhe parecia duradoura e visava, tão somente, à fruição do poder. Poucos da classe produtora se interessavam pela consolidação da democracia e pelo real desenvolvimento da Região Nordeste — metas do programa mínimo eleitoral²⁶⁷.

Acontece que, num clima estável de governo, com os poderes da República funcionando livre e normalmente, sem iminentes ameaças à ilegalidade, a manutenção da unidade da Frente do Recife deve ter preferência sobre a eventual coligação com os comerciantes e industriais de Pernambuco, a maioria deles com sua força econômica fundada no latifúndio e, conseqüentemente, na pior ideologia da reação. O próprio Cid Sampaio, por ser usineiro, aglutina em torno de si a fina flor da aristocracia canavieira, os barões feudais do açúcar, além dos mais retrógrados dirigentes da Associação Comercial de Pernambuco²⁶⁸. Não, certamente **Airôn** não tem a menor ilusão quanto às Oposições Unidas. Mas o Partido tem experiência no trabalho de ligações com as massas, especialmente com aliados não esquerdistas, testada em memoráveis campanhas de “**Frente Única**”, desde 1945, passando pelo “Petróleo é Nosso” e outras jornadas cívicas e democráticas como a da guerra contra o fascismo, a da anistia aos presos e perseguidos políticos do Estado Novo, da Assembléia Nacional Constituinte, a Campanha pela Paz,

²⁶⁶ CAVALCANTI, 1980: 189.

²⁶⁷ CAVALCANTI, 1982: 186/187.

²⁶⁸ CAVALCANTI, 1982: 186/187.

tendendo ainda hoje a buscar contatos com líderes e adeptos de outras correntes e reforço político em velhos aliados das lutas democráticas de outrora²⁶⁹.

O problema atual da gestão de Miguel Arraes, à frente da Prefeitura, há tão pouco tempo, é que sua campanha eleitoral foi mais longe do que o ideário demarcado pelo Congresso de Salvação do Nordeste, cujas teses e resoluções haviam embasado o programa do primeiro governo da Frente do Recife²⁷⁰. A radicalização de setores do Partido Socialista Brasileiro, em Pernambuco, com Francisco Julião à frente, de acordo com a avaliação do Partido, transfere para o conjunto das forças populares um ônus que põe em polvorosa o universo do conservadorismo. O clima de Revolução Cubana influi no processo de radicalização geral, instigando ações e conquistando espaços. Os socialistas, mais do que os comunistas, assumem uma postura propensa a repetir os exemplos de Cuba, enfatizando como tática, a luta armada entre camponeses e trabalhadores rurais. Os aliados de Francisco Julião, ao aderirem à eleição de Arraes, mesclaram sua campanha com colorações inquietantes para o conjunto um tanto eclético da Frente democrática²⁷¹. **Airôn** pensa que o Partido não pode deixar Arrais solto. Deve fazê-lo entender que ele foi eleito para o Partido, para a classe operária e o Povo do Recife e não para os socialistas²⁷²!

Sua candidatura findou caracterizando-se, sem o querer, como porta-voz de correntes políticas mais extremadas, numa cidade cujas tradições de lutas, há decênios, favorecem um posicionamento progressista equilibrado em relação ao grosso da sociedade. A preocupação do Partido é que o espectro do esquerdismo feche o cerco em torno de Miguel Arraes, não deixando margens à adesão de setores menos comprometidos com o cerne ideológico da Frente do Recife. Depois de eleito, Arraes não teve outra alternativa senão escolher um secretariado dentro do esquema de forças que sufragaram seu nome nas urnas, sem uma manobra tática de ampliação de suas bases. Enquanto Pelópidas, vice-governador de Pernambuco, mantém a mesma postura ampla e liberal de todos os tempos, abrindo espaço através de seu prestígio pessoal, os arraesistas o hostilizam abertamente e o esquerdismo medra no seio do governo de Arraes, sem que seja sua culpa²⁷³. Essa perda de parcelas da classe média e da pequena burguesia preocupa ao Partido e, conseqüentemente, a **Airôn**, e materializa-se, a seu ver, num crescente descompromisso da sociedade com a

²⁶⁹ CAVALCANTI, 1985: 94/95.

²⁷⁰ CAVALCANTI, 1985: 93.

²⁷¹ CAVALCANTI, 1985: 93-95.

²⁷² Relatório de um limitante comunista endereçado ao Comando Regional. LIMA citado por Flávio Brayner in REZENDE (org.), 1987: 188.

²⁷³ CAVALCANTI, 1985: 93-95.

Prefeitura. Ele observava, preocupado, o que julga ser um enfraquecimento da empatia da opinião pública com a gestão da Frente do Recife, como demonstrada nesse momento por **Jacob e Isaac**:

Isaac — Desempregados, batedores de carteira, ambulantes. Trânsito confuso e perigoso devido à falta de uma organização de base²⁷⁴. A obra da Dantas Barreto parada. A cidade tomada por buracos. Os moradores do Espinheiro não suportaram os atropelos causados por um buraco existente na Avenida João de Barros e resolveram tomá-lo, hoje logo cedo, como marco de inauguração de Brasília, inclusive com placas e cartazes anunciando o dito cujo como “Viaduto Miguel Arraes” e “Orós do Espinheiro” — em alusão à barragem estourada na última cheia ocorrida em março deste ano. A crítica foi melhor do que se esperava: hoje, mesmo sendo feriado nacional dedicado à inauguração de Brasília, ainda assim a prefeitura foi mobilizada para corrigir os defeitos que há dias mobilizava o público²⁷⁵.

Airôn resolve defender a Frente do Recife, através do argumento da competência da sua gestão: — Mas a municipalidade não se está descuidando deste problema. No momento, turmas do Departamento de Obras estão trabalhando em todos os pontos da cidade, fazendo a reposição não só com pré-misturado asfáltico, como também em paralelepípedos. Tanto o trabalho está sendo intenso que eles estão produzindo cerca de 40% a mais do volume de pré-misturado que se fabricou no ano passado, em igual período. Todo o material vem sendo aplicado, o que prova que eles estão tapando uma área aproximadamente 40% maior do que se fez em 1959. As obras vêm sendo atacadas pela Prefeitura na Avenida Boa Viagem, onde trabalham três turmas realizando consertos na pavimentação. No Benfica, em frente ao Clube Internacional e próximo à praça João Alfredo; no Largo da Paz, na Estrada dos Remédios, na rua da Regeneração, na rua do Triunfo, na Rua Nossa Senhora da Glória. Além disso, existem três turmas volantes, em caminhões, que vêm executando a reposição em vários locais. Agora, por outro lado, vocês não podem ignorar que existe no Recife uma área superior a 800 mil metros quadrados a restaurar, trabalho que custaria cerca de 90 milhões de cruzeiros. A Prefeitura está atacando o problema como pode e dentro da sua possibilidade orçamentária. Jamais pretendeu esconder a verdade dos fatos, tanto que reconhece ser o Recife uma cidade realmente cheia de buracos, como bem o demonstram os números referidos. O que a

²⁷⁴ **Diário de Pernambuco**, 9 de abril de 1960, p. 07. “Ônibus: projeto já elaborado”.

²⁷⁵ **Diário da Noite**, 22 de abril de 1960.

Prefeitura não pode é eliminá-los todos de uma vez, da noite para o dia. O que está ocorrendo é que a pavimentação da cidade, de um modo geral, não recebe, há mais de 10 anos, o tratamento devido e recomendado tecnicamente. Uma rua pavimentada em asfalto, por exemplo, careceria de revestimento pelo menos num período de três a seis anos²⁷⁶. Além do mais, Arraes solicitou à Comissão de Estudos e Planejamentos do Recife (CEPRE) a elaboração do Plano Diretor da Cidade, visando justamente a planificação da área metropolitana de Pernambuco²⁷⁷.

Isaac — Pois eu proponho um **plano racional** que dará melhor resultado: o Departamento de Bem-Estar Social mata todas as muriçocas do Recife e o Departamento de Obras mete os cadáveres das muriçocas nos buracos das ruas resolvendo de uma só vez dois problemas: o da filariose e o do catabí. O prefeito não precisa nem comprar asfalto²⁷⁸.

Todos riram da pilhéria. Para cada uma sentença a graça certa, o cultivo do riso, a picardia, os macetes e remelexos; mas **Airôn** sentia-se, aos poucos, incômodo com essa alegria decorada, já perdera havia muito a capacidade de improvisação, só fazia repetir a lengalenga, uma tristeza de fim-de-tarde, um tal de cansaço na caixa dos peitos, de certo, era o cantarolar da noite chegando; manteve, porém, a sua dignidade²⁷⁹. **Isaac** e **Jacob** desculpam-se, mas deviam encaminhar-se a um compromisso inadiável. O jornalista agradeceu a conversa ilustrativa acerca das coisas do Estado e a conta foi paga enquanto os homens bebiam xicrinhas de café forte de cortar de faca²⁸⁰. **Airôn**, solícito, disse ao jornalista que ele não poderia ir embora sem antes experimentar o suco de pitanga do Café Nicola e o suco de mangaba do Bar Savoy²⁸¹ e ficou de levá-lo até lá. Os homens despediram-se na calçada. Cada dupla seguindo um caminho. O jornalista e **Airôn** voltaram pela ponte Duarte Coelho na direção da Guararapes.

2.4. PÔR DO SOL NO CAPIBARIBE E POLÍTICA NA RUA DA GUIA

²⁷⁶ **Diário de Pernambuco**, 13 de abril de 1960, última página. “Prefeitura inicia em agosto, aplicando Cr\$ 18 milhões”.

²⁷⁷ Segundo Virgínia Pontual, a concepção da CEPRE, instalada por Pelópidas em 1957, foi mérito de Antonio Baltar indicada como uma das diretrizes em seu plano, em 1951, juntamente à criação da Região Metropolitana do Recife — região que seria formada pelos municípios de Recife, Olinda, Paulista, Jaboatão, São Lourenço e Cabo, como uma unidade físico-econômica, sobre a qual seria distribuída a população, de acordo com unidades urbanas hierarquizadas, e as atividades industriais, comerciais, residenciais e de lazer, considerando-se as disponibilidades dos serviços básicos. PONTUAL, 2001: 206.

²⁷⁸ **Diário da Noite**, 16 de abril de 1960. “Política é isso mesmo”.

²⁷⁹ HERMILO, 1975: 108.

²⁸⁰ HERMILO, 1976: 103.

²⁸¹ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 07. Indicações da coluna “O Prato do Dia”.

No entanto, antes de atravessar a Ponte, os dois postam-se diante do Capibaribe. Param à beira do rio e observam o sol que, numa réstia, se põe. A barra do entardecer peneirando nuvens e cores. Por eles passa um negro retinto, com caranguejos, nas latas, que fazem um barulho rascante e metálico. Ele vai num vagar: outros concorrentes já teriam vendido os bichos, para ele pouca coisa haveria de sobrar. **Airôn** quebra o silêncio: — Esses homens passam as primeiras partes da manhã com as pernas musculosas atoladas na lama, respirando de boca aberta, vendo tudo leitoso. Somente o primeiro lampejo do sol desperta-os de vez: a obrigação. Então, tratam apressadamente de fazer as rodilhas de caranguejos — essas aí estão bem chochas —, saem do mangue no chape-chape, lavam os pés na primeira água corrente, esfregando-os um contra o outro, põem-se a andar, para vencer a distância que separam os seus mocambos do Mercado Público, e postam-se atrás do balcão dos caranguejos. A essa altura do dia, réstia de tarde, outros já os terão vendido e ido embora. Este aí deverá armar-se de paciência para esperar um hipotético freguês, mas nem por isto perdeu o riso claro, aberto, de dentes largos²⁸².

Airôn silencia enquanto observa as costas do homem que se distancia sob o peso da madeira com suas pontas carregadas com as chochas rodilhas de caranguejos dentro de duas latas. Um estranho equilibrista, ele pensa. — Já houve um tempo — ele quebra o silêncio — em que a idéia do poder público era combater os mocambos e os mocambeiros, como esse que aí vai — **Airôn** aponta o homem com o dedo como se furasse o ar. — Há pouco, a imagem do Recife transmitida pelo Estado Novo, era a de uma cidade aonde pululavam os infectos mocambos, onde o homem não se diferenciava da lama e da fauna característica dos mangues e das áreas alagadas recifenses. E era sua obsessão extirpar essa chaga do ambiente citadino. Para isto, o Estado proibiu a construção, bem como a reforma ou melhoria dos mocambos — e os decretos, que legalizavam a construção de mocambos, constituíram-se num mecanismo permissivo às demolições e perseguições aos seus moradores²⁸³.

Airôn pega um cigarro, fósforo e faz um pequeno malabarismo com a mão para proteger a frágil chama. Dá uma longa baforada e continua: — Já a Frente do Recife, em seu governo democrático, desenvolveu uma outra forma de atuação. Sua estratégia não é mais erradicar o mocambo, mas melhorar as condições de vida da população pobre. O cerne da questão da construção da casa popular, que era efetuada pelo antigo Serviço

²⁸² HERMILO, 1994: 21/22.

²⁸³ PONTUAL, 2001: 88/89.

Social contra o Mocambo, desloca-se para o **acesso** à terra urbana. O instrumento de desapropriação, até então empregado preponderantemente na abertura e pavimentação de Avenidas, passa a ser utilizado também para o assentamento da população residente em mocambos²⁸⁴. Você compreende a diferente utilização do poder público e do saber técnico?

Ao que o jornalista balança a cabeça, cofiando o bigode: — Fantástico!... A sensação que eu tenho, olhando de fora, é que vocês, aqui e em toda a América Latina, estão em plena revolução. Os ditadores estão sendo eliminados e estão surgindo genuínos movimentos democráticos. Bom, eu diria até que não é por menos, pois a maior parte do continente está afligida pelo analfabetismo e a pobreza, com todos os males que os acompanham — isto é notório. Mas, em todas as partes, exige-se uma modificação social e a melhoria de vida do povo. O continente inteiro parece estar às vésperas de um grande desenvolvimento econômico e às vésperas de ser construída uma **nova sociedade** — seja de acordo com os métodos dos E.E.U.U., de livre empresa, caso seja possível, senão de acordo com o socialismo²⁸⁵.

Airôn olha para o jornalista, com os olhos apertados, balançando lenta e afirmativamente a cabeça. Está satisfeito e surpreso com esse comentário. Normalmente, depois do peso de suas tarefas, sente-se apagar como a chama de uma vela. Não que os seus afazeres incomodem-no. Ele sempre age como um revolucionário em suas atividades, como um homem de Partido, nunca olha seus interesses particulares ou de família, nunca faz cara feia diante de qualquer tarefa, sempre é um entusiasta. Não é casado, mas é noivo há mais de um ano. Gosta muito de sua noiva e deseja casar-se, contanto que o inquérito do Partido conclua que ela é realmente digna para o papel de esposa de um afiliado²⁸⁶. Quem sabe **Lindalva** não se torne uma companheira também em relação ao Partido?

²⁸⁴ PONTUAL, 2001: 196.

²⁸⁵ **Diário de Pernambuco**, 13 de abril de 1960, p. 02. “América Latina em Revolução banindo ditaduras: Stevenson”. Artigo acerca das declarações à imprensa do dirigente democrata e ex-candidato presidencial dos EUA, Adlai Stevenson, sobre sua recente visita a alguns países da América Latina.

²⁸⁶ Adaptação do depoimento de Hugo Ferreira em sua autobiografia destinada ao Comitê Regional do PCB-PE (apud BRAYNER, 1989: 39).



Fig. 17. Vista da Av. Guararapes da Ponte Duarte Coelho.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Mesmo ainda não sendo oficializado como membro do PCB, ele age como se o fosse. Aplicando-se, concentrando-se, abrindo mão de boa parte de sua vida privada em prol de uma consciência de classe. Em prol do Partido. E o Partido tem por papel introduzir e disseminar a consciência socialista de classe operária e conduzi-la, dessa forma, assim como a todas as camadas laboriosas que com ela se solidarizem, ao assalto ao capitalismo²⁸⁷. **Airôn** sabe que o futuro lhe está garantido porque ele está de acordo com a lei fundamental das sociedades²⁸⁸. Mas isso não o protege de algumas consternações presentes, como o eventual cansaço e até um certo desânimo ao fim de cada dia de trabalho. Ele olha seu interlocutor e chega a sentir uma sombra de carinho: está ficando piegas. **Airôn** dissipa os seus pensamentos e diz, em resposta a colocação do jornalista:

Airôn — Aqui, no Brasil, por causa dos resquícios de uma base feudal na sua formação econômico-social, a revolução brasileira deverá passar por algumas etapas de **depuração progressiva**; primeiro deve instaurar o capitalismo pleno para, depois de eliminadas as estruturas agrárias feudais, criar as bases para o caminho rumo ao socialismo. São etapas que nós já estamos conseguindo fazer avançar, como você já pôde perceber.

Jornalista — Mas esse processo não poderia ser acelerado? Será mesmo necessário esperar que ocorram as tais condições gerais objetivas para a revolução?

Diante da expressão de **Airôn** que balançava veementemente a cabeça de forma negativa, disse apressado o jornalista: — Não leve à mal, **Airôn**, mas eu particularmente acho que o exemplo guerrilheiro de Cuba mostrou que um grupo decidido, representando as forças populares, pode vencer um exército convencional. Não foi necessário esperar que ocorressem as condições gerais objetivas para isso. Talvez, e eu digo talvez, se uma vanguarda armada se instalasse na zona rural e recebesse apoio dos camponeses, ela fosse a faísca que incendiaria todo o país. As tais **Ligas Camponesas** não poderiam ser o estopim desse processo? Deu certo em Cuba! Talvez isto seja uma advertência de que as revoluções na América Latina

²⁸⁷ Segundo Brayner, no final dos anos 50, um livro especial marcou a formação dos quadros do PCB. Trata-se do Manual de Guy Besse e Maurice Caveing, inspirados nos Cursos da Universidade Operária ministrados por G. Politzer: *Este manual, na lição 'O Aparecimento das Classes', desenvolve uma concepção mecanicista e fechada sobre a 'evolução das forças produtivas e sua lei de correspondência necessária com as relações de produção'.* Na 4ª lição do mesmo manual, os autores tratam da relação partido/proletariado. (BRAYNER, 1989: 37).

²⁸⁸ BRAYNER, 1989: 38.

deveriam partir de um foco militar rural que posteriormente daria à luz uma vanguarda política...

Não! — **Airôn** quase grita, os olhos abertos de espanto pelo rumo inesperado da conversa — O processo revolucionário em Cuba tem características próprias. Não podemos adotar como norma geral a experiência cubana da guerrilha rural em Sierra Maestra, difundindo-a como modelo por toda a América do Sul²⁸⁹. Além do mais, eu devo lembrá-lo que Fidel Castro durante a primeira fase da luta armada jamais se utilizou de jargões de esquerda. Sempre repetiu que, se vitorioso, manteria os compromissos e acordos internacionais e respeitaria a propriedade privada. Quando Fidel lançou o programa para um governo provisório²⁹⁰, nenhum ponto dessa plataforma sugeria a adoção de medidas radicais, de tipo revolucionário. Os itens fundamentais eram anistia para os presos políticos, garantia da liberdade de imprensa e de informação, garantia de direitos individuais e políticos inscritos na constituição, eleição direta em todos os níveis, eficácia da administração pública, institucionalização da carreira administrativa, democratização da vida sindical, combate ao analfabetismo, reforma agrária com indenização aos proprietários e saneamento da política financeira. Foi justamente com idéias próprias de uma **cruzada reformista**, no sentido exato da palavra, e não evidentemente revolucionária, que Fidel Castro sensibilizou o povo e a sociedade civil de Cuba²⁹¹.

Jornalista — Bom, a impressão que eu tenho, observando tudo o que está acontecendo, é que talvez os partidos comunistas tradicionais, na América Latina, tenham aspirado durante tanto tempo a participar da vida legal e política normal, preparando as condições para a luta armada, que foram absorvidos e tragados pela rotina de recrutar quadros, realizar congressos, mimeografar jornais e panfletos, fazer reunião, assembléia, enviar delegados à URSS. Talvez, por isso, a perspectiva de luta armada seja cada vez mais considerada um sacrilégio, uma aventura, sempre **prematura**. Será que as massas não precisam ser postas em marcha pela guerrilha ao invés de um partido tradicional — como ocorreu em Cuba? Os boletins e as cartas que o advogado e líder urbano das Ligas Camponesas aqui em Pernambuco, Francisco Julião, tem publicado nos jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo,

²⁸⁹ CAVALCANTI, 1982: 262-264.

²⁹⁰ Em 12 de julho de 1957.

²⁹¹ CAVALCANTI, 1985: 106-108.

de 57 para cá²⁹², dão a entender que é no sertão, onde a terra é seca, que a alma do homem permanece banhada de toda a **energia humana** necessária para as grandes horas, graças a sua poesia, seu misticismo, sua força e pureza. O sertão dos violeiros, poetas e cantadores. Não é dali que brota, sobre a rocha ou o cerrado de cactos, toda a **energia**, na figura desengonçada do pau-de-arara? — Não é assim que se diz? — Você fala em revolução democrática e nacional, mas não é na viola e na voz desses aedos que se encontram fincadas para sempre as raízes da nacionalidade brasileira? Não são estas raízes que a Nação sempre convoca nas grandes horas, para consolidar sua unidade ou vencer a peleja contra os **invasores**?²⁹³. É perceptível, em todas as partes da América Latina, um **anti-yanquismo** em vários graus de intensidade e importância²⁹⁴.

Airôn —Essas são descrições **dionisíacas**, que deixam os ouvintes encantados, mas não conseguem transmitir a ninguém a menor revolta. São descrições eminentemente **regionalistas** que permanecem pouco permeáveis às sugestões e influências dos grandes centros culturais. Há muito elas existem por aqui, desde o Congresso Regionalista do Nordeste, nos anos 20²⁹⁵. Os povoados do interior do Estado realmente têm uma lógica própria: eles apenas se sucedem. Pode-se jurar que um é o mesmo que o outro: jumentos carregando feixes de capim, beatas passando para igreja, o sino tocando, o comerciante de tamancos despachando o de-comer, a mesma brincadeira de meninos e a mesma austeridade do juiz de direito, a mesma cigarra se é verão, a mesma chuva se é inverno, o mesmo tempero na comida, o mesmo colchão na cama “patente”, o mesmo riso e a mesma morte. Tudo corre como num filme já visto e revisto mil vezes, pode-se até prever o gesto que fará o dono do hotel e as palavras que se hão de seguir o bocejo do padre e o ruído das pedras de gamão²⁹⁶. E é justamente por isso que, **historicamente**, compete à classe operária a vanguarda da revolução socialista. Nos países subdesenvolvidos, a revolução é democrática

²⁹² Sobre os jornais e revistas que deram acolhida às suas cartas e boletins, transmitindo a experiência das Ligas Camponesas, Julião cita: Semanário, Novos Rumos, Terra Livre, Binômio, Última Hora — (São Paulo), o Correio da Manhã, de Antonio Callado, o Jornal do Brasil, de Heráclito Sales, e outros jornais. (JULIÃO, 1962: 41).

²⁹³ JULIÃO, 1962: 37.

²⁹⁴ **Diário de Pernambuco**, 13 de abril de 1960, p. 02. “América Latina em Revolução banindo ditaduras: Stevenson”. Artigo acerca das declarações à imprensa do dirigente democrata e ex-candidato presidencial Adlai Stevenson sobre sua recente visita a alguns países da América Latina.

²⁹⁵ CAVALCANTI, 1985: 232/233. Paulo Cavalcanti descreve uma conversa que teve com Chico de Assis Barbosa, da Revista Diretrizes, acerca de Gilberto Freyre e do Congresso Regionalista do Nordeste.

²⁹⁶ HERMILO, 1975: 34/35.

justamente pelo fato de a maioria do povo ser formado de camponeses. Nesse contexto, só o proletariado é capaz de levar a revolução até o fim, conduzida pelo seu representante mais legítimo que é o Partido Comunista Brasileiro. Cabe à classe operária e às massas urbanas desferirem o golpe final contra a classe dominante.

Jornalista — Pode ser. Mas, às vezes, me parece justamente o contrário: que na luta do camponês é que se encontra o teor revolucionário. Porque a classe operária organizada em sindicatos, quer se trate dos assalariados da cidade ou do campo, desde longos anos vem talhando lutas de caráter econômico. Somente depois de saturada pela experiência e politizada, por força do proselitismo permanente, é que essas lutas assumem caráter político. Eu creio que isso decorre em boa parte do fato de as relações existentes entre operários e patrões terem como base o salário, sendo, portanto, de natureza econômica. O camponês quando se organiza dá, assim, um salto, sua luta já adquirindo uma substância revolucionária, porque quase não passa pela fase de luta econômica, durante a qual o patrão anestesia, engana e retarda o amadurecimento político da classe operária²⁹⁷. — Será que eu estou me fazendo compreender? No momento em que o camponês se reúne para lutar contra o preço da locação da terra, ou pela permanência nela, fere, de pronto, o cerne da questão, que é a propriedade privada. A luta, de imediato, passa do campo jurídico para o político e assume, aqui e ali, colorações mais vivas. Daí esse movimento camponês organizado há poucos anos ter passado para a manchete dos grandes jornais e revistas, preocupando vivamente a burguesia nacional e o imperialismo americano. Eu pergunto a você: Será que a criação desta SUDENE, tão elogiada por vocês, não se trata de um instrumento que busca impedir que a fogueira ateadada no Nordeste se transforme em um incêndio que se alastre para o país?²⁹⁸

Airôn — Você está completamente equivocado: a revolução, no Brasil, será democrática ou simplesmente não será. O campesinato quando luta — e sua luta contra opressão é justa — seu objetivo fundamental é a posse da terra. No fundo, ele é hostil ao socialismo coletivista. E os tais líderes revolucionários que pregam a revolução socialista influenciados por Cuba são absolutamente jejunos da realidade que pretendem transformar pela força. Os mais elementares princípios da **teoria marxista-leninista do processo revolucionário** não podem ser desprezados, a fim

²⁹⁷ JULIÃO, 1962: 64/65.

²⁹⁸ JULIÃO, 1962: 66.

de dar lugar às novas lições da guerrilha, esquecendo a máxima leninista segundo a qual ‘não se pode fazer revolução sem o conhecimento da teoria revolucionária’. Você não pode primeiro fazer a guerrilha, para depois, paradoxalmente, criar o embasamento teórico de sua doutrina política. A regra deles se resume em duas palavras: primeiro lutar, depois raciocinar... A opinião dominante é de que uma **frente insurrecional** deve ser precedida de uma **frente política**. A revolução em curto prazo é — isto sim — um pensamento tipicamente pequeno-burguês que se realiza por cima das massas populares. Ele embota a consciência política dos jovens com potencial revolucionário, levando esses jovens a acreditar que a luta armada deve ser a meta de todos os povos oprimidos, sejam quais sejam as peculiaridades de cada região. A mocidade passa a confundir a realidade com os seus desejos. E isso não passa de devaneio de revolucionário pequeno-burguês²⁹⁹.

Airôn, demonstrando certa impaciência, dá a conversa por encerrada e aponta o caminho para o companheiro. — Vamos andando? Eu ainda quero apresentar-lhe o Savoy e o Café Nicola. E tenho um encontro com minha noiva, às sete horas. Ela não gosta de atrasos. — Já está escurecendo quando eles atravessam a Ponte Duarte Coelho. A noite volta a oprimir-lhe o peito. De repente, lembra-se que nada havia ainda comprado para **Lindalva**: mais um aborrecimento! Ele olha de soslaio para o caminhante ao seu lado com uma ponta de rancor. Pessoas vão e vem pela ponte, no costumeiro quem-me-quer de final de tarde. São muitas as mocinhas que povoam a Boa Vista, bem arrumadinhas e compostas. E lá estão as três irmãs, notáveis pelo exagero com que se pintam. O batom e ruge num mau gosto de fazer pena. São feias, as coitadas. — pensa **Airôn**. Nunca lhes soube os nomes. Mas seus apelidos, estou-cagando, vou-cagar e já-caguei, foram pespegados por não se sabe qual impiedoso gaiato³⁰⁰. Ele faz um cumprimento com a cabeça, discreto e de má vontade, ao passar pelas três irmãs e segue adiante. Caminham em silêncio durante algum tempo, até chegarem ao Savoy, onde contam-no que o **Esporte** venceu o **Santa Cruz** por três tentos a zero³⁰¹. **Juca** deve estar injuriado — **Airôn** sorri vitorioso. Isso resgata um pouco do seu humor. Ele apresenta o jornalista a alguns conhecidos e despede-se numa cordialidade formal: — Foi um prazer! Deixo você em boas mãos. Faça uma boa viagem.

²⁹⁹ CAVALCANTI, 1982: 262-264.

³⁰⁰ CAVALCANTI, 1982: 33.

³⁰¹ **Diário de Pernambuco**, 22 de abril de 1960. Seção de Esportes.

Enfim, livre! Enquanto caminha em direção à Pensão, a questão do presente volta-lhe à mente. Hoje não é um dia qualquer... O que deverá levar para **Lindalva**? Tem um estalo: o quadro que fica em seu quarto, no Castelo! **Airôn** caminha o mais rápido que pode, sem correr, enquanto torce para não cruzar com ninguém conhecido. Não gostaria de ter que dar explicações. Sobe correndo os degraus da escada de madeira, que gemem mais que o habitual, cruza o sobrado às escuras, até chegar ao quarto. Retira o quadro da parede e o sopra na intenção de afugentar a poeira acumulada. O quadro é o presente ideal para Lindalva — hoje, dia de festa pela inauguração de Brasília. Feriado, quando da janela ouviriam os sons do povo pelas ruas que até ali chegavam, já que nunca os dois, juntos ou acompanhados, passearam pelas praças e pátios, foram ao cinema, compareceram a um baile. Dali da janela não saíam, tudo era ali, nas mãos dadas, das sete às oito. E imagina-se, vitorioso: — Tome uma imagem da cidade, em azul e róseos, em brancos e carmins, em violáceos. Perfeito!

As quinze para às sete, com a tela debaixo do braço, embrulhada em papel celofane, **Airôn** segue em direção à Rua Augusta. E, quando chega no princípio da rua, que olha, vê, com o coração batendo, a janela iluminada, tal-e-qual nas outras noites, só que naquela o coração dizia-lhe que alguma coisa maior haveria de acontecer, vai andando e andando se aproximando, se aproximando com o coração aos pulos, aos pulos chega, era estender a mão na batida das sete e Lindalva estender a sua, receber o quadro, e as sete bateram e a janela vazia estava, vazia ficou. De primeiro sentiu uma tontura, coisa de pouca duração, pois que apareceu uma mulher: a mulher era a empregada que tinha visto raras vezes. A empregada disse-lhe algo, nada ouviu, somente a mão estendida da empregada com um papelito, poderia ser uma dose de sal amargo, mas não era, talvez farinha-de-castanha, mas também não era não, bicarbonato de sódio e o tal não era, era papel de bilhete, desdobrou-o, com a luz que vinha da sala, o quadro debaixo do braço, conseguiu lê-lo, as letras trêmulas: — “**Airôn**, resolvi depois de muito pensar e de muito sofrer acabar com nosso namoro, pois você não tem tempo para mim, apenas para a sua política, para as suas tarefas e nunca para mim, da sua amiga, **Lindalva**”. O quadro caiu, flácido, e a imagem da cidade escorreu em tons de rosa e carmim, deixou-o lá, abaixou-se e tirou os sapatos, deu um nó nos enfiadores, enfiou-os nos dedos, os sapatos numa mão e o bilhete na outra.

Quando alcançou o pátio da Igreja do Carmo, viu-a, dedo mindinho com dedo mindinho com o mulato **Benedito**, o dono-de-banca de bicho. **Lindalva** se encolheu, enquanto **Benedito** perguntou: — “Que é que há meu bem?”. Ela nada, encolhida, só

encolhida. **Não-me-Queres** na frente dos dois, e de costas para os dois, se postou; os sapatos pendurados no dedo, o bilhete na ponta dos outros, a camisa fora das calças e a gravata torta; **Airôn** bem junto, quase colado ao casal, o olhar atravessando o pátio, falando e eles ouvindo, falando:

Airôn — “Quem chupou minhas pitombas o tabuleiro está ali; quem comeu meus bolinhos-de-goma a boleira está ali; quem chupou minhas laranjas de cravo é só pagar; quem recebeu meus biliros, minhas brilhantinas, meus extratos, meus pós-de-arroz as barraquinhas estão ali mesmo”. — E continuou falando mesmo muito depois que o casal já não estava mais às suas costas, saindo à sorrelfa, e quando olhou de soslaio e viu que era lugar mais limpo, mesmo assim em tom de discurso, continuou a relembrar os presentes dados e recebidos durante um ano e seis para oito meses de janela, das sete às oito³⁰².

Airôn atravessou a Avenida, entrou na bodega confronte, debruçou-se no balcão, disse para o bodegueiro — “Uma bicada!”, tomou-a, e estendeu-lhe o bilhete — “Veja, **Lindalva** é minha amiga, minha amiga **Lindalva**”. Saiu sem pagar, o bodegueiro deixou-o ir. Mesmo de noite, foi envolvido por uma nuvem e nela andou. Foi andando pelas ruas, entrando em cada bodega que cruzava pelo caminho, e a quem encontrava dizia: — “Veja, **Lindalva** é minha amiga, minha amiga **Lindalva**”. Cruzou com **Maria** que lhe confortou com um feitiço tiro-e-queda para essas situações: — “Com todas as forças, faça fé na força do preparado de coisas e palavras: junte raiz de sobreiro com sementes de saganha, vinte e quatro fios de cabelo do peito com a respectiva raiz, um inseto chamado cantárida, farinha de amendoim, quatro avelãs, moa tudo até ficar reduzido a uma bola, abra um buraco no colchão da cama e coloque a bola dentro, e repita ‘Rezo pelas chagas de Cristo, e pelo amor que voto a **Lindalva**, te escondo, sobreiro ligado com a saganha, os fios do peito, farinha de amendoim, cantárida e as avelãs e quero pela virtude de Cipriano que esta mulher se ligue a mim pelo amor e pela carne’ e pronto”. — Mas **Airôn** estava perdido, num lugar todo embaçado, num lugar todo de noite³⁰³.

Sentia sede e no bucho aquela sensação de madrugada que sempre anunciava a sua fome, oco no estômago. — “Quem me vê assim dançando não pense que fiquei louco não sou padre não sou nada virei secular há pouco”³⁰⁴ — Era sua frase repetida pela cidade inteira. Caminhou em direção ao Recife Antigo. Ele lá chegou. Foi recebido por um

³⁰² HERMILO, 1976: 16-21.

³⁰³ HERMILO, 1975: 01.

³⁰⁴ HERMILO, 1976: 78-80.

cachorro que veio se mijando e se arrastando e ganindo para os seus pés, coçou-lhe o cocoruto e ele se deitou de barriga pra cima, baboso, olhos vidrados, o ganido parecia um risinho. Algumas mulheres batiam palmas cadenciadas e dançavam uma musiquinha. Ele demorou na observação dum peito, dum fio de cabelo, duma gota de suor, duma batida de olhos, dum arrepio. O cachorro regalava-se, tudo lambia, todos lambia³⁰⁵. Pela Rua da Guia, Rua do Rangel, na Marquês de Herval — no puteiro de Maria Magra—, pela noite adentro, **Airôn** incluiu-se nas cantorias e nas bebedeiras, pausa só havia para tira-gostos e cigarros, no mais era o vira-vira-vira. No — “Oh, que belos companheiros!”, seu braço se erguia com o copo no primeiro entusiasmo da noite e os via, vendo-se, virando ligeiro sem nenhuma covardia, ninguém se afastando da mesa, numa empresa de valor, e lá virava a primeira bateria e lá a segunda e lá a terceira e lá a quarta e lá a quinta, e virôuuu, e no recomeço ele, **Airôn** de nome, ainda mais levitava, a noite mal começava, todas as coisas estavam por acontecer, quase sempre aconteciam.

Logo mais chegava **Amara-Noites-e-Dias**, que ao amanhecer chamava-se **Aurora**. Lá estavam também **Maura-Boca-de-Jasmim**, **Camila-Alfenim**, **Maroca-19** e **Chuchu-Sarará**, as cinco companheiras à espera de que o porre fosse ao fim para que com elas comesçassem as artes e as artimanhas de cama, a mesa já se fora. **Amara-Noites-e-Dias** a todas sempre dizia que **Não-me-Queres** deveria ser um doce-coração-de-jesus na excelência das peripécias de primeiras estrelas e dormindo quando as últimas já esmaecessem, claro. **Amara-Noites-e-Dias** sem se afastar no mais mínimo, junto, colada que era pra ele não sofrer artimanhas de mulheres, um tal daqueles ciúmes de ir ao crime mais nefando e mais nefasto se ele fosse além e não ficasse no aquém só nos roçagados, na boêmia ao deus-dará.

Como havia uma pequena fila em frente ao mictório, **Airôn** serviu-se mesmo da beira da calçada, sacou o instrumento e mijou grosso, pelo mijo subindo as mariposas em direção ao já dito instrumento que ele o tinha luminoso, melhor dito: fosforescente, poder-se-ia dizer que translúcido, era mesmo um feixe de luz. E toda vez que ele se curvava, o facho luminoso abria na terra um largo círculo azulado. Ele poderia mesmo empinar o cajado e guiar os que estavam extraviados, os famintos, os chorões, pelas ruas escuras da cidade, escuras antes, iluminadas durante, todos nos hinos, à frente os — “Oh, que belos companheiros!”, de copo na mão, entoando a velha e boa canção, enquanto ele à frente com o facho, seria o cajado o facho, enquanto as portas se abriam e as mulheres se

³⁰⁵ HERMILO, 1976: 78-80.

persignariam com muito respeito, e nisto **Airôn** agradeceria em grandes, enormes curvaturas. Os belos companheiros e as belas companheiras ao derredor, cantando a Canção do Cajado, quase sempre improvisada, mas com um refrão invariável, assim:

Na noite macia vai,
O cajado vai, na noite macia.
De luz feito de luas e arrebóis,
Vai o cajado na noite macia.

Então, **Airôn** caiu na gaitada. Disparou numa gaitada sem parar, ria, de dobrar-se em dois, a barriga a doer e faltar o fôlego, dobrando-se e desdobrando-se, emendando, uma onda na outra, os marinheiros, as putas e os jogadores, a gaitada entrando-lhes pelos olhos e ouvidos, pela boca, pelo degas, pelo meato urinário, alojando-se no estômago e sacolejando o ente, chacoalhando os miolos da cabeça, entrando, entrando cada vez mais, e atravessando outeiros, atingindo bairros distantes³⁰⁶. Voltou cambaleante para mesa. Nada importava, só na antecipação das matinas, os belos companheiros cada qual na sua ocupação. **Airôn** agarrou-se em **Amara-Noites-e-Dias** babujando as habituais bobagens de freguês — precisava sentir-se ousado, másculo, selvagem. **Amara** tangeu-o por escadas que choravam como crianças pagãs.

No quarto curto, demarcado por tabiques, o vazado em cima dando para outras alcovas, **Amara**, que ao amanhecer chamava-se **Aurora**, agachou-se feito um sapo colorido na tina de água. Depois o pegou pela mão. Sentou-o na cama. Essa foi a senha para uma longa queixa de dores, uma confissão de seus infortúnios. Talvez porque estivesse diante de uma mulher **da vida**. Desfiou todos os seus segredos, suas dores mais vergonhosas, suas lágrimas mais íntimas para **Amara**, que o olhava com sorriso receptivo, seios francos, quadris e coxas, ouvindo, ouvindo. Seu rosto não era nem de desprezo, nem de falsa simpatia. Depois de muito ouvir as reclamações, ela começou a dizer frases simples, mas com uma doçura e compaixão que **Airôn** nunca vira antes: — “*Mulher não presta, não liga, não, o tempo resolve tudo, você é moço...*” **Airôn** caiu na cama, tonto. **Amara** deitou-se ao seu lado e o pôs entre seus seios passando a mão em seus cabelos e repetindo que — “*Mulher não vale uma lágrima*”³⁰⁷. O quarto assumia aquela luz meio azulada que só se via num altar da igreja com lampadazinha coberta de celofane na

³⁰⁶ HERMILO, 1975: 74/75.

³⁰⁷ JORNAL O GLOBO, 14/12/04. Segundo Caderno. Arnaldo Jabor, “Amor, Sexo e um Outro Sentimento”. Arnaldo Jabor, comunista ligado ao movimento cultural, nos anos 70, conta uma experiência pessoal parecida com a de **Airôn**. Aproveito aqui, do seu depoimento, a reação da mulher diante da sua confissão de homem traído.

louvação da Virgem, ali, porém, era luz quente para iluminar os caminhos da carne. E tudo terminou, de repente, com **Amara-Noites-e-Dias** abraçando-o, está fazendo frio, voltou a dormir e a terra ficou firme, imóvel, esperando a aurora³⁰⁸.

³⁰⁸ HERMILO, 1976: 22-26.

“Na Holanda soube o que é o éter, não é aquilo que geralmente se julga e ensina, e não se pode alcançar pelas artes da alquimia, para ir buscá-lo lá onde ele está, no céu, teríamos nós de voar e ainda não voamos, mas o éter, dêem agora muita atenção ao que vou dizer-lhes, antes de subir aos ares para ser o onde as estrelas se suspendem e o ar que Deus respira, vive dentro dos homens e das mulheres, Nesse caso, é a alma, concluiu Baltasar, Não é, também eu, primeiro, pensei que fosse a alma, também pensei que o éter, afinal, fosse formado pelas almas que a morte liberta do corpo, antes de serem julgadas no fim dos tempos e do universo, mas o éter não se compõe das almas dos mortos, compõe-se, sim, ouçam bem, das vontades dos vivos. Disse o padre, Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira (...).”

José Saramago, in Memorial do Convento.

INTERLUDIUM 2

Em frente à Banca do Gasolina, nos despedimos de Marciolino e continuamos o nosso caminho. Na esquina da Rua da Palma, número 57, onde hoje há um prédio da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Recife, Jarbas aponta: *“Aqui funcionava um hotel”*. Ele não lembrava o nome. Entramos no saguão para conversar com alguns funcionários. A primeira pessoa a qual abordamos não se lembrava do que havia sido este prédio. Não haveria nenhum contador de histórias disponível? Um senhor lembrou-se: **“Hotel Guararapes”**. Desembocamos na rua Matias de Albuquerque. *“Aqui na esquina ficava o Cinema Art-Palácio”*, indica Jarbas. Hoje funciona uma casa de jogos.

Jarbas pergunta, aqui e ali, enquanto continuamos andando; ele está procurando a localização de uma sorveteria famosa: *“Eram muito movimentadas por aqui as casas de sorvete. Era o passeio das famílias. Aqui, nesta rua, ficava **A Botijinha**, uma sorveteria bem conhecida”*. Procuramos um pouco e logo ele identificou onde ela teria funcionado: lá estava o nome quase escondido no portal de um botequim³⁰⁹. Nós entramos: lá atrás havia um espaço utilizado como depósito. *“Ali”* – ele apontou – *“ficavam várias mesas. Era um local muito agradável. A gente sentava, ficava tomando sorvete e conversando”*. Saímos e fomos caminhando até a rua Nova, paralela à rua Matias de Albuquerque: *“Esta rua era um ponto de lojas de música, como a **Lojas Maia**, que vendia instrumentos musicais”*. Ao lado da **Igreja da Nossa Senhora da Conceição dos Militares**, havia o **Cinema Royal**. Havia ainda a **Sapataria Inglesa**, a **Sapataria Clark**, a **Alfaiataria Londres**, o **Café Leite** e a **Sloper**. Mas a Igreja foi a única que resistiu ao tempo.

³⁰⁹ Quando voltamos, no início de 2005, para fotografar o pórtico da antiga sorveteria, verificamos que os atuais donos do botequim resgataram o nome da sorveteria, expondo-o numa placa que encobre o pórtico original.

Atravessamos o Beco do Pedro Ivo e voltamos para Matias de Albuquerque. Passamos pela rua da Palma, até sairmos novamente na Avenida Guararapes. Voltamos a descê-la, pela margem direita. Passamos pelo **Salão Suez**. Continuamos andando e chegamos ao **Bar Savoy**, onde encontramos seu Antônio, que, desde 1961, ali trabalha de garçom. Entre outras coisas, ele contou-nos do **Café Nicola**, que funcionava ao lado do Savoy, onde hoje há a poupança Bandepe. De acordo com seu Antônio, o Café Nicola era o lugar da discussão de futebol. Durante o horário da manhã, das sete até às dez horas, era um “*movimento louco*” que depois abrandava e voltava a encher no final da tarde, por volta das cinco horas, e se estendia noite à dentro. Ele disse que no Nicola eram vendidos mais de três mil cafezinhos por dia. Havia dias de discussões acaloradas sobre futebol, quando as portas eram fechadas com os clientes dentro. Os três estabelecimentos pertenciam ao mesmo dono: **Café Nicola**, **Bar Savoy** e **Sorveteria Estoril** – que ficava na rua detrás do Savoy.

Esperamos um pouco enquanto ele atendia uma freguesa. “*E quem esteve aqui no Savoy este ano foi doutor Arraes! Entrou, sozinho, veio direto no balcão e pediu um cafezinho. Eu expliquei para ele que nós não vendíamos mais café expresso. Ele sorriu daquele jeito dele e fez assim com o dedo*”. Seu Antônio imitou o gesto do doutor Arraes balançando o polegar para baixo. Jarbas confirmou: “*Ele sempre saía do Palácio e vinha tomar um cafezinho aqui*”. Eu completei: “*Ele devia estar se lembrando...*”. Esta foi a segunda vez, no ano de 2003, em que eu tive a ocasião de ter notícias de Miguel Arraes. Vi-o na noite do dia 20 de Junho. Eu estava na **Igreja das Fronteiras**³¹⁰, ao lado de Maria Baltar e Marina, respectivamente, neta e bisneta de Antônio Baltar — professor, urbanista e intelectual atuante na cidade, até o golpe de 64, quando teve que fugir do país. Marina encontrava-se encasacada no calor de sua mãe, enquanto era rezada a missa de sétimo dia pelo seu bisavô morto. O Padre Paulo Meneses, durante a prédica, lia uma carta de despedida em que sublinhava o valor intelectual e profissional do humanista cristão Baltar. Num dado momento, em que ouvia com curiosidade as arrumações discursivas da prédica de Padre Paulo, percebi Miguel Arraes sentando-se nos bancos finais da Igreja.

³¹⁰ A Igreja das Fronteiras fica no encontro da Rua Henrique Dias com a Rua das Fronteiras, próximo à Avenida Agamenon Magalhães.



Fig. 18. A Botijinha na atualidade.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 19. Entrada do prédio onde estava localizado o Bar Savoy.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 20. Vista geral do calçadão e da marquise do prédio onde estava localizado o Bar Savoy.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

O Padre, que também vivenciou o golpe de 64 na cidade do Recife e foi constrangido ao exílio, evocava o Sermão da Montanha, *momento em que Cristo passara o dia ensinando à multidão que o acompanhava*. Desta história bíblica, o padre ressaltava a promulgação religiosa das *bem-aventuranças* – um projeto cristão de realização plena da vida: “*Bem-aventurado*”, o padre enunciava em sua prédica, “*é muito mais do que feliz, ou melhor, é uma felicidade que não vem por um golpe de sorte ou pela satisfação de desejos, mas que jorra de uma plenitude de vida*”. Padre Paulo não falava apenas de **Antônio Baltar**; ele referia-se ao *tempo*, ou à *época*, em que, segundo ele, a amizade, a constância e a fidelidade ao humano seriam ainda virtudes presentes no mundo dos homens: ele falava do Recife pré-golpe. O moderno — reino das coisas que mudam — transformaria tudo em modas e ideologias transitórias, anulando o que deveria ser eterno, imutável. Esta preocupação com o humano seria característica de um sujeito completo, realizado; ela teria como base uma curiosidade universal — qualidade de alguém *realmente culto*, de um *verdadeiro humanista*. Entre outras qualidades — honestidade, caráter, valor, competência — o padre ressaltava a qualidade de amigo. Pois a **amizade** representaria a realização de um **projeto moral**, mais do que intelectual. Ao mesmo tempo humanista e cristã, ela funcionaria como uma espécie de **cola social** a unir os homens numa comunidade.

Padre Paulo terminou a leitura de sua carta aberta e um rapaz pediu a palavra, encaminhando-se ao púlpito de onde falou sobre o urbanista e professor Antônio Baltar. Do plano piloto de Caruaru, dirigido por Doutor Baltar, em 1960. Da cidade e os sonhos. Olhei ao redor: várias cabeças brancas, silenciosas e solenes, olhavam para frente, aparentemente concentradas. Será que Pelópidas Silveira também estaria por ali? O que estariam eles pensando? Aonde suas memórias levavam-nos? Daria tudo que tinha por um curso instantâneo de telepatia! O rapaz, lá na frente, recitava versos ritmados oferecidos por João Cabral de Melo Neto a Antônio Baltar. Ao meu lado, Maria, num murmúrio, acompanhava de cor a poesia, escandindo as palavras, como se fizesse uma oração. Num momento mágico, senti-me particularmente próxima às personagens da solidão ascética que é um trabalho de pós-graduação. *Si loin, si proche*. Condensadas, em suas experiências, crenças, esperanças. Espessamente presentes em todo o meu em redor. A cidade adensava-se e o tempo superpunha-se. Era como se um portal se abrisse e eu pudesse... Em verdade, eu poderia... Mas Padre Paulo retomou o ritual, todos se moveram e o ritmo monótono da liturgia retilhou o seu caminho. Ao chegar em casa, na noite daquele 20 de junho de 2003, procurei os termos citados num dicionário de filosofia: em comum à

bem-aventurança, eudemonia e beatitude, havia uma palavra — *felicidade*. É eudemonista “*qualquer doutrina que assuma a felicidade como princípio e fundamento da vida moral*”³¹¹.

No Savoy, na ocasião em que seu Antônio falava, Arraes deu-me então a impressão de ser um estrangeiro em meio a uma cidade com outras intrigas. Ao menos diante da certeza demonstrada pelos intelectuais, que vivenciaram a década de 50, de que faziam, diziam e transformavam a cidade; de serem responsáveis por seu enredo. Nos despedimos de seu Antônio e continuamos descendo a Avenida Guararapes³¹². Alcançamos a Avenida Dantas Barreto e passamos pelo **Largo da Igreja de Santo Antônio** — que Jarbas descreveu como tendo sido um local com muitas prostitutas, por ser perto de uma parada de ônibus; pelo mesmo motivo, foi também um ponto de encontros amorosos *furtivos*. Atravessamos a **Pracinha do Diário de Pernambuco** ou **Praça Assis Chateaubriand**. Nos arredores da Pracinha, atravessando a rua, no encontro entre a Avenida Guararapes e a Dantas Barreto, no Edifício Seguradora, onde hoje há uma loja de revelação de filmes, havia o **Bar da Brahma**, também um ponto de encontro para discussão sobre futebol. No Largo que faz parte da **Praça Assis Chateaubriand** figuram ainda o **Edifício Arranha Céu** — que já foi o mais alto edifício da cidade, com quatro andares —, o **Edifício Louvre** e o **Edifício Brasil**. Em baixo do **Arranha Céu**, havia outra loja da **Sorveteria A Botijinha**. Ao lado da entrada do Edifício Louvre havia a **Joalheria Louvre**, famosa, chique e cara. E ao lado da entrada do Edifício Brasil funcionou o **Banco Brasil**, do presidente do **Santa Cruz Futebol Clube**, Odívio Duarte. No início da Rua Duque de Caxias, número 201, há ainda uma **Casa Maia – material elétrico**. Que, além de casa de material elétrico, no passado, também vendia discos. Eram três lojas na cidade: essa da Duque de Caxias que ainda existe, a da Rua Nova, e a da rua Diário de Pernambuco.

Seguindo a Rua 1^o de Março, a caminho da Ponte Conde Maurício de Nassau, na esquina com a Rua do Imperador, do lado direito, temos ainda hoje o **Café Cristal**, lanchonete que existe desde a década de 20 na cidade. E, atravessando a 1^o de Março, para a margem esquerda da rua, onde hoje existe apenas uma solitária barraquinha de coco,

³¹¹ ABBAGNANO, 2000: 391.

³¹² No primeiro semestre de 2004, o Savoy não estaria mais funcionando. Mantiveram aberto apenas o *cantinho do poeta* — que funcionava como um segundo andar do bar.



Fig. 21. Ed. Arranha-Céu da Pracinha.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 22. Letreiro em alto-relevo do Ed. Arranha-Céu da Pracinha.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

existiu a famosa **Esquina Lafayette**, cenáculo dos anos 20, onde funcionava o **Café Lafayette**, ou **Café Continental**, com mesinhas espalhadas pela calçada à sombra de uma árvore. Na outra esquina dessa encruzilhada, seguindo-se a calçada, mantém-se a **Casa Ramiro Costa**, aberta desde 1888; ela já foi uma grande livraria e papelaria na cidade; também vendia instrumentos musicais e materiais para desenho de engenharia. O que haveria na esquina restante onde hoje há um Banco Itaú? Jarbas não lembrava; resolvemos investigar.

Dobramos à esquerda, na Rua do Imperador, e entramos no Restaurante Dom Pedro para pedir informações. Jarbas explicou-se ao garçom: *“Essa moça aqui está fazendo uma pesquisa sobre a cidade e queria saber de lojas, bares, restaurantes que existiam e já se acabaram. Você sabe dizer o que é que funcionava no lugar daquele Banco Itaú?”* O garçom balançou a cabeça; não sabia, não. Mas aquele senhor de cabeça branca, logo ali sentado, bebendo cerveja, sozinho numa mesa, certamente saberia. Nós podíamos perguntar a ele. Ele chamava-se seu Gaspar e acolheu-nos satisfeito. Perguntou a Jarbas: *“Você se lembra que aqui ao lado havia a **Copiadora Pernambucana**, aberta em 1951?”* Jarbas não apenas lembrava como ainda tinha uma cópia da sua certidão de nascimento tirada lá. *“Pois ela era de minha propriedade!”*. Seu Gaspar lembrou do tempo gasto para se fazer uma cópia, muito diferente das xeroxes de hoje em dia, pois o método era semelhante ao de uma fotografia... Lembrou também da existência de duas Leiterias: **Leiteria Recife** e **Leiteria Imperador**; do **Recife Hotel**; do **Diário da Manhã**, de Heleno Gouveia, e da **Joalheria Krause**, onde Jarbas havia comprado um relógio que perdeu num jogo do Esporte.

Nos despedimos de Seu Gaspar e seguimos o nosso caminho, descendo a Ponte Maurício de Nassau. Desembocamos no Cais da Alfândega. Do lado direito, há um grande prédio que toma a esquina do Cais da Alfândega com a rua Marquês de Olinda, seguindo até a esquina com a rua Madre de Deus — ocupa um quarteirão. Hoje é um prédio em reformas para construção do Complexo Cultural Chanteclair. Neste prédio havia funcionado a **Boate Moulin Rouge** (que também teve o nome de **Boate Chanteclair**). A entrada da **Moulin Rouge** ficava virada para o Rio. Uma escada subia até um grande salão. Na ponta dos pés, ainda pude vê-la por sobre a madeira que cerca a obra. O quarto das prostitutas ficava no andar de cima. Jarbas contou que nessa Boate, se vinha também apenas para dançar com as **táxi-girls** — dançarinas de aluguel. O salão tinha umas luzes coloridas; enquanto o casal dançava, as luzes iam mudando. A cada troca de cor de luz

alguém vinha furar um cartão que a táxi-girl tinha consigo. Depois, o rapaz pagava uma quantia por cada furinho no cartão. Jarbas cantarola uma “*música brega*” da qual se lembra: “*Ô bailarina, não marque o seu cartão*”.

Nesta construção atualmente em reforma, no térreo, ficava o **Bar Restaurante Gambrinus**. E, do lado contrário da Marquês de Olinda, funcionava o **Bar Restaurante OK** — deste, hoje, só existe uma placa. A rua paralela à Avenida Marquês de Olinda, rua Vigário Tenório, era conhecida como **Zona de Prostitutas**, bem como a **Rua Do Bom Jesus** e a **Rua da Guia**. No encontro da Rua da Guia com a Avenida Barbosa Lima ficava instalada a **Câmara Municipal da Prefeitura da Cidade do Recife**, no Edifício Alfredo Fernandes. Uma funcionária do local, *uma das mais antigas*, de acordo com o porteiro, lembrava-se que a Câmara havia funcionado no primeiro andar. Segundo Jarbas, a brincadeira que se fazia na ocasião era que os vereadores estavam no lugar certo: na zona.

Indo para o outro lado, na Avenida Rio Branco, havia o bar **As Galerias**. O bar era um corredor comprido que abria para duas ruas e vendia o leite maltado *mais famoso da cidade*, alimento freqüente entre os notívagos ao final da ronda. Hoje, ao passarmos por lá, para nossa surpresa, ele estava fechado; em frente, apenas uma faixa avisando que eles passariam a funcionar na Rua do Bom Jesus. Na Travessa Bom Jesus, em frente a Praça do Arsenal da Marinha, ou a Praça Artur Oscar, no número 91, ficava o prédio da **Great Western**, companhia inglesa responsável pelos telegramas, iluminação e linhas telefônicas. No prédio abandonado, ainda se vê esculpido em pedra, no pórtico, a sigla **WTC^oL^o**. E na lateral do prédio está escrito “**Via Western Telegrama**”.



Fig. 23. Esquina do Complexo Chanteclair.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 24. Vista Geral do Complexo Chanteclair.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 25. Restaurante OK.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 26. Prédio onde ficava o bar As Galerias.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 27. Letreiro do prédio da Via Western.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 28. Fachada do prédio da Via Western.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 29. Detalhe do prédio da Via Western.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

CAPÍTULO III

AETERNITAS

3.1. AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM

Recife, pontes e canais. Pátios. Lajes carcomidas, decrepitas calçadas³¹³. É madrugada e os grilos calam³¹⁴. A noite ressuscita o silêncio em todos os rumores³¹⁵. Gotas de som sobre a cidade — gritos de metal que o silêncio da treva condensa em harmonia. As horas caem do relógio do Diário de Pernambuco: duas, três, quatro...³¹⁶. **Juca** vai navegando o mar de sombra das vielas, enquanto ouve as horas que as torres apregoam³¹⁷. As velhas ruas do Recife. Escuras e estreitas³¹⁸. Humildes pardieiros. Quanta gente esquecida e abandonada! Estas velhas ruas são refúgios do valor desviado e da coragem anônima. Sombra indulgente para os malfeitores, de quem ocultam os crimes e a quem dão — generosas nos momentos de paz — um conselho materno³¹⁹.

Os velhos sobrados de paredes altas, nuas, planas, desertas. Dos postes, tremulam luzes diabólicas que lembram o medo de ver almas. As janelas das velhas casas negras,

³¹³ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

³¹⁴ **O Relógio** (CARDOZO, 1947: 105).

³¹⁵ **Inverno** (CARDOZO, 1947: 27).

³¹⁶ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

³¹⁷ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

³¹⁸ Entrevista com JOÃO. João Lopes de Melo — Segundo João, na sua infância e adolescência “a rua não era com essa iluminação, não! Sabe qual é aquela lâmpada de 60 velas, com aquele prato de metal em cima? Você andava daqui para ali e já estava no escuro. E tinham certos lugares que tinham umas árvores, então era escuro mesmo. Você já passava com medo!”

³¹⁹ **Velhas Ruas** (CARDOZO, 1947: 17).

como bocas abertas desdentadas, dizem versos para a mudez imbecil dos espaços imóveis³²⁰. Naquele velho sobrado, a noite chega. Passam serenamente por cima daquele telhado estrelas que vêm do largo mar³²¹. O olhar de **Juca** dança entre a humilde proteção dos telhados sombrios, o equilíbrio burguês dos postes, a ironia curiosa das sacadas. O muro que a ferrugem rói — espírito coletivo das gerações passadas — sugere o velado esplendor espiritual dos conventos, o ritmo das coisas imperfeitas³²².

Está chovendo sobre o mundo e todas as portas se fecharam³²³. A noite desce mais negra sobre a sua cabeça. Ele sente a água escorrer, cada vez mais fria ao longo do seu corpo³²⁴. Água da chuva que vem dos subúrbios distantes, dos sítios onde as mangueiras florescem, onde tem cajus e mangabas, onde os coqueiros se aprumam. Pequena chuva inconstante e breve que em noites de lua cheia passa rondando os maruins³²⁵ — lama viva, espírito do ar noturno do mangue, que invade as casas, molha o chão e encharca os ventos³²⁶. Pobres ventos sem trabalho, expulsos dos moinhos, dos navios, desembarcados no primeiro porto, onde estão agora silenciosas as alvarengas. Eles vão pelas ruas vazias batendo às portas num clamor de rajada, de lamento e revolta³²⁷. São ventos de pele gelada tocando em seu rosto. São ventos antigos, lembranças, rumores, são vozes, são queixas veladas que, às vezes, soturnas, encerram mistérios³²⁸.

Juca tropega pela cidade noturna. Velha, triste, fantástica cidade. De uma humilde trapeira sem flores, sem poesia, ele alonga a vista sobre as águas, sobre os telhados, sobre as luzes das pontes e do cais. Refletindo em colunas sobre o rio, elas dão a impressão de uma catedral imersa, imensa, deslumbrante, encantada, onde as almas dos heróis antigos vão rezar ao esplendor das noites velhas, quando a noite está dormindo, quando as ruas estão desertas, quando um luar transviado envolve o casario. Ele caminha a passo lento. Crê que alguém o espia do alto das cornijas — enquanto vai passando na sombra a ronda dos seus sonhos. Ele sente no sangue a carícia da noite³²⁹. E pressente que as coisas se estão reunindo por trás da realidade³³⁰. Vagam fantasmas pelas velhas ruas, ao passo que,

³²⁰ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

³²¹ **Eram Cinco Estrelas do Mar** (CARDOZO, 1947: 113).

³²² **Velhas Ruas** (CARDOZO, 1947: 17).

³²³ **Mariana** (CARDOZO, 1947: 35).

³²⁴ **Mariana** (CARDOZO, 1947: 35).

³²⁵ **Chuva de Caju** (CARDOZO, 1947: 59).

³²⁶ **Chuva de Caju** (CARDOZO, 1947: 59).

³²⁷ **Inverno** (CARDOZO, 1947: 27).

³²⁸ **Figuras do Vento** (CARDOZO, 1947: 107).

³²⁹ **Recife do Outubro** (CARDOZO, 1947: 39).

³³⁰ **O Espelho** (CARDOZO, 1947: 111).



Fig. 30. Antigos telhados do Recife.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

em falsete, a voz fina do vento faz rir os cartazes. Recife, ao clamor desta hora noturna e mágica, ele o vê. Vindas do mar, do céu, figuras amplas dilatadas pelo tempo, vultos brancos de aparições estranhas. Sonhos! Evocações!³³¹

Na estranha madrugada, da sombra das velhas mangueiras, dos flamboyants cardeais e jambeiros púrpuras, por um momento, surgem curiosas sombras³³². Parecem cantadeiras de bumba-meu-boi: — “*Bumba meu boi! Bumba! Cavalo Marinho vem que vem dançando bem devagarzinho. Cavalo-marinho de onde é que vem? Das praias de longe? Das terras de além? Bumba-meu-boi! Bumba! Que vem de chegar cavalo marinho das bandas do mar*”. Cantando, afastam-se, vão ao longe, salvar o boi e a nação. Enquanto, da sombra dos casebres, vêm os vultos de muitos romeiros que vão acampar no pátio da Igreja dos Martírios³³³: — “*Ai! Que saudade! Ai! Que ai! Na almofada a fazer rendas, ouvimos contar velhas lendas e o vento passar nas fendas dos mocambos de capim. Ai! Que saudade! Ai! Que ai!*” As sombras retirantes lamuriam: — “*Somos uma sombra sem corpo, somos um rosto sem pessoa, um vento de ar soprando, sem som, um canto, uma loa*”. Do poste de luz, um capitão bem montado, em seu cavalo marinho, capitão de altas milícias, anuncia que vem perseguir os fortes e os fracos desagrar: — “*Sou conde condecorado com a Cruz do Tempo e do Ar, sou comandante das Nuvens, sou errante no pelejar e trago comigo um mandato de tudo remediar*”³³⁴.

Bumba meu boi! Onde ele está? Da lateral do velho sobrado, aparecem cinco risonhos formando um quinteto de gargalhadas orquestradas por um maestro. Sob a batuta, vem a bandinha risonha. De onde vêm os gracejos que estes homens fazem rir? De outro mundo? Quem sabe? Estas gargalhadas soltas devem ser os sons gelados daquelas mudas risadas, ouvidas no cemitério. São o som de um riso eterno, riso estendido — triste música que o tempo gelou na boca. *Bumba meu boi!* **Juca** olha, hirto, a mão direita na cal da parede, um palhaço que se dirige ao capitão e tira das abas do largo paletó uma chaleira. Agacha-se para fazer um foguinho imaginário e, nele, um chá. Traz rastos de nuvens com penas de passarinhos e da cana, rastos em bagaço que apanhou pelos caminhos. Um deles, por certo, do boi perdido há de ser. Eles bebem um chá de rasto, assim podem saber aonde

³³¹ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

³³² **1930** (CARDOZO, 1947: 65).

³³³ A Igreja dos Martírios foi posta abaixo com a finalização da Avenida Dantas Barreto.

³³⁴ **O Coronel de Macambira** (CARDOZO, 2001: 16).

o boi deve estar. E lá está o boi bumba! Deitado como quem dorme³³⁵. Uma sombra que se alarga na rua estreita.

Cheirando a arruda e rosas mortas, ervas e sementes, cascas e raízes que existem somente nas terras secas do sertão — que explode em cores no mais leve perfume balsâmico da rara chuva —, o curandeiro chega. Não é doutor, nem mágico, não é feiticeiro: é um ervanário, um curandeiro³³⁶. Ele chega para salvar o boi, para salvar a vida, nessa nova era, para salvar o povo que por ele espera. Aproxima-se, trazendo dois cestos cheios de ervas, pendurados de um calão apoiado no ombro esquerdo. *Bumba meu boi! Que boi bonito. Parece que está dormindo. O mestre curandeiro, mestre da vida produtiva está aqui para conhecer as raízes deste sono. Pelo que vê, está sofrendo. É de fascinação, talvez? Não se move, não sente a influência das rosas mortas... Então, o que tem é um sonho. Os olhos fechados estão abertos para um sonho que o impede de acordar? Ou talvez seja o contrário? Sente a falta de um sonho: um sonho que o seu sono procura sem encontrar. O curandeiro olha para o boi. Olha para o cesto. Ali tem um remédio que o fará sonhar! Ele encontrará o sonho que procura: — “Bumba, meu boi! Bumba! Porém, cuidado! O sonhar ofende aos que não sonham. Ah! Os que estão na planície e sentem a vertigem das alturas! Bumba, meu boi, bumba!”*³³⁷

Juca esfrega os olhos, tapa um ouvido — que a outra mão segura a parede, sacode a cabeça, até que as sombras das árvores, casas, pontes, postes e sobrados sobem do chão e agasalham-se nos ramos e telhados. Ele diz de si para si, querendo convencer-se — e sente a língua grossa e pesada na boca —, que não há motivo para receios. Sob a perpétua luz das estrelas frias e impassíveis, ele perscruta a sombra da noite imóvel e reza para que a terra do mangue esteja dormindo³³⁸. Reza para Nossa Senhora, que foi mulher simples, do povo, e é guardiã da simplicidade do espírito popular, da fé simples, sem complicações, fé do povo, e por isso mais autêntica³³⁹ — “*Valha-me, minha Nossa Senhora!*” Além do mais, ela é capaz de cada milagre de fazer empenar³⁴⁰. Evocando a santa de sua predileção, **Juca** retoma o caminho em passos titubeantes, a cabeça voltando-se rápida em qualquer direção que sugira ameaça de assombração.

Valha-me Nossa Senhora,

³³⁵ **De uma noite de festa** (CARDOZO, 1971:134-137).

³³⁶ **De uma noite de festa** (CARDOZO, 1971: 92).

³³⁷ **De uma noite de festa** (CARDOZO, 1971: 92).

³³⁸ **Terra do Mangue** (CARDOZO, 1947: 81).

³³⁹ **Auto da Compadecida** (SUASSUNA, 2002).

³⁴⁰ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 32).

Mãe de Deus de Nazaré!
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher.
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré³⁴¹.

Ele caminha mais rápido. Sem olhar para os lados. Num suspiro de alívio, reconhece **O Castelo** e tranca o resto da noite lá fora. Quem é que sobe as escadas batendo o liso degrau? Marcando o surdo compasso com a sua perna de pau?³⁴². No ar, o prenúncio de sinos. Sinos mensageiros. Sinos de aleluias. Sinos de alegrias matinais³⁴³. Uma voz viva, humana, de mulher canta: — *“Roseira, manhã rosada – vai pelos campos, espalha rosas de luz afiada, cortante como navalha. Roseira, manhã rosada...”*³⁴⁴ De certo, lá fora, a luz do dia está nascendo. A manhã mais uma vez surpreende as árvores. Surpreende todas as formas, pois os galos guerreiros estão cantando ao longo dos subúrbios alheios³⁴⁵. E, enquanto o sol for crescendo, o vento recolherá as nuvens e o vento desfiará a lã³⁴⁶. No quarto, outros dormem. **Juca** despe-se de seus medos e desaba em sua cama fria. Ele tem a impressão de que mal acabou de cerrar os olhos, quando lhe sacodem pelo ombro: — *“Acorda, peste! Você não vai trabalhar, não? Já é manhã alta, acorda que você está atrasado!”*. Sem perceber que **Eleutério** está lhe dando um trote dos bons, **Juca** levanta-se ainda sonolento, com aquela voz insistente a chamar pelo seu nome e, depois de se inteirar do que está acontecendo — está deitado em sua cama na Pensão **O Castelo**, diante de seus colegas de quarto —, ele fixa o olhar em **Eleutério** a fim de saber o que se passa, ao que este diz: — *“Arreda o pé que você está atrasado para o emprego! Avia, avia, homem de Deus!”*.

Juca salta da cama, agarrando suas roupas e corre como um louco para escovar os dentes e passar uma água no rosto, já que não dá tempo de tomar banho, muito menos café. Enquanto toma estas providências, **Eleutério** goza de sua aflição, porque **Juca** não pode faltar ao trabalho ou chegar atrasado, chova ou faça sol: — *“Só faz farra na quarta-feira à noite quem pode dispensar a manhã da quinta! Mas, rapaz, você é um funcionário precário que não pode perder o emprego! Tais pensando que é gente só porque trabalha*

³⁴¹ **Auto da compadecida** (SUASSUNA, 2002: 169/170).

³⁴² **Relógio** (CARDOZO, 1947: 105).

³⁴³ **Elegia para Benedito Monteiro** (CARDOZO, 1947: 57).

³⁴⁴ **De uma noite de festa** (CARDOZO, 1971: 92).

³⁴⁵ **Elegia para Benedito Monteiro** (CARDOZO, 1947: 57).

³⁴⁶ **Imagens do Nordeste** (CARDOZO, 1947: 97).

no Banco do Brasil?!”. Enquanto **Juca** vai correndo pela casa, **Eleutério** segue atrás dele, gozando a sua caveira. Quando passa por **Maria**, que está mancomunada com o sem vergonha do **Eleutério**, ela pergunta: — “Oxe, para onde o senhor vai tão depressa assim?” Mas **Juca** só tem tempo para dar-lhe um bom dia e se mandar rua afora. Ele se desabala escada abaixo para ganhar a rua à espera de um ônibus que o deixe no bairro do Recife, como de costume. Pois, apesar de achar apazível andar a pé pela cidade — costume adquirido em sua infância de recursos parcos — o pavor de chegar atrasado leva-o a tomar um ônibus todas as manhãs. Bem como, invariavelmente, a chegar com pelo menos uma hora de antecedência no trabalho. Já teve, inclusive, ocasião de sair direto das farras de bordel para o Banco — tudo em nome de cumprir o ritual da assinatura do ponto.

Esta manhã, ao seguir pela Rua do Alecrim, cruza com um ou dois pedestres. A Dantas Barreto está deserta. **Juca** pega o primeiro ônibus que passa³⁴⁷. O ônibus,

³⁴⁷ A prefeitura de Pelópidas (1955-1959) — através da Divisão de Planejamento e Urbanismo — organizou o fluxo dos veículos, principalmente dos transportes coletivos de passageiros, tendo como base o plano viário de Edgar Amorim, cujo objetivo básico era simplificar o problema das ligações entre o Núcleo Central e a Zona Externa da Cidade. Este plano viário compunha-se de 04 perimetrais e 05 radiais que deveriam estabelecer as ligações internas ao núcleo central e deste com os demais bairros. O plano viário de Edgar Amorim propunha como base para a organização viária: a **Primeira Perimetral** constituída: **a)** pela Avenida Dantas Barreto, **b)** pela Avenida entre o Pátio do Carmo e a Avenida Martins de Barros, junto ao Grande Hotel, **c)** Pela ponte a ser construída do Grande Hotel ao Bairro do Recife (Imagino que esta ponte, sugerida no plano viário, deveria existir entre a Ponte Maurício de Nassau e a Ponte 12 de Setembro — e, obviamente, não foi realizada). **d)** Avenida Alfredo Lisboa, **e)** Avenida Rio Branco, **f)** Ponte Buarque de Macedo, **g)** Praça da República, **h)** Avenida Dantas Barreto — fechando o perímetro. A **Segunda Perimetral**: **a)** pelas Avenidas que acompanham o canal ligando o Capibaribe, na Ilha do Leite, ao Rio Beberibe, na Tacaruna, estrada tronco da zona litoral norte. A **Terceira Perimetral**: **a)** pela atual Estrada dos Remédios, **b)** rua Visconde de Albuquerque, **c)** rua José Bonifácio (com passagem sobre o Capibaribe em Santana e atingindo Parnamirim), **d)** rua Padre Roma, **e)** Estrada Velha de Água Fria e **f)** Avenida Norte até o Bairro do Recife, depois de atravessar o Beberibe pela Ponte de Limoeiro. A **Quarta Perimetral** (importantíssima porque liga todas as estradas-tronco que chegam ao Recife): **a)** tem começo na Estrada da Imbiribeira (que deve medir de largura 40 metros), **b)** atravessa todo o Ibura, **c)** passa em Areias, **d)** cruza a Avenida Caxangá, **e)** corta o Capibaribe entre Apipucos e Monteiro (trecho ainda não projetado em definitivo), **f)** e procura a Avenida Norte, descendo por esta até o Bairro do Recife. Ligando essas perimetrais, temos as **principais radiais**, a saber: **1)** Entre o Parque 13 de Maio e Campo Grande; **2)** Entre a Rua da Aurora e Avenida do Canal; **3)** A Rua Conde da Boa Vista, ligando o centro comercial a perimetral do canal; **4)** A Avenida que parte do Cais de Santa Ria atravessa a ilha do Leite, corta as Avenidas que margeiam o canal, no Paissandu, bifurca-se procurando um ramo atingir a Avenida Caxangá; e outro, cruzando a Estrada dos Remédios entroncará com a Estrada do Bongü até o Engenho do Meio; **5)** A Radial Avenida Sul ligando a Estação Rodoviária à estrada da Imbiribeira e à Rua São Miguel, no Largo da Paz. O **Plano Viário** de Edgar Amorin levou em consideração: 1) O esquema viário proposto pelo Plano de Ulhôa Cintra, 2) Os elementos do Plano de Domingos Ferreira, 3) A planta precisa e atualizada da cidade mediante levantamento aerofotogramétrico (realizada em 1951). As propostas do **Plano Viário** de Edgar Amorim foram efetivadas no governo de Pelópidas Silveira através das obras de alargamento, alinhamento e pavimentação de algumas ruas da cidade. Para estabelecer as ligações interbairros, foram realizadas as seguintes obras: 1) Obras ligando os Bairros de Casa Amarela ao de Beberibe; 2) Ligando o Bairro de Afogados ao do Prado; 3) Ligando o Bairro de Santo Amaro aos da Encruzilhada e Casa Amarela (Avenida Norte); 4) Ligando os bairros de Santo Amaro, Espinheiro, Parque Amorim, Derby e Madalena (Canal Derby-Tacaruna/Parque Amorim) e 5) Criando a estrada da Imbiribeira, que deveria articular vários bairros ao sul do Município. De acordo com Virgínia Pontual, embora as obras de alargamento e pavimentação das ruas do Centro tenham adquirido maior valor simbólico, as obras nos

praticamente vazio, segue pela Avenida em frente ao Pátio do Carmo, saindo ao Lado do Grande Hotel, na Avenida Martins de Barros — à beira do Rio Capibaribe. Nem viva alma. Dobra na Ponte Maurício de Nassau, a mesma coisa. Já no meio da Ponte, aparece um marinheiro estrangeiro, com sua farda alvíssima melada de sangue, acompanhado por dois soldados de polícia e um cara atarracado com a cara quebrada. Pelo visto, o marinheiro devia ser bom boxeador, mas parece que não entendia nada de peixeira. Um polícia trazia a arma do crime, na mão direita, enquanto o outro segurava o meliante, dono da peixeira, pelo cós da calça³⁴⁸. Ele desce na própria Avenida Rio Branco. Quando chega no Banco do Brasil, ele está fechado³⁴⁹. Nem sinal de gente. Juca olha no seu relógio de pulso — para ele motivo de orgulho, pois que comprado na famosa Joalheria Louvre, na Praça do Diário, com seu primeiro salário de bancário — “São sete e meia da manhã e a cidade parece não se ter dado conta disso!”... — ele pensa.

Desde que entrou no Banco do Brasil, **Juca** leva sua vida de forma despreocupada, só pensa mesmo no Banco porque não há maneira de esquecê-lo, já que vive a maior parte da vida lá dentro, agarrado com os números³⁵⁰. Costumeiramente, ao sair do Banco, ele fica lá no bairro do Recife, ora nas pensões das raparigas, ora nos botequins — como o **Okay** e o **Gambrinus**, conversando com os amigos e outras coisas mais. Depois, o grupo atravessa a ponte Maurício de Nassau e cada qual toma seu destino. E foi justamente isto o que ocorreu no dia de ontem. Aos poucos, a memória reconstitui o acontecido: do Banco, ele seguiu para o **Okay** com os amigos, eles se exercitaram no levantamento de copos — única física que Juca tem feito ultimamente, até que seguiram pela Ponte Maurício de Nassau, de onde ele continuou sozinho pela Rua 1^o de Março e, como não tinha nada para fazer, aproveitou para dar um pulo na redação do **Diário de Pernambuco** para ver um amigo que lá trabalha e jogar conversa fora. **Juca** lembra de ter ouvido o relógio do Diário tocar às três horas da madrugada... E lembra também... — “Ei, espera aí!” Aos poucos,

subúrbios foram importantes, uma vez que atendiam às necessidades dos governados pobres e abriam novos lugares passíveis de ocupação e valorização imobiliária. (O plano Viário pode ser encontrado no Boletim Técnico da SVOP, vol. 28, ano 14, jul./dez. 1952, ele é trabalhado por PONTUAL, 2001: 164/165).

³⁴⁸ BARBOSA, 1992: 59.

³⁴⁹ O prédio antigo do Banco do Brasil funcionou durante muito tempo na Avenida Alfredo Lisboa, número 427, no bairro do Recife. O prédio novo, inaugurado no início de 1960, funcionou (bem como funciona até hoje) na Avenida Rio Branco, número 240, no Cais do Apolo. Segundo Capiba, no prédio antigo, só havia um elevador, um bar, café ralo e toaletes para homens e senhoras. Já o prédio novo, de acordo com o mesmo, tem tudo do bom e do melhor: água mineral gelada para os funcionários e para o público, tem um bom café também para os clientes, tem um amplo restaurante para os funcionários a preço de banana, tem sala de estar para os funcionários aposentados, e uma galeria para exposições — o Espaço 10, além de cinco ou seis elevadores (BARBOSA, 1985: 257).

³⁵⁰ BARBOSA, 1985: 376.

uma intuição enevoada ganha a consistência de um conhecimento límpido, como num lampejo — “*Ah, miserável! Filho de um cão sarnento!*” — Cá está ele todo enfatiado, às sete e meia da manhã — ainda com o gosto da farra de ontem na boca, em pleno feriado!

Já que está aqui no bairro do Recife, sobretudo depois da grosseria com que foi arrancado do seu sono justo, **Juca** resolve andar até **As Galerias** para beber um leite maltado e munir-se de paciência — a gozação no **Castelo** virá como uma grande onda que ele terá de esperar passar com toda paciência. A brincadeira deve ser levada na esportividade. Se você é alvo de um trote qualquer, deve esperar a sua vez e na primeira oportunidade dar a revanche. — *Ah, eu te pego na curva, Eleutério!* — é o que **Juca** diz consigo mesmo, sem, contudo, estar aborrecido ou ressentido. Agora só lhe resta relaxar e esperar. Na Avenida Rio Branco, indo em direção a Alfredo Lisboa, à beira da bacia portuária, **Juca** inspira o ar salobro. Ele pensa: — “*Quão diferente é o Recife Velho da arquitetura moderna da Guararapes, com seus edifícios pomposos, verticais, feios, retos, inodoros*”. Para **Juca**, em nome do progresso, estão dilapidando o bairro de Santo Antônio³⁵¹ — os seus cheiros, suas cores, sua cultura, sua história. Enquanto as estreitas ruas do São José — Livramento, a rua Direita, Rua da Palma — recendem a cheiro de tecido, cheiro de queijo, palha, caranguejo — como as ruas lindeiras ao Mercado. As ruas do Recife Velho têm cheiro de maresia e perfume de quenga — óleo de capim, para botar no cabelo, que seu Paulo traz num caixote aprumado na cabeça carregado de essências e miudezas.— “*O que salva a Guararapes*”, ele matuta, “*é o Nicola e o Savoi, que impregnam a Avenida com um delicioso e reconfortante cheiro de café... E tem também a Ponte Duarte Coelho, que recende a pó-de-arroz da Cachemere Bouquet, perfume Coty ou Royal-Briar, a rouge, laquê e Englis Lavanda Atkinsos*”.

³⁵¹ De acordo com Virgínia Pontual, no final dos anos 50, o núcleo primitivo da cidade — formado pelos bairros do Recife, Santo Antônio e São José (aos quais vem se juntar os Bairros da Boa Vista e Santo Amaro, contíguos ao núcleo primitivo, compondo o centro da cidade, no final dos anos 50) — concentrava apenas 4,4% da população da cidade — o que significa que há um esvaziamento populacional. Dos três bairros, o de Santo Antônio apresentou crescimento negativo provavelmente em vista das demolições para abertura da Avenida Dantas Barreto e da ampliação do comércio e dos serviços, enquanto o bairro do Recife apresentou um pequeno crescimento e o bairro de São José manteve-se praticamente estagnado. (PONTUAL, 2001: 42)



Fig. 31. Vista área da Av. Dantas Barreto.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 32. Carnaval de rua com um caminhão servindo de corso em frente à sorveteria A Botijinha.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

Para ele, o Recife é uma cidade perfumosa. Algo que se intensifica no carnaval, quando as pessoas andam nas ruas como se a atmosfera inteira estivesse perfumada, uma coisa maravilhosa! Uma fragrância, uma delícia — pessoas cheirando a lança-perfume Rodouro³⁵² — sobretudo na Pracinha do Diário, em volta do palanque montado diante da sorveteria **A Botiginha**, para onde convergem todas as agremiações no Carnaval.

Chegando em frente às Galerias, **Juca** vê um rapazote sentado em pleno meio-fio tentando consertar a corrente de sua bicicleta. De camisa verde, calça amarela com uma listra vermelha, calçado de bota, e com um talabarte cruzando o peito — a bolsa onde os entregadores carregam os telegramas. Ele reconhece *camarão*, vestido com o uniforme da Via Western — ao lado esquerdo da camisa escrito: Western Telegraph. Ele é morador de Santo Amaro, onde Juca nasceu e passou a infância e adolescência, na casa de seus pais. Como acontece com muitos jovens de Santo Amaro, o primeiro emprego de **Camarão** é na Western: salário mínimo, andando todo o Recife entregando telegramas de bicicleta, sem final de semana ou feriado³⁵³.

- Está fazendo o que na rua, a essa hora da manhã, em pleno feriado, **Camarão**? Está vadiando, é?
- Diz, **Juca**. Qual o quê! Estou esperando dar oito horas para pegar o boró — o bolo de telegramas — e fazer as entregas³⁵⁴.
- Que moleza, hein?
- Moleza nada. É parada dura! É um montão de telegrama assim para entregar — ele simula a quantidade com a mão. — De bicicleta, andando o Recife todo. Em baixo de chuva ou sol. No meio dos carros. Subindo viaduto com o vento na cara. Queria ver você dar conta disso. Tem que ser é muito macho.
- Olhe o respeito, moleque! — **Juca** diz enquanto dá um cascudo de brincadeira em **Camarão** — E essa bicicleta, de quem é?

³⁵² Entrevista com JOÃO. A lembrança de João é de um centro limpo, cheiroso, de pessoas bem vestidas. Ir ao centro era um acontecimento e as pessoas vestiam-se para tanto: *A cidade agora está feia, rapaz! O centro está feio, tudo sujo, não era assim. Não era sujo, não. O pessoal era arrumado. Eu percebia isso. Quer dizer, o povo andava arrumado. Talvez porque o centro da cidade fosse realmente o lugar onde o pessoal ia fazer compras e tal ou então passear. Era arretado!*. Para ele, hoje a cidade já não cheira. O Recife fede: *“Eu não sei, rapaz... Ou eu estou perdendo o olfato ou eu estou ficando muito apurado no olfato... As descrições de Juca do cheiro das ruas são-lhe emprestadas por João. As marcas dos produtos sentidos na Ponte Duarte Coelho são retiradas do poeta Jessier Quirino, “Prosa Morena” (QUIRINO, 2001).*

³⁵³ Entrevista com João: *Uma boa parte do pessoal lá de Santo Amaro trabalhou na Western. O primeiro emprego era lá porque ninguém queria andar de bicicleta o dia todo, não é? E ganhava um salário mínimo, só. Aí pronto! Mas para meninos de 18/19 anos, aí o dinheiro estava bom. João, hoje, voltou a morar em Santo Amaro — na mesma casa onde nasceu e que foi construída pelo Serviço Social pelo Mocambo.*

³⁵⁴ Entrevista com João.

- Essa é minha. Eu comprei de um amigo da onça. Isso devia ser mais velha que a moléstia dos cachorros — o cabra ajeitou, falou que estava bom e me enganou. Ela vive se desmanchando quando eu caminho. Solta corrente, cai a serra. É uma zona danada.
- E você consegue cumprir o horário com a bicicleta desse jeito?
- Consigo, dá tempo. Só que eu tenho que andar com a chave de fenda no bolso. Eu amarro aqui, aperto ali e sigo em frente. Às vezes eu termino as entregas até antes do tempo, mas encosto por aqui e só chego no horário.
- Sei, é por isso que ninguém recebe telegrama certo nessa cidade! — **Juca** diz isso brincando que é para mexer com **Camarão**. Ele sabe que os ingleses da Via Western são organizados. Em contrapartida, os Correios é que são uma esculhambação só. Ninguém acredita neles. Há quem diga que tem mensageiro dos Correios que pega o telegrama, joga no rio e vai embora para casa. Na Western, não. Os entregadores têm que trazer o canhotinho assinado, com data, hora e tudo o mais. Um negócio bem organizado, com disciplina, senão não funciona³⁵⁵.
- Oxe, eu não trabalho nos Correios, não, meu filho! Agora deixe de conversa fiada e me diga que prova foi essa que tu fez para entrar no Banco do Brasil. Eu vou fazer também, que é pra viver nessa mamata que nem tu. Parece até artista de cinema! — ele diz de um jeito debochado.
- Ah, e você está pensando que é moleza? Tem prova de português, francês, inglês, datilografia, aritmética, contabilidade e a prova mais importante, a única eliminatória: o teste da farinha³⁵⁶ — porque num lugar em que só trabalha homem tem que ser tudo macho!³⁵⁷
- Oxe, meu filho, se for por essa prova eu já passei: aqui só tem saída, entrada necas, *neva*!

³⁵⁵ Entrevista com JOÃO. O seu primeiro emprego foi na Via Western. E sua bicicleta constantemente se desmontava. *A Western Teteghaf Company (...) tinha um tubo de cobre que saía daqui e ia bater na Guararapes. Na verdade, era uma ligação pneumática. Você pegava uma maçaroca de telegrama recebido — lá tinha um telégrafo — aí fazia um bolo, a gente enrolava, aí tinha um bruuuuu...* — João faz um barulho imitando o funcionamento do tubo — *“Puxando, feito ar comprimido. Aí botava ali e zuuu... — novamente João imita o barulho dos telegramas seguindo — Aí chegava na subestação — que a gente chamava de subestação — na Guararapes (...). Não tinha nada a ver com o Correio, não. O Correio era tão ineficiente!*

³⁵⁶ BARBOSA, 1985: 205.

³⁵⁷ Segundo Capiba, durante o período em que trabalhou para o Banco do Brasil — de 1930 a 1961 — não havia mulheres trabalhando lá.

Eles riem, despedem-se e **Juca** deseja a **Camarão** boa sorte com a bicicleta. Vê-lo fez **Juca** lembrar-se de sua infância — de Santo Amaro, com seu cheiro de feiras de mangaio (feiras de frutas e verduras), de mangue e dos biscoitos da fábrica Pilar, trazido pelo vento nordeste macho que limpava as águas do mar das águas barrentas do rio. Fez ele lembrar de sua mãe, uma mulher analfabeta, que nunca saía de casa, e dizia que as mulheres eram prisioneiras: sempre em casa. O único lugar aonde ela ia sempre que podia — e levava os filhos com ela — era o circo. Toda vez que um circo novo chegava à cidade, lá ia ela com seus filhos. Circos com suas tendas de lona, com seu caminhar que nunca se acaba, sempre nos rastros de povoados, levando a cada um deles os seus palhaços de cara raiada, de nariz vermelho; nas roupas, farrapos de nuvens. E — *“Hoje tem espetáculo? Tem, sim, senhor!”*

Antes de chegar ao Recife, sua mãe morava em Rio Tinto, na Paraíba, onde trabalhava com toda a sua família na fábrica de tecidos da família Lundgren — também dona de uma fábrica em Paulista. Ela abandonou-os — família, emprego e vida de miséria — para vir viver o sonho da cidade do Recife, onde todos sussurravam haver fartura, trabalho, e tudo o que há de bom. Ao chegar na cidade, nas franjas do mar, sem leitura, sem dinheiro, sem família, chegou a passar um dia inteiro sentada à beira do Capibaribe, pensando em se jogar naquelas águas fartas, misturar nelas as suas lágrimas, e acabar de vez com o sofrimento do mundo que lhe rasgava o peito de tanta dor³⁵⁸. Mas levantou a cabeça e cantou uma velha cantiga que lembrou ouvir sua mãe cantar, pondo cadência no trabalho de muitas mulheres, enquanto lidava com o tear: *“Constância, meu bem, constância, constante sempre serei, constante até a morte, constante eu viverei”*... Levantou-se e caminhou, caminhou, caminhou sem rumo, até entrar sem quê nem porquê num botequim, em Santo Amaro, onde lhe ofereceram um copo de água e deram-lhe um emprego de garçoneiro. Foi lá onde, uns tempos mais tarde, conheceu o pai de **Juca**. Com ele teve três filhos e viveram juntos até que Caetana — a morte, como a chamavam nas terras de sua mãe — levasse aos dois.

³⁵⁸ Entrevista com JOÃO. De forma resumida, essa é a história de vida de sua mãe.

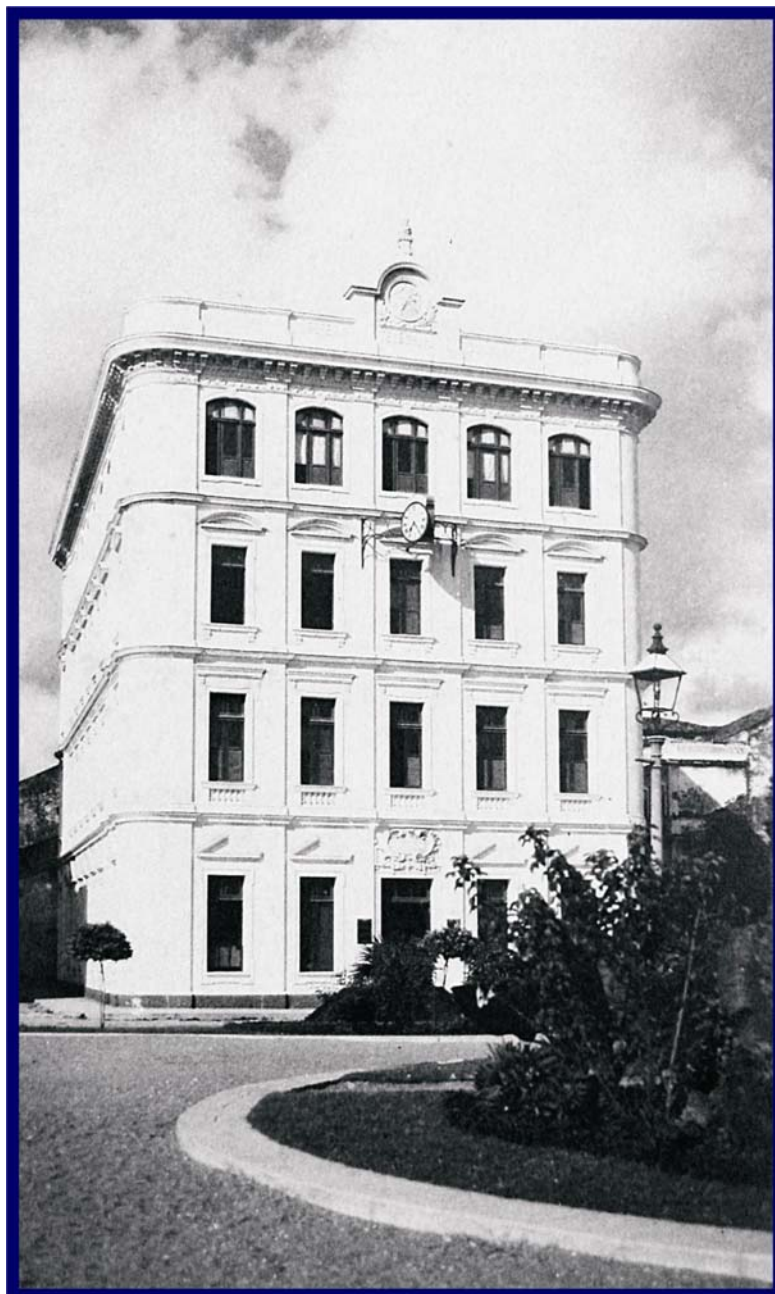


Fig. 33. Prédio da Via Western.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Como sua mãe raramente saía de casa, era com suas vizinhas — a da direita e a da esquerda — que ele e o irmão iam à cidade quando pequenos. Com **Guida**, sua vizinha da esquerda, eles iam para São José, comprar os queijos que ela vendia na feira do bairro. E com **Éster**, vizinha da direita, e seu marido **Rui** — padrinho de seu irmão — eles iam para as festas nos clubes, para o carnaval e, de vez em quando, para os estádios de futebol. **Guida** era dona de uma barraquinha que vendia cachaça e tira-gostos na frente de casa, nos dias de sábado. Os cabras chegavam na barraquinha de **Guida** e diziam: — *Dona Margarida, me dê uma Pitu, aí!* **Juca** ficava olhando e pensando: — *Rapaz, isso deve ser bom!* Pois todo mundo que tomava da cachaça estalava os beiços e dizia: — *Eita, cana boa!* Eles pegavam um pedaço do fígado do boi cozido, colocavam sal e intercalavam com talagadas d'Ela. Um dia, escondido para ninguém ver, **Juca** colocou um pouco de Pitú na tampinha da garrafa e bebeu. Aquilo lhe desceu rasgando a goela e ele ficou sufocado. Ele queria respirar e não podia porque queimou tudo. Desde esse dia, ele nunca mais tomou cachaça³⁵⁹.

O pai de **Juca** era um homem austero que não gostava de festas, carnaval, nem sequer de futebol; gostava mesmo era de conversar sobre política, e de ir ao cinema, quando o dinheiro dava. E levava os dois filhos homens, que a terceira, pequena ainda, ficava em casa com mãe. **Juca**, filho mais velho de um magote de três irmãos, nunca se esquecerá da sua primeira visão do cinema: foi um índio. Um índio de pele vermelha que ocupava toda a tela, com um cocar assim emplumado, majestoso, enorme. No cotidiano, só tinha o rádio, e os causos contados à beira da calçada; as imagens eram todas criadas na imaginação. Ao entrar num cinema pela primeira vez, com seu cheiro de magia, que misturava o acre das cadeiras de couro, com o adocicado de suas fantasias e o perfume dos outros espectadores, que em cinema de respeito só se entrava arrumado ou era barrado na entrada³⁶⁰, foi a coisa mais linda que lhe aconteceu: um índio sentado em seu cavalo malhado, trazendo na cabeça um cocar³⁶¹.

³⁵⁹ Entrevista com JOÃO. Sua vizinha, Guida, já é falecida, mas Éster ainda vive e continua morando na casa ao lado.

³⁶⁰ Entrevista com Marluce Souza Leão e Epitácio Vieira.

³⁶¹ Entrevista com JOÃO.

Mas, afora o cinema, seu pai era um homem de poucos luxos. Aliás, **Juca** não sabe a quem puxou — justamente ele, que é um festeiro de marca maior. Talvez a seu avô paterno — figura vinda do interior que, nos momentos de folia, tocava coco de roda e fazia tambores³⁶². Gostava de fandango. De Cavalo Marinho. De bumba-meu-boi. Aos sábados à noite, ele sempre tomava parte dos ensaios de **Almirante Siri** — um negro retinto como a noite, que durante as manhãs vendia caranguejos, brincava e contava piadas; almoçava com uma pinga, uma só, procurava um caminhão estacionado e metia-se embaixo dele para sesta, abrigado do sol. Quando acordava, pelas quatro, encontrava um parceiro para jogar dominó até que a noite descesse; ia à procura de mulheres, sempre encontrava uma, com ela dormia ou não, quando não, deixava-se arriar na rede de seu mocambo para acordar noite ainda e sair atrás dos caranguejos; o dia sempre se repetia. Somente aos sábados à noite saía dessa rotina para se dedicar, com toda a seriedade, à grande paixão de sua vida: **Almirante Siri** era Capitão General de Fandango e ensaiava durante todos os sábados do ano todo para o Ciclo do Natal. Não admitia brincadeiras em seu folguedo. — “*Nada de esculhambação!*”, berrava, quando os marinheiros, nas jornadas, atravessavam a dança ou desafinavam ou riam de uma bobagem qualquer³⁶³.

Já seu pai era um homem muito responsável, muito. Ele tinha uma preocupação muito grande para que os filhos estudassem. Graças a seus esforços, de homem trabalhador incansável, os filhos estudaram. Apesar de ser apenas um operário linotipista, ele adorava ler e via nos estudos uma coisa de muita importância. Também era um disciplinador nato: bastava um dos meninos sair da linha que o cinto cantava. Um dia, já adolescente, **Juca** foi contar-lhe um filme que tinha assistido e, quando narrou uma cena em que um rapaz espiava uma mulher nua, a reação foi certeira: — “*Você respeite sua mãe, seu moleque!*”³⁶⁴. Seu pai era linotipista na Tribuna Católica, na Rua do Riachuelo, 705, um casarão antigo, com um pé de saputí na frente³⁶⁵. Os pais de seu pai eram do interior de Pernambuco: o avô de Nazaré da Mata e a avó de Goiana. Também aqui se encontraram e casaram. Seu pai, quando pequeno, e os pais de seu pai moraram num dos muitos mocambos de Santo Amaro — casas de madeira com cobertura de palha de coqueiro.

³⁶² Entrevista co JOÃO. Seu avô era conhecido em todo o bairro pelo apelido de seu Maduro. Como era branco e muito alto, e João parecia-se fisicamente com ele, João, em pequeno, era chamado por todos de Madurinho.

³⁶³ BORBA FILHO, 1994: 21/21.

³⁶⁴ Entrevista com JOÃO.

³⁶⁵ Entrevista com JOÃO.

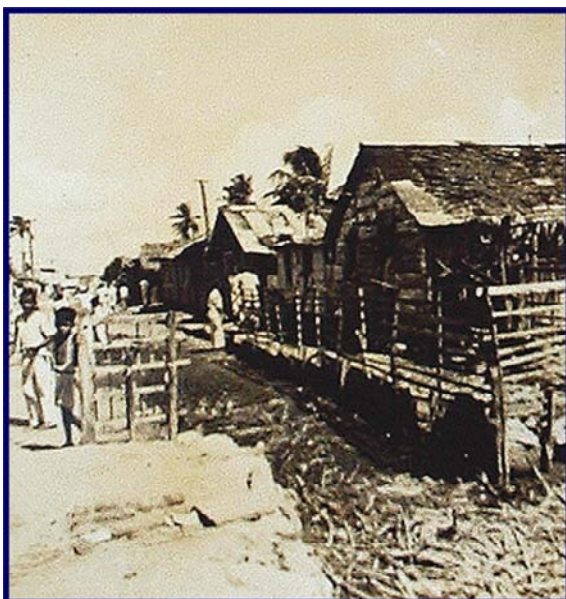


Fig. 34. Uma rua de favela e seus mocambos.
Fonte: Museu da Cidade do Recife

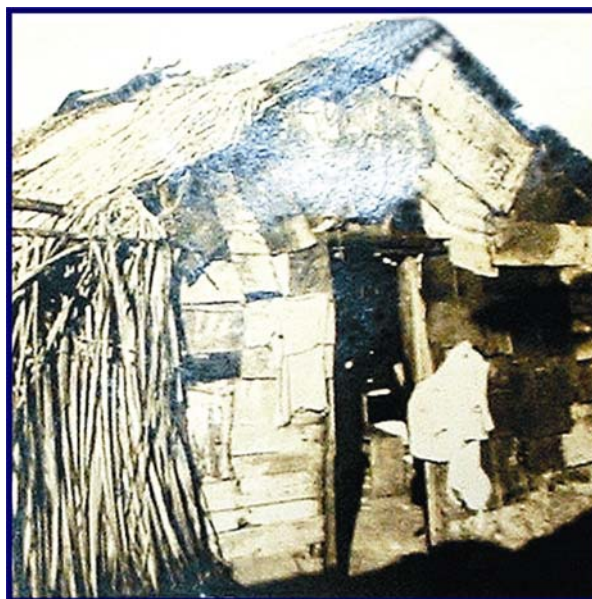


Fig. 35. Frente de mocambo.
Fonte: Museu da Cidade do Recife



Fig. 36. Vista geral de uma favela e de seus mocambos.
Fonte: Museu da Cidade do Recife

Este bairro ainda é cercado de mocambos³⁶⁶. Mas, desde a década de 50, sua família mora numa das casas populares construídas pelo Serviço Social Contra o Mocambo. Com papel passado. Tudo nos trinquês. Mas a diversão maior do mundo, na sua infância, era atravessar a rua de asfalto e ir brincar do outro lado, à beira do mangue. Mergulhar na maré e deixar-se arrastar pelas correntes que caminhavam na direção do mar.

Juca dá um auxílio em dinheiro à família com o salário do Banco. Mas preferiu vir morar no centro, no Bairro de São José — que sempre o encantou, desde criança. Além do que, São José é mais próximo do trabalho e dos cabarés. O centro da vida. O palco. A cena. O lugar onde as coisas acontecem — ao menos para quem, como ele, mergulhou nas marés do mangue de Santo Amaro, comeu carne de caranguejo e siri, e entrou nas rodas de xangô, em festas de Cosme e Damião, para comer doce junto com os santos³⁶⁷. Em Santo Amaro, seu pai discutia política, mas era aquela torcida entre a disputa de americanos e russos — quem fez isso quem fez aquilo. Ele torcia a cada notícia ou sinal da primazia soviética em qualquer item que lhe soerguesse acima de seus adversários. Para ele, a União Soviética era a coisa melhor do mundo e ponto final. Ele não acreditava em nenhuma ruindade que dissessem os jornais. Ele dizia: — “*Ah, isso é mentira do capitalismo! O capitalismo está levando à breca!*” Tinha uma fé profunda de que o socialismo ia triunfar no mundo³⁶⁸. O pessoal do bairro o respeitava. Eles iam à sua casa pedir opinião sobre política, pedir explicação sobre o que estava acontecendo. Entretanto, era o centro da cidade que aglutinava, que chamava à discussão. Aonde o povo ia para se divertir, para

³⁶⁶ Segundo Virgínia Pontual (2001: 45/46), o **Bairro de Santo Amaro** continha lugares urbanos e suburbanos. Os lugares urbanos situavam-se preponderantemente ao sul da linha férrea, em continuidade aos bairros do Recife e da Boa Vista, onde estavam concentradas as atividades habitacionais e comerciais. Os lugares suburbanos situavam-se ao norte da linha férrea e, principalmente, a leste da Avenida Cruz Cabugá, em direção ao município de Olinda. A maior parte de suas áreas constituía-se de mangues e alagados ocupados por mocambos, à exceção de algumas edificações, entre as quais o Hospital de Santo Amaro e a Base Naval da Marinha. De acordo com a autora, a ocupação por mocambos explica a alta densidade populacional encontrada no bairro, só inferior à de Casa Amarela, região de morros e ocupada pela mesma tipologia habitacional. Embora o exame das plantas não denote alterações significativas, ocorreu, nos anos 50, a desativação da linha férrea, intensificando-se a sua ocupação por usos de comércio e serviço, principalmente após o alargamento e a pavimentação das Avenidas Cruz Cabugá e Norte. Para este tema ver também MOURA, 1990.

³⁶⁷ Entrevista com JOÃO: *Lá perto de casa tinha uma mulher que tocava xangô. Era xangoseira. E a gente tinha que entrar numa roda para dançar o xangô e comer os doces. A gente queria era comer os doces. Mas tinha que entrar na roda. E começou-se a bater palma e tal, começaram a bater o toque do santo... Rapaz, quando a mulher se manifestou, meu irmão deu uma carreira!... Ele chegou em casa e ficou com febre. Ficou com febre de medo! Minha mãe acalmou ele e tal. Mas, depois, ele não teve nenhum trauma, não. Ele continuou indo pro xangô atrás de doce.*

³⁶⁸ Entrevista com JOÃO.

discutir futebol, política, tudo! O centro da cidade era o foco de tudo. A Sertã, o quem-me-quer, a rua do Rangel, a rua da Guia³⁶⁹.

É no centro que a beleza de lá, de sua infância, pode ser ressaltada. O centro nevrálgico, onde estas imagens ganham em consistência estética. Onde ele pode, ao mesmo tempo, distanciar-se e orgulhar-se dela. Sublinhá-la. Retirá-la do banal cotidiano. Envolver-lhe com uma aura, um halo mágico. Hoje, mais que antes, ele tem condições de orgulhar-se de seus pais — uma analfabeta vinda das brenhas, como ela mesma gostava de dizer; e um comunista preso, várias vezes, na década de 30 — a mais longa das cadeias tendo oito meses de duração, em consequência da quartelada da qual sequer participou, pois que a célula de Santo Amaro não foi avisada³⁷⁰. Atualmente, as coisas andam calmas. O seu pai apenas deita falação pelo bairro — quando vai ao vendeiro, ao bodegueiro, ao açougue. Deita falação com Cosme, caixeiro da venda mais próxima de casa. Cosme, ao vê-lo, já cumprimenta: — “*Se acheque, seu Lampa!*” — pois seu pai tem a alcunha de Lampião. Há alguns anos atrás, sua mãe chegou a passar um susto danado: cismou que um homem de paletó e chapéu — parecendo saído de um filme de suspense — marcava tempo à frente de sua casa. Ela passou uma semana na qual sequer abria as janelas. Até que sumiu o dito cujo. No mais, eles hoje vivem um tempo tranqüilo. Sua mãe costuma dizer, quando ouve *chorinho* nas rádios, que esta é a música de um tempo feliz³⁷¹. De qualquer forma, ambos são seres aventureiros³⁷². Ambos garantem-lhe um legado. Retiram-lhe da massa do comum.

Depois de despedir-se de **Camarão**, **Juca** entra nas Galerias — na verdade, um botequim, em formato de corredor, na parte térrea de um prédio que ocupa a última quadra antes de chegar ao Marco Zero. Aqui eles servem lanches em geral e a sua especialidade: leite maltado. Uma mistura de malte, sorvete de baunilha, café e leite (dentre os ingredientes que **Juca** consegue distinguir). Há um balcão em cada um dos lados da parede — à direita e à esquerda — com bancos altos, presos ao chão, com um suporte para os pés (como cadeira de barbeiro). O corredor é aberto para a outra rua. Tudo sugere um ambiente de passagem. De transição, talvez. Da noite para o dia. Dos mistérios noturnos e os diurnos pecados. **Juca** pede o seu maltado, reconfortantemente gelado, de consistência espessa, achocolatada. E volta a pé para casa, refazendo o trajeto da noite: Ponte Maurício de

³⁶⁹ Entrevista com JOÃO.

³⁷⁰ Entrevista com JOÃO. Acontecimento narrado a ele por seu pai.

³⁷¹ Entrevista com JOÃO.

³⁷² Entrevista com JOÃO.

Nassau, Rua 1^o de Março, Pracinha do Diário, dobra à esquerda na Dantas Barreto, segue em frente, ao passar pela Igreja de Santo Antônio, benze-se, e repete o gesto ao passar pelo pátio do Carmo, depois do que, entra na Rua do Alecrim. A essa hora, há mais pessoas pela rua. Sobretudo, há movimento na Igreja de Santo Antônio e do Carmo. Mas a cidade dá mostras de que, hoje, amanhece preguiçosa. A loja que funciona embaixo do Castelo está fechada. Crianças brincam na rua do Alecrim — índios e cowboys lançam flechas de palha de coqueiro através de arcos de aro de guarda-chuva³⁷³.

Juca sobe as escadas lentamente, pois ainda está de ressaca, e, ao chegar na sala, encontra a comitiva formada. Como ele já está de espírito preparado, apenas rumoreja diante da bandinha risonha: — “*Está tudo bem, cada um tem a besteira que merece!*” Somente agora, ele se dá conta de que **Maria** sabia de tudo e que participou da esculhambação. É gente boa, **Maria**. **Juca** adora conversar com seu marido: **Lonico Soldador**. **Lonico** gosta de ir às sessões do **Cine Loré** — que é como chamam o Cinema Ideal de Segunda, pois *loré* era a parte traseira dos bondes elétricos³⁷⁴. Um dia, quando **Juca** estava chegando no **Castelo**, encontrou **Lonico**, como de costume, esperando por **Maria** sentado no meio fio da Rua do Alecrim. Enquanto esperava, ele contava para um seu compadre um filme que tinha ido assistir. O detalhe é que o filme — em inglês — tinha legenda e **Lonico**, analfabeto de pai e mãe, como a maioria das pessoas do povo, não conseguia ler. Então, a sua descrição do filme era assim: “*Rapaz, o filme é muito bom, visse? O artista chegou pro bandido e fez — ‘Não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, não-sei-que-lá’*. Aí o bandido fez: — ‘*Não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, o quê?!*’ Aí o cara fez: — ‘*Não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, você é um filho da puta!*’ Aí ele deu no cara e foi pau pra todo lado!”³⁷⁵ E os dois — tanto **Lonico** quanto o seu compadre — riam a valer.

³⁷³ Entrevista com JOÃO: A infância era brincar de artista, brincar de garrafão... Brincar de artista era brincar de cowboy. A gente chamava brincar de artista porque, pra gente, era artista. A gente fazia flecha com palha de coqueiro — cortava ela ainda verde de forma que, quando abria, ficava uma seta. E jogava com arco de cordão trançado com madeira, senão com aro de guarda-chuva. Aí ficava jogando flecha.

³⁷⁴ Entrevista com JARBAS.

³⁷⁵ Entrevista com JOÃO. Filme brasileiro, no tempo da chanchada, era filme que lotava cinema. E eles cobravam até mais caro porque era filme nacional: Oscarito, Grande Otelo — lotava cinema! O Costinha — lotava cinema! O povo gostava, primeiro porque boa parte do povo era analfabeto. Naqueles filmes de aventura, eles iam, mas não entediavam muita coisa. Tinha a briga do artista com o mocinho e tudo o mais... Jessier Quirino, um poeta, conta a história de um matuto que foi pro cinema e não entendia inglês e, como não sabia ler, então ele ia repetir o filme pro amigo dele e dizia as falas com um não-sei-que-lá, não-sei-que-lá, não-sei-que-lá (...). [Quer dizer,] o povo interpretava o não-sei-que-lá, não é? Porque não conseguia ler a legenda. Mas ele via a trama, não é? Os artistas, o bandido, coisa e tal. Então o pessoal ria, gostava muito, era muito bom!



Fig. 37. Rua 1º de Março com a Pracinha do Diário.
Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 38. Pátio de Terço com destaque para o Cinema Ideal à direita.
Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.

Desde esse dia, **Juca** traz uma sensação de que existem dois Brasis: um Brasil do Povo (e daqueles que são ligados ao povo pelo amor e trabalho). E um Brasil oposto ao dos cantadores, dos vaqueiros, dos camponeses e dos pescadores: que é o Brasil da burguesia cosmopolita, superficial, que fala difícil, comparece às crônicas sociais e coleciona santos e móveis antigos. Por trás de suas idéias liberais ou social-democratas, crescem suas contas bancárias às custas da exploração e da submissão do Povo. Sim, porque, para **Juca**, por paradoxal que possa parecer, é nesses meios que se recruta a maioria das idéias e posições da falsa esquerda do ambiente político urbano³⁷⁶. **Juca** sente-se encantado, isto sim, é pelo Brasil peculiar, diferente, singular, único que o Povo constrói todo dia — seja na mata, no sertão ou no mar — fazendo-o reerguer-se toda noite, das cinzas a que tentam reduzi-lo — seja através de uma ordem social injusta, ou das forças estrangeiras (e de seus aliados) que tentam descaracterizá-lo, corrompê-lo, dominá-lo³⁷⁷.

Hoje, com carinho, **Juca** aperreia **Maria**:

Juca — “Quer dizer que a senhora, dona **Mariazinha**, estava sabendo dessa armação, não é não?”

Maria — “Oxe, eu tenho nada com isso não, doutor **Juca**. Eu mesma sabia de nada”.

Juca — “E cadê o pão, Maria?”.

Maria — “Hoje tinha pão não nessa padaria daí”

Juca — “E como é que não tem pão na padaria? Onde já se viu um disparate desse? Dona **Maria**, **Mariazinha**, você tem um plano secreto para me enlouquecer hoje, não é? Diga de uma vez, mulher de Deus!...”.

Maria — “Sei não, senhor. Foi o moço da padaria quem disse. Hoje tem pão não”.

De repente, **Juca** se dá conta que sentiu a falta de alguma coisa enquanto fazia o seu percurso contumaz a caminho do trabalho; e foi, justamente, de um cheiro específico na cidade a essa hora da manhã: o cheiro de pão. A cidade carecia do presente olfativo que é o cheiro do pão.

Juca — “Mas será possível que tenham carregado tudo para inauguração de Brasília? Não basta terem transformado os nordestinos em operários candangos?”

Airôn — “A questão não é bem Brasília, o problema é outro: o porto não pode acolher o navio que transporta o trigo, pois este é pesado demais; e, sem trigo, não tem pão”.

³⁷⁶ Farsa da Boa Preguiça (SUASSUNA, 2003: 24).

³⁷⁷ Farsa da Boa Preguiça (SUASSUNA, 2003: 23).

Juca — “Como é que é essa história, **Airôn**?”

Airôn — “Os panificadores andaram reclamando durante a semana inteira sobre o racionamento da farinha feito pelo Moinho. Dizem que ele está fornecendo apenas 40% das cotas estabelecidas pelas autoridades federais. O caso é que o navio que trás trigo para o Recife tem 30 pés de calado e não pode atracar no porto daqui por causa do assoreamento. Resultado: desde ontem que em alguns bares e padarias já começou a faltar pão. E, caso não resolvam, por volta da segunda ou terça-feira da semana que vem não haverá pão em lugar nenhum da cidade. Não é à toa que a SUDENE decidiu como programa prioritário de obras a construção de rodovias integrando o mercado regional, o investimento no setor energético a as obras nos portos. As instalações portuárias nas regiões urbanas litorâneas do Nordeste são precárias. Os embarques e os desembarques sendo feitos em ultrapassadas alvarengas, com grandes perdas”.

Juca se apoquentava com este último comentário, pois para ele as alvarengas, ao contrário de atraso, são símbolo de algo mais. As alvarengas vão e vêm, vão e vem, vão e vem no velho cais da cidade voragem, cidade abismo, cidade caldeira. Elas seguem negras, lentas, jogando cansadas. E são, para **Juca**, o símbolo de algo que resiste, símbolo de permanência³⁷⁸. **Airôn**, por vezes, consegue tirá-lo do sério com a repetição intermitente de seu discurso importado. Ele está todo prosa com a inauguração de Brasília. Passou quase a semana inteira falando da tal **Cidade Esperança**. **Juca** já não agüenta mais ouvir **Airôn** repetir que Brasília é a única cidade do Brasil em que a *esperança* e não a *tradição* é a principal característica. O que entusiastas como **Airôn** não percebem é que apenas a tradição, ou melhor, apenas o passado, presente na nossa tradição, impede que nos tornemos uma civilização puramente *mecânica*, indistintamente cosmopolita³⁷⁹. É justamente a tradição — tão menosprezada por **Airôn** — o único antídoto para que Brasília não finde se tornando, no futuro, uma cidade *Kafkiana* de teores meramente *burocráticos*³⁸⁰.

Para **Juca**, esse messianismo em torno da nova capital cria o mito de que o Brasil é uma civilização voltada para o futuro, uma civilização exclusivamente urbana, e esse mito culmina com a construção de uma cidade criada num vácuo cultural, sem *autenticidade*, inimiga dos *valores*. Para ele, não há dúvidas de que Brasília — com sua paisagem vertical — corre o risco de ser vítima das *doenças modernas*: a claustrofobia e a cronometria com

³⁷⁸ **As Alvarengas** (CARDOZO, 1947:15).

³⁷⁹ FREYRE, 1960: 181/182.

³⁸⁰ FREYRE, 1960: 196.

sua solicitação exclusiva ao trabalho, trabalho, trabalho³⁸¹. No fundo, Brasília — como qualquer ambiente urbano — estará, no mais das vezes, sempre em perigo iminente de uma **descaracterização** moderna. Não, definitivamente, no entender de **Juca**, não convém que se desenvolva no Brasil uma civilização voltada só para o futuro e esquecida da experiência especificamente brasileira que lhe dá autenticidade — tanto no tempo, quanto no espaço³⁸².

O que significa Brasília enquanto ideal de cidade? Hoje, dia de sua fundação, é raro aquele que não enxergue em Brasília o que o futuro apresenta de mais grandioso sob a forma das novas cidades³⁸³. E ela até poderia ser mesmo bem-vinda, se viesse a cumprir um papel sócio-cultural: representar um Brasil verdadeiramente inter-regional, um Brasil feito de Brasis, que desse ao Brasileiro a consciência do que há de inter-regional. Mas, para isso, Brasília deveria ser mais do que uma ação urbanística, ela deveria representar esforços de integração nacional³⁸⁴. Entretanto, essa integração nacional não pode ser uma realidade imposta verticalmente, de cima para baixo. Não pode ser uma realidade centralizadora. Pois o centralismo generalizante atrapalha, justamente, por sua insensibilidade aos problemas e às circunstâncias especiais que nesse país se multiplicam e precisam ser levadas em consideração³⁸⁵. Para **Juca**, não há desenvolvimento possível se não começarmos por descentralizar a administração pública federal dando-lhe uma consciência regional de responsabilidade e de pronta execução de suas tarefas locais. O Brasil tem problemas locais — os mais variados — e o centralismo todo-poderoso submete a solução desses problemas locais à sabedoria quase carismática dos funcionários centrais³⁸⁶.

O que não se pode negar e fica absolutamente evidente é que há um indestrutível sentido novo de relações territoriais — entre o litoral e o centro, entre o norte e o sul, entre o Brasil e o exterior, o estrangeiro e o mundo. **Juca** não pode — e nem quer — negar que se está formando um novo sistema de relações inter-regionais que se opera sobre a **consciência** da maioria dos brasileiros — são muitos os brasileiros tocados pela **responsabilidade** de homens de uma só e vasta nação³⁸⁷. E essa é uma experiência

³⁸¹ FREYRE, 1960: 185.

³⁸² FREYRE, 1960: 183.

³⁸³ FREYRE, 1960: 175.

³⁸⁴ FREYRE, 1960: 178.

³⁸⁵ PAULO FREIRE, 2002: 53.

³⁸⁶ PAULO FREIRE, 2002: 53.

³⁸⁷ FREYRE, 1960: 176.

positiva. Entretanto, para **Juca**, o ideal de cidade de **Airôn** tem ares de um paraíso que amolda o homem através de uma vontade superior. Um ideal baseado na mística da razão, da técnica, do desenvolvimentismo, do industrialismo redentor.

É indiscutível que existe injustiça, miséria e sofrimento no mundo. Na verdade, o mundo parece uma cavallhada: os grandes comerciantes de fora montam nos de dentro; os de dentro, nos fazendeiros; os fazendeiros, nos vaqueiros; os vaqueiros, nos cavalos e os cavalos no chão³⁸⁸. Mas, isto não pode servir de justificativa para que o *industrialismo* adquira, como vem adquirindo, o aspecto terrível de uma seita para a qual fora do seu ‘ismo’ não há salvação³⁸⁹. **Juca** acredita piamente que se deve encontrar uma experiência alternativa de nação, distinta do *industrialismo* — seja este industrialismo do leste ou do oeste, da URSS ou dos EEUU. — “*Não precisamos de soluções transplantadas*” — ele costuma dizer. Pois, a despeito de o comunismo desejar tanto passar por **científico** — com seu saber técnico e racional —, toda a força da Revolução russa de 1917 veio do seu caráter religioso e místico, profético e apocalíptico, de contra-religião, uma contra-religião que tem sua cidade santa, sua Meca, que é Moscou, seu túmulo do Profeta, com a ‘reliquia sagrada’ do corpo de Lenine embalsamado e exposto à peregrinação dos fiéis³⁹⁰. Justamente por isso, para **Juca**, deve-se fazer do **povo brasileiro**, e de sua visão de mundo, de sua religiosidade, a Poética subterrânea de toda a nossa cultura. É essa **poética** que deve ser a base de uma teoria do poder que organize o Brasil em uma *nação peculiar*³⁹¹.

De alguma forma, o discurso de **Airôn** fica martelando-lhe a cabeça. **Juca** acredita que há uma contradição implícita na lógica de seu pensamento: esse apanágio do mundo tangente, racional, concreto e material do qual ele se utiliza constrói-se em cima de um **homem ideal**. Um homem que não se alimenta de pão. Que não tem tradição. Não tem particularidades. Em suma, que não tem vida. E o que pode servir de motivação para esse homem fantasmático? Com que há de ser o seu envolvimento ou a que será devotada a sua fidelidade? Com o amor à humanidade? À felicidade geral? À igualdade, à liberdade, à fraternidade? Mas de que adianta a felicidade, o amor, a liberdade, a fraternidade para um

³⁸⁸ SUASSUNA, 1959: 154.

³⁸⁹ FREYRE, 1960: 176.

³⁹⁰ SUASSUNA in MORAES NETO, 1983: 43.

³⁹¹ Segundo Suassuna: *Há pouco tempo, respondendo a uma pergunta de Geneton Moraes Neto, escrevi que os socialistas chamados de utópicos tinham muita coisa de religioso em seu pensamento. (...) Como está dito no meu ‘Romance da Pedra do Reino’, acho que o Brasil só encontrará seu caminho verdadeiro quando nossos soldados, nossos estadistas, nossos intelectuais fizerem do nosso Povo e de sua visão-do-mundo a Poética subterrânea que impregne toda a nossa Cultura, aqui entendida como fonte profunda de nossa Religião, da nossa Política, da nossa Arte e da nossa Literatura.* SUASSUNA in MORAES NETO, 1983: 43.

ser impalpável? Sem tradição, sem cultura? *Uma nova sociedade*, diz Airôn! Mas uma nova sociedade que repete modelos exógenos? Não, definitivamente, não. Para **Juca** há a necessidade de confiarmos no país e nos Brasileiros entregando-lhes a direção dos seus próprios negócios. E as soluções dos problemas exigem uma relação de *organicidade* com o seu contexto. Precisamos caminhar no sentido da apropriação do ser do país por ele mesmo, precisamos nos fazer **autenticamente nacionais**³⁹². Todo o resto trata-se de soluções inautênticas apenas revestidas da aparência de verdade³⁹³.

Ao que tudo indica, independentemente de querermos ou não, a tecnologia é uma espécie de fase inevitável no mundo moderno, uma maldição inevitável. A única maneira que temos de nos libertar da dominação econômica. Sem essa libertação, o Brasil não alcançará aquela grandeza à altura do seu povo. Nisso, e apenas nisso, **Juca** entende que devemos estender a mão à palmatória aos nórdicos capitalistas e aos soviéticos socialistas: aprender seus processos técnicos e seus métodos de trabalho para superar a nossa inferioridade econômica. Mas de uma forma que não nos descaracterize. Isso não pode nos achatar num cosmopolitismo uniforme e monótono, numa espécie de esperanto cultural em que os latino-americanos, embalados numa falsa idéia do que seja o universalismo, se limitem a macaquear o alheio³⁹⁴. Uma sociedade que se industrializa, requer alguns cuidados. Devemos criar circunstâncias capazes de nos resguardar dos perigos da massificação, ou da mentalidade de massas, associada à industrialização³⁹⁵.

Mas ele está cansado o suficiente, com ressaca o suficiente, para entabular esse tipo de conversa nesta manhã de quinta feira — feriado ainda não gozado. Apenas diz:

Juca — “Pois muito bem, senhor **Airôn**, com esta eu vou dormir.”

Eleutério — “E não vai tomar café?”

Juca — “Eu já tomei um maltado, nas Galerias, lá perto do Banco para não perder a viagem!”

Airôn — “Então você está superalimentado. Eu aposto como foi o segundo do dia. Vai dizer que já não tinha passado por lá depois da farra?”

³⁹² PAULO FREIRE, 2002: 53.

³⁹³ PAULO FREIRE, 2002: 56.

³⁹⁴ Farsa da Boa Preguiça (SUASSUNA, 2003: 30/31).

³⁹⁵ PAULO FREIRE, 2002: 17/18. Aqui é importante destacar a visão de Paulo Freire acerca da industrialização: para ele, apesar dos riscos da massificação, o desenvolvimento se liga estreitamente ao nosso processo de democratização (PAULO FREIRE, 2002: 17).

Juca: “Passei apenas porque o maltado é a única coisa não etílica com sustância que se pode beber nessa hora do dia. E também porque ‘As Galerias’ é o único local que nunca fecha”.

Airôn — “Mas você vai acordar para ir ao clássico?”

Juca — “O primeiro clássico das multidões do ano! Você acha mesmo que eu ia perder de apreciar a cobra coral digerir um leão, mais um ano seguido?” — ele recebeu uma vaia dos rubro-negros presentes e aplausos dos tricolores do Arruda — “Que horas vai ser o jogo?”

Airôn — “O jogo principal, Esporte e Santa Cruz, vai ser às três e meia, na Ilha do Retiro. A prévia começa as quinze para as duas da tarde com Condor X FAPE”.

Juca — “Eu passo antes no Café Nicola para o esquentado e de lá sigo para a Ilha.”

Airôn: “Eu acho que passo no Nicola, também, pois vou estar na Guararapes. Vou ter que dar um pulo lá no escritório agora no final da manhã”.

Juca — “Menino, teus patrões judeus não perdoam, hein?! Brasília, o acontecimento do século!” — diz, como gostava de fazer nas horas vagas, imitando a voz de um radialista. “Eles não sabem que hoje é feriado nacional?”

Airôn — “Eu tenho que finalizar um desenho que estou fazendo sob encomenda de uns engenheiros. E saiba você que eu tenho é sorte por trabalhar neste escritório. Geralmente os arquitetos desconhecidos só ganham pelos desenhos quando eles são aproveitados pelas construtoras. Eu recebo por desenho independentemente dele ser aceito ou não. E hoje, no final da manhã, estou livre”.

Juca — “Livre para o mundo, para **Lindalva**, para o Savoy, para Rua da Guia, e para as táxi-girls do Moulin Rouge! Quem quiser que acredite que *não-me-queres* é um rapaz sério. Esse **Airôn** é, na verdade, um cabra safado!”

Com esse gracejo, **Juca** se despede dos amigos e segue para o quarto. Pela segunda vez no dia, apenas tira os sapatos e o terno e joga-se em sua cama ainda fria. Ele chega a perceber, vindo de longe, os ruídos de Airôn zanzando pelo quarto, e seu cheiro misturado de colônia, cigarro e brilhantina, antes de cair numa noite profunda e sem sonhos.

3.2. NOVO AMANHECER E FUTEBOL NO ESTÁDIO ADELMAR DA COSTA CARVALHO

Juca acorda com os despojos da manhã atravessando sua janela na forma de filetes de luz repletos de partículas de poeira — e elas dançam no silêncio do quarto. Aliás, de

acordo com seus sentidos vagos e imprecisos, a casa silenciou-se há pouco. Pois há, neste silêncio, um frescor de coisas novas, como cheiro de livro recém comprado na Casa Ramiro Costa. O que o despertou foi menos um sono satisfeito do que algum senso de premência: “*Meu Deus, a hora do jogo!!!*”. Ele levanta-se de um pulo até que se lembra de olhar o relógio — “*Ah, há tempo ainda!*” E respira aliviado. Afinal, esse é o primeiro clássico das multidões do ano! E ele não o perderia por nada nesse mundão de Deus.

Ao lado da cama, ele pega sua caneta Sheaffers e um caderno de anotações. O caderno, comprado para tomar nota de aulas do curso da casa de Tobias — como chamam a Faculdade de Direito do Recife³⁹⁶ —, está quase vazio, à exceção de alguns nomes femininos com seus respectivos endereços e a descrição, um tanto indiscreta, de certos atributos peculiares. Ele pressente que deve conceber uma peça a ser realizada e não mantida numa gaveta — pois que esse é um momento prenhe de projetos e promessas de realizações. Ele deve encantar o mundo não à maneira do pasteleiro Ragueneau — que aguarda poetas condescendentes na mesma medida de sua fome e dispostos a acatar receitas em metro: de grosso leite, amêndoas doces e frescas natas³⁹⁷. **Juca**, como um padeiro, sente que deve fornecer alimentos aos necessitados. E estes não se alimentam de bolos ou rosquinhas açucaradas. Seu destino é outro: fornecer-lhes sonhos. Os sonhos da lavra de **Juca** não devem ser impostos aos famintos, não podem ser os *seus* sonhos ou mesmo sonhos importados. Ele sente que precisa deixar-se emprenhar pelo universo popular, pelo mundo do povo — por sua cultura, por sua sabedoria, por sua própria poesia. Ele deveria funcionar como um espelho: refletir sua linguagem, sua alegria e suas tragédias. Que o Povo enxergue-se a si através de suas histórias, cantigas e cultura. E, com elas, escolha o seu próprio caminho. Que o Povo Brasileiro mantenha viva a sua fé, sua poesia, sua altivez na pobreza — fonte de força e poesia³⁹⁸.

Sentado em sua cama, **Juca** tenta começar a esboçar uma idéia. Ele respira fundo enquanto olha a página em branco. O que exatamente ele deve tematizar? Quais elementos escolher, como compor as frases, onde insinuar o humor, quando acentuar a tragédia, como não banalizar a história, como usar de sinceridade e não parecer piegas, e, sobretudo, como

³⁹⁶ MELO, 2003: 13.

³⁹⁷ ROSTAND, 1986: 97.

³⁹⁸ Farsa da Boa Preguiça: “E então, a moral é essa: viva a preguiça de Deus que criou a harmonia, que criou o mundo e a vida, que criou tudo o que cria! Viva o ócio dos Poetas que tece a beleza e fia! Via o Povo Brasileiro, sua fé, sua poesia, sua altivez na pobreza, fonte de força e poesia! Viva Deus, viva seu Filho e viva a Virgem Maria! Mãe de Deus e Nossa Mãe, Mãe do sonho e da alegria!” (SUASSUNA, 2003: 333/334).

atingir a perfeita medida da **autenticidade** do povo? “Bom,” — ele pensa — “*esta deve ser uma história fiel ao universo popular. Ela deve protegê-lo das dilapidações e intervenções que usualmente sofrem no ambiente urbano*”. “*Essa deve ser uma história com cheiro de primeira chuva e ervas novas, deve ter textura de rosas mortas com o fogo do sol que nunca se apaga nos sertões, com rastos repisados por tantos pés e caminhos, e pela cantoria de vozes que velam e nunca calam em homenagem Àquela que, vestida do de Sol, sente eternamente as dores do parto*”³⁹⁹. A peça deve falar do homem simples do povo. Há que ter nesse tipo popular o seu toque de esperteza — que este é um homem e não um santo, nem muito menos um parvo. Não é *perfeito* — como lhes pintam alguns intelectuais bacharelescos em seus saraus lítero-plásticos-musicais urbanos — cheios de trejeitos, alardeando um sertão *autêntico*, um sertanejo *puro*⁴⁰⁰. E também há de ter um toque místico — algo que sublinhe a sutileza do universo popular. Sim, sutileza, porque recende a magia — máscaras e personagens, tristezas e alegrias. Ele deve falar de morte e também do sol do meio-dia.

Não, ainda não lhe ocorre idéia alguma. Há que se ter paciência. Quem sabe o dia hoje não lhe inspire a escrever a sua história. Ou melhor, uma história que guarde a **essência** da cultura popular e, dessa forma, consiga tocar o universal? Ele deixa caneta e caderno no lugar onde estavam e resolve levantar-se. Ao sair do quarto, passa pela cozinha onde **Mariazinha** recebe-lhe com um café recém passado. **Juca** é o seu preferido na casa de dez rapazes. Ela não iria embora antes de fazer-lhe esse agrado: café e um pão encontrado na **Padaria Siam**, que fica na Rua da Penha, nº 83, no bairro de São José⁴⁰¹. **Juca** agradece-lhe com um beijo na testa e os dois sentam-se na mesa da sala. Ela mostra a **Juca** um papel para que ele o decifre. Pelas garatujas, Juca percebe tratar-se de uma receita médica ou coisa parecida.

Maria — Oh, seu menino, me faça o favor de ver aí o que está posto neste papel?

Juca — Oxente, **Maria**, isso aqui é uma guia para consulta num hospital psiquiátrico. Você está ficando doida, mulher?

Maria — Oxe, seu **Juca**, o senhor está de brincadeira comigo?!

³⁹⁹ A menção à mulher vestida de sol vem da obra homônima de Ariano Suassuna: “E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir”. (SUASSUNA: 2003: 37)

⁴⁰⁰ Farsa da Boa Preguiça (SUASSUNA, 2003: 89/90).

⁴⁰¹ Nem todas as padarias ficaram sem pão, neste 21 de abril de 1960. Os dados da **Padaria Siam** foram-me fornecidos pela pesquisadora Fabiana Bruce.

Juca — E como foi que você recebeu essa guia?

Maria — Olhe, eu andava com uma danada de uma dor-de-viado — dessas que dão assim aqui bem do lado, num sabe? E essa danada não passava, não passava, não passava, aí eu arresolvi ir ao Hospital de Santo Amaro; eles me mandaram fazer uns tal de uns exames. Aí, no dia marcado de pegar os resultados, eu fui para um outro médico que me fez umas perguntas lá e me deu esse papel aí. Foi isso que se deu.

Juca — E quais perguntas foram essas que o médico te fez, **Maria**?

Maria — Oxe, era um médico que olhava para mim, assim, com um jeito bem bonzinho e primeiro ele me perguntou se eu ouvia vozes.

Juca — E você disse o quê, **Maria**?

Maria — Que ouvia, sim, senhor!

Juca — Mas, **Mariazinha**, por que foi que você foi dizer que ouve vozes?

Maria — E eu por algum acaso sou surda para não ouvir voz?

Juca — Valha-me minha Nossa Senhora. E depois?

Maria — Depois ele me perguntou se eu via vultos. Aí eu disse que vejo uns vultos, assim, de vez em quando, que passa, assim, quando a gente vê as coisas com o rabo do olho, não é?

Juca — já gargalhando, diz — **Mariazinha** do céu!

Maria — Aí, depois, ele veio com umas conversa mole perguntando se o meu marido bebe. E eu disse que bebe, sim, senhor! **Lonico** toma lá as cachaças dele, não é? Mas bole com ninguém não. Aí, depois, ele me perguntou se eu às vezes ficava nervosa. Aí eu disse que, às vezes, assim, eu fico nervosa, sim senhor. E só sei que foi assim que ele me deu esse papel aí.

Juca — Pois eles devem ter trocado o seu exame com o de outra pessoa, **Maria**, e por isso se deu essa confusão danada. Deve ser isso! Você volte lá e procure falar novamente com o médico e explicar as coisas bem direitinho. E não fique dizendo que anda conversando com vultos e vozes por aí pelas encruzilhadas, não, visse?

Maria — Volto lá nada! Eu vou tomar é um chá de quebra-pedra ou qualquer outro desses, passo numa benzedeira e pronto. Volto lá de jeito nenhum! E o senhor pode é ficar com esse papel que quero nem mais ver as fuças dele. Deus que me livre e me guarde. Olhe, seu **Juca**, o senhor inda está precisado de mais alguma coisa, senão eu vou me embora, que **Lonico** já deve de estar lá embaixo me esperando.

Juca — Não, **Maria**, vá se embora e mande meu abraço para seu marido. Obrigado pelo pão, ouviu?

Maria — Não por isso, seu **Juca**, fique com Deus.

Juca — E você vá com ele, **Maria**. Até amanhã.

Juca termina o seu café, toma o seu banho, apronta-se com calma e sai de casa em direção à Avenida Guararapes. Ele segue pela Avenida Dantas Barreto. Ao passar pelo pátio do Carmo, ele vê que, cercado por um grupo de populares, está um camelô — um autêntico homem-da-cobra, como são chamados os camelôs que fazem propaganda popular nos pátios e feiras e são comuns em todo o Nordeste. Esses ambulantes vendem ungüentos para a vista cansada, chás para o mal do estômago, bálsamos para a garganta inflamada, ervas que prometem virilidade sem fim, diversas bugigangas e algumas inutilidades. São tipos populares, vendedores ambulantes, ervanários que vendem sonhos engarrafados em suas poções maravilhosas: sonhos de beleza, de amor, de casamento, de virilidade e juventude eterna. Pois, além de vender raízes e ungüentos esses tipos, ao ver de **Juca**, são **artistas populares**, são seus contadores de histórias. Aproximando-se do aglomerado, **Juca** acerca-se para lhe ouvir a fala incansável de onde vem o dito popular: — “Este fala mais do que o homem da cobra!”. Centro de todas as atenções, enquanto desdobra um pano carmim e expõe cada erva e vidros coloridos, o homem vai enumerando o segredo de suas especiarias:

HOMEM-DA-COBRA — Neste vidro grande, onde há o desenho de uma espanhola, está um resultado milagroso para aqueles que têm tristeza e gastura nos nervos: o emérito fica vendo mais claro as bonanças e as benesses desta gloriosa vida, tudo claro e tudo branco, sem nenhum fatídico dissabor. Este pau de cheiro, que os senhores, senhoras e senhoritas presentes podem ver aqui, melhora as condições figadais, podendo o ente, a partir daí, comer tudo o que se lhe antolhe, desde rato-do-mato a morcego-vampa sem perigo de virar lobisomem. Desta garrafinha de cana com raízes diversas, o paciente consegue destemperar a voz, que fica cristalina, capaz de encantar donzelas e donzéis até em noite de chuva de muito relâmpago e bastante trovão. Esta outra mistura de raízes, devidamente cozinhada num chá, e aspergida, fria, e acrescida de sal grosso, sobre o corpo, do pescoço para baixo, permite ao cliente sentir a fortaleza nas pernas e caminhar até mais do que com bota de sete léguas, subir monte e descer monte, vadiar rio e não se grudar na lama, chegar aonde pretende e quer. Já com esta outra beberagem, os cavalheiros podem

aguçar o sentido da visão e ficar espiando mais do que um tal dum bicho chamado lince, poderiam ver, até mesmo, através das pessoas. Com este outro molhe — vejam bem — os homens, dos mais jovens aos mais velhos, revigoram as berimbelas de baixo a tal ponto que é um tal de dez, doze, quinze, pode juntar as mulheres que quiser e ele vai dando vencimento — e tudo no comprazimento do maior sucesso. E, para as madamas aqui presentes, eu trago extratos extraídos das mais perfumosas flores dos campos tudo a preço de ocasião — muito mais barato que qualquer vidrinho comprado na farmácia. Vejam, senhoras e senhoritas, que cheirice! É botar no lenço e ficar igual a buquê de pastora e, se botar no cangote, as senhoritas vão atrair tudo o que é homem — mas, apenas os bem intencionados! Neste outro vidrinho, com esta mistura de pétalas e folhas diversas, o patente pega dois sentidos, o do olfato e o do paladar, sente o cheiro até das madamas que estão do outro lado do oceano — e só sente o cheiro bom; e o gosto da comida fica tão apurado que ele não precisa nem comer, basta sentir o cheiro, a boca cheia d'água, ajudar com um pedacinho de pão e está alimentado⁴⁰² — o que é de uma enorme serventia já que, do jeito que anda a situação, a galinha está tão cara que só quem pode comer galinha é o galo!⁴⁰³ ”

Todos riem e brincam, comentam, alguns poucos lhe fazem algumas compras. **Juca** ri e se encanta. Embora se vista pobremente, e tenha apenas utensílios populares, o camelô consegue, com sua imaginação maravilhosa, partindo da maior pobreza, criar a grandeza do festivo⁴⁰⁴. Cria-se o fantasioso, o espetáculo se faz sobre a economia da atenção do espectador que é toda voltada para a interpretação. O efeito do espetáculo é obtido pelos meios mais simples⁴⁰⁵. É verdadeiramente o Povo que tem o instinto do espetáculo muito desenvolvido! Basta olharmos para essa aglomeração que se faz em volta desse homem-da-cobra. Não é somente para comprar as suas drogas que a multidão o cerca — porque, no mais das vezes, nada se compra. Mas sim para ver a encenação do homenzinho⁴⁰⁶. Aqui, incógnito, imerso em meio ao espetáculo, **Juca** tem a certeza de que o teatro é uma arte **essencialmente** popular. E que o teatro nacional deve atuar sobre o seu público com a

⁴⁰² **Sete Dias a Cavalo**, conto “O Perfumista”, onde Hermilo narra a história de Cheiroso — um perfumista e dono de um teatro de mamulengos (BORBA FILHO, 1975: 98/99).

⁴⁰³ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 280).

⁴⁰⁴ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 44).

⁴⁰⁵ **Manifesto de Fundação do Teatro de Estudantes de Pernambuco**. Documento de autoria de Hermilo Borba Filho, lançado em 1945. Esse manifesto encontra-se, na íntegra, in CIRANO, 1981: 76.

⁴⁰⁶ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 69).

mesma exaltação de sentimentos como esses que ele agora partilha⁴⁰⁷. Esta é a questão a ser aproveitada na nova forma de fazer-se teatro: todos os itens devem ter apenas um toque de sugestão, obrigando os espectadores a desenvolver seu próprio poder de imaginação⁴⁰⁸.

As mentiras e simulacros do teatro aristocratizado devem ser substituídos por singelas indicações que excitam a imaginação do público. Talvez ajudadas por uma luz ou por um painel de pintura. Mas é o ator que deve ser o fator essencial da representação⁴⁰⁹. A arte teatral deve se encaminhar em direção ao povo, para isso quebrando a espinha da *mise-en-scène* burguesa com seus valores artificiais⁴¹⁰. Deve-se quebrar os padrões, estabelecidos por uma rotina que mecaniza o espetáculo, tornando o teatro uma coisa viva, palpitante, fazendo-o transbordar no sentido vital do popular. O teatro é uma arte coletiva e deve ter a mesma exaltação do carnaval e do futebol⁴¹¹.

Aliás, por falar em futebol, **Juca** está em cima da hora e segue até a Avenida Guararapes, onde pega um ônibus até a Praça do Derby; de lá, segue caminhando para a Ilha do Retiro. Não houve tempo de passar no **Nicola**. Depois do Jogo, ele poderá aboletar-se por lá — se tudo der certo, tomará uns chopes para comemorar. Caso contrário, beberá para esquecer e afogar as mágoas. Esse jogo, entre Esporte e Santa Cruz, ocorre na Ilha do Retiro, no estádio de propriedade do Esporte — inaugurado em 04 de Julho de 1937⁴¹². O Esporte vem em primeiro lugar porque chama o jogo. O tricolor do Arruda, apesar de possuir sede, não tem um estádio decente, apenas um campo que a torcida chama de **alçapão** — pois é pequeno, com arquibancada de madeira, e não comporta competições⁴¹³. Foi graças às campanhas populares que surgiu o Alçapão do Arruda, mas ainda falta a construção de um verdadeiro estádio em condições de acolher uma competição do nível do Campeonato Pernambucano. Esses são os ossos do ofício de ser torcedor de um time popular. O Santa Cruz também é conhecido como Clube das Multidões, por contar, entre os seus simpatizantes, sobretudo, com o apoio das camadas mais humildes da população, embora também possua seus torcedores ilustres. A sua torcida o chama de o mais querido, a cobrinha, ou cobra coral, santinha — devido às suas três cores: preto, encarnado e branco.

⁴⁰⁷ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 71).

⁴⁰⁸ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 76).

⁴⁰⁹ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 77).

⁴¹⁰ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 79).

⁴¹¹ **MANIFESTO DO TEP**. (CIRANO, 1981: 71).

⁴¹² Informações publicadas no site: Disponível na Internet, <http://www.pelosporttudo.com/>. Acesso em: 28 set. 2004.

⁴¹³ Entrevista com JOÃO.

O Tricolor, antes de ser do Arruda, já mudou mais que caramujo com a casa nas costas. E, muitas vezes, saindo à sorrelfa para evitar que os oficiais de justiça levassem os seus troféus penhorados, juntamente com os móveis, para saldar suas dívidas. Apenas em 1943, o Santa Cruz conseguiu se instalar no Arruda, num terreno entre a Avenida Beberibe e a Rua das Moças — que até então vinha sendo utilizado pelo Centro Esportivo Tabajaras, um clube suburbano de muito peso⁴¹⁴. O terreno, então de propriedade do industrial Arthur Lundgren, foi alugado pelos tricolores. No mesmo ano, foi comprada a casa na Avenida Beberibe que serve como sede para o clube. Mas essa comprovação de residência não foi garantia de tranqüilidade, pois o dono do terreno ameaçou loteá-lo para venda. Foi graças ao vereador Wandernkolk Wanderley⁴¹⁵ — que apresentou um projeto de desapropriação do terreno na Câmara Municipal, sancionado no dia 4 de julho de 1952 — que o Santa, hoje, pode ser chamado de Tricolor do Arruda⁴¹⁶. **Juca**, inclusive — apenas para aborrecer **Airôn** que vive afirmando que todas as conquistas benéficas ao povo são iniciativas dos comunistas, desde as associações de bairro à SUDENE —, de vez em quando lhe lembra que a desapropriação do terreno suburbano, das mãos de um vil industrial, que veio a compor o Centro Esportivo do Tricolor do Arruda, em benefício do Povo, não pode ser incluída em sua lista. Ao que é costumeiramente respondido com um gesto obsceno.

O fato é que aqui está ele, **Juca**, no Estádio Ademar da Costa Carvalho. Todo tinindo, embora esportivo, como pede a ocasião: calça de linho Diagonal, camisas Lunfor — a tal — de meia manga, que hoje não é dia de trabalho, sapato Clark de cromo, cheirando a sabonete Eucalol. No bolso, sua caneta Sheaffers e o inseparável pente Pantera. No pulso, o relógio de estimação. No quengo, uma trufinha, à Elvis Presley, cintilante como o sol, modelada com brilhantina Glostora⁴¹⁷. No estômago, a gastura maior do mundo: o score já está em dois a zero. E não favorece o Santa Cruz. **Juca** assiste ao jogo com o ouvido grudado em seu radinho portátil — uma extensão da sua orelha. Por um momento, ele lembra de sua velha mãe que, apesar de passar o dia inteiro ouvindo o rádio, sempre teve receios dessas modernidades — em casa, sempre ralhava com os filhos: —

⁴¹⁴ Informações publicadas no site: Disponível na Internet, <http://www.coralnet.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2004.

⁴¹⁵ Segundo Flávio Brayner, W. Wanderley é líder dos grupos mais conservadores da Câmara dos Vereadores (BRAYNER in REZENDE (org.), 1987: 206).

⁴¹⁶ Informações publicadas no site: Disponível na Internet, <http://www.coralnet.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2004.

⁴¹⁷ Descrição retirada de **Vou-me Embora Pro Passado, no rastro de Manuel Bandeira** (QUIRINO, 2001: 97).

“Desgruda desse rádio, menino, ouve de longe que ele pode explodir!”⁴¹⁸. **Juca** é um dos poucos torcedores que têm acesso a este requinte da tecnologia: um pequeno rádio transistor, através do qual acompanha os comentários da Rádio Clube.

Ele gosta de ouvir a narração e os comentários dos locutores esportivos. Curioso imaginar que, nos idos dos anos 30, a equipe da Rádio Clube tenha encontrado dificuldades para realizar a sua primeira transmissão de um certame — e não por uma questão técnica, mas justamente pela diretoria de um clube de futebol, no caso, do Esporte Clube do Recife, que expulsou toda a equipe da Rádio, juntamente com os seus equipamentos. Ou seja, a primeira transmissão de rádio de uma partida de futebol foi feita subversivamente graças à varanda de uma casa vizinha ao campo⁴¹⁹. Entretanto, **Juca** está pessimista. Escuta o rádio por praxe. Descrente do mundo e dos desígnios dos céus. Tem suas razões; muitas razões, aliás. Apesar de ter ganhado o campeonato do ano passado, o Santa está saindo de uma crise medonha. A situação foi criada desde o dia em que o presidente do Santa Cruz, Odívio Duarte, em março deste ano, num exame da sua administração, advertiu a seus pares da impossibilidade de continuar dirigindo o clube pela falta de colaboração ou, mais propriamente, pela falta de dinheiro⁴²⁰. Convocado o Conselho Deliberativo, foi proposta a formação de uma comissão de ex-presidentes para ser encontrada uma fórmula de contornar a crise⁴²¹.

Só que essa comissão elaborou um documento, devidamente encaminhado ao Conselho Deliberativo, em que propunha a renúncia de Odívio Duarte e sugeria o nome de José Fernandes — diretor de futebol do Santa Cruz — como único elemento capaz de conciliar as diversas correntes políticas no interior do clube. A Odívio Duarte restava apenas uma solicitação de apoio que, em virtude dos termos da carta dos ex-presidentes,

⁴¹⁸ Entrevista com JOÃO.

⁴¹⁹ Segundo Renato Praelante, *Em 1931, o Rádio Clube de Pernambuco, (...) envia o seu locutor oficial, Abílio de Castro, para tentar transmitir, pela primeira vez, uma partida de futebol, verdadeiro clássico interestadual entre as seleções de Pernambuco e da Paraíba. O jogo realiza-se no campo pertencente ao Sport Clube do Recife para onde uma multidão acorre superlotando as dependências do então pequeno estádio, a ponto de muita gente não conseguir acesso ao campo para assistir ao certame. Abílio de Castro e pequena equipe do Rádio Clube chegam ao estádio com a intenção de instalar seu precário equipamento para transmitir a partida, beneficiando, dessa forma, aos torcedores que não haviam conseguido entrar para assistir ao jogo e, também, àqueles que, em casa, aguardam a transmissão. Uma desagradável surpresa, no entanto, está reservada à equipe do Rádio Clube. A diretoria do Sport Clube do Recife proíbe o trabalho de transmissão, expulsando das dependências do clube a Abílio de Castro, juntamente com a sua equipe e os seus equipamentos.* (CÂMARA, 1998: 55).

⁴²⁰ **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960. Seção de Esportes, p. 10. “Odívio Duarte: a crise passou no Santa Cruz. Vamos cuidar da conquista do bi-campeonato”. Artigo de Viriato Rodrigues.

⁴²¹ Idem. Comissão composta por Golçalo de Melo, Aristófares de Andrade, Edgar Beltrão, Major Carlos Afonso, Rui Pires, capitão Valdo Santana e José Fernandes.

resumia-se a uma colaboração em dinheiro. Entretanto, no início de abril, o candidato da oposição, José Fernandes, estava numa reunião da Assembléia dos Clubes, na Federação Pernambucana de Futebol, quando se retirou para sua residência onde recebeu uma comissão que o aconselhou a não permanecer como substituto eventual de Odívio Duarte. Depois de ouvir a história, cujo teor não chegou aos ouvidos dos torcedores, ele não apenas retirou a sua candidatura como anunciou que iria passar uns tempos numa Estação de Águas, em São Paulo⁴²². Tudo muito estranho e inacessível aos torcedores de base — como **Juca** e tantos outros — que apenas temem que essas ditas *correntes internas* prejudiquem o desempenho do time.

Juca, por um momento, lembra da inesquecível vitória de 1957 — inesquecível, sobretudo, porque conseguida depois de um amargo período de nove anos de jejum. Depois da conquista do campeonato em 1947 — disputado por sete equipes: Santa, Esporte, Náutico, América, Flamengo, Íbis e Recife, os dois últimos times estreantes no Campeonato Pernambucano — vitória comandada pelo técnico **Palmeira** (ex-jogador, ex-árbitro da Federação Pernambucana de Futebol, atualmente comandante do time do Esporte Clube), e decidida com o América, numa melhor de três, — foram exatos nove anos distante dos troféus e alegrias. Nesse período fastioso, o Esporte foi bicampeão, levando a taça em 48 e 49, sendo seguido por um tricampeonato do Náutico, em 50, 51 e 52, sobrevivendo pela vitória do Esporte em 1953, seguida pelo Náutico, em 54, e outro bicampeonato do Esporte, em 55 e 56. Em 1957, numa disputa de três turnos, restando Santa, Esporte e Náutico, o Tricolor do Arruda, foi, pela primeira vez, Supercampeão — pois sua conquista foi sobre os seus dois principais rivais⁴²³. Foi a volta do mais querido,

⁴²² **Diário de Pernambuco**, 7 de abril de 1960. Seção de Esportes, p. 10. “Odívio Duarte: a crise passou no Santa Cruz. Vamos cuidar da conquista do bi-campeonato”. Artigo de Viriato Rodrigues. *Conseguimos conversar com o Sr. Odívio Duarte pelo telefone, ontem à tarde. O presidente do Santa Cruz falou-nos com muita naturalidade e sinceridade: ‘Não atingi ninguém, pelo contrário, exaltei as qualidades do Sr. José Fernandes que, comigo, iria lutar no pleito que o Conselho Deliberativo extraordinário iria convocar. (...) Estive com o Sr. José Fernandes, mantendo uma palestra de alguns minutos, ao fim da qual o diretor de futebol do Santa Cruz fez a mim a comunicação de que renunciava à pretensão de lutar pela presidência do grêmio coral. Fez esta declaração sem nenhum constrangimento, mesmo porque desejaria um descanso fora do Estado, pois estava esgotado fisicamente. Portanto, não há mais crise no Santa Cruz. Agora, vou tratar de terminar o meu mandato e trabalhar com afinco para a conquista do campeonato. O Santa precisa ser bicampeão.*

⁴²³ **Jornal do Comércio**, 3 de março de 1960, p. 11. “Campeonato Pernambucano: temporada de 1960 da Primeira Divisão começa em Abril”. A primeira divisão é composta por dois blocos: os times grandes, que são Esporte, Náutico e Santa Cruz; e os times pequenos que apenas conseguem sobreviver na primeira divisão — que são **Ferroviário**, **Íbis** e **Asas**. É interessante observar que, na década de 30, além de Sport, Náutico e Santa Cruz, havia os times do Íris, Torre, Israelita, Great Western, América, Fluminense, Flamengo, Encruzilhada, Tuyuty, Atheniense e Varzeano. Os times jogavam divididos em duas chaves escolhidas em sorteio: chave branca e chave azul. Na década de 40, sobraram apenas os times do América,

em alto estilo, ao mundo da vitória. Logo depois, em 1958, o Esporte conquistou o campeonato. E, ano passado, 1959, o torcedor coral voltou a sentir o gosto do triunfo. Hoje, 21 de abril de 1960, antes da grosseria anunciada pelo placar — 2 X 0, a torcida do mais querido — o time das multidões — cantava o hino composto por **Capiba**, um ilustre torcedor do Santa Cruz, para comemorar o supercampeonato de 1957. Porque todo início de um jogo de futebol assemelha-se aos circos de cavalinhos: é como se, de repente, um mestre de cerimônias gritasse — “*Música, maestro, vai começar o espetáculo, vai começar!*” E, num momento, você deixa de ser um e torna-se um coro ao mesmo tempo sublime e profano:

Santa Cruz
Santa Cruz
Junta mais esta vitória
Santa Cruz
Santa Cruz
Ao teu passado de glória.

És o querido do povo
O terror do Nordeste
No gramado
Tuas vitórias de hoje
Nos lembram vitórias
Do passado
Clube querido da multidão
Tu és o Supercampeão⁴²⁴.

A simpatia que **Juca** dedica a **Capiba** tem diversos motivos: primeiro de tudo, por ele ser tricolor; segundo, por ser compositor de diversas marchas e frevos de carnaval que fazem a alegria do povão — inclusive, o seu frevo, “Dia dos Namorados”, ganhou em primeiro lugar na categoria frevo-canção, no carnaval deste ano⁴²⁵. E, em terceiro, porque quando **Juca**, funcionário novato e afobado, cometeu um erro ao escriturar o Livro Diário, e, em vista de sua situação de quarto escriturário a título precário, ficou desesperado como se o mundo estivesse vindo abaixo, **Capiba** — também funcionário do Banco do Brasil — ajudou-o a resolver o problema com rapidez e bom humor:

Great Western, Flamengo, Íbis e Recife. Durante toda a década de 50, apenas o Náutico, Sport e Santa Cruz aparecem enquanto times verdadeiramente em condições de disputar o Campeonato Pernambucano.

⁴²⁴ Música feita por Capiba quando o Santa sagrou-se Supercampeão, em 1957. BARBOSA, 1985: 389.

⁴²⁵ **Jornal do Comércio**, 3 de março de 1960. “Carnaval, Prêmio de Melhores Músicas”. Frevo de Rua — “Perguntas e Respostas”, de Zumba e “Corisco”, de Lourival Oliveira. Frevo de Bloco — “Evocação Nº 3”, de Nelson Ferreira e “Terceiro Dia”, de José Meneses. Frevo Canção — “Frevo dos Namorados”, de Capiba e “Coisinha Maluca”, de Carnera.



Fig. 39. Capiba (primeiro da esquerda para direita) na inauguração do novo edifício do Banco do Brasil, em 1960.

Fonte: BARBOA, Lourenço da Fonseca. **Capiba:** o livro das ocorrências. Recife: FUNDARPE, 1985. (Col. Pernambucana, 2ª fase, 22)

Juca — “Chefe, aconteceu uma coisa horrível com o livro que eu estou escriturando!”

Capiba — “Você cagou naquele livrão?”

Juca — “Não, não foi isso, não! Eu escrevi um valor no crédito quando deveria ter sido no débito. E agora o que é que eu faço para sair dessa encrenca toda?”

Capiba — “Muito simples. Faça o estorno e depois o lançamento certo. Danado era se você tivesse cagado no livro Diário. Aí não se tratava mais de um simples estorno e, sim, de uma intervenção da Saúde Pública, não só no Banco como em todo o quarteirão!”⁴²⁶

Porém, agora, o que se ouve não é o hino de **Capiba**, mas apenas admoestações ou gritos de incentivo cada vez menos elogiosos. É bem verdade que este é tão somente um amistoso. O campeonato começa oficialmente depois do torneio início que está marcado para o próximo domingo, dia 24 de abril, aqui mesmo no Estádio Adelar da Costa Carvalho. O primeiro jogo acontecerá às 14:30h, entre Esporte e Ferroviário, o segundo jogo, às 15h, entre Náutico e Íbis, o terceiro jogo, às 15:30h, entre Santa Cruz e Asas, o quarto jogo, às 16h, entre os vencedores do 1^o e do 2^o jogos, e o quinto jogo, às 16:45h, entre o vencedor do 3^o e do 4^o⁴²⁷. Entretanto, para qualquer torcedor, o Santinha precisa ganhar as partidas que disputa, sobretudo, com o Esporte ou Náutico. Só que, hoje, a pressão do Esporte é enorme, apesar das manchetes terem anunciado que o time jogaria desfalcado. **Juca** está tão nervoso, que não é possível saber-se como consegue continuar vendo a partida. Mas o torcedor de fé não pode deixar o seu clube sozinho, sem a sua solidariedade, em momento tão crucial. Enquanto isso, no rádio, só se escutam os gritos de:

- Goooool...leiro agarra espetacularmente!!!
- Agaaarra, Zé Maria!!!
- Espaaalma, Zé Maria!!!
- Saaalva, Zé Maria!!!
- Rebaaate, Zé Maria!!!

⁴²⁶ BARBOSA, 1992: 61-63. IX História: “Chefe, aconteceu uma coisa horrível...”. Essa situação narrada como se ocorrida entre Juca e Capiba, ocorreu entre Capiba e Américo Meneses, um funcionário novato do Banco do Brasil, quando Capiba já era Ajudante de Serviço, nos anos 50.

⁴²⁷ **Diário de Pernambuco**, 24 de abril de 1960. Seção de Esportes, s/n.. “Pode ser o Esporte o Tetra Campeão do Torneio Início de Futebol, em 60”. O quarto jogo termina acontecendo entre Esporte e Náutico e o quinto e último jogo se dá entre Santa Cruz e Esporte. Sendo o Esporte, de fato, o campeão do torneio início da temporada dos profissionais deste ano de 1960.

É o bombardeio do Esporte e a performance do goleiro **Zé Maria**. Quando acaba o primeiro tempo, **Juca** está surdo de tantos Zés Marias nos tímpanos e profundamente cético. Apenas um empate já estaria de bom tamanho. — *“Ainda há tempo de equilibrar o jogo, afinal, tem mais 45 minutos”* — ele racionaliza, durante o intervalo do certame. Todo torcedor é o supra-sumo da racionalização. Suado de tanto nervosismo, **Juca** meneia a cabeça, senta, levanta, estica as pernas, ajeita o cabelo. No segundo tempo, ele continua assistindo ao jogo enquanto come as unhas, que já estão no sabugo, isto é, não há nem o lugar das unhas. Já comeu tudo. O seu estado é lastimável e, se a peleja não terminar, ele ficará sem dedo algum. A pressão do Esporte é cada vez maior e **Juca** está com um medo danado que seu rival se distancie no placar. Por essas alturas, ele se pega com todos os Santos para que protejam o Santa de um vexame no marcador. Eita pressão danada do Esporte! Será que é artimanha do Demo? É perversidade demais, nem o Diabo pode ser tão ruim!

E nisso o jogo continua — bem como o seu martírio. O tempo vai se eternizando. Ele nem ao menos se lembra de olhar para o relógio: — *“E esse jogo que não termina nunca!”* — Ele diz para os companheiros de sofrimento ao seu lado, que não o ouvem. Parece que, por suma implicância, o juiz da partida resolveu parar o tempo. Mais abaixo de onde ele se encontra, diagonalmente à esquerda, um torcedor está visivelmente irritado com o juiz e grita: — *Juiz ladrão!* Mais que depressa, outro torcedor ao seu lado faz coro: — *Juiz ladrão!* Forma-se o dueto. Um grita de cá: — *Juiz safado!* E o outro torcedor de lá: — *Juiz corno!* E se alternam nos xingamentos: — *Juiz viado!* — *Juiz filho da puta!* — *Juiz isso!* — *Juiz aquilo!* Num dado momento, quando parecem ter esgotado o repertório, eles se entreolham. É então que o outro torcedor vai buscar, lá no fundo, num último esforço, a ofensa final contra aquele abominável homem de preto. E sapeca: — *JUIZ COMUNISTA!*⁴²⁸

O vento sopra com tal impetuosidade que não se sabe como não carrega os espectadores que estão na arquibancada, atrás do gol que fica mesmo em frente ao placar que diz: Esporte 2 X 0 Santa Cruz. Esta é uma tarde de horrores para **Juca**. Os torcedores do Santa Cruz, atrás do gol da entrada, estão em pânico devido às investidas do Esporte, que não para de atacar. É bola por todos os lados: escanteios, laterais... E é um tal de segura camisa rubro-negra, mão na bola e o diabo a quatro, contanto que a pelota não chegue dentro da área do Santa Cruz. Os torcedores do mais querido gritam, gritam, gritam

⁴²⁸ MELO, 2003: 11-12.

incentivando os jogadores do Santa, mas não há jeito: o domínio do Esporte é total. Não que o Esporte seja melhor do que o Santa, isso nunca! Mas, que hoje ele está jogando melhor, está. **Juca** é adversário, mas sabe dar o seu ao seu dono.

O Santa está num dia infeliz. E, tanto isso é verdade, que não vai nem uma vez do outro lado. Teve apenas uma jogada perigosa quando atacava a favor do vento, no primeiro tempo, e nada mais. E lá estava Cazuza — goleiro que vem da divisão de base do Esporte e mora pelas bandas do Pina — para fazer a defesa. — “*Também, não há de ser por isso que o Esporte seja melhor do que o Santa, não. O que está se dando é que o vento está ajudando o Esporte às pampas*” — **Juca** diz aos companheiros ao seu lado, enquanto os torcedores se esgoelam aos gritos de — “*Vamos **Gildo**, segura **Gerôldo**, faz alguma coisa, **Ricardo**!*” Mas nem os jogadores nem o técnico ouvem nada porque o vento está soprando em contrário. Provavelmente, quem está ouvindo os torcedores do Santa Cruz são os moradores da zona da Caxangá e alguns de Camaragibe. Para o lado do Cais do Porto, ninguém ouve nada, ou melhor, ouve-se, mas somente aquele “— Ô, ô, ô, ô”, que não tem mais fim⁴²⁹.

As caras dos jogadores do Esporte parecem verdadeiros fantasmas na hora em que o Esporte ataca. **Juca** vê aqueles homens tão grandes que parecem personagens de história pra menino dormir; enquanto que os do Santa se apresentam pequeninos, pequeninos que quase não dá para se enxergar. O centro-avante rubro-negro, **Djalma**, é liso e tem um chute que vou te contar. E o ponta direita **Traçaia**, de posse da bola, estraçalha todo adversário que encontra pela frente com fintas e dribles desmoralizantes. Os dois laterais fixos, que atuam na defesa — **Bria**, lateral direito, e **Alemão**, lateral esquerdo — são dois armários. **Bria** é uma lapa de negão que tira qualquer um de tempo. **Alemão** é irmão do goleiro Manga, do Botafogo do Rio de Janeiro, e tem um chute miserável. O Esporte, ainda por cima, tem dois meias que dão trabalho: **Bittencourt** — um uruguaio, *el bigode que joga*, que parece ser um grande meia-esquerda, e **Tomires**, que joga na meia-cancha e é um grande cabeça de ária⁴³⁰.

⁴²⁹ BARBOSA, 1985: 395.

⁴³⁰ Apesar deste time do Sport não ser o campeão do Pernambucano de 1960, a sua base é mantida e vence os dois campeonatos seguintes — 1961 e 1962. Em 1961, o Esporte é campeão vencendo o Náutico por 3 X 2 no último jogo de uma série de melhor de três. O time final foi composto por Dirceu, Alemão e Sinval; Laxixa, Tomires e Nenzinho; Traçaia, Djalma, Osvaldo, Bittencourt e Elcy. Em 1962, o Esporte é bicampeão vencendo o Santa Cruz por 2 X 1. O time final é composto por Dirceu, Nelson e Alemão; Leduar, Tomires e Nenzinho; Lanzoninho, Renato, Djalma, Bittencourt e Elcy. Informações no site: Disponível na Internet, <http://www.pelosporttudo.com/>. Acesso em: 28 set. 2004. As características dos jogadores do Sport Clube do Recife, neste ano de 1960, foram fornecidas por JARBAS.

O pau come no centro, que faz gosto de se ver... O Esporte numa jogada, vendo que não pode entrar na área do Santa Cruz, resolve chutar de longe. **Djalma**, do meio do campo, dá uma cacetada tão danada na bola, em direção ao gol do Santa, que é aquele Deus nos Acuda. **Juca** começa a suar, a suar, a feder feito um bode (mau sinal). Todo mundo sai correndo atrás da bola, tanto do Santa, quanto do Esporte. E lá vem a bola que, ajudada pelo vento, vem com a moléstia de seiscentos diabos. Enquanto isso, um menino que está junto a **Juca** diz: — “*Seu Zé, seu Zé, seu Zé*” e o puxa pela calça querendo avisar-lhe alguma coisa, mas **Juca**, nesse momento, não tem tempo pra nada⁴³¹. Quer ver apenas em que vai dar essa grosseria que se forma contra a barra do Santa Cruz. Sua atenção está toda voltada para aquele bolo. Todo o Estádio se levanta e lá vem a bola e os jogadores atrás da dita, menos dois, **Bria** e **Alemão**, que ficaram lá dentro do gol do Esporte — pelo visto, são amigos de **Zé Maria**, goleiro do Santa, e não querem ajudar os seus companheiros naquilo que eles pensam ser um futuro massacre.

E o menino puxando a sua calça e dizendo: — “*Seu Zé, seu Zé, seu Zé*”, e **Juca** nada de dar ouvidos ao menino, que para ele era um chato pedindo alguns trocados e por isso não lhe dava a atenção que merecia. E lá vem o bolo de jogadores aumentando à medida em que a bola, ajudada pelo vento, diga-se de passagem, se aproxima do gol do Santa Cruz. Até o juiz e os bandeirinhas, achando pouca aquela aglomeração de jogadores, também chegam para perto para ver o desfecho dessa esculhambação. Os fotógrafos e cronistas esportivos também não fazem por menos; correm todos pro bolo, atrás da bola. Só faltam mesmo as Diretorias dos dois clubes litigantes, porque os reservas, treinadores, médicos e massagistas dos dois lados já estão por perto do futuro acontecimento. E o menino continua: — “*Seu Zé, seu Zé, seu Zé*”, e **Juca** nada. Não tira os olhos um segundo sequer para ver em que vai dar aquela correria, que nem os guardas conseguem conter. Está formado o barulho.

A pelota vem ajudada pelo vento e, com a maior violência desse mundo, bate no travessão horizontal e sobe, sobe, sobe e todos os jogadores, reservas, juiz e bandeirinhas, médicos, massagistas e até os diretores de futebol, que têm direito de assistir aos jogos dentro do campo, estão ali, no pé da conversa. O negócio é esperar que ela desça para ver como vai terminar tudo aquilo. A gritaria é imensa e **Juca** só ouve aquilo perto de si: — “*Seu Zé, seu Zé, seu Zé*”, mas tão fraquinho que ele pensa que o menino já está lá pros lados de Beberibe. O povo das arquibancadas e das gerais desembesta por trás dos alambrados,

⁴³¹ BARBOSA, 1985: 396/397.

em direção ao futuro teatro dos acontecimentos. Antes de a pelota descer, muita gente boa passa uma enorme agonia aqui no campo do Esporte, na Ilha do Retiro, durante este jogo entre Santa Cruz Futebol Clube e Esporte Clube do Recife.

Bem perto de **Juca**, um torcedor, com cara de quem comeu e não gostou, dá uma banana para um outro que xingou a mãe de um terceiro que, por motivo não conhecido, não devolve à altura o insulto recebido. Parece que o torcedor que deu a banana tem mais participação na mãe do ofendido publicamente do que ele próprio. Um outro grita para dentro do campo com toda a força dos pulmões: — “*Vai arranjar uma lavagem de roupa, filho da puta!*” Não dá para compreender a quem ele está se referindo, mas o faz com tanta convicção que parece que conhece bem a mãe do cara. Bem junto a **Juca**, ele vê um sujeito que está com uma touca dizer para um outro que veste calça culote sem perneiras: “*É a sua mãe!*” Não se sabe o que o sujeito de culote, sem perneiras, disse para o outro, só se sabe que pela reação do cara que está de touca pode-se compreender que o mesmo não dorme com a dita. Um negro com um boné com as cores do Santa joga o bagaço de uma laranja que estava chupando com tanta violência que atinge a careca de um cidadão gordo que está a uns 3 metros, à direita de **Juca**. Só na viravolta que o gordo dá, ele derruba uns cinco torcedores que estão ao seu lado. O pau canta nas gerais, que é uma beleza. — “*Eita, que a merda virou boné*” — diz um cabra, numa gíria bem popular, a seu lado⁴³².

A bola, depois de tanto subir, resolve fazer a caminhada de volta. E aí é que a agonia aumenta. Lá vem, lá vem, lá vem e a multidão como se estivesse num circo, grita com todas as forças, como quem pede que o palhaço volte a dar novas cambalhotas. **Juca** sente o cheiro de perigo iminente, iminentíssimo. Ninguém se entende mais, e o menino: — “*Seu Zé, seu Zé, seu Zé*” e **Juca** — atento ao que se passa perto do gol do Santa Cruz, que a esta altura já tem mais de centro e quarenta pessoas nas suas proximidades — não consegue tomar conhecimento de nada mais ao seu redor, apenas esperando a bola que vem de volta, que só um foguete. Quando a bola vai chegando, todo mundo fecha em cima do goleiro do Santa, que é aquele bolo tremendo perto do gol.

Juca fica envolto numa atmosfera de silencio denso e profundo. O coração nas amídalas. Os ruídos vêm de longe, muito longe. O tempo pára. Tudo fica em câmara lenta, como no Julgamento Final. **Juca** sente sua alma penada. Vê o **Encourado**⁴³³, no

⁴³² BARBOSA, 1985: 398/399.

⁴³³ No **Auto da Compadecida**, o Inferno possui seus demônios, entretanto, a suma hierarquia infernal é exercida pelo **Encourado** que possui um grande livro onde anota os deslizes humanos para, após a morte, requerer suas almas. (SUASSUNA, 2002: 150).

purgatório, discursando sobre a industrialização do Brasil, e diz — “Oi!”. — *E a cultura popular?*” — pergunta. O **Encourado** esboça um sorriso amarelo. Os cachorros param de latir. Os pardais de voar. As galinhas de cacarejar. As flores de brotar. Até que todos ouvem a trovoada da torcida adversária: — “*É gooooooooooll!*”. E, neste exato momento, dá-se a decepção. Lá está ela, a pelota maldita, do lado de dentro da rede. Três a zero. **Juca** abaixa a cabeça, abufelado. Os cabelos espalhados pelo chão. Então, vê o menino: — “*O que é que você quer, peste?*”. E ele: — “*Nada não, senhor. Eu só queria avisar ao senhor que um ladrão roubou o seu relógio*”. Este não é o seu dia de sorte. “*Eita, tarde dos seiscentos diabos!*”. **Juca** vaticina: — “*Mais triste ainda é esta tarde para os mais humildes*”, onde ele julga residir toda a força e pujança do Tricolor do Arruda, mais conhecido como Clube das Multidões⁴³⁴. Esta tarde tem cheiro de futum.

3.3. ANOITECER BOÊMIO

Juca sai do **Adelmar da Costa Carvalho** tendo que ouvir a gozação dos torcedores rubro-negros. O jeito é levar na esportiva. Parece que, hoje, um espírito zombeteiro resolveu cruzar o seu caminho. Ele — que tinha pensado em pegar um ônibus no Derby que o deixasse na Avenida Guararapes — resolve ir mesmo é caminhando com a massa misturada de torcedores tricolores e rubro-negros, ouvindo e tecendo comentários acerca do jogo e de previsões acerca do campeonato. No geral, diz-se que o Esporte, com esse time, passa a ser o mais cotado ao título de campeão do torneio início — o que o levaria à sua quarta vitória consecutiva. Nisso, ele cruza toda a Conde da Boa Vista. Esse é um jeito, também, de ir purgando, no suor, o seu abufelamento: três a zero é uma lavada vergonhosa. Quando dá, exatamente, as 18:00 horas, a voz cheia do radialista, na Rádio Clube, recita os versos repetidos, a cada dia, em louvor da Ave-Maria:

LOCUTOR — “Ave-Maria! Rainha pura e ditosa dos homens pecadores. Santa radiosa do céu! Hora doce e emocionante entre o dia que morre e a noite que surge. As criaturas, perdidas na inquietação que enche a terra, olham o firmamento, ansiosas pela luz das estrelas que começam a inundar a imensidade. Ave-Maria! Paz e recolhimento para os espíritos, conforto e esperança para as almas! O homem dobra os joelhos, abrandando a sua ira, esquece os seus sofrimentos e abre o seu coração, nesta hora terna de piedade e de recolhimento. O seu pensamento voa para o céu, qual gigantesco pássaro audacioso que soltasse, na amplidão, as suas asas doiradas. Ave-

⁴³⁴ BARBOSA, 1985: 399.

Maria! As catedrais e as capelas humildes entoam, ao mesmo tempo, a sua oração que o bronze secular cobre de sons divinos, enchendo o espaço de harmonias inefáveis. Ave-Maria! Hora da prece e do perdão; hora dos fidalgos e dos plebeus. Hora dos cristãos de todas as idades e dos filhos de Deus de ambos os hemisférios. Ave-Maria! Hora grandiosa de Deus! Traço de união divina entre a criatura e o Criador. Hora mágica da humanidade que abre um doirado caminho de luz entre a terra angustiada e o céu bendito. Ave-Maria!”⁴³⁵

Juca persigna-se ao fim da oração. Não há de ser nada. O campeonato vai começar ainda. Muita coisa ainda há de acontecer. Os ventos também sopram para outros lados. Ele há de pedir à Nossa Senhora que reúna, num Congresso, todos os ventos do mundo, lá onde o grande céu se encurva sobre os lentos telhados — sobretudo, os ventos do Nordeste, dos quais um seu velho conhecido, o vento terral, velho boêmio das madrugadas, ajuda as plantas dos amores, levando nas dobras do seu manto o pólen das anteras e suspirando entre as ramagens⁴³⁶. Não há de ser por falta de rezas e ventos que o Santa não adeje vôo. No **Nicola**, o assunto era a desdita do Santa e os desmandos da direção coral. **Juca** dá uma parada por ali para jogar conversa fora e beber uns copos de chope. Juca é um boêmio e, para ele, a noite só começa mesmo depois da Ave-Maria e a partir da primeira rodada de chope ao lado dos amigos⁴³⁷. Em algum momento, alguém grita: — “Eita, que a cobra hoje amoleceu!” Outro completa: — “Hoje o tricolor teve foi um dia de corno!” **Juca**, grita de volta: — “E eu sou lá seu pai, peste?! Vê lá se eu ia ter um filho com cara de bicho maligno, tu parece uma mistura de morcego com sapo hidrofóbico!”⁴³⁸ Este é o clima hoje no **Nicola**: um galhofa daqui, outro gaiteia dali, enquanto todos bebem e altercam e fumam e tiram pilhérias um com outro. — *E você não sabe da maior!* — diz **Juca** a um seu conhecido — “Além de amargar a derrota, inda por cima surrupiaram o meu relógio Mydo, que me custou os olhos da cara!” Ao que respondem, na brincadeira: — “Então lhe fizeram um favor, já que um homem com-mydo é outra coisa!”⁴³⁹ Juca diz: — “Vai-te, peste!” E um outro companheiro ainda completa: — “Quem roubou devia ser rubro-negro!”

⁴³⁵ CÂMARA, 1998: 68/69.

⁴³⁶ Congresso dos Ventos (CARDOZO, 1996: 21-23).

⁴³⁷ MELO, 2003: 67.

⁴³⁸ Farsa da Boa Preguiça (SUASSUNA, 2003: 66/67).

⁴³⁹ Entrevista com JARBAS. Jarbas diz que essa era uma marca cara de relógio. Também era um trocadilho da época dizer-se que um homem *commydo* era outra coisa.

Juca despede-se dos companheiros de desdita e segue para o bar ao lado — no **Savoy**, **Juca** tem notícias de que **Airôn** havia passado por ali há pouco e tinha aberto um sorriso do tamanho de um boi ao saber da vitória do Esporte. Na mesa onde ele senta-se, os companheiros, depois de puxarem-lhe uma cadeira, retomam a conversa interrompida:

Homem um — Eu acho que tem tudo para dar certo! Tem o apoio do prefeito Miguel Arraes, tem o potencial humano — que é o povo nordestino — e tem ajuda financeira que está chegando de todos os lados: inclusive de alguns comerciantes e industriais e clubes sociais como o Rotary e o Lyon's — que estão fazendo uma campanha para sensibilizar a classe produtora ⁴⁴⁰.

Homem dois — Eu soube que já estão discutindo e elaborando o estatuto do movimento e parece que ele vai ser organizado em três departamentos; um deles é o departamento de formação de cultura — que vai ter dez divisões: pesquisa, ensino, artes plásticas, música/dança/canto, cinema/rádio/televisão/imprensa, teatro, cultura brasileira, bem estar coletivo, saúde e esportes — cada um com seu diretor responsável⁴⁴¹.

Juca — Ah, vocês estão falando do Movimento de Cultura Popular! Meu pai está numa animação danada! Ele diz que o povo lá de Santo Amaro não fala de outra coisa. Na mesma tarde em que as escolas abriram para as matrículas, já foram mais de 50 crianças inscritas. E o MCP só vai inaugurar as escolas no dia 1^o de maio! Quer dizer, ainda pode aumentar, e muito, o número das inscrições⁴⁴². Realmente esse movimento está dando o que falar!

⁴⁴⁰ **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960, p. 05. Os coordenadores do MCP mostram-se otimistas quanto aos resultados da campanha promovida pela Prefeitura visando à erradicação do analfabetismo no Recife. Ainda ontem, o prefeito Miguel Arraes recebeu resposta positiva de organizações industriais localizadas em Santo Amaro, que se prontificaram a pagar salários de professoras que vão funcionar nas primeiras escolas. Hoje, o senhor Aluísio Falcão, diretor da Divisão de Documentação e Divulgação do DDC, vai manter novos contatos com outros grupos de industriais, com o mesmo objetivo. Aquele funcionário municipal fez entrega, ontem, ao prefeito, do relatório das pesquisas realizadas em Casa Amarela, apontando as necessidades do bairro, no setor educacional. Para fazer funcionar as 100 salas cedidas à PMR por associações, serão necessárias 167 professoras, 2.524 bancas, 70 filtros, 62 quadros negros, 68 mapas, 44 gabinetes sanitários e 3 'bureaux'. O material será fornecido pela própria prefeitura e as professoras terão os salários pagos pela indústria e comércio locais. O 'Rotary' e o 'Lyon's' estão dando toda cobertura à Municipalidade visando a atrair o interesse das classes produtoras.

⁴⁴¹ **MEMORIAL DO MCP**, 1986: 24. Texto de Paulo Rosas.

⁴⁴² **Diário de Pernambuco**, 19 de abril de 1960, p. 05. O MCP da PMR, como já foi noticiado, entrará em funcionamento, rigorosamente, no próximo dia 01 de maio, com a inauguração das dez primeiras escolas e do seu 'NÚCLEO DE AÇÃO', em Santo Amaro, que vai centralizar as atividades naquele bairro. A orientação pedagógica dos cursos populares será motivo de reunião, segunda feira próxima, entre a assessora Anita Paz Barreto e as professoras já inscritas. No final desta semana, o MCP vai reunir-se, novamente, sob a presidência do prefeito Miguel Arraes, para um balanço geral das atividades até agora

Homem três — Qualquer um pode se associar ao projeto?

Homem dois — Pode. Mas só tem duas qualidades de sócio: ou é sócio dirigente ou é sócio educador. E para ser sócio dirigente a pessoa precisa, em primeiro lugar, apresentar títulos que possam credenciá-lo, depois deve endereçar ao presidente do Movimento uma exposição de motivos de seu desejo de ingressar no **Movimento de Cultura Popular**, em terceiro lugar, deve se submeter a entrevistas tanto com o Presidente quanto com o diretor da Divisão na qual pretende integrar, tem também que comprovar idoneidade moral, e, por último, deve demonstrar uma aptidão para o estágio — porque, antes de virar sócio presidente, o cabra tem que, de início, ser estagiário e, após pelo menos um ano, aí sim ele vira efetivo⁴⁴³.

Homem três — Rapaz!... Isso é um movimento de cultura popular ou um concurso para Miss? Que danado de tanta regra é essa? Vai-te embora! O sujeito vai trabalhar como voluntário, na melhor das boas intenções, e tem que passar por essas provas todas?!

Homem dois — Eles devem ter lá os seus motivos. Mas, o mais importante, é que os seus objetivos são bastante louváveis: angariar a ajuda de toda a sociedade — tanto de particulares quanto dos poderes públicos — para promover a alfabetização de crianças e adultos. E não se trata apenas de ensinar a assinar um nome elevar esses indivíduos apenas a um estágio de semi-analfabetismo, mas de incentivar e transmitir os vários aspectos da cultura popular. De promover a elevação do nível cultural do povo. Vocês já imaginaram o que é viver a vida inteira apenas como burro de carga? O que é a existência de um ser humano reduzido à menor da sua potencialidade? O que é passar toda a sua vida sem capaz de compreendê-la? Mal comparando, é como uma fruta que apodrece sem nunca amadurecer, desperdiçando o milagre que a compôs. E, ao que parece, esse é o maior objetivo desse movimento: desenvolver todas as virtualidades do ser humano! Isso é fantástico! Nesse movimento novo, eles estão, inclusive, pensando em desenvolver um projeto de **praças de cultura**, com apresentações teatrais e manifestações da cultura popular.

desenvolvidas e novos planejamentos da campanha. O professor Germano Coelho, por outro lado, concluirá uma minuta do plano do MCP, que será entregue ao Lion's e ao Rotary Club.

⁴⁴³ **MEMORIAL DO MCP**, 1986: 25. Texto de Paulo Rosas.

Homem um — Bom, pelo menos a iniciativa das tais “*praças de cultura*” é muito louvável. Já dizia Lorca que um povo que não ajuda e não fomenta seu teatro, se não está morto, está moribundo⁴⁴⁴.

Juca — E, nisso, Lorca tinha razão. Houve quem dissesse que o teatro morreria por causa dos cinemas, mas foi muito antes: foi no Renascimento que ele se eclipsou. Vocês já se perguntaram qual o motivo de, justamente durante a Renascença, a arte teatral ter entrado em decadência? Por que o teatro foi ofuscado num período em que todas as outras artes se expandiram? Porque o renascimento foi marcadamente um movimento de artes individuais, ao passo que o teatro é uma arte de característica eminentemente coletiva⁴⁴⁵.

Homem três — Interessante, eu nunca tinha pensado nesses termos!... Mas, se é assim, então, nós podemos dizer que a cidade do Recife anda em plena fase de expansão de uma arte coletiva, não é?

Juca — Eu diria até mais do que isso. Esse processo já começou desde o pós-guerra e desde a redemocratização. Porque esse projeto das “Praças de Cultura” não é uma novidade, aqui, no Recife. O Teatro de Estudantes de Pernambuco, **TEP**, formado por alunos da Faculdade de Direito da turma de meados dos anos 40 — a turma de Ariano Suassuna, de Hermilo Borba Filho —, elaborou um projeto de teatro que fez com que a arte de representar saísse dos grandes teatros e fosse em direção ao povo: ao campo, ao pátio das fábricas, ao pátio das feiras. Foi o **TEP** que iniciou a idéia de um teatro ambulante na cidade, com a **BARRACA**, construída no Parque 13 de Maio, em 1948 — inclusive, um nome escolhido para homenagear justamente Garcia Lorca. No 13 de Maio, foram feitos espetáculos gratuitos para o povo com as grandes peças do repertório universal. O **TEP** exerceu suas atividades teatrais mais ou menos no período entre 1945, quando foi lançado o seu Manifesto, embora a sua primeira apresentação pública só tenha acontecido em 1946, até 1953, quando começou a passar por dificuldades financeiras e deixou de montar seus espetáculos⁴⁴⁶.

Homem três — E, agora, além desse projeto que está sendo encaminhado pela gestão de Arraes, na Prefeitura, há também o Teatro de Amadores e, mais recentemente, o Teatro Popular do Nordeste, não é mesmo?

⁴⁴⁴ **MANIFESTO DO TEP** in CIRANO, 1981: 68.

⁴⁴⁵ **MANIFESTO DO TEP** in CIRANO, 1981, 69.

⁴⁴⁶ PONTES, 1990: 82/83.

Juca — Mas esses são dois grupos com propostas muito diferentes! Hoje, o Teatro Popular do Nordeste, **TPN**, representa aquele mesmo espírito irreverente e revolucionário do **TEP**, de 1946, que surgiu como uma reação contra o teatro acadêmico, esclerosado, frívolo e sem ligação com a nossa realidade⁴⁴⁷.

Homem três — Oxente, é impressão minha ou você faz alguma restrição ao **TAP**?

Juca — Não, não é bem assim. O Teatro de Amadores de Pernambuco — e seu diretor, Valdemar de Oliveira — tem os seus méritos. Foi através do **TAP** que os intelectuais se animaram a fortalecer o teatro na cidade que vinha definhando há tempos. Antes, o amadorismo teatral só se fazia em família. Tudo bem, se um recitador ou pianista aparecesse no Santa Isabel ou se grupos se apresentassem no final do ano letivo. Mas atores e atrizes profissionais eram vistos com preconceito pela sociedade. Então, nós ficávamos à mercê de grupos de fora. Foi preciso que os intelectuais proeminentes levassem suas próprias esposas para o palco, sob as luzes da ribalta, assim como fez a família Oliveira⁴⁴⁸. Com o **TAP**, a cidade passou a ter um teatro de atores *médicos, advogados, professores, damas distintas da sociedade*. Afora que surgiram espetáculos bem cuidados e sem problemas financeiros, já que o grupo possuía suas ligações com o governo — fazendo recitais e peças em vários estados do Nordeste em ocasiões de gala, solenidades, homenageando interventores, governadores, generais e bispos. Eles podiam, inclusive, dar-se ao luxo de dispensar as bilheterias que eram doadas para instituições filantrópicas⁴⁴⁹. Agora, a partir desse ressurgimento, pôde-se desejar voar ainda mais longe. E foi justamente esse o papel desempenhado pelo **TEP**: ele fez do teatro uma arte que fosse representada não para as noites de gala da alta sociedade, mas para o grosso do público; e os temas de suas apresentações eram tirados daquilo que o povo é capaz de compreender e é capaz de discutir⁴⁵⁰. O **TEP**, realmente, representou um papel revolucionário: lutou contra a mercantilização e o aburguesamento da arte. Ele redemocratizou o teatro⁴⁵¹. E, naquela época, o seu trabalho foi escarnecido e combatido, enquanto que, hoje, o **TEP**, é respeitado em todo o Brasil como a Companhia que representou o que há de mais verdadeiro e profundo no espírito popular da cultura do povo do Nordeste: sua

⁴⁴⁷ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 83.

⁴⁴⁸ PONTES, 1990: 56/57.

⁴⁴⁹ PONTES, 1990: 52.

⁴⁵⁰ **MANIFESTO DO TEP** in CIRANO, 1981: 71.

⁴⁵¹ **MANIFESTO DO TEP** in CIRANO, 1981: 75-77.

tradição, seus contos, seus mitos, seus romances; e, hoje, o **TPN** é o herdeiro desse projeto⁴⁵².

Homem um — Homem, assumo com todas as letras a sua crítica de que o TAP é um teatro voltado para elite e para as classes médias que frequentam o Santa Isabel!

Juca — A única coisa que estou querendo dizer é que o **TEP** — bem como sua proposta revolucionária de teatro — nunca deixou de existir, de fato. Pois, ao mesmo tempo em que fazia teatro, ele também lançou as bases que estimularam a produção de obras dramáticas com temas nacionais. Ele fez vários concursos, nos quais procurava editar as obras numa gráfica amadora. Quando o **TEP** deixou de fazer teatro, praticamente o mesmo grupo, passou a compor o Movimento de **O Gráfico Amador**, fundado em 1954 — dos quais fazem parte Ariano, Hermilo, Capiba, Gastão de Holanda, Francisco Brennand, Heraldo Souto Maior, Carlos Pena Filho, João Alexandre, Sebastião Uchoa Leite, Osman Lins e tantos outros⁴⁵³. **O Gráfico** continuou como a editora do **TEP**, só que em bases mais artísticas⁴⁵⁴. Graças a **O Gráfico**, os nossos artistas puderam publicar seus próprios escritos, já que o circuito comercial não lhes era acessível, pois só existem editoras no Rio e em São Paulo e elas só editam autores já reconhecidos pelo público nacional. **O Gráfico** significou, ao mesmo tempo, uma saída editorial, além de uma experiência estética inovadora em relação à editoração⁴⁵⁵. E nós também não podemos esquecer que foram os remanescentes do **TEP** que fundaram outros grupos teatrais com o mesmo espírito revolucionário — como grupos de teatro de estudantes e operários organizados com o apoio de alguns professores como o próprio Paulo Freire — que, agora, vai compor a equipe diretora desse novo movimento em formação, o **MCP**⁴⁵⁶.

Homem dois — Pelo que eu me lembro, o **TEP** dizia que a função do artista é despertar nacionalidades, é lutar pelos oprimidos, é amenizar o sofrimento, expondo-o sem subterfúgios⁴⁵⁷. Eu acho que, com isso, o seu manifesto queria dizer que o que se deve impedir é que o homem popular seja **alienado** de sua própria cultura. Veja

⁴⁵² **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 84.

⁴⁵³ LIMA, 1997: 96-99.

⁴⁵⁴ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 84.

⁴⁵⁵ Como não havia editoras em Pernambuco, a editoração pessoal através das gráficas deixavam um problema acerca da distribuição, e a publicação no Rio e em São Paulo dependia de um reconhecimento nacional, o Gráfico significou uma experiência editorial e uma vitrine para os poetas e escritores em questão (LIMA, 1997: 87).

⁴⁵⁶ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 85.

⁴⁵⁷ **MANIFESTO DO TEP** in CIRANO, 1981: 77.

você, **Juca**, que, nesse sentido, este é um projeto parecido com a proposta do Movimento de Cultura Popular. Pois, se quisermos um povo que não seja alienado, devemos desbravar um novo caminho para que ele se insira **autenticamente** no processo de democratização política e também cultural da Nação⁴⁵⁸. Não através de programas assistencialistas. Pois o assistencialismo deforma o homem, domestica o homem⁴⁵⁹. Mas vivendo, participando, atuando. Sendo ator e não espectador⁴⁶⁰. Agora, eu lhe pergunto, **Juca**, você acha que o **TPN** aborda, realmente, os **problemas imediatos** do povo?

Juca — Veja, o **TPN** tem como proposta fazer um teatro **popular**. Mas popular, para o **TPN**, não significa, de maneira nenhuma, um teatro fácil nem muito menos um teatro político. No repertório do **TPN** se incluem os trágicos gregos, a comédia latina, o teatro religioso medieval, o renascimento italiano, o elizabetano, a tragédia francesa, o mundo de Molière e Gil Vicente, o século de ouro espanhol, o teatro de Goldoni, o drama romântico francês, Goethe e Schiller, Anchieta, Antônio José, Martins Pena e todos aqueles que no Brasil, principalmente no Nordeste, vêm procurando realizar um teatro dentro da seiva popular coletiva: como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Osman Lins, Sílvio Rabelo⁴⁶¹. O **TPN** repele tanto uma **arte gratuita**, formalística, sem comunicação com a realidade, uma arte frívola, estéril, sem sangue e sem pensamento, covarde e indefinida diante dos abusos e privilégios, da fria e cega vida contemporânea, do mundo dos privilegiados sem entranhas. Como também repele as sanguinárias tiranias que fingem combatê-lo. Ou seja, repele a **arte alistada**, demagógica, que só quer ver um lado do problema do homem. Para mim, o **teatro político** faz uma arte deturpada, uma arte de propaganda, faz do espetáculo um libelo interessado. Enfim, o **TPN** acredita que a arte não deve ser nem **gratuita** nem **alistada**. Ela deve ser uma **arte comprometida**, ela deve manter um fecundo intercâmbio com a realidade, ser porta-voz da coletividade e do indivíduo, em consonância com o **espírito** profundo do nosso **povo**⁴⁶².

Homem um — Alguma coisa me soa meio ambígua nesse discurso. Você diz que ela deve ser uma arte comprometida, embora não deva ser uma arte alistada. Como é que se pode realizar algo assim? Será que, a partir de agora, quando a cultura do povo já

⁴⁵⁸ PAULO FREIRE, 2002: 15.

⁴⁵⁹ PAULO FREIRE, 2002: 16.

⁴⁶⁰ PAULO FREIRE, 202: 15.

⁴⁶¹ MANIFESTO DO TPN in CIRANO, 1981: 86.

⁴⁶² MANIFESTO DO TPN in CIRANO, 1981: 86/87.

faz parte dos projetos artísticos, não está em tempo de voarmos ainda mais longe — como você mesmo disse?

Homem dois — Eu acho que as reformas nacionais — reformas urbanas, reformas agrárias, reforma universitária — serão, justamente, a temática central do Teatro de Cultura Popular, **TCP**, do Movimento de Cultura Popular⁴⁶³.

Juca — O que eu realmente penso é que fazer **teatro popular** não significa impor ao povo uma visão pré-determinada do mundo, mas, isso sim, um **pulsar**, algo que venha da essência popular. Significa fazer um teatro **autêntico**. O povo tem outras formas de resolver as suas próprias questões. O teatro deve transfigurar o que o próprio povo murmura em sua seiva⁴⁶⁴. O movimento de um **teatro popular** deve ser uma espécie de tomada de empréstimo da poética popular e sua devolução. Trata-se de uma transubstanciação, no sentido religioso da palavra. Devemos ouvir tudo o que o povo diz — não apenas suas justas e dolorosas queixas — que, diga-se de passagem, o **TEP** foi o primeiro a reformular e transfigurar em nosso teatro — mas também o que o povo diz de louvor a Deus e de amor à vida e ao rebanho comum, com seu espírito do trágico e seu agudo senso do cômico com sua poesia épica, com sua pintura, escultura e arquitetura religiosa, com suas gestas heróicas e seus romances de amor, milagre e moralidade⁴⁶⁵. A arte de um teatro como o **TPN** é comprometida com o homem e com o mundo, por isso ela é **popular**: mantém-se fiel ao **espírito** do nosso povo, vivo, vigoroso, amante da paz, religioso, irreverente e chocarreiro com o pomposo, o falso, o grandiloquente, mas respeitoso diante da verdade dos heróis, do grandioso e do trágico. Por isso, nosso compromisso assumido não é apenas com o lado político da realidade, pelo contrário, é feito com o total do mundo, do que se tem de mais cotidiano, do que possui de mais sagrado e transcendente⁴⁶⁶.

Homem dois — Você insiste na tecla da **autenticidade** e, nisto, nossos discursos se tocam. Só que eu acho que um homem não vive **autenticamente** enquanto não se acha criticamente integrado com sua realidade. Enquanto ele é um estrangeiro em sua própria realidade, ele vive de forma **inautêntica**. Alienado de sua cultura⁴⁶⁷. Cultura e realidade para mim são conceitos que estão interligados. Eu penso que o que está

⁴⁶³ PONTES, 1990: 117.

⁴⁶⁴ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 87.

⁴⁶⁵ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 87.

⁴⁶⁶ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 87.

⁴⁶⁷ PAULO FREIRE, 2002: 10.

acontecendo hoje no Brasil é que, de um lado, nós temos a industrialização do país desenvolvendo os centros urbanos — e isso amplia a esfera de participação do homem comum. Mas, por outro lado, a massificação produzida pela industrialização não promove uma consciência crítica⁴⁶⁸. Ela não promove uma experiência democrática que se funde no diálogo, não leva o homem comum a aprender a ver a **coisa pública** através de outras perspectivas que não sejam paternalistas, assistencialistas, distantes de seu cotidiano⁴⁶⁹. Então, o povo emerge na vida pública sem nenhuma experiência democrática, sem ferramentas para o diálogo⁴⁷⁰. E esta questão é ao mesmo tempo cultural e política. Ela é orgânica. Você compreende? E, nesse sentido, não há como deixarmos de fazer um **teatro político** — como você o chama, dando-lhe uma conotação negativa.

Juca — No fundo, eu penso que nós temos que ouvir mais as grandes vozes espirituais que não sentem a necessidade de trair a **liberdade** para servir à **justiça**: como Gandhi, Unamuno, Thomas Mann, Camus, Pasternak, João XXIII⁴⁷¹. E, mais do que isso, creio que devemos nos abrir para novos caminhos ainda não trilhados. E não será impondo ao Povo uma visão de mundo fabricada por outros que haveremos de conseguir isso. Agora vejam vocês como são as coisas!... Avaliem o caso da peça “O Auto da Compadecida”, escrita por Ariano Suassuna, em 1955. Ela foi encenada no Recife, pela primeira vez, em 1956, depois, a mesma peça foi encenada no Rio de Janeiro, em 1957, onde participou de um Festival de Teatro. Pois bem, aqui no Recife ela foi criticada por grupos de intelectuais de esquerda que chamaram o autor de *alienado*, de escritor *elitista*, de *católico obscurantista*; disseram, inclusive, que ele escrevia como uma *solteirona da Ação Católica*. Já no Rio de Janeiro, a peça ganhou o primeiro lugar do Festival, e causou um impacto muito grande tanto na crítica quanto no público, entre o pessoal da imprensa e o pessoal de teatro de um modo geral. Enquanto que, em São Paulo, quando o jornal a Folha da Tarde, no ano passado, em novembro de 1959, denunciou a infiltração comunista no teatro, incluiu, dentre os autores subversivos, o mesmo Ariano Suassuna⁴⁷². E aí como é que fica?

⁴⁶⁸ PAULO FREIRE, 2002: 42.

⁴⁶⁹ PAULO FREIRE, 2002: 16.

⁴⁷⁰ PAULO FREIRE, 2002: 26.

⁴⁷¹ **MANIFESTO DO TPN** in CIRANO, 1981: 88.

⁴⁷² Depoimento de Ariano Suassuna in MORAIS NETO, 1983: 36/37. Num trecho de seu depoimento, Ariano cita textualmente a matéria publicada num jornal paulista, em 1959: *Por outro lado, em São Paulo, a ‘Folha da Tarde’ de 26 de novembro de 1959 publicava a seguinte notícia: ‘INFILTRAÇÃO COMUNISTA NO TEATRO — DETERMINADO MAIOR RIGOR DA CENSURA — Em cumprimento ao despacho do*

Homem dois — Não sei... Mas você nunca questionou qual o motivo por detrás dessa proposta de incentivo econômico do Governo de Cid Sampaio ao **TPN**? Por que o Governo do Estado estaria propondo subvencionar as montagens do **TPN** justamente no momento em que está sendo projetado um teatro como o **TCP**?⁴⁷³

Juca — Epa, esperem aí! Mas nessa proposta de incentivo econômico não está incluída nenhuma contrapartida que imponha qualquer influência sobre o **TPN**: o governo não terá direito a veto seja no que diz respeito aos diretores, atores, aos temas das peças ou qualquer outra coisa⁴⁷⁴.

Homem um — Nenhuma contrapartida?

Juca — Oxente, e eu acho é muito engraçado essa preocupação toda de vocês! O **TCP** não vai ser subvencionado também pela Prefeitura? E Prefeitura e Governo não são uma **Oposição Unida**? Então qual é o problema? Essa é boa: vocês vêm *me* acusar de ambigüidade! Quanto ao **TPN**, as donzelas não se preocupem, porque ele apenas ficará obrigado a apresentar um certo número de espetáculos nos Centros Operários e a fazer quatro lançamentos de peças por ano⁴⁷⁵.

De repente, alguém se levanta: na mão direita, um copo de chopp, como quem brinda, e em alta voz recita:

Na Avenida Guararapes,
O Recife vai marchando.
O bairro de Santo Antônio,
Tanto se foi transformando

diretor da Divisão de Diversões Públicas da Secretaria de Segurança, a Censura deverá intensificar a fiscalização das peças teatrais. Foi recomendado aos censores acuidade à denúncia feita pelo cardeal do Rio de Janeiro, segundo a qual o teatro estaria sendo utilizado para a infiltração comunista no País. Dom Jaime de Barros Câmara, naquela denúncia, fez alusão a um relatório sobre o teatro brasileiro, feito por agentes soviéticos e enviado à URSS. Esse relatório diz que o campo de ação dos comunistas visa aos cursos de arte cênica nos países da América, como Uruguai, México e Brasil e terá por objetivo semear a discórdia entre a população. Diz ainda que da ofensiva cultural da URSS constará a criação da Federação Mundial Juvenil de teatro, que comportará departamento latino-americano e que já teria assegurada a colaboração de diversos autores, inclusive brasileiros. Entre esses autores, Dom Jaime aponta nominalmente Ariano Suassuna, além de outros, estrangeiros — principalmente poloneses — que desenvolvem suas atividades naqueles países citados'. Como se vê, é uma boa mostra dos riscos e acusações a que se vê exposto um escritor que comete a temeridade de publicar e divulgar o que escreve. (SUASSUNA in MORAIS NETO, 1983: 37).

⁴⁷³ PONTES, 1990: 115. O TPN receberia apoio financeiro através de um convênio com a Fundação da Promoção Social, uma entidade para-governamental: *Foi sob esse entusiasmo juvenil que apareceu o TPN e não sei de outra organização pernambucana que se tenha iniciado com melhores perspectivas. Na parte econômica, foi firmado um convênio com a Fundação da Promoção Social, entidade pára-governamental, antes de o grupo completar o seu primeiro ano [o TPN estreou em 1960, encenando a peça A Pena e a Lei, de Suassuna]. As condições eram excelentes, propondo-se a Fundação a subvencionar as montagens e assegurar um apurado mínimo para cada récita, completando qualquer possível déficit de bilheteria.*

⁴⁷⁴ PONTES, 1990: 115.

⁴⁷⁵ PONTES, 1990: 115.

Que, agora, *desde* às cinco da tarde
 Mais se assemelha a um festim,
 Nas mesas do bar Savoy,
 O refrão tem sido assim:
 São trinta copos de chopp,
 São trinta homens sentados,
 Trezentos desejos presos,
 Trinta mil sonhos frustrados.
 Ah, mas se a gente pudesse
 Fazer o que tem vontade:
 Espiar o banho de uma,
 A outra amar pela metade
 E daquela que é mais linda
 Quebrar a rija vaidade.
 Mas como a gente não pode
 Fazer o que tem vontade,
 O jeito é mudar a vida
 Num diabólico festim.
 Por isso no bar Savoy,
 O refrão é sempre assim:
 São trinta copos de chopp,
 São trinta homens sentados,
 Trezentos desejos presos,
 Trinta mil sonhos frustrados⁴⁷⁶.

Todos aplaudem e brindam. O autor do poema está presente: Carlos Pena Filho. E alguém declama um verso seu, de forma a prestar-lhe uma homenagem. Ninguém pode adivinhar que, não demora muito, e sua cadeira cativa restará vazia. A noite mal começa e **Juca** ainda quer dançar e espairar no **Moulin Rouge**. Despede-se dos amigos e diz que este bate-papo não está finalizado, mas deve ser continuado num outro dia. Ele está disposto a ouvir mais sobre o **TCP** e o Movimento de Cultura Popular. Porém, agora, **Juca** caminha calmamente até **O Castelo**. A cidade está alegre, com cadeiras na calçada, como nos finais de semana. As Igrejas entoam seus missais. Em casa, encontra **Eleutério** vestido em seu costumeiro terno azul marinho — ainda herança dos tempos de seminarista da Igreja Batista.

Juca — Eleutério, cabra, você viu que miséria?

Eleutério — Soube do resultado: três a zero!

Juca — Pois eu acho que vou jogar esta camisa fora que esse cheiro de futum não há de largar dela nunca mais! Afora que ela me deu foi uma má sorte dos diabos! Vou

⁴⁷⁶ PENA FILHO, 1999: 139/140.

trocar de roupa e depois dar umas voltas por aí. Vamos dar um pulo lá no **Moulin Rouge**? Vamos nos divertir!

Eleutério — Eu acho melhor não.

Juca — Venha, rapaz, a gente toma um chope, joga conversa fora e volta cedo para casa.

Eleutério — Sei de que cedo você está falando!

Juca — Não, é sério! Depois da noitada de ontem, eu volto hoje cedo para casa.

Eleutério — Quem sabe eu passe por lá depois!

Juca vai-se aprontar, charmoso em seu terno de risca de giz, esmera-se em sua camisa branca e gravata escura. Ao mesmo tempo irreverente e galante, capricha no topete. E é na zona que ele costuma praticar um de seus maiores talentos: sua qualidade de sedutor. Mas, neste exato momento, ele sente que lhe falta algo para estar nos trinques. E não é apenas o relógio:

Juca — Eita! Eleutério, você tem, por acaso, um par extra de abotoaduras?

Eleutério — Cadê as suas?

Juca — Ah, eu as perdi para um meu rival!

Eleutério — Rival de quê?

Juca — Você deve saber, ao menos na teoria, que a carne é pungida por inúmeras tentações. E a última me veio na forma de uma mulher... E que mulher! Só que ela era casada. Foi no início deste ano letivo, quando eu voltava da aula inaugural lá na Faculdade, e vi do outro lado da rua um magote de moças conversando, sentadas em cadeiras na calçada, numa noite abafada. Uma delas notou quando eu passava pelo lado contrário da rua e falou-me algo que, de onde eu estava, não pude entender. Aproximei-me, ela destacou-se do grupo e me perguntou se eu não lembrava dela. Qualquer cavalheiro sabe que esta é uma típica pergunta embaraçosa, sobretudo se vinda de uma bela dama. Eu para escapar da situação disse-lhe que seus olhos machadianos não me eram desconhecidos. O que foi uma mentira deslavada, pois nem eu me lembrava de quem eles eram, e eles nada tinham machadianos: seus olhos eram diretos, reveladores — e eu nunca os tinha visto antes. Ela disse que conhecia meus pais. Tinha sido nossa vizinha antes de casar-se e vir morar aqui por perto da Faculdade de Direito. O marido estava constantemente viajando. Bastou trocarmos umas poucas palavras e eu já fiquei encantado. Foi só pousar os olhos naquela mulher e eu senti um arrepio. A cada noite trocávamos algumas palavras até que

certo dia ela perguntou-me se eu entendia de vitrola e pediu que eu desse um pulinho até sua casa para ajudá-la a desenguiçar a dita cuja. É claro que eu entendo tanto de toca-discos quanto de paquidermes, mas saí em socorro de minha antiga vizinha. Num canto de sua sala, notei o pequeno toca-disco. Mas não pude sequer chegar perto da simpática aparelhagem. Matilde saltou sobre mim e atracou-se com voracidade. Rolamos no sofá, caímos no tapete. Assanhei-me. Ela desvencilhou-se. Tivemos alguns encontros na própria cama de Matilde. Não sei dizer se chegamos a ser descobertos por alguém da vizinhança. Sei apenas que, em nosso último encontro, essa semana, nós trocamos as nossas ardentes carícias por uma tensa e longa conversa. Matilde contou-me que, antes de ausentar-se por mais uma vez, meu rival a havia submetido a um interrogatório. É que ele tinha machucado as costas, ao deitar-se sobre um par de abotoaduras que eu havia esquecido em sua cama. Agora, queria por que queria que ela confessasse quem era o dono daquelas abotoaduras. E naquele momento, Matilde tomou a decisão de nunca mais voltar a me encontrar. Além do que, contou-me com a cara mais deslavada que para fazer as pazes e aplacar as dúvidas do seu marido corno, ela banhou-se, perfumou-se e atirou-se no colo do esposo, vestida somente com uma calcinha — justo a calcinha preta que eu adorava — beijou-o, olhou-o languidamente e disse: — Sabe de quem é aquele par de abotoaduras? É seu! Se você o achou na sua cama, você é o dono...⁴⁷⁷

Eleutério — Você não toma jeito, rapaz! Um dia você ainda leva carreira com essa mania de bulir com mulher casada!

Juca — Você não compreende que eu sou a vítima e não o algoz dessa situação! Você bem sabe que, para mim, o amor é uma combinação de elementos químicos — como disse não sei bem se Hemingway ou Graham Greene⁴⁷⁸. E, na verdade mesmo, perdi minhas abotoaduras para um distinto corno. De certa forma, ele teve sua paga.

Juca despede-se de **Eleutério** e vai caminhando para o **Moulin Rouge**. Das escadas ele já pode sentir o cheiro de suor e perfumes misturados. Ele, involuntariamente, lembra-se de uma cena: quando era mais jovem, por volta de seus 16 anos, foi barrado aqui mesmo, neste degrau. Ele estava subindo as escadas quando um cabra disse: — “*Menino não pode ficar aqui, não! Desça!*” Foi uma decepção dos seiscientos diabos⁴⁷⁹! E, hoje, aqui está ele! A música que lhe chega é um bolero. A luz colorida recepciona-lhe numa

⁴⁷⁷ **A Vizinha** (MELO, 2003: 42-46).

⁴⁷⁸ MELO, 2003: 42

⁴⁷⁹ Entrevista com JOÃO.

atmosfera densa e envolvente. Na Boate, as mulheres ficam sentadas e os marmanjos rodeando-as, como se eles fossem os urubus e elas a carniça. Um olhar aqui, outro acolá, como quem está escolhendo algo diferente enquanto vai tomando a massaranduba. Juca observa, tamborila os dedos na mesa, enquanto cantarola um frevo:

Quanta mulher bonita
Tem aqui neste salão
Parece até desfile
De modelos de verão
Até as viuvinhas
Do artista James Dean
Vieram incorporadas
Hoje a coisa está pra mim⁴⁸⁰.

A música está a todo vapor, despejando som no meio do salão e **Juca** cubando. Era bolero, valsa, tango, samba, ragtime, o diabo a quatro e todos lá ouvindo o ponto. De repente, **Juca**, que é um sujeito mais atirado do que os outros, chama uma das táxi-girls para uma mesa que está vazia ali junto e começa a beber alguma coisa com aquela jovem. Ele bebia apenas o suficiente para não ficar de cara limpa. Às horas tantas, ele sai dançando com a mulher que escolhera. O ritmo mudava de momento a momento e ele achando bom. Quando a música parou, apareceu junto deles (ele e a mulher) um sujeito com uma máquina de picotar, como aquelas dos antigos condutores dos trens da Great Western e, segurando o cartão que a mulher havia tirado do seu decote, danou-se a picotar o referido cartão, que ele só ouvia era aquele barulho no meio do salão: teque, teque, teque, teque, que não acabava mais. O preço era por furinho. Mas **Juca** nem ligou, ficou enganchado com a mulher escolhida⁴⁸¹. Eles sentaram, conversaram, beberam, ela ensinou-lhe novas danças⁴⁸². A certa altura, **Juca** fez-lhe o convite, cheio de medidas: — “A senhorita aceita copular?”⁴⁸³. E eles sumiram, num andar acima.

Recife, pontes e canais. Pátios. Lajes carcomidas, decrepitas calçadas⁴⁸⁴. É madrugada e os grilos calam⁴⁸⁵. A noite ressuscita o silêncio em todos os rumores⁴⁸⁶. Gotas

⁴⁸⁰ **Modelos de verão**. Gravação Selo Mocambo, número 15189-B. 78 RPM. Cantor: Expedito Baracho. 1958. (BARBOSA, 1985: 408).

⁴⁸¹ BARBOSA, 1992: 76-78. “XII História: Lourenço Barbosa está hospedado aqui?”

⁴⁸² Entrevista com JOÃO: [Naquela época] *não tinha essa pressa, esse vamos-vamos-vamos-vamos. Era uma visão muito romântica, até mesmo delas, coitadas! Hoje parece que elas estão mais profissionais. Isso que você vê na rua, hoje, naquela época não existia. Não existia mulher na rua. Elas eram proibidas de fazerem trottoir. Nem existia essa palavra. Mulheres na rua, só na década de 70 que começou. A polícia não permitia que elas andassem pelas ruas. Embora, na Rua da Guia, elas tivessem mais liberdade.*

⁴⁸³ MELO, 2003: 69.

⁴⁸⁴ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

⁴⁸⁵ **O Relógio** (CARDOZO, 1947: 105).

⁴⁸⁶ **Inverno** (CARDOZO, 1947: 27).

de som sobre a cidade. As horas caem do relógio do Diário de Pernambuco: duas, três, quatro...⁴⁸⁷. Mas suas portas estão fechadas e suas luzes apagadas⁴⁸⁸. **Juca** vai navegando o mar de sombra das vielas, enquanto ouve as horas que as torres apregoam⁴⁸⁹. As velhas ruas do Recife. Escuras e estreitas Os velhos sobrados de paredes altas, nuas, planas, desertas. Dos postes, tremulam luzes diabólicas que lembram o medo de ver almas. Velha, triste, fantástica cidade. Na estranha madrugada, sem se dar conta, ele, enfim, imagina a sua história:

“Um homem gordo de bigode e costeletas, com chapéu e camisa de malha escarlate, brilhante, tem na mão uma maleta. Da sua maleta, ele retira uma balança e uma cobra falsa — daquelas que se movem. Dentro da maleta, aberta ao público, todos podem ver uma cobra e um jacaré enormes⁴⁹⁰”. “Duas Cobras Venenosas, um jacaré terrível, e a luta que esses três irão travar contra um pássaro alado e benfazejo! A feroz sucuri do Alto Amazonas! O feroz Jacaré do Rio Uma, e esta Jóia vermelha, a Ave-do-Paraíso! As cobras contra os Pássaros de Fogo, o Escuro contra a Luz, o Espírito contra as Forças Cegas do Mundo!⁴⁹¹. E um Anjo acorda no céu, com cravos em seu redor. Cravos e rosas em seu peito viraram manjerição⁴⁹². A luz das estrelas brancas brilha por todo o seu corpo, mas, se ele viesse ao mundo, a terra pegava fogo. De dia, ele passa nas estradas, mas abaixa o rosto para que tudo não se queime. Mesmo assim, a luz é tanta que ninguém pode ver direito. O Sol! A Morte!⁴⁹³ Sim, talvez seja perigoso, mas, no entanto, eu queria avistar um anjo na Terra. Mesmo que ele viesse vestido com um manto de sangue e fogo e fosse o anjo da glória e da morte. No dia em que ele vier de noite, todos os paus se encherão de resina. Tudo cheirando: o cheiro das cajazeiras no vento⁴⁹⁴. Os homens nesse meio, sepultados e ligados às Cobras pelo mundo, pela desordem do Pecado, e ligados ao Lume, ao claro, ao solar, por um Santo de Carne, um Anjo de Fogo e por aquele que tinha pé, carne e fogo e morreu na cruz!⁴⁹⁵.”

⁴⁸⁷ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

⁴⁸⁸ Como dia 21 de abril de 1960 foi feriado, não sairá o jornal **Diário de Pernambuco** em 22 de abril.

⁴⁸⁹ **Recife Morto** (CARDOZO, 1947: 47).

⁴⁹⁰ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 44).

⁴⁹¹ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 54/55).

⁴⁹² **Uma Mulher Vestida de Sol** (SUASSUNA, 2003: 104)

⁴⁹³ **Uma Mulher Vestida de Sol** (SUASSUNA, 2003: 105)

⁴⁹⁴ **Uma Mulher Vestida de Sol** (SUASSUNA 2003: 105)

⁴⁹⁵ **Farsa da Boa Preguiça** (SUASSUNA, 2003: 54/55)

“Ao ver Alice, o Gato sorriu. Parecia amigável, ela pensou; ainda assim, tinha garras muito longas e um número enorme de dentes, de modo que achou que devia tratá-lo com respeito.

‘Bichano de Cheshire’, começou, muito tímida, pois não estava nada certa de que esse nome iria agrada-lo; mas ele só abriu um pouco mais o sorriso; ‘Bom, até agora ele está satisfeito’, pensou e continuou: ‘Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?’

‘Depende bastante de para onde quer ir’, respondeu o Gato.

‘Não me importa muito para onde’, disse Alice.

‘Então não importa que caminho tome’, disse o Gato.

‘Contanto que eu chegue a algum lugar’, Alice acrescentou à guisa de explicação.

‘Oh, isso você certamente vai conseguir’, afirmou o Gato, ‘desde que ande o bastante’.”

Lewis Carroll, in Alice no País das Maravilhas.

INTERLUDIUM 3

Da Praça Artur Oscar, voltamos — eu e Jarbas — pela Ponte Maurício de Nassau, caminhamos pela Rua 1^o de Março, dobramos na Rua Duque de Caxias e descemos a Rua da Praia até o **Mercado São José**. Em frente ao Mercado, na Rua do Rangel, onde hoje há um cinema pornô de nome Vitória, havia o **Cinema Glória**. No Pátio do Terço havia outro: o **Cinema Ideal**. Ao lado dele, havia uma casa em que a proprietária alugava quartos para encontros furtivos — **Jarbas** explica que essas casas eram chamadas de “**casas de recurso**”. Poucos dias depois da nossa visita ao Pátio do Terço, no dia 17 de novembro, uma Loja de Tecidos que funcionava ao lado do Shopping São José, justamente onde antes havia funcionado a tal “**casa de recurso**”, pegou fogo. O prédio ardeu por dias. Depois de demolido, em seu lugar surgiu um estacionamento. No muro improvisado, de folhas de compensado, o aviso: aluga-se vagas para carros por um real a cada duas horas de uso. Por detrás do estacionamento, ainda podemos ter uma idéia do antigo Recife de ruas estreitas com pequenas casas e sobrados. Trata-se da **Rua de São Cristóvão**. Seguindo-a em frente, em sua forma sinuosa, vamos dar na **Praça da Restauração** que, segundo senhores sentados na calçada, é conhecida popularmente como **Praça do Pirulito**.

Na rua Passo da Pátria ficava o outro **Cinema Ideal**, de segunda classe, com entradas mais baratas e duas divisões: na frente e atrás da tela, onde aqueles com menores condições poderiam assistir às imagens invertidas. Hoje, em seu lugar, há uma loja de livros religiosos. Ao seu lado encontramos um senhor de cabeça branca que conversava com outro, junto a um carro estacionado. Nos apresentamos a ele. Seu **Luís Victor** confirmou que era aqui mesmo, nessa esquina, onde hoje há a CPAD, que funcionava o **Ideal de Segunda**. Ele disse ter morado na rua da Concórdia, na década de 1950, e trabalhado na Gráfica do Doutor Luís Delgado, posteriormente tendo aberto uma gráfica própria no Pátio de São Pedro.



Fig. 40. Saída da Rua 1º de Março.
Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.

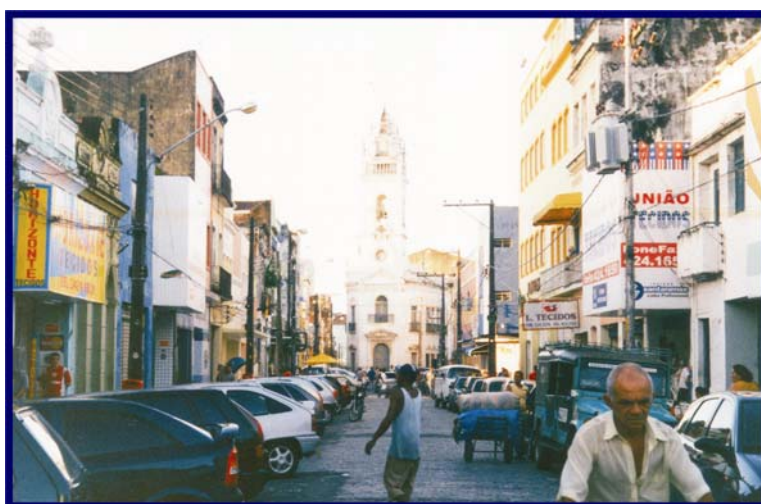


Fig. 41. Pátio do Terço.
Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 42. Shopping São José.
Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 43. Exemplo de ruas estreitas e antigas do Recife
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 44. Casas antigas do Recife.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 45. Estacionamento onde funcionava uma casa de recurso ao lado do Cinema Ideal.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

Seu **Luís Victor** era compositor tipógrafo. Hoje aposentado. Quando lhe falamos sobre o pai de João Lopes (um dos meus entrevistados) ele disse conhecê-lo: — “Conheci! Ele foi do Sindicato dos Tipógrafos”. Nos despedimos do senhor Luís e seguimos o nosso caminho. Perto do antigo cinema, a **Rua Passo da Pátria** cortava a **Rua Augusta** e a **Rua do Alecrim** — postas abaixo em ocasião do alargamento da Avenida Dantas Barreto. Paralela a **Rua Augusta**, corria a **Rua das Águas Verdes**, onde ainda funciona a **Farmácia Homeopática Dr. Sabino Pinho**, um antigo torcedor e cronista do Santa Cruz, de acordo com Jarbas. Entramos na loja: seu filho, agora, toma conta da Farmácia e torce pelo Sport Clube do Recife.

Quando vivia ainda com seus pais na cidade, Jarbas chegou a morar na **Rua do Alecrim**, numa casa de cômodo – casa na qual os cômodos são alugados em separado, e são muitas vezes ocupados por famílias inteiras. Foi quando morava nessa rua que viu o presidente Getúlio Vargas passeando de carro aberto acenando para as pessoas, através do Bairro de São José, acompanhado por seu anjo negro no banco de atrás. Na Dantas Barreto, tentamos localizar a altura onde havia sido a casa de Dona Linda e seu Benedito Alírio. “*Ficava na Rua do Alecrim, perto da Rua São João*” — lembra-se Jarbas. Hoje há um muro pichado, cercando um terreno aparentemente baldio.

Já era noite. Voltamos e atravessamos a Avenida Dantas Barreto a caminho da **Rua 24 de Maio**, onde havia morado Joaquim Cardozo. Atualmente a rua é composta, em sua maioria, de lojas de comércio. Numa das poucas casas residenciais, vimos uma senhora de cabelos brancos em sua porta divisada, com a parte de cima aberta. Perguntamos à senhora se ela sabia do sobrado onde havia morado Joaquim Cardozo. Mas ela desconhecia de quem se tratava. Disse que as famílias daquela rua já haviam ido quase todas embora. Eu olhei para sua cabeça branca e imaginei para onde elas poderiam ter ido. Lembrei do cheiro de uma *Brassávola* (CARDOZO). Mas hoje só restavam as lojas de comércio. Jarbas perguntou-lhe se ela sabia qual o outro nome que esta rua já havia tido: ela olhou desconfiada. Eu disse: “*Rua dos Ossos*”. Ela respondeu: “*Deve ser por causa do ossuário da Igreja*” — enquanto apontava com a mão os fundos do templo que fica no encontro da Rua 24 de Maio com a Rua Marquês de Herval. Caminhamos novamente até a Rua da Palma, e saímos na Avenida Guararapes. No caminho, passamos por Gasolina e ele não nos enxergou. Passamos em silêncio.



Fig. 46. Farmácia Homeopática Dr. Sabino Pinho.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 47. Casa de livros evangélicos no local onde funcionava o Cinema Ideal de Segunda.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

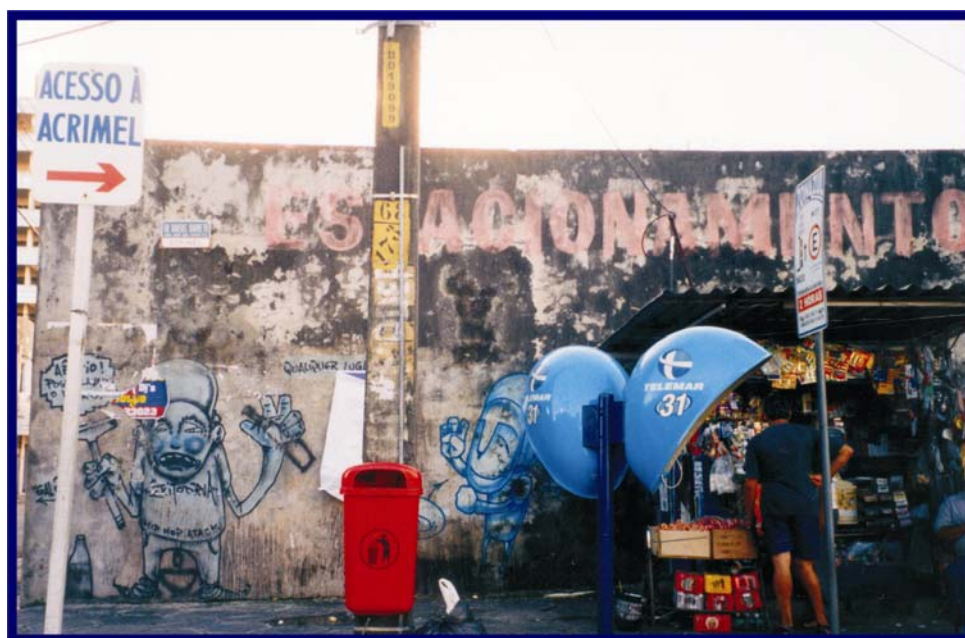


Fig. 48. Localidade onde estava situada a casa de cômodos da Rua do Alecrim.

Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 49. Trecho da Av. Dantas Barreto na atualidade.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 50. Trecho final, em curva, da Rua 24 de Maio.

Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 51. Rua 24 de Maio, tendo ao fundo o cruzamento com a Travessa do Falcão que segue até a Igreja do Carmo.

Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 52. Rua 24 de Maio na direção da Rua Marquês de Herval.

Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 53. Final da Rua 24 de Maio com Igreja aos fundos.

Fonte: Acervo de Lúcia Falcão Barbosa.

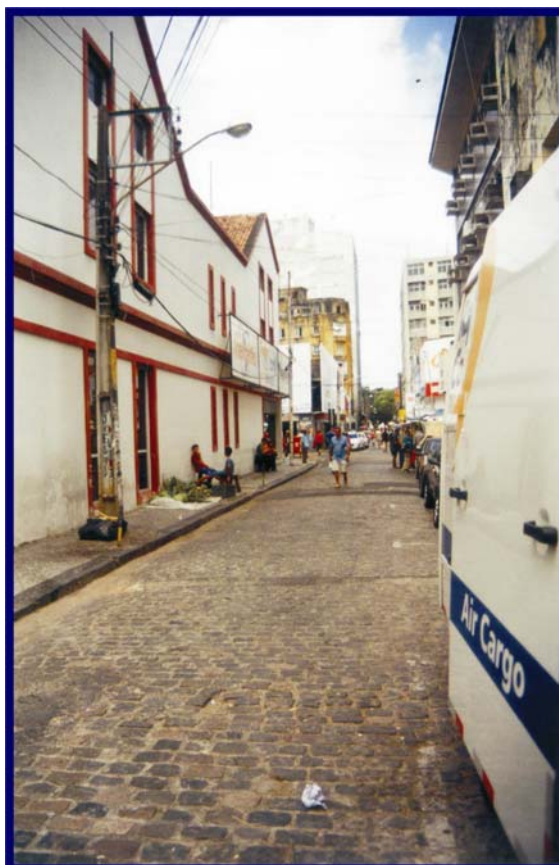


Fig. 54. Rua Marquês de Herval.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.



Fig. 55. Rua da Palma, finalizando na Av. Guararapes.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

Despedimo-nos numa das calçadas centrais da Guararapes, em frente aos Correios. Fiquei olhando Jarbas atravessar a rua e desaparecer atrás dos ônibus. Permaneci na calçada, durante algum tempo, pensando. Se de tudo resta um pouco, como disse o poeta, o que restou da efervescência da cidade do Recife em seu período democrático antes do golpe de 64? Onde está a esquina da liberdade? Cadê a cultura política e boêmia dos anos 50? O que restou dos famosos e familiares trotes estudantis e das Festas da Mocidade? Sinto, ao fim deste passeio, que o Recife se parece um pouco com a Rua dos Ossos. A memória se perde, quando são desmantelados os seus referenciais. E, quando a memória se perde, perdemos a chance de sentir saudade.

Não se trata apenas da destruição física dos espaços — dos cafés, sobrados ou parques —, mas da desestruturação de vestígios de uma certa experiência da cidade. De uma certa memória. Algum tempo após o nosso passeio na cidade, Jarbas desenhou, num papel manteiga, em cores laranja e azul, um mapa da cidade do Recife, a partir de suas lembranças. De seus roteiros diários. De suas memórias. Em seu aniversário, eu dei-lhe de presente uma caixa com fotos antigas do Recife separadas em folhas de seda lilás: lá estavam o **Cinema Ideal**, o **Cinema Glória**, o **Cine Boa Vista**, o carnaval em frente à **Sorveteria Botiginha**, a **Dantas Barreto** indo apenas até o pátio do Carmo, de onde podíamos entrever a entrada das Ruas **Augusta**, **Dias Cardoso** e do **Alecrim**... Ele se emocionou enquanto olhava as fotos: — “*Que presente arretado!*”. Eu brinquei: — *Você não chore, não, se não eu choro junto com você!*” Ele completou: — “*Vai ver é por isso que quase todos os dias, quando vou à cidade, eu termino por andar para os lados do Mercado de São José*”. Materialmente, foi o que lhe restou como referencial de reconhecimento de um Recife com outras intrigas das quais fazia parte.

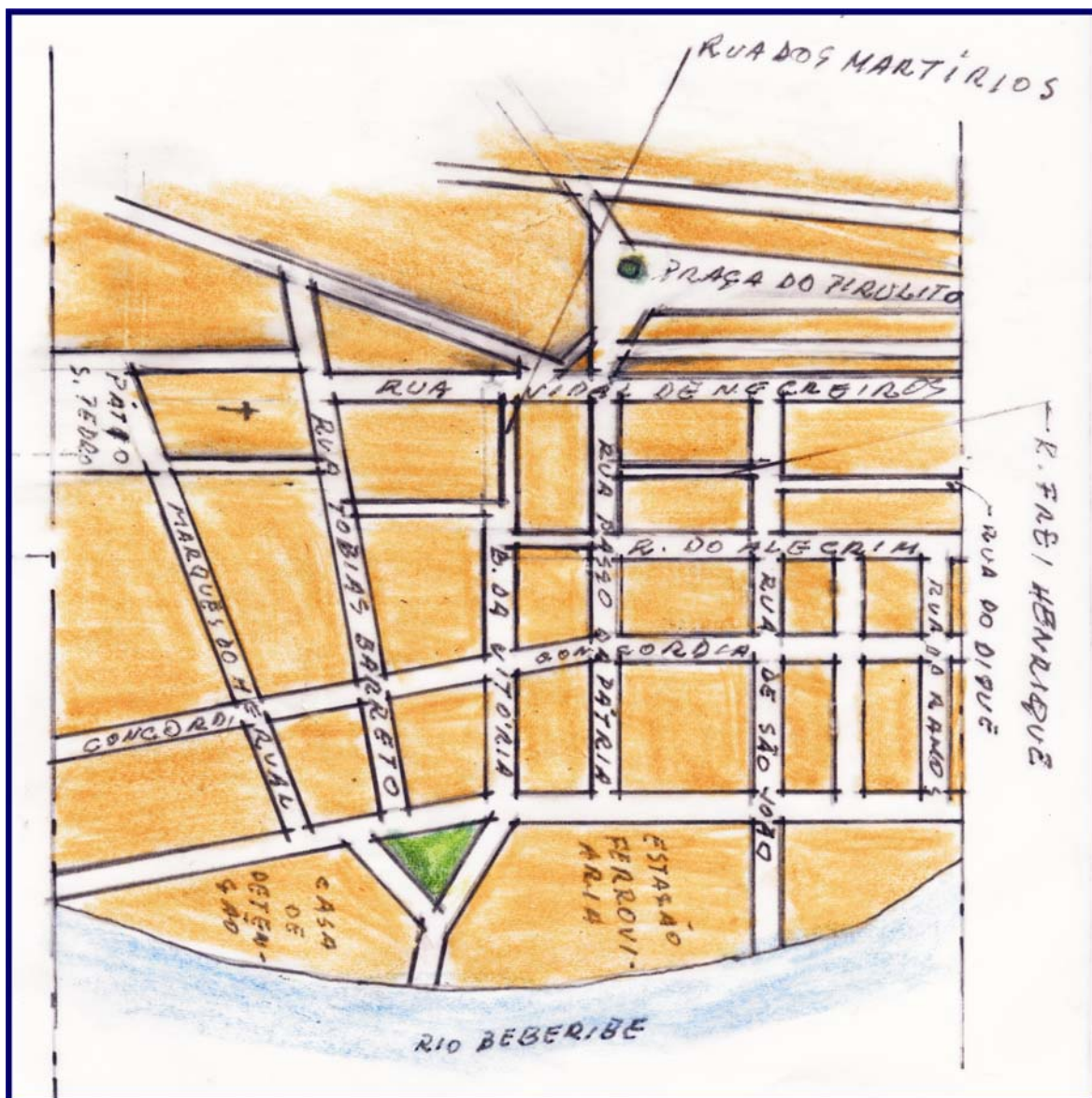


Fig. 56. Mapa do bairro de São José, Recife, desenhado por Jarbas Araújo de acordo com as suas memórias.
Fonte: Arquivo de Lúcia Falcão Barbosa.

CAPÍTULO IV

EPHEMÉRIDES

4.1. - AMANHECER NA PENSÃO O CASTELO, RUA DO ALECRIM

Aparece um escaravelho que entra pela janela e voa sobre o retrato de minha mãe. Espavorido, bato no retrato. O inseto cai no chão de pernas para o ar, soergue-se. Eu olho sua asa membranosa, de um azul quase fosforescente. Outro, e mais outro, vêm do corredor, ambos cor de laranja, com breves manchas negras. O primeiro ergue vôo novamente, todos se entrecruzam, batem nas cadeiras, lâmpadas, na parede, no forro do armário, vão-se pela janela. Com um estremecimento, eu cruzo as mãos. Não posso evitar, desde pequeno tenho pavor desses bichos⁴⁹⁶. Ao meu lado, está minha mãe — uma jovem adolescente de seus 13 anos. Duas aranhas saem da sua boca, descem pelo ombro, saltam para o chão, um grilo põe-se a cantar. Mariposas giram em torno da lâmpada. Pela janela aberta entra zunindo uma nuvem de mosquitos. Na veneziana fechada aparece uma lagarta, gafanhotos pousam no sofá e na moldura do espelho. Na face exterior da vidraça, vejo um louva-a-deus olhando-nos. Três besouros enormes irrompem zumbidores. Formigas vermelhas passam por baixo da porta, seguem em fila cerrada na direção do meu quarto. Enorme borboleta azul adeja sobre nós. Sinto na perna esquerda o rastro de uma centopéia⁴⁹⁷.

⁴⁹⁶ Noivado (LINS, 1994: 160).

⁴⁹⁷ Noivado (LINS, 1994: 168).

Eleutério acorda suado e com as mãos crispadas ao longo do corpo. Ao lado da cama, sobre a pequena cabeceira, o retrato em sépia da primeira comunhão de vinte e cinco mocinhas vestidas de branco, hoje quase todas desaparecidas. Uma delas é sua mãe, morta alguns dias depois de seu nascimento em consequência das complicações do parto. Até seus 17 anos, antes de vir morar no Recife, **Eleutério** foi praticamente criado por sua avó paterna e sua tia⁴⁹⁸. Eles moravam no interior do Ceará, num lugar chamado Boa Viagem, uma cidadezinha do alto sertão, próxima a Quixeramobim e ao Canindé do São Francisco — uns 220 Km de Fortaleza. Seu pai era o alfaiate da cidade. Ele fazia paletó, gravata, além de muitas batinas. Pois este era o maior produto de exportação de Boa Viagem do Ceará: padres. Os adolescentes vinham estudar nos seminários de Olinda e Recife. As pessoas desta cidade viam no Recife um grande centro cultural. Ele cogita, nesta manhã que mal se inicia, se isso não tem alguma ligação com o livro primário adotado na escola pública local, chamado “Nossa Terra”, no qual o Brasil era apresentado sob a ótica de uma família itinerante que se demorava nas principais cidades do país e, **Eleutério** lembra bem, uma delas era o Recife. Um trecho do livro narrava mais ou menos assim: “*O Recife é a terceira cidade do país em população, indústria e comércio. É a capital de Pernambuco. Ficando atrás apenas do Rio de Janeiro e São Paulo.*”⁴⁹⁹.

Apesar de **Eleutério** ter nascido no interior do Ceará, seu pai é paraibano. E sua mãe nasceu no interior de Pernambuco. Na Paraíba, seu pai, em sociedade composta por ele e mais dois irmãos, montou uma pequena loja de variedades. Entretanto, nela não passou mais que um ano. Desentendeu-se com os irmãos. A formação puritana que havia recebido dos missionários que estiveram pela sua terra cravara-lhe na alma que o religioso verdadeiro não podia ser comerciante, pois todo comerciante verdadeiro tem que mentir e enganar o freguês. Toda família paterna era de inspiração protestante. Mas seu pai possuía uma leitura muito pessoal da vida: ele era um crítico do capitalismo. Então deixou a sociedade, fez um curso de corte e costura, e ele mais sua mãe, quando viva, passaram a costurar roupas masculinas⁵⁰⁰. Foi quando se mudaram todos, à exceção de seus dois

⁴⁹⁸ LINS, 2003: 201: *Osman da Costa Lins nasceu a 05 de julho de 1924, em Vitória de Santo Antão, cidade de Pernambuco. Aos dezesseis dias de vida, perdeu a mãe, Maria da Paz de Mello Lins, em decorrência de complicações do parto. (...) a perda da mãe determinou seu convívio com parentes próximos que lhe deram afeto familiar: sua avó paterna, Joana Carolina; sua tia Laura casada com Antonio Figueiredo, comerciante, de quem o menino, maravilhado, ouvia narrações de suas viagens, até altas horas da noite.*

⁴⁹⁹ Entrevista com EPITÁCIO.

⁵⁰⁰ Entrevista com EPITÁCIO. Faço uma simbiose entre a história de vida de Epitácio e de Osman Lins. O pai de Epitácio era crente e cortava roupas masculinas. Sua mãe as costurava. Epitácio viveu com os pais até

irmãos comerciantes, para o Ceará, entre as décadas de 30 e 40. E lá nasceu **Eleutério**. E, com o seu nascimento, veio a morte de sua mãe.

Na casa de seu pai, existia uma arca fechada, que jamais se abria, cujas quatro chaves decerto se perderam e onde talvez mofem sapatos e vestidos⁵⁰¹. Seu pai, homem de poucas palavras e com as vistas cada vez mais ausentes, uma vez disse-lhe: — “*Você saiu a ela. Não pode lembrar-se; mas é te ver e vê-la*”. Eleutério não falava nada, mas entendia. As palavras ficaram nele: ponta de faca amolada não as gravaria mais fundo numa tábua. Conheceu essa mulher? Não. Conheceu esses sapatos, de couro negro, essas meias de algodão, essas mangas de vestido? Não. Não havia retratos da morta. Ainda assim, a via. Passou, em torno da cabeça, um véu de seda negro. Num dia, o sol se pôs, boca vermelha e olhos dardejantes. Tombou, amarelo, cercado de penachos cor de sangue. Queria crescer depressa. Queria poder ajoelhar-se nos pés de sua mãe⁵⁰². Quando chegou a noite, à luz das estrelas, que brilhavam sossegadas, quase sem pulsar, o rosto dela flutuou no azul do céu profundo⁵⁰³.

Em pequeno, **Eleutério** buscava, através das lembranças de sua tia, fabricar a memória ausente de sua mãe. Só que, de tanto repetir ao sobrinho, sempre mais exigente em pormenores, esse olhar, o rosto, o corpo e a voz da falecida, ela esqueceu-a. Sua lembrança deslizou sobre as palavras ditas e o que **Eleutério** desejava ou supunha que ela fosse, apagou-se. Deste modo, em razão de sua inquietude, ele desfez a única imagem nítida de sua mãe. Restaram-lhe a expressão do olhar (não a cor, nem mesmo a luminosidade ou a forma) e o odor dos tecidos novos, usados na confecção de batinas, ternos e gravatas, e dos vestidos lavados no quintal⁵⁰⁴. Depois, **Eleutério** passou a exigir que sua tia fizesse sua mãe visível para ele e, com o tempo, suas perguntas foram adquirindo um caráter pouco indagador, mais afirmativo; em seu interior, gerou uma figura nascida quem sabe de que moldes; e, ao passo que fingia interrogar, instilava na memória da tia sua própria versão da morta⁵⁰⁵.

Vinte anos depois, compelido a fixar num rosto seu amor pela mãe nunca vista, deu início a várias procuras atrás de uma fotografia que soubera existir em Goiana, terra natal

os 17 anos de idade quando veio para o Recife estudar num Seminário Congregacional, em março do ano de 1960.

⁵⁰¹ **Pastoral** (LINS, 1994: 141).

⁵⁰² **Pastoral** (LINS, 1994: 143).

⁵⁰³ **Pastoral** (LINS, 1994: 142/143).

⁵⁰⁴ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 185).

⁵⁰⁵ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 186/187).

de sua mãe, onde meio século antes, ela fez a primeira comunhão, ao mesmo tempo em que outras meninas⁵⁰⁶. Duas antigas beatas da cidade, Anita e Albertina, uma das quais tocava rabeca e órgão, teriam a fotografia: sua mãe e suas companheiras, todas de branco, os círios apagados. Isto **Eleutério** ouviu dizer. Na sala de visitas, junto à Igreja matriz, entre velhos móveis e um candeeiro aceso, de vidro azul, ele interrogou-as. As duas virgens de branco quase nada sabiam, confundiam sua mãe com outras meninas. Os cabelos de uma fizeram-se grisalhos; os da musicista, apesar dos cinquenta, continuavam amarelos, cor de papel velho. Esta, sem nenhum motivo, emitia a curtos intervalos uma risadinha crocitada e rouca, de papagaio ou de rasga-mortalha. As paredes das beatas, cheias de estampas sagradas, o estojo da rabeca em cima de um consolo. Ambas traziam no pulso um rosário de contas brancas. Negavam ter visto a fotografia. Limitavam-se a fazer, para **Eleutério**, o retrato de sua mãe aos treze ou quinze anos, semelhante ao de qualquer adolescente. Quando o sino da Igreja bateu nove horas, elas persignaram-se, e a do cabelo amarelo voltou a rir⁵⁰⁷.

A dos cabelos grisalhos disse a ele que uma tal de Jovina Veras é quem devia possuir o retrato onde se vê sua mãe. Mas Jovina havia mudado, estava morando com o irmão, num sítio. Onde? Não sabiam exatamente: fora da cidade. Iriam rezar para que **Eleutério** achasse o que procurava. A dos cabelos de enxofre lançou mais uma vez o seu riso. A outra pôs uma gaveta junto ao candeeiro, mostrou as fotografias que possuía. Congregadas marianas em torno do vigário, avisos de falecimento, vestidos brancos, negros, botas de cano alto, cachos, bancos de vime, portões de ferro, cães, cadeiras, ramalhetes, não sabia os nomes desses fantasmas, não reconhecia ninguém. A rabequista se curvou também sobre os retratos, nada acrescentava às incertezas da irmã. Soluçavam as duas virgens sobre aquele mundo que testemunharam e do qual sabiam tão pouco. *‘Não nos lembramos de nada. Pode levar os retratos com você’* — elas disseram-lhe⁵⁰⁸.

Eleutério continuou a busca do retrato. Foi a todo lugar onde sabia ou imagina haver parentes da mãe ausente: Igarassu, Cabedelo, Barreiros, Coruripe, Penedo, Areia, Pesqueira, Porto Calvo. Procuraas vãs⁵⁰⁹. Escreveu a todos os parentes. Em Serinhaém, em Goiana, em Flores de Indaiá. Interrogava-os sobre o possível retrato de sua mãe. Cartas exigentes e em geral sem respostas. Até que uma tia escreveu a **Eleutério**. Conseguiu o

⁵⁰⁶ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 176).

⁵⁰⁷ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 179/180).

⁵⁰⁸ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 180/181).

⁵⁰⁹ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 187).

retrato, estava em seu poder. Ele imediatamente telegrafou: — “NÃO ENVIE CORREIO PRECIOSO ACHADO IREI BUSCALO PUDER”⁵¹⁰. Era próximo o termo dessa viagem. No retorno ao Recife, o mundo não era mais o mesmo: o cais da alfândega, o cais de Santa Rita, os barcos velhos, torres de igrejas e ruínas de trens na estação de carga. Bandeiras agitadas pelos ventos⁵¹¹. Sua busca durou até março, deste ano de 1960, quando ele voltou ao Recife com a foto em suas mãos. Era carnaval e, pelas ruas da cidade, todos pareciam regozijar-se com a sua conquista. Ele veio andando da Rodoviária, que ficava perto do Cais de Santa Rita. Passou pelas pensões, pelas mulheres, pelo baixo meretrício. Passistas enchiam as ruas. O carnaval concentrava-se na pracinha do Diário.

Apesar de não participar do carnaval, por causa de sua formação religiosa e de sua enorme timidez, ele adorava andar pelas ruas, observando os mascarados, os maracatus, os passistas e todo aquele jorro de graça, cores e alegria⁵¹². Ele andava e se sentia bem ouvindo as músicas e ouvindo o riso das pessoas, o seu bailado. Não fazia parte das troças, mas observava. Ele achava lúdico, achava bonito. **Eleutério** já vinha desenvolvendo uma atração pelo carnaval: achava-a uma festa linda! Mas, ainda falava mais alto a sua formação religiosa, crocitando-lhe que não devia fazer parte daquilo. O carnaval era uma festa da carne, da luxúria e as pessoas se perdiam: havia, na memória, estatísticas de quantas mortes, quantas virgindades perdidas, apenas os dados negativos⁵¹³.

⁵¹⁰ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 188).

⁵¹¹ **Perdidos e Achados** (LIINS, 1994: 198).

⁵¹² Entrevista com Epitácio.

⁵¹³ Entrevista com Epitácio.



Fig. 57. Passista no carnaval de rua do Recife.

Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife



Fig. 58. Multidão no carnaval de rua do Recife.

Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife

Ao chegar, na pensão, **Eleutério** banhou-se, desfez-se daquelas impurezas que lhe irritavam os olhos e se infiltravam até nos pêlos do seu púbis. Vestiu-se. Fizeram-lhe perguntas. Tantos meses passados e, finalmente, a espera finda⁵¹⁴. Desse acontecimento, havia uma pose em sépia, retrato esmaecido, vinte e cinco mocinhas de branco, mas qual delas seria sua mãe? Ele silenciou. Não sabia.

Hoje, **Eleutério** tem consciência de que a obsessão com o rosto de sua mãe surgiu no momento em que um grande vazio ocupou o seu peito. Fez de seu corpo uma ânfora seca. É como se precisasse de outra face para substituir a de Deus, agora oculta. Não foi para um reencontro que ele se aprestou todo esse tempo; mas ensaiava apossar-se do invisível, do ignorado, alcançar por tortos labirintos um ser remoto e seu halo⁵¹⁵. É no momento em que o nome de Deus passa a não ser natural em sua boca, é quando os projetos vêm, em seu espírito, a tomar o aspecto de um ajuste absurdo entre as próprias forças e o acaso, é quando as velhas certezas se fazem negações, e transformam-se em dogmas questões sobre as quais antes ele nem ousava cogitar, quando certas perguntas antes respondidas transformam-se em respostas delas mesmas, é, em suma, quando perde a fé, que sai em busca do retrato⁵¹⁶. Ele o toma em suas mãos de dedos finos e compridos: — “*Em que misterioso espaço penetrei, ao franquear invadir essa imagem em silêncio*”? Ele anota, à lápis, num envelope que estava em cima da mesa de cabeceira ao lado da cama. Visível na foto, apenas gestos banais: algumas seguram velas brancas (com um detalhe dourado?). Uma sorri de lado; outra olha diretamente para fora da imagem, enquanto segura o vestido. Gestos penetrados (por que razão?) de uma substância transcendente⁵¹⁷. Pesam-lhe indagações que precisa solver. Ele sente que o presente é um tecido não inteiramente são, onde áreas mortas continuam a existir, afetando as partes vivas. E se pergunta como removê-las: — “*Quantas coisas, em mim, posso salvar da desagregação*?”⁵¹⁸.

No teto, aranhas tecem suas teias. Fios, instrumentos de astúcia, de silêncio, perseverança, audácia, paciência. Teias são como a extensão de sentidos em alerta⁵¹⁹. “Os insetos”, ele pensa, “*mais parecem a criação de algum gênio ocioso e imaginativo*”. Corpos esféricos, em forma de gravetos, de sementes, de moedas, a cabeça alongada como faca, ápteros, de asas estendidas ou incrustadas no dorso, armados de pinças, de brocas, de

⁵¹⁴ **Perdidos e Achados** (LIINS, 1994: 198).

⁵¹⁵ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 186).

⁵¹⁶ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 186).

⁵¹⁷ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 41).

⁵¹⁸ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 61).

⁵¹⁹ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 50).

agulhões, de mandíbulas, olhos facetados, antenas, as pernas curtas, ou longas, ou incontáveis, negros, coloridos, mudos, vozes da Noite, cantores do Verão, úteis, predadores, habitantes das águas, da superfície, das profundezas, do ar, eles, mais do que nenhuma outra espécie viva, sondam as possibilidades do mundo⁵²⁰. Este é um assunto que ninguém pode ignorar. Estamos na época dos insetos: setecentos e cinquenta mil para um milhão de espécies animais⁵²¹.

E não existe nada, à exceção talvez de um burocrata, cujas reações sejam mais constantes e fatais do que um inseto⁵²². Há percevejos do mato que vivem até um ano sem cabeça. **Eleutério** conheceu alguns diretores no Seminário que eram assim. Desistiram todos de pensar, os regulamentos pensam por eles. Ao subirem ao Púlpito, sentem que representam a Instituição. São intocáveis e não erram. Através deles, os códigos se transformam em ação, qualquer coisa de cego e de concreto. Cada gesto deles é uma sentença necessária e inflexível, um ato que se cumpre obrigatoriamente e que ninguém pode violar sem perigo⁵²³. Há algum tempo, pôs-se a ler sobre os insetos daninhos. Os que transmitem a peste, o cólera, o tifo, o tracoma, as disenterias, os sugadores de seiva, destruidores de frutos, roedores de sementes, comedores de folhas, de raízes, os inimigos dos animais domésticos, os que invadem continentes e flagelam regiões inteiras. E aprendeu uma coisa que o atordoa. Eles resistem a todo e qualquer tóxico e serão, um dia, os senhores da terra. Não é sem motivo que estremece quando vê um besouro⁵²⁴.

Há três anos atrás, chegou ao Recife. Foi a primeira vez que viu o mar. Nunca havia imaginado tanta água junta. E pensar que tudo começou ali. Toda a vida do planeta. A claridade ergueu-se do oceano como um grande anfíbio, egresso dos abismos⁵²⁵. Nas águas quentes do litoral, muitos dos recifes de coral fecham uma lagoa, baías, enseadas, erica mundéus à espreita dos navios⁵²⁶. Os recifes de coral estendem-se em cordões e franjas, imitando ou alterando a orla continental. Alguns tomam a forma de ilhas circulares, atóis, refúgios de verdor, de sombra e de paz, com seu lago central respondendo em silêncio à pulsações do mar⁵²⁷. Muitas vezes mudaram, no curso do tempo, o perfil da baía do Recife, as regressões e transgressões marinhas, e as aluviões dos numerosos rios — Capibaribe ou

⁵²⁰ **Noivado** (LINS, 1994: 168).

⁵²¹ **Noivado** (LINS, 1994: 160).

⁵²² **Noivado** (LINS, 1994: 161).

⁵²³ **Noivado** (LINS, 1994: 161/162).

⁵²⁴ **Noivado** (LINS, 1994: 163).

⁵²⁵ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 180).

⁵²⁶ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 196).

⁵²⁷ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 197).

das Capivaras, Tejipió, Jaboatão, Pirapama, Beberibe, Pina, Jequiá, Camaragibe, Jordão — de longe chegados ou aqui mesmo nascidos, tributários de outras correntezas, inscrevendo e apagando deltas enlaçados, muitas ilhas, numerosas praias, mundos de restingas, reinos de coroas e quem sabe quantos outros deltas. Os homens daqui, para fugir de ser peixe, sobre os deltas foram construindo, de cimento, de aço, de madeira, um sistema de pontes: Maurício de Nassau, Santa Isabel, Velha, Giratória, Buarque de Macedo, Boa Vista... Todas sobre o canal, e tantas outras sem nome nem duração, rompidas pelo tempo, levadas pelas cheias juntamente com árvores e bichos, portas e mobílias, telhados e defuntos, pedaços de todos nós⁵²⁸. O ambiente marinho é tão presente na cidade que a sonoridade das palavras parece carregada de sal. Palavras salobras, palavras marinhas⁵²⁹.

Neste março e início de abril de 1960, as águas castigaram Pernambuco e outras partes do Nordeste, causando cheias, estouros de barragens e trazendo grande confusão. No Piauí, um avião da FAB, que tinha como destino sobrevoar a cidade de Oeiras para lançar comida aos flagelados, testemunhou o grande susto da tripulação: eles encontraram apenas uma imensa lagoa no lugar da cidade e dos habitantes que deveriam ser socorridos. Segundo os jornais, caso ainda pior do que a situação emergencial do Ceará, onde houve o desmoronamento parcial da barragem de Orós⁵³⁰. Foi cerca de um mês de pesadas chuvas derrubando casas, ilhando centros, destruindo trechos rodoviários, ferroviários, arrombando açudes, afogando povoados, levando aterros de rodovias federais. Um “*espetáculo dantesco de destruição*”, disseram de forma grandiloquente no jornal. O presidente da Comissão de Energia Nuclear, almirante Otacílio Cunha, e o diretor do Serviço de meteorologia, coronel Luiz Maldonado, tiveram que vir a público declarar que as enchentes do Nordeste não foram causadas pelas explosões das bombas atômicas francesas, depois que a França interditou o Saara para nova experiência atômica. O almirante entendeu que as bombas francesas eram muito pequenas para que a sua influência tenha atingido o Brasil, afora o que, até onde se saiba, as chuvas torrenciais são

⁵²⁸ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 197).

⁵²⁹ VALÉRY, 1996: 109.

⁵³⁰ Os EUA ofereceram navios e helicópteros e puseram à disposição recursos necessários para o socorro do Nordeste. A Alemanha, a França e a Inglaterra juntaram-se aos EUA em sua demonstração de solidariedade ao Brasil. Até a URSS ofereceu como ajuda ao Nordeste um helicóptero hospital que poderia chegar até Fortaleza em 48h, caso fosse aceito (**Diário de Pernambuco**, 02 de abril de 1960). A coluna Olho d’água, do Jornal Diário de Pernambuco, não perdeu a piada: *E os russos ofereceram um helicóptero hospitalar para socorrer a vítima de Orós. — ‘De mão beijada?’ Em troca o Brasil cederia um nordestino que seria tripulante do foguete lunar. — ‘E por que um nordestino?’ — É o tipo de homem que já passou por todas as provas.* (**Diário de Pernambuco**, 03 de abril de 1960).

provocadas por atividades solares⁵³¹. São tão somente rios sem margens, desconhecendo limites, esquecendo a mansidão ou a avareza de algumas paragens: Capibaribe, Ipojuca, Pajeú, o Riacho dos Navios, Moxotó, Tracunhaém...

A volúpia das águas pegou de surpresa muitos povoados: Petrolina, Coripós, Brejo da Madre de Deus, Jataúba, Angelim, Garanhuns, Sanharó, Jurema, Vertentes, Belo Jardim, Tacaimbó, Bezerros, São Caetano, Itapetim, Afogados da Ingazeira, Flores, Serra Talhada, Carnaúba, Ouricuri, Vila de Manacá, Parnamirim, Bodocó, Parnamirim, Araripina, Sertânia, Serrita, Floresta, Cabrobó, Salgueiro, Limoeiro, Surubim, Bom Nome, Petrolândia, Ibimirim. Até mesmo Caruaru, que jamais sofreu enchentes, teve casas derrubadas. E mais outras vilas e municípios com estradas atingidas ou danificadas. Algumas já consertadas pelo DER. Outras aguardando o apoio do poder público federal. No dia nove de março, o governador de Pernambuco, Cid Sampaio, recebeu pelo Rádio da Polícia Militar notícias de temporais e enchentes na cidade de Petrolina, que já contava com quatro dias de chuvas pesadas. Por todo o mês de março elas castigaram o Estado. Do Recife foram mobilizados recursos estaduais para prestar assistência através da remessa de comida e remédios pela ponte aérea. Mas os estragos deixados pelas inundações foram aumentando, aumentando, e chegaram ao Recife. Na madrugada do dia 17 de março, o rio Capibaribe destruiu cerca de mil casebres nos bairros da Torre, Caxangá, Afogados, Iputinga, Várzea, Santo Amaro e ainda em outros bairros⁵³². No meio de tudo isso, nós, meio homens e meio peixes, dóceis anfíbios, viventes do incerto⁵³³.

Aos dezessete anos, há três anos atrás, **Eleutério** chegou à cidade, e viu o mar pela primeira vez e ingressou no Seminário. Primeiro, no Seminário Congregacional, em Tejipió. Depois, no Seminário Batista na Rua do Padre Inglês, no Bairro da Boa Vista. **Eleutério** tem boas recordações de sua convivência com os colegas de seminário: *rato branco, minhoca, marmota, morcego doido*. Cada amigo com apelido de um bicho que o melhor caracterizasse seja fisionomicamente ou pelo modo de portar-se. O seu apelido, ironicamente, era *Bambi* — pois **Eleutério**, ao chegar no seminário, tinha um tipo franzino, intelectual e introspectivo. O seu melhor amigo, o *Morcego Doido*, era exatamente o seu oposto: tinha o riso frouxo, era brincalhão, extrovertido, bem humorado... Mas, ainda

⁵³¹ **Diário de Pernambuco**, 02 de abril de 1960.

⁵³² **Diário De Pernambuco**, 1^o de janeiro de 1961. “A Vitória de JQ no Recife, o maior acontecimento de 1960 em Recife”. (Os dez maiores acontecimentos do ano).

⁵³³ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 197).

assim, sensível e muito cristão⁵³⁴. Na gaiatice, lembra-lhe o jeito de **Juca**. Talvez, por isso, a empatia imediata ao chegar na pensão **O Castelo**, da Rua do Alecrim. Informalmente expulso do Seminário Batista.

Lá as coisas começaram a piorar para o seu lado quando o Diretor — um norte-americano progressista que admirava a vocação intelectual de **Eleutério** — teve que se ausentar por um ano. No lugar dele, colocaram um outro Diretor: brasileiro, professor medíocre, pastor tradicional e intolerante. Numa das últimas pregações realizadas por **Eleutério**, ele abordou a frágil contextualização cultural da evangelização no Brasil. Para tanto, inspirou-se na linha de pensamento de Gilberto Freyre que insistia na tecla de que o protestantismo, ao contrário do catolicismo, não havia conseguido se inserir na cultura nacional. Assim como óleo e água, não se misturaram. O protestantismo tornou-se uma pequena ilha no espaço. A seu ver, estava mais do que na hora deles elaborarem uma proposta coletiva. E, para que tivessem uma proposta coletiva, seria necessário mergulharem a fundo na cultura e nos problemas sociais da vida nacional. Pois eles viviam num momento histórico em que o mundo estava dividido entre os **filhos da luz**: aqueles que querem construir um mundo mais justo, que fazem parte de um movimento pró-vida; e os **filhos das trevas**: aqueles que não têm um projeto coletivo, que provocam um movimento contra a vida, mortal, hedonista, individualista, uma proposta pessoal de acumular, destruir o planeta e provocar a exclusão social. — “Os marxistas” — ele dizia — *“embora equivocados por serem ateus, e o ateísmo é um equívoco, eles não são cínicos e têm uma proposta ética para construir um mundo que eles acreditam ser mais justo. E o mais importante não é se vocês crêem em Deus, é se Deus crê em vocês. Por esse motivo, nós devemos construir uma religião de intervenção. Uma religião com uma proposta ética de mudar o mundo. Este é o momento do protestantismo se inserir na realidade brasileira; tomar pé da situação do povo e engajar-se numa transformação democrática, cultural e política”*.⁵³⁵

Ao final da pré-dica, uma mulher norte-americana veio conversar com ele: — “Não gostei do seu sermão, pastor! Afinal, o que é que vocês têm aqui de bom que não veio lá da

⁵³⁴ Entrevista com EPITÁCIO.

⁵³⁵ Entrevista com EPITÁCIO. O teor dessa pré-dica é **inventado**, embora não aleatoriamente, pois Epitácio realmente fez uma pré-dica em que citava Gilberto Freyre e a inadequação do protestantismo à cultura do Brasil; eu elaboro o resto do discurso de Eleutério a partir de fragmentos de idéias que Epitácio professava ou que ele afirmou exercerem influência sobre o seu pensamento: um teólogo norte-americano da neo-ortodoxia, Padre Lebrecht, Mário Quintana, Papa João XXIII, Padre José Comblin, Dom Hélder Câmara.

nossa terra?”⁵³⁶. A partir desse momento, começaram a fazer uma campanha velada contra ele. Já eram difíceis os convites para pregações. Cada vez mais distantes. Nesse ínterim, Eleutério foi começando a se aperceber daquele oba-oba, daquela religiosidade muito ligada à burguesia, à socialite, às colunas sociais dos jornais. Até que um dia alguma coisa dentro dele se quebrou. Era algo delicado como tênues fios de uma intrincada teia. E ele chorou. Como não se lembra de ter chorado antes. Chorou pelos cacos de sua fé. A Igreja para ele partiu-se como uma casca vazia. E de dentro dela nada surgiu. Um retumbante, redundante, redondo nada. Ele sentiu-se impregnado de tudo que detestava, corrompido⁵³⁷. Por assim dizer, tudo virava lama. A madeira das pontes ficava enlameada, as árvores, os rios eram massas barrentas que avançavam, e até as pedrinhas como se dissolviam, transformavam-se em lama⁵³⁸. Como quem diz: ‘Bebi do poço envenenado’. Estava com o veneno da noite em seu corpo, sem poder vomitá-lo, um veneno de erro, de abandono, de desproteção⁵³⁹. No vazio criado, todos os venenos vêm substituindo a seiva do viver. Por isto, bebe com ardor esse ressurgimento espectral do passado, que permanece ainda no rumor de vozes, nas ondulações de luz, nas teias de aranha⁵⁴⁰.

Lembrou-se de pastores e de percevejos. A atividade, entre os insetos, é limitada por mudanças alheias a eles próprios; o sono, em tão diverso e numeroso grupo, não exprime repouso. Como acrobatas que passassem a noite num trapézio ou num arame estendido a vinte metros do solo, assim dormem, atentos, na atitude que têm quando em vigília⁵⁴¹. Certos parasitas invadem os formigueiros, comem todas as larvas e nem os ovos escapam à sua fome. Degradam as colônias invadidas, segregando um mel que não nutre as formigas e embriaga-as. Estas, alheias a tudo, dedicam-se aos invasores. Outras se tornam escravas de formigas guerreiras. Servem às conquistadoras, alimentam-nas, desdobram-se em cuidados ante a postura de suas inimigas. Elas próprias, contudo, não se reproduzem⁵⁴². Podemos descobrir defesas contra a água, mas não contra os insetos. Justamente por serem tão pequenos, têm probabilidades enormes de sobreviver. Matam a sede numa gota d’água; num fragmento de palha escapam às inundações. Só há uma esperança: a extinção de numerosas formas foi precedida de uma tendência para o gigantismo. Crescer, para eles, é

⁵³⁶ Entrevista com EPITÁCIO.

⁵³⁷ **O Pássaro Transparente** (LINS, 1994: 13).

⁵³⁸ **Retábulo de Santa Joana** (LINS, 1994: 90).

⁵³⁹ **Retábulo de Santa Joana** (LINS, 1994: 91).

⁵⁴⁰ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 46/47).

⁵⁴¹ **Noivado** (LINS, 1994: 153).

⁵⁴² **Noivado** (LINS, 1994: 158).

um inimigo mais fatal que os pássaros, os batráquios e os répteis. Nenhuma espécie de mimetismo os defende contra crescer muito. E inúmeros insetos estão crescendo⁵⁴³.

Ele não sabia o que fazer de sua vida. Foi nesse momento que começou a peregrinação em busca do rosto perdido de sua mãe. Arranjou um emprego de escriturário no colégio **Ginásio Pernambucano**, na Rua da Aurora, veio morar no **Castelo**, na Rua do Alecrim, e começou — por suma ausência de projetos — a fazer um curso de dramaturgia na **Escola de Belas Artes**⁵⁴⁴. Ele não queria ser ator. Não tinha vocação para tanto. Chegou a ter duas pequenas experiências durante o período do Seminário. Numa delas, fez o papel de um mártir da Idade Média queimado na fogueira. Teve que ficar amarrado e nu da cintura para cima. Nesta experiência, até que se saiu bem, pois o personagem não tinha falas. Apesar do jeito tímido, **Eleutério**, na intimidade, era dado a mungangas. No cotidiano, em meio aos amigos, apesar de ser mais calado, também aprontava das suas. Deu-se bem num papel em que apenas tinha que se contorcer, fazer caretas e, no máximo, tecer uns *ais* e *uis* diante do simulacro de uma fogueira. É bem verdade que depois se achou extremamente ridículo. Mas, ainda assim, tentou um segundo papel, no qual possuía falas: descartaram-no de imediato⁵⁴⁵.

Se não tem vocação para ator, contudo, pode ser um dramaturgo. São três anos de curso: no primeiro ano, o aluno estuda História do Espetáculo (Hermilo Borba Filho), Caracterização (Alfredo de Oliveira), Expressão Corporal (durante os três anos de curso, com Ana Regina Moreira), Técnica Vocal (durante os três anos de curso, com Maria José Campos Lima Silva), Psicologia (José Carlos Cavalcanti Borges); no segundo ano, Interpretação (Milton Baccarelli), Indumentária Histórica (Janice Lobo) e História da Literatura Dramática (Joel Pontes); no terceiro e último ano de curso, o aluno estuda Interpretação (disciplina dividida entre Gondim Filho e Baccarelli), Cenografia (Gastão de Holanda) e Teoria do Teatro (Ariano Suassuna)⁵⁴⁶.

⁵⁴³ **Noivado** (LINS, 1994: 165).

⁵⁴⁴ Segundo Joel Pontes, o curso de formação de ator e dramaturgia veio a ser formado em março de 1958: *Em 1957 é que Graça Melo, demorando-se uns meses no Recife, a dirigir o Teatro de Amadores e o Teatro Universitário, em contato com o vice-reitor de então, Professor João Alfredo, conseguiu que influísse junto ao reitor Joaquim Amazonas para a Universidade estudar a criação de um curso novo, de formação de atores, dramaturgos e críticos. Não era fácil a empresa, por vários motivos, entre os quais a inexistência de cursos semelhantes no sistema universitário brasileiro e a convergência de esforços para a construção da Cidade Universitária. Mesmo assim, as resistências foram domadas e o Curso veio a ser instalado na Escola de Belas Artes, em março de 1958. No primeiro ano de funcionamento, estava dividido em duas seções – Formação de Ator e Dramaturgia, esta desaparecida em 1961.* (PONTES, 1990: 102).

⁵⁴⁵ Entrevista com Eptácio.

⁵⁴⁶ PONTES, 1990: 102/103.

A escolha pela dramaturgia veio pelo fato de que escrever é um modo – embora não o mais eficaz – de romper o exílio. Como romper com esse sentimento de exílio? Como se livrar dessa crosta que o aparta do mundo? Nisso não há como ter pressa. Um homem deve chegar às suas decisões essenciais devagar — tal como numa obra de arte: com iluminações, e sobretudo, com amadurecimento, esforço, meditação, exercício⁵⁴⁷. **Eleutério** crê que, nele, existe a agravante de que tudo é secreto, não provocando, ainda que acidentalmente, o interesse alheio. — “*Bom*”, ele pensa com certa ironia, “*ao menos, há a atenuante de eu não ser mudo*”. Mas, embora disponha da palavra, este é um instrumento que maneja mal. Entretanto, trata-se de um elemento que pode amestrar, para consignar, se não o seu exílio, ao menos sua constância no sentido de rompê-lo⁵⁴⁸. Tem de obter persistência, para cercar as palavras e amestrá-las⁵⁴⁹. Pois a palavra recolhe e transmuda insetos, pessoas, instantes — prendendo-os em exigentes limites contrários à sua índole mutável⁵⁵⁰. Assim como as palavras, os objetos retêm as presenças. Bem como um retrato, enquanto não se apaga.

Eleutério vê, através da janela, o céu cinzento do amanhecer, enquanto as folhas da mangueira brilham como se absorvessem a escassa luz da manhã. Ele fica a olhar aquele pedaço de paisagem. Há um segredo ali, que o envolve. Do silêncio que se faz em seu espírito, ele sente, à maneira de um reflexo que abandona o espelho, destacar-se um outro ser, ligado aos seus sentidos⁵⁵¹. Na rua, vozes femininas passam por perto da janela. Afastam-se, os passos, confusos, entrelaçando-se como os fios de uma trança. As vozes fundem-se numa sombra vaga, dispersam-se e mergulham nos sons da cidade que as dissolve⁵⁵².

No quarto, outros dois dormem. Angustiado, **Eleutério** levanta-se. Quando encosta a porta, ouve **Airôn** resmungando: — “*Pensei que estivesse caindo*”. Já do lado de fora do quarto, ele ri de si para si e pensa: — “*Então somos dois!*” Segue em direção à sala. Lá está a mesa de madeira tosca onde se toma o café da manhã. Os bancos, feios, inumanos; e tão vivos. **Maria**, com uma flanela, termina de limpá-los e volta para a cozinha. Não eram então mais que objetos. E agora, de repente, eis que adquirem vida. O poder da presença humana — pensa. Não emite conceitos; limita-se a reverenciar uma entidade impalpável que

⁵⁴⁷ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 51).

⁵⁴⁸ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 38).

⁵⁴⁹ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 38).

⁵⁵⁰ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1995: 25).

⁵⁵¹ **Os Gestos** (LINS, 2003: 37).

⁵⁵² **Os Gestos** (LINS, 2003: 34).

ele sente impor-se com tranqüilo vigor, como a existência de um Deus. Em seguida, senta-se e espalma a mão sobre a mesa. O rumor dos seus movimentos destrói o encanto: a presença esvai-se. E ele se sente desamparado. A mão esquerda, espalmada, com o indicador e o médio afastados, parece fazer da solidão uma coisa tangível⁵⁵³.

Ele dá um tapa na mesa: — “*Basta de tanta melancolia!*” O problema é que está sem ter o que fazer neste dia de feriado: a Biblioteca da **Faculdade de Direito** está fechada, lugar onde, além de buscar livros que alimentem a sua nova curiosidade pelo mundo, de quanto em vez, ele encontra **Eugênia**, filha de um pastor de Tejipió, com quem paquera, desde que sua antiga noiva — não suportando as duas insinuações feitas à seu respeito pela comunidade protestante: as implicações de um apelido como *Bambi* e, ainda por cima, a fama adquirida, após aquela última pregação, de comunista — resolveu pôr um fim a um noivado sem maiores atrativos para ambas as partes. Foi demais para a moça que, provavelmente, não conseguiu decidir-se qual das duas acusações deveria ser pior⁵⁵⁴.

⁵⁵³ LINS, 1955: 17.

⁵⁵⁴ Entrevista com Epitácio.



Fig. 59. Faculdade de Direito do Recife.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco



Fig. 60. Parque 13 de Maio.

Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife

No Seminário, as pessoas avisaram-lhe para não namorar **Eugênia**. Disseram que ela ia estragar sua vida. Um Pastor chegou a dizer-lhe que ela era muito avançada, pois

convivia muito com homens, com os rapazes, com os colegas e que ele tivesse cuidado⁵⁵⁵. O aviso zeloso ainda mais lhe instigou a curiosidade. Uma moça que lia livros e freqüentava bibliotecas, que fazia parte de um grêmio literário e discutia com amigos era algo muito mais instigante do que uma noiva tradicional que geralmente dormia durante os filmes que ele mais gostava, nas raras vezes em que tiveram a permissão de ir ao cinema — e, ainda por cima, acompanhados por sua irmã mais nova.

Eleutério gosta muito desse clima de República, do **Castelo**. Lembra-lhe muito o período do Seminário. O clima de solidariedade, de brincadeiras e gozações. Será que *rato branco*, *marmota*, *morcego doido*, *minhoca*, *gato*, *carneiro* lembram-se do último *serra velho* em que eles juntaram-se para serrar dona Abigail, Diretora do Internato Feminino, durante a Semana Santa?⁵⁵⁶ **Eleutério** lembra-se quando começaram as brincadeiras bem embaixo da janela da Diretora:

- E a cadeira de balanço, Dona Abigail vai deixar para quem?
- Para *rato branco* descansar.
- E seus livros de romance vai deixar para quem?
- Para *Bambi* se apaixonar.
- E seus vestidos, Dona Abigail vai deixar para quem?
- Ninguém há de querê-los!

Então se puseram a serrar uma madeira com um serrote para fazer o barulho: *reco-reco-reco*. Tudo isso porque Dona Abigail prendia as moças e não deixava que elas circulassem entre eles. Enfim, apenas anarquia. Brincadeira mesmo. Mas que confusão deu aquilo! Dona Abigail ficou possessa!... **Eleutério** sorri. A lembrança traz saudade dos antigos companheiros. Como seria caso se encontrassem agora? Seria constrangedor como se algo houvesse se perdido e ali só restassem fantasmas, ecos longínquos de uma amizade? Será que, no seminário, eles também sentiam sua falta? Quem há de saber? A evocação do mundo não tem igual valor para todos, no jogo das lembranças e esquecimentos. O tesouro que se supõe comum é unicamente individual. Podemos viver por muito tempo as mesmas aventuras, cada um recolhe o que elas contêm de si próprio. Evocá-las jamais repetirá o milagre de fazer com que sejam um elo entre nós — “*Se é que já estivemos unidos um dia!*”, **Eleutério** pensa. Mas, para sua surpresa, o fato de reconhecer que o mundo não participa das suas recordações o alegra — contentamento

⁵⁵⁵ Entrevista com Epitácio e Marluce. Isso de fato aconteceu com os dois.

⁵⁵⁶ Entrevista com Epitácio: *O serra velho era um hábito da Semana Santa de preparar o velho para a morte. Então se fazia um testamento das coisas que o velho tinha. Aí serrava-se o desafeto, o mais chato, o inimigo.*

indeciso, ainda, mas vivo, desopressor. E mesmo esta, é uma alegria solitária da qual o outro será sempre ausente⁵⁵⁷.

Ele volta para o quarto. Ao lado da cama, vê novamente o retrato sem rosto de sua mãe e teme que o mundo desbote em igual proporção: deixando-o sem herança e sem sentido. É nessas horas que sente que não há o que escrever ou dizer. Não há como compartilhar com outros estes/esses sentimentos, pois seus gestos e palavras tornam-se inúteis, inexpressivos. Ele sente-se para sempre um exilado do mundo, da vida, da sociedade, dos sonhos em comum; e pensa se a epopéia do retorno pertencerá ainda à nossa época: o retorno à casa, à comunidade, à apoteose do conhecido. O mundo fez uma escolha e ele encontra-se nela aprisionado: a exploração apaixonada pelo desconhecido, pela aventura, pelo infinito. O retorno é a reconciliação com a finitude da vida⁵⁵⁸. Em grego, retorno se diz *nóstos*. *Álgos* significa sofrimento. A nostalgia, portanto, é o sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar⁵⁵⁹. Mas retornar para onde?

A sensação que tem é como se envelhecesse e estiolasse e aos poucos se desligasse das antigas relações. Os fios tênues se rompem e ele perde o conhecimento das coisas, não as reconhece, a cidade transforma-se diante de seus olhos e até a linguagem dos homens fica mudada. Ele torna-se um estranho. Um objeto anacrônico e inútil que serve apenas para assustar as crianças⁵⁶⁰. Nesses momentos, teme olhar as coisas familiares como se elas fossem provas palpáveis do seu apartamento do mundo. Como se não as merecesse⁵⁶¹. Ele guarda o retrato das 25 moças dentro de um envelope e este na gaveta. Basta por hoje.

Eleutério lembra da alegria gaiata de **Juca**. Nisto ele lembra-lhe, em muito, *Morcego Doido*: o seu riso frouxo, a alegria fácil, seu jeito dotado de iminência: ninguém sendo capaz de lhe adivinhar o gesto seguinte⁵⁶²... E, nesse momento, o ar de vida que **Juca** desprende parece-lhe algo inestimável. Assim que **Eleutério** chegou ao **Castelo**, **Juca** aplicou-lhe um trote: como **Eleutério** tinha vindo de um Seminário, **Juca** fez-lhe entrar com roupa e tudo numa tina d'água. Disse-lhe que era o seu *batismo* — “O cínico!” Contudo, **Eleutério**, acostumado com os trotes a cada novo seminário — tendo passado por dois antes de aqui chegar—, encarou tudo numa boa: ele próprio pulou na tina e saiu

⁵⁵⁷ **Reencontro** (LINS, 2003: 44).

⁵⁵⁸ KUNDERA, 2002: 11.

⁵⁵⁹ KUNDERA, 2002: 09.

⁵⁶⁰ LINS, 1955: 55.

⁵⁶¹ LINS, 1955: 66/67.

⁵⁶² VALÉRY, 1996: 97.

jogando água em todos em redor. Foi um dia de trabalho duro para **Maria**: enxugar a bagunça que eles fizeram.

Eleutério, neste exato momento, olha o amigo desmazelado na cama e calcula que o sono e a ressaca certamente não permitirão que ele acorde tão cedo. “*Acorda, peste!*” — Inútil. Uma idéia rápida corre seus sentidos e espelha-se no ar debochado qual o qual continua a frase. *Você não vai trabalhar, não? Já é manhã alta, acorda que você está atrasado!*”. Chegou o momento da desforra! Como um autômato, **Juca** luta contra a letargia do sono e da ressaca, e abre olhos esbugalhados. **Eleutério** continua, teatral, arregala os olhos, faz mungangas de puro espanto: “*Arreda o pé que você está atrasado para o emprego! Avia, avia, homem de Deus!*”. O sorriso, cínico e dissimulado, acompanha-o, enquanto segue **Juca** pela casa, tangendo-o até a porta da entrada. Enquanto **Eleutério** diz-lhe: “*Só faz farra na quarta-feira à noite quem pode dispensar a manhã da quinta! Mas, um funcionário precário que não pode perder o emprego! Tais pensando que é gente só porque trabalha no Banco do Brasil?!*” Eles passam por **Maria** que olha tudo meio intrigada: **Juca** sair tão cedo desabalado pela casa, quando ela chegou a ver-lhe voltar já amanhecendo para a pensão?... Mas **Eleutério** pisca-lhe um olho e ela logo entende que ali se trata de uma troça qualquer. Coisa desses meninos. Então pergunta para **Juca** — “*Oxe, para onde o senhor vai tão depressa assim?*” Mas ele praticamente cospe-lhe um — “*Bom dia, bom dia!*”, enquanto segue casa a fora.

Eles ouvem **Juca** descendo a escada como quem vai tirar o pai da força. **Eleutério** ri por dentro e uma brisa suave corre pela sala. Ele pega o jornal diário e volta para o quarto. Neste momento, formula-se, e ele o aceita, este juízo cheio de exigências, certamente engendrado em seu espírito, desde muito para uma longa e secreta gestação: tem de buscar em sua vida, com energia, o contentamento e a paz. Uma conquista; não uma recordação. Mas é ainda como alguém que, mentalmente, assume empreender uma viagem, sem saber que precisa criar, em sua alma, condições para vencer seus hábitos, seus medos⁵⁶³. Ele deve deixar partirem suas crenças e recordações. Que outro bem humano existe mais insidioso que as lembranças, com seu dúplice caráter, trazendo-nos, ao mesmo tempo, a alegria da posse e defraudação da perda, sendo esta um reflexo daquela? A um padre compete proteger-se da impregnação das coisas. São João da Cruz já advertia: a memória será posta em Deus na medida em que a alma desembaraça-la de coisas que, importantes

⁵⁶³ **Pentágono de Hahn** (LIINS, 1994: 50/51).

embora, não são Deus⁵⁶⁴. Ah, ao diabo com tudo isso! Ele não é mais um pastor. Pois, para ele, não há mais rebanhos. Superados em número por insetos concebidos por uma mente ociosa e criativa. Ele fará o caminho contrário: impregnar-se de tudo o que pode fixá-lo.

No primeiro barulho das escadas, passos pesados e lentos, Maria advinha o retorno de **Juca**. Depois de um certo tempo ouvindo, **Maria** grita da cozinha: “*Seu menino, Juca tá chegando!*” **Eleutério** sai batendo nas portas dos quartos. Passadas lentas se aproximam do topo da escada até que sua carona surge em meio à porta e todos explodem em gargalhadas. Juca resmunga alguma coisa e faz um gesto para **Eleutério**, como quem avisa: — “*Me aguarde, peste!*” Mas também está rindo e compartilhando a brincadeira. Ele admoesta **Maria** em tom de pilhéria:

Juca — “Quer dizer que a senhora, dona **Mariazinha**, estava sabendo dessa armação, não é não?”

Maria — “Oxe, eu tenho nada com isso não, doutor **Juca**. Eu mesma sabia de nada”.

Juca — “E cadê o pão, Maria?”.

Maria — “Hoje tinha pão não nessa padaria daí”

Juca — “E como é que não tem pão na padaria? Onde já se viu um disparate desse? Dona **Maria**, **Mariazinha**, você tem um plano secreto para me enlouquecer hoje, não é? Diga de uma vez, mulher de Deus!...”.

Maria — “Sei não, senhor. Foi o moço da padaria quem disse. Hoje tem pão não”.

Juca — “Mas será possível que tenham carregado tudo para inauguração de Brasília? Não basta terem transformado os nordestinos em operários candangos?”

Airôn — “A questão não é bem Brasília, o problema é outro: o porto não pode acolher o navio que transporta o trigo, pois este é pesado demais; e, sem trigo, não tem pão”.

Juca — “Como é que é essa história, **Airôn**?”

Airôn — “Os panificadores andaram reclamando durante a semana inteira sobre o racionamento da farinha feito pelo Moinho. Dizem que ele está fornecendo apenas 40% das cotas estabelecidas pelas autoridades federais. O caso é que o navio que trás trigo para o Recife tem 30 pés de calado e não pode atracar no porto daqui por causa do assoreamento. Resultado: desde ontem que em alguns bares e padarias já começou a faltar pão. E, caso não resolvam, por volta da segunda ou terça-feira da semana que

⁵⁶⁴ **Retábulo de Santa Joana** (LINS, 1994: 110).

vem não haverá pão em lugar nenhum da cidade. Não é à toa que a SUDENE decidiu como programa prioritário de obras a construção de rodovias integrando o mercado regional, o investimento no setor energético e as obras nos portos. As instalações portuárias nas regiões urbanas litorâneas do Nordeste são precárias. Os embarques e os desembarques sendo feitos em ultrapassadas alvarengas, com grandes perdas”.

Juca — “Pois muito bem, senhor **Airôn**, com esta eu vou dormir.”

Eleutério — “E não vai tomar café?”

Juca — “Eu já tomei um maltado, nas Galerias, lá perto do Banco para não perder a viagem!”

Airôn — “Então você está superalimentado. Eu aposto como foi o segundo do dia. Vai dizer que já não tinha passado por lá depois da farra?”

Juca: “Passei apenas porque o maltado é a única coisa não etílica com sustância que se pode beber nessa hora do dia. E também porque ‘As Galerias’ é o único local que nunca fecha”.

Airôn — “Mas você vai acordar para ir ao clássico?”

Juca — “O primeiro clássico das multidões do ano! Você acha mesmo que eu ia perder de apreciar a cobra coral digerir um leão, mais um ano seguido?” — ele recebeu uma vaia dos rubro-negros presentes e aplausos dos tricolores do Arruda — “Que horas vai ser o jogo?”

Airôn — “O jogo principal, Esporte e Santa Cruz, vai ser às três e meia, na Ilha do Retiro. A prévia começa as quinze para as duas da tarde com Condor X FAPE”.

Juca — “Eu passo antes no Café Nicola para o esquentado e de lá sigo para a Ilha.”

Airôn: “Eu acho que passo no Nicola, também, pois vou estar na Guararapes. Vou ter que dar um pulo lá no escritório agora no final da manhã”.

Juca — “Menino, teus patrões judeus não perdoam, hein?! Brasília, o acontecimento do século!” — diz, como gostava de fazer nas horas vagas, imitando a voz de um radialista. “Eles não sabem que hoje é feriado nacional?”

Airôn — “Eu tenho que finalizar um desenho que estou fazendo sob encomenda de uns engenheiros. E saiba você que eu tenho é sorte por trabalhar neste escritório. Geralmente os arquitetos desconhecidos só ganham pelos desenhos quando eles são aproveitados pelas construtoras. Eu recebo por desenho independentemente dele ser aceito ou não. E hoje, no final da manhã, estou livre”.

Juca — “Livre para o mundo, para **Lindalva**, para o Savoy, para Rua da Guia, e para as táxi-girls do Moulin Rouge! Quem quiser que acredite que *não-me-queres* é um rapaz sério. Esse **Airôn** é, na verdade, um cabra safado!”

Juca despede-se de todos e segue para o quarto. Antes que **Airôn** retome o seu discurso deslumbrado com Brasília, **Eleutério** engole um café e sai da mesa. Ele particularmente não simpatiza com o projeto da nova capital. Quando voltou para cidade, em março deste ano, em pleno carnaval, nas ruas do Recife, o primeiro grupo de mascarados com que encontrou, cantava: — “*Ei, você aí, me dá um dinheiro aí, me dá um dinheiro aí!...*”⁵⁶⁵ Uma gozação com Juscelino Kubitschek por causa de uma foto tirada em que ele parecia estar fazendo um gesto de mãos estendidas, suplicando dinheiro, a um representante dos Estados Unidos da América⁵⁶⁶. O carnaval de 1960 ocorreu às vésperas da inauguração de Brasília, e a imagem de um mar de lama e corrupção, dos gastos astronômicos direcionados para viabilizar a nova capital, virou motivo para gozação e brincadeira. **Eleutério** é um crítico de JK e simpatiza com a campanha de Jânio Quadros com a vassoura, que simbolizava a limpeza necessária para acabar com a corrupção e o processo inflacionário reinante. Apesar de geralmente votar nos partidos de esquerda — votou em Arraes para prefeitura do Recife, no final do ano passado — na próxima eleição presidencial não votará no marechal Lott. **Eleutério** não vê Brasília com bons olhos⁵⁶⁷. Aliás, esses grandes projetos já não lhe têm o menor espaço na alma. O que importa, ao tentar ajudar o homem, é ajuda-lo a ajudar-se. A começar por si mesmo. Uma das necessidades fundamentais da alma humana é a responsabilidade, e a responsabilidade é um dado existencial — por isso ela não pode ser incorporada ao homem intelectualmente, mas **vivencialmente**⁵⁶⁸. Ele anota esta última frase também no envelope e, dessa vez, deixa-o sobre a mesa. Há de tentar desenvolvê-la mais tarde.

⁵⁶⁵ Entrevista com Epitácio.

⁵⁶⁶ Na edição de 06 de agosto de 1956, da revista “O Cruzeiro”, JK aparece numa foto de pé, com as mãos estendidas diante de Foster Dulles, representante dos EUA, que está sentado, com ar condescendente, como se estivesse mexendo numa carteira. O célebre flagrante ficou conhecido como “me dá um dinheiro aí”. (BOJUNGA, 2001: 511).

⁵⁶⁷ Entrevista com Epitácio: *Eu fui um apaixonado pela campanha de Jânio Quadros. Eu era Janista. E era um crítico de Juscelino porque aquela campanha de Jânio Quadros, com a vassoura, para acabar com a corrupção, era porque Juscelino tinha feito muita corrupção para fazer Brasília e tinha corrompido o Brasil e tinha gastado coisas astronômicas... Então, eu não via Brasília com bons olhos.*

⁵⁶⁸ PAULO FREIRE, 2002: 16.



Fig. 61. Foto que inspirou a marchinha carnavalesca *Me dá um dinheiro aí*.

Fonte: BOJUNGA, Cláudio. **JK:** O artista do impossível. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001, p. 501.



Fig. 62. Mascarados no carnaval de Recife.

Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife

4.2. - OUTROS AMANHECERES E BUMBA-MEU-BOI EM SANTO AMARO

LOCUTOR⁵⁶⁹: “Nós te saudamos ao despertar de um novo dia, quer na fulgurância do verão, quer na plúmbea visão da época hibernal”.

De seu quarto, **Eugênia** pode ouvir a exortação do “*Bom dia, Brasil!*” — o programa de abertura diário da Rádio Clube. Apesar de ser quinta-feira, hoje não haverá aulas no Colégio Americano Batista, onde cursa o terceiro ano do curso clássico. Então, hoje, o dia sofre uma transubstanciação. Torna-se ubíquo aos sábados, quando, à tarde, ela passeia pelas ruas do Recife e senta-se numa das duas sorveterias mais charmosas da cidade: no Guemba, à beira do Capibaribe, ou na Botijinha, na Rua Matias de Albuquerque — cujo forte não é o sorvete, mas a salada de frutas com pudim⁵⁷⁰. Ah, o sabor chega até sua boca, que está sendo coberta com um batom carmim, do macio pudinzinho envolto por um círculo colorido e refrescante de salada de frutas! — *Isso, sim, tem sabor de sábados!*, pensa Eugênia.

LOCUTOR: “Saudamos-te na refulgência do espaço, no rumorejar dos mansos ribeiros, no seu incessante colear até se transformarem no Capibaribe que se lança no seio profundo do Atlântico”.

Eugênia calça as suas meias brancas compridas e coloca o seu sapato mais arrumado. Prende os cabelos com uma fivela e põe, no alto da cabeça, um solidéu de organza — não aquele em formato de disco, pois que a deixa com um ar mais formal. Ela escolhe o solidéu em formato de faixa com pequenas flores de enfeite. Prende-o à cabeça com alguns grampos. O trabalho é executado com esmero diante do seu espelho de corpo inteiro. Herança de sua avó, ganho nos seus quinze anos de idade, há três anos. — “*Ah, sua burra!*” — ela admoesta-se ao lembrar que calçou os sapatos antes de vestir as saias. Tira-os novamente e veste a anágua branca rigorosamente engomada, de bramante, com uma fita

⁵⁶⁹ Programa “Bom dia Brasil!”, com produção de Abílio de Castro, cujo caráter é a abertura da programação da Rádio Clube: *Dentre os documentos que a Fundação Joaquim Nabuco possui, encontra-se o da abertura da estação, cujo texto é de autoria de Abílio de Castro, intitulado ‘Bom dia Brasil!’, que vai, à época, ao ar diariamente na abertura da programação da Rádio Clube.* (CÂMARA, 1998: 144/145). Neste tópico, *Outros amanheceres e Bumba-meu-boi em Santo Amaro*, a fala do locutor da Rádio Clube será entremeada pelos afazeres da jovem personagem **Eugênia**.

⁵⁷⁰ Entrevista com MARLUCE.

larga verde-claro, entremeada no ornamento da barra, que ela mesma bordou. Por cima, veste-lhe a saia verde com pregas, estampada com rodendos negros. Por último a blusa de cambraia cor creme, com pequenos botões de madrepérola que ela fecha, um a um, com delicadeza. Ajeita cuidadosamente a blusa por dentro das saias, para que sua cintura fique bem marcada. E revolve as camadas de tecido que lhe dão a impressão de glamourosos quadris.

Ela olha-se no espelho. É uma moça angulosa e alta. Nela se percebem, sustentando a carne, as longas linhas, flexíveis e firmes, linhas de florete⁵⁷¹. Falta agora o toque final: seu perfume predileto — de Margareth Duncan, o *Spring's Times*, com sua característica folha desenhada no vidro⁵⁷². E o colar de pérolas no pescoço. Ah, e seus brincos. Ah, e os sapatos de dia de sábado. Um último fio rebelde é preso aos grampos do solidéu.

LOCUTOR: “Saudamos-te ó Pátria amada, no gorjeio dos pássaros, nos raios do sol, no pisca-piscar das miríades de estrelas que pontilham de pequenos globos o azul do firmamento, na viridência ímpar dos campos e das florestas, no mugir dos bois, no balir das inocentes ovelhinhas e no esvoaçar das abelhas que extraem das flores o néctar com que Iracema fabrica o delicioso mel para fazer o moquém que alimenta o Niágara. Saudamos-te nas mais mimosas flores silvestres, como nos mais perfumados jardins; no sorriso da criança, no amplexo materno, no aperto de mão amigo, no beijo que sela o amor, na prece murmurada ao pé do altar, no recolhimento do santuário ou no silêncio íntimo da alcova.”

Enquanto olha-se no espelho, ainda indecisa se essa foi a melhor escolha de roupa — isto sempre lhe acontece — ela involuntariamente lembra-se do Diretor do Colégio Americano Batista⁵⁷³. Asco é apenas um dos sentimentos que ele lhe inspira. Ele põe notas imerecidas, de acordo com suas simpatias, bate nas costas dos alunos, querendo parecer amigável. Mas nada disso adianta. Suas aulas são uma anarquia. Os rapazes o levam na troça. É um professor medíocre. E aquela falta de energia faz-lhe mal⁵⁷⁴. O pior é que ele

⁵⁷¹ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 22).

⁵⁷² Entrevista com Marluce.

⁵⁷³ Resolvi elaborar a descrição do diretor do Colégio Americano Batista a partir de dois referenciais: 1) as características do professor Artur, do romance **O Visitante**, de Osman Lins; 2) e as suposições de Marluce e Epitácio (entrevistados) de que o Diretor, depois do golpe de 64, denunciou alguns alunos do Colégio Americano Batista que chegaram a ser interrogados pela polícia.

⁵⁷⁴ LINS, 1955: 36.

vive em sua cola. Ontem, ao fim da jornada de aulas, ele veio repreender-lhe pelo tema por ela escolhido para apresentação no Grêmio Littero-Cultural — do qual **Eugênia** faz parte. Mas como ele soube do tema de sua apresentação? Quem pôde ter-lhe contado?

LOCUTOR: “Saudamos-te ó Brasil da Santa Cruz, no labor dos teus filhos, desde o dentista, o intelectual, o médico, o professor, o estudante, o militar, até o operário, viga mestra do teu progresso, da tua grandeza. Saudamos-te como o cântico do poeta: ‘Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste’. Almejamos aos filhos desta imensa terra brasílica um dia exuberante de felicidade pedindo, para todos, as luzes e as bênçãos do Supremo dispensador de todos os bens: Deus. Bom dia, Brasil!”

Eugênia está cursando o terceiro ano do Curso Clássico, no Colégio Americano Batista, e faz parte da organização do Grêmio Littero-Cultural de sua turma. Embora a turma seja mista — composta de forma equilibrada por moças e rapazes — apenas ela e Helena costumam tomar parte dessas manifestações. A professora de português e literatura cede uma aula por semana para que os alunos tenham a oportunidade de apresentar trabalhos escritos por eles: uma poesia, um ensaio ou ainda uma música — para quem queira cantar. Há também, na sala, um grupo de pré-seminaristas que geralmente apresenta comentários da bíblia⁵⁷⁵. A função do grêmio é agendar e coordenar esses saraus. Sua professora de português e literatura, professora Rosa, é progressista e irreverente. Ela traz as unhas largas bem polidas, tem uma cintura larga, pesados seios e coxas roliças. Sua face redonda e travessa, com uma leve adiposidade sob o queixo, bem como seu riso franco, dá-lhe, às vezes, ares de um garoto. Embora deva ter seus quase quarenta anos, tem a aparência de quem mal ultrapassou os 25. Ao chegar em sala de aula, trespassa um perfume que enche o ar quando se move. Ela tem uma presença faceta e insolente, entretanto,

⁵⁷⁵ Entrevista com Marluce. Depois do golpe de 64, e depois de terminado o Curso no Colégio Americano Batista, Marluce passou a realizar esses encontros littero-culturais em sua própria casa: *Esses encontros foram muito perseguidos. Por exemplo, o diretor do Colégio Americano Batista — quando eu estava fazendo o terceiro ano do clássico, nós tínhamos um grêmio littero-cultural, na sala de aula — ele exigiu que esse grêmio fosse extinto. Ele extinguiu com todos os grêmios do colégio. Nós tínhamos uma professora de português e literatura que cedia um espaço da aula dela por semana para nós termos a oportunidade de apresentarmos trabalhos escritos por a gente — e o diretor proibiu esses encontros. Então, eu passei a fazer esses encontros na casa dos meus pais. Nós ainda tivemos muitas reuniões. Mesmo depois do curso encerrado, concluído. Eles iam lá em casa e a gente continuou a fazer esses saraus. Apesar de meu pai olhar com muita desconfiança, porque um bando de homem e, às vezes, eu sozinha no meio! Ele ficava muito desconfiado, também, com o tema que nós conversávamos.* Depois, eles descobriram que Helena, a única moça que fazia parte desses encontros, além de Marluce, era quem delatava os alunos e relatava o que era dito e feito nos encontros ao Diretor do Colégio Americano Batista.

exerce autoridade sobre suas turmas que, em grande parte, a adoram. Geralmente suas “doidices” fazem de cada aula uma festa⁵⁷⁶.

Na aula de ontem, **Eugênia** quis discutir o tema da liberdade. Tanto dizem que os Estados Unidos da América é a Meca da Liberdade, então ela decidiu trazer à baila o depoimento de Isadora Duncan — mulher, norte-americana, nascida em 1877 e morta tragicamente em 1927, aos 40 anos de idade. Dançarina que revolucionou a dança contemporânea na América, um espírito criador, autêntico, ousado. Defensora dos direitos das mulheres e da Revolução Soviética. **Eugênia** tem consciência dos desmandos de Stálin, mas acha que, apesar do pesadelo dos campos de concentração stalinistas, o **povo russo** saiu em defesa não só de sua pátria, mas, sobretudo, da sua Revolução. No seu entender, o **povo russo** deve permanecer querido porque é revolucionário, porque não sucumbiu ao cinismo nem perdeu a fé na pureza inicial da idéia revolucionária, a despeito da podridão com que a macularam⁵⁷⁷. Ela pega, entre os seus cadernos da escola, orgulhosa, e com o ar desafiador de seus dezessete anos de idade, o papel com o texto lido ontem em sala de aula. Posta-se novamente diante do espelho e teatralmente recita-o:

“Este é o depoimento de Isadora Duncan, uma artista revolucionária que propôs a concretização da poesia na vida cotidiana. Mas que, em sua última turnê pela América, do começo de outubro de 1922 até meados de janeiro de 1923, foi recebida com acusações grosseiras, acusada de conspiradora de Moscou e foi insultada moralmente. Muitas cidades cancelaram-lhe suas apresentações. Enquanto a URSS deu-lhe uma escola e crianças para que ela lhes ensinasse a dançar a **revolução** e a **liberdade**. Eu gostaria de ler para vocês, trechos da carta que ela enviou a um jornal antes de partir para sempre da América, em **janeiro de 1923** — ela enfatiza:

‘Sim, estou deixando a América. Estou limpando de meus pés a poeira desses seus Estados Unidos tacanhos, hipócritas, odiosos. Vocês aqui alimentam seus filhos com pêssegos em lata e arte enlatada, e espantam-se por eles não serem bonitos. Vocês não os deixam crescer livres. Perseguem seus verdadeiros artistas. Colocam-nos debaixo dos tacões de policiais gorduchos, como aqueles sentados na plataforma em meu concerto em Indianápolis. Ah, eles não compreendem o verdadeiro amor,

⁵⁷⁶ A caracterização da professora Rosa foi retirada do livro de Osman Lins, **O Visitante** (LINS, 1955: 30/35-36).

⁵⁷⁷ Aqui eu utilizo palavras de Eugênio Evtuchenko, retiradas de sua **Autobiografia Precoce**. Apesar do livro ser lançado pelo autor apenas em 1963, eu resolvo dissolver as suas idéias no discurso de Eugênia, pois Marluce — que inspira esta personagem — afirma que seu círculo de amigos dedicava grande admiração pela URSS, apesar de ter consciência dos desmandos de Stálin. Sua admiração pela URSS era ainda maior do que pela Revolução Cubana, da qual eles ainda não sabiam quais rumos tomaria. De acordo com Marluce, um dos últimos livros discutidos nos seus saraus lítero-culturais, antes do golpe de 64, foi a autobiografia precoce de Evtuchenko. De acordo com suas lembranças, ela tem a impressão de haver conseguido ter acesso ao livro de Evtuchenko, aqui no Brasil, ainda antes do golpe de 64. Entrevista com Marluce (citações de EVTUCHENKO, 1987: 19/35).

que não significa nada para eles senão um estereotipado anel de casamento. É essa presunção, essa honradez santificada, esse ‘Deus abençoe a mim, à minha esposa, ao meu filho John e sua esposa, a nós quatro e ninguém mais, amém’, característica da América, que me esmaga a alma.”

“Mas faço uma profecia. Vi os revolucionários russos em Moscou parados na rua, alguns tão pobres que enrolam os pés em jornais por não terem sapatos. Mas vi a liberdade estampada em seu rosto quando cantavam a Internacional acenando bandeiras vermelhas. Também vi operários americanos em marcha pela Quinta Avenida. Vi pobres de corpos famintos, costas fracas e ombros murchos. E nesses oprimidos e explorados vejo a esperança para a América. Acordem em tempo! Ou aqueles oprimidos vão começar a pensar, por excesso de miséria. E vão entoar a Internacional na Quinta Avenida, com a bandeira vermelha desfraldada no alto. Afinal, já que vermelha é a cor da juventude, do vigor, esperança e iniciativa e de toda a criação viril, talvez seja a única cura para estes melancólicos e rotineiros Estados Unidos da América’. Adeus, América!”⁵⁷⁸.

Enquanto **Eugênia** aumentava, em dramaticidade, o tom do “Adeus, América!” — alguém bate em sua porta: — **Eugênia**?

— Sim, mainha?

— Venha já tomar o café que estamos atrasadas.

Quando ela chega na mesa do café da manhã, sua irmã mais nova e seus pais já estão sentados. — “*Sua benção, painho!*” Seu pai rumoreja uma resposta que mais lembra um resmungo. Eugênia quase consegue ouvir, dentro dele, o ranger de dobradiças, pesos, roldanas, ferrolhos e rolimãs⁵⁷⁹. É o som de sua aridez. Seu pai é pastor evangélico. E um pastor muito tradicional. Como a Igreja não lhe garante o sustento da família, ele tornou-se comerciário. Sua mãe contribui no orçamento da casa com o seu trabalho de enfermeira no SESC. Também é mulher religiosa. Protestante. Mas, aos olhos da filha, uma mulher

⁵⁷⁸ DUNCAN, 1996: 121-131. Fragmentos da carta publicada no **Heart’s American Weekly**, em janeiro de 1923. Optei por colocar a personagem **Eugênia** citando Isadora Duncan para caracterizar o xenofobismo que Marluce (entrevistada) afirmou existir entre os seus colegas de saraus: [Nesses encontros lítero-culturais,] *nós trabalhávamos a literatura brasileira. Tinham os fãs de Machado de Assis, tinham os fãs de Jorge Amado. Esporadicamente, eu estudava a obra de Graciliano Ramos. Aqueles autores mais ou menos da época de Machado. Jorge Amado era o grande nome do momento. Mas nós discutíamos muitos temas políticos. Em 1962, o Colégio Americano Batista comprou um novo terreno e criou um espaço exatamente para os grêmios agendarem [suas atividades]. Então nós combatíamos, por exemplo, a entrada de produtos americanos como a coca-cola; se discutia a entrada invasiva da cultura americana nos hábitos brasileiros. Havia muito xenofobista. Inclusive eu! (...) Nós também comentávamos muito as crônicas: Carlos Heitor Cony [que tinha uma crônica publicada nos jornais] Correio da Manhã e no Diário da Noite. Otto Maria Carpoux. E nós discutíamos muito essas crônicas lá em casa, depois do golpe de 64. E havia uma grande admiração pela Revolução Russa. Era mais do que a cubana. Eu acho que por conta dos trotskistas que minavam mais as bases do que a Revolução Cubana. Pelo menos [era o que achávamos] no secundarista.*

⁵⁷⁹ **Noivado** (LINS, 1994: 157).

excepcional, à frente do seu tempo. Basta comparar com as mães das colegas de escola. Os dois são muito diferentes. Seu pai assume a homilia de uma direita udenista, beirando à extrema. Prega um discurso moralizante sobre o perigo da ideologia comunista — atéia, não cristã — e sua perseguição às Igrejas de Deus. Essa era a preocupação da vida dele. Já sua mãe, — apesar de ser uma pessoa menos preparada culturalmente, pois era alfabetizada, mas não possuía leituras, como seu pai — era umbilicalmente mais ligada ao **povo**: às suas manifestações culturais, às suas dores da carne. Ajuda na organização de comunidades de bairro. Faz curativos como voluntária em postos de saúde. Foi ela quem levou **Eugênia** para as rodas de candomblé, para o xangô, o pastoril. Ela adora o fandango. Às vezes, parece que ela faz essas coisas para desafiá-lo — a autoridade de pai e marido e homem da Igreja⁵⁸⁰.

Foi através de sua mãe, que **Eugênia**, ano passado, em 1959, foi selecionada num concurso de calouros da **Rádio Jornal do Comércio** e chegou até a discutir um possível contrato. Mas, na hora H, desistiu. Ia ser a morte para o seu pai ter uma filha cantora de Rádio. Já bastavam os conflitos cotidianos entre os dois — pai e mãe: ele era um homem tradicional e ela, aos seus padrões, era uma mulher rebelde. Até suas roupas incomodavam-no: sua mãe gostava de usar ternos. Geralmente saía vestida com uma saia e um blaiser por cima. A comunidade, pelas costas, rumorejava maldosamente sobre esse seu jeito masculino. E seu pai, quando estava com raiva, dizia à **Eugênia**: — “*Sua mãe procura dar a impressão de mártir. De uma santa, com essa história de trabalhar como voluntária em postos de saúde de bairros miseráveis; inclusive tirando dinheiro que falta dentro de casa para arcar com as despesas dos curativos e injeções dos outros! Nunca vi ninguém mais preocupado neste mundo, em ter um aparência Angélica. Mas devia para isso cheirar melhor. Suas roupas recendem sempre a cachorro molhado!*”⁵⁸¹. A mãe ignorava ser motivo dos escândalos mais notórios. Era uma boa mãe. O seu pai é que, em sua maneira oblíqua de atormentar, era invencível⁵⁸². Eles não tinham mais uma vida sexual comum. Vivia cada um para o seu lado. Sua mãe tinha amizades masculinas, porém foi fiel ao marido até o fim: abriu mão da sua sexualidade. No fundo, era uma puritana — assim pensava **Eugênia**.

⁵⁸⁰ Entrevista com Marluce.

⁵⁸¹ **Noivado** (LINS, 1994: 159). Gostaria aqui de reforçar junto ao leitor que entremeio histórias de vida com elementos da literatura de Osman Lins. Essa forma como o pai de Eugênia refere-se à sua mãe faz parte da vida da personagem e não diz respeito à história de vida de Marluce, embora para esta, seu pai, de fato, tenha sido um homem tradicional e sua mãe tenha sido uma mulher adiante de seu tempo.

⁵⁸² **Noivado** (LINS, 1994, 159).

Apesar da cara feia do seu pai, que certamente passará uma semana sem falar com elas dentro de casa, as três — mãe, filha moça e menina — saem juntas. Pegam um ônibus para cidade e de lá seguem para Santo Amaro. Ao passarem diante de uma Igreja, **Eugênia** vê um pássaro que desliza da copa das árvores e, erguendo vôo, orienta-se em direção à rosácea da Capela. Com o movimento do ônibus, há um instante, uma fração de segundo em que o vitral chameja, refletindo o sol, numa palpitação breve e cegante. No centro dessa chama está o pássaro suspenso. Ofuscada, **Eugênia** não o vê e tem a impressão de que ele é consumido por aquela pulsação, engolido ou reduzido às cinzas pelo vidro em fogo⁵⁸³. Mas logo o ônibus segue e a imagem se esvai.

Ao chegar em Santo Amaro, as três mulheres, mãe e filhas, separam-se: a mãe segue para o Posto de Saúde, enquanto as moças vão para o terreno baldio onde ocorrem as representações populares em dias de festa. É um feriado de muita luz e de muita alegria na parte do mangue de Santo Amaro — o *outro lado* do bairro, onde ainda havia palafitas à mercê das marés⁵⁸⁴. No terreno baldio das representações populares, estava havendo um desafio de cantadores. O pessoal acompanhava com atenção, os dois violeiros que tocavam e cantavam. Havia um mundo de gente fazendo um círculo em torno dos cantadores, uns em pé, outros acorados no chão, outros sentados em caixões de *querosene jacaré*. Os violeiros cantando⁵⁸⁵:

É o diabo de luto
No ano que no sertão
Se finda o mês de Janeiro
E ninguém ouve o trovão
O sertanejo não tira
O olho do matulão

E diz à mulher
Prepara o balaio
Amanhã eu saio
Se o bom Deus quiser
Arrume o que houver
Bote em um caixão
Encoste o pilão
Onde ele não caia
Arremende a saia
Bata o cabeção

⁵⁸³ **Noivado** (LINS, 1994: 165).

⁵⁸⁴ Entrevista com João. Ele diz que gostava de ir para o *outro lado* de Santo Amaro. Tanto em criança, quando ia tomar banho na maré, quanto em adolescente para participar das festas populares.

⁵⁸⁵ CASTRO, s/d: 21.

Se meu padrim padre Cícero
Quiser me favorecer
Eu garanto que amanhã
Quando o sol aparecer
Nós já sabemos da terra
Onde ache o que comer⁵⁸⁶

No posto de saúde, há dois feridos. Dona Idalina, que vende tapioca no centro do Recife e Sebastião que esculpe imagens em quengas de côco as quais leva para vender no Mercado de São José. A mãe de **Eugênia** olha os dois ali sentados. Ambos com queimaduras. Ele com um talho na cabeça. Fruto de uma briga entre os dois apartada pela comunidade. Sua mãe, enquanto cuida dos dois feridos, acerca-se da história, pois conhece a negra Idalina de antes e julgava-a uma mulher dócil e trabalhadeira. Enquanto isso, **Eugênia** e a irmã divertem-se com o **Bumba-meu-Boi** de duas pernas apenas, magro e seco, cabeça e chifres. Enormes chifres balançando no ar como um fantasma de boi. Realmente o boi era só chifre e pele, porque carne mesmo ele não tinha, como afirmava o cantador, que palpando o boi por toda parte nunca encontrava em parte alguma sinal de carne⁵⁸⁷.

Eu fui ver na cabeça
Eh! Bumba!
Achei ela bem lêta
Eh! Bumba!

Eu fui lá na ponta
Eh! Bumba!
Ela de mim não fez conta
Eh! Bumba!

Eu fui ver no pescoço
Eh! Bumba!
Achei ele bem torto
Eh! Bumba!

Quando Idalina apareceu, com o fogareiro de ferro na cabeça e, no braço, a tigela de goma de côco para fazer tapioca, o Sebastião, que já naquela hora tinha bebido uns goles de cachaça, começou a gritar em volta da negra: — “*A filha de Idalina é mulher perdida! É a melhor mulher da Rua do Fogo! Ontem, dormi com ela na Rua do Fogo!*” O doido não tinha acabado de gritar, quando o fogareiro da negra desabou-lhe violentamente em cima da cabeça, arrebatando-lhe a cara toda. Sebastião caiu numa poça de sangue, cercada

⁵⁸⁶ Versos de João Martins de Athayde, “O Retirante”, citado por Josué de Castro em sua obra *Homens e Caranguejos*, p. 21.

⁵⁸⁷ CASTRO, 1967: 157.

pelas brasas do fogareiro. Na confusão, os moradores apartaram os dois. Idalina, sempre tão branda e dócil. Sebastião sempre foi atrevido e de maus modos. Mas tinha, é bem verdade, a sua arte de trabalhar o côco com as mãos, de esculpir com a faca afiada imagens e figuras que tinham a sua graça.

Eu fui ver nas apá
Eh! Bumba!
Não achei nada lá
Eh! Bumba!

Eu fui ver lá na mão
Eh! Bumba!
Não achei nada não
Eh! Bumba!

Eu fui ver nas costelas
Eh! Bumba!
Não achei nada nelas
Eh! Bumba!

Escoltada pelos moradores até o posto de saúde, Idalina caminhava sem levantar os olhos para ninguém. E, enquanto seguia, as lágrimas caíam dos seus olhos na areia quente da rua. Passava por sua cabeça cansada toda a tragédia de sua alma de mãe, diante da desgraça da filha. Primeiro perdeu-se com um jovem doutorzinho que lhe aplicou umas injeções no posto médico. Depois viveu um tempo com um advogado, mas ele tinha família que veio para cidade e ele a abandonou. Daí em diante, a sua Zefinha fora passando de mão em mão. Um caixeiro viajante, um prático de farmácia, um motorista de caminhão. Depois, enfim, a massa indistinta, sem nome, sem predileção, sem tempo para conhecer. Foi morar no bairro de São José. Depois, num segundo andar da Rua do Rosário. Descendo de degrau em degrau, lá estava agora a sua Zefinha morando numa casa de janelas verdes na Rua do Fogo⁵⁸⁸. No posto de saúde, um soldado lhe pergunta: — “*É mentira, Dona Idalina, o que disse este homem que sua filha mora na Rua do Fogo?*” — “*Não, senhor, é verdade.*”, ela responde. O soldado pergunta, então: — “*E por que quis matar o homem se ele estava falando a verdade?*” — “*É que nem toda a verdade se diz*”, respondeu a negra Idalina já com a voz mais firme, sem o tremor dos soluços. E tornou a baixar a vista. O soldado deu o interrogatório por encerrado e, por justiça, piedade ou prudência — quem poderá jamais saber os verdadeiros motivos das ações humanas — deixou Idalina em liberdade. — “*A senhora pode voltar para sua casa*”. Mas por lá ela não mais voltou.

⁵⁸⁸ CASTRO, 1967: 157/160.

Mandou buscar por um portador o neto e os cacarecos. Ninguém em Santo Amaro teve mais notícia de Dona Idalina⁵⁸⁹.

Eu fui ver no vazio
Eh! Bumba!
Achei o boi bem esguio
Eh! Bumba!

Eu fui ver no chambari
Eh! Bumba!
Não achei nada ali
Eh! Bumba!

Eu fui ver o cocotó
Eh! Bumba!
Andei bem ao redor
Eh! Bumba!

As crianças correm atrás do boi de tecido de chita. Nos chifres, fitas coloridas. Puxam-lhe o rabo magro. A irmã de **Eugênia**, menina de nove anos, segue-as, crianças descalças, os pés sujos de barro e areia, rindo, feliz da vida. Parte-se em suas mãozinhas ávidas de criança, uma das fitas entrelaçadas do fantasma de boi. E, com ela, a irmã mais nova de **Eugênia** dá um laço na alcinha do seu vestido de menina.

Eu fui ver na rabada
Eh! Bumba!
Não achei ali nada
Eh! Bumba!

A mãe costura com linha e agulha apropriadas o ferimento de Sebastião. Ao colocar seus dedos industriais na chaga daquele homem, por mais leves que fossem as suas mãos, sábias e clarividentes, ciente que estava a praticar atos em sua carne, das partes a reunir, ou extrair, por mais segura que fosse da situação das veias, do couro, de suas relações e profundidades, sabia que se por qualquer circunstância se descuidasse, o fio ou a agulha dos quais se servisse, um nada, útil à sua operação, mas que não estivesse exatamente puro, ou suficientemente purificado, ela o mataria. Um fiozinho mal preparado tornaria o seu saber assassino⁵⁹⁰. Ela dá três pontos, apenas. Ao final, traça-lhe um nó.

Mais tarde, ao sair do posto de saúde, encontra **Eugênia** e sua irmã mais nova: elas tinham ido refrescar-se do sol no sombreado do mocambo de Dona Joana. As meninas já são conhecidas na comunidade, por causa da mãe. E todos fazem muito gosto em agradá-las. Dona Joana faz mururu: torra grãos de milho com que faz o fubá, onde mistura carne

⁵⁸⁹ CASTRO, 1967: 157/160.

⁵⁹⁰ VALÉRY, 1996: 35-37.

de siri⁵⁹¹. E não permite que as três vão-se embora sem almoçar por lá. Quando iam saindo do mocambo de Dona Joana, vêem Almirante Siri, o mestre do fandango que, religiosamente, faz seus ensaios nas tardes de sábado. E aí daquele que não leve a sério os ensaios! Ele caminha com vagar, equilibrando no ombro suas latas e rodilhas de caranguejo, à caminho da cidade. Hoje se atrasou, pois parou para brincar com o boi-bumbá. A pequena corre para ver-lhe as rodilhas de caranguejos amarrados uns aos outros, inocentes do seu destino: certamente alguma panela de água fervente. Ela grita-lhe: — “*Almirante Siri, Almirante Siri!*” Ao mesmo tempo um grito de chamado e a anunciação de um título. Acerca-se deles — homem e caranguejos. Se tivesse uma tesourinha, pequenina que fosse, teria manhas de realizar um gesto para soltá-los.

As três — mãe e filhas — seguem para o centro do Recife. Com elas, vai Dona Idalina e seu neto. A mãe está levando os dois para passarem uns tempos em Tejipió, na casa da família, até que a amargura do coração da negra se abrande. Ao lado do Cemitério de Santo Amaro, há agora a nova garagem dos ônibus elétricos que começarão a rodar na cidade no mês de Maio. A irmã de **Eugênia** chama sua mãe: — “*Mainha, mainha, maiiiinha, vamos ver os ônibus novos! Por favor, por favor, por favoor!*” — a pequena puxa-lhe pela aba do paletó, saltitante, juntando as mãozinhas como um louva-a-deus! Elas, então, seguem com Idalina e seu neto para ver os novos **trolleybuses** que serão inaugurados em Maio. Andam até a garagem que fica ao lado do Cemitério — a parte de Santo Amaro que já não é mais mangue, com suas casas populares construídas pelo Serviço Social Contra o Mocambo. Elas ficam paradas em frente à garagem observando a frota: são 65 veículos novinhos em folha. Tinindo. A escola da pequena irmã de **Eugênia** já encaminhou aos pais um aviso de que farão um passeio com as crianças no **Trolleybus**, assim que estes forem inaugurados⁵⁹². Enquanto olham para a frota Idalina comenta:

Idalina — A senhora viu o pobre do trabalhador que foi espancado pelo cobrador e motorista da linha Torre – Madalena? Bateram no pobre e atiraram ele no canal, só porque ele exigiu os cinquenta centavos do troco a que tinha direito. O trabalhador já não tem o que dar de comer aos seus filhos e ainda é obrigado a passar por um vexame desse?⁵⁹³.

⁵⁹¹ O meu entrevistado Epitácio Vieira possui um romance publicado: **O Cadilaque e o Beijo da Velhinha**. VIEIRA, 1984: 19.

⁵⁹² Entrevista com João. Na sua escola, as crianças foram levadas pela professora para passear de trolleybus.

⁵⁹³ **Diário de Pernambuco**, 07 de abril de 1960. “Ganância Rodoviária”.

Eugênia — Isso é uma injustiça e uma vergonha, isso sim. É culpa desses exploradores donos das empresas privadas que aumentam descaradamente o preço da passagem fixada em quatro cruzeiros e cinquenta centavos, instruindo os cobradores a não darem o troco em centavos. A passagem fica então sempre em cinco cruzeiros, com a desculpa de falta de moedas. Se fosse só uma vez ou outra, mas não, isso acontece todo dia, toda hora, com todas as pessoas que viajam. Isso é um rendimento ilegal em cima dos pobres dos trabalhadores honestos⁵⁹⁴. Mas isso agora vai mudar, vocês vão ver! Com a Companhia de Transportes urbanos, as empresas privadas vão ter que responder à Prefeitura. Vocês vão ver como esse desmando vai acabar: essas empresas fazendo greves para aumentar a passagem a toda hora e, depois do acordo feito, ainda aprontando uma marmota dessa!⁵⁹⁵

Mãe de Eugênia — Aquiete seu coração, Idalina. Que o tempo é de mudanças. Dá pra sentir no ar. Rezemos apenas para que sejam todas mudanças para dias melhores.

Eugênia — Minha Nossa Senhora, você ainda tem alguma dúvida disso, mainha? Esses ônibus mostram a intenção da Prefeitura de organizar a sociedade de uma outra forma. Eu li no jornal que depois que começarem a circular os primeiros ônibus elétricos, esses que vão fazer as linhas Torre-Madalena e Casa Amarela, já foi acordado que haverá também uma linha circular da Cidade, com tarifa reduzida; ela irá fazer o itinerário: Avenida Rio Branco, Praça da República, Ponte Santa Isabel, Rua da Aurora, Parque 13 de Maio e Rua do Hospício, voltando para o centro pela Avenida Guararapes⁵⁹⁶. Depois a proposta é abranger ainda outras áreas como a Campo Grande, Caxangá e a Várzea⁵⁹⁷. Se duvidar, os ônibus da Prefeitura vão acabar ocupando todos os espaços da cidade, controlando os preços e os desmandos

⁵⁹⁴ **Diário de Pernambuco**, 07 de abril de 1960. “Ganância Rodoviária”.

⁵⁹⁵ Virgínia Pontual lembra-nos que o enfoque dado, pela gestão de Pelópidas na Prefeitura, aos transportes e comunicações seguem as recomendações feitas pelo Congresso de Salvação do Nordeste (1955). Inclusive, com a criação de uma Autarquia Municipal que centralizasse e coordenasse todos os serviços urbanos, encampando a *Pernambuco Tramways* pelo governo municipal. Era a busca da municipalização dos serviços urbanos públicos. Bem como uma forma de exercer controle sobre as empresas particulares que fizeram duas greves durante sua gestão: a primeira em 1957 e a segunda em 1959 (PONTUAL, 2001, 147).

⁵⁹⁶ **Diário de Pernambuco**, 14 de abril de 1960, p. 05: “Ônibus elétricos serão postos na linha circular da cidade”. Respondendo a uma pergunta do delegado Haroldo Colares, disse o presidente da CTU não restar dúvida, a esta altura dos acontecimentos, de que os 65 veículos adquiridos pela Prefeitura circularão com absoluta exclusividade nas linhas indicadas. Esclareceu, por outro lado (no que concordou o Sr. Bruno Shwambach, proprietário da empresa Borborema) que foi definitivamente resolvido o impasse surgido entre a Municipalidade e as empresas particulares que serão deslocadas. Os últimos entendimentos realizados resultaram satisfatoriamente; a PMR oferecerá garantias aos permissionários, através de contratos.

⁵⁹⁷ **Diário de Pernambuco**, 14 de abril de 1960, p. 05: “Ônibus elétricos serão postos na linha circular da cidade”. No **Diário de Pernambuco**, dos dias 26 e 27 de abril de 1960, cria-se uma polêmica acerca de boatos de sabotagem dos ônibus elétricos.

desses grandes empresários de nomes estrangeiros. Se alegre Dona Idalina, que se está construindo um mundo melhor para o seu neto. Ele não há de passar nem um terço das agruras que a senhora teve de amargar na vida.

Depois que as crianças satisfazem a sua curiosidade, o grupo toma um ônibus para o centro da cidade. Seguem para Rua da Aurora. Ao chegar à cidade, a mãe resolve sentar na Sorveteria do Guemba. Antes mesmo de pedirem os sorvetes, Eugênia vê, do outro lado do Rio Capibaribe, na Rua do Sol, Eleutério sozinho sentado à beira do rio observando a paisagem. Ela pede licença a sua mãe para ir ter com ele. A mãe olha nos olhos da filha, acaricia-lhe o rosto, e diz: — *“Vá, mas tenha juízo! E volte para cá depois.”*

4.3. - PROCURANDO CAMINHOS

Eleutério, no quarto, lustra seus sapatos com escova e cera. Embora seja tímido, ao mesmo tempo, é muito vaidoso. O que não deixa de ser um movimento curioso, posto que a timidez é um movimento de evasão do coletivo, enquanto que a vaidade é uma necessidade de reconhecimento pelo mesmo. Internamente, o caso resume-se da seguinte forma: ele é vaidoso, mas se sente constrangido quando percebe que alguém percebe sua vaidade. No dia-a-dia, mantém sempre o sapato bem lustrado. A camisa eternamente por dentro da calça e o cabelo à escovinha, que o tem bem farto, modelado com fixador Juvênia. Não gosta da marca Glostora. E perfume Lancaster. Na sua parte do armário, há um terno cinza “Tropical Aurora” do qual ele ganhou o corte de duas senhoras de cabelos brancos e mandou fazê-lo num alfaiate em Recife. Ele gosta muito deste terno; acha que lhe cai bem. Nunca usa ternos brancos. No cotidiano acostুমou-se a usar ternos azuis claros ou marinhos, de Casimira — pois era a cor mais ou menos padrão dos pastores. Como uma farda. Ternos de linho eram muito trabalhosos para passar, afora que Eleutério julgava a casimira mais elegante⁵⁹⁸.

Deveria agora decidir que rumo tomar neste dia de feriado, para escolher a roupa a vestir. Caso a opção seja o cinema, há vários no centro da cidade, como o São Luís, em que não é permitido entrar sem terno e gravata ou com roupa de colegial. Ele larga os sapatos,

⁵⁹⁸ Entrevista com Epitácio.

limpa a mão numa toalha e pega o jornal deixado sobre sua cama para verificar as alternativas de filmes para hoje⁵⁹⁹:

Centro da Cidade		
Cinema	Filme	Horários
Art-Palácio	“Armadilha Sagrenta”, com Richard Widmark.	13:30, 15:30, 17:30, 19:30, 21:30.
Boa Vista	“A Espada de Robin Hood”, com Don Taylor.	14:20, 16:00, 17:40, 19:20, 21:00.
Glória	“A Cilada” e “Tarântula”, com John Agar.	Sessões contínuas a partir das 12:00.
Ideal	“Falta Um Para Vingar”, com Jack Mahoney.	14:20, 16:00, 17:40, 19:20, 21:00.
Moderno	“Torpedo”, com Glenn Ford.	13:30, 15:30, 17:30, 19:30, 21:30.
Politeama	“Atire para Matar”	18:30, 20:30.
São Luís	“Pintando o Sete”, com Oscarito e Sônia Mamed.	13:10, 14:50, 16:30, 18:10, 19:50, 21:30.
Soledade	“Europa 51”, com Ingrid Bergman.	18:30, 20:30.
Trianon	“Meu Melhor Companheiro”, com Fess Parker.	12:50, 15:00, 17:10, 19:20, 21:30.

Afogados		
Cinema	Filme	Horários
Capricho	“Macabro”, com William Price.	18:30, 20:30.
Central	“Encontro com o diabo”, com Dany Robin	18:30, 20:30.
Eldorado	“O Cristo de Bronze”, com Kazuko Okada.	18:30, 20:30.
Pathé	“A Noite Conspira com a Morte”, com Richard Montalban.	18:30, 20:30.
São Jorge	“Caminho Sangrento”, com Gene Nelson.	18:30, 20:30.

Água Fria		
Cinema	Filme	Horários
Império	“Ama com Ternura”.	18:30, 20:30.

Areias		
Cinema	Filme	Horários
Guararapes	“Macabro”, com William Price.	18:30, 20:30.

Arruda		
Cinema	Filme	Horários
Olímpia	“Orfeu do Carnaval”, com Breno Mello.	18:30, 20:30.

⁵⁹⁹ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 11 pós-esportes. Coluna “Cinema, cartaz do dia”.

Barro		
Cinema	Filme	Horários
Itatiaia	“O Valor de Viver”, com Arturo de Cordova.	18:30, 20:30.

Beberibe		
Cinema	Filme	Horários
Beberibe	“O Amor de Minha Vida”, com Daniel Gelin.	18:30, 20:30.

Campo Grande		
Cinema	Filme	Horários
Éden	“A Última Caçada”, com Robert Taylor.	18:30, 20:30.
Vera Cruz	“Legião de Heróis”, com Gary Cooper.	18:30, 20:30.

Casa Amarela		
Cinema	Filme	Horários
Albatroz	“O Corcunda de Notre Dame”, com Gina Lollobrigida.	18:30, 20:30.
Casa Amarela	“Invasão dos Discos Voadores”.	18:30, 20:30.
Coliseu	“Marcelino Pão e Vinho”, com Pablito Calvo.	18:30, 20:30.
Rivoli	“É de Chuá”, com Oscarito e Grande Otelo.	18:30, 20:30.

Caxangá		
Cinema	Filme	Horários
Caxangá	“Colina 24 não responde” e “O Homem Crocodilo”.	19:30.

Cordeiro		
Cinema	Filme	Horários
Brasil	“O Chicote Negro”.	18:30, 20:30.
Cordeiro	“Chico Fumaça”, com Mazzaropi.	18:30, 20:30.

Encruzilhada		
Cinema	Filme	Horários
Encruzilhada	“Reinado de Terror”, com Sterling Hayden.	18:30, 20:30.
Recife	“O Semeador de Felicidade”, com Joanne Dru.	18:30, 20:30.

Espinheiro		
Cinema	Filme	Horários
Espinheirense	“Pecadora da Ilha”.	18:15, 20:15.

Olinda		
Cinema	Filme	Horários
Duarte Coelho	“Chucho, o Remendado”, com Tin-Tan.	18:30, 20:30.
Olinda Carmo	“A Bela e o Gato”, com Jack Hawkins.	18:30, 20:30.



Fig. 63. Cinema São Luiz.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 64. Cinema Império.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 65. Cinema Boa Vista.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fig. 66. Cinema Glória.

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Pina		
Cinema	Filme	Horários
Atlântico	“A Maldição de Frankenstein”, com Peter Cushing.	18:30, 20:30.

Santo Amaro		
Cinema	Filme	Horários
Santo Amaro	“Paixão de Toureiro”.	18:30, 20:30.

Tejipió		
Cinema	Filme	Horários
São João	“O Grande Golpe”, com Sterlin Hayden.	18:30, 20:30.

Torre		
Cinema	Filme	Horários
Modelo	“Apego a Marinha”, com Tom Neal.	18:30, 20:30.
Torre	“Stella”, com Melina Mercouvi.	18:30, 20:30.

Ele gostaria de assistir Orfeu no Carnaval, mas só tem sessão às 18:30, no Cinema Olímpia, no Arruda. Tem também uma apresentação de coro e orquestra, no **Convento de Santo Antônio**⁶⁰⁰, na Rua do Imperador, onde o Frei Cecílio Sommer regerá um coro misto e orquestra num programa de duas partes: constará de música erudita e folclórica. A primeira parte será “A Vida de Nossa Senhora na Música”. Depois serão ouvidos trechos de Vida Breve, em si bemol, de Bach. Mas isso ocorrerá às 17:30. Todas as três opções de peça de Teatro estão marcadas para às 20:30⁶⁰¹: No **Teatro do Parque** a Cia Barreto Júnior apresenta uma comédia de Oduvaldo Viana, “Feitiço”, onde Barreto Júnior faz o papel de Nhonhô. No **Teatro Marrocos**, Procópio Ferreira e seus artistas fazem sua última apresentação na cidade de “Meu Marido é um Santo”. E, no **Teatro Santa Isabel**, o TAP monta a peça “Assassinato à Domicílio”, um policial de Frederick Knott, em comemoração ao seu 19º aniversário.

É cedo ainda. **Eleutério** não conseguirá ficar no Castelo sem ter o que fazer. Então resolve ir para o **Horto de Dois Irmãos**. Ele adora andar pela cidade. Assim que chegou ao Recife, ele ficou fascinado. Veio de um interior muito seco, árido, sem arborização. Aqui ficou encantado: eram tantas árvores, mangueiras, jambeiros — nunca antes havia visto um jambeiro — muita jaqueira e pés de saputi, a terra dos altos coqueiros! Praças grandes e muito arborizadas exerciam sobre ele um verdadeiro sortilégio: o 13 de Maio, o Derby, a

⁶⁰⁰ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 03 pós-esportes. Coluna Diário Artístico, de Joel Pontes.

⁶⁰¹ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 11, pós-esportes. Teatro.

Praça de Casa Forte. E os Rios e as Pontes, então?! Adorava olhar o Rio Capibaribe à noite, da Ponte Duarte Coelho. Ficava ali, sozinho, olhando a luz dos postes e das propagandas luminosas refletidas nas águas do Capibaribe. As águas tão límpidas que se via a areia ao fundo⁶⁰². As paisagens da cidade encantavam-no, inclusive as mais urbanas: a Rua Nova, a esquina do Cinema São Luís, o Mercado de São José, onde ia comprar coisas para merendar, à noite, no Castelo. Frequentava a Guararapes — onde gostava de ficar em pé de longe, observando as pessoas no Savoy; às vezes alguém recitava poesias, declamava, e **Eleutério** fazia gosto em observar, de longe, esses acontecimentos. Frequentava também a Ponte Duarte Coelho, a Rua da Imperatriz. Só não frequentava o Recife Antigo. Passava por lá apenas quando vinha ou ia para a Rodoviária.

Havia também as mulheres. Eleutério acha as mulheres pernambucanas muito bonitas, mais do que as cearenses ou paraibanas. São, em geral, morenas bonitas. Esse detalhe não lhe escapa. Mas, como vem do interior do Ceará, filho caçula de uma família muito religiosa, muito tradicional, onde o namoro é realizado à antiga, então ele se chocava com o comportamento das moças do Recife. Achava-as muito fáceis, atiradas, espevitadas. Algumas tomavam a iniciativa de cortejar o rapaz. Quando ele sofria qualquer tipo de assédio ele tinha medo. Na verdade, ele ficava aterrorizado. Não sabia onde pôr as mãos, o que dizer, ou para onde olhar, o rosto em brasas. Era uma situação constrangedora.

Já a paisagem do Recife exercia sobre ele um encantamento tranquilizador. Frequentava pouco a praia. Mas habitualmente ia ao Parque 13 de maio ou ao Horto de Dois Irmãos. Às vezes, passava o dia inteiro no Horto: entrava pela manhã e saía à noite, almoçando mesmo por lá. Sempre levava um livro. Aliás, este era outro de seus hábitos: andar com um livro para todo lugar. Mas não fazia apenas ler: no Horto, subia aqueles morros todos por lá. Sempre foi um admirador da Natureza, do verde, das árvores. Só não gostava dos besouros. Está resolvido: escolhe um livro de contos de Tchecov, uma camisa de meia manga, sapatos lustrados, uma calça de casimira, um cinto da mesma cor dos sapatos, perfume Lancaster, fixador Juvênia e segue para o Horto de Dois Irmãos.

⁶⁰² Entrevista com Epitácio.



Fig. 67. Estrada de acesso ao Horto de Dois Irmãos.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 68. Açude do Horto de Dois Irmãos.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.



Fig. 69. Cisne a beira do açude do Horto de Dois Irmãos.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Ao chegar lá, sentou-se em frente ao açude, num banquinho de cimento, desses que há na entrada do mato. Abriu seu livro para ler. Porém logo constatou que se imiscuir na vida do cocheiro Iona Potapov⁶⁰³, não havia sido a melhor de suas escolhas para o dia de hoje, em que amanhecera com o espírito em sobressalto. Ele levanta os olhos para a copa das árvores enquanto se pergunta: — “*O quê que eu tenho de certo em minha vida?*” Há pouco descobriu que não queria seguir uma carreira religiosa porque seu pensamento social, cultural e político não tinha espaço para expandir-se no meio evangélico. Ele não tem curso algum além da formação obtida no seminário. O que ele sabe e gosta de fazer é estudar, ler... Mas onde se encaixar, que profissão seguir, qual a sua vocação a partir de agora? Às vezes, acha que está enlouquecendo: sua decepção com o círculo religioso, suas dúvidas, sua falta de prumo, de rumo.

Eleutério abandona o livro no colo, leva as mãos ao rosto e expira ruidosamente. Olha para as águas do açude e vê um cisne negro — ou talvez seja apenas o efeito das sombras do arbusto ao seu lado. E pensa acerca do longo, meticuloso e casual trabalho da vida para engendrar os devires; afinal, apesar da formação religiosa, não é *criacionista*. Ele imagina a milimétrica mudança, arte em filigrana, a vida como ourives de si mesma — desde o longo **período cambriano**, com a terra deserta e a vida confinada às águas sem peixes. Nenhum vertebrado. Moluscos, esponjas, medusas, longos triblitas varejando as espessuras marinhas, à deriva. Depois do cambriano, grandes como os homens, e até maiores, surgem os escorpiões marinhos. Multiplicam-se, instauram nas espessuras salgadas o seu reinado. Nadam lentos, com as patas abertas, semelhantes a grandes serafins agressivos. Milhões de anos mais tarde, consumado o ciclo de sua passagem flagradora, transportam-se para as águas doces ou salobras, onde se abrigam sem grande poder, nos estuários⁶⁰⁴.

No **carbonífero**, crescem as árvores e os insetos gigantes, multiplicam-se besouros, formigas, as florestas, borboletas de asas grandes como ventarolas pastam nas Campinas⁶⁰⁵. No **permiano**, desenvolvem-se os répteis, grossas camadas de gelo cobrem o sul da África. Os dinossauros, ao longo de cem milhões de anos, imperam sobre a terra. No **cretácio**, desabrocharam as flores, os Pirineus, as Montanhas Rochosas, o Cáucaso o Himalaia, o esqueleto harmonioso dos peixes⁶⁰⁶. Focas? Morsas? Rasga-se no **eoceno** um

⁶⁰³ TCHEKHOV, 1999: 132.

⁶⁰⁴ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 176).

⁶⁰⁵ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 182/183).

⁶⁰⁶ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 187).

alforje negro e frio, dele saltam com as longas pernas torcidas, os olhos de bêbado, o couro viscoso, todos os sapos e rãs que habitam pesadelos, pântanos e troncos ocos. Alguns, como o bicho-da-seda, hibernam, depois rompem o casulo, fazem-se morcegos, alçam vôo às alturas da noite. Com os morcegos, também os lêmures se aventam. Fazem-se mais leves os ossos de alguns entes, penas cobrem seus corpos, eles cruzam o ar. Peixes temerários se erguem sobre as águas. Alguma ave, aterrada com a própria voz, põe-se a cantar⁶⁰⁷. Os continentes unem-se e desunem-se, vem o gelo e o fogo, pedras transformam-se em rinocerontes, ventos em cavalos, cuias em tatus, sombras de ramagens em tigres, auroras em leões, esponjas em preguiças, tranças de ramos em renas e veados, enche-se a terra de bramidos, urros, silvos, relinchos e mugidos, e, de repente, há um silêncio: eis a hora do homem⁶⁰⁸. Eleutério sente iluminar-se por dentro, fecha os olhos e se vê como quem vê um ovo contra o sol⁶⁰⁹.

Ao abrí-los e olhar ao redor de si, **Eleutério** percebe uma mulher sentada na amurada perto dos búfalos. Olhava para ele e, ao ver-se vista, começou a dar sinais, como se fosse uma mulher de vida liberada. O Horto de Dois Irmãos era conhecido como “O Maior Recurso Natural do Brasil” — trocadilho para *casa de recurso*, que serve aos encontros amorosos⁶¹⁰. Ela dava sinais e ele recusava; recusava em nome de sua consciência, de sua convicção, de seu medo. — “*Mas é tão fácil*”, ele pensa. — “*É só ir em direção a ela, subir esses morros, esses matos e me permitir ter essa experiência*”. Ela estava sentada na amurada. Aparentemente, apenas lhe aguardando. Olhava para ele e dava sinais. **Eleutério** levanta-se resoluto e sai em direção à tal moça. De repente, estanca, disfarça, simula que esqueceu alguma coisa, dá meia volta e sai do Horto de Dois Irmãos. Sua urgência em sair dali é tanta que ele, ao invés de esperar um ônibus, como é seu costume, pega uma auto-lotação. Pelo caminho, vem ouvindo as imprecações do motorista contra a prefeitura que — ouviu dizer — não concederá mais licenças para auto-lotações como a sua⁶¹¹. **Eleutério** não

⁶⁰⁷ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 188).

⁶⁰⁸ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 189).

⁶⁰⁹ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 180/181).

⁶¹⁰ Entrevista com Jarbas. Ele conta que essa foi uma das muitas pilhérias inventadas durante os trotes das faculdades de Medicina e Engenharia, que eram ansiosamente aguardados durante todo o ano.

⁶¹¹ **Diário de Pernambuco**, 21 de abril de 1960, p. 14. *Prefeitura e D.E.R. não concederão mais licença para o tráfego de lotações*: “O Conselho regional de trânsito vai expedir recomendações à Prefeitura e DER no sentido de que não concedam novas licenças para que auto-lotações façam o serviço de transporte coletivo. O ofício, que será dirigido ao Departamento de Estradas e Rodagem, refere-se, apenas, à linhas de cidades que tenham ligação com o Recife. A sugestão foi feita pelo delegado do Código Nacional do Trânsito — que proíbe a circulação à veículos coletivos com menos de 20 passageiros e com apenas 01 porta. (...) Ao aprovar a sugestão do titular da DT, o plenário do CRT fez observações gerais em torno do transporte auxiliar por auto-lotações. A providência fora motivo de reclamações, anos atrás, do Engenheiro Edgar

lhe dá atenção, imerso em si, está ansioso para voltar ao centro. Vem ruminando as franjas soltas de algum velho pensamento. Ao chegar à cidade, **Eleutério** senta-se à beira do Rio Capibaribe, abre a última capa do seu livro e começa escrever:

“Vejo-me na rua, só, no entardecer. Ou só ainda que num local repleto onde tenho a sensação de que olhos e bocas zombam de mim, de minha situação, como se eu não fosse capaz de esconder o que se passa. Sinto minhas roupas amassadas, sujas, transparentes e inoportunas como meus gestos e pessoas olham e riem com um riso mofo de minha pequenez. Um simples homem de braços abertos que meio sem jeito assemelha-se a um espantalho distanciando pessoas e permanecendo só, apesar do esforço. O entardecer é a pior de todas as sensações. É como se o dia entardecesse também dentro de mim. Lembro-me de pequeno brincando com aquarelas num papelão e de ter mostrado o resultado feliz a minha avó e ela dizendo: “Este quadro é você e este sou eu...” E, ante os porquês, ela respondeu: “Estes tons me lembram um dia nascendo cheio de luz e os outros lembram uma vida ao entardecer”. Hoje isto parece um vaticínio sobre a minha vida: um crepúsculo sem deuses. E acho a noite tão bela; não tenho nada contra a chegada da noite. Mas o silêncio que ela traz provoca uma poluição sonora interior onde latejam todas as veias, coração, cérebro... A angústia parece que vai rachar o peito em dois mais uma vez, como se já não bastasse a maldição dos andróginos e suas metades, agora eu – uma simples metade da metade – rasgar-me novamente e perder-me de mim. A dor é como se assim fosse. A dor.”

4.4. - ALGUNS REENCONTROS

Antes mesmo de pedirem os sorvetes, **Eugênia** vê, do outro lado do Rio Capibaribe, na Rua do Sol, **Eleutério** sozinho sentado à beira do rio observando a paisagem. Ela pede licença a sua mãe para ir ter com ele. A mãe olha nos olhos da filha, acaricia-lhe o rosto, e diz: — “Vá, mas tenha juízo! E volte para cá depois.” Eugênia atravessa a Ponte Duarte Coelho. Ao se aproximar de **Eleutério** vê que ele escreve com premência algo na contracapa de um livro. Como se tivesse medo que algo lhe escapasse. Ela fica em pé, olhando-o.

*Amorim, que chegou a considerar aquele tipo de transporte como sendo ‘um câncer no trânsito da capital’. (...) O Sr. Artur Schwarmbach, representante dos proprietários, encaminhou ao plenário da CRT estatística realizada pelo seu órgão de classe do Recife [Sr. Bruno **Shwambach** é proprietário da Empresa Borborema]. (...) Concorde a estatística em que deve haver um corte excessivo no número de veículos coletivos que vão até o bairro do Recife (...).*



Fig. 70. Vista da Rua da Aurora.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

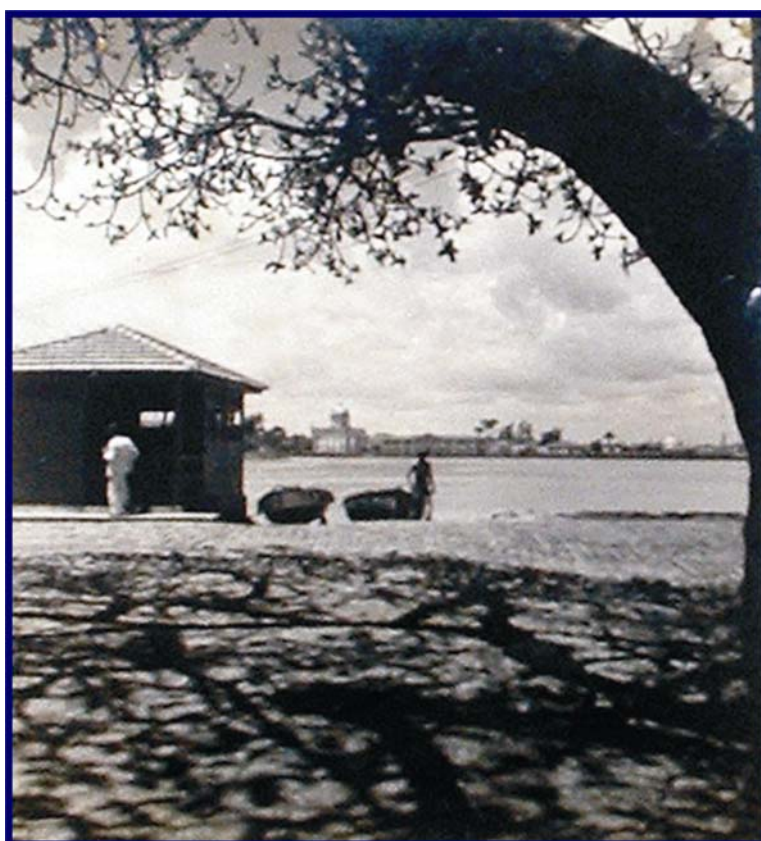


Fig. 71. Vista da Rua da Aurora a partir da Rua do Sol.
Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Recife.

Quando ele a vê, com aquele batom carmim, tem a impressão de ter uma experiência mística: esta é a mulher de sua vida. Sem ela, ele entrará por um caminho muito perigoso, muito difícil. Ela é sua salvação⁶¹². **Eugênia** brilha com a luz da tarde que desce entre os ramos das árvores que margeiam o Rio. Ela sorri e ele sente-se preso naquela rede feita de cacos de sombra e manchas claras⁶¹³. Ele de braços cruzados, sem gravata, colarinho levantado, o corpo mal ajustado na roupa. Ela de solidéu, prendendo-lhe os cabelos, a saia ajustada na cintura ampliando os quadris. Atraente, com qualquer coisa de intenso e de maduro em sua blusa pérola e saia esverdeada. Recende a pó-de-arroz, perfume e panos limpos⁶¹⁴. **Eleutério** não consegue dizer nada. **Eugênia** senta-se ao seu lado e ele, sem pedir licença, deita a cabeça em seu colo, como costumava fazer com sua avó, e fala, fala das suas dúvidas, dos seus problemas, fala de sua crise de consciência, da mulher no Horto, fala do retrato de 25 adolescentes, dentre elas sua mãe. Fala até que, envergonhado com o timbre da própria voz, cujas inflexões nem sempre reconhece e que, embora tente fazer harmoniosa, raro lhe obedece, sobretudo quando está exaltado, como nesse momento, decide silenciar e ouvi-la⁶¹⁵.

Ela diz: — “Quando me sobra tempo, eu também venho até à beira do Rio, às vezes para ler; ou então fico apenas olhando as águas e imaginando um jardim submarino, com seus reflexos vermelhos, verdes, violeta, ouro; e peixinhos miúdos, como borboletas de água, que comem as cabeleiras das algas, algas que comem caranguejos, caranguejos que comem leques de plumas, leques de plumas que comem estilhaços de sol e ramagens, como estas” — aponta — “que comem as pontas das estrelas quando chega a noite⁶¹⁶. Parece um sonho de criança, não é? E é mesmo engraçado, pois, às vezes, acho que sou a mesma adolescente que viu você arder naquela fogueira, nu da cintura para cima. Nunca esqueci aquela cena, ficou em brasa na minha memória. Estou um pouco mais velha. E, mesmo assim, penso que mais bonita do que naquele tempo⁶¹⁷”. Ela ri. — “Mas eu estou falando bobagens. O que quero mesmo dizer é que confio em você. Confio no seu talento. Você vai superar tudo isso. Você vai descobrir um caminho, uma saída. Eu não tenho dúvidas. Tenho apenas certezas.⁶¹⁸” **Eleutério** chora. Olhando-a nos olhos, ele se sente perturbado.

⁶¹² Entrevista com Epitácio.

⁶¹³ **O Pássaro Transparente** (LINS, 1994: 14/15).

⁶¹⁴ **O Pássaro Transparente** (LINS, 1994: 14/15).

⁶¹⁵ **O Pássaro Transparente** (LINS, 1994: 14/15).

⁶¹⁶ **Perdidos e Achados** (LINS, 1994: 198).

⁶¹⁷ **O Pássaro Transparente** (LINS, 1994: 14).

⁶¹⁸ Entrevista com Marluce.

Vem de dentro dela, uma serenidade como a que se descobre nas imagens de santo, mesmo as mais grosseiras. Um som de eternidade. E ela olha-o de frente, como apenas senhores o fazem⁶¹⁹. **Eugênia** lhe estende a mão: — “*Vamos, mostre-me o retrato e eu lhe direi quem é sua mãe*”.

Eugênia está um pouco à frente dele; a intervalo, olha-o. **Eleutério** responde com seu modo retraído e fino de sorrir. Ela sabe: o espírito dele não está vazio. E tem, desde o primeiro dia que o viu, o pressentimento de que alguma coisa diversa do comum lhe está guardada. No corpo frágil do homem, o que se constrói em segredo? É como se ela perscrutasse, nas trevas, um trecho de terreno onde vagos movimentos indicam uma articulação de intenções, um assalto, uma fuga, uma conspiração, algo cuja natureza e fim desconhece. A seu modo, ele lhe assusta e lhe atrai⁶²⁰.

Eles sobem a escada vivenciando cada um de seus degraus. **O Castelo**, a essa hora da tarde, está vazio. Com brandura, alguma porta, talvez a da cozinha, continuamente, move-se, vai de encontro aos batentes, as dobradiças rangem, musicais. Rumores antigos, suspensos no silêncio de verões extintos⁶²¹. Eles seguem em silêncio. **Eugênia** observa o quarto, à maneira dos que tentam evocar, num local histórico, os acontecimentos que o distinguem⁶²². Descamba o sol. Réstias cor de laranja varam as telhas, iluminam teias de aranha perdidas entre os caibros. Pelas brechas da janela passa um vento sutil; ondulam as teias de aranha, e a claridade do quarto⁶²³. Quando **Eleutério** não dorme, permanece, horas e horas, palmas das mãos para cima, aos lados do corpo, observando as aranhas que trabalham no teto. Entre um caibro e outro, estendem suas teias; de fio em fio, através de movimentos que não falham, estabelecem ligações que o vento ou um besouro poderá romper, tecem, um após um, seus fios transparentes, tecem uma força entre caibros⁶²⁴. **Eugênia** descansa no espelho de uma cama a mão direita; a outra pende ao longo do quadril⁶²⁵. Vê, sobre a cabeceira, um envelope. Abre-o sem ler nele as frases escritas à lápis. Olha a foto e diz com a voz firme: — “*Sua mãe é esta que o fita diretamente, de longe*”.

⁶¹⁹ **Retábulo de Santa Joana** (LINS, 1994: 86).

⁶²⁰ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 37).

⁶²¹ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 46).

⁶²² **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 22).

⁶²³ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 46).

⁶²⁴ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 23/24).

⁶²⁵ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994:22).

Ele percebe, no tremor dos lábios, que ela tem medo. Também ele sente-se amedrontado ante o pressentimento de que um tempo morto, enorme e branco se aproxima, ou mais de um tempo, blocos gigantescos, frota de navios fantasmas, cheios de astrolábios, ventos, bússolas, sons de pés descalços, bater de corações, mesas desertas, vultos concentrados numa espera vã, porões com tonéis cheios de água fresca, estalar de velas, oscilar de mastros, ondas⁶²⁶. Ele sente uma precisão de chorar, uma vívida impressão de que é conduzido, como um andor, rumo a qualquer coisa de vago, e nem por isto menos solene. Fogem, simultâneas, todas as correntes do tempo? Existirão diques, desvios, épocas, estagnadas, voltarão certas horas, encarnando-se, por uma espécie de transmigração, na substância de cheiros e rumores, de claridades, de temperaturas, e envolvendo-nos?⁶²⁷

Ela levanta-se da cama onde havia sentado para olhar o retrato e analisa o quadro na parede. Uma imagem da cidade com pontes e pôr-do-sol, a escuridão da noite se interpondo. Um vermelho sangue em oposição ao mar que escurece e de onde surgem as primeiras estrelas. Lado a lado, eles parecem estar na sala de uma exposição, quase a emitir juízos sobre o modelo. Mas não o fazem. Para obter do desenho uma visão melhor, mais unitária, para desvendá-lo, **Eugênia** afasta-se. Ela pensa de si para si: — “*A verdadeira porta pela qual entrei foi esse quadro, em que um detalhe de mulher segura um ramo florido que eu gostaria de ter entre meus dedos*”. Enquadrada em sua fosca moldura, de perfil, pequenina, apenas um detalhe no cenário, uma mulher sustenta – em gesto delicado e régio – o ramo vertical com uma flor aberta. **Eugênia** desejaria ser, em parte, também emoldurada, seu ramo sempre verde, sua corola imortal. Ela examina a figura e se convence: suas mãos têm a mesma natureza. As suas não pesam, quando em repouso; em ação, nunca tropeçam nas coisas, tudo executando com destreza e simplificação⁶²⁸. **Eleutério** pensa: — “*Ela está de pé à minha frente, e tão próxima que, se estendêssemos os braços, nos alcançaríamos. Sem o saber, sem o querer, veio ao meu encontro e aqui está, submissa à própria determinação como a um destino*”⁶²⁹.

Num gesto meticuloso, ela solta os cabelos. **Eleutério** observa, fascinado, e pensa: — “*Mulher nenhuma, antes, desatou os cabelos para mim. Que outro gesto de oferecimento*

⁶²⁶ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 42).

⁶²⁷ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 42).

⁶²⁸ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 21).

⁶²⁹ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994:27).

*pode ser tão significativo, como expressão de intimidade e oferecimento?*⁶³⁰ Quanto tempo ficaram, face a face, a visitante com as mãos para trás, talvez sua atitude preferida? Para **Eleutério**, um tempo sem conta: — “*Será que estou apenas interposto entre ela e um ser imaginário, para quem, com movimentos precisos, ela desprende os cabelos?*” Mas, a partir desse momento, também ele sente-se dentro do quadro, abrangido pelo mesmo impulso de admiração com que ela se curvara, antes, sobre ele. Agora, como os arqueólogos que pensam reconstituir, graças ao pedaço de asa encontrado numa rocha, aves novas e as curvas de seu vôo, ele poderia compor, para **Eugênia**, todo um mundo, a partir do fragmento deixado neste quarto⁶³¹.

Ele sente que este é o instante de fechar, com precaução, a porta do quarto⁶³². Era verdade então o que se anunciava⁶³³. **Eleutério** sente-se simultaneamente na tarde deste feriado e em outra época remota, ubíqua, conhecendo no tempo o estado que alguns homens haverão fruído em outra dimensão, no espaço⁶³⁴. “*Ele fecha a porta, sem cuidado*” — supõe **Eugênia**. “*Ela desabotoou a blusa*” — percebe **Eleutério**. Antes de virem, juntos, para a cama, ele a carrega até o centro do quarto; queria ver sob as réstias o tecido e os tons de sua pele⁶³⁵. De joelhos, mudos, perfil contra perfil, lembram esses bonecos recortados sobre uma folha dupla de papel, silhuetas que, parecendo opor-se, se completam, são a mesma unidade, desdobrada⁶³⁶. Sentado, a cabeça baixa, as duas mãos crispadas no lençol, **Eleutério** vê que ela se desfaz das sandálias. Uma aranha invisível, urdidora, diligente, une-os. Não falarão. São, ambos, servos de leis que ignoram e têm as línguas cortadas, para que tudo se cumpra com justeza e em silêncio. Uma dança⁶³⁷. Mas apenas a dança os une, enquanto impressões diversas os separam para todo o sempre, abismos insondáveis:

Eugênia — Somos dois corpos, somos um corpo. Seu olho colhe as minhas asperezas, minha imperfeição, o que sou de inacabado e, portanto, de contíguo à sua natureza⁶³⁸.

⁶³⁰ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 20/21).

⁶³¹ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994:22).

⁶³² **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 22).

⁶³³ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 46).

⁶³⁴ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 37).

⁶³⁵ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 26).

⁶³⁶ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 25).

⁶³⁷ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 27).

⁶³⁸ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 27).

Eleutério — Seu rosto, cercado pela cabeleira revolta e copiosa, tem um brilho de opala. Os chalés que guarnecem as margens do Capibaribe, brancos, com seus caixilhos em pedra-de-lio e seus pomares, já não existem para mim; desaparecem igualmente os alvos prédios fazendários e os pavimentos de granito vermelho; também não restam cúpulas de templos adornadas com telhas brancas e azuis, de porcelana. Ergue-se de nós, de nossa pele brilhante, um hino atormentado, atravessa-me o espírito a lembrança da trompa e de suas possibilidades, ambos ressoamos de prazer. Tantas coisas mudam — arquitetura, sistemas de governo, vestuário, modo de viver, formas da miséria e da rapacidade — tantas coisas mudam e o hino é o mesmo⁶³⁹.

Eugênia — Dentro em pouco, descerei a escada, atravessarei o vestíbulo onde ninguém me verá, ganharei a rua. Levarei entre os dedos flores geométricas e meu vestido será como a da mulher do quadro. E depois? Que exércitos, areias e detritos cobrirão esta hora? Hoje, amanhã, sepultada ou não, ou evocada, ou esquecida, recuso-me a existir só em meu rigor; ou só em minha desordem. Seja este momento, e assim minha existência, os ângulos dos geômetras e os bichos do furacão⁶⁴⁰.

Eleutério — Sei que jamais conhecerei experiência semelhante. Virei a ser feliz em outras horas. Agora, porém, dentre as mil possibilidades da vida, abre-se um espaço, uma esfera, um acaso benéfico, propícia configuração de fatores, de grande duração e amplitude: harmonia entre o momento em que estou imerso e as necessidades mais profundas do que sou⁶⁴¹.

4.5. — ANOITECER NO CASTELO DE ALECRIM

Eles seguem lado a lado em silêncio até chegar ao **Guemba**, da Rua da Aurora, no Cais Dr. José Mariano. O sol já se tinha posto e o céu estava naquele estado incerto entre o azul e o cinzento antes do anoitecer. Sem rodeios, ele pede à mãe de **Eugênia**, sua mão em casamento. Nada possui ainda de certo. Não é mais pastor. Mas há de aprumar-se na vida.

⁶³⁹ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 29).

⁶⁴⁰ **Um Ponto no Círculo** (LINS, 1994: 28/29).

⁶⁴¹ **Pentágono de Hahn** (LINS, 1994: 46/47).

A mãe olha para ele e diz: — “Sempre fui mulher dura. Sou a esposa, a Igreja, a terrena, a que se polui, a que pare filhos, a que transforma em leite o próprio sangue, a frágil. Não é isso que diz a liturgia? Pois, se sou fraca, tenho de ser de pedra. Sou de pedra. E tenho visto poucos homens tão franzinos como você. Não digo no corpo. É por dentro. Feito para trabalhar de ourives. Ou de imaginário, ficar sentado em si, fazendo nossas-senhoras, meninos-jesuses. Gosta de leituras. Não tem mãe.”... Diante disso, **Eleutério** desata em pranto e aperta-lhe os dedos, como se ela houvesse descoberto as fraquezas que ele mais tentasse esconder. Ela é de pedra, mas também chora. E diz-lhe: — “Ela se casará com você, meu filho” — foi assim que o chamou — “Não tenha acanhamento de suas qualidades de menino. Sua fraqueza, a ignorância das coisas. As iluminações que os outros, quase todos, acham de louco. Isso também são valores. Nos outros pedidos, não me comovi: eram homens grosseiros. Mas o espírito, a presença de um espírito sempre haverá de perturbar-me”⁶⁴². Dito isto, elas partiram.

Eleutério volta pela Ponte Duarte Coelho, olha para as águas do Rio Capibaribe e vê a areia reluzindo ao fundo. A luz dos letreiros luminosos fragmenta-se a cada marulhar longínquo que se reflete nas águas doces. As mãos ainda recendem o perfume do corpo de Eugênia. A imagem de seus cabelos soltos mistura-se às águas do Rio. Ele continua sua caminhada. Passa em frente ao **Savoy** e vê **Juca** por lá, numa conversa animada. Não vê **Airôn**. Entreouve, ao passar pelo **Nicola**, o resultado do jogo: sabe que foi desfavorável ao Santa Cruz — time para o qual torce desde antes de chegar ao Recife. Nos confins do Ceará, já ouvia o hino — lindo — composto por Capiba, para a conquista do Supercampeonato de 57⁶⁴³.

⁶⁴² **Retábulo de Santa Joana** (LINS, 1994: 81).

⁶⁴³ Entrevista com Epitácio.

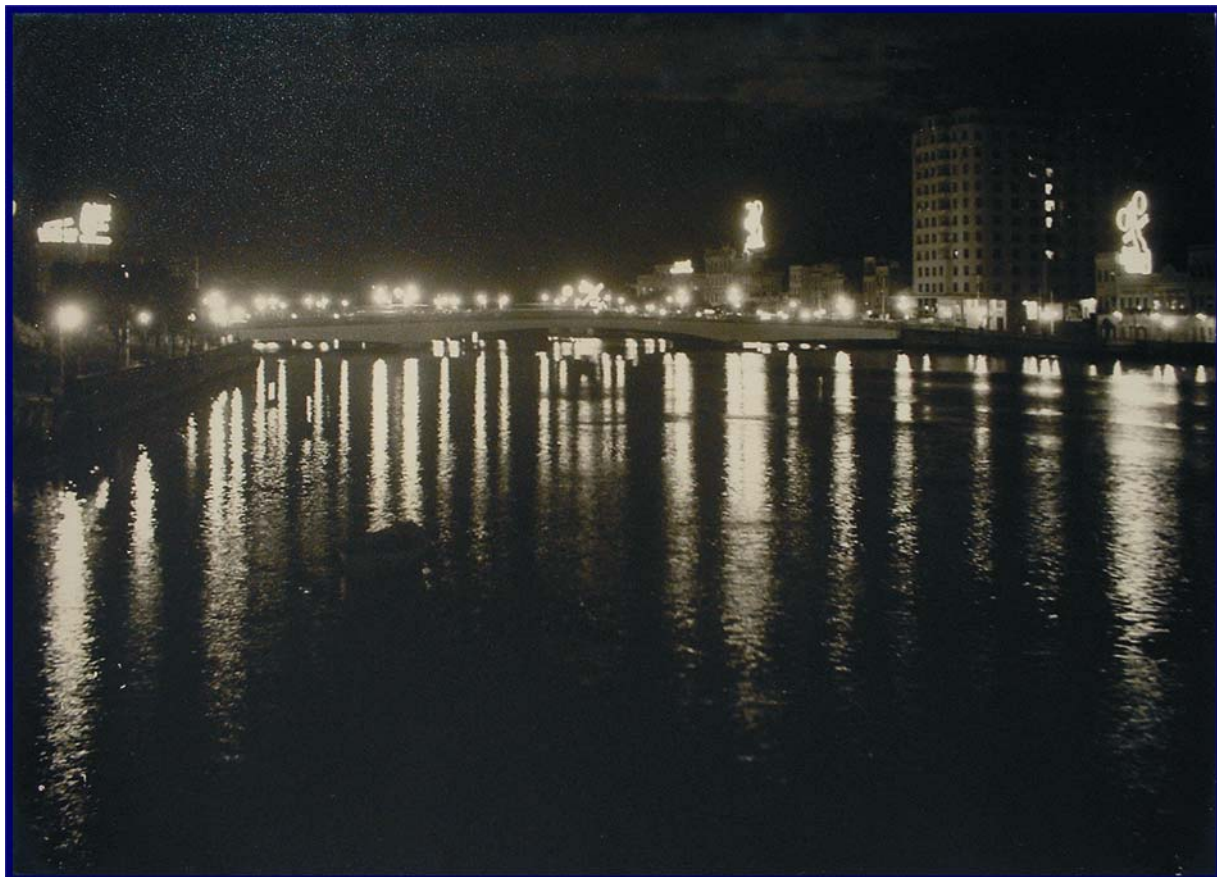


Fig. 72. Vista noturna do Rio Capibaribe.
Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Eleutério segue para **O Castelo**. Que ainda está vazio. Quando entra no quarto, para pegar suas coisas, percebe com grande assombro que o quadro na parede havia desaparecido. Em seu lugar, apenas o risco geométrico de uma moldura de poeira delimitando e sublinhando o vazio. Perde a noção do tempo. Fica estático e mudo diante desse mistério. Toma-o como um sinal: talvez as cores estejam voltando ao mundo. Talvez ele deva sair da imobilidade aprisionadora do quadro. Libertar-se do tecido morto do passado. Retornar à vida. Pois, por falta de pontos de referência, perde-se a identidade na vida coletiva, ou na vida demasiado solitária. No amor, pelo contrário, devemos reencontrar nossa identidade perdida⁶⁴⁴.

Toma um banho lento e, mesmo sem a intenção de sair de casa, veste o terno azul marinho. Esse gesto tem para ele um significado: ele começa a tomar consciência de si mesmo — de sua solidão. E também sabe que não pode ser meramente um espectador isolado na sala escura de cinema onde um filme estrela como atriz principal a sua dor, que não é única. Há outros na sala, em plena escuridão. O primeiro passo é ser o agente de sua própria recuperação. Deve se apropriar de sua realidade. A ausência que o incomoda, ele tem como preenchê-la. A presença que pressentiu e buscou nos objetos — na mesa da sala pela manhã, num retrato esmaecido, nas pontes, nas imagens, em Eugênia, é a presença do humano. Não, ele não voltará a ser um pastor, posto que não há mais rebanhos. Seu Deus caiu do trono e diminuiu. Não possui a mesma fé de **Airôn** no mundo dos homens. Inclusive, inveja-a. Perdeu a capacidade de discernir as próprias inclinações, e é possível mesmo que não as tenha, ou possua várias delas, impelindo-o para destinos diversos⁶⁴⁵. Tem noção da própria insegurança⁶⁴⁶. Este parece ser um mundo do qual, ao mesmo tempo, não pode participar nem fugir, sem graves conseqüências. Ele cruzou a fronteira dos cânticos, perdeu a inocência⁶⁴⁷.

Entretanto, sente necessidade de procurar soluções capazes de trazerem-lhe paz de espírito. E participar do mundo pode ser uma delas, embora fugir, aparentemente, seja a solução mais fácil. A verdadeira fisionomia da terra não é, nem nunca será, um éden. O paraíso foi para todo o sempre perdido. Ela, a terra, é cheia de grandezas e misérias. E é assim que devemos enxergá-la: não mais com os coloridos dos tons pastéis cor-de-rosa⁶⁴⁸. A terra não é um paraíso, nem o homem um Deus olímpicamente plantado no seio do

⁶⁴⁴ **Os Confundidos** (LINS, 1994: 70).

⁶⁴⁵ LINS, 1955: 166.

⁶⁴⁶ LINS, 1955: 167.

⁶⁴⁷ LINS, 1955: 170.

⁶⁴⁸ CASTRO, 1966:04.

paraíso terrestre que ele ajuda a criar e embelezar⁶⁴⁹. Não apenas ele, **Eleutério**, mas o próprio mundo chegou à beira do abismo da incompreensão e do desespero universais afundando-se quase que voluntariamente no suicídio e no antagonismo assassino⁶⁵⁰. No entanto, esse é um momento em que o mundo muda de atitude e avança para o campo da cooperação e da colaboração pacífica. Talvez essa seja a confirmação da profecia de Bermanos, de que é necessário ir ao fundo do desespero, para reencontrar a esperança⁶⁵¹. Mas uma esperança realista que exclua todo idealismo⁶⁵². Ele pensa: — “*Eu devo me inspirar no exemplo de pessoas de boa vontade, como a mãe de **Eugênia***”. Nada de discussões intelectuais, mas ações.

Se, por um lado, nunca foi tão difícil a convivência social, por outro lado, jamais alguns homens e mulheres se esforçaram tanto para vencer estas forças dissolventes pelo interesse supremo da humanidade⁶⁵³. O mundo está cheio de exemplos: Cuba, União Soviética, China, Recife... Em diferentes proporções, é claro; mas em toda a parte vemos seres de boa vontade que se empenham com energia obstinada na tarefa de criar no mundo um clima de melhor entendimento, de compreensão, de tolerância⁶⁵⁴. Talvez esta seja a tarefa de nossa geração, a nossa tremenda responsabilidade⁶⁵⁵. Há um movimento em curso: o Brasil está se encaminhando para um processo socializante. Não só o Brasil, mas vários países da América Latina⁶⁵⁶. **Eugênia** mais uma vez tem razão: apesar do mundo ter estado à beira do abismo, o momento é de transformação. Basta observarmos os sinais: os governos são cada vez mais de esquerda, o Brasil se transforma, pela organização popular, pelas reformas, sem precisar derramar sangue, e segue rumo a um socialismo cultural e político⁶⁵⁷. É o momento de elaborarmos delicadas certezas. Ele pega o envelope fechado e acomoda-se na mesa da sala. Mal se põe na mesa do café, e chega **Juca**:

Juca — Eleutério, cabra, você viu que miséria?

Eleutério — Soube do resultado: três a zero!

⁶⁴⁹ CASTRO, 1966: 04.

⁶⁵⁰ CASTRO, 1966: 05.

⁶⁵¹ CASTRO, 1966: 05.

⁶⁵² CASTRO, 1966: 12.

⁶⁵³ CASTRO, 1966: 11.

⁶⁵⁴ CASTRO, 1966: 11.

⁶⁵⁵ CASTRO, 1966: 11.

⁶⁵⁶ Entrevista com Eptácio. Ele fala da enorme certeza, que havia nesse momento, de que havia um processo socializante e democrático em curso que mais cedo ou mais tarde realizar-se-ia.

⁶⁵⁷ Entrevista com Eptácio.

Juca — Pois eu acho que vou jogar esta camisa fora que esse cheiro de futum não há de largar dela nunca mais! Afora que ela me deu foi uma má sorte dos diabos! Vou trocar de roupa e depois dar umas voltas por aí. Vamos dar um pulo lá no **Moulin Rouge**? Vamos nos divertir!

Eleutério — Eu acho melhor não.

Juca — Venha, rapaz, a gente toma um chope, joga conversa fora e volta cedo para casa.

Eleutério — Sei de que cedo você está falando!

Juca — Não, é sério! Depois da noite de ontem, eu volto hoje cedo para casa.

Eleutério — Quem sabe eu passe por lá depois!

Juca some da sala, arruma-se no esmero para brilhar no **Moulin Rouge**. De repente, sua carona aparece da porta do quarto:

Juca — Eita! **Eleutério**, você tem, por acaso, um par extra de abotoaduras?

Eleutério — Cadê as suas?

Juca — Ah, eu as perdi para um meu rival!

Eleutério — Rival de quê?

Eleutério ouve a voz de **Juca** descrevendo-lhe mais uma de suas aventuras amorosas, mas sua voz parece vir de longe. Seu pensamento está imerso nas suas próprias vivências: a visão do corpo de Eugênia, a descoberta do amor, a consciência da sua solidão, a procura de sua identidade. Os vários caminhos. O rumo a seguir. De vez em quando, chegam-lhe fragmentos de aventura:

Juca — ... E que mulher!...

Não adiantam discursos e ações desvinculados da vida. Autoritariamente verbais e falsamente humanistas⁶⁵⁸. Esse era o problema com suas pregações: eram verbais e exerciam comumente um efeito, no público, de passividade; mormente, os homens quedavam-se mudos e quietos. Talvez o messianismo salvador seja, na verdade, um gesto antidemocrático.

⁶⁵⁸ PAULO FREIRE, 2002: 12.

Juca — ... uma delas notou quando eu passava pelo lado contrário da rua e falou-me algo que, de onde eu estava, não pude entender...

Talvez este seja o ponto: o discurso é paternalista, assistencialista, autoritário, ele deforma o homem, domestica o homem, ou antes, sequer lhe toca — pois não alcança suas dores, seu íntimo, sua existência. Apenas lhe roça a epiderme. Levando o homem ao mutismo e passividade e não oferecendo condições especiais para o desenvolvimento ou a abertura de sua consciência. O *discurso* é assistencialista⁶⁵⁹.

Juca — ... disse-lhe que seus olhos machadianos não me eram desconhecidos. O que foi uma mentira deslavada, pois nem eu me lembrava de quem eles eram, e eles nada tinham machadianos...

E, no assistencialismo, não há responsabilidade. Não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e domesticação do homem. É falta de oportunidade para a decisão e para a responsabilidade. Eu preciso ser capaz de promover, de gestar, uma outra atitude: cooperativa, crítica, permeável, plástica⁶⁶⁰.

Juca — ... perguntou-me se eu entendia de vitrola e pediu que eu desse um pulinho até sua casa para ajuda-la a desenguiçar o dita cuja. É claro que eu entendo tanto de toca-discos quanto de paquidermes...

E essa experiência tem que se fundar num **diálogo**⁶⁶¹.

Juca — ... Rolamos no sofá, caímos no tapete...

A pregação é um antidiálogo. E o antidiálogo gera uma antiparticipação, uma anti-responsabilidade. Ele é antidiadático, pois retira a responsabilidade do homem acerca de seu

⁶⁵⁹ PAULO FREIRE, 2002: 16.

⁶⁶⁰ PAULO FREIRE, 2002: 19.

⁶⁶¹ PAULO FREIRE, 2002: 15.

próprio destino⁶⁶². Ele é antidemocrático. E a antidemocracia cristaliza-se na irresponsabilidade a que se relega o homem sem voz e sem ação⁶⁶³.

Juca — ... ele tinha machucado as costas, ao deitar-se sobre um par de abotoaduras que eu havia esquecido em sua cama...

Nós precisamos promover a consciência crítica através da promoção do diálogo. Diálogo que represente uma participação cada vez maior do homem com a sua comunidade. Sem assistencialismo. Sem pregações. Chamando as pessoas ao debate a partir de seus problemas, mas também os ligando aos problemas comuns: da vida, do bairro, da cidade⁶⁶⁴. Cada homem tem que ganhar consciência de sua responsabilidade social, cultural e política, experimentando essa responsabilidade. Vivenciando-a. Participando. Atuando. Gerando cada vez maior ingerência na sua vida e na vida de sua comunidade⁶⁶⁵. Temos que introjetar em cada homem o sentido do desenvolvimento fazendo-o participante do processo e não apenas espectador dele. “A responsabilidade é um dado existencial. Ela não pode ser incorporada ao homem intelectualmente, mas vivencialmente”⁶⁶⁶ — ele havia escrito no envelope pela manhã.

Juca — ... aplacar as dúvidas do seu marido corno, ela banhou-se, perfumou-se e atirou-se no colo do esposo, vestida somente com uma calcinha — justo a calcinha preta que eu adorava — beijou-o, olhou-o languidamente e disse: — Sabe de quem é aquele par de abotoaduras? É seu! Se você o achou na sua cama, você é o dono...⁶⁶⁷

Eleutério faz um esforço supremo para concentrar-se nas questões de seu amigo. Consegue perceber que o caso da vez trata de uma mulher casada, e aconselha-o:

Eleutério — Você não toma jeito, rapaz! Um dia você ainda leva carreira com essa mania de bulir com mulher casada!

⁶⁶² PAULO FREIRE, 2002: 13.

⁶⁶³ PAULO FREIRE, 2002: 14.

⁶⁶⁴ PAULO FREIRE, 2002: 17.

⁶⁶⁵ PAULO FREIRE, 2002: 15.

⁶⁶⁶ PAULO FREIRE, 2002: 16.

⁶⁶⁷ **A Vizinha** (MELO, 2003: 42-46).

Juca — Você não compreende que eu sou a vítima e não o algoz dessa situação! Você bem sabe que, para mim, o amor é uma combinação de elementos químicos — como disse não sei bem se Hemingway ou Graham Greene⁶⁶⁸. E, na verdade mesmo, perdi minhas abotoaduras para um distinto corno. De certa forma, ele teve sua paga.

Juca despede-se de **Eleutério**, que volta para o quarto, pega o seu Tchekhov e resolve, em nome de sua tranqüilidade, contribuir para que não existam tantos Iona Potapov no mundo⁶⁶⁹.

⁶⁶⁸ MELO, 2003: 42.

⁶⁶⁹ Iona Potapov é um cocheiro que entre os seus passageiros busca um que lhe ouça o infortúnio: seu filho morreu, ele está só, tem necessidade de partilhar sua dor, mas ninguém lhe dispensa qualquer atenção; interessados que estão, todos os passageiros, em seus próprios destinos. Mas, ainda assim, sua angústia leva-o a tentar conversar com cada um daqueles que não o ouvem. Ao final do dia, Iona termina conversando com o único ouvinte que demonstra alguma solidariedade com sua dor — seu cavalo: - *Está mastigando?* — pergunta Iona ao cavalo, vendo seus olhos brilhantes. — *Ora, mastiga, mastiga... Se não ganhamos para a aveia, vamos comer feno... Sim... Já estou velho para trabalhar de cocheiro... O filho é que devia trabalhar, não eu'...* (...) Iona permanece algum tempo em silêncio e prossegue: - *Assim é, irmão, minha equinha... Não existe mais Kuzmá Iônitch... Foi-se para o outro mundo... Morreu assim por nada... Agora, vamos dizer, você tem um potrinho, que é teu filho... E, de repente, vamos dizer, esse mesmo potrinho vai para o outro mundo... Dá pena, não é verdade?* O cavalinho vai mastigando, escuta e sopra na mão de seu amo... Iona anima-se e conta-lhe tudo... (TCHEKHOV, 1999: 138).



The thrill of Havana in the Grand Manner — in Cuba's newest luxury hotel... the HAVANA RIVIERA... situated on the Malecon overlooking the Gulf, only minutes from downtown Havana! Completely air-conditioned, with 400 exquisitely comfortable ocean-view rooms; a beautiful Cabana Club and tremendous Olympic pool; Solaria and Health Club; Golf at exclusive country club; its own magnificent CASINO; elegant dining rooms; exciting cocktail lounges; and the spectacular Copa Supper Club featuring celebrated entertainment!

PLACE
STAMP
HERE

Legiúlo:

Felicitades.

Este é o hotel onde estamos hospedados. É luxuosoíssimo. Antes da Revolução, só vinham aqui os americanos, ricos. Hoje é do povo. Nós podemos desfrutar do conforto e da beleza, não só deste como de muitos outros hotéis grandiosos que há em Havana. Também já não há analfabetos em Cuba. Hoje, além de

em "Território Livre da América" e, também, "Território Livre do Analfabetismo". Isso em 3 anos, apenas. Fidel e o Gp. Novo Revolucionário, têm feito de Cuba uma verdadeira, uma autêntica República socialista, dando uma prioridade aos camponeses e operários, criando escolas e hospitais, melhorando o nível de vida do povo cubano e dando-lhe dignidade de homens livres.

Perdure-se a Deus! Uma abraço da minha amiga,

Alexina.

JPC
P21.250
a 13 go

7/2/62.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TECENDO IMAGENS

A Pensão **O Castelo**, na antiga **Rua do Alecrim**, nesta tese, representa tanto um objeto histórico, quanto uma metáfora histórica. A **Rua do Alecrim** foi posta abaixo com a finalização das obras da Dantas Barreto, começadas durante o período do Estado Novo, tendo perdido sua importância enquanto projeto de política pública durante o período democrático, e, posteriormente, sendo levada a termo após o golpe militar de 64. Juntamente com a **Alecrim**, foi-se a Pensão **O Castelo** e a casa de cômodo de Seu Benedito Alírio e Dona Linda; foram-se formas de convivência, modos de vida e interações sociais, foram-se histórias e brassávolas. E o **centro** da cidade era de fato um espaço aglutinador: ele possuía seus cenáculos de esfera pública — onde a cultura, a política, as questões regionais e nacionais eram debatidas acaloradamente, bem como o futebol, a poesia, a arte e a boemia. Ao procurar num dicionário, descobri que o **alecrim**, na botânica, é um arbusto da família das labiadas (*Rosmarinus officinalis*) que exala um odor ao mesmo tempo agradável e forte e, através do método de destilação, é capaz de dar uma abundante quantidade de óleo essencial volátil; o alecrim-de-cheiro ou alecrinzeiro pode ainda ser usado como medicamento e como condimento (Dicionário Novo Aurélio Século XXI, edição 3.0, Editora Nova Fronteira). Enquanto que o castelo, na construção naval, diz respeito à superestrutura que se eleva acima do convés principal, e cujo forro exterior é a continuação da sua borda (Dicionário Novo Aurélio Século XXI, edição 3.0,

Editora Nova Fronteira). Foi com essa imagem de *navegantes voláteis* que desenvolvi o tema da pesquisa que ora finalizo. Navegantes do tempo histórico, onde a epopéia do retorno não é mais possível. Navegantes que se desvinculam da idéia de *destino*, tal como era para os gregos (*ananké*), a constranger os seres vivos independentemente de sua vontade. Na modernidade, somos seres *auto-nomos*, aqueles que se fazem a si mesmos num futuro em aberto, seja para um próspero porvir, ou às incertezas indomáveis, contudo livres.

No que diz respeito a essa diferenciação entre *destino*, do qual não se pode desvencilhar, e *futuro*, que se pode construir, um detalhe curioso chamou-me a atenção, durante o desenvolvimento da pesquisa: no cartão enviado de **Cuba** a um primo Zezinho, no Recife, com recomendações a Estér, Alexina demonstra enlevo com o Governo Revolucionário de Fidel Castro — um território livre na América Latina: livre da miséria, livre do analfabetismo, livre da exclusão social; enfim, um país de **homens livres**. Enquanto, no Recife, de acordo com a fala dos meus quatro entrevistados, uma certeza tinha franca sementeira entre aqueles que compartilhavam das discussões nos ambientes do centro da cidade — o Savoy, as pensões, a **Galeria de Arte** montada pela prefeitura de Arraes na beira do Capibaribe, ao lado dos Correios, na Rua do Sol (onde hoje a calçada é plana, havia dois níveis e, mais abaixo, descendo uns degraus, fervilhavam exposições de arte e encontros eram marcados entre colegiais, jovens, intelectuais e artistas) —: a de que o Brasil encaminhava-se, pacificamente, através da **Revolução pelo voto**, para o *socialismo*; seja através de governos cada vez mais à esquerda, ou através de projetos políticos e culturais que envolviam a educação popular. Como não crer nessa revolução? O Recife era considerado um centro cultural; os partidos de esquerda estavam chegando ao poder. Os ares respirados na cidade eram democráticos. Os discursos de Francisco Julião empolgavam a juventude urbana e ecoava entre favelas e intelectualidade do Rio de Janeiro e irritavam jornais em São Paulo. O plano piloto da SUDENE estava sendo encaminhado. O movimento cultural estava vivo, na cidade, e fazia sucesso no sul, através de obras como a de Ariano Suassuna. A prática política da **Frente do Recife** era *inclusiva*: através de projetos de praças de cultura, de alfabetização, de organização de associações de bairro... Como não crer nessa revolução, numa socialização democrática e pacífica? Segundo Eptácio Vieira, “[A esperança] *era realmente de transformar o Brasil pela organização popular, pelas reformas de base, os governos cada vez mais sendo de esquerda e avançando. Eu esperava que mais uns anos ou mais umas décadas, sem*

precisar derramar sangue, se chegasse a um tipo de socialismo. Um socialismo democrático, cultural e político.” (entrevista com Epitácio Vieira).

Enquanto isso, no dia 01 de janeiro de 1959, no Jornal Diário de Pernambuco, leio um daqueles vaticínios místicos, ainda hoje contumazes (creio eu) nas entradas de ano; o astrólogo Joé Ramath, do “*Templo Iniciático do Supremo conhecimento*”, previa para o Brasil uma ruína do processo democrático em curso, de acordo com ele, por causa do início do ciclo lunar:

“Astrologicamente, a humanidade é regida por ciclos e anos. Um ciclo corresponde a 36 anos e o ano (...) é composto de 365 dias. Portanto, cada ciclo, assim também como os anos, é regido por um determinado astro, ou mais precisamente, por um determinado planeta. O ciclo de Marte, por exemplo, teve início em 1909 e terminou em 1944. Em 1916, quando a Primeira Guerra Mundial estava em seu apogeu, nós estávamos sob a influência máxima de Marte que, além de reger o ciclo de 36 anos, regia também o ano. Foi um ano sangrento, de guerras tremendas e intranqüilidade ao máximo. (...) Em 1944, o grande apogeu da Segunda Guerra Mundial, nós estávamos também em um ano regido por Marte, coincidindo, portanto, com o ciclo da Guerra. De 1945 a 1980, estamos noutro ciclo, regido pela Lua, a doce e pálida selena dos poetas. Mas, astrologicamente, não é nada disso. Veja bem que urano leva cerca de 80 anos para fazer seu ciclo aparente ao redor da Terra. Já a Lua gasta só 28 dias. É claro, é um planeta nosso satélite. No ciclo da Lua, pois, não teremos nada de absolutamente definitivo e a Terra viverá em reformas constantes e tremendas. (...) A Lua é um planeta escuro, de sombras e de frigidez, recebe luz da terra. Até 1962 nós iremos num crescente tremendo, com relação às reformas e tragédias até que nesse ano, mais ou menos, haverá o ‘estouro da boiada’, como dizem os gaúchos. (...) [No terreno político] tenho a certeza, certeza absoluta, sem medo de errar, que a nossa atual Democracia, pelo menos na forma que está sendo aplicada, está por um fio. Eu não queria estar na pele de nenhum dirigente da Nação. As coisas trágicas irão acontecer no terreno político também não só no Brasil, mas quase que no mundo inteiro. (...)” (**Jornal Diário de Pernambuco**, 01 de janeiro de 1959, p. 05).

Essa comparação não pretende emitir um juízo de valor, pois considero um exercício muito cômodo, e injusto, o julgamento de situações passadas quando já temos ciência de seus desenlaces. É como ler um livro começando-se pelo fim. Essa não é uma crítica ao fato desses jovens intelectuais não se terem apercebido do Golpe Militar que se urdia. Essa comparação tem como objetivo maior avivar na mente do leitor que, apesar de utilizar-me de três tipos de *intelectuais* — **Airôn**, **Juca** e **Eleutério** —, todos eles partilham da idéia esperançosa da Revolução. Cada um, à seu modo particular, tem uma *tendência esquerdizante*. Não quero com isso, dar a entender que todo intelectual e artista é *em si mesmo* um revolucionário. Muito pelo contrário, quero ressaltar que optei por trabalhar

apenas com a história daqueles que creram e viram suas fantasias serem desfeitas, seus amigos serem presos, interrogados ou assassinados. Ou outros partirem por não suportarem assistir à solidez da cidade desfazer-se no ar.

Dos meus quatro entrevistados, **Jarbas Araújo** foi preso sem nunca se ter filiado a um partido político, apenas por ter tido uma carta endereçada a Leonel Brizola interceptada pelo *serviço de inteligência* do Estado. **João Lopes** chegou a filiar-se ao PCBR, em 1968, mas logo desistiu de participar de grupos armados, graças aos conselhos de seu pai — comunista da velha guarda que não via futuro numa revolução que não fosse feita *pelo e com o Povo*. **Marluce Souza Leão** desistiu do curso de Sociologia e Política que fazia na FAFIPE (Faculdade de Filosofia de Pernambuco), em 1965, e, juntamente com **Epitácio Vieira**, manteve-se no Seminário Batista, a partir do qual ambos deixaram de ser suspeitos às vistas da Lei, já que os protestantes, ao contrário dos padres cristãos, “*fizeram um expurgo muito rápido quando houve o golpe; expulsaram os professores e seminaristas progressistas e entregaram a cúpula da Congregação a pessoas muito conservadoras, dentre os quais alguns colaboradores fiéis da ditadura*” (entrevista com Epitácio Vieira). Mantiveram-se no Seminário, enquanto continuaram suas leituras de Sartre, Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e, quando as coisas se acalmaram, foram fazer suas faculdades e dar aulas (entrevista com Marluce Souza Leão e Epitácio Vieira). O que acontecerá a **Airôn, Juca e Eleutério** deixo à cargo do leitor e sua imaginação.

A segunda questão a ser tratada é que o que considero como *intelectual*, no percurso deste trabalho, está relacionado à uma prática social: pois, ao meu ver, a **identidade simbólica**, que fomenta e embasa a prática social dos intelectuais/artistas — que é a mediação entre o mundo público e o mundo privado — não diz respeito apenas à uma questão meramente de **ascensão social**. Seu *status* é decorrente de uma característica cultural, social, política e histórica que caracteriza a República Moderna: a distinção entre o *sujeito*, e sua identidade individual, e o *seu papel social*, sua identidade pública. São sujeitos que se constroem continuamente em seu eterno vir a ser. Que fazem parte da Nação — uma instituição ao mesmo tempo cultural e política. Através de suas experiências e trajetos, de suas discussões e trotes, de seus artigos e obras de arte, de seus roteiros urbanos, eles se travestem de um halo de *predestinação*, ainda que baseada na aparente possibilidade de **escolha** de realização de si mesmo. Trata-se de uma forma de afirmação do ego diante do mundo público, de uma garantia de **autenticidade**. A vocação para

hermeneuta da cultura, nesse sentido, faz uma intermediação entre a identidade do indivíduo e o seu papel social.

Airôn, Juca e Eleutério são intelectuais de *esquerda*, no sentido apontado por Norberto Bobbio — para quem aqueles que acreditam que todos os homens são iguais e as desigualdades não devem ser consideradas como mero fatalismo, que não as aceitam, podem ser identificados como *esquerda* (SADER, 1995: 177/178). A partir de diferentes perspectivas, eles vão além do esquerdismo anticapitalista e partem para o esquerdismo político: **Airôn** crendo na realização teleológica da civilização, **Juca** crendo na defesa da cultura popular e **Eleutério**, a partir do mergulho em si mesmo, descobrindo o seu caminho da solidão à solidariedade.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

JORNAIS E REVISTA

REVISTA ACRÓPOLIS. São Paulo: Associação Brasileira de Arquitetura, jan. 1957 a dez. 1960.

DIARIO DE PERNAMBUCO. Recife: Diários Associados, jan. 1955 a jan. 1961.

JORNAL DO COMMERCIO. Recife: Empresa Jornal do Commercio, jan. a dez. 1960.

DIÁRIO DA NOITE. Recife: Empresa Jornal do Commercio, jan. a dez. 1960.

OUTROS DOCUMENTOS

Manifesto do Teatro de Estudantes de Pernambuco (TEP)

Manifesto do Teatro Popular do Nordeste (TPM)

Carta de Salvação do Nordeste

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGUALUSA, José Eduardo. **O Vendedor de Passados.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

AGUIAR, Roberto Oliveira de. **Recife: da Frente ao Golpe: ideologias políticas em Pernambuco.** Recife: Editora Universitária, 1993.

ALBROW, Martin. Nacionalidade e Identidade na Era Global. In BARROSO, João Rodrigues (coord.). **Globalização e Identidade Nacional.** São Paulo: Atlas, 1999.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** Recife: FUNDAJ, Editora Massangana; São Paulo: Editora Cortez, 2001.

ARAÚJO, Maria Celina Soares d'. **O segundo Governo Vargas (1951-1954): democracia, partidos e crise política.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

AUERBACH, Erich. **Mimesis, a representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo, os anos 20 em Pernambuco.** João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.

BALTAR, Antonio. **Diretrizes de um plano regional para o Recife.** Tese de concurso para o provimento da cadeira de Urbanismo e Arquitetura Paisagística na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, 1951.

BALTAR, Antonio. **Universidade, economia e humanismo.** Revista de Engenharia. Recife, ano VI, número 7, jan./dez./1953.

BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

- BARBOSA, João Alexandre. **João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- BARBOSA, Lourenço da Fonseca. **Capiba** – O livro das ocorrências. Recife: FUNDARPE, 1985.
- BARBOSA, Lourenço da Fonseca. **Histórias que a vida me ensinou**. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1992.
- BARROS, Souza. **A Década de 20 em Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.
- BARROSO, João Rodrigues (coord.). **Globalização e Identidade Nacional**. São Paulo: Atlas, 1999.
- BASTOS, Elide e RIDENTI, Marcelo ROLLAND, Denis (orgs.). **Intelectuais: sociedade e política (Brasil – França)**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- BASTOS, Elide Rugai e LEÃO RÊGO, Walquíria D. **Intelectuais e Política** – a moralidade do compromisso. São Paulo: Editora Olho D'água, 1999.
- BASTOS, Elide Rugai. A Revista Cultura Política e a influência de Ortega Y Gasset. In BASTOS, Elide RIDENTI, Marcelo ROLLAND, Denis (orgs.). **Intelectuais: sociedade e política (Brasil – França)**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BAUMAM, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BAUMER, Bettina. Apercepção Empírica do Tempo. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. **A UDN e o udenismo**. Ambigüidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- BENEVIDES, Maria Vitória de Mesquita. **O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In **Rua de Mão Única**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. (v. II)
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. (v. I)
- BERGSON, Henri. A Evolução Criadora. In **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Editora Paulus, 1997.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**, ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERGSON, Henri. **O Riso**, ensaio sobre a significação da comichão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Col. Tópicos)
- BERMAN, Marshall. **Aventuras no Marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BESANÇON, Alain. **A infelicidade do Século: sobre o comunismo, o nazismo e a unicidade da Shoah**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.
- BOITO JR., Armando. **A burguesia contra o populismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. (Col. Tudo é História., n. 55)

- BOJUNGA, Cláudio. **JK: o artista do impossível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOLLE, Wille. Cultura, patrimônio e preservação. In ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o Passado**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORBA FILHO, Hermilo. **As Meninas do Sobrado**: novelas. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e Espírito do Mamulengo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Editora da Universidade de São Paulo), 1966.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Os Ambulantes de Deus**: novelas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Os Caminhos da Solidão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Os melhores Contos** (org. Sílvio Roberto de Oliveira). São Paulo: Editora Global, 1994.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Sete Dias a Cavalo**: novelas. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.
- BORGES, Jorge Luis. Irineu Funes, o memorioso. In **Obras Completas**. São Paulo: Globo, 1999.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRAYNER, Flávio Henrique Albert. **Partido Comunista em Pernambuco**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989.
- BRUCKNER, Pascal. **A Euforia Perpétua**, ensaio sobre o dever de felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- BUARQUE, Cristóvão. Mil anos da civilização americana: a busca da utopia e as quatro descobertas da América. In MOURA, Alexandrina Sobreira de (org.). **Utopias e Formações Sociais**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1994.
- CAHILL, Thomas. **Papa João XXIII**.. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. (Col. Breves Biografias)
- CALADO, Antonio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CÂMARA, Renato Phaelante da. **MPB**: compositores pernambucanos; coletânea bio-músico-fonográfica, 1920-1995. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 2002.
- CAMPOS, Renato Carneiro de. **Tempo Amarelo** (Carlos Pena Filho, poeta da cor). Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1980.
- CANETTI, Elias. **O outro processo**: as cartas de Kafka a Felice. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- CARDOZO, Joaquim. **De uma Noite de Festa**: bumba-meu-boi em três atos: teatro. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1971.

- CARDOZO, Joaquim. **Marechal, boi de carro**: teatro. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.
- CARDOZO, Joaquim. **O Coronel de Macambira**: bumba-meu-boi, em dois quadros: teatro. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.
- CARDOZO, Joaquim. **Os Anjos e os Demônios de Deus**: pastoril em doze jornadas: teatro. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001.
- CARDOZO, Joaquim. **Poemas Selecionados**. Recife: Bagaço, 1996.
- CARDOZO, Joaquim. **Poemas**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1947
- CARDOZO, Joaquim. **Um Livro Aceso e Nove Canções Sombrias**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.
- CARROLL, LEWIS. **Aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- CASTRO GOMES, Ângela e D'ARAÚJO, Maria Celina. **Getulismo e Trabalhismo**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CASTRO, Iná Elias de. **O Mito da Necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992.
- CASTRO, Josué de. **A Cidade do Recife**: ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956.
- CASTRO, Josué de. **Ensaio de Geografia Humana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- CASTRO, Josué de. **O Livro Negro da Fome**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- CASTRO, Josué de. **Três personagens**: Einstein, Fleming e Roosevelt. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante, 1955.
- CASTRO, Josué. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi**. A Luta Clandestina. Recife: Editora Guararapes, 1985.
- CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi**. Da coluna Prestes à queda de Arraes. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi**. Memórias políticas. Recife: Editora Guararapes, 1980.
- CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi**. Nos Tempos de Prestes. Recife: Editora Guararapes, 1982.
- CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1977.
- CEZAR, Maria do Céu. As organizações populares do Recife: trajetória e articulação política. In **Cadernos de Estudos Sociais**. Recife: FUNDAJ, JUL./DEZ. 1985.
- CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros**: discurso e práxis dos seus programas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CHAVES, Irmã. **A Transação da Linguagem** – uma análise da poesia de Carlos Pena Filho. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

- CIRANO, Marcos et all. **Hermilo vivo** – vida e obra de Hermilo Borba Filho. Recife: Editora Comunicarte, 1981.
- COELHO, Germano (et all). **Memorial do MCP**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986. (Col. Recife – v. XLIX).
- DAMÁSIO, Antônio R. **O Erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. **Joaquim Cardozo** – ensaio biográfico. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.
- DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. **O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Recife: FUNDARPE, 1985.
- DESCARTES, R. **O Discurso do Método**. In Obras Escolhidas. São Paulo: DIFEL, 1962.
- DIDIER, Maria Thereza. **Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial 1970/76**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.
- DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines, 27 de julho de 1214**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- DURANT, Will. **A Filosofia de Shopenhauer**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, s/d. (Col. Os Grandes Filósofos)
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ECO, Umberto. **Baudolino**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O Curto Verão da Anarquia**, Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. São Paulo: Edições Ediouro, 2002. (Col. Clássicos de Bolso)
- ÉSQUILO. *Prometeu Agrilhado*. Lisboa: Edições 70, 2001. (Col. Clássicos Gregos e Latinos)
- EVTUCHENKO, Eugênio. **Autobiografia Precoce**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- EVTUCHENKO, Eugênio. **Os Frutos Selvagens da Sibéria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FERNANDES, Aníbal. **Estudos Pernambucanos**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx** – Theatrum Philosophicum. São Paulo: Editora Parma, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação e Atualidade Brasileira**. São Paulo: Editora Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

- FREUND, Julien. **A Teoria das Ciências Humanas**. Lisboa: Editora Sociocultur Divulgação Cultural, 1977. (Col. Fermento)
- FREYRE, Gilberto. **Além do Apenas Moderno**, sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Editora Topbooks, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Brasis, Brasil, Brasília**. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1960.
- FREYRE, Gilberto. **O Velho Félix e suas "memórias de um Cavalcanti"**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. (v. 2)
- GALILEI, Galileu. **Duas Novas Ciências** (Discursos e Demonstrações Matemáticas acerca de Duas Novas Ciências). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins; São Paulo: Nova Stella, 1988.
- GALLINDO, Cyl (org.). **Contos de Pernambuco**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1988.
- GARDET, Louis. Concepções muçulmanas sobre o tempo e a história (ensaio de tipologia Cultural). In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 1989.
- GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOUREVITCH, A. Y. O Tempo como Problema de História Cultural. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- GRASS, Gunter. **O Tambor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- GROUPIUS, Walter. **Bauhaus: novarquitectura**. 3 ed.. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A Reinvenção do Mundo**: um adeus ao século XX. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Edward T. **A Dança da Vida**: a outra dimensão do tempo. Coleção Antropos. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

- HEGEL, Georg W. F. **A Razão na História**: uma introdução geral à filosofia da História. São Paulo: Centauro, 2001.
- HEGEL, Georg W. F. Lições sobre a filosofia da história. In **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Editora Paulus, 1997.
- HILL, Telênia. **Osman Lins** – por Telênia Hill. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1986.
- HOFFMAN, E. T. A. **Contos Fantásticos**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- HOSTON, James. **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- IGEL, Regina. **Osman Lins uma biografia literária**. São Paulo: T A Queiroz Editor; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988.
- JACCOUD, Luciana de Barros. **Movimentos Sociais e Crise Política em Pernambuco**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1990.
- JEHA, Júlio. Utopia e Apocalipse: a religião como modelo para reformas ontológicas. In MOURA, Alexandrina Sobreira de (org.). **Utopias e formações sociais**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1994.
- JULIÃO, Francisco. **Até quarta, Isabela**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- JULIÃO, Francisco. **Irmão Juazeiro**. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves/Editora Paulo de Azevedo), 1961. Col. Terra Forte, v. 3, planejada e dirigida por Paulo Dantas)
- JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. (Cadernos do Povo Brasileiro.)
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- KAGAME, Aléxis. Apercepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento bantu. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- KARL, Frederick R. **O Moderno e o Modernismo**, a soberania do artista 1885-1925. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.
- KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A., 1975.
- KUNDERA, Milan. **A ignorância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAFER, Celso. **JK e o programa de metas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- LAGRÉE, Michel. **Religião e tecnologia**: a benção de Prometeu. São Paulo: EDUSC, 2002.
- LARRE, Claud. Apercepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento chinês. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- LARROSA, Jorge. Figuras do Porvir. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**. Bauru, São Paulo: EDUSC (Editora da Universidade do Sagrado Coração), 2001.
- LAVALLE, Adrián Gurza. **Vida Pública e Identidade Nacional**: leituras brasileiras. São Paulo: Globo, 2004.
- Le GOFF, Jacques. **Memória e História**. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- LEITE, Sebastião Uchoa. **Crítica Clandestina** (Máquina sem mistério – a poesia de João Cabral de Melo Neto). Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1986.
- LEVINE, Robert M. **Pai dos Pobres?** O Brasil e a Era Vargas. São Paulo, Cia das Letras, 2001.
- LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador**: as origens da moderna tipografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LINS, Osman. **A Ilha no Espaço**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- LINS, Osman. **Melhores contos**. São Paulo: Global Editora, 2003.
- LINS, Osman. **Nove, Novena**: narrativas. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LINS, Osman. **O Visitante**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.
- LINS, Osman. **Os Gestos**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.
- LLOYD, G. E. R. O Tempo no Pensamento Grego. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- LOWY, Michel e SAYRE, Robert. **Romantismo e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LOWY, Michel. **A Estrela da Manhã**, surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LOWY, Michel. **O marxismo na América Latina** – uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- LOWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários**, a evolução política de Lucács (1909 – 1929). São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. (Col. História e Política, n. 13)
- MACHADO, Roberto. **Nitzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.
- MAFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- MANN, Thomas. **Doutor Fausto**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- MARICONDA, Pablo Rubén. Prefácio à Segunda Edição de *Duas Novas Ciências*. In GALILEI, Galileu. **Duas Novas Ciências** (Discursos e Demonstrações Matemáticas acerca de *Duas Novas Ciências*). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins; São Paulo: Nova Stella, 1988.
- MARX, Karl. A Ideologia Alemã. In **Os filósofos através dos textos, de Platão a Sartre**. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

- MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas, 1940-1965**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- MELO, Jurandir Carolino. **Futebol e Mulher: contos**. Rio de Janeiro: Zolar Editora, 2003.
- MENESES, Adélia Bezerra. Memória e Ficção. In **RESGATE** – Revista de Cultura do Centro de memória da Unicamp, número 3. Campinas: Unicamp, 1991.
- MEZIANE, Abdelmajid. A apercepção empírica do tempo entre as populações Magreb. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. Rio de Janeiro, São Paulo: DIFEL, 1979.
- MORAES NETO, Geneton. **Caderno de Confissões Brasileiras**. Recife: Comunicarte, 1983.
- MOURA, Alexandrina Sobreira de. **Terra do Mangue: invasões urbanas no Recife**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1990.
- NEHER, André. Visão do Tempo e da História na Cultura Judaica. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- NIETZSCHE, F. **A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos**. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- NIETZSCHE, F. **Da Utilidade e Desvantagem da História para Vida**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974. (Col. Os Pensadores)
- NIETZSCHE, F. **O Anticristo, anátema sobre o cristianismo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- NIETZSCHE, F. **O Livro do Filósofo**. Porto, Portugal: Rés-Editora, s/d.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Ariano Suassuna, o cabreiro tresmalhado**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- OLIVEIRA, Eliézer R de. **As forças armadas: políticas e ideologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Economia da Dependência Imperfeita**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, planejamento e conflito de classes**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.
- PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Sujeito e Laço Social: a produção da subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

- PAIVA, Vanilda. **Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista**. São Paulo: Editora Graal, 2000.
- PANDOLF, Dulce Chaves. As Eleições em Pernambuco de 1950 a 1954. In **Poder e Voto: luta política em Pernambuco**. LAVAREDA, Antônio e SÁ, Constança (org.). Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1986.
- PANDOLF, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política**. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1984.
- PANIKKAR, Raimundo. Tempo e História na tradição da Índia. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- PARAÍSO, Rostand. **A Esquina do Lafayette e outros tempos do Recife**. Recife: Ed. do autor, 2001.
- PARAÍSO, Rostand. **A Velha Rua Nova e outras histórias**. Recife: Bagaço, 2002.
- PARAÍSO, Rostand. **Antes que o tempo apague – crônicas dos anos 40 e 50**. Recife: Comunicarte, 1993.
- PARAÍSO, Rostand. **Charme e Magia dos Antigos Hotéis e Pensões do Recife**. Recife: Bagaço, 2003.
- PARAÍSO, Rostand. **O Recife e a II Guerra Mundial**. Recife: Bagaço, 2003.
- PATTARO, Germano. A Concepção Cristã do Tempo. In RICOEUR, Paul. **As Culturas e o Tempo: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- PAZ, Francisco Moraes. **Na Poética da História, a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: Editora UFPR, 1996.
- PÉCAUT, Daniel. **Os Intelectuais e a Política no Brasil – entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- PENA FILHO, Carlos. Livro Geral de Poemas. Gráfica e Editora Liceu. Recife, 1999.
- PERRUSI, Artur. O Vazio Eternamente a Ser Preenchido: uma discussão sobre a identidade. In Revista de Ciências Sociais. **Política e Trabalho**. Ano Dezenove. Número 19, outubro de 2003. João Pessoa: PPGS, 2003.
- PERRUSI, Gadiel. **A Campina da Torre**. Candeias: Edições Bel-O-Kan, 1996. (não publicado).
- PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Atena Editora, 1943.
- PONGE, Francis. **O Partido das Coisas**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.
- PONTES, Joel. **O Teatro Moderno em Pernambuco**. 2 ed. Recife: FUNDARPE, 1990.
- PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950**. Recife: Editora da UFPE, 2001.
- REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e tempo histórico, a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.
- REZENDE, Antonio Paulo (org.). **Recife: que História é essa?** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1987.

- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) Encantos Modernos**: Histórias da Cidade do Recife na Década de 20. Recife: FUNDARPE, 1997.
- REZENDE, Antonio Paulo. **O Recife**: Histórias de uma Cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.
- RIBAKOV, Anatoli. **Os Filhos da Rua Arbat**. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.
- RIBEIRO, Renato Janine. **A República**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- RICKERT, Heinrich. **Ciência Cultural y Ciencia Natural**. Buenos Aires: Editora Argentina, 1943.
- RICKERT, Heinrich. **Introducción a los problemas de la filosofía de la historia**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1924.
- RICOEUR, Paul (org.). **As Culturas e o Tempo**: estudos reunidos pela Unesco por Paul Ricoeur e outros. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- RIDENTI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro**, artistas da revolução, do CPC à era da TV. Record: Rio de Janeiro, 2000.
- RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- ROCHA, Tadeu. **Roteiro do Recife** (Olinda e Guararapes). Recife: Gráfica Ipanema, 1963.
- RODRIGUES, Marly. **A Década de 50**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- ROMANO, Roberto. **Moral e Ciência**: a monstruosidade no século XVIII. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- ROSE, R S. **Uma das Coisas Esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil, 1930-1934. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROUQUIÉ, Alain et all. **Os Partidos Militares no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- RULFO, Ruan. **Pedro Páramo e Planalto em Chamas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SADER, Emir. **O Anjo Torto**: esquerda (e direita) no Brasil. São Paulo: Brasilense, 1995.
- SAES, Décio. **Classe Média e Sistema Político no Brasil**. São Paulo: T A Queiroz Editor, 1984.
- SANTNER, Eric L. **A Alemanha de Schreber**: uma história secreta da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. **Sartre no Brasil**: a conferência de Araraquara. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986.
- SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (Col. Leitura)
- SCHWARZ, Roberto. **Que Horas São?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia** – cultura, política e os limites da vida burguesa, 1830-1930. Porto Alegre: Editora L&MP, 1992.
- SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou O Prometeu Moderno**. São Paulo: Editora Matim Claret, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. A sociedade Intelectual Francesa no Limiar de um Novo Século. In BASTOS, Elide RIDENTI, Marcelo ROLLAND, Denis (orgs.) **Intelectuais**: sociedade e política (Brasil – França). São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- SOARES, José Arlindo. **A Frente do Recife e o Governo de Arraes**: nacionalismo em crise, 1955-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOARES, José Arlindo. As eleições de 1958 e 1962 em Pernambuco: O Nordeste com os sinais trocados. In LAVAREDA, Antônio e SÁ, Constança (org.). **Poder e Voto**: luta política em Pernambuco. Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1986.
- STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx, roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.
- SUASSUNA, Ariano. **A pena e a lei**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1975.
- SUASSUNA, Ariano. **Farsa da Boa Preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2002.
- SUASSUNA, Ariano. **O Casamento Suspeitoso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a Porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- SUASSUNA, Ariano. Torturas de um Coração, entremez para mamulengo. In BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e Espírito do Mamulengo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Editora da Universidade de São Paulo), 1966.
- SUASSUNA, Ariano. **Uma Mulher Vestida de Sol**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- TARNAS, Richard. **A Epopéia do Pensamento Ocidental**, para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB, fábrica de sonhos**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- TUCHMAN, Bárbara. **A Prática da História**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.
- VALÉRY, Paul. Discurso sobre a História. In VALÉRY, Paul. **Variedades**. (Quase) Política. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.
- VALÉRY, Paul. **Eupalinos ou O Arquiteto**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- VALÉRY, Paul. **Introdução ao Método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- VALÉRY, Paul. **Monsieur Teste**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1997.
- VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.
- VASCONCELOS, Adirson. **Memorial Brasília**. Brasília: União Editora, 1995.

- VIEIRA, Epitácio. **O cadilaque e o beijo da velhinha**. Recife: Editora de Pernambuco, 1984.
- VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania**, a sociedade civil na globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- WEINRICH, Harald. **Lete, arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- WHITE, Hayden. **Meta-História**, a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1995. (Col. Ponta, v. 4)
- WILLIAMS, Raymond. **O Povo das Montanhas Negras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.